CAMILLA CAVALCANTE DE SOUZA MACHUY

O REGIME DE DESINFORMAÇÃO DA NOVA DIREITA BRASILEIRA: A ascensão de uma revolução digital ultraconservadora

Tese de doutorado
Maio de 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

CAMILLA CAVALCANTE DE SOUZA MACHUY

O REGIME DE DESINFORMAÇÃO DA NOVA DIREITA BRASILEIRA

A ascensão de uma revolução digital ultraconservadora

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de Comunicação e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Orientador: Marco André Feldman Schneider
Coorientadora: Patrícia Gonçalves da Conceição Rossini

RIO DE JANEIRO
2025

CAMILLA CAVALCANTE DE SOUZA MACHUY

O REGIME DE DESINFORMAÇÃO DA NOVA DIREITA BRASILEIRA

A ascensão de uma revolução digital ultraconservadora

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de Comunicação e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider – Orientador
PPGCI/IBICT-UFRJ/ PPGMC-UFF

_____

Profª. Dra. Patrícia Rossini – Coorientadora
University of Glasgow

_____

Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra – Examinador Interno
PPGCI/IBICT/UFRJ

_____

Prof. Dr. Gustavo Saldanha – Examinador Interno
PPGCI/IBICT/UFRJ

_____

Profª. Dra. Ana Regina Barros Rego – Examinadora Externa
PPGCOM/UFPI/RNCd

_____

Prof. Dr. David Nemer – Examinador Externo
University of Virginia

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Armando (*in memoriam*), que certamente gostaria de ver sua filha mais nova se tornar doutora. Espero que, de onde estiver, sinta orgulho, assim como sentiu do meu irmão, Alexandre (*in memoriam*). Que esta conquista, de alguma forma, os alcance. Ambos seguem vivos em meu coração.

Para minha mãe, Vera Lúcia, a mulher mais inteligente que conheço, e que me deu o empurrão definitivo para essa pesquisa. Algumas perguntas surgem da curiosidade, outras da indignação. As mais instigantes, talvez, venham das duas.

Ao meu marido, Lucas, por caminhar ao meu lado em cada etapa dessa jornada. Pela paciência nos momentos difíceis, pelo apoio inabalável e por acreditar em mim, quando eu mesma não acreditava.

AGRADECIMENTOS

Ninguém termina um doutorado sozinha. O título de doutora é concedido a uma única pessoa, mas a travessia para conquistá-lo é sempre coletiva. Antes de tudo, é preciso ter fé. Independentemente da cosmovisão de cada um, é necessário acreditar. Fé em Deus, fé na vida, fé no universo, mas, principalmente, fé em si mesma. Acreditar que é possível vencer quatro anos de uma maratona interminável de leituras, escritas, caminhos sem saída e inevitáveis frustrações. Mas essa fé só se sustenta porque há pessoas que, de diferentes formas, tornam essa jornada possível. Portanto, os meus agradecimentos:

À minha mãe, Vera Lúcia, por tudo. Pelo amor incondicional, pela força e pelo apoio que nunca me faltaram. Mas, acima de tudo, por me ensinar, com o exemplo, a nunca me calar diante das injustiças e a lutar pelo que acredito. Por me mostrar, desde muito jovem, o mundo real e ensinar, nos gestos do dia a dia, o verdadeiro significado de cidadania. De tantas formas, você me inspirou a questionar, a buscar respostas, a trilhar o caminho que me trouxe até aqui. Nenhuma palavra será suficiente para expressar minha gratidão, mas que fique registrado: esta conquista também é sua.

A Marco Schneider, que não foi apenas meu orientador de doutorado, mas também de mestrado. Nossa estrada acadêmica é longa e já rendeu muita coisa: artigos, pesquisas e até um filme! Com ele, aprendi que o conhecimento dá trabalho, mas pode – e deve – ser divertido. Afinal, como ele gosta de lembrar, "sabor" e "saber" têm muito mais em comum do que parece. Sou imensamente grata pela orientação atenta, pela confiança no meu trabalho e pelas discussões que expandiram meus horizontes intelectuais. Vida longa ao Maia!

À Patrícia Rossini, por toda sua generosidade e por me acolher na Universidade de Glasgow. Obrigada por ser uma verdadeira ponte, me apresentando a pessoas incríveis, abrindo portas valiosas. E, como se não bastasse, ainda me deu a dica da melhor pizzaria da cidade – o que, convenhamos, é um tipo de sabedoria essencial.

A Fábio Gouveia, coordenador do PPGCI-IBICT, por todo o apoio institucional e, sobretudo, por brigar por mim quando foi preciso. Sua dedicação fez toda a diferença nesta jornada. Muito obrigada!

À CAPES e à FUNDEP, cujo apoio tornou esta pesquisa possível. Em especial, à bolsa de doutorado sanduíche (PDSE), que me permitiu realizar o sonho de internacionalizar minha pesquisa e levar a inovação acadêmica brasileira para o mundo.

Aos colegas e professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – em especial Ana Lúcia Borges, Anna

Brisola, Camila Costa, Carla Viola, Josir Gomes, Juliana Campos, Priscila Seixas, Talita Figueiredo, entre tantos outros – por proporcionarem um ambiente intelectual estimulante, repleto de trocas valiosas e aprendizados que levarei para além desta tese.

Aos colegas e alunos do Centro Universitário Carioca e da Escola de Comunicação da UFRJ, por me lembrarem, todos os dias, que a sala de aula é um palco de transformação, questionamento e luta. Com vocês, descobri que ensinar é mais do que transmitir conhecimento: é construir, desafiar e mudar realidades. Obrigada por cada troca, cada debate e por reafirmarem, a cada aula, o poder da educação.

À Mayara Reis, Fabiano Bonfim, Marcelo Albuquerque, Jake Paim, Bruno Pacheco, entre tantos outros que ouviram minhas angústias, dificuldades e reclamações ao longo de quatro anos, sempre me trazendo uma palavra de apoio, ou no mínimo, um meme para me fazer sorrir. Obrigada pela amizade e por me lembrarem que a vida é muito mais do que teses e artigos. Viver não cabe no Lattes!

À Juliana Nogueira, minha amiga de longa data, revisora dedicada e, acima de tudo, presença essencial nesta jornada. Nos meus primeiros dias em Glasgow, quando tudo era novo, estranho e um tanto assustador, foi o seu rosto amigo que me acolheu e me deu forças para enfrentar os seis meses que viriam. E, no fim da caminhada, quando o cansaço me impedia de distinguir o certo do errado, foi sua leitura atenta que deu clareza ao que eu já não conseguia enxergar. Nossa jornada para encontrar todas as Tardis de Glasgow foi muito frutífera.

Obrigada também a Renato Patini e Rafael Garcia por serem abrigo e porto seguro nas frias terras britânicas. Em meio ao vento gelado das Terras Altas e à solidão de um país estrangeiro, encontrei na casa e na presença de vocês, conforto, companhia e um pouco do Brasil que me faltava. Obrigada pela hospitalidade, pelos passeios e pelo bolo de cenoura.

À minha tia Elisabete Cristina, por todo o apoio, em todas as formas que ele veio. Pelas conversas, pelo incentivo e pela generosidade que me permitiu seguir adiante em momentos importantes. Por atravessar o oceano para estar comigo e, acima de tudo, por compreender o valor do que estou construindo aqui. Seu apoio fez toda a diferença.

A Lucas Amaya, meu marido, que já trilhou os caminhos do doutorado e, um dia, me revelou uma verdade absoluta: “Fazer um doutorado é fácil: basta entregar sua saúde mental e física e, em troca, te dão um diploma.” Você esteve ao meu lado antes mesmo desse sonho nascer e seguiu comigo até o fim. Você foi como farol nos dias de tormenta e abrigo nos momentos de exaustão. Obrigada por me salvar, por transformar café em um tipo de elixir da

vida e por ser o chão firme sob meus pés quando o mundo desmoronou. Sem você, talvez eu não tivesse tido coragem de dar esse passo e, certamente, ele teria sido muito mais árduo e solitário.

E, por último, ao moço terraplanista, cujo nome já não me lembro, que foi a fagulha decisiva para o início deste estudo. Obrigada por compartilhar todos aqueles vídeos com "evidências" sobre a Terra Plana. Sem querer, você despertou em mim uma curiosidade insaciável, que me levou a dissecar as entranhas do sistema de convencimento conspiracionista. No fim, sua tentativa de me converter deu certo. Me converti em uma pesquisadora, estou a cada dia mais comprometida com a ciência, com o pensamento crítico e com a luta incansável contra embustes, mentiras e todo tipo de caô travestido de verdade. De todo coração, muito obrigada!

Sonhar mais um sonho impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender

Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão

É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo, cravar esse chão
Não me importa saber se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
por um pouco de paz?

E amanhã, se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão

E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão

Chico Buarque e Ruy Guerra

RESUMO

Esta tese investiga a circulação de narrativas ultraconservadoras, conspiratórias e autoritárias no Telegram e suas conexões com a mobilização golpista de 8 de janeiro de 2023. Partindo da hipótese de que a ascensão do bolsonarismo e os ataques aos Três Poderes não foram eventos isolados, mas sim o resultado de um ecossistema discursivo consolidado ao longo dos anos, a pesquisa analisa como a mobilização digital, a disseminação de desinformação e a radicalização política sustentaram a tentativa de golpe. O estudo adota uma abordagem baseada em Análise Exploratória de Dados (AED) e Processamento de Linguagem Natural (PLN), examinando mais de 500 mil postagens em 205 grupos públicos do Telegram alinhados à extrema-direita. Além disso, realiza-se uma análise comparativa dos discursos de Jair Bolsonaro e das obras *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (Olavo de Carvalho), *Verdade Sufocada* (Carlos Alberto Brilhante Ustra) e *Orvil: Tentativas de Tomada do Poder* (Exército Brasileiro), investigando como essas narrativas foram apropriadas e ressignificadas nos grupos analisados. A pesquisa busca: (1) examinar a dinâmica de propagação de discursos ultraconservadores e conspiratórios no Telegram; (2) identificar as estratégias discursivas que articularam a desinformação e a radicalização digital com a organização dos atos golpistas; e (3) estabelecer conexões entre a retórica bolsonarista, o revisionismo histórico da ditadura militar e a contestação das instituições democráticas. Ao iluminar o funcionamento desse ecossistema digital e sua capacidade de fomentar ações violentas, a tese contribui para a compreensão das novas formas de ameaça à democracia e do impacto da extrema-direita na política nacional e global.

Palavras-chave: Telegram; desinformação; bolsonarismo; mobilização digital; golpe de 8 de janeiro.

ABSTRACT

This thesis investigates the circulation of ultraconservative, conspiratorial, and authoritarian narratives on Telegram and their connections to the coup mobilization of January 8, 2023. Based on the hypothesis that the rise of bolsonarismo and the attacks on the Three Branches of Government were not isolated events but rather the result of a discursive ecosystem consolidated over the years, this research analyzes how digital mobilization, the spread of disinformation, and political radicalization sustained the coup attempt. The study adopts an approach based on Exploratory Data Analysis (EDA) and Natural Language Processing (NLP), examining over 500,000 posts from 205 public Telegram groups aligned with the far right. Additionally, a comparative analysis is conducted on Jair Bolsonaro's speeches and the works *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (Olavo de Carvalho), *Verdade Sufocada* (Carlos Alberto Brilhante Ustra), and *Orvil: Tentativas de Tomada do Poder* (Brazilian Army), investigating how these narratives were appropriated and reinterpreted within the analyzed groups. This research aims to: (1) examine the dynamics of ultraconservative and conspiratorial discourse propagation on Telegram; (2) identify the discursive strategies that linked disinformation and digital radicalization to the organization of the coup acts; and (3) establish connections between bolsonarista rhetoric, historical revisionism of the military dictatorship, and the contestation of democratic institutions. By shedding light on the functioning of this digital ecosystem and its capacity to foment violent actions, this thesis contributes to the understanding of new threats to democracy and the impact of the far right on national and global politics.

Keywords: Telegram; disinformation; bolsonarismo; digital mobilization; January 8 coup.

RESUMEN

Esta tesis investiga la circulación de narrativas ultraconservadoras, conspirativas y autoritarias en Telegram y sus conexiones con la movilización golpista del 8 de enero de 2023. Partiendo de la hipótesis de que el auge del bolsonarismo y los ataques a los Tres Poderes no fueron eventos aislados, sino el resultado de un ecosistema discursivo consolidado a lo largo de los años, la investigación analiza cómo la movilización digital, la difusión de desinformación y la radicalización política sostuvieron el intento de golpe. El estudio adopta un enfoque basado en el Análisis Exploratorio de Datos (AED) y el Procesamiento del Lenguaje Natural (PLN), examinando más de 500.000 publicaciones en 205 grupos públicos de Telegram alineados con la extrema derecha. Además, se realiza un análisis comparativo de los discursos de Jair Bolsonaro y de las obras *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (Olavo de Carvalho), *Verdade Sufocada* (Carlos Alberto Brilhante Ustra) y *Orvil: Tentativas de Tomada do Poder* (Ejército Brasileño), investigando cómo estas narrativas fueron apropiadas y resignificadas en los grupos analizados. La investigación busca: (1) examinar la dinámica de propagación de discursos ultraconservadores y conspirativos en Telegram; (2) identificar las estrategias discursivas que vincularon la desinformación y la radicalización digital con la organización de los actos golpistas; y (3) establecer conexiones entre la retórica bolsonarista, el revisionismo histórico de la dictadura militar y la impugnación de las instituciones democráticas. Al iluminar el funcionamiento de este ecosistema digital y su capacidad para fomentar acciones violentas, esta tesis contribuye a la comprensión de las nuevas amenazas a la democracia y del impacto de la extrema derecha en la política nacional y global.

Palabras clave: Telegram; desinformación; bolsonarismo; movilización digital; golpe del 8 de enero.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Planilha do Consórcio de Veículos de Imprensa em 28 de janeiro de 2023 24

Figura 2 - Print de tela do grupo Intervenção Hoje em 4 de novembro de 2022 25

Figura 3 - Charge que ilustra a surpresa com duas decisões políticas de 2016 38

Figura 4 - Busca por “antivacina”, “QAnon” e “Terra Plana” no Telegram 64

Figura 5 - Busca por “Hitler” e “Reich” no Telegram 64

Figura 6 - Postagens de grupos neonazistas abertos ao público no Telegram 64

Figura 7 - Capturas de tela do grupos "Integralistas" no Telegram 66

Figura 8 - Exemplo de post encaminhado em interface de grupos do Telegram 67

Figura 9 - Post com desinformação sobre vacinas extraído do grupo "Eu 'amo' vacinas" 68

Figura 10 - Dinâmica de banimento no grupo "Direita Online" 69

Figura 11 - Disparo de mensagens idênticas em grupos diferentes 69

Figura 12 - Postagens com vídeos legendados 70

Figura 13 - Primeiros grupos analisados no primeiro semestre de 2021 71

Figura 14 - Publicação de grupos antivacina 72

Figura 15 - Postagens que defendem o uso de cloroquina e ivermectina contra COVID-19 73

Figura 16 - Postagem oferece comprovante de vacinação falso com registro no SUS 74

Figura 17 - Postagem de Flávio Bolsonaro no X (antigo Twitter) 78

Figura 19 - Postagens sobre arranjos logísticos para o 8 de janeiro 80

Figura 20 - Capturas de tela de grupos no dia 08 de novembro de 2022 83

Figura 21 - Hierarquia entre dados, informação e conhecimento 85

Figura 22 - Composição do banco de dados da pesquisa 92

Figura 23 - Proporção de grupos por categoria e por pesquisador 99

Figura 24 - Etapa de Setup da ferramenta ScrapTelegram 104

Figura 25 - Etapa de Scraping da ferramenta ScrapTelegram 105

Figura 26 - Scraping finalizado com sucesso 106

Figura 27 - Arquivo .parquet na pasta de downloads 106

Figura 28 - Banco de dados da pesquisa 112

Figura 29 - Captura de tela de uma página do documento Orvil 118

Figura 30 - Ciclo de vida dos dados 121

Figura 31 - Mensagem postada pelo ex-presidente estadunidense Donald Trump na rede social X (antigo Twitter) 140

Figura 32 - Como os partidos votaram na PEC da Maioridade Penal 168

Figura 33 - Publicação de Olavo de Carvalho no Facebook 196

Figura 34 – Mensagens que exaltam Olavo de Carvalho 196

Figura 35 - Imagem extraída do livro *A Verdade Sufocada*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra 201

Figura 36 - Média de usuário-grupo por categoria 206

Figura 37 - Relação entre número de usuários e quantidade de conteúdos publicados 207

Figura 38 - Relação entre conteúdos e comentários por categoria 208

Figura 39 - Proporção de conteúdo por categoria 209

Figura 40 - Contagem de grupos por categoria 209

Figura 41 - Os 20 grupos mais ativos no geral 210

Figura 42 - 10 grupos mais ativos na categoria Bolsonarism 211

Figura 43 - Distribuição de mensagens por grupo na categoria Bolsonarism 213

Figura 44 - Mapa de calor de atividade dos 40 grupos mais ativos na categoria Bolsonarism 213

Figura 45 - Gráfico de dispersão: número de mensagens x concentração de atividade 216

Figura 46 - Participação de usuários entre categorias 217

Figura 47 - Mapa de calor da relação entre categorias 219

Figura 48 - Postagem de Olavo de Carvalho que defende a ideia da Terra Plana 220

Figura 49 - Variação de atividade ao longo do tempo 222

Figura 50 - Evolução de mensagens por categoria 224

Figura 51 - Postagem sobre a invasão do Palácio do Governo em 2022 no Sri Lanka 256

Figura 52 - Contagem da palavra "intervenção" na categoria Bolsonarism 269

Figura 53 - Contagem da palavra "intervenção" na categoria Anti-Woke and Gender 270

Figura 54 - Contagem da palavra "intervenção" na categoria General Conspiracy 271

Figura 55 - Contagem da palavra "intervenção" na categoria NWO and Globalism 271

Figura 56 -Contagem da palavra “intervenção” na categoria Antivax 272

Figura 57 - Contagem da palavra “intervenção” na categoria *Revisionism and Hate Speech* 273

Figura 58 - Evolução dos bigramas em Bolsonarism 274

Figura 59 - Evolução dos bigramas em Antivax 275

Figura 60 - Evolução dos bigramas em Anti-Woke and Gender 276

Figura 61 - Evolução dos bigramas em General Conspiracy 277

Figura 62 - Evolução dos bigramas em NWO and Globalism 278

Figura 63 - Evolução dos bigramas em Revisionism and Hate Speech 279

Figura 64 - Nuvem de Palavras de “A Verdade Sufocada”, de Ustra 284

Figura 65 - Nuvem de palavras de Olavo de Carvalho 284

Figura 66 - Nuvem de palavras dos discursos de Bolsonaro 285

Figura 67 - Comparação entre "comunis*"e "terror*"na obra de Ustra 288

Figura 68 -Comparação entre "comunis*"e "esquerd*"na obra de Ustra 288

Figura 69 - Gráfico de bolhas representando "comunis*"e "terror*" na obra de Ustra 288

Figura 70 - Gráfico representando "comunis*"e "esquerd*" na obra de Olavo de Carvalho 289

Figura 71 - Gráfico representando "terror*"e "esquerd*" na obra de Olavo de Carvalho 289

Figura 72 - Gráfico representando e “ esquerd*” e “comunis*” nos discursos de Bolsonaro 290

Figura 73 - Gráfico de conexões do termo "comunis*" na obra de Ustra 291

Figura 74 - Gráfico de conexões do termo "esquerd*" na obra de Olavo de Carvalho 292

Figura 75 - Gráfico de conexões do termo "esquerd*" nos discursos de Bolsonaro 293

Figura 76 - Gráfico de conexões do termo "comunis*" nos discursos de Bolsonaro 293

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela da lista de grupos observados 94

Tabela 2 - Ciclos de raspagens de dados 108

Tabela 3 - Resumo dos grupos analisados 205

Tabela 4 - Mensagens mais compartilhadas em 30/10/2022 - Categoria Bolsonarism 226

Tabela 5 - Mensagens mais compartilhadas em 30/10/2022 - Outras categorias 228

Tabela 6 - Mensagens mais compartilhadas em 31/10/2022 - Categoria Bolsonarism 230

Tabela 7 - - Mensagens mais compartilhadas em 31/10/2022 - Outras categorias 232

Tabela 8- Mensagens mais compartilhadas em 01/11/2022 - Categoria Bolsonarism 234

Tabela 9 - Mensagens mais compartilhadas em 01/11/2022 - Outras categorias 236

Tabela 10 - Mensagens mais compartilhadas em 02/11/2022 - Categoria Bolsonarism 238

Tabela 11- Mensagens mais compartilhadas em 02/11/2022 - Outras categorias 240

Tabela 12- Mensagens mais compartilhadas em 12/12/2022 - Categoria Bolsonarism 243

Tabela 13- Mensagens mais compartilhadas em 12/12/2022 - Outras categorias 246

Tabela 14 - Mensagens mais compartilhadas em 31/12/2022 - Categoria Bolsonarism 248

Tabela 15 - Mensagens mais compartilhadas em 31/12/2022 - Outras categorias 249

Tabela 16 - Mensagens mais compartilhadas em 01/01/2023 - Categoria Bolsonarism 251

Tabela 17 - Mensagens mais compartilhadas em 01/01/2023 - Outras categorias 254

Tabela 18 - Mensagens mais compartilhadas em 06/01/2023 - Categoria Bolsonarism 257

Tabela 19 - Mensagens mais compartilhadas em 06/01/2023 - Outras categorias 258

Tabela 20 - Mensagens mais compartilhadas em 07/01/2023 - Categoria Bolsonarism 260

Tabela 21 - Mensagens mais compartilhadas em 07/01/2023 - Outras categorias 262

Tabela 22 - Mensagens mais compartilhadas em 08/01/2023 - Categoria Bolsonarism 264

Tabela 23 - Mensagens mais compartilhadas em 08/01/2023 - Outras categorias 266

Tabela 24 - Tabela de palavras mais repetidas por Ustra, Olavo e Bolsonaro 286

Tabela 25 - Tabela de palavras idênticas em Bolsonaro, Olavo e Ustra 287

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AED – Análise Exploratória de Dados

AI – Inteligência Artificial (*Artificial Intelligence*)

ANPD – Autoridade Nacional de Proteção de Dados

API – Application Programming Interface (Interface de Programação de Aplicações)

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BD – Banco de Dados

BNP – British National Party (Partido Nacional Britânico)

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCI – Competência Crítica em Informação

CI – Ciência da Informação

COVID-19 – Coronavirus Disease 2019

CVD – Ciclo de Vida dos Dados

DOI-CODI – Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna

EDL – English Defense League (Liga de Defesa Inglesa)

IA – Inteligência Artificial

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

LABHD-UFBA - Laboratório de Humanidades Digitais da UFBA

LARHUD – Laboratório em Rede de Humanidades Digitais

LDA – Análise Latente de Dirichlet (*Latent Dirichlet Allocation*)

ML – Aprendizado de Máquina (*Machine Learning*)

NLP – Processamento de Linguagem Natural (*Natural Language Processing*)

ONU – Organização das Nações Unidas

OS – Organização dos Saberes

PDSE – Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior

PL – Partido Liberal

PLN – Processamento de Linguagem Natural

STF – Supremo Tribunal Federal

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

UE – União Europeia

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UKIP - Partido de Independência do Reino Unido

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 21
1.1 WIKIPÉDIA COMO PRIMEIRA REFLEXÃO 26
1.2 OTIMISMO SOBRE A INTERNET E AVANÇO DA EXTREMA-DIRETA 28
1.3 BREXIT, TRUMP E CAMBRIDGE ANALYTICA 34
1.4 DÉJÀ VU À BRASILEIRA 39
1.5 OBJETIVOS 41
1.6 JUSTIFICATIVA 42
1.7 A LENTE DO BOM SENSO 54
2 METODOLOGIA 57
2.1 WHATSAPP VERSUS TELEGRAM 59
2.2 PRIMEIRA ANÁLISE: GRUPOS ANTIVACINA 67
2.3 ETNOGRAFIA DIGITAL COMO PRIMEIRA ESCOLHA METODOLÓGICA 74
2.4 GRUPOS DE DESINFORMAÇÃO BOLSONARISTAS 77
2.5 DADO ENQUANTO CONCEITO 84
2.6 TRABALHANDO COM DADOS 86
2.6.1 Parceria com Ergon Cugler 89
2.6.2 Por que não utilizar todos os grupos de Ergon? 93
2.6.3 Lista de grupos analisados 94
2.6.4 *Data Scraping* 102
2.6.5 Criação do banco de dados 112
2.6.6 Análise exploratória de dados e processamento de linguagem natural 113
2.6.6.1 *Análise Exploratória de dados* 115
2.6.6.2 *Processamento de Linguagem Natural* 116
2.6.6.3 *Análise Comparativa de Livros da Extrema-Direita* 117
2.6.7 Ética dos dados 119
2.6.8 Ciclo de vida dos dados 120
2.7 LIMITAÇÕES DE PESQUISA 122
3 INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO 124
3.1 A INFORMAÇÃO 124
3.2 A DESINFORMAÇÃO 136
3.3 PÓS-VERDADE 139
3.4 FAKE NEWS 140
3.5 BOLHAS EPISTÊMICAS E CÂMARAS DE ECO 141

3.6 AUTORIDADES COGNITIVAS 142
3.7 TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO 143
3.8 REGIME DE INFORMAÇÃO 144
3.9 REGIME DE DESINFORMAÇÃO 146
3.10 BIG TECHS, DON'T BE EVIL 148
4 IDEOLOGIA E EXTREMA-DIREITA 155
4.1 IDEOLOGIA 155
4.2 EXTREMA-DIREITA E BOLSONARISMO 163
4.2.1 Perspectivas históricas 165
4.2.2 A metapolítica 171
4.2.3 O iliberalismo 173
4.3 BOLSONARISMO 177
4.4 DITADURA MILITAR NO BRASIL: O PASSADO PRESENTE 180
4.5 O ORVIL 184
4.6 OLAVO DE CARVALHO 187
4.7 USTRA, ORVIL E BOLSONARO 198
5 RESULTADOS 203
5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS GRUPOS 204
5.2 A "VOZ" DOS GRUPOS: COMANDOS EM AÇÃO 212
5.3 VARIAÇÃO DE ATIVIDADE ENTRE CATEGORIAS 216
5.4 ANÁLISES TEMPORAIS 221
5.4.1 Resultado do Segundo Turno das Eleições 225
5.4.1.1 30 de outubro de 2022 225
5.4.1.2 31 de outubro de 2022 230
5.4.1.3 01 de novembro de 2022 234
5.4.1.4 02 de novembro de 2022 238
5.4.2 Diplomação de Lula 242
5.4.3 Posse de Lula 247
5.4.3.1 31 de dezembro de 2022 247
5.4.3.2 01 de janeiro de 2023 251
5.4.4 Ataques de 8 de janeiro 256
5.4.4.1 06 de janeiro de 2023 257
5.4.4.2 07 de janeiro de 2023 260
5.4.4.3 08 de janeiro de 2023 263
5.5 ESCALADA DA PALAVRA "INTERVENÇÃO" 268
5.5.1 Bolsonarism 269
5.5.2 Outras categorias 270

5.5.3 O salto na categoria Revisionism and Hate Speech 272
5.6 ANÁLISE DE BIGRAMAS: A CENTRALIDADE DE "FORÇAS ARMADAS" 273
5.7 O COMUNISTA MALVADO 281
5.7.1 Análise textual 282
5.7.2 Nuvens de palavras de Ustra, Olavo e Bolsonaro 283
5.8 O PASSADO PRESENTE 294
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 301
REFERÊNCIAS 309
APÊNDICE A – Lista de correspondência de palavras Ustra-Bolsonaro-Olavo 327

1 INTRODUÇÃO

Esta tese é filha de uma cadeia de decepções. Seu parto foi um processo doloroso e angustiante. A decepção parte da observação do funcionamento desregulado de um mundo novo, nada admirável. O desgosto vem da observação de um jogo ideológico abjeto que rompeu com todas as fronteiras do lógico e do razoável. Subitamente, as regras do mundo pareceram escorrer feito um relógio de Dali e uma epidemia de *nonsense* pareceu atingir as estruturas da realidade. A sensação de indignação calada no peito e o sentimento de impotência perante as sucessões de patacoadas políticas, do jogo de disse-me-disse da imprensa brasileira, dos absurdos proferidos pelos representantes legislativos em nome de Deus e da família, do Febeapá teatral que reinava – e ainda reina – nessas terras foram, de fato, alimento para o estudo que o leitor tem em mãos. Mas nada foi tão definitivo para essa gravidez intelectual quanto as decepções pessoais. Pessoas a quem nutria admiração intelectual – amigos, professores, família – ficaram subitamente rendidas, de joelhos, a bravatas rasteiras, desprezíveis e preconceituosas. Sem nenhum aviso, as conversas corriqueiras em família tinham argumentações baseadas numa lógica orwelliana, o papo de botequim converteu-se em guerra ideológica permeada por elementos extremistas e a correspondência virtual com amigos foi inviabilizada por atitudes que destilavam preconceito e intolerância. A fácil sedução por argumentos negacionistas gerou o rompimento de inúmeras relações de afeto, além de um desencantamento generalizado catalisado pelas mídias sociais. Somou-se a isso um sentimento de solidão e impotência por observar um esquema coordenado de manipulação da opinião pública que visava meramente o caos, a discórdia e a incivilidade. Esses foram os combustíveis definitivos que motivaram a busca do entendimento das engrenagens do maquinário de desinformação que havia se instalado no Brasil e no mundo nos últimos anos. Era preciso fazer alguma coisa. Essa pesquisa é um grito de 'basta!'.

A transformação de uma indignação em um projeto de pesquisa de doutorado passou por muitas camadas de percepção e reflexão. Pode-se dizer, no entanto, que o gérmen da inquietação científica se originou a partir de uma interação concreta com o sistema de desinformação e indivíduos impactados por ele. Destaca-se o estopim para esse estudo: um diálogo com uma pessoa que havia sido persuadida, por meio de vídeos disponíveis na internet, de que a Terra era plana, ou como quer a cultura popular, um terraplanista. Após o contato com o material audiovisual apresentado por ele, tornou-se evidente a fragilidade dos argumentos e os métodos manipulativos utilizados por diversos produtores de conteúdo dedicados à disseminação de informações sobre o tema. Os dados eram cientificamente

infundados, com argumentação pífia e sem qualquer embasamento lógico que sustentasse o raciocínio. A experiência suscitou uma pergunta incômoda e desconcertante que permeia toda a presente tese: se, apesar da qualidade duvidosa de seus conteúdos, alguns influenciadores têm sucesso em convencer seus seguidores de um conceito estapafúrdio como "a Terra é plana", até que ponto os sistemas intencionalmente desinformativos podem persuadir o público a adotar crenças infundadas com fins comerciais, políticos e ideológicos? Sobre o que mais o sistema de desinformação é capaz de convencer?

Se a aproximação desta pesquisadora do fenômeno terraplanista começou como uma curiosidade – ou até mesmo como uma anedota – esse foi, sem dúvida, o gatilho primordial deste trabalho, a primeira fagulha do interesse investigativo. Posteriormente, a observação se aprofundou em como esses sistemas de desinformação uniam grupos de interesse ao redor dos assuntos mais variados e cada vez mais cercados de falsidades, ainda como uma navegação exploratória e de reconhecimento da referida dinâmica digital. A internet, que até a primeira década dos anos 2000 era tida por muitos como uma grande contribuição para a democracia e uma ferramenta para a diminuição das desigualdades sociais, se tornou um lugar perigoso, sombrio e uma fonte do pior que a humanidade pode oferecer.

O ano de 2016 foi determinante para que o mundo compreendesse o impacto real das mobilizações sociais em plataformas digitais. Dois fatos políticos pegaram o cenário político global de assalto e demonstraram a potência das mídias sociais. O Brexit – a saída do Reino Unido da União Europeia – e a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos. Ambos os fatos voltarão a ser citados ainda nesta introdução. Por ora, pode-se afirmar que as duas surpresas políticas foram importantes para contextualizar e levantar muitas das dúvidas que se busca responder neste estudo. O que antes era curioso e engraçado, como a Terra Plana, agora traçava cenários assustadores e muito reais como o avanço de ideologias intolerantes e do discurso de ódio da extrema-direita.

Outra questão decisiva para a gênese desta pesquisa foi a pandemia de COVID-19 e a maneira como o Brasil lidou com este que foi, sem dúvida, o principal desafio sanitário global deste século. O país enfrentou desafios significativos relacionados à disseminação de desinformação e ao negacionismo por parte da gestão Bolsonaro. Esses processos de falsidade e de propaganda anticientífica tiveram impactos significativos na resposta do país à crise global. Uma das principais características desses processos foi a promoção de informações mentirosas e teorias conspiratórias sobre a gravidade da doença, questionando a eficiência das medidas de controle – como o uso de máscaras e o distanciamento social – e a eficácia das

vacinas. O governo Bolsonaro adotou uma postura de minimizar a gravidade da pandemia, questionando a ciência e desvalorizando a expertise científica.

A desinformação propagada por autoridades governamentais – potencializada por um sistema ativo de falsidades e mentiras arquitetado e executado com dinheiro público – levou a uma falta de confiança nas informações oficiais e científicas, dificultando a adoção de comportamentos preventivos e a implementação efetiva de políticas de saúde. Além disso, houve uma instrumentalização política da pandemia e o governo Bolsonaro buscou se beneficiar de uma narrativa de crise exagerada ou manipulada, incluindo questionamentos sobre a veracidade dos dados epidemiológicos, propondo soluções e remédios miraculosos no combate à doença e desautorizando as instituições de saúde do país, o que prejudicou a transparência na divulgação das informações, a compreensão real da situação da pandemia e, em última instância, contribuindo para o aumento de óbitos no país, número que passou dos 700.000 mortos e quase 38 milhões de casos confirmados[1].

Um ponto crucial e simbólico da crise moral dentro da crise sanitária foi a recusa da divulgação de dados referentes ao avanço da doença no auge da contaminação por Covid-19[2]. Quando se fala de sistemas desinformativos no âmbito institucional/governamental, a não-informação pode ser considerada como desinformação, principalmente quando a publicização destes dados é crucial para a tomada de decisões de ordem de saúde pública, posicionamentos de entidades sanitárias e, na última ponta, balizamento do cidadão perante o grande desafio coletivo representado pela pandemia. A crise é ética. Está em debate o uso ético da informação, principalmente a divulgação de informação pública.

Neste sentido, González de Gomez (2017) evoca uma reflexão a partir da ética da informação no âmbito dos produtores de informações, o que envolve, claro, atores públicos e governamentais:

> Considerar o ponto de vista do produtor de informações permite identificar importantes e atuais questões éticas: a responsabilidade dos que proveem acesso à informação, os casos de plágio, falsificação e fabricação de informações; a publicidade, a desinformação, o papel do testemunho. Pertencem também à esfera da produção de informação os códigos de ética profissional dos pesquisadores e as normas que regulam as atividades e instituições de pesquisa poderíamos agregar, como objeto de indagação ética, a intervenção dos provedores de serviços online na construção e gestão dos discursos públicos (González de Gomez, 2017, p. 41).

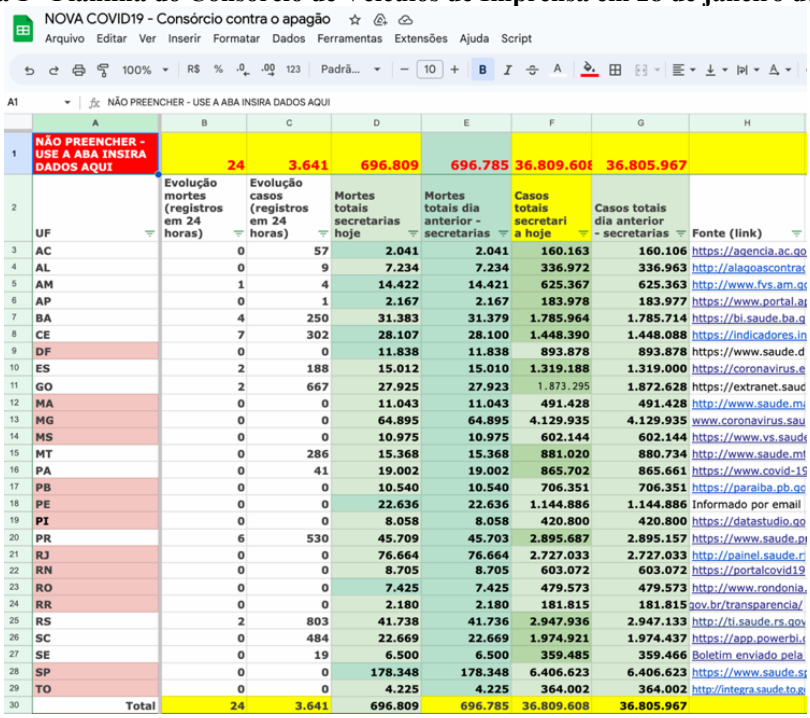
---

[1] Dados confirmados pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), uma das principais plataformas de consolidação de informações sobre a pandemia no Brasil. Disponível em: https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/ . Acessado em: 7 de junho de 2023.

[2] Como pode ser visto na reportagem da BBC Brasil: “Brasil é destaque no mundo por não divulgar dados de mortes por covid-19”. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52967730. Acesso: 7 jun. 2023.

Entendendo essa perspectiva, é possível dizer que, além do apagão estatístico gerado pela não-divulgação da atualização de dados, o voo cego promovido pelo governo Bolsonaro também se revestiu de caráter político, uma vez que a intenção era dificultar o trabalho jornalístico relacionado à crise. Quando se referiu ao principal noticioso do país, Bolsonaro afirmou: "Acabou matéria do Jornal Nacional"[3]. Declarou, ainda, que a suspensão dos dados seria "melhor para o Brasil"[4]. Sem informações oficiais e seguras sobre o avanço da doença, de fato, as mídias não conseguiriam realizar uma cobertura coerente sobre a pandemia. A solução encontrada pelas empresas de comunicação foi a de realizar uma parceria. No dia 8 de junho de 2020, os jornais G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL anunciaram a formação de uma colaboração conjunta de consolidação de dados sobre a pandemia. Era a formação do Consórcio de Veículos de Imprensa. A decisão foi inédita e a iniciativa durou 965 dias de trabalho ininterrupto de extração e organização de dados essenciais sobre os casos e óbitos causados pela doença em todos os 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. Abaixo é possível visualizar a planilha coletiva de trabalho do consórcio de veículos de imprensa.

Figura 1 - Planilha do Consórcio de Veículos de Imprensa em 28 de janeiro de 2023



	A	B	C	D	E	F	G	H
1	NÃO PREENCHER - USE A ABA INSIRA DADOS AQUI	24	3.641	696.809	696.785	36.809.608	36.805.967	
2	UF	Evolução mortes (registros em 24 horas)	Evolução casos (registros em 24 horas)	Mortes totais secretarias hoje	Mortes totais dia anterior - secretarias	Casos totais secretaria hoje	Casos totais dia anterior - secretarias	Fonte (link)
3	AC	0	57	2.041	2.041	160.163	160.106	https://agencia.ac.go
4	AL	0	9	7.234	7.234	336.972	336.963	http://alagoascontrac
5	AM	1	4	14.422	14.421	625.367	625.363	http://www.fvs.am.g
6	AP	0	1	2.167	2.167	183.978	183.977	https://www.portal.a
7	BA	4	250	31.383	31.379	1.785.964	1.785.714	https://bi.saude.ba.g
8	CE	7	302	28.107	28.100	1.448.390	1.448.088	https://indicadores.in
9	DF	0	0	11.838	11.838	893.878	893.878	https://www.saude.d
10	ES	2	188	15.012	15.010	1.319.188	1.319.000	https://coronavirus.e
11	GO	2	667	27.925	27.923	1.873.295	1.872.628	https://extranet.saud
12	MA	0	0	11.043	11.043	491.428	491.428	http://www.saude.m
13	MG	0	0	64.895	64.895	4.129.935	4.129.935	www.coronavirus.sau
14	MS	0	0	10.975	10.975	602.144	602.144	https://www.vs.saud
15	MT	0	286	15.368	15.368	881.020	880.734	http://www.saude.mt
16	PA	0	41	19.002	19.002	865.702	865.661	https://www.covid-19
17	PB	0	0	10.540	10.540	706.351	706.351	https://paraiba.pb.go
18	PE	0	0	22.636	22.636	1.144.886	1.144.886	Informado por email
19	PI	0	0	8.058	8.058	420.800	420.800	https://datastudio.go
20	PR	6	530	45.709	45.703	2.895.687	2.895.157	https://www.saude.p
21	RJ	0	0	76.664	76.664	2.727.033	2.727.033	http://painel.saude.r
22	RN	0	0	8.705	8.705	603.072	603.072	https://portalcovid19
23	RO	0	0	7.425	7.425	479.573	479.573	http://www.rondonia.
24	RR	0	0	2.180	2.180	181.815	181.815	gov.br/transparencia/
25	RS	2	803	41.738	41.736	2.947.936	2.947.133	http://ti.saude.rs.gov
26	SC	0	484	22.669	22.669	1.974.921	1.974.437	https://app.powerbi.c
27	SE	0	19	6.500	6.500	359.485	359.466	Boletim enviado pela
28	SP	0	0	178.348	178.348	6.406.623	6.406.623	https://www.saude.sp
29	TO	0	0	4.225	4.225	364.002	364.002	http://integra.saude.to.g
30	Total	24	3.641	696.809	696.785	36.809.608	36.805.967	

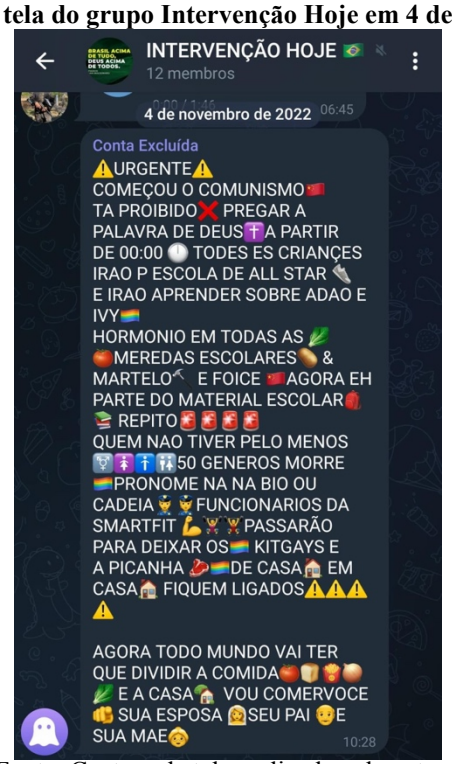
Fonte: Consórcio de Veículos de Imprensa, 2023

[3] Como pode ser visto na reportagem do G1: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml. Acessado em: 7 de junho de 2023.

[4] Como pode ser visto na reportagem do jornal Folha de São Paulo: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/governo-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-bolsonaro-diz-que-e-melhor-para-o-brasil.shtml . Acessado em 7 de julho de 2023.

Jornalista de formação, a autora deste estudo participou do Consórcio no período de 24 de agosto de 2020 a 21 de janeiro de 2022. Pela proximidade com as informações referentes à pandemia e pela intimidade com métodos de investigação jornalística, a pesquisadora se engajou em uma nova dimensão dos sistemas de desinformação: os grupos antivacina no aplicativo de mensagens instantâneas Telegram. Por meio desta plataforma, foi possível perceber, de pronto, a facilidade com a qual mentiras, boatos e teorias da conspiração navegam livremente por esse território digital. A navegação exploratória do Telegram foi fundamental para entender a importância e a excepcionalidade da organização dos sistemas de desinformação. Era fundamental entender a dinâmica destes grupos. A observação e análise dos grupos antivacinas no aplicativo Telegram desempenharam um papel fundamental como o primeiro passo empírico na construção do atual corpus da tese. Por meio dessas confrarias desinformativas, tornou-se possível investigar e compreender a disseminação de informações falsas além de identificar os elementos argumentativos da extrema-direita.

Figura 2 - Print de tela do grupo Intervenção Hoje em 4 de novembro de 2022



Fonte: Captura de tela realizada pela autora

Portanto, a motivação científica para a realização da presente pesquisa tem origem a partir de inúmeras inquietações: a percepção cotidiana da desinformação a partir da conversa com um terraplanista, o mergulho em conteúdos audiovisuais anticiência, a reflexão sobre os impactos sociopolíticos da desinformação com os fenômenos internacionais do Brexit e da

eleição de Donald Trump, o solavanco conservador brasileiro com a vitória de Jair Bolsonaro, o negacionismo institucionalizado durante a pandemia e, por fim, a observação das entranhas intencionais e organizadas da utilização política da desinformação nos grupos de mensagens. Deste rosário de indignações – pessoais, políticas, profissionais e científicas – nasceu esta tese.

1.1 WIKIPÉDIA COMO PRIMEIRA REFLEXÃO

Todavia, o despertar para a necessidade de investigar os territórios digitais antecede todos os fatos supracitados. Foi no mestrado que se deu o florescer da percepção do profundo impacto que as comunidades de comunicação digital poderiam ter nos contextos políticos e sócio-históricos da sociedade contemporânea. Esse reconhecimento ocorreu por meio da análise das dinâmicas presentes na Wikipédia lusófona, uma plataforma colaborativa que reflete as interações entre os usuários e a produção coletiva de conhecimento. Ao examinar as práticas de edição, discussões e disputas em torno dos artigos publicados na plataforma, foi possível identificar como a internet se tornou um espaço influente na construção e disseminação de informações. A partir dessa análise, foram destacados os desafios e oportunidades que surgem na era digital, incluindo questões de confiabilidade, autenticidade e poder de influência da informação online. E é preciso refletir sobre como os estudos de internet se modificaram na última década.

É importante frisar que a pesquisa foi totalmente concluída ainda em 2015 e os termos *fake news*[5], *misinformation*[6] ou *disinformation*[7] – dentre tantos outros que aparecerão nesta tese – ainda não estavam no senso comum, nem no científico. Hoje, seria desejável que o estudo tivesse ousado em mergulhos mais profundos na problemática das falsidades impostas pelas redes já naquela época. De qualquer maneira, é possível o sucesso da empreitada seja concretizado nesta nova reflexão.

A conclusão da dissertação, embora com várias ressalvas e sugerindo vários aperfeiçoamentos possíveis, atestava que a Wikipédia era um modelo de sucesso na construção coletiva de conhecimento. A análise se mantém coerente, uma vez que leva em consideração a massiva influência que os veículos de mídia hegemônica têm na formação ideológica dos editores e consequentemente dos verbetes. No entanto, nos dias de hoje não

[5] Como é possível observar no gráfico de evolução dos referidos termos no Google Trend – Fake News: https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=fake%20news&hl=pt
[6] Misinformation: https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=misinformation&hl=pt
[7] Disinformation: https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=disinformation&hl=pt

mais seria prudente afirmar com convicção que a plataforma é “um projeto revolucionário e bem-sucedido que estimula a pesquisa e a compilação de conhecimento” (Machuy, 2016, p. 86). Muito mudou na Wikipédia desde 2014 – início do mestrado – até 2025, data desta defesa.

Olhando em retrospectiva, algo que poderia ser explorado de maneira mais aprofundada à época certamente seria a questão da construção *coletiva* dentro do ambiente da enciclopédia virtual: *qual coletivo?* Entender os contextos dos grupos analisados em estudos de internet é fundamental para um entendimento coerente das disputas discursivas e, principalmente, para uma análise das possíveis estratégias de desinformação construídas nesses territórios online. Hoje, por exemplo, é clara a luta não apenas editorial, mas também ideológica que permeia a Wikipédia em vários idiomas, incluindo a lusófona. Um caso famoso no Brasil foi o verbete da produtora de vídeo Brasil Paralelo. A empresa, conhecida por seu alinhamento ideológico ao bolsonarismo e seus documentários com viés revisionista, provocou uma guerra de edições e disputa de narrativas em um verbete a seu respeito[8] (Escobar; Heeman, 2023).

Neste sentido, é preciso esclarecer que as decisões tomadas coletivamente por editores da Wikipédia não seguem a lógica do *voto por maioria* e sim do *consenso*[9]. A noção de consenso é relevante para essa tese, portanto, é por ela que há de se começar a contextualizar os elementos que conduziram à presente pesquisa. Para a plataforma, isso significa que “idealmente, deve surgir na ausência de objeções, mas muitas vezes devemos tomar decisões em conjunto para que se possa chegar a um acordo amplo” (CONSENSO, 2025) e que, além disso, “a construção de um consenso significa adaptar a proposta de modo a integrar as opiniões dissidentes sem fazer com que os que a aceitam discordem”[10], então, pode-se entender que as versões finais dos verbetes – aquelas que ficarão acessíveis ao público – são um retrato da *média do posicionamento político, social e ideológico do grupo de editores* atuantes em determinado assunto e em determinado idioma. Isso, portanto, faz refletir sobre a pluralidade dos editores da enciclopédia. Propõe-se, então, um axioma: quão mais diverso e plural for o grupo, mais a estratégia de pluralidade e imparcialidade, em tese, tem chances de sucesso. Por conseguinte, quanto mais homogêneo o grupo, menos diverso e plural o

---

[8] SAYURI, Juliana. Brasil Paralelo faz 'guerra de edições' e disputa narrativas na Wikipédia. UOL. 09 set. 2020. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm. Acesso: 21 jan. 2024.

[9] Como está descrito no site de políticas da Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Consenso . Acesso em 20 de maio de 2023.

[10] CONSENSO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Consenso . Acesso em 20 de maio de 2023

resultado dos textos presentes nessa enciclopédia tende a ser. Ou seja, essa falta de diversidade limita a riqueza das perspectivas apresentadas e pode favorecer a consolidação de vieses, tornando o conteúdo mais suscetível à desinformação.

Aliás, surgem cada vez mais questões sobre a posição da Wikipédia na construção da desinformação digital global. O especialista em extremismo político de direita Benjamin Teitelbaum coloca a Wikipédia como um dos elementos utilizados pelos ultraconservadores na tentativa de não apenas fazer campanha política com o intuito de convencer eleitores a aderirem a ideologias radicais, mas também através da cultura, do entretenimento e das artes. É o que ele chama de *metapolítica*:

> A metapolítica exercia um apelo especial sobre os ativistas de extrema direita que lutavam pelo poder no Ocidente liberal pós-fascista depois da Segunda Guerra Mundial: aqueles que se viam lutando não contra um determinado partido político ou uma milícia, mas contra o *consenso* [...]. As campanhas metapolíticas em geral assumem uma destas duas formas: ativistas buscam injetar suas mensagens em canais culturais já existentes ou procuram criar canais alternativos próprios para competir com os da ideologia dominante. É a diferença entre editar artigos da Wikipédia e criar uma enciclopédia on-line alternativa; entre infiltrar-se em uma subcultura jovem e começar um novo movimento seu; entre alterar o currículo da educação pública e fundar uma escola privada totalmente dedicada à sua causa. A primeira abordagem tenta cultivar solidariedade política entre a população em geral, com ênfase no alcance da mensagem. A segunda propõe-se a formar uma sociedade paralela dentro de uma dada sociedade, grande e radical o suficiente para lutar pelo poder. (Teitelbaum, 2020, p. 62).

Esta longa digressão sobre a Wikipédia não é em vão. Embora a plataforma não esteja no *corpus* da presente pesquisa, esta tese nasceu a partir de uma reflexão sobre a dinâmica dos grupos em ambientes virtuais e como as ideologias permeiam esses territórios. A observação da enciclopédia online foi um importante primeiro passo acadêmico e metodológico na compreensão das relações entre produção de conhecimento, poder e influência na era digital. A análise das dinâmicas da Wikipédia lusófona permitiu identificar os mecanismos de construção e disputa de narrativas, bem como os efeitos das interações coletivas no processo de formação do conhecimento. Essa imersão na esfera da informação colaborativa despertou a consciência para a relevância e complexidade dos fenômenos relacionados à internet, impulsionando a investigação dos aspectos socio-histórico-políticos que permeiam tais contextos. O que, por consequência, desconstruiu a noção, construída pelo site Wired, de que a Wikipédia "é o último lugar legal da internet"[11].

1.2 OTIMISMO SOBRE A INTERNET E AVANÇO DA EXTREMA-DIRETA

[11] COOKE, Richard. Wikipedia Is the Last Cool Place on the Internet. Wired. 17 fev.2020. Disponível em: https://www.wired.com/story/wikipedia-online-encyclopedia-best-place-internet/ Acesso: 15 jan. 2024.

Apesar de examinar as dinâmicas de interação na Wikipédia por uma perspectiva de crítica e de distanciamento acadêmico, o mestrado ainda foi inegavelmente influenciado por uma visão até então positiva sobre a construção de conhecimento coletivo em rede. A pesquisa seguiu, em parte, o entusiasmo de alguns acadêmicos brasileiros e internacionais que viam a internet como uma possibilidade da concretização mediada de uma Esfera Pública mais democrática. Ou, como quer Habermas: um lugar de "atuação política [que] passa a ter o status normativo de um órgão de automediação da sociedade burguesa com um poder estatal que corresponda às suas necessidades" (Habermas, 2003, p. 93).

Termos como "sociedade em rede" e "inteligência coletiva" eram sinônimos de um movimento global que iria facilitar a comunicação, fortalecer a democracia e reduzir as desigualdades do mundo, trazendo a esperança de um futuro mais igualitário, com justiça social para todos. Dois desses pensadores eram o sociólogo espanhol Manuel Castells e o filósofo tunisiano Pierre Lévy. Em sua trilogia seminal "A Era da Informação", publicada em 1996, Castells analisou as possibilidades políticas da internet por meio do fortalecimento das comunidades e de uma participação pública efetiva. A obra, quase enciclopédica, escancara as contradições e incertezas deste novo rearranjo social – a Sociedade em Rede – embora não se arrisque a fazer muitas previsões de futuro. Neste sentido, a obra permanece atual em suas premissas principais e segue como um alerta para a seriedade das profundas transformações (e oportunidades) que floresceram a partir deste novo paradigma econômico-tecnológico da informação:

> Em grande parte, a tecnologia expressa a habilidade de uma sociedade para impulsionar seu domínio tecnológico por intermédio das instituições sociais, inclusive o Estado. O processo histórico em que esse desenvolvimento de forças produtivas ocorre assinala as características da tecnologia e seus entrelaçamentos com as relações sociais. Não é diferente no caso da revolução tecnológica atual. Ela originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional. (Castells, 2019, p. 49-50)

Em alguns trechos, porém, o autor demonstra otimismo sobre a participação política mediada pelas redes: "A democracia local está sendo promovida mediante experimentos de participação eletrônica dos cidadãos" (Castells, 2019, p. 445), disse o autor sobre uma votação referente ao problema de pessoas em situação de rua na Califórnia. Mais de duas décadas depois, já em 2017, na introdução de "Ruptura: A crise da democracia liberal", Castells

demonstra um tom sombrio, diferente das obras da década de 1990:

> Sopram ventos malignos no planeta azul. Nossas vidas titubeiam no turbilhão de múltiplas crises. Uma crise econômica que se prolonga em precariedade de trabalho e em salários de pobreza. Um terrorismo fanático que fratura a convivência humana, alimenta o medo cotidiano e dá amparo à restrição da liberdade em nome da segurança. [...] Uma galáxia de comunicação dominada pela mentira, agora chamada pós-verdade. Uma sociedade sem privacidade, na qual nos transformamos em dados. E uma cultura, denominada entretenimento, construída sobre o estímulo de nossos baixos instintos e a comercialização de nossos demônios. (Castells, 2018, p. 7).

A última análise reflete uma profunda preocupação com as tendências negativas que moldam nosso mundo contemporâneo e se coloca em sintonia com os descompassos e incertezas já anunciados em "Sociedade em Rede". Castells alerta para os perigos da falta de integridade na esfera pública, da superficialidade na comunicação e nas interações sociais e da corrosão da credibilidade e representatividade dos governos e instituições públicas. Portanto, o sociólogo atualiza as preocupações levantadas em suas obras anteriores para o contexto atual e reforça a necessidade premente de repensar e revitalizar os fundamentos da democracia e da governança em um mundo cada vez mais conectado e complexo.

Outro arauto dos impactos benéficos da sociedade hiperconectada era – e ainda é – Pierre Lévy. Constantemente citado como um dos principais otimistas em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), ele afirmou que "a rede é antes de tudo um instrumento de comunicação entre indivíduos, um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber. Os dados representam apenas a matéria prima de um processo intelectual e social vivo e altamente elaborado" (Lévy, 2010, p. 253).

É inegável que o trabalho visionário de Levy, Inteligência Coletiva – publicado originalmente em francês em 1994 – previu, de fato, que a internet se tornaria o principal meio de comunicação global e que essa mudança causaria uma transformação significativa no processo civilizatório. Para Levy (1998, p. 28), Inteligência Coletiva é "uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências". Três anos depois, em 1997, em "Cibercultura", ele afirmou que a internet se tornaria "a principal infraestrutura da comunicação humana" (Lévy, 1999, p. 167).

Ele não estava errado. Todavia, após a popularização do acesso à rede mundial de computadores, o surgimento das redes sociais, a consolidação do poder das plataformas digitais e todas as mazelas advindas deste novo momento tecnológico, são cada vez mais claros os malefícios que acompanham essa transformação. Para esta tese, por exemplo, é fundamental destacar o uso político da desinformação, das teorias da conspiração e da criação

de uma rede de mentiras, visando manipular as percepções da realidade com base em uma ideologia conservadora. Este fenômeno, que será amplamente discutido ao longo deste trabalho, é possibilitado não apenas por diversos elementos históricos e políticos, mas também pelo surgimento da nova lógica das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). No entanto, apesar de um número cada vez mais flagrante de evidências nesse sentido, Pierre Lévy ainda tem se posicionado de forma otimista quanto ao potencial das plataformas digitais e do uso da Inteligência Artificial (IA).

Mais recentemente, em 2021, em entrevista ao jornal El País, Pierre Lévy reconheceu que é válido considerar, através de seu conceito, o possível surgimento de uma "ignorância coletiva" ou "maldade coletiva" criadas a partir de uma sociedade hipertecnológica (Hermoso, 2021. Online)[12]. No entanto, quando questionado se seria justo responsabilizar as tecnologias pelas maldades e injustiças cometidas pelos seres humanos, Lévy respondeu que:

> *As pessoas não se tornaram piores ou mais sensíveis às teorias conspiratórias por culpa das redes sociais.* Rumores absurdos surgiram ao longo de toda a história. Houve muitos genocídios antes que a internet existisse, não? Nem no Holocausto judaico, nem no genocídio armênio nem nos massacres de Ruanda existia a internet. Muitos não querem ver, mas já éramos muito maus antes que a internet existisse, pode acreditar (Hermoso, 2021, on-line, grifo nosso).

Lévy parece desconsiderar pesquisas que vinculam as redes sociais ao avanço das teorias da conspiração e do extremismo político em plataformas digitais. Inúmeros pesquisadores (Mudde, 2019; Uscinski, 2019; Bruns, Harrington, Hurcombe, 2020; Gallo, 2021; Ha, Graham, Gray, 2022; Ramonet, 2022; Salles *et al*, 2023) destacam a relação direta entre a proliferação dessas teorias à ampla divulgação favorecida por ambientes online. Decerto, a maldade humana precede a conexão entre dispositivos digitais. No entanto, é inegável o papel das mídias e plataformas digitais na disseminação rápida e massiva de desinformação e teorias conspiratórias, amplificando seu alcance e impacto.

Nos últimos tempos, Lévy tem se colocado em defesa do uso de IA como uma ferramenta indispensável no aperfeiçoamento da educação e da aprendizagem. Inúmeros artigos em seu blog demonstram seu interesse sobre o tema[13]. Além disso, ele criou uma nova linguagem de programação, a *Information Economy Meta Language* (IEML), e promete que sua invenção vai "usar a inteligência artificial para aumentar a inteligência coletiva" (Lévy,

---

[12] HERMOSO, Borja. Pierre Lévy: "Muitos não acreditam, mas já éramos muito maus antes da internet". Madri: El País. 01 jul. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/eps/2021-07-01/pierre-levy-muitos-nao-acreditam-mas-ja-eramos-muito-maus-antes-da-internet.html. Acesso: 05 jan. 2024.

[13] LÉVY, Pierre. Intelligence Artificielle et Intelligence Collective. Online. 28 out. 2023. Disponível em: https://pierrelevyblog.com/2023/10/28/intelligence-artificielle-et-intelligence-collective/ . Acesso: 19 jan. 2024.

2023). Em entrevista a Juremir Machado da Silva, professor da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUC-RS, provocado sobre a polêmica da regulação das Big Techs e disseminação de desinformação, Lévy[14] se posicionou:

> Este é um problema real, que requer muita atenção, mas que *provavelmente é insolúvel.* Enganar e seduzir são tão antigos quanto a própria vida, e a linguagem humana aumentou muito seu alcance. O século 20 não precisou de computadores ou da Internet para atingir a incrível onda de propaganda e falsificação que conhecemos. No caso das Big Tech, não sejamos ingênuos: os oligarcas digitais geralmente trabalham a serviço dos governos dos quais dependem, principalmente das grandes potências mundiais dos EUA e China. *Acostume-se: a Polis virou a grande base de dados mundial da internet* (Silva, 2023, on-line, grifo nosso).

Outros autores, contrários à ideia de "acostumar-se" com o galope tecnológico e suas contradições, argumentam que é crucial resistir ao discurso de inevitabilidade promovido pelos grandes conglomerados de tecnologia e que o problema não é "insolúvel", como entende Lévy.

A autora do livro "A Era do Capitalismo de Vigilância", Shoshana Zuboff, defende a busca por soluções menos prejudiciais para as sociedades, em vez de simplesmente aceitar a crescente hegemonia das Big Techs. Ela acredita que o senso de inevitabilidade é algo fomentado com a intenção de silenciar a proposição de outros modelos de negócio e promover os interesses das empresas de tecnologia.

> A imagem da tecnologia como força autônoma com ações e consequências inevitáveis tem sido empregada ao longo dos séculos para apagar os vestígios da busca por poder e absolver este de responsabilidade. [...] A retórica da inevitabilidade é uma fraude astuta projetada para nos tornar indefesos e passivos diante de forças implacáveis que são e sempre devem ser indiferentes ao que é meramente humano. Esse é o mundo da interface robotizada, no qual tecnologias trabalham por conta própria, protegendo, com firmeza, o poder de ser desafiado (Zuboff, 2020, p. 256).

Não apenas a inevitabilidade, mas também a aura de confiabilidade e benevolência cultivada por essas empresas tem como objetivo transmitir a mensagem que essas empresas trabalham pela evolução da humanidade e não pela maximização de influxo de capital. Mais adiante abordaremos, por exemplo, a mudança do lema da Google[15] de *"Don't be evil"* (Não seja mal) para *"Do the right thing"* (Faça a coisa certa), o que sugere uma missão quase messiânica, evocando princípios morais para justificar suas ações e influência na sociedade,

---

[14] SILVA, Juremir Machado da. Entrevista com Pierre Lévy, criador de uma linguagem artificial para melhorar a comunicação entre homem e máquina. Online. 04 ago 2023. Disponível em: https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/colunistas-matinal/juremir-machado/entrevista-com-pierre-levy/ Acesso: 18 jan. 2024.

[15] Como pode ser visto no Código de Conduta da Google: https://abc.xyz/investor/google-code-of-conduct/ Acesso em: 15 de jan 2024.

de maneira a deixar em segundo plano o que a corporação realmente é: um monopólio de informação e coleta de dados pessoais (Zuboff, 2020; Cassin, 2018).

Além disso, o paradigma da "boa web", como rezam Bezerra, Schneider e Saldanha (2013), evoca uma suposta ideia de liberdade sociotécnica, mas traz em seu bojo uma tentativa de encobrir as contradições e os engendramentos dos grupos dominantes, que de maneira (não muito) velada, se utilizam da influência e do controle sobre as plataformas digitais para promover seus interesses e agendas, invariavelmente às custas da privacidade e da autonomia dos usuários. Segundo os atores, a utopia tecnoliberal seria um disfarce novo de interesses antigos.

> Considerar a utopia tecnoliberal seria, necessariamente, identificar a estrutura frágil que a faz ascender e, ao mesmo tempo, debilita suas próprias bases ideológicas. A edificação de um certo "estado de bem-estar informacional", sob slogans como "sociedade do conhecimento" e "inteligência coletiva" faz emergir um espírito de transformação permanente que, uma vez fotografado em cada momento, revela sua inércia social. [...] Outra questão de oposição à utopia da "boa web" é perceber como a rede das redes é, hoje, o grande canal de fluxo e de proliferação dos preconceitos e das lutas de classe, não mais de maneira velada. As mídias da linguagem pós-internet (também perigosamente predicadas como "sociais") trazem, frontalmente, batalhas diárias entre negros e brancos, entre sulistas e nordestinos, entre mulheres e homens. A "boa web", nesse sentido, nada mais é do que a estampa suja de um discurso já tecido no radicalismo das lutas sociais, anteriores e atuais (Bezerra; Schneider; Saldanha, 2013, p. 8-9).

Voltando à influência de Pierre Lévy, é importante destacar que não há aqui a intenção de detrair a importância e a contribuição acadêmica do filósofo. Pelo contrário, suas obras constroem uma percepção de que uma rede global saudável é possível. A visão do autor sobre a Inteligência Coletiva e o Ciberespaço certamente é relevante e inspiradora. Suas ideias despertam a crença de que, por meio de um uso responsável e consciente das ferramentas digitais, pode-se criar uma sociedade mais justa e colaborativa.

No entanto, mesmo na época em que Lévy apresentava suas visões otimistas sobre o potencial transformador da internet, havia vozes mais realistas que já alertavam para os perigos que se avizinhavam. Uma dessas vozes foi a de Sylvia Moretzsohn (2017). Ela levantou questões críticas e apontou os desafios que acompanham o avanço acelerado da tecnologia e a disseminação da informação na era digital. Questionou, também, as implicações da chamada "sociedade em rede" e as consequências sociais, políticas e econômicas da crescente conectividade. Ao chamar a atenção para os perigos e as problemáticas, Moretzsohn contribuiu para um debate mais abrangente e realista sobre os impactos da internet e da sociedade em rede. Ela destacou questões relacionadas à privacidade, à desinformação, à polarização política e ao controle de informações por grandes

conglomerados de mídia. A perspectiva de Moretzsohn nos recorda que, embora as tecnologias digitais tenham trazido avanços e oportunidades, também enfrentamos desafios complexos que exigem uma análise crítica e uma abordagem cautelosa. Seus insights nos alertam para a necessidade de uma reflexão mais ampla sobre os aspectos negativos e as consequências não intencionais do uso das tecnologias da informação:

> Bem ao contrário da "inteligência coletiva" destacada no título de um famoso livro de Pierre Lévy, o mais correto seria falar numa "estupidez coletiva" amplificada exponencialmente agora no ciberespaço, e que reproduz o mais raso senso comum a respeito das mais graves questões – crime, uso de drogas, racismo e inúmeras formas de preconceito. Não é preciso uma pesquisa exaustiva nas redes sociais ou na seção de comentários dos jornais para perceber essa evidência. Junte-se a isso o automatismo que marca o comportamento dos usuários em geral: o compartilhamento de informações sem qualquer preocupação com a veracidade, que resulta na disseminação de boatos ou de trucagens assumidas como verdadeiras (Moretzsohn, 2017, p. 302).

A lucidez de Moretzsohn sobre os usos políticos assimétricos em redes online trouxe uma previsão do que se tornaria a Internet a partir da segunda década do século XXI: as redes são o nosso retrato ampliado, nosso reflexo em um espelho sem filtro. Se há racismo na internet, é porque há racismo na sociedade. Se há manifestações fascistas no mundo digital, é porque há um movimento fascista nas correntes políticas contemporâneas. Se tomamos conhecimento de uma massa de ignorantes nas redes, é porque há uma multidão infinda de pessoas inábeis nos mais diversos aspectos do conhecimento humano em vários cantos do planeta. A internet não apenas desperta o melhor de nós: a colaboração coletiva, a democratização dos conhecimentos, um ideal utópico do bem comum. O pior de nós também está lá. E encarar o espelho é assustador.

Talvez o pesquisador de internet deva ser como Perseu, aquele que enfrentou Medusa sem olhar diretamente para ela. Fitar o caos digital é arriscar-se a virar pedra diante de tanto horror. Ciente do perigo, Perseu não a desafiou de frente. Em vez disso, guiou-se pelo reflexo em seu escudo, vendo sem ser visto, compreendendo sem sucumbir. Talvez essa seja também a única saída diante da internet: não desviar o olhar, mas aprender a enxergar com astúcia, filtrando o caos através da razão, para que o reflexo do mundo não nos condene à paralisia.

1.3 BREXIT, TRUMP E CAMBRIDGE ANALYTICA

Talvez, o mundo tenha se dado conta do que via em seu reflexo online em meados de 2016. O ano foi um marco importante para compreender os impactos sociais da internet. Anteriormente as sociedades *on* e *offline* já haviam assistido à Primavera Árabe, às revoltas

que tomaram as praças na Espanha com o movimento dos Indignados, ao *Occupy Wall Street*[16] nos Estados Unidos e às Jornadas de Junho de 2013 no Brasil[17]. Movimentos distintos, em contextos diversos, mas todos impulsionados pela força da mobilização digital. Por anos, acreditou-se que a internet era uma ferramenta de emancipação, capaz de desafiar governos, dar voz às multidões e promover uma democracia mais participativa.

Mas algo diferente se concretizou no jogo político global durante a madrugada do dia 24 de junho, quando os jornais de todo mundo noticiaram o surpreendente resultado do histórico referendo britânico que decidiu pela saída do Reino Unido da União Europeia (UE): o Brexit[18]. Partidos de extrema direita como o Liga do Povo Britânico (BPL), o Partido Nacional Britânico (BNP), a Liga de Defesa Inglesa (EDL) e principalmente o Partido de Independência do Reino Unido (UKIP) foram defensores da pauta e desempenharam um papel fundamental na formação do debate em torno do Brexit. Defendendo uma agenda anti-imigração, antimuçulmana e nacionalista – condenada amplamente por organizações de direitos humanos e outras correntes políticas[19] – a campanha Leave.EU teve um papel significativo na persuasão do eleitorado britânico a votar pela saída do Reino Unido da UE no referendo. Grupos pró-saída tentavam argumentar que a UE era uma ameaça à soberania britânica e que deixá-la permitiria ao Reino Unido controlar suas fronteiras e restringir a

[16] A Primavera Árabe foi uma onda de protestos que começou em 2010, na Tunísia, e rapidamente se espalhou pelo Oriente Médio e pelo Norte da África, impulsionada pelo descontentamento com governos autoritários, corrupção e desigualdade social. O Occupy Wall Street, iniciado em 2011 nos Estados Unidos, foi um movimento contra a desigualdade econômica e a influência das grandes corporações na política. O lema "We are the 99%" simbolizava a crítica ao sistema financeiro e à concentração de riqueza. Os Indignados, ou Movimiento 15M, surgiram na Espanha também em 2011, como uma reação à crise econômica, ao desemprego elevado e à falta de representatividade política. Inspirado em protestos árabes e em outros movimentos globais, o 15M ocupou praças e organizou assembleias populares, reivindicando uma democracia mais participativa. Seu impacto pode ser visto na ascensão de partidos como o Podemos e no fortalecimento de pautas antiausteridade na política espanhola (Castells, 2013).

[17] As Jornadas de Junho de 2013 foram uma série de protestos que começaram em São Paulo contra o aumento das tarifas de transporte público e rapidamente se espalharam por diversas cidades do Brasil. Inicialmente motivadas pelo custo da passagem, as manifestações cresceram, incorporando pautas diversas, como críticas à corrupção, aos gastos com a Copa do Mundo de 2014 e à qualidade dos serviços públicos. As redes sociais desempenharam um papel central na mobilização, tornando o movimento um marco na política digital brasileira (Castells, 2013).

[18] O Brexit foi a saída do Reino Unido da União Europeia (UE). Em 23 de junho de 2016, um referendo foi realizado no Reino Unido para decidir se o país deveria permanecer ou deixar a UE. O resultado foi de 51,9% votando a favor da saída da UE, enquanto 48,1% votaram pela permanência. O processo de saída começou oficialmente em março de 2017 e foi concluído em 31 de janeiro de 2020, após negociações difíceis entre o Reino Unido e a UE. Desde então, o Reino Unido não é mais um membro da EU. A decisão foi mundialmente noticiada: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/24/internacional/1466741749_403437.html

[19] Como entende o estudioso da extrema-direita Cas Mudde, "Embora o referendo da União Europeia tenha sido, em grande parte, consequência de divisões internas dentro do Partido Conservador, a concorrência eleitoral do UKIP desempenhou um papel na decisão de David Cameron de convocar o referendo, e a campanha anti-imigração do UKIP teve um papel fundamental em tornar o Brexit uma realidade. Embora a votação pelo Brexit tenha sido um grande sucesso de política externa para a extrema-direita, a consequente incompetência e os conflitos internos sobre o tipo de Brexit e o mundo pós-Brexit desejado são emblemáticos das divisões dentro da extrema-direita no que diz respeito à política externa."(Mudde, 2019. p. 84)

imigração. Alegavam, também, que algumas regras do bloco eram antidemocráticas e que o Reino Unido estaria melhor fazendo suas próprias leis e acordos comerciais.

> Tudo isso ressalta a necessidade de pesquisas sobre o que levou o Reino Unido a votar pela saída da União Europeia. Desde a votação, surgiu um debate acalorado sobre os motivos que levaram à votação pelo *Leave.* Alguns argumentam que isso foi motivado principalmente pelas preocupações públicas sobre a percepção de perda da soberania nacional para a UE. Outros focam, em vez disso, em uma parcela economicamente 'abandonada' da sociedade, que viu o referendo de 2016 como uma oportunidade para expressar sua profunda frustração com sua relativa privação (Clarke; Goodwin; Whiteley, 2017, p. 21, tradução da autora, grifo da autora).

O divórcio abalaria em definitivo as relações entre os países europeus, causando instabilidade e incerteza no continente. Além disso, o Brexit teve vários impactos negativos na economia britânica como o enfraquecimento da moeda nacional, a libra esterlina, encarecendo as importações e aumentando a inflação. A elevação expressiva nos índices de desemprego também foram um efeito colateral do Brexit. Muitas empresas optaram por deixar o território britânico buscando as vantagens ainda vigentes do mercado único europeu. O jornalista britânico Ian Dunt, que acompanhou a cobertura política do referendo, argumenta que as emoções geradas pelas redes sociais – e não a estratégia econômica – foram decisivas para o resultado do referendo:

> *Leave* não era um modelo político ou econômico alternativo. Era uma tela em branco na qual as pessoas podiam projetar suas esperanças, aspirações e frustrações. [...] Este debate vago e risivelmente otimista ocorreu em meio a câmaras de eco das mídias sociais. Cada vez mais, as pessoas estavam obtendo suas notícias pelo Facebook, onde podiam ignorar opiniões com as quais não concordavam e criar um fluxo de informações constantes e autoafirmativas que apenas confirmava seus preconceitos pré-existentes. Populistas de direita, fazendo uso de estereótipos e mensagens *dog-whistle*[20] sobre imigração, dominaram a pauta da imprensa. No final da campanha do referendo, a verdade não significava mais nada. (Dunt, 2016, p. 12, tradução da autora, grifo da autora).

Pouco menos de 5 meses depois, em 08 de novembro de 2016, uma nova surpresa: Donald Trump era eleito presidente dos Estados Unidos após uma campanha virulenta de desinformação tanto por parte da equipe de campanha quanto por grupos apoiadores. Diversos autores (Wylie, 2019; Kaiser, 2019; Empoli, 2019; Kakutani, 2018; Ramonet, 2022) se

[20] O termo "dog whistle"(assobio de cachorro) é usado para se referir a uma forma de comunicação indireta e codificada, usada para transmitir mensagens específicas para uma audiência selecionada, sem que a maioria das pessoas perceba o real significado da mensagem. A expressão é frequentemente usada para descrever discursos políticos ou publicações que parecem inofensivas à primeira vista, mas contêm termos ou frases que apelam a preconceitos ou estereótipos existentes em determinados grupos de pessoas. Esses termos ou frases são frequentemente codificados de forma que apenas aqueles que estão familiarizados com a ideologia ou o discurso da extrema direita possam entender o verdadeiro significado da mensagem. Como explica Ian Haney López (2014) no livro *Dog Whistle Politics*.

dedicaram a dissecar o esquema de informações falsas e distorcidas publicadas nas redes sociais, especialmente no Facebook, com o objetivo de influenciar a opinião pública e favorecer a candidatura de Trump. Algumas das principais formas de desinformação utilizadas foram a criação de notícias falsas, a manipulação de dados e estatísticas, a disseminação de teorias conspiratórias, a difamação de adversários políticos e a exploração de temas polêmicos, como imigração e segurança nacional. Ainda que muitos desses conteúdos tenham sido prontamente desmentidos por veículos de imprensa e organizações de checagem de fatos, o impacto das informações falsas na campanha foi significativo.

Os eventos de 2016 nos Estados Unidos evidenciaram o poder e a influência das estratégias de desinformação na arena política. A eleição de Donald Trump como presidente, em meio a uma intensa disseminação de informações falsas e distorcidas nas mídias sociais, provocou uma profunda reflexão sobre os efeitos nefastos dessas práticas no contexto democrático. Em sua análise sobre a ascensão do Trumpismo nos Estados Unidos, que muito influenciou a escalada extremista brasileira, Benkler, Faris e Robert (2018), no livro *Network Propaganda*, concluem que os maiores problemas nesse sistema desinformativo não são os robôs russos, ou adolescentes que postam fake news no Facebook, a *Cambridge Analytica*, câmaras de eco ou qualquer outro "vilão" já posto pelos estudos sobre os avanços da extrema-direita. Para eles:

> Dessas dinâmicas impulsionadas pela tecnologia, que são novas, mas em última análise menos importantes, observamos dinâmicas de longo prazo relacionadas à economia política: ideologia e instituições interagindo com a adoção da tecnologia como os principais impulsionadores da presente crise epistêmica. Essas dinâmicas, que se desenrolam na televisão, rádio e jornalismo profissional tradicional, tanto quanto na internet e nas redes sociais, vêm se desenvolvendo há 30 anos e resultaram em um ecossistema midiático altamente assimétrico que é o principal impulsionador de desinformação e propaganda na esfera pública americana. O ecossistema midiático de direita, em particular, circula uma quantidade avassaladora de desinformação e propaganda doméstica, e suas práticas criam as maiores vulnerabilidades tanto para a propaganda estrangeira quanto para a exploração comercial niilista por fábricas de sensacionalismo. (Benkler; Faris; Robert, 2018, p. 352, tradução nossa)

Os autores enfatizam que a crise epistêmica atual nos Estados Unidos não pode ser atribuída apenas às novas tecnologias, redes sociais ou hiperconectividade. Em vez disso, uma estrutura midiática altamente articulada, estabelecida ao longo de décadas pela extrema-direita, desempenhou um papel fundamental na emergência e perpetuação dessa crise. Essa estrutura midiática assimétrica e enviesada tem sido responsável por disseminar "uma quantidade avassaladora de desinformação e propaganda doméstica". Ela se estende além da internet e das redes sociais, abrangendo também a televisão, o rádio e o jornalismo

profissional tradicional. Ao longo dos últimos 30 anos, a interação entre ideologia, instituições e adoção tecnológica tem sido um fator impulsionador dessas dinâmicas de crise. Essa interação complexa resultou em um ecossistema midiático que favorece a propagação de desinformação e propaganda, responsável por alimentar a crise, apresentando um volume esmagador de conteúdo desinformativo.

Apesar disso, é imprudente passar ao largo das influências suscitadas pelo impacto das TICs na interação do público com a política e como isso favoreceu o avanço de ideologias ultraconservadoras. Dentre elas, um dos que ganharam maior destaque midiático foi o escândalo da *Cambridge Analytica.*

O episódio revelou a manipulação de dados pessoais de milhões de usuários do Facebook com o objetivo de influenciar processos eleitorais, principalmente nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016 e no referendo do Brexit no Reino Unido. A empresa *Cambridge Analytica*, especializada em análise de dados e estratégias de comunicação, obteve acesso indevido aos dados de aproximadamente 87 milhões de usuários do Facebook, utilizados para criar perfis psicológicos distintos com o objetivo de direcionar mensagens políticas personalizadas aos usuários, com o intuito de influenciar suas opiniões e comportamentos políticos. O que ajuda a explicar, portanto, as duas surpresas políticas de 2016.

Figura 3 - Charge que ilustra a surpresa com duas decisões políticas de 2016



Fonte: Paresh Nath/CagleCartoons.com

Christopher Wylie é um cientista de dados canadense que desempenhou um papel crucial no caso *Cambridge Analytica*. Ele trabalhou na empresa como diretor de pesquisa, sendo responsável pela coleta e análise de dados, que foram posteriormente utilizados pela empresa para fins políticos. Foi ele quem revelou o sistema de uso indevido dos dados do Facebook e a manipulação psicográfica para influenciar eleições. Suas revelações

desencadearam um escândalo global que levou a uma série de investigações governamentais e ações legais contra a companhia. Wylie foi testemunha nas audiências realizadas no Parlamento Britânico e no Congresso dos Estados Unidos, onde compartilhou informações sobre as práticas da organização e suas implicações para a privacidade dos dados e a integridade democrática. Ele escreveu um livro onde descreveu em detalhes a prática do *microtargeting*:

> Embora o envio de mala direta já fizesse parte das campanhas americanas há muito tempo, o *microtargeting* baseado em dados permitiu que as campanhas correspondessem a uma infinidade de narrativas detalhadas com universos granulares de eleitores – seu vizinho poderia receber uma mensagem totalmente diferente da sua, sem que nenhum de vocês soubesse disso. Quando as campanhas eram realizadas em particular, a análise e a publicidade do debate podiam ser evitadas. A praça da cidade, a base da democracia americana, estava sendo gradualmente substituída por redes de anúncios online. E sem qualquer escrutínio, as mensagens de campanha nem precisavam mais parecer mensagens de campanha. (Wylie, 2019, p. 17)

A revelação de Wylie sobre o uso de *microtargeting* e manipulação digital na política expôs como campanhas eleitorais passaram a operar em esferas fragmentadas e opacas, minando o debate público tradicional e permitindo a disseminação de mensagens altamente personalizadas sem escrutínio coletivo. Esse modelo, desenvolvido nos Estados Unidos, não demorou a ser replicado internacionalmente, encontrando terreno fértil no Brasil. A ascensão do bolsonarismo não pode ser compreendida isoladamente, mas como parte de um fenômeno global de reconfiguração da comunicação política, no qual redes sociais e estratégias digitais desempenharam um papel central. Contudo, no caso brasileiro, esse processo foi impulsionado por dinâmicas internas específicas que já vinham se desenhando há anos, marcadas pelo descontentamento político e pela crise de representatividade.

1.4 DÉJÀ VU À BRASILEIRA

Dois anos depois, portanto, o Brasil se viu confrontado com uma situação semelhante à dos Estados Unidos. Com a vitória de Jair Bolsonaro nas urnas, tornou-se concreta a vantagem política do uso estratégico das redes sociais em campanhas políticas. A conquista do ultraconservadorismo brasileiro, no entanto, não foi tão surpreendente justamente por replicar o modelo trumpista de disputa eleitoral, embora adaptado às necessidades socioculturais dos eleitores brasileiros. Além disso, a escalada conservadora brasileira tinha avançado anos antes, por exemplo com os protestos de junho de 2013. A onda sem precedentes de protestos foi desencadeada pelo aumento das tarifas de ônibus, mas se

transformou em um transbordamento de demandas sociais. A lista de reivindicações se intensificou, passando de aumentos de impostos no transporte público até o antipartidarismo (Alonso; Mische, 2016). Os impactos significativos desses protestos ainda não eram totalmente compreendidos pela sociedade brasileira: o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2015, resultou no crescimento do sentimento contrário ao Partido dos Trabalhadores (PT), o antipetismo (Fuks; Ribeiro; Borba, 2021).

O candidato de extrema-direita e ex-militar Jair Bolsonaro aproveitou o ambiente de antipetismo e, por meio de uma enorme campanha eleitoral de desinformação[21] (Rocha; Solano, Medeiros, 2021; Cesarino, 2022; Pinheiro-Machado, 2019), venceu as eleições de 2018. Sua retórica, marcada por uma postura *antiestablishment* – apesar de ser capitão do Exército – e discurso de *outsider* político – embora já tivesse mais de 30 anos de carreira política – foram elementos-chave em sua ascensão ao poder.

Durante a pandemia de Covid-19, seu governo disseminou inúmeras políticas de desinformação científica. Um dos casos mais notórios foi a promoção do tratamento com hidroxicloroquina como uma "cura milagrosa", contrariando todas as evidências científicas (Casarões; Magalhães, 2021). No mesmo sentido, ele criticou o distanciamento social, recusou-se a implementar medidas de *lockdown* e levantou suspeitas sobre a eficácia da vacina, insinuando que a imunização poderia causar AIDS. [22] Mais de 700.000 pessoas morreram de Covid-19 no Brasil até 2023.[23]

Como resultado da gestão desastrosa da crise da pandemia, além de uma postura antidemocrática contra os direitos humanos, inúmeras declarações misóginas, homofóbicas e racistas, e a erosão de vários serviços públicos brasileiros, Bolsonaro não foi reeleito em 2022. Em uma votação apertada[24], com apenas 2,1 milhões de votos de diferença, Jair Bolsonaro foi derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores.[25] Em vez de aceitar seu destino, o agora ex-presidente contestou o resultado das eleições, lançando

---

[21] Como visto em reportagem do The Guardian e do The New York Times. Disponíveis em: https://www.theguardian.com/world/2018/oct/18/brazil-jair-bolsonaro-whatsapp-fake-news-campaign e https://www.nytimes.com/2018/10/19/technology/whatsapp-brazil-presidential-election.html Acessados em 22 de maio de 2023.

[22] Como visto em reportagem da BBC "Bolsonaro: Brazilian Supreme Court opens investigation into vaccine comments". Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-latin-america-59528857. Acessado em 25 de maio de 2023.

[23] Gráfico do Our World in Data, compilado pela Universidade de Oxford: Disponível em: https://ourworldindata.org/coronavirus/country/brazil#what-is-the-cumulative-number-of-confirmed-deaths

[24] Disponível no site do Tribunal Superior Eleitoral "Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil" https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil. Acesso: 19 mar. 2024.

[25] Como visto em reportagem da BBC "Brazil election: Lula makes stunning comeback". Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-latin-america-63451470 Acessado em 25 de maio de 2023.

dúvidas sobre a confiabilidade do sistema eletrônico de votação brasileiro.[26] No entanto, nenhuma evidência foi apresentada para fundamentar essa acusação. De qualquer maneira, ele utilizou uma eficiente rede de desinformação online e incitou seus apoiadores a invadir o Congresso Nacional Brasileiro em 8 de janeiro de 2023.[27] Os atos antidemocráticos de caráter golpista foram organizados principalmente em grupos do Telegram e do WhatsApp[28] e tinham como objetivo realizar um golpe de estado contra o presidente Lula. [29] Quase mil pessoas foram presas. Apesar disso, muitos grupos difusores de desinformação no Telegram e no WhatsApp ainda estão ativos, embora alguns tenham mudado de nome[30] e outros tenham sido bloqueados por ordem do STF[31]. No entanto, este tipo de conteúdo ainda está facilmente acessível por meio do aplicativo de mensagens instantâneas.

1.5 OBJETIVOS

A presente pesquisa parte da hipótese de que a ascensão do bolsonarismo e os ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023 não foram eventos isolados, mas sim o resultado de um ecossistema discursivo construído ao longo dos anos, ancorado na mobilização digital, na disseminação de desinformação e na defesa de ideais ultraconservadores e conspiratórios. Nesse contexto, o Telegram desempenhou um papel estratégico para a extrema-direita brasileira, consolidando-se como um espaço de articulação e propagação de discursos que contestavam o resultado eleitoral e incentivavam a defesa de uma intervenção militar.

Diante desse cenário, esta pesquisa busca compreender como narrativas ultraconservadoras, conspiratórias e autoritárias foram articuladas e disseminadas em comunidades digitais alinhadas ao bolsonarismo, analisando suas conexões com os atos golpistas de 8 de janeiro. O foco recai sobre a circulação desses conteúdos no Telegram, investigando os padrões discursivos que sustentaram a mobilização e incentivaram ações

---

[26] Como visto em reportagem da BBC “Bolsonaro party challenges Brazil election result”. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-latin-america-63724713 Acessado em 25 de maio de 2023.
[27] Como visto em reportagem da BBC “Brazil Congress storming: How did we get here?”. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-latin-america-64206220 Acessado em 25 de maio de 2023.
[28] Como visto em reportagem do The Guardian “Pro-Bolsonaro violence: experts highlight role of social media platforms”. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2023/jan/09/pro-bolsonaro-violence-social-media-platforms Acessado em 25 de maio de 2023.
[29] Como visto em reportagem do The New York Times “'We Will Die for Brazil': How a Far-Right Mob Tried to Oust Lula”. Disponível em: https://www.nytimes.com/2023/01/13/world/americas/brazil-protests-mob.html Acessado em 25 de maio de 2023.
[30] SCHURIG, Sofia. Bolsonaristas adotam “táticas de guerra” no Telegram para fugir de bloqueio do STF. Núcleo., 12 jan. 2023 Disponível em :https://nucleo.jor.br/curtas/2023-01-12-bolsonaristas-taticas-de-guerra-telegram-stf/ . Acesso: 19 mar. 2024.
[31] GRANJEIA, Julianna. STF ordena bloqueio imediato de canais golpistas no Telegram. Jogo Rápido, 11 jan. 2023 às 11:41. https://nucleo.jor.br/curtas/2023-01-11-stf-manda-bloquear-canais/

violentas contra as instituições democráticas.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a circulação de narrativas conspiratórias e ultraconservadoras no Telegram e suas conexões com a mobilização golpista de 8 de janeiro de 2023, a fim de compreender os discursos e estratégias que incentivaram e justificaram os ataques aos Três Poderes.

Para alcançar esse objetivo, trabalhamos com os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a circulação e amplificação de conteúdos ultraconservadores e conspiratórios no Telegram, observando os padrões de engajamento, os mecanismos de disseminação e a dinâmica da propagação da desinformação.
2. Investigar a relação entre o discurso da extrema-direita e a organização dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, verificando como essas ideias foram mobilizadas para incentivar e justificar a tentativa de golpe.
3. Examinar a estrutura discursiva dos conteúdos mais compartilhados nos grupos bolsonaristas no Telegram, por meio de técnicas de Análise Exploratória de Dados (AED) e Processamento de Linguagem Natural (PLN), estabelecendo conexões entre essas mensagens e as estratégias de mobilização digital da extrema-direita.

1.6 JUSTIFICATIVA

O Brasil vive, desde a redemocratização, uma tensão constante entre a memória do passado autoritário e a promessa de um futuro democrático. Esta pesquisa parte da premissa de que as raízes do atual cenário político, marcado pelo avanço da extrema-direita e pela disseminação de desinformação, encontram terreno fértil em heranças autoritárias ainda mal resolvidas. A investigação busca compreender como essas continuidades históricas se manifestam no presente, especialmente no ambiente digital, e de que forma a memória coletiva, a atuação midiática e os discursos políticos moldam o imaginário social e influenciam o cenário democrático. A proposta, portanto, é lançar luz sobre os processos que tornam possível a persistência e a reinvenção de ideologias autoritárias sob novas roupagens.

Considerando a histórica influência da ditadura militar brasileira e a continuidade de ideologias ultraconservadoras na sociedade, postula-se a hipótese de que os ecos do regime autoritário militar pavimentaram o caminho para o ressurgimento da extrema-direita no país. Embora o fenômeno não seja exclusivo do Brasil, observa-se contornos peculiares do extremismo político por aqui, como, por exemplo, o impacto da Lei de Anistia em 1979 e a não punição dos crimes cometidos durante os anos do regime. Pelo contrário, o processo de

reabertura – liderado pelas elites dominantes do país – olvidou as violações ocorridas no período e, não por acaso, concedeu inúmeros privilégios às Forças Armadas na constituição de 1988 (Faria, 2014; Lemos, 2018; Vasconcelos, 2018). Talvez, a não punição dos militares envolvidos em crimes contra a Humanidade seja hoje um dos principais elementos no fenômeno que envolve a construção de um passado idílico nacional e de uma "ditadura benéfica", elementos discursivos constantemente presentes nas narrativas desinformativas da extrema-direita.

Além disso, após o fim da ditadura, o maior país da América do Sul desenvolveu um sistema partidário complexo que facilitou a fusão de ideologias de extrema-direita e ultraconservadoras com outros grupos. Um dos exemplos mais representativos é a Arena (Aliança Renovadora Nacional). A Arena era um partido político de extrema direita criado pelos militares em 1965. Ele representava a voz dos principais ditadores e foi criado depois que todos os outros partidos políticos foram extintos (Grinberg, 2015). Quando o processo de redemocratização começou, o partido se fragmentou em outros grupos, muitos dos quais sobreviveram, embora com nomes diferentes, como os atuais União Brasil, Progressistas e Partido Liberal (PL), o atual partido de Bolsonaro.

Neste sentido, suspeita-se que a ideologia conservadora propagada pela ditadura militar não tenha esvanecido completamente e que, metamorfoseada pelos meios digitais, venha sendo difundida em grupos extremistas políticos, como, por exemplo, os grupos de mensagens instantâneas de aplicativos como WhatsApp e Telegram. No entanto, ainda há muitas lacunas a serem exploradas neste sentido. Portanto, este projeto de pesquisa investigará como essa maneira camaleônica de fazer política pode facilmente enganar o observador e permitir que ideias fascistas permaneçam presentes e ativas no ambiente democrático do Brasil.

Argumenta-se ainda que o conservadorismo brasileiro segue uma lógica cíclica, caracterizada por momentos na história do país nos quais ideias e valores conservadores ganham destaque e influência política. Esses períodos cíclicos têm sido observados em diferentes épocas e estão relacionados a transformações sócio-históricas, crises econômicas e descontentamento social, embora a cada novo ciclo novos elementos sejam acrescentados às tramas históricas.

Ademais, o grande pensador romano Marco Túlio Cícero já anunciava a história como uma versão de fatos transmitidas por um orador. "Em verdade, a história é a testemunha dos tempos, a vida da memória, a professora da vida, os conhecimentos dos antigos e por qual

outra voz senão a do orador deve ela ser imortalizada?" (CICERO, De Oratore II-36, 1948, p. 225). Essa citação de Cícero destaca a importância do orador na preservação e transmissão da história, como aquele que dá vida aos eventos passados e ensina lições valiosas para o presente. Além disso, lembra que a história é comunicada a partir do ponto de vista de um narrador que conta os fatos a partir de técnicas de argumentação e retórica, garantindo que a narrativa histórica seja envolvente e persuasiva. Assim, o orador desempenha um papel fundamental na interpretação dos eventos passados, selecionando os fatos relevantes, dando-lhes significado e moldando a percepção coletiva da história.

Seguindo essa lógica, o filósofo francês Paul Ricœur (2007) acredita que a relação entre memória, história e esquecimento é ininterrupta, e que estamos constantemente envolvidos em um confronto de narrativas ao longo do tempo. É crucial compreender o que é abandonado e o que perdura. Essa reflexão convida a considerar como uma sociedade molda o futuro, a partir da realidade e das narrativas que reconstrói para o passado (Ricœur, 2007).

> A ideologização da memória é possibilitada pelos recursos de variação que o trabalho de configuração narrativa oferece. As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. Está em ação aqui uma forma ardilosa de esquecimento, resultante do desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrar a si mesmos. (Ricœur, 2007, p. 455)

À medida que Ricœur destaca a importância de discernir entre o que é retido e o que é esquecido nas narrativas temporais, essa questão ganha uma nova dimensão no cenário atual, onde os meios de comunicação assumem o protagonismo na narração da história. Em "O Retorno do Fato", o historiador francês Pierre Nora (1995, p. 181) expressa seu desconforto em relação ao monopólio dos veículos de imprensa e como a mediação dos acontecimentos contribuiu para o "ressurgimento do monopólio da história". Para ele, "é por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar" (Nora, 1995, p. 181). Ou seja, o domínio dos veículos de mídia hegemônicos pode levar a uma homogeneização da narrativa histórica, onde certas vozes e perspectivas são privilegiadas em detrimento de outras, resultando em uma visão distorcida e parcial da história, ou mesmo contribuindo ativamente para o esquecimento seletivo dos fatos. Uma possibilidade de elucidação deste fenômeno está também em Ricœur (2007) a partir do que ele chama de "desapossamento dos atores sociais":

> Esse desapossamento não existe sem uma cumplicidade secreta, que faz do esquecimento um comportamento semipassivo e semiativo, como se vê no esquecimento de fuga, expressão da má-fé, e sua estratégia de evitação motivada por

> uma obscura vontade de não se informar, de não investigar o mal cometido pelo meio que cerca o cidadão, em suma por um *querer-não-saber*. (Ricœur, 2007, p. 455, grifo nosso)

Esse processo de esquecimento – que insufla o *querer-não-saber* – passa por muitos processos sociais. Destacamos aqui, a título de ilustração, o papel crucial da imprensa brasileira como catalisadora de uma amnésia relativa à ditadura militar. É inescapável, neste caso, citar a participação da Rede Globo de Televisão, empresa que se consolidou nacionalmente a partir da ditadura e virou porta-voz do regime militar, como entendem Bolaño e Melo (2015):

> Evidencia-se os papéis político e cultural do Jornal Nacional na televisão brasileira. Político tanto no sentido de ser o ponto de partida de um projeto da emissora de se constituir como hegemônica no mercado de televisão quanto pelo fato de ser o principal noticiário responsável por divulgar as informações oficiais do regime militar. E cultural na medida em que estabeleceu uma nova temporalidade na cena cotidiana, ao, a partir de então, o telespectador brasileiro esperar todos os dias à mesma hora as informações e imagens sobre o que acontecia no Brasil e no mundo. (Bolaño; Melo, 2015, p. 11)

Vale ainda lembrar o histórico editorial "Ressurge a democracia!" de autoria de Roberto Marinho, em exaltação da ditadura militar, publicado no jornal *O Globo*[32], no dia 2 de abril de 1964:

> Vive a nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre problemas isolados para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições. [...] Salvos da *comunização* que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares, que os protegeram de seus inimigos. (Marinho, 1964, on-line, grifo nosso)

Vinte anos depois, já às vésperas da reabertura, em 1984, o então presidente do Grupo Globo publicou um novo editorial de título "Julgamento da Revolução", no qual afirmou quer era necessário "reconhecer as realizações nacionais" que, em seu entendimento, o regime militar havia gerado "um avanço impressionante" no país e exaltou supostos sucessos econômicos e sociais do período:

> Não há memória de que haja ocorrido aqui, ou em qualquer outro país, que um *regime de força*, consolidado há mais de dez anos, *se tenha utilizado do seu próprio arbítrio para se auto-limitar*, extinguindo os poderes de exceção, anistiando

[32] Como é possível ler neste fac-símile da capa do jornal do dia 2 de abril de 1964. Disponível em https://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226 Acessado em 7 de agosto de 2023.

> adversários, ensejando novos quadros partidários, em plena liberdade de imprensa. É esse, indubitavelmente, o maior feito da Revolução de 1964 (Marinho, 1984, on-line, grifo nosso)[33].

Somente trinta anos depois, pressionada pelas manifestações que tomaram o país em 2013, a empresa se posicionou afirmando que o apoio à ditadura "foi um erro"[34]. Embora relevante, o *mea culpa* suscita reflexões críticas sobre a verdadeira disposição dessas entidades em se dedicar a um processo de cura nacional, enfrentando as complexidades envolvidas na reconstrução de uma narrativa histórica mais justa e inclusiva para um país que merece reparar suas profundas cicatrizes e violações de direitos humanos. Qual é o real comprometimento da Rede Globo – e da esmagadora maioria dos veículos de comunicação que apoiaram o golpe de 1964 – em relação à reparação da memória coletiva do país em período de tamanhas violações?

Orlandi (1999) sugere ainda um processo de esquecimento da ditadura e que tal silenciamento foi não apenas forçado, mas também sistematicamente planejado.

> Estes sentidos excluídos, silenciados não puderam e não podem significar, de tal modo que há toda uma nossa história que não corresponde a um dizer possível. Não foram trabalhados socialmente, de modo a que pudéssemos nos identificar em nossas posições. Do mesmo modo, ficam sem ser politicamente significados os feitos da tortura e do que resultou dela em nossa política. Toda vez que vamos votar, mesmo que nem pensemos nisso, o fato de que o Brasil é um país que tortura os dissidentes políticos faz parte de nossa memória e de nossos gestos políticos. E isso não mereceu ainda sua explicitação política. Está fora da memória, como uma sua margem que nos aprisiona nos limites desses sentidos. O que está fora de memória não está nem esquecido nem foi trabalhado, metaforizado, transferido. Está *in-significado*, *de-significado* (Orlandi, 1999, p. 66, grifo nosso).

Um exemplo mais contemporâneo desses mecanismos de in-significação e de-significação, nos termos de Orlandi (1999), e da escolha deliberada pelo desconhecimento, como aponta Ricœur (2007), pode ser observado na cobertura midiática da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Criada pelo Governo Federal para investigar as violações de direitos humanos cometidas durante a ditadura militar, a CNV enfrentou resistências diversas, inclusive por parte da imprensa. Em sua análise, Sarkis (2019) demonstra como os meios de comunicação trataram o tema de forma seletiva e insuficiente, contribuindo para um processo ativo de esquecimento. Ao negligenciar os significados políticos da tortura e das violações sistemáticas, a cobertura jornalística esvaziou o potencial simbólico das investigações,

---

[33] Como é possível ler neste fac-símile da capa do jornal do dia 7 de outubro de 1984. Disponível em: https://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226 Acessado em 7 de agosto de 2023.

[34] Como é possível ler no editorial "Apoio ao golpe de 64 foi um erro" do dia 31 de agosto de 2013. Disponível em: https://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226 Acessado em 7 de agosto de 2023.

impedindo que esses sentidos fossem trabalhados socialmente. Assim, os acontecimentos investigados permaneceram à margem da memória coletiva, sem possibilidade de ressignificação, servindo como ilustração concreta daquilo que Orlandi define como sentidos que "não puderam e não podem significar".

> Em toda a investigação, "saltam aos olhos" as disputas em torno do esquecimento em todas as suas dimensões. Um esquecimento que visava silenciar vozes capazes de questionar os termos do acordo em torno da aprovação da Lei de Anistia. Ademais, não nos é possível ignorar o cenário de caos político e social que eclodiu no Brasil a partir dos protestos de junho de 2013, período no qual a CNV estava instalada. Desde então, seguiu-se o golpe de 2016, através do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, a prisão do ex-presidente Lula da Silva, num questionadíssimo processo judicial no âmbito da Operação Lava Jato, ambos do Partido dos Trabalhadores, o maior representante da esquerda brasileira na atualidade. Esse processo culminou na eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República, político de extrema-direita com um discurso de exaltação da "Revolução de 64" e de glorificação de torturadores como heróis nacionais. (Sarkis, 2019, p. 115)

Sarkis (2019) reforça que a atenção dada pela imprensa aos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade foi, muitas vezes, insuficiente e seletiva, o que contribuiu para obscurecer parte das descobertas e discussões relevantes sobre o passado autoritário do Brasil:

> As diferentes dimensões de uma comissão da verdade não foram noticiadas à população de forma equânime, em que o direito à memória foi assegurado, mas as questões que se inferem na reformulação das estruturas estatais, herdadas do Estado ditatorial e compiladas nas "recomendações" no relatório final da CNV, obtiveram baixíssima cobertura (Sarkis, 2019, p. 113).

Diante deste cenário, é importante refletir: o que dá poder às mídias – principalmente ao jornalismo – para que elas detenham, como disse Pierre Nora, o monopólio da história? Sodré e Paiva (2011) vão às origens do jornalismo e de sua importância social enquanto uma atividade essencialmente democrática, que organiza e dá sentido aos fatos do cotidiano. Esta capacidade de moldar a percepção pública e de influenciar a construção coletiva da memória histórica confere ao jornalismo uma autoridade única, não apenas na disseminação de informações, mas também na definição de quais eventos serão lembrados e como serão interpretados pelas gerações futuras.

> A imprensa queria de algum modo esclarecer um público, ora trazendo à luz o que se ocultava nos desvãos do Poder como "segredos de Estado", ora tentando fazer passar uma ideia ou uma causa como indutoras de modernização e progresso. Emergindo historicamente na passagem do Estado absoluto ao Estado de direito, como porta-voz dos direitos (civis) que inauguram a modernidade da cidadania, a imprensa traz consigo a novidade ideológica da liberdade de expressão, além de uma retórica persuasiva enquanto narrativa *princeps* da atualidade. (Sodré; Paiva, 2011, p. 22)

A atuação do jornalismo, portanto, vai além do mero relato de acontecimentos: ele atua como um agente ativo na criação de um senso comum, na legitimação de narrativas históricas e na formação da consciência coletiva. No entanto, esse poder vem acompanhado de responsabilidade e compromisso ético. A maneira como o jornalismo escolhe retratar os eventos, quais histórias são contadas e quais são omitidas, pode reforçar ou desafiar as versões oficiais da história, influenciando diretamente na memória coletiva e na identidade cultural de uma sociedade. Sodré e Paiva (2011) entendem, portanto, que a imprensa se legitima por meio de um "regime de veridicção", ou seja, através de um conjunto de regras e normas que determinam as condições sob quais as declarações são consideradas verdadeiras ou falsas, dependendo do contexto e da área do conhecimento. Ou, nas palavras de Foucault em "O Nascimento da Biopolítica":

> A genealogia de regimes veridiccionais, isto é, a análise da constituição de certo direito da verdade a partir de uma situação de direito, a relação entre direito e verdade tendo encontrado sua manifestação privilegiada no discurso, discurso no qual se formula o direito e no qual se formula o que pode ser verdadeiro ou falso; o regime de veridicção sendo o conjunto das regras que permitem, a propósito de certo discurso, fixar quais são os enunciados que poderão ser caracterizados como verdadeiros ou falsos (Foucault, 2008, p. 49).

Logo, o trabalho jornalístico é uma construção ativa de memória ao qual é dado credibilidade e aceitabilidade social – não é *a verdade*. Sobre isso, Sodré e Paiva acreditam que pensar no jornalismo por meio deste prisma "leva a se concluir que não está ali em jogo nenhuma demonstração lógico-filosófica da verdade, e sim um pacto de credibilidade que, como toda convenção, institui as suas próprias regras (ficcionalmente sedutoras) de aceitação do pactuado" (Sodré; Paiva, 2011, p. 22). Assim, se o jornalismo não é a verdade, mas uma construção, é fundamental entender os mecanismos através dos quais esses meandros são estabelecidos e quais interesses atravessam e influenciam esse fazer jornalístico. Portanto, é essencial não apenas examinar os eventos divulgados pelo jornalismo, mas também investigar quem os configura, sob quais perspectivas e interesses, e identificar quem possui o poder de narrar a realidade.

É importante dizer não se trata aqui de um postulado contra o jornalismo, o jornalista ou fazer jornalístico. Pelo contrário, como jornalista, a autora desta tese reafirma a importância e a responsabilidade do jornalismo na manutenção da democracia e na promoção de uma sociedade mais informada. Isso, no entanto, implica uma conscientização sobre o poder e a influência que a mídia hegemônica tem em moldar a opinião pública, prática que exige constante vigilância crítica tanto dos produtores quanto dos consumidores de notícias.

Por isso, a valorização da imprensa como um pilar democrático não é apenas sobre protegê-la de influências externas, mas também sobre garantir que ela cumpra seu papel com consciência e autocrítica. Ou, como diz Hannah Arendt:

> O dizer a verdade dos fatos abrange muito mais que a informação diária suprida pelos jornalistas, posto que sem eles nunca poderíamos nos orientar em um mundo em contínua mudança e, no sentido mais literal possível, nunca saberíamos onde nos encontraríamos. É claro que isso é da mais imediata importância política; porém, se a imprensa tiver de se tornar algum dia realmente o "quarto poder", ela precisará ser protegida do poder governamental e da pressão social com zelo ainda maior que o poder judiciário, pois a importantíssima função política de fornecer informações é exercida, em termos estritos, exteriormente ao domínio político; não envolve, ou não deveria envolver nenhuma ação ou decisão. (Arendt, 2016, p. 190)

A análise do jornalismo sob esta ótica, no entanto, não é novidade nos meios acadêmicos, nem nas graduações de Comunicação Social, nem nas redações dos jornais brasileiros. Essa abordagem crítica tem longa tradição e é fundamental para entender as dinâmicas de poder na mídia. Portanto, à medida que nos voltamos para a era digital, é imperativo expandir essa análise crítica para as mídias sociais, que transformaram a forma de comunicação em todo o mundo, democratizando o acesso à informação e oferecendo uma pluralidade de vozes. Essa evolução na comunicação tanto ampliou o espectro de quem pode falar, quanto como e sobre o que se pode falar.

Isso, por exemplo, subverteu o papel do jornalismo e do jornalista como o *gatekeeper* que Nelson Traquina, consagrado téorico do jornalismo, conceitua:

> O processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, "portões" que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo "portão"; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua "morte" porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação (Traquina, 2020, p. 115).

Com o advento das mídias sociais, o filtro deixa de ser exclusividade dos grandes conglomerados de mídia. Com mais "portões", há menos chance de uma informação "morrer". Isso, no entanto, traz consigo uma nova complexidade na disseminação de informações. Enquanto isso democratiza o acesso e a disseminação da informação, também facilita a propagação de desinformação e teorias conspiratórias. Assim, enquanto os *gatekeepers* tradicionais operavam com um conjunto de critérios jornalísticos e (em teoria) éticos na seleção de notícias, a ausência de tais filtros nas plataformas digitais leva a uma poluição informativa, onde o volume de conteúdo falso ou enganoso pode sobrecarregar a informação factual.

Considerando toda essa digressão, fica clara uma necessidade premente de uma pesquisa como esta: é imperativo resistir à tentação simplista de atribuir a emergência da manipulação, da falsidade e do engodo exclusivamente ao advento das plataformas digitais. Esses fenômenos são tão antigos quanto a própria comunicação humana: a maldade, a falsidade e a trapaça não surgiram com a internet. Manipulação da informação, como vimos, também não é novidade.

Por outro lado, é crucial que os pesquisadores reconheçam que, embora esses males não sejam oriundos das plataformas digitais, elas, sem dúvida, introduzem novas dinâmicas e amplificam discursos de ódio e todo tipo de falsidades. Elas são permissivas com conteúdos enganosos, uma vez que se beneficiam economicamente da viralização da desinformação e visam engajamento do usuário acima de tudo.

Nesse cenário, o pesquisador assemelha-se a um equilibrista na corda bamba, que deve navegar com sabedoria pelas dualidades das mídias e da comunicação humana em uma contemporaneidade complexa, equilibrando-se cuidadosamente entre a crítica e a compreensão, para não cair nas armadilhas da simplificação nem perder de vista as heranças anteriores à sociedade hiperconectada, mas sem descartar o impacto que uma sociedade em rede provocou nos processos socio-político-históricos que temos testemunhado.

Em seu texto "Verdade e Política", publicado em 1967, Hannah Arendt diz: "Sempre se consideraram as mentiras como ferramentas necessárias e justificáveis ao ofício não só do político ou do demagogo, como também do estadista" (Arendt, 2016, p. 167). Ao destacar que as mentiras têm sido vistas como instrumentos legítimos na esfera da política, Arendt convida a refletir sobre a complexidade das relações entre verdade, poder e representação.

> Vista do ponto de vista da política, a verdade tem um caráter despótico. Ela é, portanto, odiada por tiranos, que temem com razão a competição de uma força coerciva que não podem monopolizar, e desfruta de um estado um tanto precário aos olhos de governos que se assentam sobre o consentimento e abominam a coerção. Os fatos estão além de acordo e consentimento, e toda conversa sobre eles – toda troca de opiniões baseada em informações corretas – em nada contribuirá para seu estabelecimento. Podem-se discutir opiniões inoportunas, rejeitá-las ou chegar a um compromisso acerca delas, porém fatos indesejáveis possuem a enfurecedora pertinácia de nada poder demovê-los a não ser mentiras cabais (Arendt, 2016, p. 176).

Neste contexto, a análise das dinâmicas políticas e sociais contemporâneas, especialmente no Brasil, ganha uma nova camada de complexidade. Ao investigar a persistência e a influência das ideologias conservadoras desde o período do regime militar até a sociedade brasileira contemporânea, é preciso levar em consideração o contexto histórico, as transformações no modo como a história é transmitida e interpretada, além dos processos

midiáticos – analógicos ou digitais; hegemônicos ou alternativos – que se configuram. Como entendem Rego e Barbosa (2020):

> Temos que considerar as preocupações com os ataques ao conhecimento, à História e à memória. As disputas hoje acontecem pelo passado, mas também sobre o presente e com vistas a decidir o futuro. Memória e História estão sendo construídas em bases não factuais. O passado está sendo negado e a memória, silenciada mais uma vez. [...]Estamos suspensos em um reino em que o saber se dissocia do poder e em que a farsa se transforma em política, em educação, em ciência em jornalismo e, por fim, em história (Rego; Barbosa, 2020, p. 183).

Nesse sentido, levando-se em consideração o advento das mídias sociais e a herança de uma máquina midiática que, em muito, esteve vinculada à ditadura, é seguro afirmar que os significados da história brasileira estão em disputa mais do que nunca. Entender que diversos atores e grupos políticos utilizam essas memórias e esquecimentos para promover suas agendas e ideologias, moldando a percepção coletiva dos acontecimentos passados, é crucial para analisar como essa mensagem se metamorfoseou e sobreviveu mesmo após à redemocratização. Ao refletir sobre as semelhanças discursivas, a exaltação do nacionalismo, a defesa de valores conservadores e a retórica de confronto contra a esquerda, percebe-se uma persistente influência dessas ideias no cenário político atual. Inspirando-se nas ideias de Ricœur (2007), podemos compreender que a memória coletiva brasileira desempenha um papel significativo na formação dessas narrativas autoritárias, cujas raízes podem ser traçadas até esse passado ditatorial. É, portanto, imprescindível alertar a sociedade sobre os perigos do autoritarismo e da manipulação da memória histórica, buscando aprender com os erros do passado, se ainda houver tempo.

Dessa forma, o título desta tese *O Regime de Desinformação da Nova Direita Brasileira: A ascensão de uma revolução digital ultraconservadora* é um esforço teórico de síntese e problematização do fenômeno que se busca investigar. Ao utilizar o termo *regime de desinformação*, propõe-se um deslocamento analítico: trata-se de compreender a desinformação não como uma simples soma de conteúdos falsos, enganosos ou manipuladores, mas como parte constitutiva de um sistema informacional estruturado, persistente e funcional. Inspirada na noção de *regime de informação* (Frohmann, 1995; González de Gomez, 2002; Braman, 2004), discutida no Capítulo 3, esta pesquisa entende que vivemos sob um arranjo sociotécnico no qual a produção, circulação e recepção da informação ocorrem segundo lógicas que favorecem o sensacionalismo, a polarização e a captura algorítmica da atenção, elementos centrais ao funcionamento das plataformas digitais.

Esse regime não é neutro. Ele está diretamente imbricado com interesses econômicos, políticos e ideológicos, que encontram, nas mídias sociais, terreno fértil para consolidar narrativas extremistas, promover revisionismos históricos e sustentar mitos autoritários. Em outras palavras, a desinformação não é uma anomalia do sistema, mas sim uma ferramenta eficaz dentro de um ecossistema informacional orientado pela lógica do lucro e da vigilância (Morozov, 2018; Zuboff, 2021; Bezerra, 2023). Sob esse ponto de vista, o termo "regime" carrega a carga histórica e política necessária para demonstrar que a disputa por sentidos, memórias e verdades está organizada em torno de estruturas de poder que atravessam plataformas, agentes humanos, tecnologias e políticas públicas, ou a ausência delas.

Portanto, esta pesquisa parte da hipótese de que há, no Brasil contemporâneo, um regime de desinformação que serve à nova direita, aqui entendida como um movimento transnacional de matriz ultraconservadora, com raízes no passado autoritário nacional, mas fortemente impulsionada pelas transformações nas Tecnologias de Informação e Comunicação. A ascensão desse regime não se dá por acaso, tampouco é espontânea: ela é resultado de articulações políticas, econômicas, religiosas e culturais que se projetam no ambiente digital com uma potência até então inédita. Investigar esse fenômeno é, portanto, uma forma de compreender as engrenagens que sustentam o crescimento da extrema-direita no país e, mais do que isso, de propor ferramentas críticas para enfrentá-lo.

Compreender esse regime de desinformação, portanto, não é apenas um exercício acadêmico, mas um imperativo social e também político. Ao lançar luz sobre as estratégias, os agentes e as tecnologias que sustentam essa lógica perversa de circulação da informação, busca-se também intervir criticamente no presente. Afinal, os efeitos desse regime não se restringem ao campo simbólico: eles afetam diretamente a democracia, os direitos humanos e a memória coletiva.

Além disso, também é necessário justificar aqui o percurso construído ao longo da pesquisa e as decisões fundamentais que orientaram sua estrutura e abordagem. Trata-se de uma investigação atravessada por escolhas teóricas e metodológicas que moldaram tanto o objeto de estudo quanto a forma de conduzir e organizar o trabalho. Considerando a complexidade e a extensão do corpus (mais de 500 mil mensagens extraídas de 205 grupos no Telegram) optou-se por apresentar, no segundo capítulo, os procedimentos metodológicos adotados. Essa organização permite que se compreenda, os contornos técnicos da pesquisa, o processo de construção do banco de dados e as ferramentas analíticas empregadas, facilitando a leitura dos capítulos teóricos que se seguem. A metodologia, na presente pesquisa, funciona

como um ponto de ancoragem: ela esclarece os caminhos que tornam possível a investigação e dá visibilidade às decisões que sustentam os resultados alcançados.

O Capítulo 3 realiza, então, o mergulho conceitual necessário para compreender o fenômeno da desinformação. Parte-se da reflexão sobre o que é informação, dentro do âmbito da Ciência da Informação, o que é desinformação e como essas noções são atravessadas por disputas de poder, para, então, refletir sobre o conceito de regime de desinformação, que está no título desse estudo: um arranjo sociotécnico e ideológico no qual a circulação de sentidos no ambiente digital passa a operar sob a lógica do lucro, da vigilância e da polarização. Amparado por autores como Frohmann, González de Gómez, Braman, Zuboff, Morozov, Rêgo, Recuero, Schneider, Bezerra, entre outros, esse capítulo constrói as bases teóricas que sustentam toda a análise posterior.

O Capítulo 4 dedica-se à discussão sobre ideologia e extrema-direita, resgatando as raízes autoritárias do pensamento bolsonarista e analisando os discursos e personagens que compõem esse universo. Através da análise de figuras como Olavo de Carvalho, do uso político do documento *Orvil* — relatório sigiloso elaborado pelas Forças Armadas durante a redemocratização — e da reatualização simbólica da ditadura militar, que tem como principal arauto o ex-comandante do DOI-CODI, Carlos Alberto Brilhante Ustra, o capítulo evidencia os mecanismos pelos quais a memória histórica é manipulada e instrumentalizada para fins políticos.

O Capítulo 5 é o núcleo analítico da tese. É onde os caminhos teóricos, as escolhas metodológicas e o grande volume de dados coletados se encontram. O capítulo começa com uma análise quantitativa dos grupos, destacando padrões de publicação, usuários mais ativos, tipos de conteúdo compartilhado e volume de mensagens ao longo do tempo. Em seguida, são explorados os comandos de mobilização e instrução presentes nesses espaços digitais, evidenciando como uma linguagem imperativa, muitas vezes com tom militaresco, é empregada para incentivar ações, desobediência civil e rejeição às instituições democráticas. Depois, o texto apresenta uma leitura pelas seis categorias de grupos criadas por esse estudo – *Anti-Woke and Gender, Antivax, Bolsonarism, General Conspiracy, NWO and Globalism, Revisionism and Hate Speech*) – e como essas diferentes temáticas participam do ecossistema da desinformação bolsonarista de formas específicas.

A parte mais detalhada do capítulo se dedica às análises temporais, que mostram os momentos de maior radicalização discursiva durante eventos políticos importantes do ciclo eleitoral de 2022, como o segundo turno, a diplomação de Lula, a posse presidencial e os

ataques de 8 de janeiro. Ao observar o conteúdo produzido dia a dia nesses contextos, é possível identificar picos de atividade, termos recorrentes e padrões de incitação simbólica. Na sequência, analisa-se o crescimento do uso da palavra “intervenção”, que se torna um marcador importante da retórica golpista. Essa análise é acompanhada por um estudo de bigramas, ou seja, pares de palavras que aparecem frequentemente juntas, revelando a presença simbólica das Forças Armadas na narrativa conspiratória. Por fim, o capítulo discute como se constrói a figura do inimigo interno, representado pela expressão “comunista malvado”, muito comum nas mensagens e memes analisados. Essa figura é examinada em sua forma textual e também por meio de visualizações gráficas, como nuvens de palavras formadas a partir dos discursos de três personagens centrais do bolsonarismo: Ustra, Olavo de Carvalho e Bolsonaro.

Portanto, esta pesquisa justifica-se pela relevância social, política e científica do fenômeno que se propõe a investigar. A articulação entre memória histórica, tecnologias da informação e estratégias de desinformação já vem mobilizando um número expressivo de pesquisadores em diversas áreas do conhecimento, refletindo a complexidade e a urgência do tema. Ainda assim, há lacunas importantes a serem exploradas, especialmente no que diz respeito aos modos como essas dinâmicas informacionais se estruturam e operam no ecossistema digital. Este trabalho se propõe a contribuir para esse campo em expansão com um recorte específico e inédito: a análise da atuação comunicacional de grupos bolsonaristas e conspiracionistas no Telegram no contexto que culminou na insurreição e tentativa de golpe de Estado de 8 de janeiro de 2023, episódio que já ocupa lugar marcante na história política recente do Brasil.

A Ciência da Informação assume, nesse contexto, um papel central, por sua capacidade analítica e por sua natureza inter e multidisciplinar, que permite articular diferentes dimensões (técnicas, sociais, políticas, simbólicas etc) envolvidas na produção e circulação da informação. Ao abordar essas questões com base em um corpus robusto e em fundamentos teóricos consolidados, esta pesquisa busca oferecer uma contribuição original para o aprofundamento das discussões sobre os regimes informacionais contemporâneos, principalmente – mas não só – no Brasil, e suas implicações para o funcionamento das democracias.

1.7 A LENTE DO BOM SENSO

A realização desta pesquisa exige a adoção de um equilíbrio acadêmico e a

manutenção de um rigor científico, evitando-se a influência de emoções e subjetividades. A inspiração, neste caso, vem de um romance escrito por Joaquim Manuel de Macedo e publicado em 1869. A obra nem de longe é tão conhecida quanto "A Moreninha", história por meio da qual Macedo ganhou notoriedade. A Luneta Mágica é uma história cômica, conduzida pelo protagonista chamado Simplício, um jovem sonhador e ingênuo, sem senso crítico sobre o mundo que o cerca. Míope de nascença, Simplício enxerga muito pouco e, além disso, se diz acometido por uma miopia moral: "sou sempre escravo das ideias dos outros; porque nunca pude ajustar duas ideias minhas" (Macedo, 1990, p. 20).

A história se desenrola a partir de uma luneta dada a Simplício. Um mágico armênio, compadecido de sua deficiência visual, presenteia o rapaz com uma lente que corrige sua visão. Porém, o feiticeiro faz um alerta: se fixar o olhar por mais de três minutos em qualquer objeto, terá a visão do mal e verá apenas o que é maligno em tudo que o cerca. É claro que ele não obedece ao mago e se desespera ao ver o mundo apenas pelo seu prisma horripilante. Simplício prefere ser míope a ter que enxergar só a maldade intrínseca a tudo e a todos e, em um rompante de agonia, destrói a luneta. Ele se reúne novamente com o armênio, que lhe entrega uma nova lente, agora com a visão do bem. Desobedecendo novamente às ordens do encanto, Simplício enxerga apenas o bem e, a partir de uma visão exagerada da bondade das pessoas, é enganado por inúmeros trapaceiros que se aproveitam de sua boa fé. Sem rumo e refém da visão do bem, Simplício não consegue identificar os perigos do mundo e é salvo novamente pelo mago. Por fim, o feiticeiro decide dar a ele uma última luneta: "Pela visão do *bom senso* reconhecerás onde está o bem e o mal, e mil vezes poderás aproveitar o bem, e livrar-te do mal" (Macedo, 1990, p. 158).

Esta alegoria é muito cara à presente pesquisa. Quando se estuda ambientes de extremismos políticos, permeados por discurso de ódio, preconceitos, exaltação ao fascismo e a tudo que há de ruim na humanidade, há a tendência de uma cegueira moral, um compreensível desânimo acadêmico e uma certa exasperação por parte dos pesquisadores da área. O sentimento de impotência perante uma avalanche desinformativa é uma queixa comum entre os profissionais que lidam com esses fenômenos, como foi possível constatar a partir de trocas online com os colegas da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD). Surgem questões como: será que a resistência contra os regimes de desinformação é em vão? Realmente compensa dedicar horas decifrando absurdos e teorias conspiratórias em busca de alguma lógica? Como uma tese de doutorado pode se contrapor ao gigantesco esquema de exploração da informação global? No entanto, em grupo somos mais fortes e,

portanto, seguimos em frente.

Por outro lado, pode ser tentador acreditar que os grupos influenciados por esse sistema consistem unicamente em indivíduos com limitações intelectuais, que são todos desprovidos da habilidade para analisar informações básicas, que são um bloco uno de pessoas carentes de formação política ou educacional. Ou seja, que são facilmente manipulados e que suas concepções ecoam somente dentro das bolhas ilusórias em que se encontram, sem impactar o mundo exterior. Esse pensamento é, por vezes, muito sedutor, mas não representa a realidade. É preciso entender o porquê de as massas serem atraídas por esses discursos e, principalmente, a consequência que isso gera no sistema políticos dos países, principalmente do Brasil.

Para a execução deste estudo, a luneta do bom senso exige equilíbrio metodológico, conhecimento sociopolítico e pesquisa histórica. É fundamental para lidar com os elementos complexos presentes nos grupos bolsonaristas, onde a desinformação, as teorias da conspiração e o discurso de ódio são uma constante. Saber navegar por esse contexto desafiador, mantendo uma postura crítica e fundamentada, sem perder de vista a compreensão das motivações de dinâmicas sociais tão intricadas, é um objetivo firme, mas não fácil.

Que a luneta do bom senso ajude a guiar esse caminho de análise crítica e consciente, permita que a pesquisa avance além das aparências superficiais, desvelando os meandros e as nuances desse universo complexo e que, dessa forma, seja possível contribuir para um debate fundamentado, onde a desinformação e o discurso de ódio possam ser combatidos de maneira eficaz, promovendo o diálogo e a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e humana.

2

METODOLOGIA

Muitas vezes, a atividade de um pesquisador se assemelha à de um detetive. Buscamos resolver os mistérios, entender os contextos e motivações ocultas. No entanto, esse caminho raramente é linear. Assim como um detetive pode se deparar com pistas falsas ou seguir hipóteses que não se confirmam, o pesquisador frequentemente precisa reavaliar suas abordagens, questionar premissas iniciais e explorar novos métodos de investigação. Cada curva inesperada, cada desvio de rota, enriquece o processo, permitindo que se construa uma compreensão mais sólida e abrangente do objeto de estudo. É nesse constante vaivém entre tentativa, erro e descoberta que reside o verdadeiro desafio e a beleza da pesquisa científica.

Esta tese é um bom exemplo desse percurso. O projeto inicial da pesquisa tinha um objetivo bastante diferente do produto final aqui apresentado. No primeiro ano de doutorado, o foco estava em investigar grupos conspiracionistas no Telegram, como aqueles dedicados a narrativas antivacina, terraplanistas e negacionistas de maneira geral. Com início em 2021, este doutorado teve forte influência dos impactos sociais, econômicos e psicológicos da pandemia de Covid-19 e das crescentes discussões sobre desinformação e teorias conspiratórias que ganharam força nesse período. Esses fatores motivaram a escolha inicial de investigar como grupos no Telegram operam na disseminação de narrativas negacionistas, configurando-se como espaços de radicalização e mobilização em torno dessas ideias. Nos dois primeiros anos da trajetória acadêmica, esse caminho foi consolidado por meio da exploração de bibliografias relevantes, participação nas disciplinas oferecidas pelo PPGCI-IBICT/UFRJ e pelo aprofundamento no estudo do regime de desinformação, com foco em como ele se articula no ciberespaço e influencia a política brasileira.

O interesse pelo Telegram surgiu, em grande parte, devido à facilidade de acesso ao conteúdo disseminado na plataforma e à ampla circulação de informações infundadas, narrativas manipuladoras e conteúdos desinformativos. Logo no primeiro mergulho nesse universo, ficou evidente que algo muito mais sério estava em curso, demandando a definição de um recorte e de uma metodologia adequados para o trabalho que se pretendia desenvolver. É importante destacar também que é mais fácil acessar os grupos pelo Telegram do que pelo Whatsapp. Nesse contexto inicial, uma comparação com o entre os dois aplicativos de mensagens é inevitável, e as diferenças entre as duas plataformas serão exploradas ainda neste capítulo.

Dois anos depois, no dia 8 de janeiro de 2023 – data em que manifestantes invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes em Brasília em um ataque sem precedentes contra a

democracia brasileira desde o golpe militar de 1964 –, o papel dos grupos no Telegram tornou-se ainda mais evidente. A movimentação nesses espaços foi intensa, com estratégias de mobilização, convocação e reforço de narrativas antidemocráticas ocorrendo de forma explícita. Diante desse cenário, a mudança no recorte da pesquisa tornou-se irresistível e inevitável, refletindo a urgência de compreender a dinâmica desses grupos no contexto de eventos políticos tão relevantes. Portanto, foi preciso recorrer a uma combinação de metodologias para desatar os nós e desvendar as complexas camadas desse fenômeno.

O percurso metodológico desta pesquisa reflete a complexidade e os desafios inerentes ao estudo de fenômenos emergentes no ciberespaço. O processo teve início com uma navegação exploratória, que permitiu um primeiro contato com as dinâmicas dos grupos no Telegram. A partir daí, evoluiu para uma observação não participante, que trouxe insights importantes para a seleção inicial de um conjunto reduzido de grupos a serem analisados em maior profundidade. Foi nesse ponto que surgiu a ideia de adotar a etnografia digital como abordagem central, complementada de revisão bibliográfica e reflexão histórica sobre a formação de narrativas. Essa abordagem metodológica será abordada ainda nesse capítulo.

No entanto, com o crescimento exponencial dos grupos monitorados, tornou-se evidente que seria impossível conduzir uma etnografia completa – que envolve a vivência profunda em uma comunidade – em mais de 200 grupos do Telegram. Dessa forma, tornou-se imprescindível redirecionar o foco da etnografia para metodologias complementares capazes de abarcar a complexidade e a magnitude do objeto de estudo, sem, contudo, renunciar à contribuição essencial da vivência e da observação dos grupos. Essas experiências práticas foram fundamentais para desenvolver uma intuição apurada sobre os funcionamentos internos desses espaços, identificar padrões e apontar caminhos metodológicos, muitos dos quais se confirmaram produtivos posteriormente na etapa de cruzamento de dados.

À medida que o projeto avançava, a pesquisa incorporou a análise textual como uma ferramenta essencial para compreender o apelo laudatório de muitos grupos por um retorno aos tempos da ditadura militar. Para isso, foram adotadas três referências principais que fundamentam as estratégias de revisionismo histórico sobre o regime militar no Brasil: Carlos Alberto Brilhante Ustra, Olavo de Carvalho e uma compilação dos discursos oficiais de Jair Bolsonaro durante seu mandato como presidente da República, entre 2019 e 2022.

Paralelamente, o monitoramento de 205 grupos apresentou desafios significativos, demandando uma redefinição metodológica que culminou na adoção da raspagem de dados diretamente a partir do Telegram e na consolidação de um banco de dados robusto. A

execução dessas etapas técnicas exigiu o desenvolvimento de habilidades computacionais e o domínio de linguagens de programação, resultando em uma transformação metodológica que integrou, de maneira inovadora, a reflexão histórica, teórica e bibliográfica com ferramentas das Humanidades Digitais. Essa abordagem permitiu uma análise mais detalhada e precisa das complexidades do regime de desinformação investigado. Além disso, o cruzamento dos dados foi realizado por meio da metodologia de Análise Exploratória de Dados (AED, do inglês *Exploratory Data Analysis – EDA*), possibilitando a identificação de padrões e tendências significativas no conjunto de informações coletadas.

Esse processo, embora longo e por vezes desafiador, resultou em uma trajetória que enriqueceu profundamente a formação da pesquisadora, enquanto profissional, acadêmica e analista de dados. Cada etapa contribuiu para ampliar sua compreensão sobre o fenômeno investigado, revelando novas perspectivas e consolidando habilidades essenciais para estudos futuros em contextos similares. A partir daqui, as etapas metodológicas serão esmiuçadas, detalhando o caminho percorrido e as escolhas que moldaram esta investigação. Tal como um detetive que reúne pistas para desvendar um mistério, o pesquisador também percorre um caminho de eliminação e descoberta. Nesse contexto, as palavras de Sherlock Holmes sintetizam a essência desse processo: “quando tiver eliminado o impossível, o que fica, por mais improvável que seja, deve ser a verdade” (Doyle, 2007, p. 137).

2.1 WHATSAPP VERSUS TELEGRAM

Para compreender o papel de aplicativos como WhatsApp e Telegram na mobilização política digital contemporânea, é necessário partir de uma conceituação do que se entende por rede social digital. Como explica Recuero (2009, p. 24), redes sociais são estruturas compostas por atores e pelas conexões que os ligam, sendo essencialmente formadas e mantidas por interações sociais. No caso da internet, essas redes passam a ser digitais, ou seja, mediadas por tecnologias específicas que condicionam os fluxos de informação e as formas de sociabilidade. Diz a autora:

> Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que

> impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos (Recuero, 2009, p. 24).

Aplicativos de mensagens instantâneas, como WhatsApp e Telegram, são plataformas digitais voltadas à troca direta e rápida de mensagens entre usuários, geralmente em tempo real, com recursos que incluem envio de texto, áudio, vídeo, arquivos e chamadas. Diferenciam-se das redes sociais digitais tradicionais por priorizarem a comunicação privada e grupal, embora seus usos extrapolem essa função, especialmente em contextos de mobilização política e circulação de desinformação (Castells, 2019; Nemer, 2022).

Como argumenta David Nemer (2022), essas plataformas funcionam como verdadeiros espaços sociotécnicos de articulação política, sobretudo em contextos de desigualdade, exclusão midiática e baixa confiança nas instituições. O WhatsApp, em particular, tem se consolidado como uma "infraestrutura invisível" da política cotidiana, especialmente entre setores populares, operando como canal de informação, arena de disputa simbólica e espaço de mobilização.

> Embora apenas uma pequena fração dos brasileiros fizesse parte desses grupos, e embora não fossem representativos de todos os eleitores de Bolsonaro, esses grupos revelaram como as pessoas têm se radicalizado em aplicativos de mensagens como o WhatsApp — o oposto completo do conceito de 'tecnologia do cotidiano', já que a radicalização era sustentada por desinformação e ódio, e não por libertação. [...] Eles sugeriram que milícias virtuais foram pagas para infiltrar grupos e espalhar desinformação. Esses grupos radicais também impulsionaram protestos que pediam o fechamento do Congresso, a extinção do Judiciário e até a volta do regime militar. Tais ideias revelam o quanto o discurso político no Brasil se radicalizou sob um presidente que há muito celebra a ditadura militar (Nemer, 2022, p. 160).

Assim, mesmo que não sejam redes sociais digitais clássicas, tais aplicativos podem ser considerados, para fins analíticos, como ambientes de rede, onde fluxos informacionais, construção de laços e circulação de sentidos configuram dinâmicas sociais complexas e politicamente relevantes. Compreender o funcionamento dessas plataformas é essencial para entender sua influência no jogo político e nas campanhas eleitorais ao redor do mundo. E o Brasil não é exceção. Esse impacto começou a se tornar evidente com as Jornadas de Junho de 2013, um marco na história recente do país. Inicialmente motivadas pelo aumento das tarifas de transporte público, essas manifestações se expandiram, incorporando uma variedade de pautas, como saúde, educação e combate à corrupção, e reunindo milhões de pessoas nas ruas. As redes sociais foram fundamentais na mobilização, permitindo a organização de protestos e a disseminação de narrativas que, por vezes, escapavam ao controle dos veículos de mídia tradicionais.

No entanto, o movimento, que nasceu de forma difusa e apartidária, foi

gradativamente apropriado por setores da extrema-direita e por movimentos políticos conservadores. Esse processo de sequestro narrativo ocorreu em um contexto de insatisfação generalizada com as instituições políticas e de crise de representação, o que abriu espaço para que pautas antigovernamentais e antipartidárias fossem amplificadas. Grupos conservadores utilizaram as mídias sociais para transformar as demandas das ruas em um discurso alinhado aos seus interesses, especialmente o ataque à esquerda e ao Partido dos Trabalhadores (PT), que ocupava a presidência na época. Essa apropriação foi crucial para pavimentar o terreno político e cultural que culminaria, anos depois, na ascensão de Jair Bolsonaro. Como entende Marcos Nobre em *Limites da Democracia*:

> É certo que Junho de 2013 mostrou que a blindagem pemedebista era vulnerável. Durante todo o segundo semestre daquele ano, o que se viu foi um sistema político atordoado, sem saber como responder a uma inédita perda relativa do controle da política. E, no entanto, apesar da perda relativa de controle da política pelo sistema político, não se formou naquele momento um polo de poder alternativo ao próprio sistema político, seja à direita, seja à esquerda. [...] Como não encontravam canalização institucional possível, o único caminho possível foi o de se organizar em termos de uma oposição extrainstitucional. E foi aí que a decisão do PT como líder do condomínio pemedebista naquele momento de cerrar leiras com o sistema político contra esses impulsos antissistema foi determinante para que eles fossem organizados e canalizados pela direita, em sentido amplo. A característica histórica da esquerda como força antissistema passou, assim, para as mãos da direita. Mas não para as mãos da direita tradicional, encastelada no sistema político, regida pela lógica do pemedebismo. Para as mãos de "novas direitas", justamente. (Nobre, 2022, p. 188)

Compreender como as Jornadas de Junho de 2013 expuseram as vulnerabilidades do sistema político brasileiro e abriram espaço para a emergência de novas forças políticas, sobretudo à direita, em oposição às estruturas tradicionais, é essencial para entender o terreno que possibilitou a consolidação de estratégias digitais capazes de potencializar a mobilização extra institucional, como o uso de redes sociais e aplicativos de mensagens. No contexto desta pesquisa, é crucial entender a ascensão do WhatsApp como uma ferramenta central de articulação política durante as eleições de 2018. É igualmente importante reconhecer que essa ascensão não foi um evento isolado, mas sim um desdobramento orgânico do processo de reorganização das forças políticas, culminando em uma campanha caracterizada pela eficiência na comunicação direta e pela disseminação em larga escala de desinformação.

> Em grupos de Whatsapp, em conversas entre bolsonaristas e nas próprias redes sociais do MBL ou do Bolsonaro era muito recorrente ler ou escutar que esses grupos seriam um "bando de vagabundos", que "mamam das tetas do Estado" e "querem direitos para bandidos", na lógica binária do cidadão de bem, que se encaixa nos padrões conservadores e meritocráticos, e o bandido, todo aquele que se opõe a essa figura. [...] A candidatura de Bolsonaro foi erguida e potencializada na negação das diferenças políticas e na moralização do debate público, apresentando

> os adversários como inimigos não só de ordem política, mas também de ordem moral e religiosa. (Solano, 2019, p. 316-317)

Nesse sentido, o WhatsApp desempenhou um papel significativo na eleição de Jair Bolsonaro em 2018, sendo considerado um importante canal de comunicação e disseminação de informações durante a campanha. A plataforma de mensagens instantâneas permitiu que apoiadores de Bolsonaro se conectassem e compartilhassem conteúdo de forma rápida e ampla, possibilitando a formação de grupos e redes de apoio que impulsionaram sua campanha. Durante a campanha de 2018, uma das características-chave do WhatsApp é a possibilidade de compartilhamento de mensagens em grupos, o que permitiu que apoiadores de Bolsonaro disseminassem informações de maneira rápida, eficiente, de maneira a criar engajamento e proximidade com seus eleitores. Essa estratégia, que contou com disparos de mensagens em massa para seus apoiadores, contribuiu também para a criação de um sistema coordenado de desinformação contra seus adversários políticos em uma escala nunca vista (Baptista *et al.*, 2019; Bastos dos Santos *et al.*, 2019; Burgos, 2019; Mello, 2020).

> No WhatsApp, a estratégia baseou-se em contar histórias que demonizavam o Partido dos Trabalhadores ou seu candidato, Fernando Haddad, para justificar a narrativa de fraude nas urnas eletrônicas, recorrendo mais uma vez a emoções específicas, particularmente o medo. Essas histórias também mencionavam veículos de comunicação, institutos de pesquisa e o Tribunal Superior Eleitoral, alegando que estariam envolvidos em uma conspiração para alterar as eleições. O enquadramento de 'bem' versus 'mal' era uma estratégia típica de legitimação. A estratégia de 'nós' contra 'eles' é frequentemente usada em discursos manipulativos. Muitas das histórias no WhatsApp incluíam teorias da conspiração fabricadas (Recuero; Soares; Vinhas, 2019, p. 10, tradução nossa).

Após as ilegalidades serem publicadas pela imprensa, o aplicativo admitiu o envio maciço e ilegal de mensagens nas eleições de 2018 a partir de iniciativas contratadas por empresas[35]. Em seguida, a plataforma limitou o encaminhamento de mensagens simultaneamente para 20 pessoas em agosto de 2018[36] e, meses depois, em janeiro de 2019, o limite de encaminhamento simultâneo caiu para apenas 5 pessoas[37], o que dificulta que a manobra política seja repetida na mesma proporção.

Apesar do Whatsapp ainda figurar como líder incontestável em mensagens

---

[35] Como visto na reportagem da Folha de São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml. Acessado em: 01 de junho de 2023.

[36] Como visto na reportagem do portal especializado em tecnologia TechTudo. Disponível em: https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/08/whatsapp-limita-encaminhamento-de-mensagens-para-combater-fake-news.ghtml. Acessado em: 01 de junho de 2023.

[37] Como visto na reportagem do mesmo portal. Disponível vem: https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/01/whatsapp-limita-o-encaminhamento-de-mensagens-para-cinco-contatos.ghtml. Acessado em: 01 de junho de 2023.

instantâneas no país, seu concorrente direto, o Telegram, tem conquistado uma fatia cada vez maior nos dispositivos móveis dos brasileiros. De acordo com uma pesquisa independente realizada pelas empresas Panorama Mobile Time/Opinion Box[38] em abril de 2024, o aplicativo já está presente em 63% dos aparelhos e aparece na tela inicial de 13% dos celulares, alcançando a quarta posição no ranking dos aplicativos mais populares nas homescreens[39].

O Telegram figura em quarto lugar no ranking dos serviços de mensageria móvel no Brasil, segundo a mesma pesquisa. Ele apresenta diferenças cruciais na maneira de interação entre os usuários. Em primeiro lugar, o aplicativo permite que um único grupo tenha até 200.000 membros[40]. Em uma atualização em 2023, o Whatsapp ampliou de 256 para 1024 a máxima capacidade de pessoas em um único grupo.[41]

No entanto, a diferença central que motivou esta pesquisa a se debruçar sobre interações em um aplicativo e não no outro é a facilidade de acesso, navegação e rastreamento de informações. Explica-se: ambos os aplicativos favorecem a criação de grupos. Todavia, no Whatsapp é necessário que algum dos membros aprove a inserção de uma nova pessoa ou que haja um link de acesso. No Telegram, não. A maioria dos grupos estão livres de qualquer triagem para acesso. Basta procurar palavras-chave na ferramenta de busca para que todos os grupos relacionados ao termo sejam mostrados pela interface e que fiquem disponíveis para a participação. Como demonstram as capturas de tela abaixo com os termos “antivacina”, “QAnon”[42] e “Terra Plana”:

Figura 4 - Busca por “antivacina”, “QAnon” e “Terra Plana” no Telegram

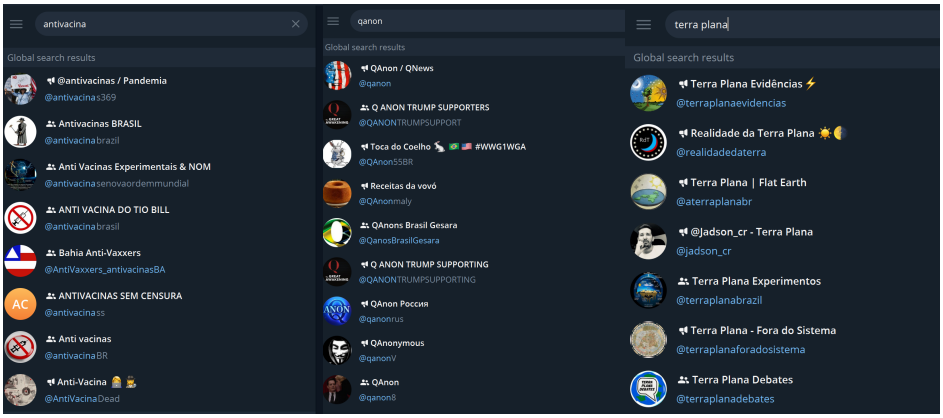
[38] Pesquisa completa disponível em: https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/mensageria-no-brasil-marco-de-2024/ Acessado em 31 de janeiro de 2024

[39] A homescreen (ou tela inicial) de um celular é a tela principal que aparece quando você desbloqueia o dispositivo. Ela funciona como um painel de acesso rápido para aplicativos, widgets e outras funções do sistema operacional.

[40] Como informa o site oficial da empresa. Disponível em: https://telegram.org/faq/br . Acessado em 31 de junho de 2023.

[41] Como anunciou a empresa por meio de seu perfil na plataforma X, antigo Twitter: https://twitter.com/WhatsApp/status/1638208960732831747

[42] QAnon é uma teoria da conspiração de extrema direita que surgiu nos Estados Unidos em 2017, baseada na crença de que uma elite global secreta, composta por políticos, empresários e celebridades, estaria envolvida em crimes como pedofilia e tráfico humano. Seus seguidores acreditam que Donald Trump estaria travando uma guerra secreta contra essa suposta cabala. A teoria se espalhou amplamente por redes sociais digitais e inspirou movimentos extremistas ao redor do mundo. No Brasil, QAnon encontrou espaço em segmentos da extrema direita, sendo incorporado a narrativas conspiratórias que alimentam desconfiança nas instituições democráticas e reforçam pautas bolsonaristas, especialmente no combate a supostas "ameaças comunistas" e na deslegitimação do sistema eleitoral.



Fonte: Capturas de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Também é possível acessar facilmente grupos em vários idiomas com conteúdo neonazista a partir de buscas como “Hitler” e “Reich”:

Figura 5 - Busca por “Hitler” e “Reich” no Telegram

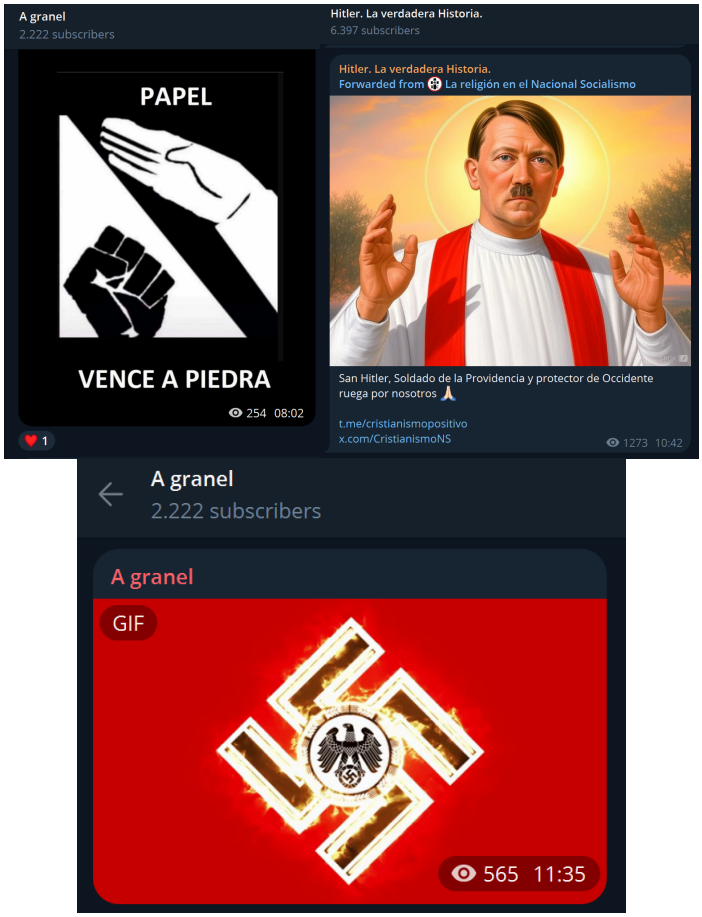


Fonte: Capturas de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Seguem abaixo algumas das postagens encontradas nos grupos neonazistas:

Figura 6 - Postagens de grupos neonazistas abertos ao público no Telegram



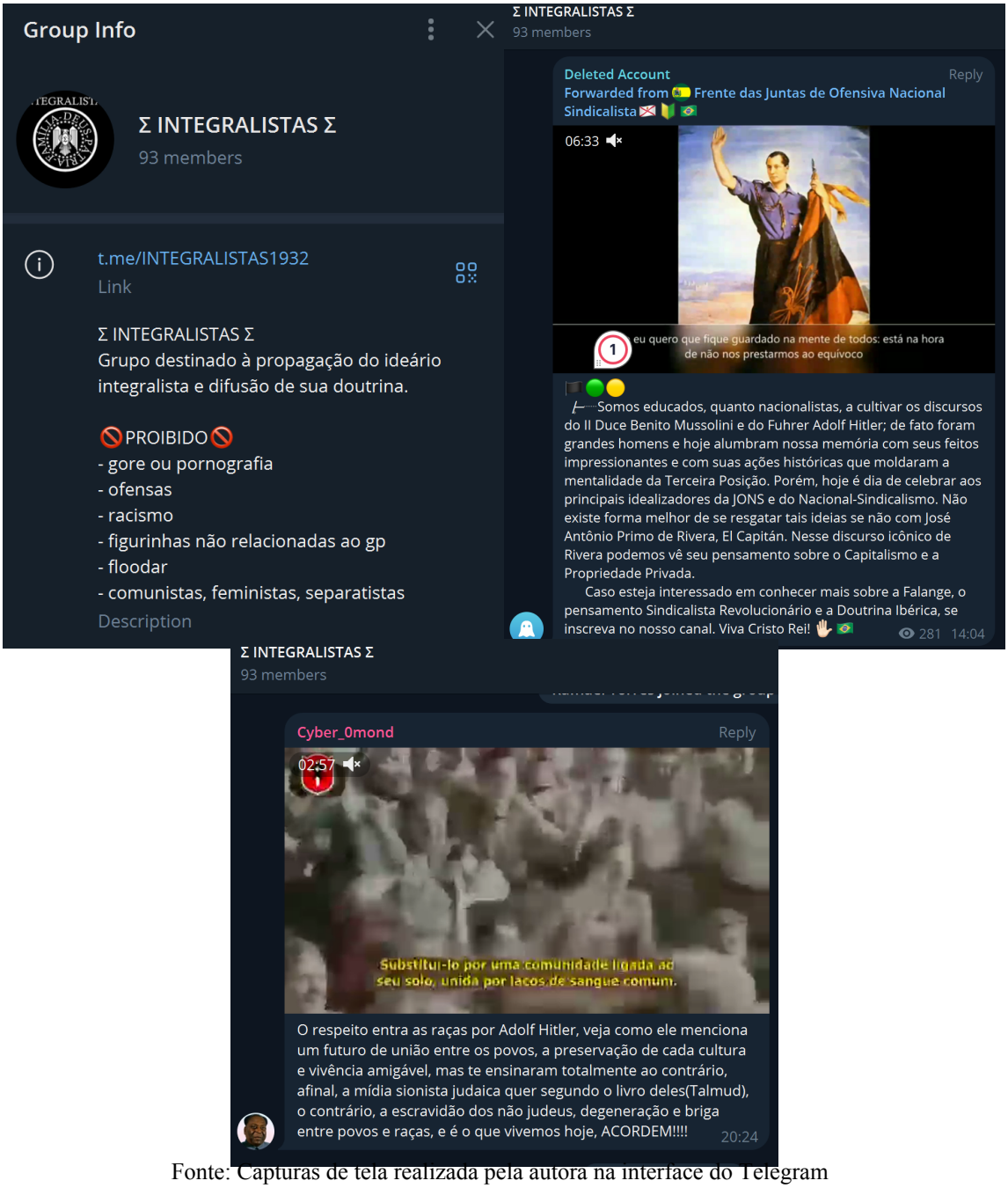


Fonte: Capturas de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Ainda sobre ideologias fascistas em português brasileiro, destacamos o grupo Integralistas (@INTEGRALISTAS1932)[43] que declara explicitamente que é destinado "à propagação da ideologia integralista e difusão de sua doutrina". E, embora diga que é proibido fazer postagens racistas, é muito comum encontrar conteúdos de exaltação ao nazismo e a outros regimes fascistas[44].

Figura 7 - Capturas de tela do grupos "Integralistas" no Telegram

[43] Disponível em: https://t.me/INTEGRALISTAS1932 Acessado em: 05 fev. 2025.
[44] As mensagens printadas podem ser acessadas em: https://t.me/INTEGRALISTAS1932/28 e https://t.me/INTEGRALISTAS1932/3898 . Acessado em 05 fev. 2025



Fonte: Capturas de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Não há qualquer aprovação prévia requerida para associar-se a nenhum dos grupos acima, ou pelo menos nenhuma que restrinja a visualização dos conteúdos postados nessas comunidades. Além disso, uma vantagem importante é que as mensagens compartilhadas no Telegram demonstram a origem destas postagens. Por exemplo, quando um vídeo é encaminhado de um grupo para outro, fica registrado no topo da mensagem o nome e o link de onde partiu aquele conteúdo. Basta clicar no título do grupo de origem para ser automaticamente levado até ele. É possível visualizar essa dinâmica no topo da figura abaixo. No exemplo, o grupo Soldados de Cristo repostou (*Forwarded from*) uma imagem do canal

de Carlos Bolsonaro:

Figura 8 - Exemplo de post encaminhado em interface de grupos do Telegram



Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Utilizando-se desse marcador, é possível traçar com mais eficiência e celeridade vários grupos que estão conectados entre si e como diversos conteúdos circulam por entre eles. Entende-se que essas ferramentas são vantagens estratégicas de pesquisa e que favorecem um panorama mais abrangente do que se realizado no Whatsapp. Por esse motivo, a pesquisa se concentra na análise de conteúdos e dinâmicas dentro do aplicativo Telegram.

1.4 PRIMEIRA ANÁLISE: GRUPOS ANTIVACINA

No estágio inicial da pesquisa, durante o primeiro semestre de 2021, foram mapeados grupos que disseminavam desinformação científica, com ênfase na questão da eficácia das vacinas. A localização desses grupos não apresentou dificuldades, uma vez que, ao inserir a palavra-chave “antivacina” na ferramenta de busca do aplicativo, foi possível acessar diretamente diversas salas de discussão dedicadas ao tema. É importante destacar que todos esses grupos estavam (e alguns ainda estão) disponíveis para participação de qualquer usuário do aplicativo Telegram, sem nenhuma restrição ou aviso sobre a confiabilidade do conteúdo ali postado.

O conteúdo compartilhado geralmente reforça que imunizantes, em destaque o contra a Covid-19, é extremamente prejudicial à saúde, causam outras doenças e são usadas como

uma forma de alcançar “a meta de redução da população mundial”. Como é possível ver no post abaixo retirado do grupo *Eu “amo” vacinas*[45] *(@reacoesadversas)*:

Figura 9 - Post com desinformação sobre vacinas extraído do grupo "Eu 'amo' vacinas"

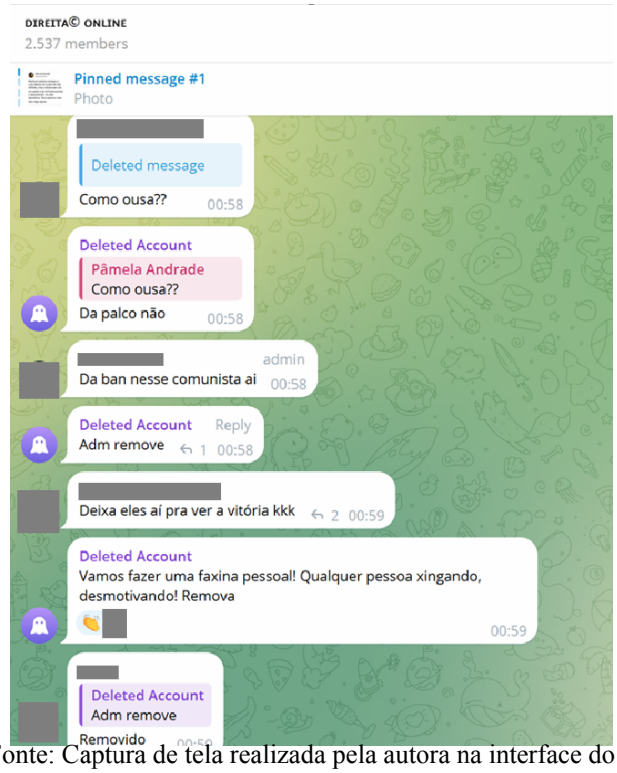


Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Notou-se também que não há qualquer espaço para debater ideias contrárias, uma vez que todo usuário que questiona o conteúdo é imediatamente apontado como “infiltrado” e, em seguida, excluído do grupo, dinâmica demonstrada na conversa abaixo no grupo Direita Online (@COMANDOSbr)[46]. Portanto, durante o tempo de observação para a empreitada deste trabalho, não houve qualquer interação com os participantes do grupo, apenas análise das postagens, de maneira a viabilizar a pesquisa.

Figura 10 - Dinâmica de banimento no grupo "Direita Online"

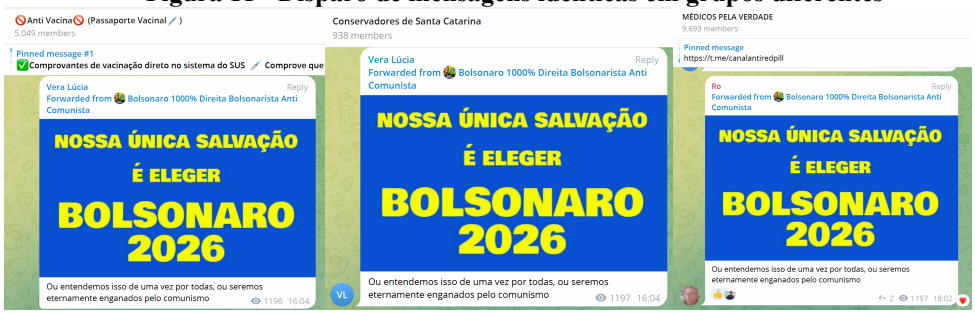
[45] Disponível em: https://t.me/c/1327732476/118083 Acessado em: 31 de janeiro de 2025
[46] Disponível em: https://t.me/COMANDOSbr/480 Acessado em: 31 de janeiro de 2025



Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Outro aspecto que chamou atenção foi o volume significativo de conteúdo que circula nesses grupos, bem como a natureza constante e coordenada desse fluxo de informações. A maioria das postagens não se repete e segue um intervalo regular de publicação, garantindo que o usuário sempre encontre novos conteúdos ao acessar o aplicativo. No entanto, é comum observar a disseminação simultânea ou em curto intervalo de tempo das mesmas postagens — incluindo textos, links e imagens — em múltiplos grupos com a mesma temática.

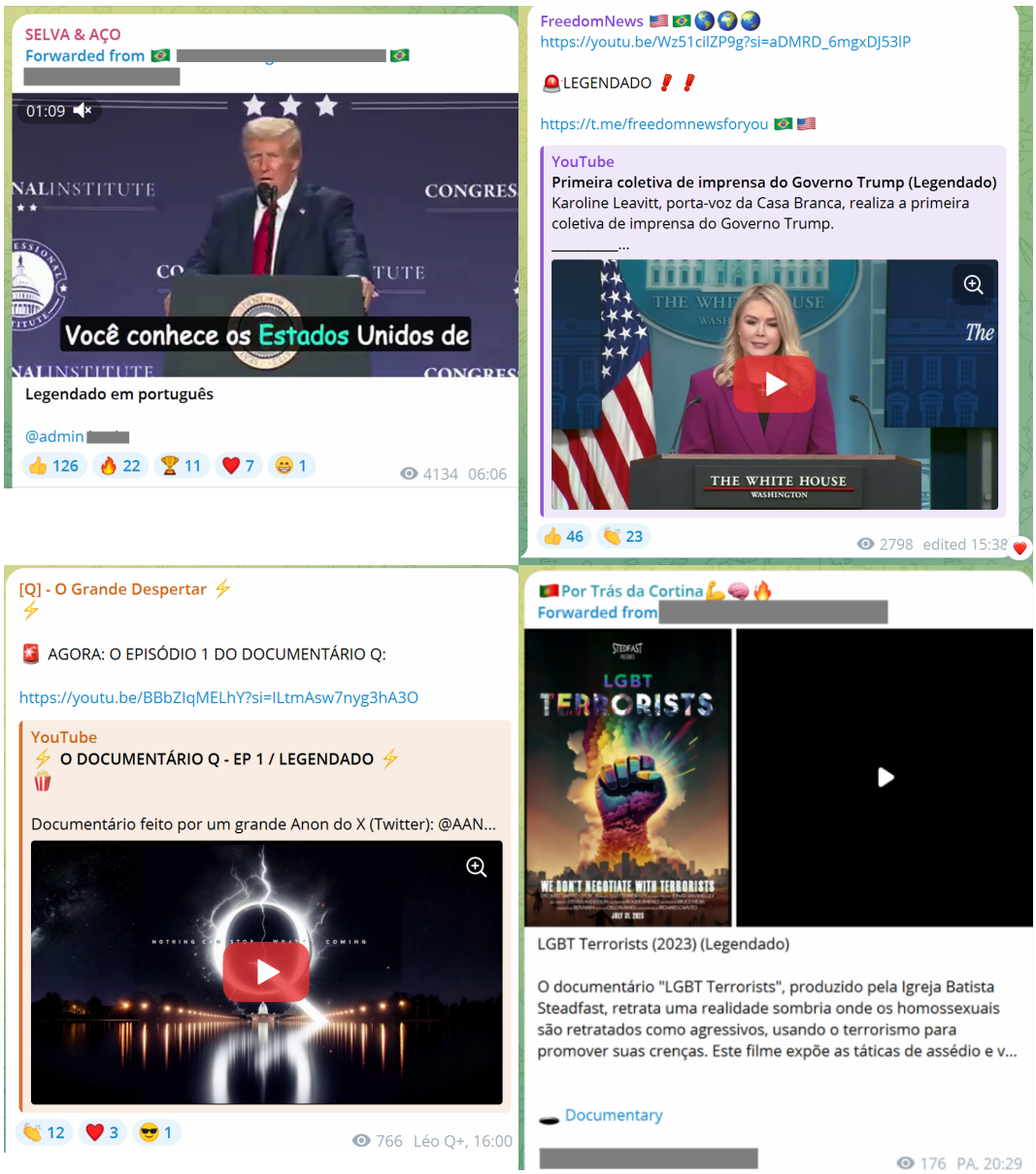
Figura 11 - Disparo de mensagens idênticas em grupos diferentes



Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Além disso, há muito material em língua estrangeira, principalmente inglês e espanhol. É perceptível que há uma equipe dedicada à missão, uma vez que não apenas conteúdo de texto são traduzidos, mas também histórias em quadrinhos e memes. É muito comum também a publicação de vídeos legendados, como mostram as figuras abaixo.

Figura 12 - Postagens com vídeos legendados



Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

É importante considerar que, com o avanço das inteligências artificiais, o processo de legendagem e adaptação de conteúdo foi significativamente facilitado e agilizado. No entanto, no início da pesquisa, em 2021, essa prática não era tão comum. Ainda assim, há fortes indícios de que a coleta, criação, manipulação e distribuição desses conteúdos nos grupos são resultado de uma ação coordenada e organizada. Tal hipótese está longe de ser inédita: em 2019, foi instaurada no Congresso Nacional a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News (CPMI das Fake News), com a finalidade de investigar ataques cibernéticos, disparos em massa de mensagens e a disseminação de desinformação durante as eleições de 2018 e os primeiros anos do governo Bolsonaro. A comissão revelou a existência de

estruturas comunicacionais articuladas, operadas por agentes políticos, empresários e especialistas em tecnologia, voltadas à produção e circulação sistemática de conteúdos enganosos. Os indícios reunidos apontam para estratégias deliberadas de manipulação da informação, cujos efeitos se estendem ao debate público e ao próprio funcionamento das instituições democráticas (BRASIL, 2022).

Essas constatações reforçam a pertinência de investigar como esse tipo de atuação se manifesta em plataformas como o Telegram, especialmente em grupos públicos voltados à desinformação. Nesse contexto, a etapa inicial da pesquisa concentrou-se na observação exploratória de grupos abertamente alinhados a discursos conspiratórios e negacionistas. Como primeira experiência, foram analisados os seguintes grupos no Telegram: “A verdade fora da mídia”, “Antivacinas”, “Antivaxxx”, “Cobaias do Plandemônio”, “Covid Farsas”, “Reações e verdades sobre as vacinas”, “Reações adversas”, “Brasil sem medo”, “Allan dos Santos” e “Bernardo P Küster”. Abaixo é possível ver uma reprodução da tela inicial do Telegram com os grupos analisados no primeiro semestre de 2021.

Figura 13 - Primeiros grupos analisados no primeiro semestre de 2021



Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Abaixo segue uma amostra do conteúdo desinformativo sobre vacinas coletados na análise. É possível observar falsidades, teorias da conspiração e a insinuação de que vacinas

levam à morte:

Figura 14 - Publicação de grupos antivacina

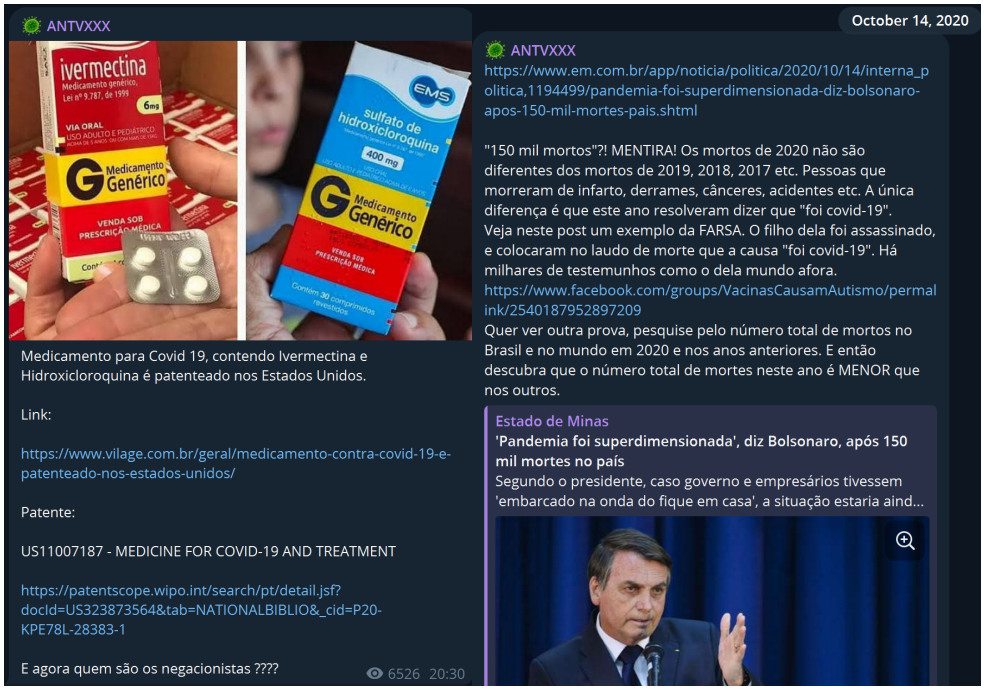


Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Entretanto, a imersão nos grupos antivacina rapidamente proporcionou acesso a outros tipos de desinformação. Esses grupos, inicialmente focados em promover ideias anticientíficas, começaram a apoiar cada vez mais as políticas do governo de Jair Bolsonaro. Exemplos notáveis incluem a defesa do uso de ivermectina e hidroxicloroquina em vez do imunizante. Esse apoio às políticas governamentais facilitou o compartilhamento de conteúdo político, ampliando o acesso a uma vasta coleção de comunidades dedicadas não apenas à desinformação antivacina, mas também a toda sorte de desinformação ideológica da extrema-direita. Dessa forma, tornou-se evidente que a desinformação se estendia para além do campo da saúde, infiltrando-se em diversas esferas ideológicas. Como é possível observar nas postagens abaixo, ambas retiradas do grupo ANTVXXX (@antivaxxx):[47]

Figura 15 - Postagens que defendem o uso de cloroquina e ivermectina contra COVID-19

[47] Disponível em: https://t.me/antivaxxx/1873 e em https://t.me/antivaxxx/923. Acessado em: 31 de janeiro de 2025.



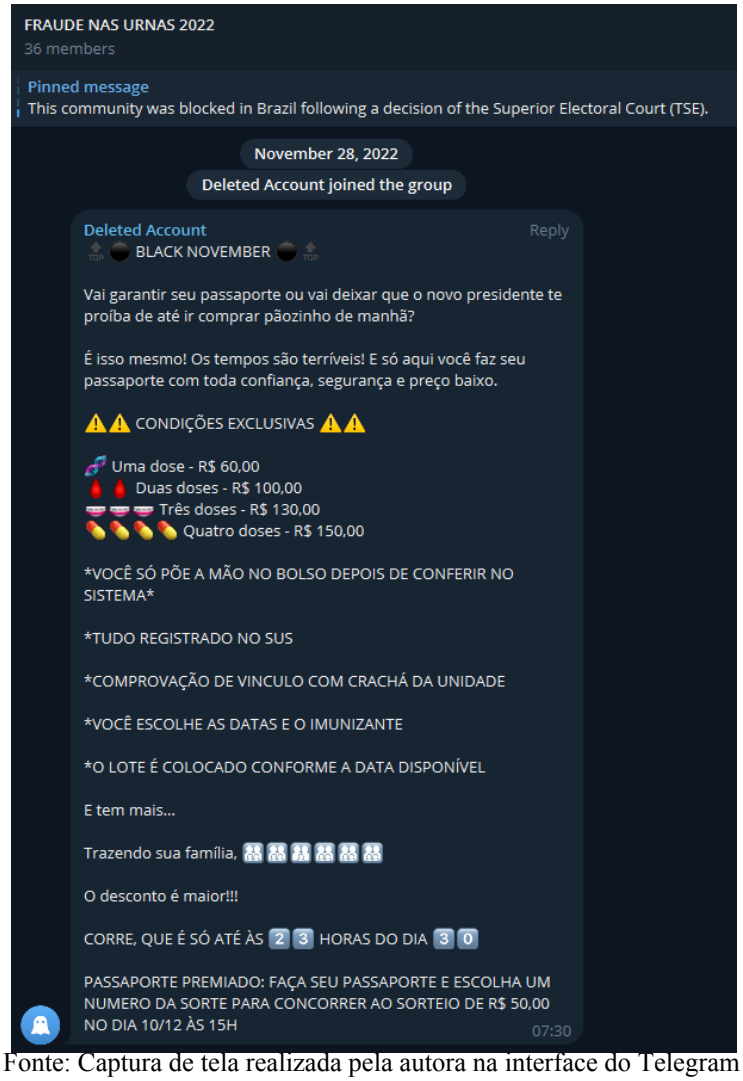
Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Uma primeira confirmou a presença de desinformação sistemática nos grupos antivacina do Telegram. As mensagens contêm alegações falsas que minimizam a gravidade da pandemia e promovem teorias conspiratórias, como a ideia de que as mortes por Covid-19 foram superdimensionadas. Além disso, há um forte tom de ironia e escárnio nas postagens, utilizando memes para reforçar a narrativa antivacina, sugerindo, por exemplo, que a vacinação não oferece liberdade ou que a imunização leva à morte. Também se observa a defesa de tratamentos ineficazes, como a ivermectina e a hidroxicloroquina, alinhando-se ao discurso político do governo Bolsonaro. Essas postagens demonstram como a desinformação não apenas distorce informações científicas, mas também mobiliza discursos ideológicos, reforçando um ecossistema de crenças que transcende a questão da saúde pública e adentra o campo político e social.

Também encontramos o movimento de fraudes das documentações do SUS, o Sistema Único de Saúde. A captura de tela abaixo, retirada de um grupo classificado como bolsonarista, traz uma postagem que vende comprovantes de vacinação falsos. O anúncio diz que após o pagamento de taxa a vacina seria registrada no sistema do SUS. Retirado do grupo (t.me/FRAUDENASURNAS22):[48]

Figura 16 - Postagem oferece comprovante de vacinação falso com registro no SUS

[48] Disponível em: https://t.me/FRAUDENASURNAS22/546. Acessado em 03 de fevereiro de 2025.



Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

1.5 ETNOGRAFIA DIGITAL COMO PRIMEIRA ESCOLHA METODOLÓGICA

À primeira vista, a expansão da varredura metodológica para incluir uma análise emprestada do campo da Antropologia pareceu uma escolha lógica, que explorava abordagens complementares e novos campos de estudo. A etnografia é um sistema metodológico que nasce no seio da Antropologia e está sintetizado, entre outras obras, no célebre livro Manual de Etnografia, do sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss. A obra compila lições e escritos sobre a prática etnográfica tradicional. É um guia abrangente que orienta os pesquisadores desde o planejamento e a preparação do trabalho de campo até a análise e a interpretação dos dados coletados. Para Mauss:

> o objetivo da etnologia como ciência é a observação das sociedades; seu objetivo é o conhecimento dos fatos sociais. Ela cria um registro desses fatos e, quando apropriado, estabelece seu padrão estatístico: publica documentos que oferecem a maior certeza possível. O etnógrafo deve buscar a precisão e a minúcia; ele ou ela

> deve ter um senso dos fatos e das relações entre eles, um senso de proporções e articulações. A intuição não desempenha nenhum papel na ciência da etnologia, que é uma ciência de fatos e estatísticas. Sociologia e etnologia descritiva exigem que sejamos ao mesmo tempo arquivistas, historiadores, estatísticos... além de romancistas capazes de evocar a vida de uma sociedade inteira. Não é que a intuição, por um lado, e a teoria, por outro, sejam inúteis aqui. Mas seu uso deve ser restrito; é preciso conhecer seu valor e seus perigos (Mauss, 2007, p. 7).

Além de Mauss, o antropólogo estadunidense Clifford Geertz também contribuiu significativamente para o entendimento da etnografia. Em seus trabalhos, Geertz defende uma antropologia interpretativa, no qual o pesquisador deve se envolver em um diálogo com os sujeitos estudados, buscando compreender as estruturas simbólicas que permeiam suas vidas. Ele destaca a necessidade de uma abordagem reflexiva ao conduzir a pesquisa etnográfica, mesmo com todas as suas contradições.

> O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. [...] Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (Geertz, 2008, p. 7).

Se na etnografia clássica, a viagem de campo, o contato com objetos, rituais e toda a materialidade de uma comunidade eram necessárias para o sucesso da aplicação metodológica, em um ambiente digital essas análises ganham um novo brilho a partir da possibilidade de catalogação, cruzamento e sistematização de dados, facilitados pelas TICs. Segundo Ferraz (2019):

> Em nossa análise etnográfica em redes digitais, percebemos que a extensão deste método para as práticas analíticas em rede não corrompe a Antropologia; ao contrário, reatualiza os fundamentos da etnografia pela possibilidade do encontro com uma série de dados, os quais, isolados, podem parecer insignificantes [...]. Esse aspecto demonstra que a entrada ao campo é uma maneira preliminar de selecionar os dados, o que requer tanto para as sociedades antigas e tribais quanto para as contemporâneas e representadas em redes digitais o princípio da observação da sociedade. Em outras palavras, pelo acesso à conexão online, é possível a observação e o contato garantidos como base preliminar, na busca online como primeira fonte para a maioria dos objetos (Ferraz, 2019, p. 48).

Nesse sentido, a tese ganhou novo impulso quando se deparou com o trabalho inspirador de Christine Hine, especialista em etnografia digital. Por meio de suas contribuições e ensinamentos, tornou-se possível compreender de maneira mais profunda o corpus de pesquisa e expandir as possibilidades de análise. Ela é conhecida por suas

contribuições significativas no campo da pesquisa qualitativa online e pela exploração dos métodos e abordagens etnográficas aplicadas ao ambiente digital. Seu trabalho se concentra em compreender como as tecnologias digitais afetam as práticas sociais e culturais, bem como em desenvolver novas formas de conduzir pesquisas etnográficas nesse contexto. Em entrevista à revista Matrizes, Hine aponta a necessidade de ser criativo e flexível ao se deparar com a problemática da dinâmica de grupos online:

> É correto dizer que aplicar uma abordagem etnográfica à internet requer alguns tipos específicos de criatividade, de modo a ser capaz de detalhar os modos pelos quais as atividades on-line produzem sentido. Os etnógrafos são pessoas flexíveis que desenvolvem seus métodos em resposta aos contextos em que se encontram e cada estudo é, por isso, único em sua abordagem. Entretanto, é importante aprender um do outro, e podemos com frequência ter alguma inspiração a partir de abordagens que funcionam em outros contextos semelhantes (Campanella, 2015, p. 170).

Adentrar, enquanto pesquisador, em um ambiente digital de grupo de Telegram sabidamente desinformativo e vinculado à extrema-direita pode não ser tarefa fácil. Qualquer interação pode levar à sua imediata exclusão do grupo, o que inviabiliza a pesquisa, como demonstrado anteriormente. Portanto, verificou-se que é imperativo *não* participar das interações internas dessas comunidades. Essa impossibilidade gerou várias dúvidas tais quais: se não há troca com o grupo, o que deve ser analisado? Apenas o conteúdo de texto? As imagens e vídeos também? Se não há possibilidade de entrevista face a face ou virtual com os participantes, a análise ainda é válida? Este foi um dos maiores problemas resolvidos pela proposta de etnografia digital de Hine: o método não-intrusivo ou não-reativo (*unobtrusive and non-reactive research methods*).[49] Como ela explica no livro *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*:

> Os etnógrafos ganham muito simplesmente ao fazerem parte do fluxo da existência cotidiana, em vez de buscar ativamente informações e perguntar aos participantes o que está acontecendo. Alternar períodos intelectualmente ativos, mas explicitamente passivos de observação, com períodos mais direcionados de investigação interativa, permite ao etnógrafo a oportunidade de ouvir o campo falar com ele e abre a possibilidade de que pressupostos sejam derrubados e novos temas surjam antes de decidir quais direções de investigação seguir com a coleta ativa de dados. Mesmo quando não se está gerando dados ao perguntar ativamente, o etnógrafo está sendo ativo, no sentido de examinar problemas antecipados, questionar pressupostos e tentar compreender, de forma mais difusa, mas ainda muito importante, como é fazer parte desse contexto. (Hine, 2015, p. 160, tradução nossa)

Portanto, a etnografia digital foi, em um primeiro momento, a linha condutora de uma

[49] Métodos de pesquisa não intrusivos e não reativos, conforme descritos por Christine Hine, referem-se a abordagens metodológicas em estudos sociais e etnográficos que permitem ao pesquisador coletar dados sem interferir diretamente no ambiente ou no comportamento dos participantes.

primeira abordagem metodológica para a análise dos grupos de Telegram. Seu caráter flexível abraça um tipo de pesquisa que está impossibilitada de participar ativamente dos grupos e inquirir seus participantes. Inclusive, é preciso destacar que a "observação não-participante" ou "pesquisa encoberta" está de acordo com as diretrizes estabelecidas pela Fiocruz para pesquisas em ambientes virtuais[50].

1.6 GRUPOS DE DESINFORMAÇÃO BOLSONARISTAS

Assim, os grupos antivacina se tornaram a porta de entrada dessa pesquisa para todo o cenário desinformativo da extrema-direita brasileira no Telegram. A partir de agosto de 2021, durante a fase inicial de navegação exploratória, tornou-se evidente a necessidade de ampliar o número de grupos analisados, a fim de obter uma visão mais abrangente. Utilizando-se da estratégia de rastrear as origens das postagens foi possível aumentar exponencialmente o número de grupos analisados. Para evitar qualquer identificação da pesquisadora, adotou-se um nome fictício e imagem de perfil que evoca os princípios do bolsonarismo para mimetizar um usuário padrão desses grupos.

Para a foto de usuário, adotou-se a imagem da campanha "Meu partido é o Brasil", que foi uma estratégia de comunicação utilizada por Jair Bolsonaro e seus apoiadores durante sua trajetória política, especialmente nas eleições presidenciais de 2018. O slogan refletia a narrativa de que Bolsonaro não estaria ligado a partidos políticos tradicionais, mas sim a uma causa patriótica, acima de ideologias e siglas partidárias. A imagem foi explorada de maneira agressiva em sua campanha e gerou uma série de produtos como bonés, bandeiras, camisas etc.

Essa mensagem se consolidou após o atentado contra Bolsonaro em 6 de setembro de 2018, quando o então candidato foi esfaqueado durante um ato de campanha em Juiz de Fora (MG)[51]. O episódio teve um impacto profundo na narrativa bolsonarista, transformando-o em uma figura de mártir e reforçando a ideia de que sua luta transcendia a política partidária. Como vemos no post de seu filho, Flávio Bolsonaro, na plataforma X (antigo Twitter), a simbologia da facada foi imediatamente incorporada à campanha. Ele publicou uma foto de uma camisa verde e amarela com um furo na região abdominal e manchada de sangue,

[50] De acordo com o documento, esse tipo de pesquisa está previsto na Resolução 510/16, Cap. 1, Art. 2o., XV,que pode ser acessada por meio do link: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso: 22 set. 2023.

[51] Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora". G1, 06 set. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml. Acesso em: 05 fev. 2025.

remetendo ao ferimento do pai, simbolizando o sacrifício de Bolsonaro e reforçando sua narrativa de luta contra o "sistema":[52]

Figura 17 - Postagem de Flávio Bolsonaro no X (antigo Twitter)



Fonte: Bolsonaro, 2018, on-line

Dessa forma, a adoção dessa estética no perfil fictício tem um propósito claro: garantir maior imersão na dinâmica discursiva dos grupos analisados, reproduzindo os elementos simbólicos que fortalecem o senso de comunidade entre seus integrantes, ou seja, a intenção é ser “mais um”, sem nenhuma distinção dos demais. Também é possível interpretar que, em vez de apenas reproduzir a estética bolsonarista, o símbolo é ressignificado como um contraponto crítico à sua instrumentalização pelo nacionalismo revisionista; é uma forma de resistência contra os regimes de desinformação. É também uma postura adotada para expor como símbolos políticos são manipulados para construir narrativas e reforçar identidades, influenciando o debate público e a percepção coletiva.

Durante todo o tempo do estudo (de maio de 2021 a março de 2025), a pesquisadora nunca foi banida de nenhum grupo, o que reforça a legitimidade percebida do perfil. As únicas ocasiões em que foi removida de grupos ocorreram devido à extinção das comunidades, ao bloqueio imposto pelo Supremo Tribunal Federal (STF)[53] ou a outras

[52] Disponível em: https://x.com/FlavioBolsonaro/status/1038461617967693827 . Acessado em: 05 de fevereiro de 2025.

[53] Em 11 de janeiro de 2023, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), atendeu a um pedido da Advocacia-Geral da União (AGU) e determinou o bloqueio imediato de sete canais e 46 supergrupos no Telegram que estavam incentivando ou organizando atos golpistas no país. A decisão estipulou um prazo de duas horas para o bloqueio, a preservação integral do conteúdo desses canais e uma multa diária de R$ 100 mil em caso de descumprimento. Disponível em: https://www.terra.com.br/byte/stf-ordena-bloqueio-imediato-de-canais-golpistas-no-telegram,4d5df4f9b2535df67456968853538c65gw5xr3bc.html . Acessado em: 1 de fevereiro de 2025.

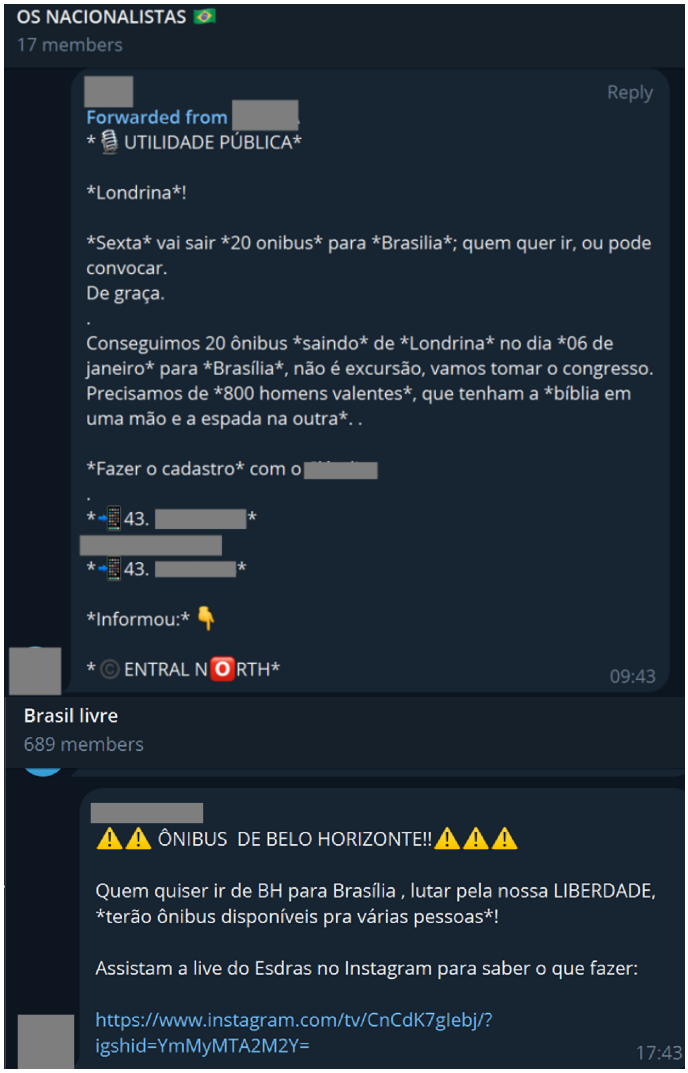
situações externas, mas nunca por ação direta dos administradores. Esse dado revela, então, a permeabilidade desses ambientes a novos membros que aparentam compartilhar de sua ideologia, além da a ausência de mecanismos robustos de verificação dentro dessas redes.

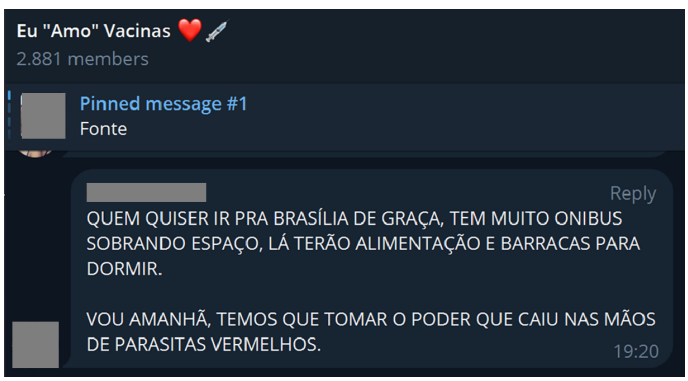
Essa permanência contínua nos grupos permitiu uma observação detalhada das estratégias discursivas e das dinâmicas de desinformação, especialmente no período eleitoral de 2022. Inicialmente, a pesquisa não havia delimitado um período específico de análise, entendendo o caráter exploratório do estudo. No entanto, a definição desse recorte temporal tornou-se necessária ao longo do processo investigativo, especialmente durante a campanha eleitoral de 2022. Dessa forma, estabeleceu-se como marco provisório, o período oficial da campanha eleitoral, conforme determinado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), compreendendo o intervalo entre 16 de agosto e 29 de outubro.[54]

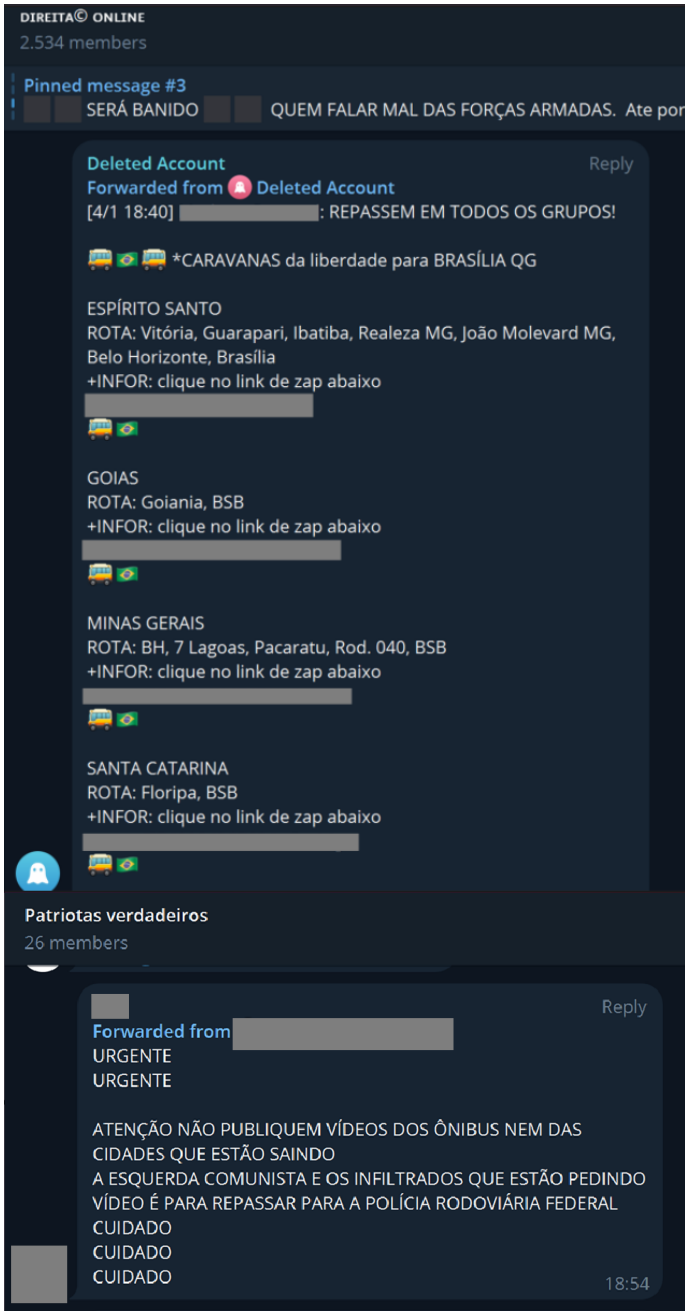
Contudo, mesmo após o resultado da eleição em 30 de outubro, que deu a vitória para o candidato Luiz Inácio Lula da Silva[55], os grupos não arrefeceram suas atividades. Pelo contrário, a produção de conteúdo aumentou significativamente. A quantidade de teorias da conspiração se multiplicou e marcou o início de um novo fenômeno: a tentativa de golpe, organizada pelo meio dos administradores destas comunidades, que culminou nos violentos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. As capturas de tela abaixo evidenciam esse processo ao detalhar os arranjos logísticos da mobilização, incluindo a organização de caravanas, ônibus, além da distribuição de comida e água para os participantes:[56]

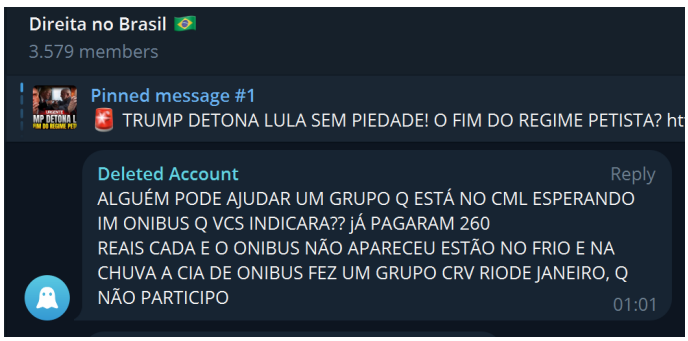
Figura 19 - Postagens sobre arranjos logísticos para o 8 de janeiro

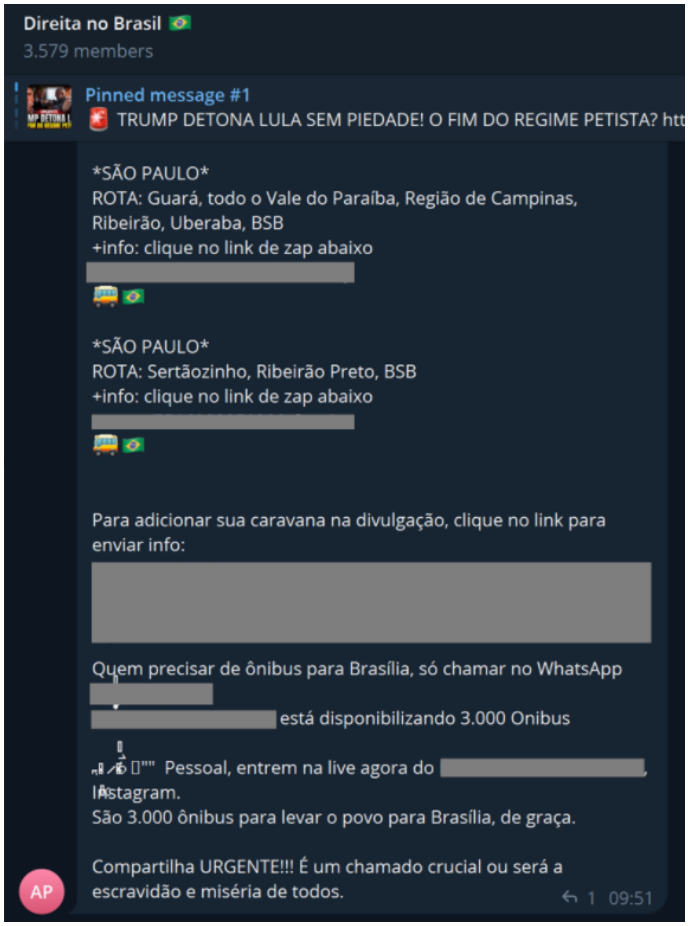
[54] Como consta do calendário eleitoral publicado pelo TSE. Disponível em: https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2022/normas-e-documentacoes/normas-e-documentacoes-eleicoes-2022 Acessado em 02 de junho de 2023.
[55] Como divulgado pelo site do TSE. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil. Acessado em: 01 de fevereiro de 2025.
56 Publicações estão disponíveis em: https://t.me/c/1851460777/3825, https://t.me/freebrazil/65558 https://t.me/c/1327732476/104478 , https://t.me/acorrente/66343 , https://t.me/osnacionalistasdonorte/5824 , https://t.me/acorrente/62391, https://t.me/selvaeaco/29958 , https://t.me/polincbr/95549

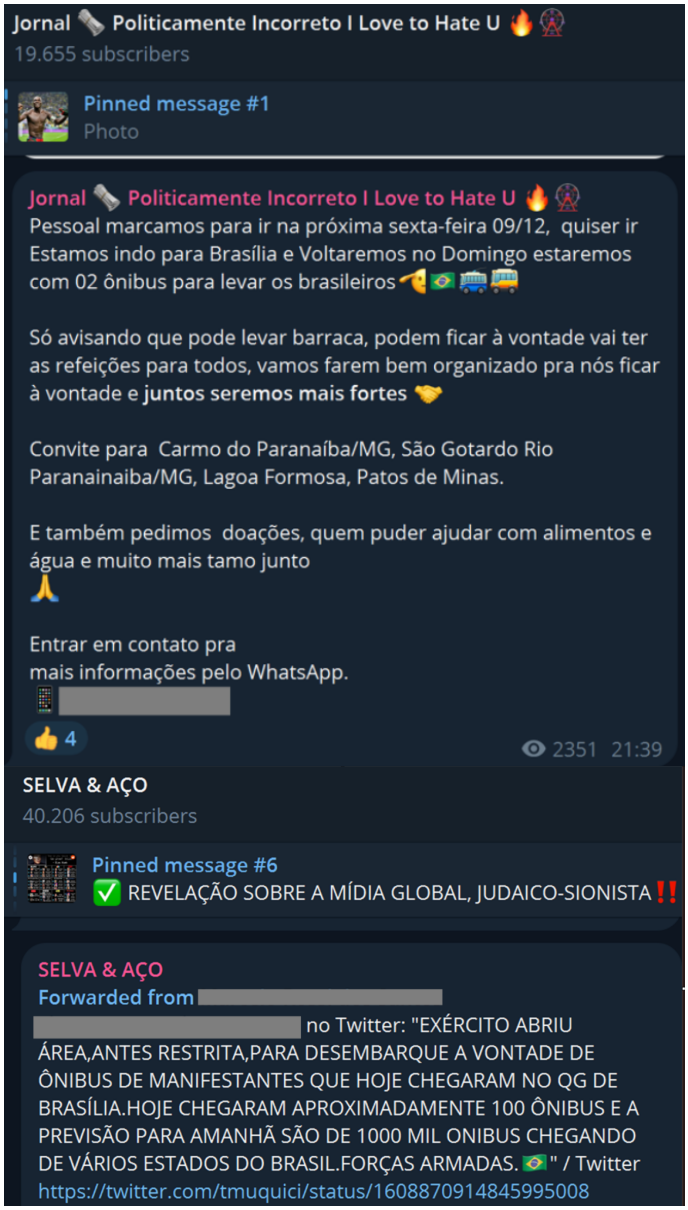

OS NACIONALISTAS
17 members
Reply
Forwarded from
* UTILIDADE PÚBLICA*
Londrina!
Sexta vai sair *20 onibus* para *Brasilia*; quem quer ir, ou pode convocar.
De graça.
.
Conseguimos 20 ônibus *saindo* de *Londrina* no dia *06 de janeiro* para *Brasília*, não é excursão, vamos tomar o congresso. Precisamos de *800 homens valentes*, que tenham a *bíblia em uma mão e a espada na outra*. .
Fazer o cadastro com o
.
*43.
*43.
Informou:
* ENTRAL N RTH*
09:43
Brasil livre
689 members
ÔNIBUS DE BELO HORIZONTE!!
Quem quiser ir de BH para Brasília , lutar pela nossa LIBERDADE, *terão ônibus disponíveis pra várias pessoas*!
Assistam a live do Esdras no Instagram para saber o que fazer:
https://www.instagram.com/tv/CnCdK7glebj/?igshid=YmMyMTA2M2Y=
17:43


Eu "Amo" Vacinas ❤️💉
2.881 members
Pinned message #1
Fonte
Reply
QUEM QUISER IR PRA BRASÍLIA DE GRAÇA, TEM MUITO ONIBUS SOBRANDO ESPAÇO, LÁ TERÃO ALIMENTAÇÃO E BARRACAS PARA DORMIR.
VOU AMANHÃ, TEMOS QUE TOMAR O PODER QUE CAIU NAS MÃOS DE PARASITAS VERMELHOS.
19:20


DIREITA© ONLINE
2.534 members
Pinned message #3
SERÁ BANIDO QUEM FALAR MAL DAS FORÇAS ARMADAS. Ate por
Deleted Account
Reply
Forwarded from Deleted Account
[4/1 18:40] : REPASSEM EM TODOS OS GRUPOS!
*CARAVANAS da liberdade para BRASÍLIA QG
ESPÍRITO SANTO
ROTA: Vitória, Guarapari, Ibatiba, Realeza MG, João Molevard MG, Belo Horizonte, Brasília
+INFOR: clique no link de zap abaixo
GOIAS
ROTA: Goiania, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
MINAS GERAIS
ROTA: BH, 7 Lagoas, Pacaratu, Rod. 040, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
SANTA CATARINA
ROTA: Floripa, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
Patriotas verdadeiros
26 members
Reply
Forwarded from
URGENTE
URGENTE
ATENÇÃO NÃO PUBLIQUEM VÍDEOS DOS ÔNIBUS NEM DAS CIDADES QUE ESTÃO SAINDO
A ESQUERDA COMUNISTA E OS INFILTRADOS QUE ESTÃO PEDINDO VÍDEO É PARA REPASSAR PARA A POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL
CUIDADO
CUIDADO
CUIDADO
18:54


Direita no Brasil
3.579 members
Pinned message #1
TRUMP DETONA LULA SEM PIEDADE! O FIM DO REGIME PETISTA? ht
Deleted Account
Reply
ALGUÉM PODE AJUDAR UM GRUPO Q ESTÁ NO CML ESPERANDO IM ONIBUS Q VCS INDICARA?? jÁ PAGARAM 260 REAIS CADA E O ONIBUS NÃO APARECEU ESTÃO NO FRIO E NA CHUVA A CIA DE ONIBUS FEZ UM GRUPO CRV RIODE JANEIRO, Q NÃO PARTICIPO
01:01


Direita no Brasil
3.579 members
Pinned message #1
TRUMP DETONA LULA SEM PIEDADE! O FIM DO REGIME PETISTA? htt
SÃO PAULO
ROTA: Guará, todo o Vale do Paraíba, Região de Campinas, Ribeirão, Uberaba, BSB
+info: clique no link de zap abaixo
SÃO PAULO
ROTA: Sertãozinho, Ribeirão Preto, BSB
+info: clique no link de zap abaixo
Para adicionar sua caravana na divulgação, clique no link para enviar info:
Quem precisar de ônibus para Brasília, só chamar no WhatsApp
está disponibilizando 3.000 Onibus
Pessoal, entrem na live agora do
Instagram.
São 3.000 ônibus para levar o povo para Brasília, de graça.
Compartilha URGENTE!!! É um chamado crucial ou será a escravidão e miséria de todos.
AP
1 09:51



Fonte: Capturas de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Ou seja, foi observado que de 1º de novembro de 2022 a 8 de janeiro de 2023 houve um crescente uso destes grupos com a intenção de criar uma narrativa falsa de que urnas eletrônicas haviam sido fraudadas e que o povo deveria se mobilizar de maneira a pedir intervenção federal, aguardar 72 horas pelo resultado, fazer acampamento na frente dos quartéis para pedir ajuda das forças armadas, entre outras estratégias utilizadas por essas redes, como é possível visualizar nas capturas de tela abaixo realizadas no dia 8 de novembro de 2022:

Figura 20 - Capturas de tela de grupos no dia 08 de novembro de 2022



Fonte: Capturas de tela realizada pela autora na interface do Telegram

A partir da observação dos eventos que resultaram nos atos antidemocráticos, foi estabelecido que o período de pesquisa definitivo compreenderia de 30 de outubro de 2022 (resultado do segundo turno das eleições) a 10 de janeiro de 2023 (dois dias após os atos antidemocráticos). A alteração da janela de análise tornou-se fundamental diante da continuidade e do agravamento das estratégias de desinformação após as eleições. Com a crescente criação de novos grupos, a análise se expandiu para abranger um número ainda maior de comunidades, permitindo uma compreensão mais ampla das dinâmicas envolvidas.

1.7 DADO ENQUANTO CONCEITO

No âmbito da Ciência da Informação (CI), o conceito de "dado" não pode estar desassociado da tríade *Dado*, *Informação* e *Conhecimento*, amplamente debatida na área. Como apontam Gomes, Pimenta e Schneider (2019), apesar das inúmeras discussões teóricas, ainda não há consenso sobre a definição precisa desses termos, uma vez que eles assumem diferentes significados conforme o contexto e a abordagem epistemológica adotada. Os autores propõem uma definição funcional para dado, argumentando que ele pode ser compreendido como "o registro do atributo de um ente, objeto ou fenômeno" (Gomes; Pimenta; Scheneider, 2019, p. 5).

Portanto, entende-se que um dado só existe quando há registro, ou seja, quando uma característica de um ente, objeto ou fenômeno é documentada em algum suporte físico ou digital. Apenas observar um fenômeno não o transforma em dado; é necessário medi-lo e registrá-lo para que possa ser recuperado e analisado. Os autores também ampliam essa definição ao incluir tanto elementos concretos quanto abstratos, como personagens de ficção e eventos meteorológicos. Dessa forma, o conceito de dado na Ciência da Informação não é

apenas técnico, mas envolve também questões epistemológicas e organizacionais fundamentais para sua compreensão.

Na Ciência de Dados, todavia, o conceito de "dado" é frequentemente abordado de maneira pragmática, enfatizando sua estrutura e utilidade para análise computacional. Diferente das discussões filosóficas da Ciência da Informação, que exploram a materialidade e a polissemia do termo, a Ciência de Dados trata o dado como uma unidade fundamental de informação estruturada ou não estruturada, passível de processamento por algoritmos e modelos estatísticos (Provost; Fawcett, 2013). Nesse contexto, dado pode ser definido como qualquer elemento quantificável e armazenável que serve de insumo para análise, ou seja, números, texto, imagem, vídeo ou qualquer outra forma de representação digital:

> Quando digo "dados", a que exatamente estou me referindo? É dada ênfase principalmente aos dados estruturados, um termo deliberadamente vago que engloba muitos formatos de dados comuns e diferentes, como: 1) Dados tabulares ou do tipo planilha, em que cada coluna pode ser de um tipo diferente. Isso inclui a maioria dos tipos de dados normalmente armazenada em bancos de dados relacionais ou em arquivos de texto delimitados por tabulação ou vírgulas; 2) arrays multidimensionais (matrizes); 3) várias tabelas de dados interligadas por colunas de chaves (que seriam as chaves primárias ou estrangeiras para um usuário de SQL[57]) e 4) séries temporais uniformemente espaçadas ou não (McKinney, 2022, p. 17).

Diferentemente da CI, a atenção se volta, aqui, sobre a organização em bancos de dados, sua qualidade e o potencial de extração de padrões e descobertas que podem ser realizadas a partir dessas análises. Além disso, a Ciência de Dados trabalha com a premissa de que os dados, quando adequadamente tratados e interpretados, podem gerar modelos preditivos, conclusões estatísticas e decisões automatizadas. Ou seja, um uso instrumental geralmente voltado para o ambiente corporativo e estratégias empresariais, mas que também pode ser utilizado em diversas áreas do conhecimento e, no caso desse estudo, em uma pesquisa acadêmica.

No entanto, os brasileiros Luiz Paulo Fávero e Patrícia Belfiore bebem no conceito da CI para entender "dado" dentro da Ciência de Dados. Em sua obra fundamental *Manual da Análise de Dados*, eles entendem que:

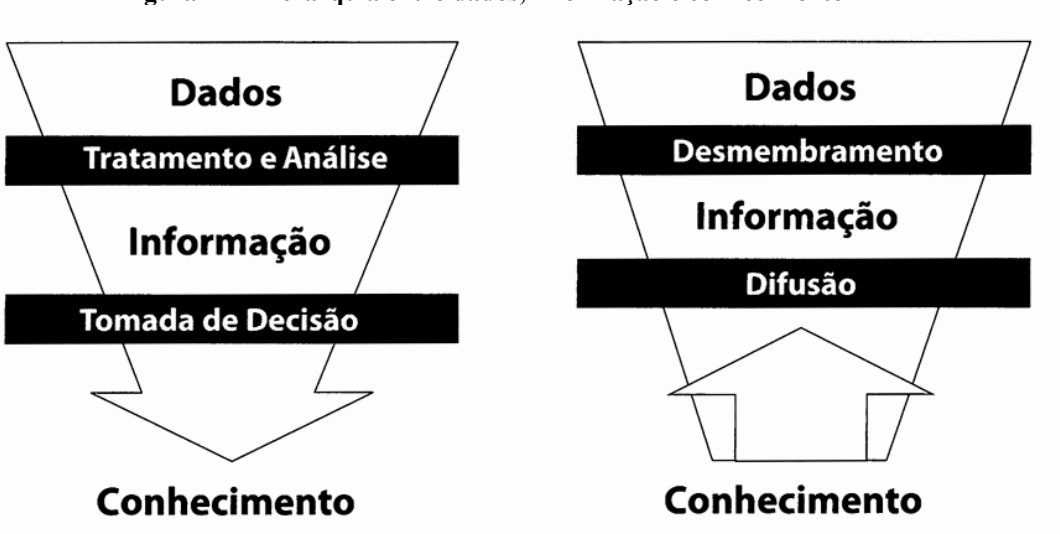
> O princípio básico do livro consiste em explicitar, a todo instante, a hierarquia entre dados, informação e conhecimento. Os dados, quando tratados e analisados, transformam-se em informações. Já o conhecimento é gerado no momento em que tais informações são reconhecidas e aplicadas na tomada de decisão. Analogamente,

[57] SQL (*Structured Query Language*) é uma linguagem de programação utilizada para gerenciar e manipular bancos de dados (tabelas). Ela permite realizar operações como criação, consulta, atualização e exclusão de dados de maneira estruturada e eficiente. É também essencial para a extração e análise de grandes volumes de dados em diversos contextos, desde aplicações empresariais até pesquisas acadêmicas.

> a hierarquia reversa também pode ser aplicada, visto que o conhecimento, quando difundido ou explicitado, torna-se uma informação que, quando desmembrada, tem capacidade para gerar um conjunto de dados (Fávero; Belfiore, 2024, p. 18).

Eles sintetizam o pensamento acima na figura abaixo:

Figura 21 - Hierarquia entre dados, informação e conhecimento



Fonte: Fávero; Berfiore (2024, p. 18)

A figura de Fávero e Belfiore (2024) ajuda a visualizar como dados, informação e conhecimento estão sempre em transformação. No contexto desta pesquisa, isso significa que não basta apenas coletar e organizar os dados. É vital interpretá-los e questioná-los para gerar reflexões úteis, que sejam o estopim das análises desenvolvidas e apresentadas na presente tese. Além disso, o conhecimento produzido aqui não é um ponto final, mas parte de um ciclo contínuo, no qual novas descobertas podem levar a novas perguntas e refinamentos na abordagem. Dessa forma, a pesquisa se fortalece, combinando método, análise, articulação teórica e reflexão acadêmica para avançar na compreensão do âmago do presente estudo. Quem sabe futuramente, esse esforço ajude a contribuir para o debate sobre a desinformação, subsidiar discussões sobre a regulação das plataformas e esclarecer como redes ultraconservadoras operam na erosão democrática.

1.8 TRABALHANDO COM DADOS

Sherlock Holmes certa vez declarou: "Dados! Dados! Preciso de dados! Não posso fazer tijolos sem barro" (Doyle, 2017, p. 486). A investigação de um mistério, seja ele criminal ou acadêmico, depende da capacidade de reunir informações, cruzar indícios e

interpretar padrões. No início desta pesquisa, a proposta de análise se debruçava mais sobre uma reflexão observatória e teórica, focada na análise de discursos anticientíficos e ultraconservadores dentro de comunidades conspiracionistas no Telegram. No entanto, ao longo do percurso, tornou-se claro que compreender a mecânica dessas redes exigia um olhar mais abrangente e que essa empreitada demandaria o domínio de outras ferramentas metodológicas.

Portanto, alcançar esse objetivo nada elementar exigiu um esforço significativo no desenvolvimento de habilidades computacionais. Diante da complexidade dos dados coletados e da necessidade de explorar padrões de disseminação de discursos, foi necessário dedicar-se ao aprendizado de linguagens de programação, como Python e R, que se destacam por sua ampla utilização em ciência de dados e processamento de texto.

Python é uma linguagem de programação amplamente utilizada em ciência de dados, que se mostrou como uma boa escolha para manipulação, análise e visualização de grandes volumes de dados (McKinney, 2022). No contexto desta pesquisa, a linguagem se mostrou particularmente útil na extração e processamento de texto, permitindo a organização e limpeza de dados, além da aplicação de técnicas quantitativas para cruzar o grande volume de informações extraídas dos grupos de Telegram. A automação das tarefas e sua posterior transformação em visualizações (gráficos) facilitou a análise, reduzindo a necessidade de intervenção manual e agilizou a compilação dos resultados. Conforme destaca Menezes (2024):

> A linguagem de programação Python é muito interessante como primeira linguagem de programação devido à sua simplicidade e clareza. Embora simples, é também uma linguagem poderosa, podendo ser utilizada para administrar sistemas e desenvolver grandes projetos. É uma linguagem clara e objetiva, pois vai direto ao ponto, sem rodeios (Menezes, 2024, p. 37).

R, por sua vez, é linguagem de programação que envolve conceitos fundamentais como funções e variáveis, além do uso de pacotes, que são coleções de códigos e dados prontos para otimizar diferentes tarefas (Scavetta; Angelov, 2022). Com essa linguagem, também foi possível estruturar, organizar e limpar conjuntos de dados para manipulação eficiente das informações. O R também se destaca na criação de visualizações, permitindo ajustes estéticos, anotações e exportação de gráficos (Wickman; Grolemund, 2019).

> R desempenha um papel fundamental em uma ampla variedade de projetos de pesquisa e análise de dados, pois disponibiliza de forma acessível e fácil de usar diversos métodos estatísticos modernos, tanto simples quanto avançados. No entanto, é comum que quem está começando no R também seja novo na programação em geral. Como iniciante, é necessário não apenas aprender a usar o R

> para seus objetivos específicos de análise de dados, mas também desenvolver uma forma de pensar como programador (Davies, 2016, p. 27, tradução nossa).

Outra linguagem de programação utilizada nesta pesquisa, ainda que de forma secundária, foi o SQL (*Structured Query Language*). Ele permite a criação, filtragem e reestruturação de bancos de dados. Embora tenha tantas outras utilidades, nesta pesquisa, o SQL foi empregado para reduzir e reorganizar um banco de dados extenso, transformando-o em tabelas menores e mais gerenciáveis. Ou seja, "enxugando" tabelas em tabulações menores para que os gráficos pudessem ser gerados com mais precisão e os códigos pudessem rodar com mais facilidade e agilidade (Nield, 2016). Levando-se em consideração que o banco de dados final, que abraça todo o conteúdo dessa pesquisa, tem mais de 512 mil linhas – uma para cada postagem analisada –, ter uma ferramenta ágil para fazer recortes nessa gigantesca tabela foi fundamental para viabilizar a análise.

Embora ainda não se trate de um domínio profundo, a pesquisadora precisou desenvolver um nível mínimo de compreensão dessas três linguagens. Isso permitiu a navegação pelos códigos, a compreensão dos comandos principais e a identificação de eventuais erros nos scripts (linhas de código) elaborados. Obviamente, esse processo de aprendizagem apresentou inúmeros desafios devido à formação inicial da pesquisadora em Jornalismo e Comunicação Social, áreas que tradicionalmente não exigem nenhuma habilidade prévia de programação.

Além disso, a necessidade de realizar análises mais precisas levou a conhecimentos introdutórios sobre estatística, ferramenta essencial para interpretar padrões e validar as observações realizadas ao longo da pesquisa. Essa formação foi feita por meio de cursos – principalmente o curso de Analista de Dados da Google[58] –, e da leitura de bibliografia especializada, como: *Estatística e Ciência de Dados*, de Pedro Alberto Morettin e Julio da Motta Singer; *Estatística Prática para Cientistas de Dados*, de Peter Bruce e Andrew Bruce; *Manual de Análise de Dados*, de Luiz Paulo Fávero e Patrícia Belfiore; *Python para Análise de Dados*, de Wes McKinney; *Introdução à Programação com Python*, de Nilo Ney Coutinho Menezes; *Data Science do Zero: noções fundamentais com Python*, de Joel Grus; *Storytelling com Dados*, de Cole Nussbaumer Knaflic; *Python e R para o Cientista de Dados Moderno*, de Rick J. Scavetta e Boyan Angelov; *Introdução à Linguagem SQL*, de Thomas Nield; e *R para Data Science*, de Hadley Wickham e Garrett Grolemund.

O trabalho entregue, é fundamental frisar, não reflete, nem pretende refletir, a

[58] GOOGLE. *Google Data Analytics Certificate*. Disponível em: https://www.coursera.org/professional-certificates/google-data-analytics. Acesso em: 04 de fevereiro de 2025.

expertise de uma especialista em ciência de dados, nem de uma profissional de estatística, mas sim o percurso de alguém que inicia sua trajetória nesse campo, incorporando gradativamente novas metodologias e técnicas à investigação. Ainda assim, o desenvolvimento dessas habilidades possibilitou um avanço significativo na pesquisa, permitindo a aplicação de ferramentas computacionais de forma autônoma e a reflexão crítica sobre os resultados obtidos. Em resumo, o domínio de técnicas de Análise de Dados aprimorou a pesquisadora academicamente, enquanto a pesquisa fortaleceu suas habilidades como analista de dados. No futuro, pretende-se aprofundar esses conhecimentos, aprimorando a proficiência em análise de dados e programação, de modo a fortalecer a trajetória acadêmica e ampliar as possibilidades metodológicas em suas próximas investigações.

Contudo, essa jornada em busca do aprimoramento em linguagens de computador e análise de dados não foi trilhada de maneira solitária. Foram muitas as mãos amigas que se dedicaram a ajudar. O primeiro auxílio veio do Laboratório em Rede de Humanidades Digitais (LARHUD)[59] do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), na figura de Josir Gomes, que indicou o trabalho do professor Leonardo Nascimento, do Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia (LABHD-UFBA)[60]. Ele coordena uma iniciativa de monitoramento de grupos no Telegram, utilizando uma plataforma que realiza diversas raspagens e desenvolve um trabalho bastante alinhado ao que a pesquisa necessitava. Nas conversas iniciais, o professor Leonardo foi fundamental ao apresentar caminhos metodológicos e indicar ferramentas computacionais para a realização da pesquisa. Suas orientações foram valiosas para entender os desafios técnicos do monitoramento de dados em larga escala e estruturar os primeiros passos dos processos investigativos presentes nesta pesquisa.

Apesar da grande vantagem da parceria com o LABHD, a pesquisadora precisou desenvolver alguma destreza no processo de coleta e raspagem de dados. Essa necessidade surgiu tanto pela alta demanda de projetos no laboratório, que tornava o suporte técnico mais limitado, quanto pela importância de garantir autonomia na captação de informações. Ao longo do processo, a pesquisadora entendeu que ter independência nas etapas computacionais/tecnológicas seria essencial para agilizar a coleta e raspagem de dados, otimizando o fluxo de trabalho, sem terceirizar responsabilidades e, assim, permitindo que a pesquisa avançasse de maneira mais eficiente e célere.

---

[59] Mais informações estão disponíveis em: http://www.larhud.ibict.br/ . Acessado em: 03 de junho de 2023.
[60] Mais informações estão disponíveis em: http://www.labhd.ufba.br/ . Acessado em: 03 de junho de 2023.

1.8.1 Parceria com Ergon Cugler

Outro apoio essencial veio do pesquisador Ergon Cugler[61], responsável pelo desenvolvimento de um código aberto para raspagem de dados do Telegram. O trabalho de Cugler foi fundamental para a extração e posterior organização das informações retiradas do app Telegram. O código, denominado *TelegramScrap* (Silva, 2023) foi projetado para coletar dados de canais, grupos e conversas do Telegram:

> A ferramenta *TelegramScrap* propõe uma solução para a extração, organização e análise de dados de canais e grupos do Telegram, atendendo à demanda por ferramentas para navegar por plataformas digitais. Ao integrar funcionalidades intuitivas, a ferramenta conecta a disponibilidade de dados brutos a insights acionáveis. Ela capacita pesquisadores, jornalistas e analistas a explorar comportamentos digitais complexos, acompanhar campanhas de desinformação e investigar padrões temáticos em comunidades online (Silva, 2024, p. 32).

Sua principal função é permitir a extração de diversos campos de dados, incluindo o conteúdo das mensagens, informações sobre os autores, reações, visualizações e comentários, garantindo um amplo espectro de informações para análise. Também permite a extração de links compartilhados no Telegram, possibilitando a análise da circulação de informações dentro dessas comunidades.

O código já foi utilizado para desenvolver estudos que analisaram os eventos de 8 de janeiro de 2023 (Silva, 2023b). Esses estudos, por sua vez, foram citados em documentos oficiais, como os relatórios da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), e contribuíram para a fundamentação das acusações contra os envolvidos na invasão criminosa de Brasília (BRASIL, 2023; PSOL na Câmara, 2023).

No entanto, a parceria com Cugler não se limitou à utilização da ferramenta *ScrapTelegram*. Ele foi uma parceria fundamental para a organização das informações e consolidação do banco de dados da presente tese O pesquisador tem vasta experiência com análise de grupos de Telegram, com destaque para seu último estudo *Conspiracionismo no Brasil em Números* (Silva, 2024)[62], que demonstrou como o crescimento dessas redes foi impulsionado pela pandemia da COVID-19, gerando um ecossistema onde diferentes narrativas se reforçam mutuamente.

---

[61] Para maiores informações sobre a carreira do pesquisador, acesse seu currículo Lattes. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/2259059848458991 . Acesso em: 10 fev. 2025.

[62] O autor também disponibilizou uma visualização gráfica do estudo chamado #DataConspiraTelegram. Disponível em: https://lookerstudio.google.com/reporting/66d89e31-70b8-47b4-99e3-9953274361a2/page/p_sx0cn2q5ld . Acesso em 10 fev.2025.

Seu trabalho revelou o papel dessas comunidades na radicalização digital, além de investigar os mecanismos de monetização da desinformação, como por exemplo a venda de remédios milagrosos em redes de *fake science*, destinadas a vender remédios milagrosos e terapias alternativas sem comprovação científica. No entanto, o estudo também investiga comunidades *anti-woke*, revisionistas e de discurso de ódio, que propagam ideologias extremistas e negacionismo histórico, além de grupos apocalípticos, esotéricos e ocultistas, onde a fé é usada para atrair seguidores a teorias conspiratórias. Também analisa redes dedicadas a OVNIs, reptilianos e terraplanismo, que rejeitam evidências científicas e reforçam narrativas de dominação global. Por fim, detalha a atuação de grupos ligados à Nova Ordem Mundial, globalismo e QAnon, evidenciando como essas comunidades se interconectam para disseminar desinformação e radicalizar seus membros (Silva, 2024). Tal empreitada exigiu a consolidação de um banco de dados robusto:

> Juntos, esses estudos investigam mais de 27 milhões de conteúdos, envolvendo cerca de 2,2 milhões de usuários em 855 grupos e canais que compartilham e promovem narrativas conspiracionistas. A partir desses dados, foram aplicadas análises de redes, análises de séries temporais, análises de conteúdo e análises de sobreposições temáticas, com o objetivo de entender a circulação dessas narrativas digitais e como elas se interconectam dentro do ecossistema conspiratório (Silva, 2024, p. 7).

Depois de estabelecida a parceria, Cugler gentilmente cedeu parte do seu banco de dados para integrar esta pesquisa. Quando a parceria teve início, ele disponibilizou seus arquivos, que continham 765 grupos de Telegram previamente raspados. Alguns dos grupos analisados por esta pesquisadora já faziam parte do banco de dados de Cugler, mas, como seu foco era o conspiracionismo em geral, muitos grupos explicitamente dedicados ao bolsonarismo não estavam contemplados em sua amostragem, embora tivessem vínculos evidentes com teorias conspiratórias.

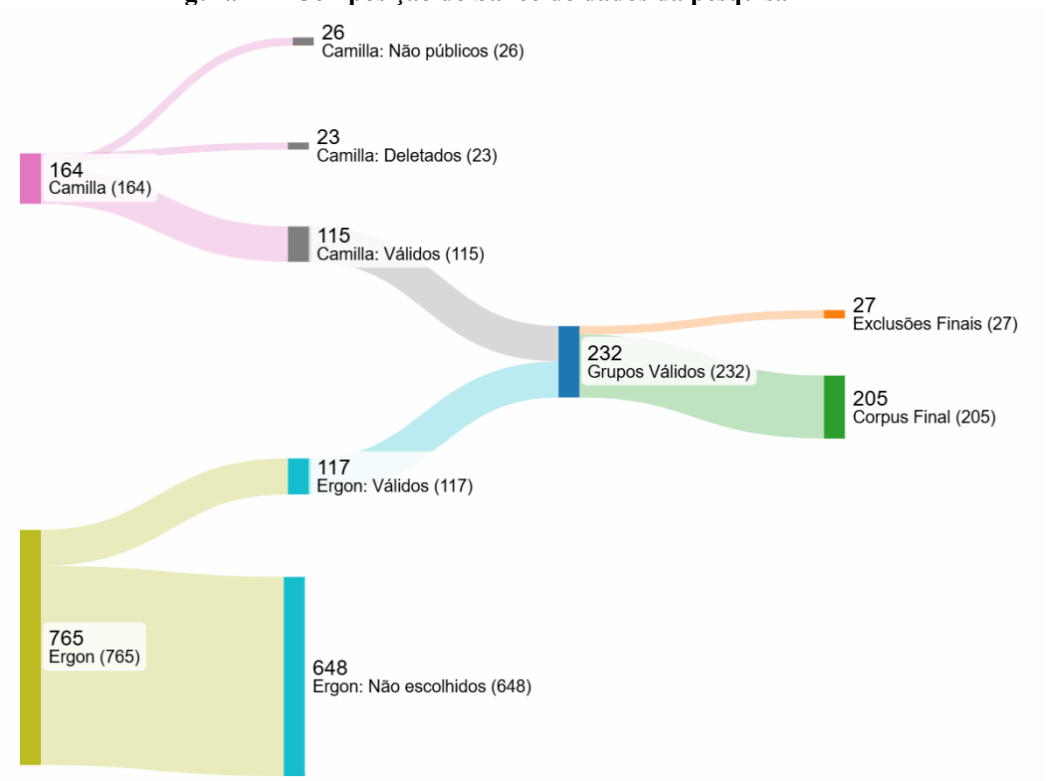
Embora esta pesquisa tenha estabelecido uma parceria com Ergon Cugler já na fase intermediária do trabalho, é importante mencionar que os dados por ele disponibilizados foram coletados a partir de métodos compatíveis com os critérios técnicos e éticos adotados neste estudo. As raspagens realizadas por Cugler utilizaram a API oficial do Telegram, respeitando os parâmetros definidos pela própria plataforma e incidindo apenas sobre grupos públicos, de acesso aberto e livre circulação. A ferramenta utilizada, o ScrapTelegram, criada por ele, é de código aberto, o que assegura transparência quanto à sua estrutura e funcionamento. Tal procedimento garante a rastreabilidade das coletas, assim como a aderência às boas práticas em pesquisa com dados digitais, em consonância com os princípios

da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e com os protocolos éticos reconhecidos na área.

Portanto, o acesso a um número significativo de grupos conspiracionistas no Telegram foi fundamental para enriquecer a pesquisa, ampliando a compreensão sobre as dinâmicas de desinformação e radicalização digital. Além disso, a análise desse ecossistema mais amplo de grupos conspiracionistas permitiu posicionar os grupos bolsonaristas, que são o centro desta pesquisa, dentro do regime de desinformação proporcionado pelo Telegram. Esse contexto possibilitou identificar em que pontos esses grupos se aproximam e se diferenciam das demais comunidades conspiratórias, contribuindo para uma visão mais aprofundada sobre suas conexões, estratégias de disseminação de conteúdo e dinâmicas internas.

Para melhor entendimento da consolidação do banco de dados dessa pesquisa, elaborou-se o diagrama Sankey demonstrado abaixo:

Figura 22 - Composição do banco de dados da pesquisa



Fonte: Elaboração da autora

O gráfico apresenta a composição e filtragem dos grupos utilizados nesta pesquisa, combinando os dados coletados pela pesquisadora com aqueles cedidos por Ergon Cugler. Inicialmente, a pesquisadora contava com 164 grupos do Telegram, mas, devido a restrições da plataforma e eventos externos, uma parte dessa amostra não pôde ser utilizada, como é normal da natureza de pesquisa com grupos. Do total, 26 grupos eram privados, impossibilitando a raspagem, enquanto 23 foram deletados antes da fase de extração, seja pelo

Telegram, pelos administradores ou por bloqueios impostos pelo STF. Dessa forma, restaram 115 grupos válidos para análise.

Por sua vez, Cugler disponibilizou um banco de 765 grupos, abrangendo diversas redes conspiracionistas da América Latina. No entanto, como seu foco era o conspiracionismo em geral, muitos desses grupos não se encaixavam na proposta desta pesquisa, que prioriza o contexto brasileiro. Assim, 648 grupos foram descartados, seja por não estarem relacionados ao Brasil ou por não apresentarem temas comparáveis à pesquisa. Ainda assim, 117 grupos da base de Cugler foram aproveitados,

Após a seleção inicial, os 232 grupos considerados válidos passaram por uma filtragem final, resultando na exclusão de mais 27 grupos, por dificuldades na raspagem de dados. O principal motivo foi a restrição de comentários pelos administradores, permitindo apenas postagens sem interação dos participantes, o que impossibilitou a análise das participações. Com isso, o corpus final da pesquisa foi consolidado com 205 grupos, oferecendo uma amostra robusta e compatível com os objetivos da pesquisa.

1.8.2 Por que não utilizar todos os grupos de Ergon?

Apesar de ser tentador, absorver todo o conteúdo de Ergon seria um erro. Principalmente um erro estatístico. A validade de uma pesquisa depende diretamente da qualidade da sua amostra, por isso, a seleção cuidadosa dos dados é fundamental para que os resultados representem com precisão o fenômeno estudado (Bruce; Bruce, 2019). No caso deste estudo, incluir muitos grupos conspiracionistas de outras temáticas poderia comprometer a análise. O viés de amostragem é um problema estatístico recorrente quando a composição da amostra não reflete adequadamente o objetivo da análise. No caso o problema seria um viés de seleção. “O viés de seleção se refere à prática de escolher os dados de forma seletiva – consciente ou inconscientemente –, de modo que isso leva a uma conclusão que é enganosa ou efêmera” (Bruce; Bruce, 2019, p. 46).

O banco de dados original da pesquisadora continha 164 grupos selecionados, mas a incorporação do banco de Ergon Cugler, com 765 grupos, exigiu um critério rigoroso de escolha e principalmente de exclusão. Se todos os grupos de Cugler fossem absorvidos sem filtros, a pesquisa deixaria de ser específica sobre a dinâmica do movimento 8 de janeiro nos grupos selecionados pela pesquisadora e passaria a ser possivelmente um estudo generalista sobre o conspiracionismo digital. Ou seja, o âmago da pesquisa ficaria “dissolvido” em uma enorme amostra de outros grupos não específicos.

Pensando estatisticamente, a inclusão excessiva de dados irrelevantes – como grupos estrangeiros, por exemplo – afetaria demonstrações básicas, como médias, medianas e distribuições de frequência. Ou seja, se os grupos de Ergon forem muito diferentes dos grupos de Camilla, as estatísticas globais podem sugerir padrões que não refletem as dinâmicas dos grupos que são foco do estudo. Por exemplo, se a média de mensagens por dia nos grupos de Camilla for 250 postagens, mas a inclusão de um grande volume de grupos mexicanos sobre reptilianos e globalismo, que têm muito mais postagens diárias, poderia elevar essa média para 600 postagens por dia. Essa distorção faria parecer que os grupos de Camilla são muito mais ativos do que realmente são, levando a interpretações errôneas sobre seus padrões de mobilização. Isso é um viés estatístico de amostragem. Para evitar esse problema, o banco de dados de Ergon foi filtrado, garantindo que a amostra quantitativa permanecesse compatível com os grupos originais selecionados por Camilla.

1.8.3 Lista de grupos analisados

Ao todo, foram analisados 205 grupos. A seguir, apresenta-se a listagem completa desses grupos, incluindo suas categorias – Antivacinas, Anti-Woke e Gênero, Bolsonarismo, Conspirações Gerais, Nova Ordem Mundial e Globalismo, e Revisionismo e Discurso de Ódio – e sua origem, ou seja, o banco de dados de Camilla ou de Ergon:

Tabela 1 - Tabela da lista de grupos observados

NUMBER	GROUP	CATEGORIES	RESEARCHER
1	@antivacinas	Antivax	Camilla
2	@antivaxxx	Antivax	Camilla
3	@arquivoXvacinas	Antivax	Ergon
4	@ChatTestemunhosVacinasCovid19	Antivax	Ergon
5	@corongaefake	Antivax	Ergon
6	@Covidfarsas	Antivax	Camilla
7	@estudoscriticos	Antivax	Ergon
8	@liberdademedico	Antivax	Camilla
9	@malsubito1	Antivax	Ergon
10	@medicospelaliberdade	Antivax	Camilla
11	@naoapicadadamorte	Antivax	Ergon
12	@VacinasExperimentaisChat	Antivax	Ergon
13	@AlessandroLoiola	Anti-Woke and Gender	Ergon
14	@blackpill_brasil	Anti-Woke and Gender	Ergon
15	@capitaosalvacorno	Anti-Woke and Gender	Ergon
16	@centraldepostsantifeministas	Anti-Woke and Gender	Ergon
17	@contrarevolucaoanticomunista	Anti-Woke and Gender	Ergon
18	@feminismooficial	Anti-Woke and Gender	Ergon
19	@fimdostempos_rio	Anti-Woke and Gender	Ergon

20	@hivkkk	Anti-Woke and Gender	Ergon
21	@jessicaolacra	Anti-Woke and Gender	Ergon
22	@jornalixo	Anti-Woke and Gender	Ergon
23	@lgbtbostas	Anti-Woke and Gender	Ergon
24	@mgtowbrasilredpill	Anti-Woke and Gender	Ergon
25	@Nettodobonde	Anti-Woke and Gender	Ergon
26	@NoNutChallenge	Anti-Woke and Gender	Ergon
27	@novaresistenciabrasil	Anti-Woke and Gender	Ergon
28	@orgulhogay	Anti-Woke and Gender	Ergon
29	@politicamente_incorreto_canal	Anti-Woke and Gender	Ergon
30	@ProibidoParaGay	Anti-Woke and Gender	Ergon
31	@racismobrancos	Anti-Woke and Gender	Ergon
32	@redpilados	Anti-Woke and Gender	Ergon
33	@RedPillBrasil	Anti-Woke and Gender	Ergon
34	@retardedteenagers	Anti-Woke and Gender	Ergon
35	@revoltaaomoderno	Anti-Woke and Gender	Ergon
36	@romulomaraschin	Anti-Woke and Gender	Ergon
37	@terceiraposicaobr	Anti-Woke and Gender	Ergon
38	@biakicisoficial	Bolsonarism	Camilla
39	@bkuster	Bolsonarism	Camilla
40	@bloggleissoncoutinho	Bolsonarism	Camilla
41	@BoicoteDeProdutos	Bolsonarism	Camilla
42	@BolsonaroBR	Bolsonarism	Camilla
43	@bolsonaroBR2023	Bolsonarism	Camilla
44	@bolsonarocarlos	Bolsonarism	Camilla
45	@BOLSONAROGRUPO	Bolsonarism	Camilla
46	@brasil_paralelo	Bolsonarism	Camilla
47	@BRASILIAemCHAMAS	Bolsonarism	Camilla
48	@brasilmilitarofc	Bolsonarism	Camilla
49	@BrasilParaleloDoc	Bolsonarism	Camilla
50	@brasilparalelooficial	Bolsonarism	Camilla
51	@brasilsemmedo	Bolsonarism	Camilla
52	@canaldofaka	Bolsonarism	Camilla
53	@CanalSegundos	Bolsonarism	Camilla
54	@COMANDOSbr	Bolsonarism	Camilla
55	@cristaoc	Bolsonarism	Camilla
56	@depeduardobolsonaro	Bolsonarism	Camilla
57	@dia_conservador	Bolsonarism	Camilla
58	@DireitaPatriota51	Bolsonarism	Camilla
59	@EuVotoNoBolsonaro	Bolsonarism	Camilla
60	@expressoconservador	Bolsonarism	Camilla
61	@fabianabolsonaro	Bolsonarism	Camilla
62	@foralularapio	Bolsonarism	Camilla
63	@freebrazil	Bolsonarism	Camilla
64	@freedomnewsforyou	Bolsonarism	Camilla
65	@historiaearqueologia	Bolsonarism	Camilla
66	@hojeno_mundomilitar	Bolsonarism	Camilla
67	@INTEGRALISTAS1932	Bolsonarism	Camilla
68	@intervencaobrasil22	Bolsonarism	Camilla
69	@INTERVENCAOFEDERALJA	Bolsonarism	Camilla
70	@intervencaojabr	Bolsonarism	Camilla
71	@intervencionistas	Bolsonarism	Camilla
72	@jairbolsonarobrasil	Bolsonarism	Camilla

73	@jornalogritodaliberdade	Bolsonarism	Camilla
74	@LCuU5w0MjNh	Bolsonarism	Camilla
75	@MovimentoBrasilDireito	Bolsonarism	Camilla
76	@Nacional_pardismo	Bolsonarism	Camilla
77	@nikolasferreira	Bolsonarism	Camilla
78	@novadireitaoficial	Bolsonarism	Camilla
79	@novaordem88	Bolsonarism	Camilla
80	@osnacionalistasdonorte	Bolsonarism	Camilla
81	@PATRIANOSSA2	Bolsonarism	Camilla
82	@patriotascmo	Bolsonarism	Camilla
83	@pelavidaeliberdade	Bolsonarism	Camilla
84	@pomerodesc	Bolsonarism	Camilla
85	@questioneseoficial	Bolsonarism	Camilla
86	@rasgandooverbo	Bolsonarism	Camilla
87	@selvabrasiloficiall	Bolsonarism	Camilla
88	@senadorflaviobolsonaro	Bolsonarism	Camilla
89	@setembro7bolsonaro	Bolsonarism	Camilla
90	@Soldados	Bolsonarism	Camilla
91	@terrabrasilnoticias1	Bolsonarism	Camilla
92	@thomaskorontai	Bolsonarism	Camilla
93	@votoimpresso2022	Bolsonarism	Camilla
94	@sssempreee	Bolsonarism	Camilla
95	@buscadordeverdade	Bolsonarism	Camilla
96	@QAnonmaly	Bolsonarism	Camilla
97	@mundoatual1	Bolsonarism	Camilla
98	@lordbolsonaro	Bolsonarism	Ergon
99	@USTRA_VIVE	Bolsonarism	Camilla
100	@acorrente	Bolsonarism	Camilla
101	@selvaeaco	Bolsonarism	Camilla
102	@AliancaPeloBrasilJMB2022	Bolsonarism	Camilla
103	@amigoslutando	Bolsonarism	Camilla
104	@patriaamadabrasil30	Bolsonarism	Camilla
105	@RESTRITObr	Bolsonarism	Ergon
106	@ApertemOsCintos	Bolsonarism	Ergon
107	@OlavoTemRazaoCanal	Bolsonarism	Camilla
108	@opropriolavo	Bolsonarism	Camilla
109	@cosmovisaobiblica	General Conspiracy	Ergon
110	@terraplanabrazil	General Conspiracy	Ergon
111	@vantuiir	General Conspiracy	Ergon
112	@AUltimaChance	General Conspiracy	Ergon
113	@brazilspring	General Conspiracy	Camilla
114	@canaldespertandotelegram	General Conspiracy	Ergon
115	@DemystifyingTruths	General Conspiracy	Camilla
116	@divisaosanctacrux	General Conspiracy	Ergon
117	@ENCARANDO_A_VERDADE_escatologia	General Conspiracy	Ergon
118	@EspOsFatosSemCensuraOficial	General Conspiracy	Ergon
119	@FactosNaoMedo	General Conspiracy	Ergon
120	@GrupoAndreLuisAndrYAHU	General Conspiracy	Camilla
121	@noticiasdarosaconservadora	General Conspiracy	Camilla
122	@olamhazeh	General Conspiracy	Ergon
123	@oraculonacionalistaoficial	General Conspiracy	Camilla
124	@QBrasilwwg1wga	General Conspiracy	Ergon
125	@ograndedespertarq	General Conspiracy	Ergon

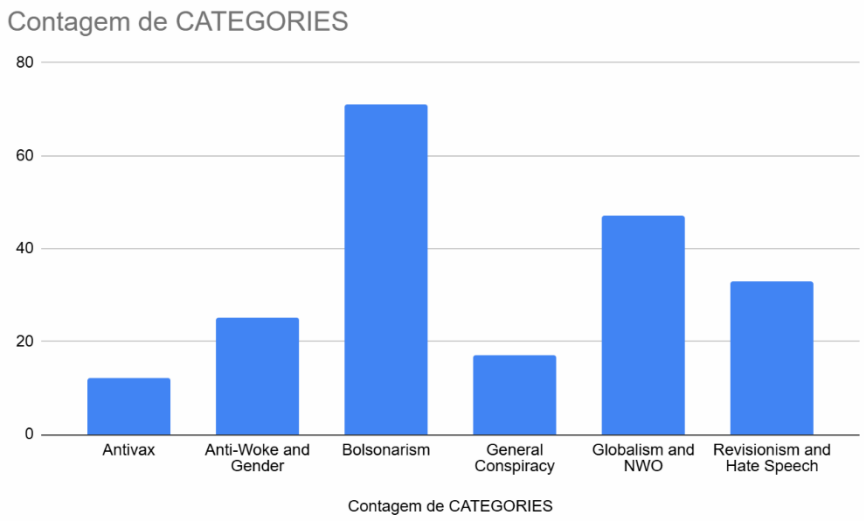
126	@AntiMatrix2021	NWO and Globalism	Ergon
127	@Aquedadospoderes	NWO and Globalism	Ergon
128	@armillary	NWO and Globalism	Ergon
129	@BuracoConspira	NWO and Globalism	Ergon
130	@casandooverbo	NWO and Globalism	Ergon
131	@casandooverboDebates	NWO and Globalism	Camilla
132	@conhecimentoproibido	NWO and Globalism	Ergon
133	@ContraOTotalitarismoDaNOM	NWO and Globalism	Ergon
134	@crimesdocomunismo	NWO and Globalism	Ergon
135	@Cvyrtlick	NWO and Globalism	Ergon
136	@geoanticomuno	NWO and Globalism	Ergon
137	@GuerraContraOsTiranicos	NWO and Globalism	Ergon
138	@nacionalismosalva	NWO and Globalism	Ergon
139	@OinformanteQAnon	NWO and Globalism	Ergon
140	@Oinformantes	NWO and Globalism	Camilla
141	@ONDEVAMOSVAMOSTODOS	NWO and Globalism	Ergon
142	@PauloProfGeo	NWO and Globalism	Ergon
143	@PelaLiberdadePelaVerdade	NWO and Globalism	Ergon
144	@phvoxcanal	NWO and Globalism	Camilla
145	@R_Alliance	NWO and Globalism	Ergon
146	@rljunior007	NWO and Globalism	Camilla
147	@saindodamatrix2021	NWO and Globalism	Ergon
148	@seitanazarena	NWO and Globalism	Ergon
149	@verdadeconcreta	NWO and Globalism	Ergon
150	@anti_nova_ordem_mundial	NWO and Globalism	Ergon
151	@CHAT_A_Verdade_Oculta	NWO and Globalism	Ergon
152	@desmagnetizado	NWO and Globalism	Camilla
153	@despertareinevitavel	NWO and Globalism	Camilla
154	@desperte_e	NWO and Globalism	Ergon
155	@expondoaeliteoculta	NWO and Globalism	Camilla
156	@Falhadamatrix	NWO and Globalism	Ergon
157	@LIVREDOSISTEMA	NWO and Globalism	Ergon
158	@NovaOrdemMundialGrupo	NWO and Globalism	Ergon
159	@oembaixadordaverdade	NWO and Globalism	Ergon
160	@ogrande reset	NWO and Globalism	Ergon
161	@ozziepenaoficial	NWO and Globalism	Ergon
162	@perrottiwhatsap21991540371	NWO and Globalism	Camilla
163	@refugiopolitico	NWO and Globalism	Ergon
164	@revolucaosilenciosa	NWO and Globalism	Ergon
165	@RodolfoMollaNeto	NWO and Globalism	Ergon
166	@sociedaxsecreta	NWO and Globalism	Ergon
167	@statcrux2	NWO and Globalism	Camilla
168	@teoriadaconspiracaomundial	NWO and Globalism	Ergon
169	@terpsicorehipocampo	NWO and Globalism	Ergon
170	@tgpraticadaconspiracao	NWO and Globalism	Ergon
171	@todoscontraanovaordemmundial	NWO and Globalism	Ergon
172	@tvdespertaroficial	NWO and Globalism	Ergon
173	@AlphaHistoria	Revisionism and Hate Speech	Ergon
174	@anti_sionista_br	Revisionism and Hate Speech	Ergon
175	@antimerchant3	Revisionism and Hate Speech	Ergon
176	@BibliotecaBased	Revisionism and Hate Speech	Ergon
177	@bostil_art	Revisionism and Hate Speech	Ergon
178	@botecofcomics	Revisionism and Hate Speech	Ergon

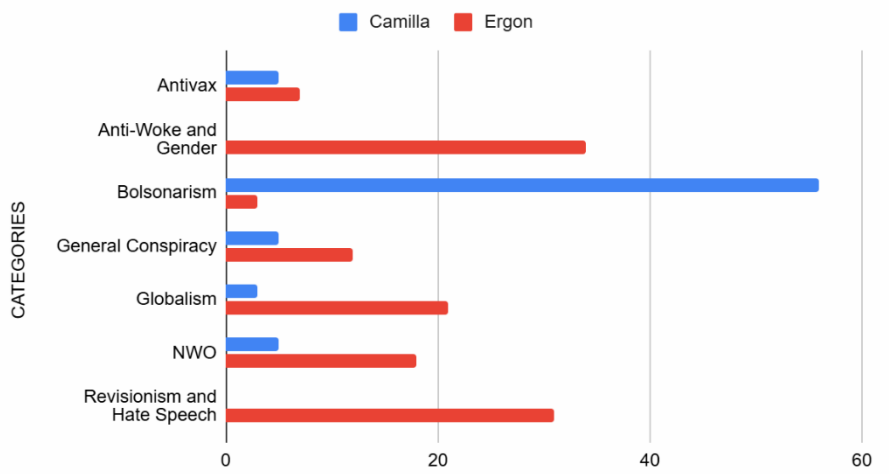
179	@canaisfascistasbr	Revisionism and Hate Speech	Ergon
180	@Chat_Fatos_Ocultados	Revisionism and Hate Speech	Ergon
181	@COLAPSOS_E_CRUZADAS	Revisionism and Hate Speech	Ergon
182	@EstudosNs	Revisionism and Hate Speech	Ergon
183	@FamilieNusse	Revisionism and Hate Speech	Ergon
184	@frontnacionalista	Revisionism and Hate Speech	Ergon
185	@FrontNacionalistaBR	Revisionism and Hate Speech	Ergon
186	@historiajamaiscontada	Revisionism and Hate Speech	Ergon
187	@inicioliveira	Revisionism and Hate Speech	Ergon
188	@JudeuSincero	Revisionism and Hate Speech	Ergon
189	@judeusincerogrupo	Revisionism and Hate Speech	Ergon
190	@LivrosAntissemitas	Revisionism and Hate Speech	Ergon
191	@materialrevisionista	Revisionism and Hate Speech	Ergon
192	@MemesNS	Revisionism and Hate Speech	Ergon
193	@nacionalista_real	Revisionism and Hate Speech	Ergon
194	@novaordembrasileira	Revisionism and Hate Speech	Ergon
195	@NSchristianity	Revisionism and Hate Speech	Ergon
196	@ORevisio90	Revisionism and Hate Speech	Ergon
197	@pretokkk	Revisionism and Hate Speech	Ergon
198	@revisionismocompleto	Revisionism and Hate Speech	Ergon
199	@SolNegro1488	Revisionism and Hate Speech	Ergon
200	@TerceiraPosicao	Revisionism and Hate Speech	Ergon
201	@tvderk	Revisionism and Hate Speech	Ergon
202	@vcoluna	Revisionism and Hate Speech	Ergon
203	@WhiteResister2	Revisionism and Hate Speech	Ergon
204	@teologiaacademica	Revisionism and Hate Speech	Camilla
205	@terceiraposicaopoliticak	Revisionism and Hate Speech	Ergon

Fonte: Elaboração da autora

Portanto, o banco de dados ficou organizado de acordo com as visualizações abaixo:

Figura 23 - Proporção de grupos por categoria e por pesquisador





Fonte: elaboração da autora a partir do banco de dados da pesquisa

A classificação dos grupos analisados nesta pesquisa foi um passo essencial para organizar e compreender a circulação de desinformação e discursos extremistas. As categorias originalmente atribuídas aos grupos do banco de dados de Ergon não foram incorporadas diretamente. Ou seja, todos os grupos foram reclassificados com base em critérios considerados mais adequados aos objetivos da pesquisa, garantindo uma categorização uniforme e alinhada à análise proposta.

Como destaca Olga Pombo (1998), a estruturação de categorias não é apenas um exercício técnico, mas uma forma de estabilizar o conhecimento, permitindo que a realidade observada seja sistematicamente analisada. Dessa maneira, a definição das seis categorias adotadas – "Antivacina", "Anti-Woke e Gênero", "Bolsonarismo", "Conspirações Gerais", "Nova Ordem Mundial e Globalismo e Revisionismo e Discurso de Ódio" – emergiu de um processo de observação, reflexão e ajustes metodológicos, buscando criar parâmetros que melhor organizassem as diferentes dinâmicas discursivas identificadas.

É importante explicar o porquê de todos os títulos de categorias[63] estarem em inglês. Essa escolha foi feita para garantir compatibilidade com os códigos utilizados na análise, uma vez que as principais bibliotecas de processamento de dados e linguagem natural operam com padrões internacionais e podem apresentar dificuldades ao lidar com caracteres especiais, como cedilha (ç), til (~), além de acentos grave (`), agudo (´) e circunflexo (^). Além disso, a adoção do inglês como padrão evita inconsistências e facilita a integração dos dados em diferentes ferramentas e plataformas, garantindo maior acessibilidade e redução dos erros de leitura e processamento.

[63] As colunas do banco de dados, que serão apresentadas mais à frente neste capítulo, também apresentam títulos em inglês pelo mesmo motivo.

Descrevemos as categorias abaixo, como consta de sua inscrição no banco de dados:

- *Antivax:* Grupos que promovem desinformação sobre vacinas, incluindo a rejeição de campanhas de vacinação, teorias da conspiração sobre efeitos colaterais exagerados ou falsos e alegações infundadas sobre controle populacional ou modificação genética.
- *Anti-Woke and Gender:* Grupos que se opõem a pautas progressistas ligadas à diversidade, inclusão e direitos LGBTQIAPN+. Essa categoria também abriga grupos *Redpill*, que propagam ideias antifeministas e masculinistas.
- *Bolsonarism*: Grupos alinhados ao ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro, promovendo narrativas conservadoras e críticas à esquerda. Podem incluir desinformação sobre política, teorias da conspiração sobre instituições democráticas e apoio ao autoritarismo.
- *General Conspiracy*: Grupos que divulgam diversas teorias da conspiração. Dentro desse contexto, uma das teorias mais difundidas é a da Terra Plana, que nega o consenso científico sobre a forma do planeta e sugere uma suposta conspiração global para ocultar a "verdade".
- *NWO and Globalism*: Grupos que promovem a teoria da "Nova Ordem Mundial", alegando a existência de um plano global de dominação envolvendo governos, corporações e instituições como ONU e OMS. Dentro dessa perspectiva, globalismo é retratado como um movimento que busca impor um governo mundial único, reduzindo a soberania dos países e controlando suas economias, culturas e políticas.
- *Revisionism and Hate Speech*: Espaços que promovem revisionismo histórico (como negar crimes de regimes autoritários ou distorcer eventos históricos) e discurso de ódio contra minorias, imigrantes, ativistas e outros grupos considerados inimigos da ideologia promovida. Esta categoria também abarca alguns grupos neonazistas, que disseminam discursos de supremacia branca, negacionismo do Holocausto e incitação à violência contra determinados grupos sociais e raciais.

Ao longo da pesquisa, a necessidade de categorizar esses grupos tornou-se evidente, pois sem uma estrutura clara de classificação, a compreensão do material coletado se tornaria difusa e fragmentada. Como aponta Pombo, as classificações fornecem "os pontos estáveis

que nos impedem de rodopiar sem solo" (Pombo, 1999, p. 1), permitindo estabelecer relações, identificar padrões e compreender como diferentes discursos se conectam. Esse processo de categorização foi realizado de forma criteriosa, com sucessivas revisões e debates até que se chegasse a um modelo que abrangesse as especificidades dos grupos sem perder a coerência analítica.

> A escolha de uma ou outra dessas propriedades terá como resultado diferentes arranjos das realidades a classificar e, consequentemente, a constituição de diferentes classificações. Classificar é então escolher uma entre outras classificações logicamente possíveis procurando encontrar, para a escolha feita, um conjunto de razões suficientes. É o caso da classificação das ciências onde há sempre várias propriedades que podem dar origem a diferentes classificações (Pombo, 1999, p. 8).

A importância de classificar não reside apenas na organização dos dados, mas na própria produção do conhecimento. Assim, longe de ser uma mera formalidade, a classificação adotada aqui cumpre um papel analítico essencial, funcionando como uma ferramenta que permite uma leitura sistemática do ambiente digital investigado. Como argumenta Pombo, toda classificação responde a uma necessidade fundamental: ordenar e interpretar a complexidade do mundo ao nosso redor (Pombo, 1999, p. 3). Dessa forma, ao estabelecer essas categorias, a pesquisa constrói uma estrutura para compreender as dinâmicas da desinformação nesses grupos, possibilitando futuras investigações sobre a influência das redes digitais na radicalização política e na circulação de discursos extremistas.

A definição dessas categorias estruturou a análise dos grupos e estabeleceu uma base fundamental para o desenvolvimento da principal abordagem metodológica desta pesquisa: a Análise Exploratória de Dados (EDA), que será abordada mais adiante ainda neste capítulo. Após diversas tentativas metodológicas mencionadas anteriormente, a EDA se consolidou como o eixo central da investigação. Ao categorizar os grupos, criou-se um ponto de partida essencial para identificar padrões, traçar correlações e interpretar de forma sistemática os fluxos de desinformação e mobilização digital. Assim, esse processo classificatório não foi um fim em si mesmo, mas uma etapa metodológica indispensável que orientou e potencializou as etapas seguintes da investigação.

1.8.4 *Data Scraping*

Depois de pesquisar, integrar, registrar, vivenciar e catalogar os 205 grupos, era necessário ir além da observação e partir para a extração do conteúdo. Era o momento de coletar os dados de forma. Descreveremos agora o processo de raspagem de dados (*data*

scraping) a partir do corpus de pesquisa. A prática já é bem estabelecida em plataformas digitais, porém estudos relacionados ao Telegram ainda são incipientes, principalmente no Brasil:

> Scraping é a prática de coletar dados por qualquer meio que não seja um programa interagindo com uma API (ou, obviamente, por um humano utilizando um navegador web). Isso é comumente realizado através da criação de um programa automatizado que consulta um servidor web, solicita dados (geralmente na forma de HTML[64] e outros arquivos que compõem páginas da web) e, em seguida, analisa esses dados para extrair as informações necessárias (Mitchell, 2015, p. 8).

Uma API (*Application Programming Interface* ou Interface de Programação de Aplicações, em tradução livre é um conjunto de regras e protocolos que permitem a interação e a comunicação entre diferentes softwares e sistemas. Ela define os métodos e formatos de dados que podem ser utilizados para acessar e manipular recursos específicos de uma aplicação (Peralta, 2023, p. 8). Embora o *scraping* seja tradicionalmente associado à extração de dados de páginas HTML, a raspagem realizada nesta pesquisa ocorreu diretamente na interface do Telegram. Para isso, utiliza-se a biblioteca Telethon[65], uma ferramenta projetada para interagir com a API do Telegram, permitindo a coleta sistemática de mensagens, metadados e interações em grupos públicos. O processo foi realizado por meio do código aberto *ScrapTelegram* (Silva, 2023a).

O código *ScrapTelegram* foi disponibilizado na interface do Google Colab[66], por meio da qual a pesquisadora realizou 20 ciclos de raspagem para concluir a extração de todo o conteúdo que compõe o corpus da presente tese. O passo a passo da utilização da ferramenta permaneceu o mesmo em todos os ciclos de extração. Antes de iniciar a raspagem dos dados, foi necessário configurar o campo *Setup*. O primeiro passo foi a instalação da biblioteca *Telethon*. Em seguida, foram importadas as bibliotecas essenciais[67] para a coleta e manipulação dos dados, como *pandas*, para armazenamento em estrutura tabular; *json*, para

---

[64] HTML (*HyperText Markup Language*) é a linguagem de marcação utilizada para estruturar e exibir conteúdos na web. Ele define a organização dos elementos em uma página, como textos, imagens, links e outros componentes interativos, sendo interpretado pelos navegadores para a renderização das páginas.

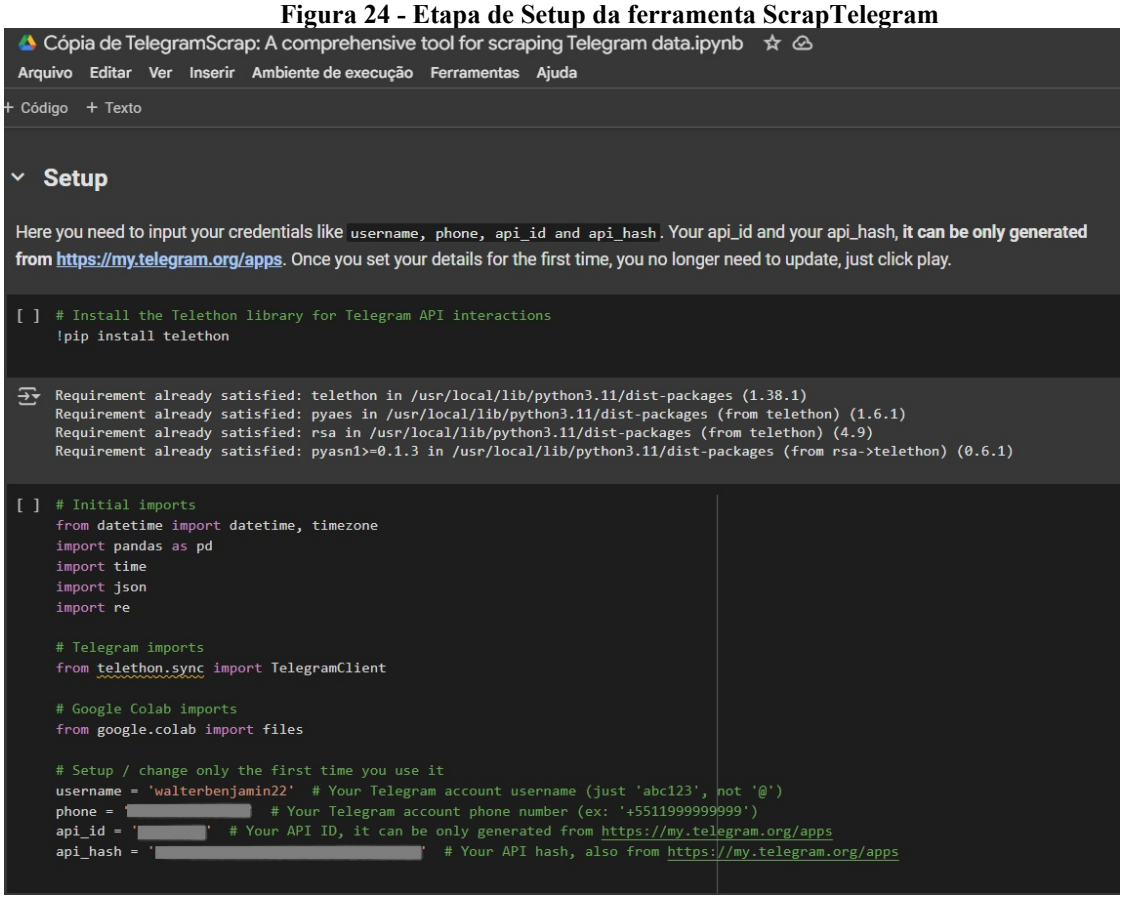
[65] A biblioteca Telethon é uma biblioteca em Python voltada para a automação e raspagem de dados no Telegram. Ela permite que desenvolvedores interajam com a API do Telegram. Isso agiliza tarefas como o envio e recebimento de mensagens, a extração de dados de grupos e canais, entre várias outras funcionalidades.

[66] O *Google Colab* (*Google Colaboratory*) é uma plataforma baseada em nuvem que permite a execução de códigos em Python de forma interativa, sem a necessidade de instalação local de bibliotecas ou configuração de ambiente. No contexto desta pesquisa, o *ScrapTelegram* foi executado no Google Colab devido à necessidade de um ambiente que permitisse a raspagem contínua de grandes volumes de dados sem sobrecarregar o computador pessoal da pesquisadora. A utilização dessa plataforma também facilitou o armazenamento temporário dos arquivos extraídos e a integração com outras bibliotecas essenciais para a análise dos dados coletados.

[67] Bibliotecas são conjuntos de funções e ferramentas pré-escritas que facilitam a execução de tarefas específicas, evitando a necessidade de escrever código do zero. No Python, bibliotecas como pandas, json, time e re ajudam a organizar, processar e manipular dados de forma mais eficiente.

tratamento dos dados extraídos; *time*, para controle da execução do código; e *re*, para eventuais manipulações de texto com expressões regulares. Após essa etapa inicial, o código exigiu a autenticação do usuário, garantindo acesso autorizado aos conteúdos públicos do Telegram. Para isso, foram inseridas as credenciais pessoais, incluindo o nome de usuário: *walterbenjamin22* e número de telefone. Como é possível observar na figura abaixo:

Figura 24 - Etapa de Setup da ferramenta ScrapTelegram



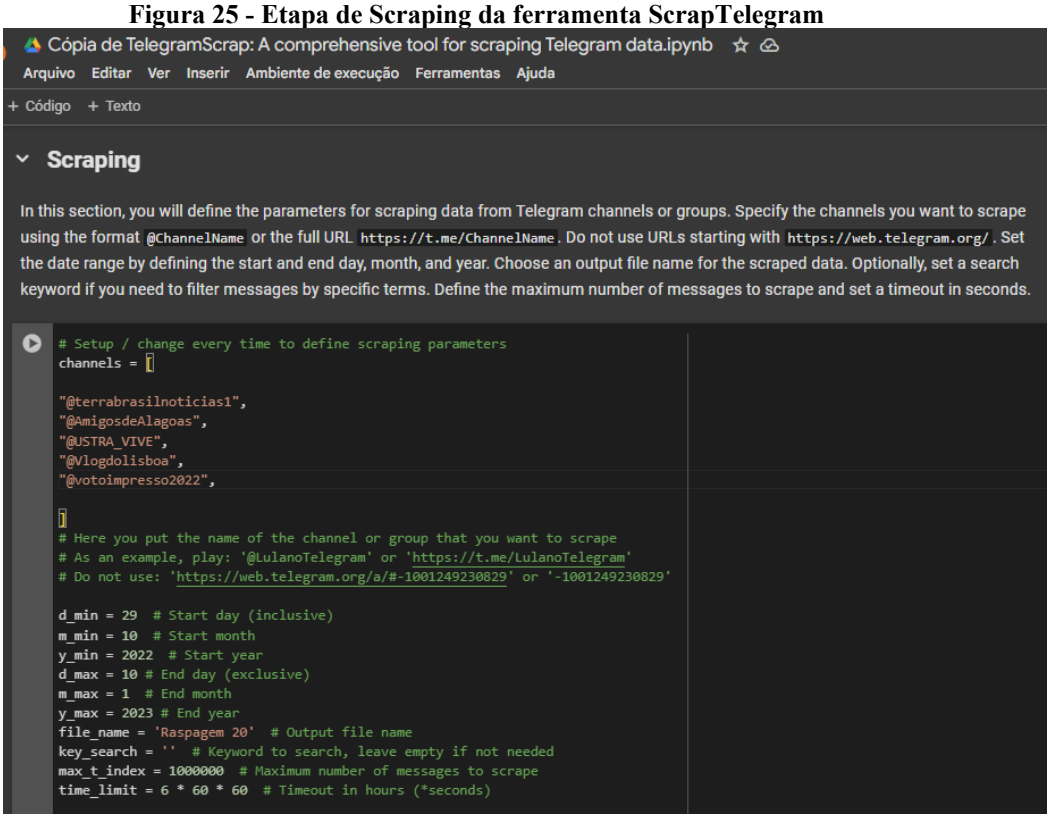
Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do GoogleColab

Em seguida, foram definidos os canais e grupos públicos a serem analisados, a partir da lista e classificações já mencionadas. Em seguida, foi estabelecida a janela de tempo para delimitar o período da coleta, iniciando em 29 de outubro de 2022 (véspera do segundo turno das eleições) e encerrando em 10 de janeiro de 2023 (dois dias após os ataques de 8 de janeiro), garantindo uma margem de segurança para o recorte previamente definido.

Além disso, foi determinado um limite máximo de um milhão de mensagens a serem extraídas, assegurando que um volume representativo de interações fosse capturado. O nome do arquivo de saída foi especificado como “Raspagem 20”, permitindo a organização dos dados obtidos. Opcionalmente, a estrutura do código também possibilita a inserção de palavras-chave para filtragem de mensagens, mas, neste caso, a extração ocorreu sem

restrição temática inicial. Para evitar sobrecarga no processo, foi estabelecido um tempo máximo de execução de seis horas, garantindo que a coleta ocorresse dentro de um intervalo viável. Esses parâmetros foram ajustados conforme as necessidades da pesquisa, assegurando margens seguras para coleta e processamento de dados de acordo com a capacidade do processamento do computador da pesquisadora, do tamanho dos grupos coletados e da janela de tempo observada (30 de outubro de 2022 a 10 de janeiro de 2023).

Figura 25 - Etapa de Scraping da ferramenta ScrapTelegram



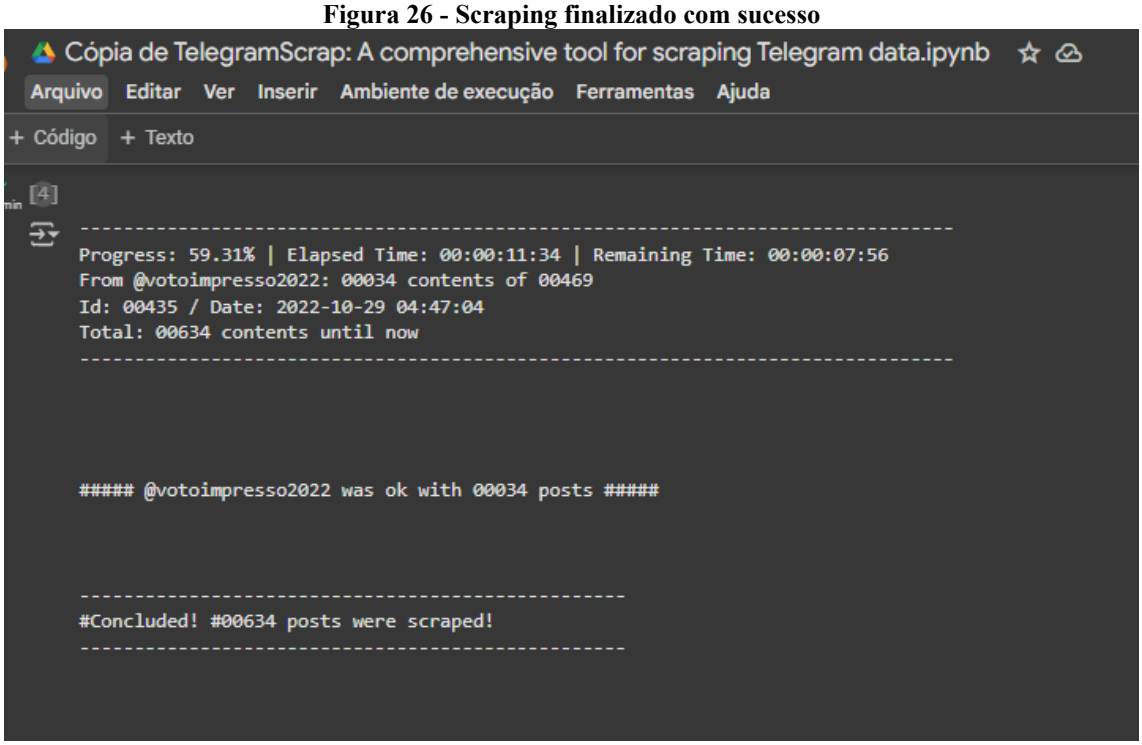
Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do GoogleColab

Para garantir a integridade dos dados, o código armazena as informações no formato Apache Parquet (.parquet), que proporciona maior eficiência em termos de armazenamento e processamento em comparação com formatos tradicionais, como as planilhas do Microsoft Excel[68]. Cada ciclo de raspagem gera um novo arquivo, contendo exclusivamente os dados extraídos naquela execução. Além disso, o código inclui uma ferramenta auxiliar que permite filtrar mensagens por palavras-chave e, portanto, gerando tabelas menores, passíveis de serem

[68] O banco de dados gerado nesta pesquisa tem aproximadamente 512 mil posts raspados. Na organização final, cada post foi armazenado em uma linha, o que pode representar desafios para softwares como o Excel, que possuem limitações na leitura de grandes quantidades de registros. O formato Apache Parquet (.parquet) foi adotado para contornar essa limitação, pois é otimizado para armazenamento e leitura eficiente de grandes volumes de dados. Diferente de formatos tabulares tradicionais, como CSV ou XLSX, o Parquet armazena os dados em formato de colunas, o que reduz o uso de memória e melhora o desempenho da análise. Mais detalhes sobre a montagem do banco de dados serão apresentados ainda neste capítulo.

convertidas para formatos compatíveis com o Excel, facilitando a análise e o manuseio dos dados. Quando realizado com sucesso, o programa mostra uma tela como a abaixo:

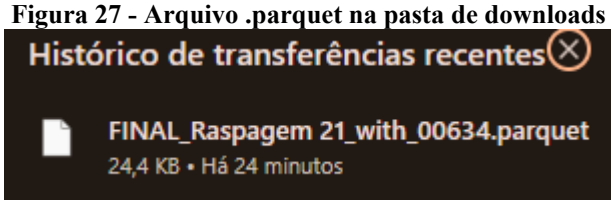
Figura 26 - Scraping finalizado com sucesso



Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do GoogleColab

No exemplo apresentado acima, o ciclo de raspagem foi concluído com um total de 634 posts, dos quais 34 são provenientes do grupo @votoimpresso2022. A rodada levou aproximadamente 20 minutos para ser executada e abrangeu a extração de dados de cinco grupos, conforme demonstrado na imagem referente à tela de Scraping. A conclusão do processo gera automaticamente um arquivo (*.parquet*), que é transferido para a pasta de downloads do computador.

Figura 27 - Arquivo .parquet na pasta de downloads



Fonte: Capturas de tela realizada pela autora na interface do GoogleColab

Para realizar a coleta dos 205 grupos, o processo levou seis dias inteiros, com execuções contínuas ao longo da manhã, tarde, noite e madrugada. Embora parte do procedimento fosse automatizado, a raspagem exigiu um intenso trabalho de monitoramento e ajustes, pois muitas das tentativas não foram bem-sucedidas. Se muitos grupos fossem

processados simultaneamente, o código apresentava falhas; da mesma forma, grupos com um volume excessivo de postagens frequentemente resultavam em erros. Para contornar essas dificuldades, foi necessário reduzir as janelas de tempo da coleta, “fatiando”, por exemplo, a extração dentro de um mesmo grupo em semanas, garantindo que o código conseguisse capturar todas as postagens.

Diante dessas limitações, a extração precisou ser fragmentada e ajustada repetidamente em um processo de tentativa e erro, até que fosse possível consolidar todas as postagens dentro da janela de tempo estabelecida e abranger a totalidade dos grupos investigados. Ao final, foram necessários 20 ciclos de raspagem bem-sucedidos, que foram registrados na tabela abaixo:

Tabela 2 - Ciclos de raspagens de dados

Data	Ciclo de Raspagem	URL	GRUPO	Nome do arquivo
10/08/2024	Raspagem 0	https://t.me/bolsonaroBR2023	@bolsonaroBR2023	complete_@BolsonaroTvOfiicial_in_Raspagem 1_until_13567
		https://t.me/acordeprarealidade	@acordeprarealidade	
		https://t.me/CanalSegundos	@CanalSegundos	
		https://t.me/AliancaPeloBrasilJMB2022	@AliancaPeloBrasilJMB2022	
		https://t.me/pomerodesc	@pomerodesc	
		https://t.me/intervencaocombolsonaro	@intervencaocombolsonaro	
		https://t.me/bkuster	@bkuster	
		https://t.me/biakicisoficial	@biakicisoficial	
		https://t.me/BoicoteDeProdutos	@BoicoteDeProdutos	
		https://t.me/BOLSONAROGRUPO	@BOLSONAROGRUPO	
		https://t.me/BolsonaroBR	@BolsonaroBR	
		https://t.me/BolsonaroNewsPL	@BolsonaroNewsPL	
		https://t.me/BolsonaroTvOfiicial	@BolsonaroTvOfiicial	
10/08/2024	Raspagem 1	https://t.me/setembro7bolsonaro	@setembro7bolsonaro	FINAL_Raspagem 1_with_23913.parquet
		https://t.me/freebrazil	@freebrazil	
11/08/2024	Raspagem 2			FINAL_Raspagem 2_with_21956.parquet
11/08/2024	Raspagem 3	https://t.me/brasilmilitarofc	@brasilmilitarofc	backup_Raspagem 3_until_24000_@acorrente_ID0064577
		https://t.me/brasil_paralelo	@brasil_paralelo	
		https://t.me/BrasilParaleloDoc	@BrasilParaleloDoc	
		https://t.me/brasilparalelooficial	@brasilparalelooficial	
		https://t.me/brasilsemmedo	@brasilsemmedo	
		https://t.me/Brasil_dos_brasileiros	@Brasil_dos_brasileiros	
		https://t.me/BRASILIAemCHAMAS	@BRASILIAemCHAMAS	
		https://t.me/canaldofaka	@canaldofaka	
		https://t.me/thomaskorontai	@thomaskorontai	
		https://t.me/bolsonarocarlos	@bolsonarocarlos	
		https://t.me/COF_OlavoDeCarvalho	@COF_OlavoDeCarvalho	

		https://t.me/conserva_talk	@conserva_talk	
		https://t.me/conservadoresdesantacatarina	@conservadoresdesantacatarina	
11/08/2024	Raspagem 4 (09/01/2023 a 04/01/2023)	https://t.me/acorrente	@acorrente	backup_Raspagem 4_until_16000_@acorrente_ID0061092
11/08/2024	Raspagem 5 (04/01/2023 até 26/12/2022)			backup_Raspagem 5_until_06000_@acorrente_ID0040559
12/08/2024	Raspagem 6			FINAL_Raspagem 6_with_22629
12/08/2024	Raspagem 7	https://t.me/cristaoc	@cristaoc	FINAL_Raspagem 7_with_29028
		https://t.me/DireitaConservadoraSP	@DireitaConservadoraSP	
		https://t.me/fabianabolsonaro	@fabianabolsonaro	
		https://t.me/dia_conservador	@dia_conservador	
		https://t.me/COMANDOSbr	@COMANDOSbr	
12/08/2024	Raspagem 8	https://t.me/Direita_Parana	@Direita_Parana	backup_Raspagem 8_until_18000_@patriaamadabrasil30_ID0484191
		https://t.me/DireitaPatriota51	@DireitaPatriota51	
		https://t.me/PATRIANOSSA2	@PATRIANOSSA2	
		https://t.me/amigoslutando	@amigoslutando	
		https://t.me/depeduardobolsonaro	@depeduardobolsonaro	
		https://t.me/EuVotoNoBolsonaro	@EuVotoNoBolsonaro	
		https://t.me/expressoconservador	@expressoconservador	
		https://t.me/foralularapio	@foralularapio	
		https://t.me/patriotascmo	@patriotascmo	
		https://t.me/patriaamadabrasil30	@patriaamadabrasil30	
13/08/2024	Raspagem 9			FINAL_Raspagem 9_with_23908
13/08/2024	Raspagem 10	https://t.me/senadorflaviobolsonaro	@senadorflaviobolsonaro	backup_Raspagem 10_until_05000_@intervencaojabr_ID0010361
		https://t.me/GeFazioBreakingNews	@GeFazioBreakingNews	
		https://t.me/medicospelavida	@medicospelavida	
		https://t.me/gracelife7	@gracelife7	
		https://t.me/intervencaojabr	@intervencaojabr	
13/08/2024	Raspagem 11 (14/12/2022 a 29/10/2022)			FINAL_Raspagem 11_with_06611

13/08/2024	Raspagem 12	https://t.me/historiaearqueologia	@historiaearqueologia	FINAL_Raspagem 12_with_07206
		https://t.me/hojeno_mundomilitar	@hojeno_mundomilitar	
		https://t.me/INTEGRALISTAS1932	@INTEGRALISTAS1932	
		https://t.me/intervencaobrasil22	@intervencaobrasil22	
		https://t.me/intervencionistas	@intervencionistas	
13/08/2024	Raspagem 13	https://t.me/jairbolsonarobrasil	@jairbolsonarobrasil	FINAL_Raspagem 13_with_04309
		https://t.me/jesuscristovidaeterna1	@jesuscristovidaeterna1	
		https://t.me/jornalogritodaliberdade	@jornalogritodaliberdade	
		https://t.me/canaltribunanacional	@canaltribunanacional	
		https://t.me/MovimentoBrasilDireito	@MovimentoBrasilDireito	
		https://t.me/LCuU5w0MjNh	@LCuU5w0MjNh	
		https://t.me/Nacional_pardismo	@Nacional_pardismo	
		https://t.me/nikolasferreira	@nikolasferreira	
		https://t.me/INTERVENCAOFEDERALJA	@INTERVENCAOFEDERALJA	
		https://t.me/novadireitaoficial	@novadireitaoficial	
13/08/2024	Raspagem 14	https://t.me/bloggleissoncoutinho	@bloggleissoncoutinho	FINAL_Raspagem 14_with_02114
		https://t.me/novaordem88	@novaordem88	
		https://t.me/Oinformantes	@Oinformantes	
		https://t.me/osnacionalistasdonorte	@osnacionalistasdonorte	
		https://t.me/PatriotaB51	@PatriotaB51	
		https://t.me/sssempreee	@sssempreee	
		https://t.me/PatriotasVip	@PatriotasVip	
14/08/2024	Raspagem 15	https://t.me/votoimpressoja	@votoimpressoja	FINAL_Raspagem 15_with_14168
		https://t.me/pelavidaeliberdade	@pelavidaeliberdade	
		https://t.me/questioneseoficial	@questioneseoficial	
14/08/2024	Raspagem 16	https://t.me/casandooverboDebates	@casandooverboDebates	FINAL_Raspagem 16_with_12695
14/08/2024	Raspagem 17			FINAL_Raspagem 17_with_06553
14/08/2024	Raspagem 18	https://t.me/rasgandooverbo	@rasgandooverbo	backup_Raspagem 18_until_07000_@teologiaacademica_ID0257845

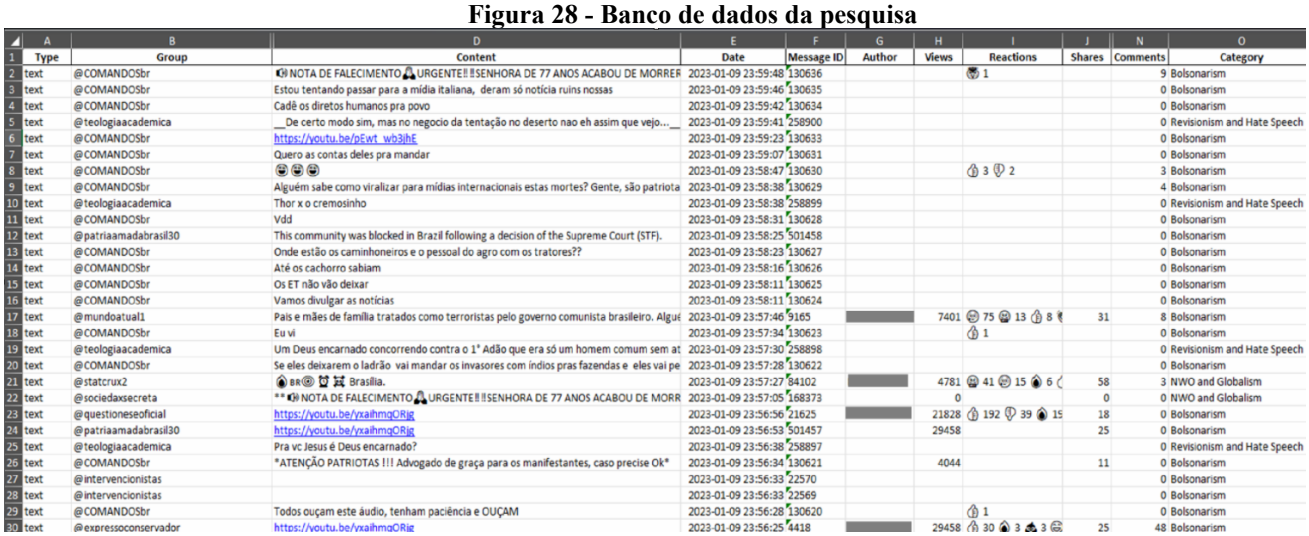
		https://t.me/selvabrasiloficiall	@selvabrasiloficiall	
		https://t.me/Soldados	@Soldados	
		https://t.me/SpiritTvonline	@SpiritTvonline	
		https://t.me/medicospelaliberdade	@medicospelaliberdade	
		https://t.me/teologiaacademica	@teologiaacademica	
15/08/2024	Raspagem 19			FINAL_Raspagem 19_with_02917
15/08/2024	Raspagem 20	https://t.me/terrabrasilnoticias1	@terrabrasilnoticias1	FINAL_Raspagem 20_with_06195
		https://t.me/AmigosdeAlagoas	@AmigosdeAlagoas	
		https://t.me/USTRA_VIVE	@USTRA_VIVE	
		https://t.me/Vlogdolisboa	@Vlogdolisboa	
		https://t.me/votoimpresso2022	@votoimpresso2022	

Fonte: Elaboração da autora

1.8.5 Criação do banco de dados

Após seis dias de raspagens, chegava a hora de organizar todas as informações em um único lugar: um banco de dados. Um banco de dados é, basicamente, um sistema que armazena e estrutura grandes volumes de informações para que possam ser acessadas, analisadas e comparadas de forma eficiente (Mitchell, 2015). O banco criado para a presente pesquisa contém exatamente 512.104 registros (linhas de tabela), abrangendo mensagens extraídas de diversos grupos. O sistema foi estruturado para capturar o conteúdo das postagens, informações sobre autoria, engajamento e interações entre os usuários. Segue abaixo captura de tela que demonstra a organização do banco de dados.

Figura 28 - Banco de dados da pesquisa



	A	B	D	E	F	G	H	I	J	N	O
1	Type	Group	Content	Date	Message ID	Author	Views	Reactions	Shares	Comments	Category
2	text	@COMANDOSbr	NOTA DE FALECIMENTO URGENTE!!! SENHORA DE 77 ANOS ACABOU DE MORRER	2023-01-09 23:59:48	130636			1		9	Bolsonarism
3	text	@COMANDOSbr	Estou tentando passar para a mídia italiana, deram só notícia ruins nossas	2023-01-09 23:59:46	130635					0	Bolsonarism
4	text	@COMANDOSbr	Cadê os diretos humanos pra povo	2023-01-09 23:59:42	130634					0	Bolsonarism
5	text	@teologiaacademica	__De certo modo sim, mas no negocio da tentação no deserto nao eh assim que vejo...__	2023-01-09 23:59:41	258900					0	Revisionism and Hate Speech
6	text	@COMANDOSbr	https://youtu.be/pEwt_wb3ihE	2023-01-09 23:59:23	130633					0	Bolsonarism
7	text	@COMANDOSbr	Quero as contas deles pra mandar	2023-01-09 23:59:07	130631					0	Bolsonarism
8	text	@COMANDOSbr		2023-01-09 23:58:47	130630			3 2		3	Bolsonarism
9	text	@COMANDOSbr	Alguém sabe como viralizar para mídias internacionais estas mortes? Gente, são patriota	2023-01-09 23:58:38	130629					4	Bolsonarism
10	text	@teologiaacademica	Thor x o cremosinho	2023-01-09 23:58:38	258899					0	Revisionism and Hate Speech
11	text	@COMANDOSbr	Vdd	2023-01-09 23:58:31	130628					0	Bolsonarism
12	text	@patriaamadabrasil30	This community was blocked in Brazil following a decision of the Supreme Court (STF).	2023-01-09 23:58:25	501458					0	Bolsonarism
13	text	@COMANDOSbr	Onde estão os caminhoneiros e o pessoal do agro com os tratores??	2023-01-09 23:58:23	130627					0	Bolsonarism
14	text	@COMANDOSbr	Até os cachorro sabiam	2023-01-09 23:58:16	130626					0	Bolsonarism
15	text	@COMANDOSbr	Os ET não vão deixar	2023-01-09 23:58:11	130625					0	Bolsonarism
16	text	@COMANDOSbr	Vamos divulgar as notícias	2023-01-09 23:58:11	130624					0	Bolsonarism
17	text	@mundoatual1	Pais e mães de família tratados como terroristas pelo governo comunista brasileiro. Algué	2023-01-09 23:57:46	9165		7401	75 13 8	31	8	Bolsonarism
18	text	@COMANDOSbr	Eu vi	2023-01-09 23:57:34	130623			1		0	Bolsonarism
19	text	@teologiaacademica	Um Deus encarnado concorrendo contra o 1° Adão que era só um homem comum sem at	2023-01-09 23:57:30	258898					0	Revisionism and Hate Speech
20	text	@COMANDOSbr	Se eles deixarem o ladrão vai mandar os invasores com índios pras fazendas e eles vai pe	2023-01-09 23:57:28	130622					0	Bolsonarism
21	text	@statcrux2	BR Brasília.	2023-01-09 23:57:27	84102		4781	41 15 6	58	3	NWO and Globalism
22	text	@sociedaxsecreta	** NOTA DE FALECIMENTO URGENTE!!! SENHORA DE 77 ANOS ACABOU DE MORR	2023-01-09 23:57:05	168373		0		0	0	NWO and Globalism
23	text	@questioneseoficial	https://youtu.be/yxaihmqORig	2023-01-09 23:56:56	21625		21828	192 39 15	18	0	Bolsonarism
24	text	@patriaamadabrasil30	https://youtu.be/yxaihmqORig	2023-01-09 23:56:53	501457		29458		25	0	Bolsonarism
25	text	@teologiaacademica	Pra vc Jesus é Deus encarnado?	2023-01-09 23:56:38	258897					0	Revisionism and Hate Speech
26	text	@COMANDOSbr	*ATENÇÃO PATRIOTAS !!! Advogado de graça para os manifestantes, caso precise Ok*	2023-01-09 23:56:34	130621		4044		11	0	Bolsonarism
27	text	@intervencionistas		2023-01-09 23:56:33	22570					0	Bolsonarism
28	text	@intervencionistas		2023-01-09 23:56:33	22569					0	Bolsonarism
29	text	@COMANDOSbr	Todos ouçam este áudio, tenham paciência e OUÇAM	2023-01-09 23:56:28	130620			1		0	Bolsonarism
30	text	@expressoconservador	https://youtu.be/yxaihmqORig	2023-01-09 23:56:25	4418		29458	30 3 3	25	48	Bolsonarism

Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Microsoft Excel

Cada registro corresponde a uma mensagem publicada em um grupo do Telegram e é composto por diversas colunas que fornecem informações específicas sobre seu contexto. Essas colunas incluem:

- Type: Identifica o tipo de conteúdo, podendo ser mensagens de texto, links, imagens ou outros formatos multimídia, mas para essa pesquisa levou-se em consideração apenas os formatos de texto.
- Group: Especifica o grupo do Telegram onde a mensagem foi publicada.
- Author ID: Armazena o identificador único do usuário responsável pela postagem.
- Content: Contém o texto da mensagem, podendo incluir hashtags, links ou chamadas para ação.
- Date: Registra a data e o horário exato da publicação.
- Message ID: Número de identificação único de cada mensagem dentro do grupo.

- Author: Nome do autor, quando disponível.
- Views: Indica quantas vezes a mensagem foi visualizada.
- Reactions: Registra reações expressas pelos usuários, como curtidas, desaprovações e outros emojis.
- Shares: Quantidade de vezes que a publicação foi compartilhada dentro da plataforma.
- Media: Indica a presença de mídia anexada, como imagens ou vídeos.
- Url: Link direto para a postagem original no Telegram.
- Comments List: Contém informações detalhadas sobre os comentários associados a cada mensagem, incluindo autor, data e conteúdo.
- Comments: Indica o número total de interações textuais recebidas pela postagem.
- Category: Classifica os grupos conforme suas características principais

Para consolidar essas informações em uma única tabela, foi necessário reunir os 20 *datasets* (arquivos de dados) gerados durante o processo de raspagem. Esse processo começou pela padronização das estruturas de dados, ou seja, garantir que todas as colunas tivessem formatos compatíveis e que as informações pudessem ser organizadas corretamente. Em seguida, eliminou-se duplicatas. Esse processo é fundamental, uma vez que alguns grupos maiores foram divididos em duas ou três etapas de raspagem e algumas mensagens podem ter sido repetidas. Além disso, também foi aplicada uma filtragem baseada no ID único das mensagens, removendo registros repetidos e garantindo que cada postagem fosse contabilizada apenas uma vez. Outro aspecto importante foi a verificação da integridade dos dados. Algumas mensagens raspadas continham caracteres corrompidos ou incompletos devido a falhas na extração. Esses registros passaram por uma limpeza automatizada para garantir que as informações estivessem legíveis e úteis para análise.

Por fim, o banco de dados, agora já consolidado, também passou por um processo de categorização, assinalando a categoria correta para cada um dos grupos analisados de acordo com os critérios definidos para a pesquisa. Como mencionado anteriormente, os grupos originalmente classificados no banco de dados de Ergon foram reclassificados com base nas categorias desenvolvidas para esta tese, garantindo uma abordagem mais coerente com o foco do estudo. Alguns desses passos, como limpeza e padronização de dados, já configuram o início da metodologia que guia esta tese, a Análise Exploratória de Dados que, em conjunto com o Processamento de Linguagem Natural, serão explorados na próxima seção.

1.8.6 Análise exploratória de dados e processamento de linguagem natural

A etapa de análise exploratória de dados (EDA, do inglês *Exploratory Data Analysis,* no entanto adotaremos AED doravante) e o processamento de linguagem natural (NLP, do inglês *Natural Language Processing,* no entanto adotaremos PLN doravante) desempenham um papel central na estruturação e interpretação do grande volume de dados coletados nesta pesquisa. A AED permite compreender a distribuição dos dados, identificar padrões, detectar inconsistências e fornecer insights preliminares antes da aplicação de técnicas mais avançadas. Já o PLN viabiliza a extração, organização e análise dos textos e comentários compartilhados nos grupos de Telegram, permitindo identificar tendências discursivas, frequência de palavras e conexões semânticas que sustentam as narrativas conspiratórias e desinformativas analisadas.

Para que essas análises sejam feitas corretamente, é fundamental considerar a forma como os dados estão organizados no banco de dados utilizado nesta pesquisa. Diferentes estruturas de dados demandam abordagens analíticas e metodológicas distintas. Isso influencia diretamente as estratégias de processamento e extração de informações. Na ciência de dados, as informações podem ser classificadas em três categorias principais: *estruturadas, semiestruturadas* e *não-estruturadas* (Morettin; Singer, 2023).

Dados *estruturados* são aqueles organizados geralmente em tabelas relacionais com colunas bem definidas. "A informação se ajusta às estruturas usuais de bases de dados, relativamente fáceis de armazenar e analisar" (Morettin; Singer, 2023, p. 7). Ou seja, cada campo possui um tipo de dado específico, números, textos curtos, datas etc., facilitando a manipulação por meio de bancos de dados e ferramentas estatísticas. Exemplos típicos incluem registros financeiros, cadastros de clientes e, no caso dessa pesquisa, métricas, como número de curtidas, compartilhamentos e visualizações.

Dados *não-estruturados* não seguem um formato predefinido e podem apresentar variação em sua organização. São exemplos comuns textos, imagens, áudios, vídeos, e-mails, conteúdos extraídos de mídias sociais (Morettin; Singer, 2023, p. 7). No contexto desta pesquisa, os comentários e postagens extraídos dos grupos do Telegram se enquadram nessa categoria. Os textos de autores da extrema-direita também se enquadram aqui pois não possuem um padrão fixo (repetição) de estrutura e exigem técnicas específicas de processamento, como o Processamento de Linguagem Natural (PNL), que será melhor explorado a seguir.

Por fim, os dados *semiestruturados*. Eles representam um meio-termo entre as duas categorias anteriores. "Dados semiestruturados apresentam uma representação estrutural

heterogênea, não sendo nem completamente não-estruturados nem estritamente estruturados" (Mello *et al.*, 2000, p. 476).

No caso desta pesquisa, o banco de dados construído pode ser considerado *semiestruturado*, uma vez que combina tanto elementos estruturados (número de curtidas, compartilhamentos, IDs de usuários, datas) quanto não estruturados (conteúdo textual das mensagens e comentários). Isso exige abordagens analíticas combinadas que conciliem técnicas tradicionais de manipulação de dados com métodos específicos para análise textual.

2.6.6.1 Análise Exploratória de dados

A análise exploratória de dados (AED) é um processo fundamental em estudos que lidam com grandes volumes de informação, permitindo a identificação de padrões e tendências (Tukey, 1977). Esse procedimento envolve a inspeção inicial do banco de dados, a limpeza de informações inconsistentes e a aplicação de visualizações gráficas e estatísticas descritivas para melhor compreensão do conjunto de dados. Segundo Wickham e Grolemund (2019, p. 81):

> A AED não é um processo com um conjunto de regras rígidas. Mais do que qualquer coisa, é um estado de espírito. Durante as fases iniciais, você deve sentir-se livre para investigar cada ideia que lhe ocorra. Algumas dessas ideias darão resultado, e outras te levarão a becos sem saída. À medida que sua exploração segue, você se direcionará para algumas áreas particularmente produtivos que, por fim, escreverá e comunicará aos outros (Wickham; Grolemund, 2019, p. 81).

Wickham e Grolemund (2019) descrevem a AED como um ciclo *iterativo* (não confundir com *interativo*). A iteração é quando um processo se repete várias vezes, geralmente com pequenas mudanças a cada passo, até atingir um objetivo ou condição desejada. É como testar uma receita de bolo e ajustar a quantidade de ingredientes aos poucos: a cada fornada você experimenta, vê o que precisa melhorar e faz de novo até o bolo ficar perfeito. Para a ciência de dados, isso significa: "1) gerar perguntas sobre seus dados; 2) procurar respostas ao visualizar, transformar e modelar seus dados e 3) usar o que aprendeu para refinar suas perguntas e/ou gerar novas questões" (Wickham; Grolemund, 2019, p. 81).

Nesta pesquisa, a AED foi essencial para avaliar a distribuição das postagens nos 205 grupos analisados, verificar, por exemplo, a frequência de interações usuário-mensagem (visualizações, reações e compartilhamentos) e compreender a dinâmica das mensagens ao longo do tempo. Como a base consolidada continha mais de 500 mil postagens, automatizar esse processo foi crucial para garantir a integridade dos dados e preparar a estrutura para análises mais aprofundadas.

> A EDA é basicamente um processo criativo. E como a maioria dos processos criativos, a chave para fazer perguntas de qualidade é gerar uma grande quantidade de perguntas. É difícil fazer perguntas no começo de sua análise, por você não saber quais insights estão contidos em seu conjunto de dados. Por outro lado, cada nova pergunta que você faz irá expô-lo a um novo aspecto de seus dados e aumentará suas chances de fazer uma descoberta (Wickham; Grolemund, 2019, p. 82).

Portanto, nesta pesquisa foram empregadas diversas técnicas AED como: limpeza e padronização de dados, identificação de padrões gerais, como a média de visualizações e compartilhamentos por postagem, gráficos para visualizar tendências ao longo do tempo e encontrar momentos de maior atividade. Além disso, a distribuição das postagens foi examinada para identificar picos de engajamento e possíveis ligações com eventos externos. Por fim, os grupos analisados foram comparados para verificar diferenças no comportamento dos participantes.

2.6.6.2 Processamento de Linguagem Natural

Processamento de Linguagem Natural (PLN) refere-se ao conjunto de técnicas computacionais voltadas para a análise, manipulação e geração autônoma de textos. Como descrito por Grus (2021), essas técnicas possibilitam a extração de padrões linguísticos e a modelagem de discursos a partir de grandes volumes de dados textuais.

> O Processamento de Linguagem Natural (PLN) é importante por razões científicas, econômicas, sociais e culturais. O campo está passando por um crescimento acelerado à medida que suas teorias e métodos são aplicados em uma variedade de novas tecnologias de linguagem. Por essa razão, é essencial que um amplo público tenha conhecimento prático sobre PLN. [...] No meio acadêmico, abrange áreas que vão desde a computação aplicada às humanidades e a linguística de corpus até a ciência da computação e a inteligência artificial. Para muitas pessoas na academia, o PLN é conhecido pelo nome de "Linguística Computacional". (Bird; Klein; Loper, 2009, p. 10)

Atualmente, PLN também é frequentemente associado ao desenvolvimento de inteligências artificiais generativas, como o ChatGPT. No entanto, é importante destacar que sua aplicação não se limita à construção de sistemas autônomos de geração de texto ou *chatbots*. O uso de técnicas de PLN não implica a criação de uma IA própria, mas sim a adoção de métodos computacionais para análise de dados textuais. No contexto desta pesquisa, o PLN é empregado como uma ferramenta de análise exploratória de dados, auxiliando na identificação de padrões, recorrências e estruturas discursivas em mensagens extraídas do Telegram, sem qualquer pretensão de desenvolver um modelo de inteligência artificial independente.

Aqui, o PLN foi utilizado em dois contextos diferentes. Primeiro, na análise dos comentários extraídos dos grupos. Foram geradas visualizações como nuvens de palavras, que destacam os termos mais frequentes dentro do conjunto de textos. Também foram utilizados n-gramas:

> Um n-grama é uma sequência de n palavras: um 2-grama (chamado bigrama) é uma sequência de duas palavras, como The water ou water of, e um 3-grama (trigrama) é uma sequência de três palavras, como The water of ou water of Walden. No entanto, o termo n-grama também é utilizado, com certa ambiguidade terminológica, para se referir a um modelo probabilístico capaz de estimar a probabilidade de uma palavra com base nas n-1 palavras anteriores, possibilitando assim a atribuição de probabilidades a sequências inteiras de palavras (Jurafsky; Martin, 2025, p. 33)

Portanto, bigramas são pares de palavras, por exemplo, a dupla “fraude eleições”, trigramas são trios de palavras como “fraude eleições brasil”. Essas relações ajudam a entender associações comuns e a estrutura das frases dentro dos comentários, permitindo a identificação de padrões relevantes. Outra abordagem empregada foi o uso de gramáticas formais para modelar a estrutura das frases (sujeito, verbo e predicado, por exemplo). A partir dessas regras gramaticais, foi possível organizar os textos de maneira a entender quais valores certas palavras têm nos contextos em que foram citados e como isso se relacionada com a ideologia desses grupos (gráfico de tendência e links entre palavras, por exemplo).

A mesma abordagem metodológica pode ser aplicada a textos mais extensos, como os livros analisados nesta pesquisa. Da mesma forma que a PLN possibilita a identificação de padrões discursivos nos comentários extraídos dos grupos de Telegram, essas técnicas também são empregadas para compreender as estruturas narrativas e argumentativas de obras que sustentam o imaginário ultraconservador no Brasil. Assim, a etapa seguinte da pesquisa concentra-se na análise de textos que, ao longo das últimas décadas, ajudaram a consolidar e difundir essa visão de mundo, ligando discursos do período da ditadura militar à ascensão da Nova Direita digital.

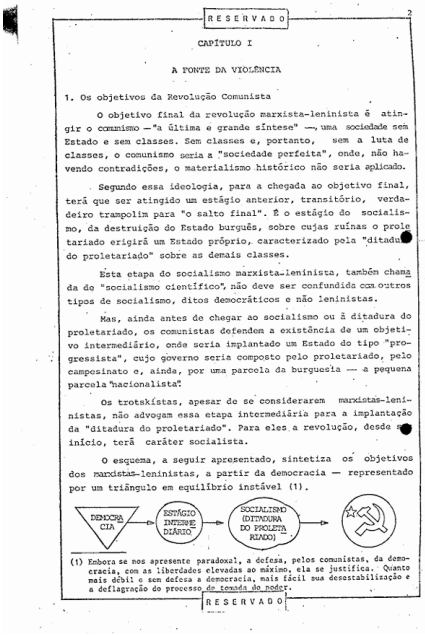
2.6.6.3 Análise Comparativa de Livros da Extrema-Direita

Esta fase da pesquisa visa uma linha do tempo das ideologias ultraconservadoras desde a ditadura militar até os tempos atuais. O objetivo é selecionar obras fundamentais para a manutenção do sistema de crenças que sustenta o bolsonarismo. A partir de pesquisa bibliográfica, identificou-se alguns dos principais pensadores que fundamentaram esse sistema de crenças. Um autor crucial na sobrevivência da ideologia foi Olavo de Carvalho.

Ele é um dos principais responsáveis por permear os preceitos conservadores e tradicionalistas não só na imprensa, mas também nas mídias digitais do Brasil. Ele é um elo entre passado autoritário militar e a ascensão de uma Nova Direita bem articulada em plataformas digitais. Devido à sua vasta obra, com mais de 35 livros publicados, o livro escolhido para representar seu pensamento é seu best-seller *O Mínimo Que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota*. Publicado em 2013, o livro é uma coletânea de artigos e comentários publicados em inúmeros veículos de comunicação e da imprensa tradicional e aborda inúmeros temas polêmicos de sua obra como "marxismo cultural", "invasão comunista", "doutrinação marxista", "decadência cultural brasileira", entre outros.

Inicialmente, esta pesquisa pretendia incluir na análise o projeto *Orvil: Tentativas de Tomada do Poder*, um extenso relatório de mais de mil páginas elaborado por setores das Forças Armadas, cuja finalidade era justificar os abusos cometidos durante o regime militar sob a alegação de que o país estava sob ameaça comunista. O documento, que foi mantido em sigilo até o início da década de 2000 e reeditado em versão comercial em 2012, representa uma das peças mais emblemáticas do revisionismo histórico militar brasileiro (Brandão; Leite, 2012; Figueiredo, 2009; Lacerda, 2019; Rocha, 2021). No entanto, a cópia digitalizada amplamente disponível do *Orvil* é de baixíssima qualidade, com sérias limitações técnicas que inviabilizaram o processamento do texto. Diversas tentativas foram feitas para extrair o conteúdo de forma inteligível, mas mesmo os procedimentos de OCR (Reconhecimento Óptico de Caracteres) apresentaram resultados insatisfatórios. A digitalização manual também se mostrou impraticável, devido à extensão do material. A despeito de sua importância histórica e simbólica, não foi possível incorporar o texto do *Orvil* de forma sistemática à análise automatizada.

Figura 29 - Captura de tela de uma página do documento Orvil



RESERVADO

CAPÍTULO I

A FONTE DA VIOLÊNCIA

1. Os objetivos da Revolução Comunista

O objetivo final da revolução marxista-leninista é atingir o comunismo — "a última e grande síntese" —, uma sociedade sem Estado e sem classes. Sem classes e, portanto, sem a luta de classes, o comunismo seria a "sociedade perfeita", onde, não havendo contradições, o materialismo histórico não seria aplicado.

Segundo essa ideologia, para a chegada ao objetivo final, terá que ser atingido um estágio anterior, transitório, verdadeiro trampolim para "o salto final". É o estágio do socialismo, da destruição do Estado burguês, sobre cujas ruínas o proletariado erigirá um Estado próprio, caracterizado pela "ditadura do proletariado" sobre as demais classes.

Esta etapa do socialismo marxista-leninista, também chamada de "socialismo científico", não deve ser confundida com outros tipos de socialismo, ditos democráticos e não leninistas.

Mas, ainda antes de chegar ao socialismo ou à ditadura do proletariado, os comunistas defendem a existência de um objetivo intermediário, onde seria implantado um Estado do tipo "progressista", cujo governo seria composto pelo proletariado, pelo campesinato e, ainda, por uma parcela da burguesia — a pequena parcela "nacionalista".

Os trotskistas, apesar de se considerarem marxistas-leninistas, não advogam essa etapa intermediária para a implantação da "ditadura do proletariado". Para eles a revolução, desde o início, terá caráter socialista.

O esquema, a seguir apresentado, sintetiza os objetivos dos marxistas-leninistas, a partir da democracia — representado por um triângulo em equilíbrio instável (1).

(1) Embora se nos apresente paradoxal, a defesa, pelos comunistas, da democracia, com as liberdades elevadas ao máximo, ela se justifica. Quanto mais débil e sem defesa a democracia, mais fácil sua desestabilização e a deflagração do processo de tomada do poder.

RESERVADO

Fonte: Nascimento; Maciel (2012)

Para contornar essa limitação, adotou-se como substituto o livro *A Verdade Sufocada* (2006), de Carlos Alberto Brilhante Ustra. Ex-comandante do DOI-CODI, Ustra defende no livro uma versão dos fatos que espelha diretamente as narrativas presentes no *Orvil*, reiterando a tese de que a ditadura militar foi uma resposta legítima a um suposto plano comunista de tomada de poder. Nesse sentido, a obra funciona como uma síntese ideológica do relatório original, com a vantagem de estar disponível em formato digital e em boa qualidade, o que possibilitou sua análise por meio de ferramentas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), como o Voyant Tools.

A terceira fonte incluída nesta etapa da pesquisa é composta por um corpus de 620 discursos oficiais proferidos por Jair Bolsonaro durante seu mandato presidencial (2019–2022), extraídos da Biblioteca da Presidência da República. Esses discursos oferecem uma amostra significativa das estratégias retóricas e temáticas utilizadas por Bolsonaro para consolidar sua base de apoio, dialogando frequentemente com os repertórios simbólicos presentes nas outras duas obras analisadas.

A partir desse tripé – *O Mínimo Que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota*, *A Verdade Sufocada* e os discursos presidenciais –, realizou-se uma análise comparativa com o objetivo de identificar convergências, repetições e atualizações discursivas na construção da narrativa ultraconservadora brasileira. O objetivo dessa análise é identificar os pontos de semelhança e diferenças, explorando também suas nuances, argumentações e narrativas presentes em cada obra. Através desse estudo, busca-se revelar possíveis padrões,

convergências e divergências nas visões apresentadas pelos autores, bem como compreender como eles abordam e interpretam eventos históricos, políticos e sociais relevantes.

Para aprofundar a análise dos textos, foram aplicadas técnicas de PLN utilizando a ferramenta open-source *Voyant Tools*, que oferece um ambiente acessível e intuitivo para a exploração de textos de maneira automatizada. A utilização do Voyant Tools automatizou parte do trabalho analítico, que seria extenso e confuso se fosse realizado apenas com os conhecimentos da pesquisadora. Dessa forma, foi possível estruturar a comparação entre os livros de maneira mais objetiva, facilitando a identificação de convergências no discurso ultraconservador ao longo do tempo.

1.8.7 Ética dos dados

Esta tese foi desenvolvida pensando em princípios éticos no manuseio dos dados coletados. Todos os dados gerados e armazenados para essa pesquisa foram tratados de acordo com o guia orientativo da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD): *Tratamento de dados pessoais para fins acadêmicos e para a realização de estudos e pesquisas*, que reza que:

> para fins de estudos e pesquisas realizados em todas as áreas do conhecimento, os agentes de tratamento devem adotar medidas protetivas necessárias e adequadas para a mitigação de riscos aos titulares dos dados pessoais – a exemplo da anonimização e da pseudonimização. Também, deverão ser adotadas medidas jurídicas apropriadas e proporcionais aos riscos envolvidos (Vargas *et al.*, 2023, p. 16)

Devido à sensibilidade das informações presentes no banco de dados, como nomes de usuários, identificadores únicos, números de telefone e outros metadados que poderiam expor indivíduos, o banco de dados consolidado para esse estudo *não será disponibilizado publicamente.* Essa decisão garante a privacidade dos participantes indiretos do estudo e também a segurança da pesquisadora. Para reduzir o risco de vazamento, os dados foram armazenados em um dispositivo desconectado da internet (HD externo), restringindo acessos indevidos e minimizando ameaças digitais.

Em todo o teor desse texto, as capturas de tela que expõem fotos ou nomes de usuário foram digitalmente modificadas com o objetivo de anonimizar os usuários. A modificação das imagens mantém a estrutura original da interface do Telegram, preservando o contexto das interações analisadas sem comprometer a privacidade dos usuários envolvidos. Assim, a pesquisa se mantém eticamente responsável e ao mesmo tempo permite a demonstração das

evidências acadêmicas pertinentes à análise.

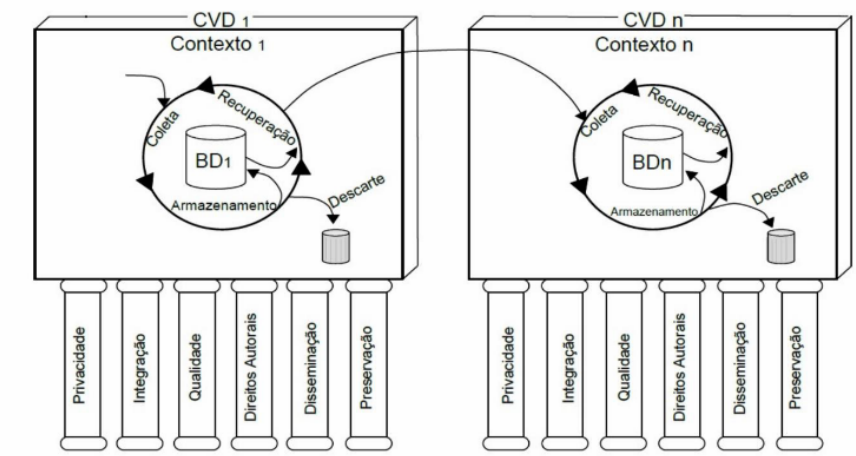
1.8.8 Ciclo de vida dos dados

O ciclo de vida dos dados é um conceito importante para a Ciência da Informação, pois permite compreender as diferentes etapas envolvidas na manipulação dos dados. Em um cenário de crescente digitalização e produção massiva de informações, torna-se essencial estabelecer diretrizes e metodologias que garantam não apenas a eficiência na gestão desses dados, mas também a segurança, integridade e conformidade com princípios éticos e legais. Conforme apontado por Sant'Ana (2016):

> A ciência da Informação pode e deve contribuir para que este cenário de acesso e uso intenso de dados se desenvolva da melhor maneira possível, buscando identificar e estudar fatores e características que propiciem ampliação do equilíbrio entre os atores envolvidos no processo e a máxima otimização do uso dos dados. Nesta tarefa se faz necessário estruturar esta análise, e para tanto, propõe-se a utilização de uma delimitação de fases (momentos em que distintas necessidades e competências são necessárias) envolvidas no acesso e uso dos dados, mantendo-se como ponto central os próprios dados e para tanto se propõe o uso do Ciclo de Vida dos Dados - CVD como forma de evidenciar os diferentes momentos e fatores envolvidos neste processo (Sant'Ana, 2016, p. 119).

O autor identifica fases essenciais no ciclo de vida dos dados, como coleta, armazenamento, recuperação e descarte, além de fatores transversais que permeiam todas as etapas, incluindo privacidade, integração, qualidade, direito autoral, disseminação e preservação. Essa perspectiva oferece uma estrutura analítica que organiza esforços, competências e ações relacionadas ao gerenciamento de dados, como podemos ver na representação abaixo:

Figura 30 - Ciclo de vida dos dados



Fonte: Sant'Ana (2016, p. 123)

Nesta pesquisa, a coleta dos dados foi realizada por meio de *data scraping* utilizando a ferramenta *ScrapTelegram* (Silva, 2023a), uma ferramenta open-source desenvolvida para extração automatizada de mensagens e metadados de grupos do Telegram. Além disso, parte dos dados foi obtida do banco de dados organizado por Ergon Cugler, permitindo um cruzamento de informações que ampliou o escopo da análise.

A fase de armazenamento consistiu na consolidação das 20 rodadas de raspagem em um único banco de dados. Esse processo envolveu a remoção de duplicatas, a padronização dos formatos e a estruturação das informações para facilitar análises futuras. Para garantir a integridade e segurança dos dados, a base foi armazenada em um HD externo, mantendo-a desconectada da internet para reduzir riscos de acessos não autorizados e vazamentos.

Na recuperação, os dados foram processados para extrair padrões discursivos e tendências relevantes. A aplicação de técnicas de análise exploratória de dados (AED) e processamento de linguagem natural (PLN) possibilitou a criação de visualizações como nuvens de palavras, gráficos temporais e modelagem de tópicos, contribuindo para a interpretação da dinâmica dos grupos analisados. Além disso, os dados coletados foram cruzados com textos da literatura ultraconservadora, permitindo a identificação de conexões entre discursos digitais e obras ideológicas.

Por fim, a fase de descarte ocorrerá ao término da pesquisa, seguindo boas práticas de segurança da informação. Para preservar a privacidade dos indivíduos analisados, os arquivos serão excluídos de forma definitiva, sem possibilidade de recuperação. No entanto, os códigos e metodologias utilizadas serão disponibilizados publicamente, garantindo a transparência da pesquisa e permitindo sua replicação sem comprometer a confidencialidade dos dados. Esse ciclo de vida estruturado garante que a pesquisa seja conduzida com rigor metodológico e responsabilidade ética, assegurando a proteção dos dados e a validade das análises realizadas.

1.9 LIMITAÇÕES DE PESQUISA

Esta pesquisa enfrenta algumas limitações metodológicas e estruturais que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. Um dos principais desafios foi a dificuldade em rastrear a disseminação de mensagens no Telegram. Isso se deve ao fato de que, a cada vez que uma mensagem é repostada em um novo grupo, ela recebe um identificador diferente. Dessa forma, mesmo que um mesmo conteúdo circule por diversos grupos, não foi possível, dentro do tempo e escopo desta pesquisa, aplicar técnicas automatizadas para identificar essas réplicas como instâncias do mesmo material original.

Há caminhos possíveis para contornar esse desafio (como o uso de algoritmos de similaridade textual ou a aplicação de *hashing*, um recurso que gera uma espécie de "impressão digital" do conteúdo), mas essas abordagens exigiriam etapas adicionais de desenvolvimento técnico e validação que ultrapassariam os prazos da presente investigação, além do conhecimento técnico da pesquisadora que, como mencionado anteriormente, se encontra em processo de formação nas técnicas de análise de dados

Cada mensagem, portanto, foi tratada como uma unidade autônoma, o que limita a reconstrução precisa dos fluxos de disseminação e dificulta a identificação das origens e principais vetores de propagação dos conteúdos analisados. Ainda assim, as demais técnicas adotadas nesta pesquisa mostraram-se suficientemente bem-sucedidas na captura de padrões e na construção de um panorama das dinâmicas de comunicação observadas nos grupos analisados. A construção de caminhos mais precisos para rastrear a trajetória das mensagens permanece como possibilidade futura de aprofundamento, a partir deste mesmo banco de dados.

Outro obstáculo relevante foi o bloqueio de grupos pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e por plataformas digitais. Ao longo dos últimos anos, diversas comunidades de desinformação e discurso extremista foram desativadas, seja por ações institucionais, seja por medidas internas das plataformas. Isso significa que algumas redes analisadas podem ter sido reconfiguradas ou até substituídas por outras, afetando a representatividade do conjunto de dados. Além disso, a exclusão de grupos e conteúdos impede uma análise completa, já que muitas mensagens e interações foram removidas antes da coleta.

A coleta dos dados foi realizada entre 5 e 11 de agosto de 2024, por meio de raspagem de dados e se debruçou sobre uma janela temporal compreendida entre 30 de outubro de 2022 e 8 de janeiro de 2023. Esse intervalo entre os acontecimentos analisados e o momento da raspagem impõe algumas limitações. Como a coleta não foi realizada em tempo real, há a possibilidade de que muitas mensagens tenham sido apagadas pelos próprios usuários, além da remoção de grupos inteiros pelos motivos já citados. Isso significa que parte do conteúdo que circulou durante o período analisado pode ter se perdido, limitando a reconstrução exata da dinâmica de disseminação.

No entanto, apesar de todas essas restrições, o material coletado continua expressivo e significativo. Meio milhão de conteúdos raspados (512.104) permitiram uma análise detalhada das narrativas, padrões discursivos e estratégias de mobilização. Mesmo que não se tenha acesso a todas as mensagens originalmente compartilhadas, os conteúdos remanescentes

oferecem uma amostra robusta sobre os discursos e as interações desses grupos durante o período analisado. Assim, ainda que haja consciência de que informações valiosas possam ter sido perdidas, isso não invalida os achados da pesquisa, pelo contrário, mostra como essas narrativas ainda estão disponíveis mesmo após um intervalo considerável de tempo.

Além disso, essa etapa da pesquisa teve como intenção inicial a análise do livro *Orvil: Tentativas de Tomada do Poder*. No entanto, seu tamanho (mais de 1000 páginas) ultrapassou a capacidade de processamento do Voyant Tools, tornando inviável sua análise por meio dessa ferramenta. Diante dessa limitação técnica, optou-se pela análise do livro *Verdade Sufocada*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra, que, após avaliação da pesquisadora, revelou-se um resumo e um substituto à altura para a justificação dos anos da ditadura militar no Brasil. O *Orvil* é, de fato, a linha condutora do livro de Ustra, e sua escolha como substituto permite a investigação automatizada das principais narrativas e estratégias argumentativas utilizadas para justificar as ações do regime militar. Apesar da mudança no objeto analisado, a pesquisa ainda mantém sua relevância na compreensão da construção discursiva sobre o período ditatorial no Brasil. E os resultados demonstraram isso.

3 INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

1.4 A INFORMAÇÃO

Informação é poder. A célebre afirmação é atribuída a Francis Bacon, no entanto, a frase exata em latim "*scientia potentia est*" foi escrita pela primeira vez em *O Leviatã*, de Thomas Hobbes. A obra discute temas fundamentais para a teoria política como a liberdade individual, a obediência civil, a natureza do poder e a importância do conhecimento para a governança de um país. Dentre as inúmeras demonstrações de poder que um Estado pode ter, Hobbes ressalta a importância da correta administração de informações como estratégia primordial para garantir sua soberania e, na sua concepção, trazer honra à nação. De mesma sorte, a ausência de conhecimento e informação levam à desonra. Em suas próprias palavras: "todas as ações e palavras que derivam, ou parecem derivar de muita experiência, ciência, discrição ou sagacidade são honrosas, pois todas estas últimas são poderes. As ações ou palavras que derivem do erro, da ignorância ou da insensatez são desonrosas" (Hobbes, 2003, p. 48). Portanto, para ele, informação de qualidade é imprescindível para a estratégia de governança e parte indivisível da tomada de decisão dos rumos de um Estado.

Também Foucault se dirige a essa questão em várias obras de sua autoria, *como Vigiar e Punir*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*, *Microfísica do Poder* e *Verdade e Poder*. Foucault aborda como o poder se manifesta nas instituições e práticas disciplinares, destacando que o conhecimento desempenha um papel fundamental nesse processo. Segundo Foucault, "a verdade não existe fora do poder ou sem poder" (Foucault, 1998, p. 12). Para ele, o poder não é apenas uma forma de coerção ou repressão, mas está intrinsecamente ligado ao controle e à produção da informação.

> A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (Foucault, 1998, p. 12).

Pode-se entender que as relações de poder estão presentes nos próprios discursos e saberes, determinando o que é considerado verdadeiro, legítimo e válido em determinado momento. Dessa forma, o poder se exerce não apenas por meio de instituições coercitivas, mas também por meio do controle das práticas discursivas e do acesso às informações.

Em harmonia com o pensamento de Hobbes e Foucault e ainda levando em consideração o âmbito contemporâneo da Sociedade de Informação e do advento das TICs, é impossível negar o caráter político da informação. Poder e informação andam de mãos dadas e isso significa que quem controla o fluxo e a qualidade desses dados dita os rumos a serem seguido enquanto sociedade. Logo, se informação é poder e poder é disputa, o conjunto de informações que moldam uma determinada realidade está intrinsecamente ligado às correntes dominantes de um determinado contexto sócio-histórico. O debate pela informação também está no cerne da questão uma vez que informação "designa um componente principal da construção epistêmica das sociedades contemporâneas, sua definição autorizada é disputada em múltiplas arenas metadiscursivas" (González de Gomez, 2002, p. 5) No entanto, antes de aprofundar a análise e evitar possíveis equívocos conceituais, é necessário delimitar este termo tão abrangente e fundamental para essa pesquisa. Um dos desafios encontrados destarte é relacionado à acepção de informação enquanto tríade informação-conhecimento-saber. Neste sentido, adotamos o entendimento de Marteleto (2007) enquanto progressão de sentidos dos três termos:

> Num encadeamento didático dos conceitos de informação-conhecimento-saber, a informação estaria situada num primeiro grau do processo de apropriação, expressão e sistematização dos significados, enquanto o conhecimento corresponde a um grau mais internalizado desse mesmo processo, o de produção de sentidos sobre as coisas e o mundo. O saber situa-se numa terceira zona que reúne os cabedais sociais, técnicos e cognitivos de instituições, pessoas e grupos, em grau de internalização e externalização que alia os conhecimentos às práticas e às experiências, formando acervos, registros e documentos individuais e coletivos – a sabedoria (Marteleto, 2007, p. 10).

O embasamento para essa categorização encontra fundamentações importantes na Filosofia. O que é necessário para um ser humano obter conhecimento? Quais são os entraves para que alguém transpasse o estado de dúvida para o de compreensão? Essas inquietações de origem filosófica em muito se aproximam da discussão sobre a distinção entre informação, conhecimento e saber. Em *Menon*, Platão (2001) discute a natureza do conhecimento e a diferença entre *doxa* – opinião, ou um julgamento de caráter subjetivo alinhado a um contexto específico – e *episteme* – o conhecimento verdadeiro, o real entendimento das coisas, ligado ao mundo das Ideias.

O diálogo parte da seguinte pergunta: A virtude pode ser ensinada ou é algo inerente ao ser humano? Essa pergunta que dá origem ao diálogo platônico Menon, também traz o cerne da discussão sobre a informação enquanto veículo do conhecimento. Nele, Sócrates e Menon refletem sobre a natureza das virtudes humanas e sobre a transmissibilidade dos

ensinamentos. A reflexão se encaminha, então, para um debate sobre as etapas que alguém precisa vencer para adquirir conhecimento. Sócrates faz uma demonstração com um dos escravos de Menon, fazendo perguntas de geometria que o jovem não sabia responder. O filósofo demonstrou que algumas das respostas corretas do rapaz eram induzidas, ou seja, o escravo estava sendo levado a falar aquilo que Sócrates propunha, sem haver compreensão do assunto em questão. Novamente questionado e perguntado sobre sua linha de raciocínio, o jovem não soube responder. Sócrates, portanto, levou o escravo à *aporia*. Nicola Abbagnano, em seu Dicionário de Filosofia, descreve o termo como "dúvida objetiva, a dificuldade efetiva de um raciocínio ou da conclusão a que leva um raciocínio" (2007, p. 75). Para Sócrates, essa dúvida, esse reconhecimento do não-saber é condição fundamental para que se aprenda algo.

Em resumo, imediatamente antes do reconhecimento do estado de aporia, o escravo julgou-se, por instantes, capaz de resolver o problema mesmo sem ter formação mínima em geometria. Ou seja, tinha a opinião (*doxa*) de que era capaz sem, no entanto, ter o conhecimento (*episteme*) para fazê-lo. O estado de *aporia* (reconhecimento do não-saber) é necessário, segundo o diálogo platônico, para que se estabeleça o primeiro estágio do conhecimento. Portanto, *doxa, episteme* e *aporia* são termos importantes para a relação com a tríade informação-conhecimento-saber e ainda serão citados novamente nesta tese.

Vimos acima que delimitar informação é uma tarefa delicada e exige alguma digressão científica e filosófica. Devido ao amplo debate sobre o tema em diversos campos do conhecimento humano, estipula-se aqui uma abordagem que está no âmago da Ciência da Informação e que leva em consideração a multiplicidade e interdisciplinaridade do termo, como explica Capurro: "A informação pode e deveria, então, ser estudada no seio de uma rede de diferentes disciplinas, e não somente pela CI. Não resta dúvida, portanto, que os mecanismos da informação – e a informação em si – têm sido muito difíceis de apreender" (Capurro, 2007, p. 176).

A extensão da área de pesquisa da Ciência da Informação abrange a questão tecnológica, abraçando o campo das Telecomunicações, com a Teoria Matemática da Comunicação de Shannon e Weaver[69], que se debruçou sobre os limites relacionados à transmissão de informações, entendidas aqui como sinais e seus ruídos. A perspectiva parte de uma formulação vinculada às ciências exatas, às engenharias e contribuiu para os avanços rumo à Tecnologia da Informação (TI). No entanto, a Ciência da Informação não fica restrita

[69] SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. A teoria matemática da comunicação. São Paulo: DIFEL, 1975.

ao campo tecnológico, embora seja permeada por ele. Interdisciplinar em sua essência, a área possui um campo de atuação abrangente e vive numa balança entre o tecnológico e o humano. Saracevic entende a CI como um ponto nevrálgico entre biblioteconomia, ciência da computação, ciência cognitiva (*e.i.*, inteligência artificial) e comunicação.

> A relação homem-tecnologia é o ponto fraco, a questão não resolvida filosófica, científica ou profissionalmente na CI, assim como também o é em outros campos fortemente envolvidos com a tecnologia. A CI tem oscilado entre dois extremos - humano e tecnológico - sem se definir claramente por qualquer deles ou estabelecer um equilíbrio confortável. Embora exista, ultimamente, uma clara oscilação do pêndulo em direção ao lado humano da equação, o extremo tecnológico continua sendo a amarra que dirige a inclinação do campo em sua totalidade e não apenas do campo é visível que esta é a característica da sociedade da informação. (Saracevic, 1996, p. 55)

Todavia, entende-se que cabe à Ciência da Informação, também, administrar essa polissemia conceitual e gerenciar suas aplicações de maneira a ordenar o acesso a esses saberes. As diferentes concepções, abordagens, significados, fronteiras de pesquisa, a relação homem-máquina, a dimensão filosófica, a ferramenta para as ciências exatas, a análise sócio-histórica e epistemológica, todos esses aspectos, dentre outros que ainda estão no horizonte de uma sociedade da informação, como quer Schneider:

> Nesse sentido, optamos por trabalhar a informação enquanto saber, ao mesmo tempo representacional e performático, cujo ciclo de vida sofre as seguintes metamorfoses: percepção, pensamento, registro, circulação, acesso, decodificação, pensamento, uso. Caberia à CI estudar e gerenciar esse ciclo, minimizando seu potencial entrópico, tecendo a crítica e propondo soluções para os problemas relacionados à qualidade, ao uso, à restrição, à circulação e ao acesso, o que envolve questões de ordem política, econômica, técnica e cognitiva. Por essa via, chegamos a uma conclusão um tanto surpreendente: a "informação", em si mesma, não seria o principal objeto da CI, e sim a OS [organização dos saberes], enquanto conjunto de práticas e teorias voltadas à produção, gestão e crítica da "metainformação", da informação sobre a informação. (Schneider, 2013, p. 62)

É necessário, também, estabelecer a CI enquanto curadora e organizadora dos saberes, além de observar sua rica historiografia. Afinal, o fascínio pela organização da informação, em caráter humanístico, tem início com um dos pais da Ciência da Informação. Paul Otlet (1868-1944) foi um bibliotecário e documentalista belga que dedicou sua vida a organizar e difundir o conhecimento de forma sistemática de forma a torná-lo mais eficiente e acessível. Ele é considerado um pioneiro na organização e recuperação da informação e na criação de sistemas de classificação bibliográfica. Em uma das suas principais obras, o *Tratado de Documentação*, Otlet discute a importância da criação de um sistema de classificação universal que permitiria a organização e a interconexão de todos os tipos de informação,

desde livros e periódicos, até imagens e sons. Ele propõe a utilização de técnicas como a catalogação, indexação e a criação de fichas bibliográficas como formas de melhorar a recuperação da informação. Na introdução da tradução brasileira da obra, Rayward sintetiza o impacto de Otlet não apenas para a CI, mas para a contemporaneidade:

> A perene importância de Otlet pode estar em parte em nossa percepção de que ele foi uma figura visionária, cujas ideias sobre globalização, por um lado, e sobre representação e organização do conhecimento, por outro lado, prenunciam o mundo digital e em rede de nossos dias. Não é pequena pretensão à fama que Otlet seja agora visto como um dos 'avós' da internet e da digitalização e da ordem social cambiante sugerida por termos como globalização, revolução da informação e sociedade da informação. Do que mais precisamos para compreender suas ideias, sua origem, o que
> elas refletem de sua época, e o que mais poderão novos estudos revelar sobre nossos próprios tempos? (Rayward, 2018, p. 27)

O *Mundaneum*, nome do projeto de universalização de acesso ao conhecimento é, antes de tudo, uma rede, um buscador de informação. Embora o projeto tenha sido concebido em uma época em que a tecnologia ainda era limitada, ele foi pioneiro no uso de TICs para disseminar o conhecimento de forma mais ampla e acessível. O *Mundaneum* contava com uma rede de correspondentes em todo o mundo, que enviavam informações e materiais para serem indexados e catalogados, e também disponibilizava um sistema de empréstimo de materiais para os usuários.

Nesse sentido, é fundamental dar ênfase ao fato de que muito antes da concepção de uma Sociedade da Informação (Castells, 2019) e do advento das Big Techs – grandes empresas de tecnologia como: Alphabet, Amazon, Apple, Meta, Microsoft, entre outras – que reivindicam para si a iniciativa "inovadora" da organização de todo conhecimento em uma plataforma global, Paul Otlet, quase cem anos antes, já descrevia "uma rede universal, [...] uma relação cooperativa entre todos os serviços específicos de documentação, tanto para produção quanto para utilização." (Otlet, 2018, p. 9). De acordo com Mattelart (2005), Otlet parece prever o conceito da "rede das redes" – referindo-se à internet. O documentalista belga vislumbrava o que ele chamou de "cérebro do mundo" (Mattelart, 2005, p. 2), uma ideia que se assemelha ao funcionamento do buscador Google atualmente. Mattelart destaca ainda que o ideal visionário do precursor da Ciência da Informação estava prestes a se materializar. No entanto, ele também ressalta as consideráveis barreiras para a realização desse projeto, notadamente os obstáculos geopolíticos e as marcantes desigualdades sociais globais. É importante, porém, colocar em perspectiva a comparação "Otlet – Google" feita por Mattelart, no ano de 2005. A empresa começava, então, a despontar como o principal buscador on-line à

época e não dispunha da maioria dos ativos que possui hoje e, como já enunciado na introdução desta tese, a temporalidade é uma variante elementar para os estudos da Internet. Portanto, a comparação é válida como um exercício alegórico que não leva em consideração as implicações que ainda serão discutidas mais à frente nesta tese em relação às grandes empresas de tecnologia, as denominadas Big Techs.

A visão de Paul Otlet sobre a centralização da informação e do conhecimento é notavelmente presciente. Em um mundo que ainda não tinha experimentado a revolução digital, Otlet vislumbrou um futuro "maravilhoso" em que o conhecimento estaria interconectado e acessível globalmente. Ele não apenas antecipou a ideia de um "cérebro global", mas também reconheceu a necessidade de cooperação e colaboração entre diferentes serviços de documentação para tornar isso possível.

Neste contexto, a reflexão do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (2005a), exposta no Volume 1 de "O Conceito de Tecnologia", ressoa fortemente. Vieira Pinto, ao cunhar o conceito do "homem maravilhado" frente à era tecnológica, oferece uma contraposição crítica a essa visão otimista. Seu conceito descreve um estado de espírito no qual os indivíduos, deslumbrados pelos avanços tecnológicos e científicos, tornam-se complacentes com as inovações, negligenciando suas implicações éticas, sociais e políticas. Tal postura, segundo Vieira Pinto, pode resultar em alienação, com as pessoas se tornando mais focadas nos avanços tecnológicos e seus benefícios para o grande capital, em detrimento do bem-estar humano, do progresso social e da diminuição das desigualdades.

> Mas o que distingue o maravilhar-se atual do antigo é que agora o homem se maravilha não diante da natureza, mas diante de suas próprias obras [...] diante do que é produto seu porquê, em virtude do distanciamento do mundo causado pela perda habitual da prática de transformação material da realidade e da impossibilidade de usar os resultados do trabalho executado, perdeu a noção de ser o autor de suas obras, as quais por isso lhe parecem estranhas (Vieira Pinto, 2005a, p. 35).

A maravilha, portanto, cobra seu preço. Em um mundo cada vez mais imerso na tecnologia e na promessa da inteligência artificial, cresce o receio de que as máquinas possam, em algum momento, dominar ou superar seus criadores humanos. Essa preocupação não é apenas um tema recorrente em obras de ficção científica, mas também reflete uma ansiedade contemporânea sobre o papel e o poder da tecnologia em nossa sociedade. A interação complexa entre homem e máquina pressupõe um entendimento minucioso e aporte interdisciplinar dos conceitos que envolvem a informação.

Entende-se que cabe à CI administrar essa polissemia conceitual e gerenciar suas

aplicações de maneira a ordenar o acesso a esses saberes. As diferentes concepções, abordagens, significados, fronteiras de pesquisa, a relação homem-máquina, a dimensão filosófica, a ferramenta para as ciências exatas, a análise sócio-histórica e epistemológica, todos esses aspectos, dentre outros que ainda estão no horizonte de uma sociedade da informação.

Nesse contexto de diversidade e complexidade, o trabalho de Capurro e Hjorland é analisado criticamente por Dantas (2021). Reconhecendo o "mapa bem detalhado" fornecido por Capurro e Hjorland sobre o estado da arte de suas obras, Dantas identifica uma lacuna significativa nesta abordagem. Ele destaca a omissão de autores influentes como Anthony Wilden e o brasileiro Vieira Pinto, já mencionado. Dantas sugere uma:

> totalmente distinta, embora sabidamente não hegemônica, talvez mesmo contra-hegemônica, abordagem. Ao invés de assumir as distinções, partir da unidade. Ao invés de classificar, relacionar. Ao invés de identificar entidades, descrever processos. Ao invés, em suma, de distinguir "coisa" e "significado", "objeto" e "sujeito", interagir sujeito e objeto na prática da ação – esta é a dialética da informação. (Dantas, 2021, p. 274)

Dantas argumenta que, ao adotar essa abordagem, Capurro e Hjorland acabam caindo em uma visão fragmentada, na qual os conceitos e autores são apresentados de maneira isolada, pertencentes a campos segmentados de conhecimento. Essa perspectiva, segundo Dantas, limita a compreensão do panorama mais amplo da CI, negligenciando as possíveis interconexões e sinergias entre diferentes áreas do saber. Em vez de um mosaico integrado que reflete a riqueza e a complexidade do campo, o que se percebe é um conjunto de peças separadas, sem a visão holística necessária para captar a essência interdisciplinar da informação.

Ao comparar os textos de Saracevic e Wilden, é possível perceber que ambos abordam a interação entre o homem e a tecnologia, cada um sob uma perspectiva distinta. Saracevic destaca a oscilação na Ciência da Informação (CI) entre os aspectos humanos e tecnológicos, ressaltando a dificuldade em estabelecer um equilíbrio claro entre estes dois extremos. Ele observa que, embora haja uma tendência recente em direção ao aspecto humano, a inclinação do campo ainda é fortemente influenciada pelo extremo tecnológico, refletindo a característica dominante da sociedade da informação.

Por outro lado, Wilden oferece uma visão mais crítica e abrangente que transcende a simples dicotomia entre o humano e o tecnológico. Ele examina a eficiência nos termos da sociedade moderna e suas implicações, destacando como a homogeneização e a redução ao valor de troca econômico impactam a diversidade e a sustentabilidade dos sistemas

socioecológicos.

> Distinguindo-se da eficiência ecológica que se observa na natureza e noutras sociedades (uma eficiência organizada com base numa adequada redundância da diversidade), a eficiência tecnocrática do sistema socioeconômico moderno funda-se na homogeneização da variedade disponível através da sempre crescente prevalência no sistema socioeconômico mundial de um único tipo de valor de troca econômico. As relações entre os poderes inscritos nesta dominância tomam em consideração a redução ao valor de troca econômica de todas as formas de valor, isto é, o fato de todas as formas da variedade estarem sujeitas a uma única forma. A consequente difusão do trabalho assalariado e dos gêneros alimentares para venda leva à destruição dos sistemas socioecológicos organizados de maneira diversa do nosso, reduzindo-lhes a diversidade até ao limiar da fragilidade. Além disso, a dominância deste tipo de valor de troca é uma relação estática, visto que está imersa na "eficiência" fundamental de que, em definitivo, dependem, a curto prazo os sistemas capitalistas de Estado: a sempre crescente acumulação de valores de troca numa parte do ecossistema mundial, a expensas das outras partes (Wilden, 2001, p. 62).

Esta abordagem de Wilden traz uma relevância significativa para a área de CI, oferecendo uma perspectiva diferenciada que enfatiza a importância de considerar os impactos mais amplos e sistêmicos da tecnologia. Ao fazer isso, Wilden expande o escopo da discussão na CI, sugerindo a necessidade de uma análise mais abrangente e interdisciplinar que leve em conta não apenas a relação entre homem e tecnologia, mas também as consequências dessa interação no contexto mais amplo da sociedade e sua interação com a natureza

Dantas (2001, p. 278) explica o pensamento de Wilden, entendendo que embora a natureza exista independentemente da sociedade humana, os sistemas mediados como a linguagem dependem da capacidade de discernimento e organização a partir do estabelecimento de diretrizes. Essa capacidade de interação dentro de um sistema torna os níveis "inferiores" mais complexos do que os "superiores", invertendo a hierarquia aparente.

> O que permite unificar e, ao mesmo tempo, diferenciar esses tipos ou ordens lógicas que, porém, não são apenas conceituais mas, de fato, são empiricamente observáveis na realidade natural ou social, é a informação. Informação, não como alguma definição ou conceito fragmentado em algum campo de saber, mas informação percebida e entendida como constitutiva da matéria, percepção e compreensão que só o materialismo dialético pode alcançar em sua totalidade (Dantas, 2021, p. 279).

Neste campo, resgatar o pensamento de Vieira Pinto é muito oportuno. No volume 2, Capítulo XI de *O Conceito de Tecnologia* (2005b), Vieira Pinto se dedica a explorar as temáticas de "Lógica e Informação", enfocando, entre outras abordagens, na relação entre a ação humana e a construção de máquinas. Nesse capítulo, analisando a construção da cibernética enquanto uma ciência que estabelece dispositivos autorreguladores das máquinas a partir do processo de *feedback*, a relação homem-máquina envolve o homem como criador e a

máquina projetada como produto do pensamento e da cultura humana.

> O homem faz a máquina que tem condições de fazer em cada fase histórica, com a cultura de que dispõe em dado momento. A analogia é real, porém manifesta-se sob forma de transferência por construção condicionada pelas possibilidades e finalidades do construtor. É por isso envolvida pelas leis dialéticas, que presidem qualquer processo de atividade criadora humana. Já no caso da passagem do artefato ao órgão vivo, especula-se analogicamente em abstrato, com base num isomorfismo formal, não necessário e sempre produto da primeira atividade analógica. Daí a ausência de simetria entre os dois casos e a impossibilidade de o modelo cibernético ser, como o pensante, doador de conhecimentos, visto que não os possui, não dispondo de racionalidade autônoma para engendrá-los (Vieira Pinto, 2005b, p. 342).

Vieira Pinto segue sua análise apontando que as máquinas, ao simular uma racionalidade, nada mais fazem do que coletar elementos da própria racionalidade humana e processá-los de acordo com a programação inicial. Ou seja, levando em consideração o ponto de Vieira Pinto, a percepção de Saracevic e o pêndulo "humano-tecnológico" se empalidece e perde perspectiva. Na verdade, toda a programação tecnológica, sintética, algorítmica, entre outros termos traçados por uma suposta "Era Tecnológica", reflete apenas uma extensão ou uma manifestação dos processos de pensamento e culturalmente construídos pelos seres humanos.

Em vista disso, Vieira Pinto entende que as máquinas são uma extensão da capacidade humana, concebidas e criadas a partir da lógica e do conhecimento acumulado ao longo do tempo. Ele argumenta que a tecnologia não é apenas um conjunto de ferramentas ou dispositivos externos ao ser humano, mas um reflexo direto do desenvolvimento intelectual, cultural e social da humanidade. Segundo ele, cada avanço tecnológico é um marco da capacidade humana de compreender e manipular o mundo, baseando-se em princípios lógicos e informacionais. Assim, a tecnologia, longe de ser uma entidade autônoma com seu próprio impulso de racionalidade, permanece fundamentalmente ligada e subordinada à criatividade e à intencionalidade do pensamento humano. Ou seja, ele questiona o princípio básico que gera as angústias relacionadas às chamadas inteligências artificiais.

Em consonância com este argumento está a análise do conceito de inteligência artificial na obra *A Comunicação*, de Lucien Sfez. O autor parte da imagem comunicativa da "bola de bilhar", apoiando-se na noção cartesiana presente em *O Discurso do Método* e em *O princípio da Filosofia*[70] para refletir sobre a tríade emissor-mensagem-receptor e as variáveis

[70]Ambas as obras de René Descartes. O primeiro foi publicado em 1637 na Holanda. Circulou originalmente em língua vernácula, contrariando a norma da época, que preconizava a escrita científica em latim. Normalmente era associado a obras matemáticas do mesmo autor, principalmente as obras Dioptrique, Metéores e Géometrie. Já o segundo foi publicado ao fim de sua vida, por volta de 1660, sendo uma compilação de preceitos físicos e

inerentes ao processo comunicacional: é a concepção da Comunicação Representativa. O autor aponta o poder do homem como modificador de seu meio a partir da razão e da fala, elementos fundamentais e transformadores da realidade em que se encontra. Também baseando-se no dualismo cartesiano, Herbert Simon e Allen Newell traçaram estruturas cognitivas que fundamentaram seu trabalho sobre inteligência artificial durante os anos 70 e 80. No entanto, reduzir a capacidade de comunicação e estrutura social humanas a um esquema passo a passo de decisões – embora, de fato, tenha levado a inúmeros progressos na área da cibernética – não explica de todo a complexidade do pensamento e da racionalidade humana, segundo Sfez. Em harmonia, portanto, com o pensamento de Vieira Pinto.

> Essa é a construção do jogo que pode passar por um teste de inteligências para o computador. Se a máquina chegar a imitar o pensamento humano, de tal modo que desequilibre o jogo e faça o observador hesitar, então, de certo modo, ela ganhou crédito [...] Eis-nos armados para entender a eficácia, os limites e... as derrapagens dos adeptos de uma concepção representativa da inteligência artificial (Sfez, 2007 p. 45).

Sfez se dedica a analisar as semelhanças e diferenças entre as teorias tradicionais de comunicação e o papel da inteligência artificial nesse contexto. Nas teorias clássicas, a comunicação é vista como um processo linear, envolvendo um emissor que envia uma mensagem a um receptor através de um canal. Os defensores da inteligência artificial, por outro lado, defendem que a abordagem do modelo é mais complexa e que não se limita apenas a transmitir mensagens, mas pode interpretá-las, modificar e até mesmo gerar novas informações, atuando simultaneamente como emissor, receptor e intermediário.

Sobre as concepções mecanicistas das mídias de massa (ou *mass media*), Sfez analisa duas concepções em relação ao tratamento das informações e da mensagem: a primeira, a do emissor como dominador da mensagem e a do receptor como um sujeito passivo e complacente e, a segunda leva em consideração o papel dos intermediários como transformadores e fomentadores da mensagem (*two-step flow communication*[71]). Seja qual for

---

metafísicos. A proximidade dessas obras com conceitos matemáticos e metafísicos expõe como mesmo as ciências duras, ou exatas, também têm fortes ligações com as ciências humanas e delas bebem. Assim, a discussão de temas relativos a cálculos e equações de matemática aplicada, como aqueles utilizados nos motores de busca Google e Bing, ou até mesmo no desenvolvimento de diversas inteligências artificiais, já estava diretamente ligada às Humanidades, apesar de posteriormente as ciências tenham sido ocasionalmente isoladas e as pontes entre elas terem sido esquecidas.

[71] A teoria do fluxo de comunicação em duas etapas (*Two-Step Flow Communication*) é um conceito advindo dos estudos de comunicação e sociologia, proposto por Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet em sua obra *The People's Choice*, publicada em 1948, baseada em uma pesquisa eleitoral realizada nos Estados Unidos. A teoria postula que a informação não flui diretamente da mídia para o público em massa, mas passa primeiro por formadores de opinião antes de ser disseminada para as massas. Segundo os autores, os formadores de

o modelo discutido, muito ainda é deixado de fora das complexidades e peculiaridades das sociedades pós-modernas, cada vez mais conectadas, multifocais e descentralizadas comunicativamente.

> Como no caso da inteligência artificial, o ponto de partida de uma reflexão sobre a comunicação é sempre o esquema clássico da decisão, cartesiano, representativo. Nesse esquema fragmentado, mecânico, o emissor é todos poderoso. É ele que aciona a bola de bilhar, a mensagem que atingirá o ouvinte, o sujeito ativo, o príncipe. O poder pretende decidir o outro, ou pelo outro, sujeito passivo, todo ouvidos e todo consentimento. Supõe-se que ele dará ouvidos ao conteúdo da mensagem e que se deixará a ele, contudo, a atribuição de julgar a realidade da autenticidade ou do encanto persuasivo da mensagem recebida. O emissor que se vire para torná-la aceitável (Sfez, 2007 p. 57).

A concepção clássica de comunicação, com sua ênfase unilateral no emissor, contrasta com a compreensão mais ampla e complexa do processo comunicativo. Vieira Pinto destaca esta limitação, propondo uma visão na qual o processo comunicativo é muito mais complexo e profundo do que a noção positivista postula. Ele critica certos teóricos que restringiram os conceitos de comunicação e de informação à relação homem-máquina. Vieira Pinto (2005b, p. 348) entende que a "troca de informações sempre existiu na convivência humana", uma vez que a "troca informacional é uma propriedade geral da matéria":

> O sujeito será sempre o ser vivo que funciona como receptor de percepções de origem externa, inclusive as provenientes de um objeto que é igualmente, em si, outro sujeito e elabora respostas à ação sofrida. O quando esse mesmo circuito se realizar em nova forma, qualitativamente ainda mais alta, a de percepção da própria percepção, pode falar-se de "consciência". Em tal caso encontramo-nos na exclusiva esfera humana. Note-se, por conseguinte, quanto é complexa a gênese do conceito de comunicação e informação, sendo lastimável que grande número de cibernéticos, principalmente os de tendências pragmatistas ou neopositivistas, nem saibam da existência desta formulação do problema. São, por isso, levados a tratar com inteira candura intelectual o modo pelo qual a informação se processa nas máquinas calculadoras e diretrizes, acreditando que somente nelas, e desde que foram inventadas, a humanidade veio a descobrir a importância dessas noções científicas (Vieira Pinto, 2005b, p. 348).

Essa relação entre os conceitos de comunicação e informação se alinham com a proposta de Wilden:

> Quer a natureza orgânica quer a sociedade apresentam tipos de níveis de organização específicos, entendendo-se por organização o processo que une a estrutura do conjunto àquilo a que chamaremos o sistema do conjunto. No interior do conjunto existem inúmeros subsistemas, todos estruturados e organizados, e o que organiza a sua organização é a comunicação. Por outras palavras, o que distingue essencialmente a estrutura organizada de um sistema vivo, que respira, se

---

opinião processam e compartilham suas interpretações, influenciando as atitudes e comportamentos do público geral. (Martino, 2018).

> reproduz e se adapta, de uma estrutura estática ou de uma máquina clássica, é o modo como o sistema utiliza a informação (Wilden, 2001, p. 109).

Abraham Moles, em sua obra *Teoria da Informação e Percepção Estética* (1978), também explora o valor filosófico da Teoria da Informação, focando no aspecto humano e na conscientização do processo comunicativo, destacado com o advento da escrita e a evolução tecnológica das mídias. Assim como Wilden, Dantas e Vieira Pinto, Moles critica a ideia de que o homem é apenas um receptor passivo de informações. Em vez disso, ele vê a comunicação como um processo dinâmico que deve incorporar fatores psicológicos e socioculturais inerentes a cada indivíduo. Moles percebe o ato de comunicação como um aspecto distintivo dos seres humanos em relação a outras espécies, através de uma lente dialética. Esta abordagem enfatiza as contradições inerentes à materialidade da comunicação, bem como às nuances da estética, percepção, originalidade e inteligibilidade, fornecendo uma visão mais abrangente e crítica do processo comunicativo.

> A materialidade da comunicação, sobre a qual insistimos fortemente no começo deste capítulo, leva obedecer às leis fundamentais da Física do objeto qualquer, em cujo primeiro plano se coloca a aproximação realizada pela quantificação dos limiares perceptivos, e a destruição realizada pelo ruído que cria a incerteza na mensagem (Moles, 1978, p. 283).

Refletindo sobre esta perspectiva, é possível concordar com Dantas (2021, p. 314), que questiona a validade do termo "sociedade da informação", ao dizer que "não faz sentido falarmos de 'sociedade da informação' pois toda sociedade humana é algum tipo de sociedade da informação". Ele entende que "precisamos entender, porém, como e por que o capital fez da informação, ou de algo que entende por 'informação', o centro do seu processo de valorização. A tecnologia é profundamente entrelaçada com, e muitas vezes um reflexo de, distintas dimensões sociais como classe, poder, interesses e preferências culturais e valorativas. Ela não apenas incorpora esses elementos, mas também os reproduz, manifestando-se como uma expressão tangível das formas de poder exercidas sobre os seres humanos e o meio ambiente". Dessa forma, a tecnologia vai além de ser uma mera necessidade ou um dado incontestável; frequentemente, ela se encontra no centro de discordâncias e debates sociais. Essa natureza da tecnologia, como discutido por pensadores como Abraham Moles, Wilden, Sfez, Dantas e Vieira Pinto, revela que seu desenvolvimento e implementação estão intrinsecamente ligados às dinâmicas sociopolíticas e culturais. Portanto, a análise crítica da tecnologia deve incluir uma compreensão de como ela molda e é moldada por contextos sociais mais amplos, refletindo e reforçando desigualdades, ideologias e

estruturas de poder existentes.

Entender o fenômeno a partir de uma perspectiva dialética, tendo em vista a utilização de termos como informação, comunicação e tecnologia pelo capitalismo como forma de manter sua dominância, é fundamental. Para qualquer pesquisador da Ciência da Informação, independente da área sobre a qual se debruça, uma vez que o campo se estende numa lógica cada vez mais interdisciplinar, compreender os meandros e os usos desses conceitos precípuos e descontaminar sua percepção para enxergar as engrenagens ligadas aos poderes dominantes é tarefa árdua e urgente. Assim, a necessidade de uma análise crítica e profunda não se limita apenas ao entendimento teórico, mas também se estende à aplicação prática, influenciando diretamente as políticas e práticas em torno da gestão da informação e da tecnologia.

1.5 A DESINFORMAÇÃO

Há uma célebre frase de Hannah Arendt em "Origens do Totalitarismo" que diz que "o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção e a diferença entre o verdadeiro e o falso" (Arendt, 2013, p. 632). De fato, mentiras sempre existiram na História e pode-se afirmar com alguma convicção que fazem parte da essência humana e até de parte do processo de civilização. No entanto, o fenômeno desinformativo que se observa a partir do advento das TICs carrega em si um caráter exponencial e de motivação política, ou seja, é importante avaliar a intencionalidade da circulação da desinformação e também o meio no qual isso acontece. Portanto, inicia-se o mergulho neste conceito a partir da concepção de Brisola e Bezerra (2018) que entendem que a desinformação

> é um conceito antigo que nasce ligado a projetos militares de contrainformação e espionagem, mas extrapola para os meios de comunicação e para aparelhos privados e estatais. A desinformação pode estar presente em livros de história ou em discursos políticos, em histórias em quadrinhos ou em jornais de ampla circulação (Brisola; Bezerra, p. 3321, 2018).

Os autores também postulam que a desinformação envolve: "informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade". (Brisola; Bezerra, p. 3319, 2018)

Portanto, é equivocado entender desinformação como uma negativa da informação, como um não-significado, ou como um erro no processo comunicacional. Pelo contrário, desinformação é o uso da informação a partir de uma intencionalidade para modificar consensos e influenciar ou manipular percepções e opiniões. Esta prática transcende a mera propagação de falsidades, representando um esforço calculado para formar e direcionar o entendimento coletivo, com o objetivo de favorecer e facilitar agendas de determinados grupos políticos, econômicos e sociais.

Segundo Ramonet, para entender o problema é necessário "examinar um fenômeno muito mais amplo: a crise global das sociedades que está sendo provocada pelo novo sistema desinformativo das redes sociais. Ou seja, os efeitos na governabilidade política da progressiva conversão das mentalidades ao culto da mentira" (Ramonet, 2022, p. 27, tradução nossa). E se há menos relevância na objetividade com que se percebe a realidade, se torna mais fácil mentir. Pascual Serrano, em seu livro *Desinformación*, conceitua a mentira como o principal método desinformativo:

> Sem dúvida, o método de desinformação mais eloquente é a mentira simples e direta. A mentira, embora não seja o mecanismo mais utilizado, sua mera existência com total impunidade deveria nos preocupar ao ponto de acionar os alarmes sobre que sistema comunicacional estamos vivenciando. Se é possível mentir sobre um determinado assunto sem que os meios de comunicação sejam punidos, sem que haja retificações e sem que as vítimas tenham a capacidade de desmentir e alcançar pelo menos a mesma audiência que foi exposta à mentira, estamos diante do que Ignacio Ramonet chamou de *insegurança informativa* (Serrano, 2009, p. 129, tradução nossa, grifo nosso).

Para Ramonet, a insegurança informativa consiste na "acumulação de informações falsas, imprecisas ou manipuladas [que] despertou a desconfiança do público". Isso também significa que:

> quando recebemos uma informação, não sabemos se ela será desmentida dentro de uns dias, pois o excesso informativo produz pouca confiabilidade. Para a maioria das pessoas, uma informação é verdadeira quando todos os meios de comunicação afirmam que ela o é; se a rádio, o jornal, a televisão e a internet divulgam a mesma coisa, nós a aceitamos porque, intuitivamente, a repetição serve como prova de veracidade. Mas a repetição não é uma demonstração, ela é uma repetição; e houve muitos casos em que uma informação foi repetida várias vezes sendo que, na verdade, era falsa. Consequentemente, a repetição não faz a informação, mas o conceito que há por trás dela, que é uma das ideias básicas da propaganda, consegue convencer. E hoje a informação, não de maneira voluntária, mas inconsciente, trabalha bastante sobre esse registro (Moraes; Ramonet; Serrano, 2013, p. 86).

No mesmo sentido, Schneider conceitua o fenômeno como desinformação digital em rede (DDR):

> É importante marcar esta especificidade do fenômeno. Porque o custo relativamente baixo de suas operações em comparação com a mídia tradicional (1), seu alcance imenso e customizado (2), somado à escassa e difícil regulação dessas ações em termos técnicos e jurídicos (3) favoreceram a que a DDR se convertesse, em quase toda parte, num elemento muito influente da superestrutura ideológica emergente no âmbito da infraestrutura das redes digitais e, ao mesmo tempo, em investimento (marginal?) na mesma. Essa infraestrutura, por sua vez, é um precioso produto e propriedade da fração principal do grande capital de hoje (acoplada ao financeiro, o armamentista, o farmacêutico e o energético) (Scheneider, 2022, p. 15).

Seja insegurança informativa ou DDR, as relações com as verdades e mentiras midiáticas se relacionam diretamente com a perspectiva da confiança. Isso torna possível uma melhor compreensão do motivo pelo qual notícias falsas ou fake news – por mais absurdas ou ridículas que possam parecer – são facilmente propagadas e acreditadas por inúmeros grupos. Confiar e desconfiar faz parte do jogo midiático digital. A existência simultânea de confiança e desconfiança não abala a estrutura predominante das mídias. Principalmente nas redes sociais, essas estruturas sociais são caracterizadas por debates e não por uma perspectiva unilateral universal. No entanto, é dentro dessas divergências que surgem as notícias falsas. É a partir do aproveitamento deste contexto que há espaço para a disseminação de falsidades em larga escala com intencionalidade, de maneira direcional e planejada.

Retoma-se aqui o conceito do *gatekeeper*, ou seja, aqueles profissionais da mídia responsáveis por fazer a filtragem dos fatos e, em última instância, determinar o que merece ser publicado ou não (Traquina, 2020; Bruns, 2011). Uma vez que os veículos tradicionais de comunicação vêm perdendo cada vez mais espaço para as redes sociais, onde a curadoria das informações é multifacetada e pluri-ideológica, o critério de decisão do que merece ou não ganhar o olhar público – antes vinculado à credibilidade das mídias tradicionais – cai por terra. A partir daí, o vínculo não é mais com a reputação de meio de comunicação e sim com o filtro que mais convém ao sistema de crenças individual. Tudo isso tem a ver com a pós-verdade, a mentira, a segurança informativa e a DDR. Em resumo, a DDR é resultado de uma *insegurança informativa* facilitada pelas redes digitais que se aproveita da *não punição de mentiras* propagadas pelos novos *gatekeepers* que se proliferam nestes meios, gerando, portanto, um ambiente favorável ao enviesamento ideológico, o que alimenta o fenômeno da *pós-verdade*.

É necessário entender que são muitos os termos utilizados para dar conta do fenômeno da DDR. Pós-verdade é um deles. Na verdade, a própria conceituação de desinformação – conceito "guarda-chuva" da temática aqui abordada– é difusa, como quer, Recuero (2024):

> A desinformação é, talvez, um dos conceitos mais usados e com menor concordância em seu sentido da contemporaneidade. O que hoje chamamos de desinformação na mídia, na academia, e mesmo na comunicação cotidiana é, na verdade, um fenômeno muito completo e de difícil definição. Ora desinformação é usada para referirmo-nos a um objeto, uma mentira; ora desinformação é usada para referirmo-nos a operações complexas de manipulação da sociedade; ora entendermos desinformação como crise epistêmica. E desinformação pode ser tudo isso (Recuero, 2024, p. 20).

No entanto, embora a revisão bibliográfica não seja o foco principal deste trabalho, há um esforço em dar "nome aos bois", isto é, em mapear e discutir os principais conceitos e terminologias que cercam a DDR. Reconhecemos, contudo, que esse universo terminológico é vasto e em constante expansão, com novos termos surgindo continuamente para dar conta das transformações no ambiente midiático e digital. O objetivo aqui, portanto, não é abarcar todas as definições possíveis, mas sim apresentar e problematizar algumas das mais relevantes para a compreensão do fenômeno.

Nesse contexto, um conceito central que emerge é o da pós-verdade, que não apenas se entrelaça com a DDR e a desinformação, mas também revela a maneira como crenças individuais e identitárias moldam a percepção da realidade. A pós-verdade reflete um cenário em que fatos objetivos têm menos impacto na formação da opinião pública do que apelos emocionais e crenças pessoais, o que fortalece dinâmicas de desconfiança e reforço ideológico nos espaços digitais.

1.6 PÓS-VERDADE

Em 2016, o dicionário Oxford elegeu o termo "Pós-verdade" como a palavra do ano[72], significando: "um adjetivo definido como 'relacionado a ou que denota circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais' (PÓS-VERDADE, 2016). Se fatos têm cada vez menos importância e a percepção individual ganha destaque, o fenômeno desinformativo é senhor no reino das emoções. A manipulação das emoções e crenças pessoais através da disseminação de informações distorcidas ou falsas visa influenciar a opinião pública de maneira direcionada *intencionalmente*. Não é apenas sobre manipulação dos fatos, mas também sobre construções de percepções coletivas. Como quer Schneider:

> Viver na era da pós-verdade significa viver em meio a alucinações coletivas, hedonistas e niilistas, estúpidas, ignorantes ou pseudo eruditas, orgulhosas, preconceituosas. [...]Significa viver numa era achatada, defensiva, triste, nervosa,

[72] Como pode ser acessado: https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/ . Acesso: 15 jun 2023.

> rancorosa, sem perspectivas nem horizontes concretos de melhoria prática da vida individual e coletiva, concebida em termos racionais. Nesse vazio, fantasias e delírios particularistas, frequentemente religiosos, cínicos, sectários e, ao mesmo tempo, debochados e violentos, proliferam e ocupam o espaço do que foram projetos realistas, palpáveis, de tornar a vida de todos um pouco melhor, ao menos em relação às expectativas das gerações anteriores. (Schneider, 2022, p. 57).

Na era da pós-verdade, a realidade é frequentemente distorcida por percepções subjetivas, criando um terreno fértil para a proliferação de desinformação, promovendo uma desconexão dos fatos e a construção de perspectivas irracionais. A partir deste terreno fértil, as narrativas irreais – notícias falsas, teorias da conspiração, informações tiradas de contexto, entre outras dissimulações – se tornam instrumentos poderosos na manipulação da opinião pública e na distorção da percepção coletiva. Essas práticas alimentam um ciclo contínuo de desinformação, complicando ainda mais o desafio de articular diálogos fundamentados e decisões coletivas em uma sociedade cada vez mais fragmentada. A compreensão dessas dinâmicas é importante para discernir a natureza da informação consumida e, sobretudo, para desvendar as intenções por trás de sua criação e disseminação.

1.7 FAKE NEWS

Para Brisola e Bezerra (2018), o conceito de “fake news” é: “sinais distorcidos e desconectados da verdade, que dificultam a visão da verdade ou do estado verdadeiro do mundo”. Esse fenômeno gera “artigos ou informações com características de notícias intencionalmente e verificadamente falsos, que possuem a intenção deliberada de enganar os leitores” (Brisola; Bezerra, p. 3323, 2018). Schneider (2022) vai além:

> Fake news são informações falsas, disfarçadas de notícias jornalísticas do tipo sensacionalista, produzidas e propagadas intencionalmente, sobretudo nas redes digitais, para favorecer grupos de interesse. Têm sido predominantemente empregadas pela chamada nova extrema direita, com efeitos muito graves. O termo também é usado por esses mesmos elementos para desqualificar qualquer notícia séria que contrarie suas posições, gerando mais confusão. (Schneider, p. 68, 2022)

O conceito de "fake news" ganhou notoriedade globalmente, principalmente a partir de 2016, em meio ao cenário político dos Estados Unidos, especialmente durante a campanha presidencial que levou Donald Trump à presidência. Embora o termo "notícias falsas" não seja novo e a prática de disseminar desinformação exista há séculos, foi a utilização intensiva e estratégica do termo por Trump que catapultou o conceito para o centro do debate público internacional. Além disso, a adoção frequente do termo por Trump e seus seguidores incentivou líderes de outros países a utilizar a mesma retórica para desacreditar críticas e

reportagens negativas, contribuindo para um cenário global de crescente ceticismo em relação à mídia e dificuldade em distinguir entre informações verdadeiras e falsas.

Figura 31 - Mensagem postada pelo ex-presidente estadunidense Donald Trump na rede social X (antigo Twitter)



Fonte: Print de tela coletado da rede social @realDonaldTrump [73]

Muitos autores criticam o termo "fake news" por sua ambiguidade e por ter sido politicamente apropriado para desacreditar informações desfavoráveis, independentemente de sua veracidade. Além disso, a expressão simplifica excessivamente uma gama complexa de problemas de desinformação, incluindo erros involuntários, sátiras, propaganda e teorias da conspiração, dificultando a compreensão e a solução desses problemas. Preferem, portanto, termos mais específicos que possam descrever com precisão os diferentes tipos de conteúdo enganoso e suas intenções.

1.8 BOLHAS EPISTÊMICAS E CÂMARAS DE ECO

Vimos anteriormente o conceito de Aporia como um estado de dúvida ou incompreensão que antecede o conhecimento. Também articulamos o processo contrário, a não-aporia, ou seja, a não consciência do não-saber e como esse estado pode ser utilizado para fomentar a desinformação. Explora-se aqui a hipótese de que o estado de não-aporia em escala massiva pode colaborar para a formatação de dois tipos de sistemas informacionais: as bolhas epistêmicas e as câmaras de eco.

Uma bolha epistêmica é “uma estrutura epistêmica oriunda da arquitetura informacional de comunidades, redes sociais, mídia, entre outras fontes de informação” (Nguyen, 2020, p. 2). Em tais ambientes, há uma seletividade de assuntos, uma vez que todos os envolvidos partilham certos interesses em comum. Por exemplo, a sala de aula de uma

[73] Post disponível em: https://twitter.com/realDonaldTrump/status/879682547235651584 Acesso: 24 fev 2024

faculdade de jornalismo pode ser entendida como uma bolha epistêmica. Por quê? Ali, professores e alunos debaterão assuntos relativos às mídias, às comunicações, ao fazer jornalístico etc. Dificilmente haverá discussões sobre as disciplinas de Cálculo 1 e Bioquímica, excetuando-se a eventualidade de alguns desses temas tangenciarem algum fato do noticiário. Isso não significa, porém, que todos os assuntos relacionados à Comunicação Social serão abordados da mesma forma. Professores e alunos discordam entre si. Professores diferentes têm entendimentos diversos sobre os mesmos conceitos. Portanto, é um regime de informação tematicamente restrito, todavia aberto ao debate e às controvérsias.

Já uma câmara de eco representa um ambiente de manipulação da confiança, "é uma estrutura epistêmica social na qual vozes externas são ativamente desacreditadas" (Nguyen, 2020, p. 4). Ou seja, não é possível nenhuma manifestação contrária; todas as opiniões serão monofônicas, uma vez que o *eco* apenas reproduz som idêntico ao do emissor. Esse processo resulta em um espaço onde a diversidade de pensamento é praticamente inexistente, e os participantes são continuamente expostos a uma perspectiva unidimensional, reforçando suas crenças pré-existentes sem a oportunidade de confrontá-las com visões alternativas. Pudemos observar esse tipo de comportamento de maneira muito frequente nos grupos bolsonaristas observados no Telegram.

1.9 AUTORIDADES COGNITIVAS

Para Froehlich (2019), existem duas categorias distintas de autoridades cognitivas: as genuínas e as pseudo. As genuínas são aquelas que passam por um processo racional de avaliação de sua credibilidade e confiabilidade, com base em debates, processos seletivos, pareceres, evidências e conhecimentos avalizados por instituições legítimas. Por outro lado, as pseudo autoridades cognitivas apelam para emoções, preconceitos, generalizações, geralmente perpassando por sentimentos como medo, ressentimento e raiva. Essas pseudo autoridades se beneficiam do apoio das redes digitais para disseminar suas narrativas e influenciar o pensamento público, em parte mediante a deslegitimação de instituições e autoridades cognitivas genuínas, como a própria academia (que, insistimos, não está acima da crítica).

> As histórias de notícias falsas, as motivações e as pseudo-autoridades cognitivas são aprimoradas e aceleradas por fatores como a repetição de diversas mídias ecoando as mesmas histórias, a ignorância culturalmente induzida, o efeito Dunning-Kruger[74],

[74] O efeito Dunning-Kruger é um fenômeno psicológico em que pessoas com pouca habilidade, conhecimento ou experiência em determinada área superestimam sua competência. Em resumo, indivíduos sob esse efeito são

> etc. Todos esses fatores culminam em um coletivo autoenganador, espiralado e autorreforçado. A autoridade cognitiva falsa tem sucesso por causa do autoengano, especialmente o autoengano coletivo. Sua autoridade é baseada nas multidões e no líder, mas é falsa porque não é sustentada por evidências, fatos ou razão. É uma autoridade baseada na emoção. Ela cria uma bolha para seus seguidores que é difícil de romper, mas não apenas isso, eles ridicularizam aqueles que desafiam sua visão da realidade (Froehlich, 2019, p. 130).

Portanto, uma pseudo-autoridade cognitiva não tem a obrigação de colocar seus conhecimentos à prova. Assim sendo, esses indivíduos fomentam o anti-intelectualismo e colaboram para o cabedal de ignorâncias propagadas nas redes, reforçando, assim, a disseminação de informações falsas e teorias sem base científica entre o público. Desta forma, contribuem significativamente para a erosão da confiança nas instituições acadêmicas e científicas, além de minar o respeito pelo conhecimento especializado.

> São personagens geralmente carismáticas, dotadas de temperamento sanguíneo, que apresentam soluções fáceis para problemas complexos, recorrendo ao medo, ao desespero, ao preconceito e à ignorância, avessas a um compromisso intelectual sério com o debate racional, calcado em argumentos e evidências demonstráveis e falseáveis, para além do conhecimento tácito, dos costumes ou das crenças (Schneider, 2022, p. 70).

1.10TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Teorias da conspiração são crenças que sugerem que eventos ou situações são o resultado de um plano secreto e mal-intencionado conduzido por indivíduos ou grupos poderosos e ocultos (*e.g.* os judeus, os comunistas, os globalistas, os chineses etc). Essas teorias frequentemente desafiam as explicações oficiais ou amplamente aceitas sugerindo, em vez disso, que forças poderosas estão operando nos bastidores para manipular eventos, pessoas e informações para seus próprios fins nefastos. Como define o estudioso do conspiracionismo Joseph E. Uscinski:

> Teoria da conspiração refere-se à explicação de eventos ou circunstâncias passadas, atuais ou futuras que acusa como principal fator causal um pequeno grupo de pessoas poderosas, os conspiradores, agindo secretamente para seu próprio benefício e contra o bem comum. Os conspiradores podem ser governos estrangeiros ou domésticos, atores não governamentais, cientistas, organizações religiosas e fraternais, ou qualquer outro grupo percebido como poderoso e traiçoeiro. No núcleo, as teorias da conspiração são sobre poder: quem o tem e o que fazem com ele quando ninguém está vendo (Uscinski, 2019, p. 48).

Exemplos comuns de teorias da conspiração envolvem a morte do presidente estadunidense John Kennedy, a chegada do homem na Lua, existência de alienígenas, chip

---

incapazes de reconhecer suas próprias limitações, o que os leva a avaliar suas habilidades como muito melhores do que realmente são.

líquido na vacina contra Covid-19, o pizzagate[75] etc. Frequentemente, essas narrativas chamam seu público para ação contra essas "forças do mal". Para Ramonet, um dos motivos para o alastramento de tais teorias se dá, em parte, devido à perda de credibilidade das mídias tradicionais:

> Em tempos como os atuais, nos quais as fontes oficiais de informação perderam credibilidade, e quando se dá o mesmo nível de confiança a um meme que a um noticiário de televisão ou a uma agência de notícias, não é absurdo que as teorias da conspiração encontrem maior audiência no seio de categorias sociais muito impactadas pela crise. A tecnologia ajuda. Porque muitas pessoas aproveitam o anonimato que a internet oferece para defender – amparados pela segurança de um pseudônimo – posições alternativas, agressivas, desrespeitosas ou extremistas (Ramonet, 2022, p. 65).

1.11REGIME DE INFORMAÇÃO

Um regime de informação é um modo de produção informacional que define como as informações são tratadas em uma sociedade (González de Gómez, 2002). Ele inclui não só os sistemas formais, como bancos de dados e arquivos, mas também práticas sociais e relações que determinam o que é informação relevante, como ela é compartilhada e quem tem acesso a ela. É uma estrutura que reflete as influências históricas, políticas e culturais, moldando não apenas o fluxo de informações, mas também a compreensão e interpretação dessas informações pelos indivíduos e grupos na sociedade.

> O conceito de "regime de informação" demarcaria um domínio amplo e exploratório no qual a relação entre a política e a informação – não preestabelecida – ficaria em observação, permitindo incluir tanto políticas tácitas e indiretas quanto explícitas e públicas, micro e macropolíticas, assim como permitiria articular, em um plexo de relações por vezes indiscerníveis, as políticas de comunicação, cultura e informação. (González de Gómez, 2002, p. 35)

A CI também articula o conceito a partir dos autores Frohmann (1995) – criador do conceito posteriormente aprofundado por González de Gómez (2002) – e Braman (2004). Eles desenvolvem suas análises a partir das interações entre atores, tecnologias, representações sociais, normas e regulamentos que influenciam as políticas de informação, sejam elas declaradas ou subentendidas. O conceito é usado para entender como as práticas

[75] O "Pizzagate" é uma teoria da conspiração que surgiu durante a eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016. Ela alegava que membros do Partido Democrata, incluindo a então candidata à presidência Hillary Clinton, estavam envolvidos em uma rede de tráfico sexual de crianças operando no porão de uma pizzaria na capital do país, Washington. Um homem armado entrou na pizzaria para "investigar" as alegações por conta própria, disparando tiros dentro do restaurante. Ninguém se feriu. O "Pizzagate" é frequentemente citado como um exemplo emblemático da disseminação de teorias da conspiração nas plataformas digitais. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/ataque-a-pizzaria-nos-eua-mostra-perigo-de-rumores-nas-redes-sociais.ghtml Acesso: 24 fev. 2024.

informacionais são estabelecidas e mantidas em sociedades marcadas pela influência das tecnologias de informação e comunicação e uma forte economia de mercado. Frohmann (1995) questionou de maneira veementemente a negligência para com as questões sobre a relação entre informação e poder.

> Concentrar-se em problemas instrumentais e questões epistemológicas para estabelecer e vigiar fronteiras entre disciplinas, desvia a atenção das questões sobre como o poder é exercido por meio das relações sociais mediadas pela informação, como o domínio sobre a informação é alcançado e mantido por grupos específicos e como formas específicas de dominação, especialmente aquelas de raça, classe, sexo e gênero, estão implicadas no exercício do poder sobre a informação. Talvez seja mais importante, antes de se dedicar em como melhorar um carburador, perguntar para onde o carro está indo ou se deveríamos estar dirigindo carros em primeiro lugar (Frohmann, 1995, p. 21, tradução nossa).

No mesmo sentido, Sandra Braman acredita que o conceito ajuda a compreender como as políticas de informação se alinham e se estabilizam dentro do tecido social em meio às tecnologias da informação e sob as condições de uma economia de mercado globalizada:

> O poder informacional controla comportamentos ao manipular as bases de informação de materiais, instituições e símbolos. Embora todos esses elementos sempre tenham estado disponíveis, uma das consequências da informatização da sociedade é que o poder informacional recentemente se tornou não apenas visível e particularmente proeminente, mas dominante (Braman, 2004, p. 34).

Bezerra (2023) vai além e entende que as práticas predominantes na era digital revelam contradições profundas, apesar da conveniência aparente dos dispositivos tecnológicos. Além disso, a aparente abundância de informação esconde o crescimento do negacionismo e da desinformação, mostrando como a tecnologia, embora ofereça novas liberdades, também impõe novos desafios e contradições. E que esse regime de informação tem como cerne a servidão ao sistema capitalista.

> Todas essas contradições estão relacionadas a um fato histórico determinante: o advento de um novo regime de informação no século XXI, no qual formas inovadoras de produção, circulação e consumo de informação se encontram dialeticamente submetidas às velhas relações sociais do modo de produção capitalista, hoje metamorfoseado em sua versão digital. O palco principal desse novo regime de informação é a internet, uma rede de interconexão digital descentralizada, desenvolvida em âmbito militar nos Estados Unidos da América durante a Guerra Fria, que permite a circulação de informação entre dispositivos eletrônicos sem fio, e que passa a ser utilizada, a partir dos anos 1970, por universidades e centros de pesquisa norte-americanos para fins de comunicação científica. No apagar das luzes do século XX, essa nova tecnologia se torna o ponto de convergência de um antigo ente abstrato, que assume feições místicas na sociedade capitalista: o mercado (Bezerra, 2023, p. 2).

O pesquisador bielorusso Evgeny Morozov segue o mesmo raciocínio e acredita que a "verdade" das plataformas de tecnologia, a quem ele chama de Big Techs, não obedece a um princípio filosófico, mas sim financeiro. "Verdade é o que gera mais visualizações. Sob a ótica das plataformas digitais, as *fake news* são apenas as notícias mais lucrativas" (Morozov, 2018. p. 12). Ele entende também que "problema não são as *fake news*, e sim a velocidade e a facilidade de sua disseminação, e isso acontece principalmente porque o capitalismo digital de hoje faz com que seja altamente rentável". (Morozov, 2018, p. 191)

O que Morozov chama de capitalismo digital, Shoshana Zuboff chama de Capitalismo de Vigilância. Ela dá o alerta sobre como o sistema do uso da informação pessoal de usuários de plataforma digitais como matéria-prima "para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas" está intrinsecamente vinculado a uma "arquitetura global de modificação de comportamento" com o objetivo de realizar uma "concentração de riqueza, conhecimento e poder sem precedentes na história" (Zuboff, 2021, p. 7). Ou seja, essas empresas extraem e refinam dados dos usuários sem o conhecimento e consentimento destes, de maneira a predizer padrões de comportamento com o objetivo de garantir que, cada vez mais, os anúncios nesse ambiente digital acertem precisamente a necessidade – real ou induzida – das pessoas. Em resumo, dados privados são entregues constantemente e sem consentimento a esses dispositivos. Essas informações, após refinadas, são utilizadas para alimentar o lucro de empresas já trilionárias. E os usuários nada ganham a cessão não consentida desses dados. Morozov resume bem a argumentação de Zuboff:

> O modelo de capitalismo "dadocêntrico" adotado pelo Vale do Silício busca converter todos os aspectos da existência cotidiana em ativo rentável: tudo aquilo que costumava ser o nosso refúgio contra os caprichos do trabalho e as ansiedades do mercado. Isso não ocorre apenas pela atenuação da diferença entre trabalho e não trabalho, mas também quando nos faz aceitar tacitamente a ideia de que nossa reputação é uma obra em andamento – algo a que podemos e devemos nos dedicar 24 horas por dia, sete dias por semana. Dessa maneira, tudo vira um ativo rentável: nossos relacionamentos, nossa vida familiar, nossas férias e até nosso sono (agora você é convidado a rastrear o sono, a fim de aproveitá-lo ao máximo no menor tempo possível). (Morozov, 2018, p. 33)

Então, é possível afirmar que as Big Techs não estão compromissadas com nada além de seu próprio lucro. Se o conteúdo falso gera mais engajamento, e, portanto, mais lucro, é ele que terá mais visibilidade na plataforma, não interessando o quão perigoso ou arriscado para a saúde pública ele pode ser. É tudo uma questão de lógica capitalista pura, ou seja, um regime de informação a serviço do sistema capitalismo. Como quer Bezerra (2013):

> Apesar da aparência plural, diversificada e democrática dessa definição geral, o

> novo regime de informação do capitalismo da era digital tem como característica inequívoca o fato de ser capitaneado por grandes corporações multinacionais, algumas delas criadas nos últimos 20 ou 30 anos, que se destacam pelo emprego de tecnologia digital de ponta (e por isso são chamadas de big tech), como Alphabet, Meta, Amazon, X Corp, Microsoft, Apple, Samsung, Alibaba, ByteDance, Airbnb, Uber, Netflix, Spotify e outras (Bezerra, 2023, p. 5).

Ressalta-se, ainda, a importância de uma análise crítica que identifique as dinâmicas de opressão e desigualdade, fundamentais ao capitalismo, apontando para a necessidade de abordagens que integrem a compreensão das lutas de classes na análise dos regimes informacionais contemporâneos, assim como no pensamento de Bezerra (2023). A revisão crítica do regime de informação, aborda o papel central dos dados digitais na economia das grandes tecnológicas, evidenciando impactos sociais adversos, como segregação digital e propagação de desinformação.

1.12REGIME DE DESINFORMAÇÃO

Nesta tese, adotamos a terminologia *regime de desinformação* para referir-se a uma estrutura informacional cuja finalidade primordial é disseminar conteúdo que se alinha com os interesses da extrema-direita, recorrendo retóricas frequentemente anticientíficas, anti-intelectuais e moralistas. Esse regime emprega a desinformação de maneira intencional como ferramenta para distorcer a realidade e influenciar a percepção coletiva, com o objetivo de alterar o cenário do debate público em benefício de objetivos políticos específicos. A pesquisa busca desvelar a forma como esses mecanismos são utilizados para solidificar posições extremistas, prejudicando a integridade do diálogo democrático e erodindo as bases do entendimento racional e científico. Ao utilizar-se do conceito, a estudo visa desvelar as estratégias de propagação de narrativas que favorecem esses grupos políticos, além de destacar o impacto nocivo dessas ações no tecido social e em uma estrutura democrática.

O conceito de regime de desinformação insere-se em um contexto mais amplo de transformações no modo de produção informacional contemporâneo. Como demonstram Bezerra e Borges (2021), esse regime se estrutura sobre a lógica da vigilância e do rastreamento massivo de dados pessoais, explorando a interseção entre economia política da informação e dinâmicas algorítmicas de distribuição de conteúdo. A monetização da desinformação, viabilizada por plataformas digitais por meio da publicidade programática, não apenas reforça a circulação de discursos extremistas como também cria incentivos econômicos para a sua reprodução em larga escala. Dessa forma, a desinformação se torna um elemento fundamental do modelo de negócios das grandes plataformas, pois conteúdos

polarizadores e enganosos tendem a gerar maior engajamento e, consequentemente, mais receita publicitária (Bezerra; Borges, 2021).

> As plataformas, por seu turno, alegam ser apenas espaços de expressão da opinião pública, além de corretores de anúncios e meios de pagamento, com promessas vagas sobre o aprimoramento de controles para a publicidade programática. Está claro que as plataformas são hoje muito mais do que isso, exercendo controle decisivo sobre o fluxo de informações na internet. Por isso, é fundamental que haja uma regulação ampla e transparente que ampare e responda às expectativas da sociedade por um sistema que não possibilite, pelo lado do mercado, conflitos de comunicação e de imagem; e, pelo lado do público, que assegure um ambiente de informação saudável, em que os incentivos econômicos à desinformação sejam eliminados (Bezerra; Borges, 2021, p. 191).

Além da disseminação de narrativas falaciosas, o regime de desinformação se fortalece pela criação de um ambiente no qual a veracidade dos fatos é relativizada e submetida à lógica da disputa política e ideológica. Isso se traduz em estratégias de deslegitimação da imprensa tradicional, na promoção de ataques coordenados contra especialistas e instituições acadêmicas, bem como na construção de um ecossistema midiático alternativo que reforça a visão de mundo dos grupos que operam dentro desse regime. Essa dinâmica cria um círculo vicioso em que a produção de desinformação é ao mesmo tempo um mecanismo de mobilização política e uma ferramenta de sustentação financeira para os atores envolvidos.

A interdependência entre o modelo econômico das plataformas e a propagação da desinformação demonstra que o combate a esse fenômeno não pode ser reduzido apenas a estratégias de verificação de fatos ou a iniciativas voltadas para a alfabetização midiática. Como apontam Bezerra e Borges (2021), qualquer esforço significativo para mitigar os impactos desse regime deve considerar a necessidade de desarticular os fluxos financeiros que garantem sua viabilidade. Isso envolve a criação de mecanismos regulatórios que estabeleçam maior transparência nos processos de monetização de conteúdo e impeçam que a lógica da publicidade programática continue a premiar sites que operam com desinformação. Assim, o regime de desinformação não se sustenta apenas pela difusão de informações enganosas, mas também pela estrutura econômica que as impulsiona e pelo papel central das plataformas na manutenção desse ecossistema.

1.13 BIG TECHS, DON'T BE EVIL

Isso nos leva a refletir também sobre o papel das Big Techs, os grandes conglomerados de tecnologia que dominam o mercado global e, em muitas maneiras, a vida

de todos os seres humanos que estão conectados à internet. Estamos falando de Google, Apple, Microsoft, Amazon e Meta.

Enquanto esses grandes grupos têm a capacidade de reunir informações de uma forma que Otlet poderia apenas sonhar, eles também enfrentam críticas consideráveis. A centralização da informação, embora benéfica em termos de acessibilidade e conveniência, também levanta preocupações sobre privacidade, monopólio e, mais importante, sobre quem controla e monetiza essa informação. A visão de Otlet era democrática, onde o conhecimento era livre e compartilhado. Em contraste, as Big Techs operam em um modelo de negócios capitalista, onde o conhecimento tem um preço, seja através de assinaturas, publicidade ou venda de dados. Mattelart, ao fazer a comparação entre Otlet e o Google, estava certamente reconhecendo a capacidade visionária de Otlet. No entanto, é crucial considerar as motivações subjacentes e as implicações de tal comparação. O Google, sendo uma entidade corporativa, tem objetivos de lucro. A questão, então, é: até que ponto os interesses comerciais influenciam a organização e a disponibilidade do conhecimento?

Além disso, as barreiras geopolíticas e desigualdades sociais mencionadas por Mattelart não podem ser subestimadas. Em um mundo ideal, a informação seria verdadeiramente global, superando fronteiras nacionais e barreiras socioeconômicas. No entanto, a realidade é que ainda existem desequilíbrios significativos em termos de quem tem acesso à informação e quem controla essa informação. As Big Techs, embora tenham o poder de diminuir essas disparidades, são, nos dias de hoje, atores da perpetuação e agravamento de crises e inequidades sociais. Em resumo, enquanto Paul Otlet previu um mundo onde o conhecimento era interconectado e acessível, o surgimento das Big Techs trouxe tanto avanços quanto desafios. A visão idealista de Otlet deve servir como um lembrete da verdadeira finalidade da informação: ser compartilhada, compreendida e utilizada para o bem comum. E, à medida que avançamos na era digital, é imperativo que sejamos críticos e reflexivos sobre quem detém o poder sobre nossa informação e com que propósito.

Comparemos, portanto, as intenções dos dois projetos. Começando com o *Mundaneum*:

> Os objetivos da documentação organizada consistem em poder oferecer sobre qualquer espécie de fato e de conhecimento informações documentadas: 1º universais quanto ao seu objeto; 2º corretas e verdadeiras; 3º completas; 4º rápidas; 5º atualizadas; 6º fáceis de obter; 7º reunidas antecipadamente e preparadas para serem comunicadas; 8º colocadas à disposição do maior número possível (Otlet, 2018, p. 5).

Seguido da declaração de missões e valores da Google, a empresa se reserva a declarar

o seguinte: “Nossa missão é organizar as informações do mundo para que sejam universalmente acessíveis e úteis para todos”[76]. Além disso, em 2018 o slogan principal da empresa – “Don’t be evil” ou **“**Não seja mal**”**, em tradução livre, - foi alterado para a expressão dúbia “Do the right thing” ou “Faça a coisa certa”, também em tradução livre[77]. A mudança não passou despercebida, sendo bastante noticiada pela imprensa especializada.[78] O lema se aplica, de acordo com a empresa, ao posicionamento de conduta nos negócios. Neste caso a declaração de valores, longe de ser objetiva e focada na metodologia de acesso, como a de Otlet, a da Google se apoia em propostas subjetivas que evocam discussões da Ética da Informação. Aliás, a alteração de slogan diz muito sobre a transformação da postura da empresa após 2015, quando houve uma reestruturação interna e a gigante passou a ser parte do conglomerado Alphabet. A mudança do mote pode ser analisada inclusive pelo prisma da filosofia, a Ética. No caso mencionado, há uma mudança importante da dicotomia “bem-mal” para “certo-errado”.

Essa mudança de abordagem da Google, ao substituir a dicotomia “bem-mal” pelo conceito de “certo-errado”, reflete uma transição dos valores éticos e morais para uma perspectiva mais situacional e contextualizada. Enquanto a noção de “bem-mal” é amplamente debatida e discutida na filosofia, envolvendo questões eticamente universais, a ideia de “certo-errado” é mais subjetiva e moldada por circunstâncias específicas. Ao se afastar da dicotomia universal de “bem-mal”, a empresa pode abrir espaço para interpretações subjetivas e relativistas, o que pode levantar preocupações sobre a falta de uma base moral sólida e coerente em suas decisões e ações. Além disso, a adoção do conceito de “certo-errado” pode permitir que a Google justifique suas ações com base em critérios discutíveis ou influenciados por interesses comerciais. Principalmente se essa empresa é de capital aberto e ações são negociadas em uma das principais bolsas estadunidenses, a Nasdaq[79]. Certo e errado para quem? Para os usuários? Para os acionistas? Para o capital financeiro?

Seguido esse raciocínio, portanto, uma vez que a Google se coloca enquanto

---

[76] Como visto no site da empresa: https://about.google/ . Acessado em 12 de maio de 2023.
[77] A mudança entre os slogans pode ser percebida na comparação na página do Código de Conduta do Google em fevereiro de 2017 (https://web.archive.org/web/20170215041510/https://abc.xyz/investor/other/google-code-of-conduct.html) e do atual Código de Conduta da Alphabet (https://abc.xyz/investor/other/code-of-conduct/)
[78] Como se pode notar nos sites:
- The Enemy: https://www.theenemy.com.br/tech/google-remove-referencias-a-dont-be-evil-de-seu-codigo-de-conduta. Acessado em 10 de maio de 2023
- The Independent: https://www.independent.co.uk/tech/google-dont-be-evil-code-conduct-removed-alphabet-a8361276.html. Acessado em 10 de maio de 2023.
[79] Como é possível observar no site: https://br.investing.com/equities/google-inc. Acesso em 18 de maio de 2023.

"organizadora de todas as informações do mundo" e seu lema varia de "não seja mal" para "faça a coisa certa", algumas questões podem ser levantadas: Quais critérios a Google utiliza para determinar o que é "certo" e "errado" na organização das informações? Como a empresa lida com os dilemas éticos relacionados à privacidade, censura e manipulação de dados? Até que ponto a subjetividade desses conceitos influencia a forma como a empresa prioriza certos conteúdos em seus algoritmos de busca? Existe uma linha tênue entre o que é considerado "certo" e "errado" no contexto das informações disponibilizadas pela Google? Como essas decisões afetam a acessibilidade e a utilidade das informações para diferentes grupos de usuários em todo o mundo? Neste quesito, Zuboff ressalta o caráter da vigilância intrínseca às atividades da empresa Alphabet/Google:

> A missão do Google era "organizar e tornar acessível a informação mundial", e no fim de 2001 a comunidade de inteligência estabeleceu o "domínio da informação" no ambiente público, logo institucionalizando-o em infraestrutura, funcionários e práticas de tecnologia global patrocinada pelo Estado representando centenas de bilhões de dólares. Os contornos de uma nova interdependência entre agentes públicos e privados de domínio da informação começaram a surgir, algo que é mais bem entendido se o olharmos através daquilo que o sociólogo Max Weber certa vez chamou de "afinidade eletiva" nascida de um magnetismo mútuo que se origina em intenções, interesses e reciprocidades compartilhadas. A afinidade eletiva entre agências públicas de inteligência e o incipiente capitalista de vigilância, o Google, floresceu no calor da emergência para produzir uma deformidade histórica única: o excepcionalismo de vigilância. Os ataques de 11 de setembro transformaram o interesse do governo no Google, quando práticas que apenas horas antes estavam prestes a ser submetidas a uma ação legislativa foram rapidamente reformuladas como necessidades críticas para a missão do governo. Ambas as instituições ansiavam por certeza e estavam determinadas a satisfazer esse anseio nos respectivos domínios a qualquer preço. As afinidades eletivas sustentaram o excepcionalismo de vigilância e contribuíram para um hábitat fértil no qual a mutação do capitalismo de vigilância seria fomentada rumo à prosperidade. (Zuboff, 2020, p. 138)

A filósofa Bárbara Cassin se debruçou especialmente sobre o assunto em seu livro *Google-Moi: La Deuxième Mission de L'Amérique*, publicado em 2008. Ela questiona o verdadeiro motivo dos posicionamentos morais dos motes do Google como, por exemplo, o "Don't be evil" ou "Não seja mal":

> Essa mudança do bem com "b" minúsculo para o Bem com "B" maiúsculo, dos *valores de um mundo* para as *normas do mundo*, é chamada de ideologia. Mesmo que não haja algo mais onipresente, uma das coisas que um filósofo pode fazer é chamar atenção para isso. Hoje em dia, de fato, não se pode ficar sem o Google, assim como não se pode ficar sem os Estados Unidos, mesmo que ambos possam e devam evoluir (ou, no caso do Google, até mesmo desaparecer, considerando como a tecnologia e os mercados evoluem - isso marca um limite para a comparação entre um estado e uma empresa). No entanto, em ambos os casos, há uma obscenidade análoga em apresentar como moral (relacionado ao ser humano como ser humano, universalmente) o que é, na verdade, político (relacionado a uma comunidade

> humana, definida a cada vez por sua diferença). É obsceno utilizar interesses econômicos e comerciais disfarçados de missão civilizadora. É claro que não é impossível que o financeiro e o moral coincidam, mas é obsceno afirmar que sua conjunção vai além de uma coincidência (Cassin, 2018, p. 42).

Em entrevista ao projeto da Videoteca de Ética, Política e Epistemologia da Informação VEPE-Info[80], realizada pelo grupo de pesquisa Perfil-i[81], Cassin reafirma:

> Eu trabalhei sobre o Google e seus dois lemas: o primeiro é "*Our mission is to organize all the information of the world*" e o segundo é "*Don't be evil*". Então, a partir do Google, entendo por que desconfio tanto da informação. Informação para mim é sempre mais informação e isso nunca resulta em saber, que não tem absolutamente nada a ver com o saber, com a cultura, com o gosto. É um acúmulo. Vivemos em um mundo do Google que faz com que todas as informações sejam colocadas no mesmo pote, ou seja, um Google *wonky*, e pretendemos que com isso estamos em uma democracia cultural. Esta é a pretensão do Google. Então, para mim, que sou uma pesquisadora, é assustador! É assustador por muitas razões, mas uma delas é que, de repente, vivemos em um mundo de ranqueamento, de avaliação, e isto é também um mundo *globish* – do inglês global – ou seja, também um não-mundo e, portanto, eu sou extremamente refratária a todas essas questões que são conduzidas pela noção de informação.

Portanto, voltando à comparação com o *Mundaneum* de Otlet, a crença, talvez utópica, em uma sociedade unificada e pacificada por meio da universalização do acesso ao conhecimento, porém, não é nova e dista muito dos motores de busca do Google. Pelo contrário, a proposta otletiana se distancia da lógica perversa desses ambientes digitais que utilizam informação como modelos de negócios ideológico e político. Portanto, é imperativo refletir criticamente sobre o deslumbramento em relação às novas TICs, uma vez que a sedimentação teórica para a concretização de fenômenos recentes como utilização de algoritmos em redes sociais, big data, inteligência artificial, além da pretensão de organizar todo o conhecimento do mundo já estava presente há décadas e já eram objeto de estudo da Ciência da Informação antes mesmo da criação da rede mundial de computadores.

Se a Ciência da Informação, na figura de Paul Otlet e tantos outros nomes da área, foi *avant-garde* em sonhar cientificamente com um acesso à informação universal e democrática, também é dela a capacidade de enfrentamento e de pavimentação de caminhos que indiquem

---

[80] O projeto Videoteca de Ética, Política e Epistemologia da Informação (VEPEInfo) tem como objetivo disponibilizar e catalogar uma série de entrevistas de filósofos e pesquisadores de renome realizadas entre 2016 até 2019 pelo grupo de pesquisa Perfil-I. A videoteca gerou um documentário chamado In(com)formação, que pode ser acessado por meio do link https://www.youtube.com/watch?v=WDYX-glM2mE&t=1s, um tesauro, a partir desse link: http://vepeinfo.ibict.br/ e um livro com a transcrição das entrevistas, no link: https://labcotec.ibict.br/omp/index.php/edibict/catalog/book/302 Acessos: 15 fev 2024.

[81] O Grupo de pesquisa Perspectivas Filosóficas em Informação (Perfil-i) é coordenado pelo Prof. Dr. Marco Schneider e estuda clássicos da filosofia e das ciências humanas e sociais, junto a autores da Ciência da Informação, explorando sua contribuição para o debate atual sobre questões relacionadas à informação, com ênfase nos seus fundamentos, imbricações e implicações de natureza ética, política e epistemológica. Disponível em: https://perfil-i.ibict.br/. Acesso: 15 fev. 2024.

a correção dos rumos neste sentido. Deseja-se que os ambientes digitais sejam amigáveis e fonte de conhecimento e não de exploração e manipulação de comportamento humano. Como disse Mattelart, se nunca se esteve tão perto da concretização do sonho de Otlet, por outro lado, a rota para alcançar esse objetivo nunca foi de tão difícil correção. Para que esse objetivo se concretize e que não caiamos em um paradoxo, tal qual o de Zenão[82], é necessário cada vez mais reflexão sobre a importância epistêmica e social da CI.

Portanto, se cabe à CI investigar o fenômeno da informação em toda sua polissemia, é também dela a responsabilidade de entender as corrupções de seus meandros: a desinformação. Essa missão se fundamenta na compreensão de que a desinformação representa uma distorção da informação, prejudicando a qualidade, a veracidade e a confiabilidade das mensagens transmitidas. A desinformação pode ser disseminada de forma deliberada, com o intuito de manipular opiniões e influenciar comportamentos, ou pode surgir como resultado de processos complexos, como a disseminação em massa de informações incorretas em ambientes digitais. Além disso, a CI também tem o papel de promover a conscientização e a Competência Crítica em Informação (CCI), capacitando os indivíduos a reconhecer, questionar e verificar a veracidade das informações que recebem. No entendimento de Alencar *et al.* (2022), CCI e educomunicação se aproximam enquanto ferramentas que proporcionam que fomentam um melhor entendimento dos aparatos informativos:

> A Competência Crítica em Informação (CCI) é apontada como uma alternativa para o desenvolvimento da análise crítica e uso ético da informação – em termos efetivos, para além de guias não reflexivos de boa conduta – com base numa compreensão geral das relações assimétricas de poder que estruturam cada contexto sócio-histórico no qual os sujeitos estão inseridos. Já o campo da educomunicação, [...] também é entendido como um caminho de combate às *fake news*, dentre outros mecanismos de desinformação. Ambas as áreas possuem perspectivas aproximadas da realidade da desinformação, que podem ser o reflexo das bases epistemológicas desses dois campos teóricos, fortemente influenciados pelo pensamento marxiano, particularmente em seus desdobramentos na Teoria Crítica, preconizada por autores ligados à chamada Escola de Frankfurt, e na Pedagogia Crítica de Paulo Freire. (Alencar *et al.,* p. 3, 2022)

Para enfrentar esse desafio, a CI deve abordar a desinformação sob diferentes perspectivas, incluindo a compreensão de suas raízes sociais, políticas e tecnológicas. Isso envolve o estudo das estratégias de disseminação, da avaliação de seu impacto nas esferas

[82] O Paradoxo de Zenão se refere a uma série de paradoxos propostos pelo filósofo grego Zenão de Eleia, que desafiavam a noção de movimento e mudança. Um dos mais famosos é o "Paradoxo de Aquiles e a Tartaruga", onde Zenão argumenta que um corredor mais rápido, como Aquiles, nunca poderá ultrapassar a tartaruga se esta tiver uma pequena vantagem, pois sempre que Aquiles alcançar o ponto onde a tartaruga estava, ela já terá se movido um pouco mais adiante. Ou seja, por mais perto que se chegue, seu objetivo jamais será alcançado.

individual e coletiva, além do desenvolvimento de estratégias e ferramentas para combater e mitigar seus efeitos negativos. Ao abraçar essa empreitada, a CI se posiciona como uma aliada na luta contra a desinformação, contribuindo para a construção de uma sociedade informada, crítica e resiliente diante dos desafios da era da desinformação.

Retomando, portanto, o lema da Google, podemos fazer uma reflexão. A mudança do "Don't be evil" para "Do the right Thing" reflete mais do que uma simples alteração retórica. Ela simboliza um deslocamento estratégico no discurso corporativo das Big Techs, em que o apelo moral é substituído por uma lógica interna de conveniência e pragmatismo. Afinal, o "certo" para essas empresas não é determinado por princípios universais de ética da informação, mas sim pelo que maximiza seus lucros e preserva seu domínio sobre o ecossistema digital. A partir do momento em que o "right thing" é definido pelas próprias empresas, qualquer prática pode ser justificada sob esse pretexto, incluindo a monetização da desinformação e do discurso de ódio. Ou seja, o regime de desinformação que caracteriza o cenário atual não é um acidente de percurso, mas sim um subproduto lucrativo da arquitetura algorítmica dessas plataformas. A viralização de conteúdos polarizadores, a segmentação extrema de audiências e a priorização de interações emocionais intensas fazem parte de um modelo de negócios que transforma a indignação e o ódio em capital. Quanto mais inflamado o debate, mais cliques, compartilhamentos e tempo de tela são gerados, ampliando o volume de dados disponíveis para monetização e reforçando a lógica extrativista do capitalismo de vigilância descrito por Zuboff.

Nesse sentido, o "*evil*" que a Google supostamente rejeitava está, na verdade, entranhado no próprio funcionamento das Big Techs. O ódio não é um efeito colateral indesejado, mas um ativo valioso dentro desse ecossistema, pois gera engajamento e fideliza usuários. Como destaca Arthur Bezerra:

> O ódio é um afeto poderoso, que gera identificação com quem o compartilha e indignação de quem não o compartilha (ou, pior, é dele alvo). Por isso, tanto nas redes sociais quando em sites de notícias (sejam estes empresas jornalísticas ou não), o discurso de ódio, comumente voltado contra grupos menorizados e vulneráveis (negros, indígenas, homossexuais, mulheres e minorias religiosas) e com viés político (no sentido de deslegitimar direitos) gera engajamento – mas não aquele antigo significado de engajamento como comprometimento político de sujeitos e práticas que visam à transformação social. Na internet, o engajamento é sobretudo quantitativo, um fenômeno mensurável pela interação dos usuários da rede com determinado conteúdo. Essa interação gera a produção de dados por meio de cliques, comentários, compartilhamentos e visualizações, engrossando o caldo de big data das corporações da internet (Bezerra, 2024, p. 74)

O discurso de ódio, ao atacar grupos vulneráveis e alimentar conflitos políticos, não apenas reforça dinâmicas de opressão, mas também impulsiona métricas de engajamento, convertendo-se em dados que alimentam o big data das corporações da internet. O que para a sociedade representa uma degradação do espaço público digital, para as Big Techs se traduz em mais oportunidades de monetização.

Quando o eixo moral deixa de ser um embate entre o bem e o mal e se dissolve na plasticidade do "certo" e do "errado", o jogo já está vencido antes mesmo de começar. Pois quem detém o tabuleiro não apenas joga as peças, mas redesenha as regras, define os limites do que pode ou não ser nomeado, do que pode ou não ser condenado. Não há mais mal a ser evitado quando o próprio conceito de mal se desfaz na conveniência do lucro. O que antes era condenável, agora se dissolve na lógica do mercado, onde o "certo" não é um valor, mas um ajuste fino, uma métrica, uma variável que sempre pode ser recalibrada. E assim, o mal não é erradicado, apenas renomeado, permitido, assimilado.

4

IDEOLOGIA E EXTREMA-DIREITA

Thomas Morus forja no século XVI o termo *utopia* (não lugar), título que dá ao livro sobre uma ilha de organização social exemplar. A descrição dos costumes e leis da ilha fictícia tece por contraste a crítica à Inglaterra histórica do seu tempo. No século XIX, Stuart Mill cunha o termo distopia, significando o oposto de utopia. Entre Morus e Mill, no século XVII, Thomas Hobbes fez alusão ao monstro bíblico *Leviatã* para demonstrar a necessidade da figura soberana do Estado para coibir a natureza humana que, na visão dele, conduziria a uma guerra de todos contra todos. Em outro livro de sua autoria cujo título também referência uma criatura bíblica, Behemoth narra o descontentamento com os eventos revolucionários da guerra civil britânica entre 1640 e 1660. Se Utopia e Leviatã narram uma representação de um sistema político ideal, Behemoth trata do autoritarismo por parte de um governo abusivo. Uma distopia. Não por acaso, o cientista político alemão Franz Neumann também usou a figura de Behemoth para desvelar a estrutura do partido nazista na Alemanha entre Guerras.

Se a Inglaterra esteve na vanguarda do crescimento capitalista, com todas as suas contradições emergentes, o nazismo representa o paroxismo dessas mesmas contradições. Da utopia liberal à distopia nazi, resultado de guerras interimperialistas, derivadas de disputas coloniais, grandes pensadores ingleses e alemães, dentre outros, dedicaram-se a diagnosticar essas contradições e a sugerir caminhos para superá-las. O Brasil, graças à sua história de colonização e exploração, nunca foi agraciado por um governo próximo à Utopia, porém a sombra distópica de Behemoth, que sempre pairou sobre os mais vulneráveis, volta e meia ameaça cobrir a todos: tanto nos anos de chumbo, quanto nos últimos anos. O país assiste o crescimento da extrema-direita e de uma realidade alternativa composta por teorias da conspiração. Estas, recorrem a alegorias e à ficção para distorcer a realidade, a serviço das forças políticas mais reacionárias, como bem descrevem as formulações de Neumann.

4.1 IDEOLOGIA

O conceito de ideologia, central para a compreensão da extrema-direita e suas formas de manipulação discursiva, tem uma longa trajetória filosófica e política. Para compreendê-lo em sua complexidade, é necessário considerar suas diferentes formulações ao longo da história, desde seu surgimento como um campo de estudo da gênese das ideias até sua assimilação pelo pensamento marxista, com destaque para a formulação original de Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*, conforme a qual a ideologia é como um instrumento

fundamental na legitimação de relações de dominação.

O termo foi inicialmente cunhado por Destutt de Tracy no início do século XIX, referindo-se a um campo de estudos voltado para a investigação da formação das ideias humanas a partir da experiência sensorial. No entanto, a noção assumiu um caráter pejorativo quando Napoleão Bonaparte passou a utilizá-la para desqualificar seus opositores, acusando-os de se perderem em abstrações metafísicas que ignoravam o pragmatismo político. Essa inversão semântica já apontava para um dos elementos centrais da ideologia em sua acepção crítica: a produção de um sistema de ideias que se apresenta como neutro ou objetivo, mas que, na verdade, está vinculado a interesses específicos de dominação (Chauí, 2004).

É na tradição marxista que a ideologia adquire seu sentido mais consolidado. Karl Marx e Friedrich Engels, em *A Ideologia Alemã*, argumentam que a ideologia é o conjunto de representações que obscurecem a realidade das relações sociais e naturalizam a exploração econômica e a dominação política. Em outras palavras, a ideologia não é apenas um sistema de ideias falsas, mas um mecanismo estrutural que impede os indivíduos de perceberem a verdadeira origem das desigualdades e das relações de poder. Esse processo de ocultamento está intrinsecamente ligado à divisão social do trabalho, especialmente à separação entre o trabalho manual e o intelectual.

> As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as ideias de sua dominação. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda sua extensão e, consequentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias; que regulem a produção e a distribuição das ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época. Por exemplo, numa época e num país em que a aristocracia e a burguesia disputam a dominação e em que, portanto, a dominação está dividida, mostra-se como ideia dominante a doutrina da divisão dos poderes, enunciada então como "lei eterna" (Marx; Engels, 2007, p. 45).

A filósofa brasileira Marilena Chauí retoma essa perspectiva ao enfatizar o caráter histórico e social da ideologia. Para Chauí, a ideologia não deve ser compreendida apenas como um conjunto de conceitos abstratos, mas como uma forma concreta de organizar a experiência social. Seu principal efeito é a inversão da relação entre pensamento e realidade:

ao invés de reconhecer que as ideias são produzidas a partir das condições sociais e históricas, a ideologia faz parecer que a realidade é determinada pelas ideias. Essa inversão permite que determinadas formas de dominação se perpetuem sem serem questionadas, pois a ideologia se apresenta como um conhecimento neutro e universal, ocultando seus vínculos com a estrutura de poder.

Chauí exemplifica esse fenômeno ao analisar a hierarquia das causas na filosofia aristotélica. No pensamento grego e medieval, a causa final. Ou seja, a finalidade da existência de algo era considerada superior à causa eficiente, o trabalho que produzia esse algo. Essa concepção não era apenas uma abstração filosófica, mas uma transposição das relações sociais escravistas e feudais, nas quais o trabalho era visto como inferior e os senhores como aqueles que detinham o verdadeiro sentido da existência. Com o advento do capitalismo, essa hierarquia é ressignificada: o trabalho passa a ser valorizado, mas de maneira ambígua, pois enquanto o burguês se apresenta como o sujeito do trabalho criador, o trabalhador é reduzido a mero meio de produção. Assim, a ideologia capitalista opera não apenas pela negação da exploração, mas também pela sua reformulação em termos que a tornam aceitável e até desejável.

> Se tomarmos o cidadão ou o senhor e indagarmos a qual das causas ele corresponde, veremos que corresponde à causa final, isto é, o fim ou motivo pelo qual alguma coisa existe é o usuário dessa coisa, aquele que ordenou sua fabricação (por isso, na teologia cristã, Deus é considerado a causa final do universo, que existe "para Sua maior glória e honra"). Em outras palavras, a causa final está vinculada à ideia de uso e este depende da vontade de quem ordena a produção de alguma coisa. Se, por outro lado, indagarmos a que causa corresponde o escravo ou o servo, veremos que corresponde à causa motriz ou eficiente, isto é, ao trabalho graças ao qual uma certa matéria receberá uma certa forma para servir ao uso ou ao desejo do senhor. Compreende-se, então, por que a metafísica das quatro causas considera a causa final superior à eficiente, que se encontra inteiramente subordinada à primeira. Não só no plano da Natureza e do sobrenatural, mas também no plano humano ou social o trabalho aparece como elemento secundário ou inferior, a fabricação sendo menos importante do que seu fim. A causa eficiente é um simples meio ou instrumento. (Chauí, 2004, p. 5).

A partir desse entendimento, a ideologia não se manifesta apenas como um conjunto de crenças enganosas ou distorções cognitivas, mas como um dispositivo estruturante da própria formação social. O Estado, por exemplo, não é um poder separado da sociedade que arbitra entre interesses conflitantes de maneira neutra, mas sim a expressão política das relações econômicas, operando para a manutenção da ordem vigente. A ideologia estatal projeta uma imagem de universalidade e imparcialidade, quando, na realidade, serve aos interesses da classe dominante. (Chauí, 2004, p. 29).

Ao longo do desenvolvimento histórico, diferentes formas de ideologia emergem e se

consolidam, ajustando-se às transformações nas estruturas de produção e controle social. A ideologia neoliberal, por exemplo, reforça a ideia de liberdade individual, ao mesmo tempo em que enfraquece os mecanismos de solidariedade coletiva e deslegitima qualquer intervenção estatal na regulação do mercado. O discurso da meritocracia é um dos principais exemplos dessa ideologia, pois faz crer que a desigualdade social é resultado das diferenças de esforço e competência individual, ignorando a influência de condições estruturais e históricas na distribuição de oportunidades e recursos.

Esse mecanismo ideológico está presente não apenas nas instituições políticas e econômicas, mas também nos sistemas educativos, nos meios de comunicação e nas redes sociais. O monopólio da informação por grandes conglomerados midiáticos permite que a ideologia dominante seja constantemente reproduzida e reforçada. Althusser (1970) chama a atenção para os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIEs), como a família, a escola e a imprensa, que desempenham papel fundamental na disseminação e naturalização das relações de poder. Esses aparelhos não impõem a ideologia de forma coercitiva, mas sim por meio da reprodução cotidiana de normas, valores e discursos que parecem espontâneos e naturais, mas que servem, em última instância, à reprodução da ordem social.

> De fato, o Estado e os seus aparelhos só têm sentido do ponto de vista da luta de classes, como aparelhos da luta de classes, assegurando a opressão de classe e garantindo as condições da exploração e da reprodução desta. Mas não há luta de classes sem classes antagônicas. Quem diz luta de classe da classe dominante diz resistência, revolta e luta de classe da classe dominada. É por isso que os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) não são a realização da *ideologia em geral*, nem sequer a realização sem conflitos da ideologia da classe dominante. A ideologia da classe dominante não se torna dominante por obra e graça divina, nem mesmo pela virtude da simples tomada do poder de Estado. É pela instauração (*mise en place*) dos AIE, em que esta ideologia é realizada e se realiza, que ela se torna dominante. Ora, essa instauração não se faz por si só; pelo contrário, é o centro, o alvo de uma duríssima e ininterrupta luta de classes: primeiro, contra as antigas classes dominantes e contra suas posições nos antigos e novos AIE; em seguida, contra a classe explorada. (Althusser, 1970, p. 118-119).

Essa visão da ideologia como um campo de luta, mais do que um simples sistema de crenças falsas, é fundamental para compreender as dinâmicas da extrema-direita contemporânea. Para Eagleton (1997), a ideologia não deve ser entendida como um véu de ilusões que encobre a realidade social, mas como um conjunto de práticas discursivas que moldam nossa experiência e percepção do mundo. Dessa maneira, a ideologia opera não apenas no nível da distorção cognitiva, mas na estruturação da subjetividade. A extrema-direita, por exemplo, não se limita a produzir discursos que justifiquem desigualdades ou naturalizem relações de poder: ela molda afetos, cria narrativas emocionais e estrutura

identidades coletivas que tornam suas crenças não apenas plausíveis, mas visceralmente sentidas como verdadeiras. O apelo ao ressentimento, a valorização de uma identidade nacional ameaçada e a construção de inimigos internos são algumas das estratégias ideológicas que se manifestam não apenas como discursos, mas como formas de experiência.

> A ideologia tem mais a ver com a questão de quem está falando o que, com quem e com que finalidade do que com as propriedades linguísticas inerentes de um pronunciamento. Não se trata de negar a existência de "idiomas" ideológicos específicos: a linguagem do fascismo, por exemplo. O fascismo tende a ter seu próprio léxico característico (*Lebensraum*, sacrifício, sangue e pátria), mas o que há de mais ideológico quanto a esses termos são os interesses de poder a que eles servem e os efeitos políticos que geram. O fato então é que o mesmo fragmento de linguagem pode ser ideológico em um contexto e não em outro; a ideologia é uma função da relação de uma elocução com seu contexto social (Eagleton, 1997, p. 22).

Eagleton lembra que a ideologia não é homogênea nem absolutamente coesa. Há contradições dentro dos próprios discursos dominantes, pois nenhuma ideologia consegue eliminar completamente os conflitos sociais que a geram. Isso significa que mesmo no interior dos discursos da extrema-direita, há tensões e disputas que podem ser exploradas criticamente. A contradição entre o apelo ao nacionalismo protecionista e a defesa incondicional do livre mercado, por exemplo, revela as fissuras internas que tornam esses discursos menos estáveis do que aparentam.

> A ideologia dominante nas sociedades capitalistas avançadas apresenta fissuras e contradições internas e não oferece nenhum tipo de unidade inconsútil que as massas possam internalizar; por outro, a cultura dos grupos e classes dominados preserva uma boa margem de autonomia. O discurso cotidiano dessas classes, segundo afirmam os autores, forma-se em grande parte fora do controle da classe dominante, reunindo crenças e valores que estão em desacordo com ela (Eagleton, 1997, p. 47).

Outro ponto essencial em Eagleton é a relação entre ideologia e poder. Ele argumenta que a ideologia não é apenas um reflexo da dominação econômica, mas também um meio pelo qual essa dominação é reproduzida e contestada. Ou seja, a ideologia não se limita a legitimar um poder já existente, mas participa ativamente na produção e transformação das relações de poder. A extrema-direita compreende isso de maneira eficaz ao investir na guerra cultural e na produção de novos discursos que desafiem a hegemonia progressista em certos setores da sociedade. O revisionismo histórico, o ataque à ciência e a deslegitimação do jornalismo profissional são formas de ação ideológica que buscam redefinir as regras do jogo discursivo e político. No entanto, se a ideologia é um campo de disputas, isso significa que não se trata de um território impenetrável. Eagleton destaca que as ideologias não são sistemas fechados e imutáveis; elas são processos em constante movimento, sempre

vulneráveis a desafios e reconfigurações.

> Nas sociedades capitalistas avançadas, os meios de comunicação frequentemente são considerados um possante veículo através do qual a ideologia dominante é disseminada; mas essa suposição não deve permanecer irrefutada. É verdade que boa parte da classe trabalhadora britânica lê os jornais do partido conservador, da ala direita; mas pesquisas indicam que um grande número desses leitores é indiferente ou ativamente hostil à política desses periódicos. Muitas pessoas passam a maior parte de suas horas de lazer vendo televisão; mas se ver televisão de fato beneficia a classe governante, não é porque ela contribui para transmitir a ideologia dessa classe a um bando de gente dócil. O fato politicamente importante acerca da televisão é, provavelmente, o ato de assistir a ela, mais do que o seu conteúdo ideológico. Passar longos períodos na frente da televisão firma os indivíduos em papéis passivos, isolados, privatizados, além de consumir uma boa quantidade de tempo que poderia ser dedicada a propósitos políticos produtivos. E mais uma forma de controle social que um aparato ideológico (Eagleton, 1997, p. 42).

No contexto da análise da mídia e da cultura popular, partir da perspectiva de Slavoj Zizek em *O Mapa da Ideologia*, o verdadeiro poder da ideologia reside menos na imposição direta de um conteúdo do que na maneira como ela organiza os próprios espaços de enunciação e percepção. Assim, se a televisão serve como um veículo de transmissão ideológica, seu impacto não está necessariamente na mensagem explícita que veicula, mas no próprio ato de assistir à televisão como forma de subjetivação passiva. Esse processo lembra a ideia althusseriana dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), que moldam os indivíduos como sujeitos dentro da estrutura ideológica. Entretanto, Zizek vai além de Althusser ao argumentar que a ideologia também opera naquilo que parece estar fora da ideologia. Quando pensamos na ideologia do sistema capitalista:

> Parece mais fácil imaginar o “fim do mundo” do que uma mudança muito mais modesta no modo de produção, como se o capitalismo liberal fosse o "real" que, de algum modo, sobreviveria mesmo na eventualidade de uma catástrofe ecológica global. Assim, pode-se afirmar categoricamente a existência da ideologia como uma matriz geradora que regula a relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável, bem como as mudanças nessa relação (Zizek, 1996, p. 7).

A percepção de que a ideologia dominante apresenta fissuras e contradições internas não é suficiente para superá-la. Pelo contrário, a própria revelação dessas fissuras pode ser cooptada pela ideologia para reafirmar sua posição. Como Zizek observa, o cinismo contemporâneo – algo como a atitude “sabemos que as estruturas de poder são manipuladoras, mas seguimos suas regras mesmo assim” – é a forma mais perversa da ideologia moderna.

> Essa oposição, cuja primeira manifestação filosófica foi dada pelo par Platão-Aristóteles, encontra sua expressão mais recente sob a forma das duas modalidades da ideologia única: o cinismo "consumista" pós-protestante do capitalismo tardio e o cinismo presente no extinto "socialismo real". Embora, em ambos os casos, o sistema só funcione sob a condição de que os sujeitos mantenham um

> distanciamento cínico e não "levem a sério" os valores "oficiais", a diferença é notável. Ela derruba a opinião de que o capitalismo tardio, como sociedade (formalmente) "livre", baseia-se na argumentação persuasiva e no livre consentimento, por mais "manipulado" e fabricado que seja, ao passo que o socialismo teria recorrido à força bruta da coerção "totalitária". É como se, no capitalismo tardio, "as palavras não importassem", já que não geram um compromisso: cada vez mais, elas parecem perder seu poder de execução. O que quer que se diga fica imerso na indiferença geral; o rei está nu e a mídia alerta para esse fato, mas ninguém parece realmente se importar – isto é, as pessoas continuam a agir como se o rei não estivesse nu... (Zizek, 1996, p. 23-24).

Karl Mannheim (1986), ao tratar da ideologia, enfatiza essa dimensão inconsciente do pensamento social, mostrando como os grupos dominantes tornam-se tão enredados em seus próprios interesses que genuinamente deixam de perceber elementos que poderiam ameaçar sua hegemonia. A ideologia, nesse sentido, não é apenas um instrumento consciente de dominação, mas um dispositivo que estabiliza a ordem social ao tornar certas desigualdades e contradições invisíveis ou irrelevantes. Como ele afirma:

> O conceito de “ideologia” reflete uma das descobertas emergentes do conflito político, que é a de que os grupos dominantes podem, em seu pensar, tornar-se tão intensamente ligados por interesse a uma situação que simplesmente não são mais capazes de ver certos fatos que iriam solapar seu senso de dominação. Está implícita na palavra “ideologia” a noção de que, em certas situações, o inconsciente coletivo de determinados grupos obscurece a condição real da sociedade, tanto para si como para os demais, estabilizando-a, portanto (Mannheim, 1986, p. 66).

A análise de Karl Mannheim sobre o inconsciente coletivo dos grupos dominantes revela a profundidade estrutural da ideologia, funcionando como um filtro que impede que certas verdades ameacem a hegemonia estabelecida. No entanto, essa concepção se torna ainda mais complexa quando analisamos o papel da ideologia nos regimes totalitários. Em *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt amplia a discussão ao demonstrar como a ideologia pode ser mobilizada não apenas para naturalizar estruturas de dominação preexistentes, mas para criar realidades inteiramente novas e construir sistemas políticos baseados na negação da pluralidade e da própria realidade empírica.

Para Arendt, a ideologia no totalitarismo funciona como um mecanismo que subverte a própria relação entre verdade e mentira. A ideologia totalitária busca convencer e transformar a própria lógica da realidade, criando um universo paralelo no qual os fatos não importam, desde que o discurso seja coerente dentro da narrativa ideológica. Assim, diferentemente das ideologias tradicionais, que procuram justificar ou ocultar relações de poder, a ideologia totalitária busca reconfigurar o mundo para se adequar à sua própria lógica interna. Ela explica que, nos regimes totalitários, o terror e a ideologia caminham juntos: o terror não é apenas uma ferramenta repressiva, mas a própria realização da ideologia. O

regime totalitário não pode se sustentar apenas pelo medo, mas precisa que muitos indivíduos acreditem genuinamente nos princípios da ideologia dominante. Isso significa que o terror não surge de forma arbitrária, mas está enraizado em um projeto político que exige uma adesão ideológica prévia para ser implementado.

> O estabelecimento de um regime totalitário requer a apresentação do terror como instrumento necessário para a realização de uma ideologia específica, e essa ideologia deve obter a adesão de muitos, até mesmo da maioria, antes que o terror possa ser estabelecido. O que interessa ao historiador é que os judeus, antes de se tomarem as principais vítimas do terror moderno, constituíam o centro de interesse da ideologia nazista. Ora, uma ideologia que tem de persuadir e mobilizar as massas não pode escolher sua vítima arbitrariamente. Em outras palavras, se o número de pessoas que acreditam na veracidade de uma fraude tão evidente como os "Protocolos dos sábios do Sião" é bastante elevado para dar a essa fraude o foro do dogma de todo um movi mento político, a tarefa do historiador já não consiste em descobrir a fraude, pois o fato de tantos acreditarem nela é mais importante do que a circunstância (historicamente secundária) de se tratar de uma fraude (Arendt, 2016, p. 26-27).

Portanto, seja na reprodução das desigualdades no capitalismo, na naturalização da dominação por meio dos aparelhos ideológicos do Estado ou na construção de realidades paralelas nos regimes totalitários, a ideologia molda a percepção do real e orienta as ações coletivas. No contexto contemporâneo, a ideologia segue operando como um campo de disputa, sendo instrumentalizada por diferentes atores políticos para consolidar ou contestar determinadas hegemonias. A extrema-direita, em particular, tem demonstrado um domínio sofisticado da lógica ideológica, combinando discursos ressentidos, narrativas revisionistas e o uso estratégico das novas tecnologias de comunicação para mobilizar massas e enfraquecer instituições democráticas.

Ao longo do século XX, o pensamento totalitário demonstrou como a ideologia pode ser um instrumento de dominação absoluto, capaz de redefinir a relação entre verdade e mentira, realidade e ficção. No entanto, as estratégias ideológicas da extrema-direita atual não operam apenas por meio da repressão direta, mas também pela corrosão dos fundamentos do debate público e pela normalização de discursos extremistas. O desafio, portanto, não é apenas desmascarar as distorções da ideologia dominante, mas compreender como esses discursos se enraízam na cultura e afetam o imaginário coletivo.

Para o estudioso da extrema-direita Cas Mudde (2019), a ideologia desempenha um papel central na definição e comparação dos partidos políticos, sendo essencial para compreender suas crenças e propostas. Ele adota uma abordagem inclusiva do conceito, considerando a ideologia como um conjunto de ideias normativas que estruturam a visão de

mundo de um partido, abrangendo tanto concepções sobre como a sociedade deveria ser quanto sobre como ela é. Nesse sentido, Mudde afirma:

> As ideologias de extrema-direita sustentam que as desigualdades são naturais e não devem ser reguladas pelo Estado. Elas valorizam a diferença e a hierarquia, tendo o elitismo como característica central – isto é, a crença de que alguns grupos e indivíduos são superiores a outros e, portanto, devem deter mais poder. Há uma ampla diversidade de grupos e ideias dentro da extrema-direita, muitas vezes com mais discordâncias do que convergências. Por exemplo, monarquistas absolutistas e racistas compartilham a noção de que o poder se baseia no sangue, mas enquanto os primeiros se referem exclusivamente à linhagem real, os últimos fundamentam sua visão em supostas diferenças raciais. Da mesma forma, alguns teocratas acreditam que a autoridade suprema emana de um "Livro Sagrado", como a Bíblia ou o Talmude, enquanto fascistas a centralizam na figura do líder (Mudde, 2019, p. 37-38, tradução nossa).

A próxima seção examinará a ascensão da extrema-direita contemporânea, analisando suas estratégias discursivas, seus mecanismos de mobilização e sua relação com os processos históricos de construção ideológica. Se a ideologia estrutura a percepção da realidade, entender como a extrema-direita a instrumentaliza é essencial para desvendar os desafios políticos atuais e as ameaças à democracia.

1.4 EXTREMA-DIREITA E BOLSONARISMO

A ascensão da extrema-direita no cenário político contemporâneo tem sido objeto de intenso debate acadêmico, sobretudo em razão de sua capacidade de mobilização social e de sua influência sobre o discurso público. Mais do que um conjunto homogêneo de ideias, a extrema-direita representa um espectro de movimentos e ideologias que compartilham determinados princípios fundamentais, como o nacionalismo exacerbado, o autoritarismo, a rejeição a valores igualitários e democráticos e a constante busca por inimigos internos e externos. Sua ascensão não pode ser compreendida isoladamente, mas sim como um fenômeno historicamente situado, que se aproveita de crises econômicas, instabilidades políticas e mudanças culturais para se consolidar.

Para compreender melhor esse fenômeno, é necessário situar a extrema-direita dentro da tradição política que a originou. Como aponta Norberto Bobbio, a distinção entre direita e esquerda é uma questão fundamental para a compreensão do espectro político e das disputas ideológicas. Apesar das tentativas de relativizar essa dicotomia, ela permanece um referencial essencial para analisar os conflitos políticos contemporâneos. Sobre essa diferenciação, Bobbio afirma:

> "Direita" e "esquerda" são termos antitéticos que, há mais de dois séculos, têm sido habitualmente empregados para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos que dividem o universo eminentemente conflituoso do pensamento e das ações políticas. Enquanto termos antitéticos, eles são, com respeito ao universo ao qual se referem, reciprocamente excludentes e, ao mesmo tempo, exaustivos. São excludentes no sentido de que nenhuma doutrina ou movimento pode ser simultaneamente de direita e de esquerda. São exaustivos na medida em que, ao menos na acepção mais forte da dupla, como geralmente é concebida, uma doutrina ou um movimento pode ser apenas de direita ou de esquerda (Bobbio, 1995, p. 31).

Bobbio argumenta que a distinção entre direita e esquerda não é arbitrária nem circunstancial, mas fundamentada em uma concepção específica de igualdade. Para ele, a esquerda se caracteriza pelo compromisso com a redução das desigualdades sociais e econômicas, enquanto a direita aceita, e muitas vezes justifica, essas desigualdades como parte da ordem natural ou como resultado inevitável das diferenças individuais. Assim, a divisão entre direita e esquerda não é apenas uma questão de posicionamento sobre temas específicos, mas reflete uma visão de mundo sobre justiça, liberdade e organização da sociedade.

> O tema que retorna em todas as variações é o da contraposição entre visão horizontal ou igualitária da sociedade e visão vertical ou inigualitária. Destes dois termos, o primeiro foi o que manteve valor mais constante. Poder-se-ia quase dizer que a dupla gira em torno do conceito de esquerda e que as variações desse conceito derivam sobretudo das diversas possíveis contraposições ao princípio da igualdade, entendido ora como princípio inigualitário, ora como princípio hierárquico ou autoritário. O próprio Revelli[83], após ter proposto cinco critérios de distinção entre direita e esquerda [...] parece ao final atribuir um posto de particular relevo ao critério da igualdade-desigualdade, como sendo sob certos aspectos "fundador dos outros", que se tornariam, deste modo, "fundados". Como princípio fundador, a igualdade é o único critério que resiste à usura do tempo, à dissolução a que estiveram sujeitos os outros critérios, tanto que, como já se disse muitas vezes, a própria distinção entre direita e esquerda acabou por ser posta em questão. Somente assim seria possível uma "refundação" da dicotomia, quer dizer, uma "reorganização" dos critérios derivados "do valor fixo da igualdade" ou do "caráter crucial da igualdade como valor" (Bobbio, 1995, p. 94).

Ou seja, enquanto a esquerda busca políticas de redistribuição de riqueza e direitos para reduzir as disparidades sociais, a direita tende a enfatizar o mérito individual, a liberdade de mercado e a manutenção das hierarquias existentes. Essa diferença se manifesta em diversas áreas, como a relação entre Estado e economia, os direitos sociais e a política de inclusão. Para Bobbio, essa distinção permanece válida mesmo diante das transformações políticas e sociais ao longo do tempo. Mas, no contexto da extrema-direita, essa distinção se

[83] Marco Revelli é um historiador, sociólogo e cientista político italiano, cujas reflexões sobre a dicotomia entre direita e esquerda são citadas por Norberto Bobbio como uma das referências fundamentais na conceituação dessas categorias políticas. Revelli propõe diferentes critérios de distinção entre direita e esquerda, tais como progresso versus conservação, igualdade versus desigualdade e racionalismo versus irracionalismo.

radicaliza. Se a direita tradicional defende a manutenção das desigualdades como parte da ordem social, a extrema-direita muitas vezes aprofunda esse princípio, combinando-o com discursos autoritários, nacionalistas e excludentes. Movimentos de extrema-direita costumam rejeitar as políticas igualitárias e os valores democráticos e liberais, promovendo narrativas que justificam a exclusão de determinados grupos e reforçam uma identidade nacional homogênea.

1.9.1 Perspectivas históricas

Para isso, portanto, é necessário localizar historicamente a extrema-direita. Para tanto, utilizamos a perspectiva de Cas Mudde (2019) em *The Far-Right Today*. Mudde afirma que após a Segunda Guerra Mundial, o mundo testemunhou a devastação deixada pelo conflito, com milhões de mortos e a Europa em ruínas. O fim do fascismo levou a um novo cenário de disputas ideológicas, agora entre comunistas e anticomunistas, que se consolidou na Guerra Fria.

> O consenso antifascista sobreviveu à Guerra Fria, embora houvesse diferenças nacionais e regionais significativas na forma como os países lidaram com a extrema-direita no pós-guerra. Nos Estados comunistas, todas as ideias e movimentos rotulados como "fascistas" foram proibidos, assim como quaisquer outras correntes políticas não comunistas. Muitos colaboradores e fascistas do Leste Europeu foram mortos durante a guerra ou na repressão do pós-guerra, enquanto outros conseguiram fugir, principalmente para as Américas, onde se integraram a comunidades de exilados anticomunistas, que frequentemente já tinham uma inclinação fortemente direitista (Mudde, 2019, p. 22).

Mudde explica três ondas da extrema direita entre os anos de 1945 e 2000. A primeira é o Neofascismo (1945-1955) em que nos anos imediatamente após a guerra, a extrema-direita esteve marginalizada. Fascistas sobreviventes ou se afastaram da política ou formaram pequenos grupos, geralmente sem impacto eleitoral. A exceção foi o Movimento Social Italiano (MSI), que conseguiu representação parlamentar. Em seguida, o Populismo de Direita (1955-1980). A partir dos anos 1950, partidos populistas de direita começaram a emergir, focados em rejeitar as elites políticas do pós-guerra e o crescimento do Estado de bem-estar social. Esses partidos não eram explicitamente fascistas, mas incluíam ex-fascistas em suas fileiras. Grupos como o movimento Poujadista na França e partidos populistas nos Países Baixos e nos Estados Unidos marcaram essa fase.

> Nos Estados Unidos, o populismo de direita operou principalmente dentro do movimento anticomunista mais amplo, cujos representantes mais famosos foram a

> *John Birch Society* e o senador Joseph McCarthy. [...] No entanto, o momento mais significativo da direita radical ocorreu na eleição presidencial de 1968, com a candidatura do governador do Alabama, George Wallace, pelo *American Independent Party*. Wallace adotou uma plataforma explicitamente racista, defendendo veementemente a segregação racial, e foi o único candidato de um terceiro partido a vencer estados na era pós-guerra — conquistando cinco estados, todos no antigo Sul confederado. Sua campanha fez parte de uma oposição mais ampla à dessegregação nos estados do Sul, que incluía o infame Ku Klux Klan (KKK), que já havia passado por dois períodos de grande crescimento, no final da década de 1860 e nos anos 1920, e que ressurgiu em sua terceira fase na década de 1960, atingindo cerca de 50 mil membros (Mudde, 2019, p. 28).

A partir da década de 1980, a terceira onda da extrema-direita viu o crescimento de partidos na Europa Ocidental, impulsionados por questões como imigração e desemprego. Mudde chama essa fase de Direita Radical (1980–2000). O Vlaams Blok na Bélgica e a Frente Nacional na França começaram a ganhar força, enquanto, após a queda do comunismo em 1989, a extrema-direita também ressurgiu em países do Leste Europeu. No entanto, foi no século XXI que a extrema-direita passou por sua transformação mais significativa, marcada pela legitimação e ascensão ao poder.

Três crises impulsionaram a fase em que estamos agora, ou o que Mudde chama de a Quarta Onda (2000 até o presente): os atentados de 11 de setembro de 2001, a crise financeira de 2008 e a crise migratória de 2015. Diferente das ondas anteriores, a extrema-direita começou a integrar governos e a moldar políticas públicas, tornando-se parte do *mainstream* político. O que caracteriza a Quarta Onda, segundo Mudde (2019, p. 32), é justamente essa absorção da extrema-direita pelos partidos tradicionais. Se, após 1945, a extrema-direita era amplamente rejeitada pelos grandes partidos e políticos convencionais – com algumas exceções, como o Leste Europeu nos anos 1990 e o Sul dos Estados Unidos nos anos 1960 –, essa barreira caiu no século XXI. Hoje, cada vez mais partidos e políticos da direita tradicional, e até mesmo da esquerda, consideram os partidos de extrema-direita como aliados aceitáveis para coalizões.

Apesar do foco europeu e norte-americano das quatro ondas da extrema-direita propostas por Mudde, é essencial ampliar essa cronologia para incluir o contexto latino-americano, cujos regimes autoritários e movimentos de extrema-direita também se consolidaram no pós-guerra. Em países como Brasil, Chile e Argentina, houve repressão brutal a opositores e censura, além de adoção de doutrinas de segurança nacional inspiradas por ideologias anticomunistas e ultraconservadoras. No Brasil, o integralismo (movimento de inspiração fascista surgido nos anos 1930 manteve-se como referência simbólica e ideológica para setores conservadores (Secco, 2022). A ditadura militar instaurada em 1964

institucionalizou uma lógica de repressão e vigilância que ecoaria décadas depois no discurso bolsonarista, que reivindica heranças simbólicas desse período. A intervenção dos militares foi legitimada por uma narrativa moralista e anticomunista que estruturou o regime por duas décadas. Esses elementos serão retomados mais adiante neste capítulo, quando abordaremos em maior profundidade o caso brasileiro e suas especificidades no contexto da nova direita.

Além disso, é impossível analisar a consolidação dessas ditaduras sem mencionar o papel dos Estados Unidos, que frequentemente apoiaram ou financiaram governos autoritários na região, como parte de sua estratégia geopolítica durante a Guerra Fria e, na América Latina, resposta à Revolução Cubana. Como explica Fico (2008):

> Embora a importância estratégica do Brasil estivesse em declínio desde a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Cubana tornou inadmissível para os Estados Unidos a possibilidade de estabelecimento de um regime com qualquer pretensão esquerdista no maior país da América do Sul. Tal cenário ampliaria a órbita de influência comunista no continente, o que levou os norte-americanos a apoiar ativamente a campanha de desestabilização do governo João Goulart e, posteriormente, o golpe militar de 1964 (Fico, 2008, p. 66).

Neste sentido, a chamada Operação Condor, uma aliança transnacional entre as ditaduras militares da América do Sul (Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Bolívia e Paraguai) incentivada, pelos Estados Unidos como forma de conter o avanço de movimentos de esquerda, como entende Padrós (2008):

> Sobre os interesses dos EUA e os aliados internos na região podem-se apontar alguns elementos explicativos. Um deles refere-se à expansão particular do capitalismo desde o final da Segunda Guerra Mundial, o que produziu um efeito desagregador nas estruturas sociais da periferia mundial e o esgotamento de economias que foram reconvertidas para atender aos novos padrões de acumulação. Isso é muito claro em relação às economias que se haviam industrializado através da política de substituição de importações, casos da Argentina e do Brasil, assim como, de forma secundária, do Chile e do Uruguai. Essas matrizes produtivas foram alvo do capitalismo internacional, particularmente o estadunidense. Não surpreende, então, que, durante os anos de apogeu da Doutrina de Segurança Nacional na região, quando da implantação das ditaduras civil-militares, tenham sido estimuladas as políticas de privatizações, desnacionalizações, abertura das economias nacionais aos grandes monopólios internacionais e de endividamento externo (Padrós, 2008, p. 155).

Portanto, enquanto a ascensão da extrema-direita na Europa e nos Estados Unidos se manifestava ora de forma marginalizada, ora ganhando espaço institucional, na América Latina ele encontrou terreno fértil em regimes autoritários sustentados por interesses geopolíticos dos Estados Unidos e de elites locais conservadoras. A herança dessas experiências autoritárias, no entanto, continua a reverberar no presente, influenciando o discurso e as práticas de lideranças políticas contemporâneas. É nesse cenário, portanto, que

se compreende como pautas antes consideradas marginais à política convencional passaram a ser naturalizadas no debate público, como se observa no caso brasileiro.

Hoje, ideias e políticas antes associadas exclusivamente à extrema-direita passaram a ser debatidas nos círculos convencionais e, em alguns casos, adotadas pelos próprios partidos tradicionais. No Brasil, por exemplo, pautas tradicionalmente associadas à extrema-direita como, por exemplo, a redução da maioridade penal passaram a ser discutidas e incorporadas por partidos de centro-direita. A votação sobre a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que reduziria a maioridade penal reflete essa tendência. Conforme a imagem abaixo, partidos como PSDB, PMDB (atual MDB), DEM e PP votaram majoritariamente a favor da redução, demonstrando como a pauta, antes marginal, se tornou central em setores da política tradicional. Por outro lado, partidos de esquerda, como PT e PCdoB, posicionaram-se amplamente contra a proposta, evidenciando a polarização ideológica em torno do tema.

Figura 32 - Como os partidos votaram na PEC da Maioridade Penal



Fonte: O Globo (2015)[84]

Outro aspecto distintivo da Quarta Onda é a crescente heterogeneidade da extrema-direita. Embora os partidos populistas radicais de direita continuem a ser o núcleo central desse fenômeno, há agora uma diversidade ainda maior de partidos extremistas. Paralelamente, surgiram partidos de extrema-direita abertamente neonazistas em parlamentos nacionais, como a Amanhecer Dourado na Grécia e o Partido Popular Nossa Eslováquia (L'SNS), evidenciando a radicalização do espectro político.

No Brasil, a radicalização da direita e a adoção de pautas extremistas ocorreram principalmente dentro de partidos como o PL (Partido Liberal), o PP (Progressistas) e o

[84] Como é possível ler na reportagem "Veja como cada partido votou na rejeição da PEC que reduz maioridade penal", de André de Souza do O Globo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/veja-como-cada-partido-votou-na-rejeicao-da-pec-que-reduz-maioridade-penal-16619001. Acesso: 17 mar 2025.

Republicanos, que se alinharam fortemente ao bolsonarismo e passaram a defender bandeiras como a flexibilização do porte de armas, pautas ultraconservadoras nos costumes e ataques a instituições democráticas. Além deles, partidos como o PSC (Partido Social Cristão) e o Patriota também absorveram discursos próximos à extrema-direita. Enquanto isso, legendas que antes estavam no espectro de centro-direita, como o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), passaram a incorporar algumas dessas pautas, ainda que de forma mais moderada, evidenciando o deslocamento do debate político para a direita no Brasil.

Ainda segundo Mudde (2019), a influência da extrema-direita na formulação de políticas públicas também cresceu substancialmente. Durante a Terceira Onda, esses partidos já haviam conseguido endurecer o discurso sobre imigração e identidade nacional, embora com pouco impacto nas políticas concretas. Na Quarta Onda, no entanto, a influência da extrema-direita se consolidou, com políticos convencionais adotando discursos e medidas antes restritas a esses grupos. Figuras como o chanceler austríaco Sebastian Kurz e a ex-primeira-ministra britânica Theresa May não apenas passaram a ecoar as pautas da extrema-direita, mas também implementaram medidas mais rigorosas sobre imigração, integração e segurança nacional. Assim, a Quarta Onda representa um momento de institucionalização da extrema-direita, na qual suas ideias e estratégias deixaram de ser marginais e passaram a moldar diretamente o cenário político global. Ou seja, a extrema-direita começou a integrar governos e a moldar políticas públicas, tornando-se parte do *mainstream* político.

> A relevância da extrema-direita não está mais limitada à Europa, se é que algum dia esteve. Atualmente, líderes de extrema-direita, eleitos democraticamente, governam três dos cinco maiores países do mundo. No caso de Jair Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos Estados Unidos, ambos chegaram ao poder por meio de partidos que não eram explicitamente de extrema-direita. Na Índia, o primeiro-ministro Narendra Modi lidera o *Bharatiya Janata Party* (BJP), partido representante do bem estruturado e organizado movimento *Hindutva*, que inclui grupos extremistas e violentos, como a *National Volunteer Organization* (RSS), do qual Modi é membro desde os oito anos de idade. Em Israel, o primeiro-ministro de longa data, Benjamin Netanyahu, tem alinhado cada vez mais o partido direitista *Likud* com seus diversos parceiros de coalizão de extrema-direita (Mudde, 2019, p. 34).

Os estudos sobre a extrema-direita também mostram que, embora suas manifestações possam variar conforme o contexto nacional e histórico, há elementos recorrentes que permitem traçar um padrão de funcionamento (Mudde, 2019; Cesarino, 2022). O populismo, por exemplo, é um traço central em muitas dessas formações políticas, sendo frequentemente mobilizado como uma estratégia discursiva para antagonizar um suposto “povo puro” contra uma elite corrupta ou grupos minoritários que seriam responsáveis pela decadência da nação.

Como quer Finchelstein, 2019:

> Crise, xenofobia e populismo caracterizam nosso novo século. No entanto, essas características não são novas, nem simplesmente renasceram no presente. Compreender o aparente renascimento do populismo significa, na verdade, entender a história de sua adoção e reformulação ao longo do tempo. Essa história começa com o fascismo e continua com o populismo no poder. Se este século não deixou para trás a história de violência, fascismo e genocídio que foi tão central no século XX, as ditaduras – especialmente as de caráter fascista – têm, no entanto, perdido cada vez mais legitimidade como forma de governo. Deixando de lado as metáforas infladas sobre Munique e Weimar, não estamos testemunhando o retorno do fascismo exatamente como existiu no passado. O passado nunca é o presente. No entanto, as atuais manifestações do neofascismo e do populismo possuem histórias importantes por trás delas, e a transição do fascismo para o populismo ao longo do tempo moldou nossa realidade atual. (Finchelstein, 2019, p. 11)

Além disso, a reinterpretação da democracia em termos excludentes – onde apenas certos segmentos da população são considerados verdadeiros membros da comunidade política – é um aspecto chave de muitos regimes e movimentos de extrema-direita (Levitsky; Ziblatt, 2018). Essa característica se expressa na xenofobia, no racismo, no antissemitismo, no antifeminismo e em outras formas de exclusão social (Arendt, 2016), ou o que a pesquisadora Ruth Wodak chama de Política do Medo (Wodak, 2015).

> Todos os partidos populistas de direita instrumentalizam algum tipo de minoria étnica, religiosa, linguística ou política como bode expiatório para a maioria, senão para todos os problemas atuais, e, consequentemente, constroem esse grupo como perigoso e uma ameaça para "nós", para "nossa" nação; esse fenômeno se manifesta como uma "política do medo". Além disso, todos os partidos populistas de direita parecem endossar o que pode ser reconhecido como a "arrogância da ignorância"; apelos ao senso comum e ao anti-intelectualismo marcam um retorno a um pensamento pré-moderno ou pré-Iluminista (Wodak, 2015, p. 23).

A ideologia da extrema-direita, no entanto, não opera apenas pelo discurso explícito. Em muitos casos, sua influência se dá de maneira difusa, por meio da penetração de valores ultraconservadores no debate público, da disseminação de desinformação e da deslegitimação de instituições democráticas. O crescimento do ambiente digital facilitou a expansão dessas ideias, permitindo que grupos extremistas encontrassem novas formas de articulação e radicalização. Plataformas como redes sociais e fóruns online tornaram-se espaços fundamentais para a propagação de discursos de ódio e teorias da conspiração que sustentam a visão de mundo da extrema-direita.

> Assim, quem procura informações acerca do sistema solar no YouTube terá diante de si um menu bem farto de vídeos sustentando a teoria da Terra Plana, ao passo que o usuário interessado por questões de saúde será rapidamente reorientado para as ideias dos *No Vax*, o movimento antivacina, e dos conspiracionistas. O mesmo mecanismo está acelerado no terreno político. É assim que os brasileiros assistiram, nos últimos anos, à ascensão de uma nova geração de YouTubers de extrema-direita,

> que souberam explorar o algoritmo da plataforma para multiplicar sua visibilidade e seu faturamento (Da Empoli, 2019, p. 55).

A difusão da ideologia da extrema-direita no ambiente digital potencializa discursos de ódio e teorias da conspiração, contribuindo, também, para a normalização de determinados valores e estilos de vida que reforçam a exclusão e a desigualdade. Essa propagação não se limita ao campo político estrito, mas se estende a dimensões culturais e comportamentais, moldando percepções sobre o que é desejável e legítimo na sociedade. O objetivo é mudar consensos. Letícia Cesarino (2022) observa que essa construção simbólica da "boa vida" se ancora em um *ethos* ultraliberal e reacionário, que combina a valorização extrema do individualismo, do consumo e da hierarquia social com uma rejeição à responsabilidade coletiva e ao bem comum.

> As noções ressonantes de boa vida orbitam em torno de cadeias de equivalência que ligam, por exemplo: busca de realização pessoal mediante ganhar muito dinheiro; consumo de SUVs, caminhonetes, carne vermelha e outros itens de alto custo ambiental; famílias nucleares heterossexuais e armadas, nas quais cada membro conhece seu lugar e cuida da própria segurança; defesa intransigente da liberdade ao ponto da desresponsabilização quanto às consequências das ações individuais para o mundo comum compartilhado com outros que não fazem parte de sua comunidade de destino (família, igreja, cidadãos de bem etc.) (Cesarino, 2022, p. 64).

1.9.2 A metapolítica

A extrema-direita contemporânea, longe de ser um fenômeno homogêneo, apresenta variações significativas conforme o contexto histórico, político e social em que se manifesta. No entanto, é possível identificar valores centrais que orientam seus discursos e práticas. Entre eles, destacam-se o nacionalismo exacerbado, a defesa da hierarquia social e da desigualdade como princípios naturais, a rejeição ao multiculturalismo e a um ideal universalista de cidadania, bem como o ataque sistemático a instituições democráticas e ao pensamento crítico (Pinheiro-Machado, 2019). seus participantes buscam disputar espaços estratégicos no espectro político. Como explica Rosana Pinheiro-Machado (2019):

> A base da Nova Direita segue seus próprios gurus. O *Manifesto of the French New Right* [Manifesto da Nova Direita francesa], de Alain de Benoist e Charles Champetiere, publicado no ano de 2000, se coloca como a base de uma nova escola de pensamento que procura desenvolver uma "metapolítica", disputando espaços em revistas acadêmicas, colóquios e conferências para discutir temas morais e culturais (Pinheiro-Machado, 2019, p. 84).

Nesse sentido, a Nova Direita francesa alega, no *Manifesto para um Renascimento Europeu*, de Alain de Benoist e Charles Champetier, que a metapolítica não seria uma

estratégia para impor hegemonia intelectual ou deslegitimar outras correntes ideológicas, mas sim um "meio de reconhecer o papel central das ideias na consciência coletiva e na história humana" (Benoist; Champetier, 2012, p. 11). Segundo essa perspectiva, os autores acreditam que pensadores como Heráclito, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Adam Smith e Karl Marx foram responsáveis por revoluções intelectuais cujos impactos ainda são sentidos. No entanto, ainda de acordo com o movimento, ao enfatizar a necessidade de renovar as representações sócio-históricas, a metapolítica da Nova Direita busca moldar o debate intelectual e influenciar a forma como as sociedades compreendem a si mesmas e sua história. Como afirmam os autores:

> Mais do que nunca, esse impulso metapolítico se baseia em uma reflexão sobre a evolução das sociedades ocidentais diante do século XXI. De um lado, há a crescente impotência dos partidos políticos, sindicatos, governos, formas clássicas de conquista e do exercício do poder político; de outro, a rápida obsolescência de todas as antíteses (especialmente entre Esquerda e Direita) que caracterizaram a modernidade. Além disso, há uma explosão sem precedentes do conhecimento, que se espalha sem grande preocupação com suas consequências. Em um mundo onde entidades fechadas deram lugar a redes interconectadas com pontos de referência cada vez mais difusos, a ação metapolítica busca, para além das divisões políticas e por meio de uma nova síntese, renovar um modo transversal de pensamento e, em última instância, estudar todas as áreas do conhecimento para propor uma visão de mundo coerente. Esse tem sido o objetivo há mais de trinta anos (Benoist; Champetier, 2012, p. 13).

Benjamin R. Teitelbaum é um antropólogo e especialista em política e cultura da extrema-direita, com foco na Nova Direita europeia e em seus desdobramentos globais. Professor na Universidade do Colorado, ele investiga as conexões entre ideologia, música e identidade na política radical. Em seu livro *Guerra pela Liberdade* (*War for Eternity*, 2020), Teitelbaum explora como líderes e intelectuais da Nova Direita influenciam o cenário político internacional, com destaque para figuras como Steve Bannon, Alexander Dugin e Olavo de Carvalho. Em sua análise da metapolítica, Teitelbaum revela como essa estratégia se baseia na transformação cultural como meio para alcançar poder político, um conceito diretamente relacionado às ideias promovidas por Alain de Benoist e a Nova Direita Francesa. O autor discorre que a metapolítica é uma estratégia que:

> envolve fazer campanha não por meio da política, mas por meio da cultura – das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação. É nessas esferas que os nossos valores são formados, não na cabine de votação. Quem conseguir alterar a cultura de uma sociedade terá criado uma oportunidade política para si mesmo. Se não conseguir, não terá chance. (Teitelbaum, 2020, p. 95).

A influência dessa abordagem pode ser observada no pensamento do ideólogo brasileiro Olavo de Carvalho, que teve um papel central na disseminação da metapolítica no

Brasil. Embora suas ideias tenham raízes distintas das de Alain de Benoist, ambos compartilham pontos em comum, especialmente na concepção de uma disputa cultural como pré-requisito para a transformação política. Assim como Benoist propõe a metapolítica para redefinir as estruturas ideológicas da sociedade, Carvalho defendeu a "guerra cultural" como um meio de desmontar o que considerava a hegemonia progressista nas universidades, na mídia e no debate público.

> A guerra cultural não é, evidentemente, uma 'conspiração', mas a sutileza das suas operações, raiando a invisibilidade, faz com que a impressão confusa suscitada pelo conceito em quem ouça falar dele pela primeira vez seja exatamente essa, produzindo quase infalivelmente aquele tipo de resposta que mereceria o nome de suspicácia ingênua, ou incredulidade caipira. Outra dificuldade é que as armas usadas na guerra cultural são, por definição, uma propriedade quase monopolística da classe dos intelectuais e estudiosos, escapando não só à compreensão como aos interesses do cidadão comum, mesmo de elite, não envolvido em complexos estudos de história literária e cultural, filosofia, linguística, semiologia, arte retórica, psicologia e até mesmo sociologia da arte. Em todo o Congresso Nacional, na direção das grandes empresas e nos comandos militares, não se encontrará meia dúzia de portadores dos conhecimentos requeridos para a compreensão do conceito, quanto mais para a percepção concreta das operações de guerra cultural. Sobretudo em países do terceiro mundo, a formação das elites governantes é maciçamente concentrada em estudos de economia, administração, direito, ciência política e diplomacia. [...] A cultura lhes aparece como o florescimento autônomo e incontrolável de 'tendências', de impulsos criativos, de inspirações multitudinárias que expressam o 'senso comum', o fundo de opiniões e sentimentos compartilhados por todos, a visão espontânea e 'natural' da realidade." (Carvalho, 2013, p. 136).

Tanto Benoist como Carvalho veem as esferas intelectuais e culturais como campos estratégicos de batalha, argumentando que uma mudança de paradigmas na cultura e na educação seria essencial para permitir uma virada política duradoura. No caso de Olavo de Carvalho, sua atuação se concentrou no combate ao que ele via como um domínio da esquerda nos espaços de produção do conhecimento, incentivando a formação de um contrapoder cultural e intelectual. Sua estratégia, assim como a da Nova Direita Francesa, visava criar um novo ambiente ideológico favorável à ascensão de líderes políticos alinhados com sua visão de mundo.

A conexão entre a metapolítica e a guerra cultural, tal como defendida por Benoist e Olavo de Carvalho, não se restringe à esfera intelectual, mas também se traduz em estratégias discursivas que buscam remodelar o debate público e capturar espaços culturais e políticos. Essas táticas, ao privilegiarem a transformação dos valores e a desconstrução da suposta hegemonia progressista, operam a partir de um discurso de confronto, no qual a criação de inimigos simbólicos desempenha um papel fundamental. Esse, aliás, é outro traço fundamental da extrema-direita. Seja demonizando imigrantes, minorias políticas ou

intelectuais, o objetivo é fomentar o sentimento de ameaça e pertencimento, mobilizando afetos como medo, ressentimento e indignação.

1.9.3 O iliberalismo

Como discutido ao longo deste estudo, a disseminação dessas ideias se tornou ainda mais eficaz com o advento das plataformas digitais, que amplificam narrativas conspiratórias e promovem a radicalização de novos públicos. Esse ambiente permitiu a ascensão de novos porta-vozes da extrema-direita e ajudou a construir um *ethos* ultraliberal e consolidar, sem inibição, um reacionário e conservador no país. Esse *ethos*, no entanto, não se manifesta apenas no plano retórico. Seu impacto ultrapassa o campo simbólico e se traduz em um projeto político mais amplo que desafia os próprios fundamentos da democracia liberal. A crítica à pluralidade, o ataque às instituições e a rejeição dos princípios universalistas são elementos centrais de um fenômeno que tem sido descrito como iliberalismo.

Para entendermos o iliberalismo, é necessário, antes, compreender o conceito de liberalismo, pois é a partir da crise desse modelo que o fenômeno iliberal emerge. O liberalismo é uma tradição política e filosófica que tem como pilares a liberdade individual, o Estado de Direito, a limitação do poder estatal e a valorização do mercado como mecanismo regulador da economia. Ele surge entre os séculos XVII e XVIII, como resposta ao absolutismo e ao mercantilismo, sendo profundamente influenciado pelo pensamento iluminista (Harvey, 2005; Hayek, 2010; Levitsky; Ziblat, 2018).

No campo político, o liberalismo entende que a soberania reside nos indivíduos e que o governo deve ser limitado por leis, garantindo direitos fundamentais como a liberdade de expressão, a propriedade privada e a participação democrática. Autores como John Locke (1689) foram pioneiros ao defender que o Estado deve existir para proteger a vida, a liberdade e a propriedade, e que o governo deve ser baseado no consentimento dos governados. Montesquieu (1748), por sua vez, reforçou a necessidade da separação dos poderes como forma de evitar abusos do Estado. No aspecto econômico, o liberalismo se consolidou com as ideias de Adam Smith (1776), que argumentou, em *A Riqueza das Nações*, que a livre concorrência e o mercado autorregulado seriam os melhores mecanismos para promover o crescimento econômico e a prosperidade. Essas ideias foram expandidas ao longo do século XX por economistas como Friedrich Hayek (1944) e Milton Friedman (1962), que se opuseram à intervenção estatal na economia e defenderam políticas de desregulamentação e

privatização, formando a base do neoliberalismo (Zakaria, 1997).

O liberalismo, portanto, estrutura as democracias modernas, garantindo instituições representativas e sistemas de controle de poder. No entanto, essa tradição sempre esteve sujeita a críticas, especialmente de correntes marxistas, que apontam suas limitações e contradições. Para os pensadores marxistas, o liberalismo opera como uma ideologia que encobre e legitima as desigualdades estruturais do capitalismo. Karl Marx e Friedrich Engels argumentam que a liberdade individual e a igualdade jurídica promovidas pelo liberalismo são ilusórias, pois ocultam as relações de exploração da classe trabalhadora, deixando essa noção escancarada no Manifesto Comunista: "O poder do Estado moderno não passa de um comitê que administra os negócios comuns da classe burguesa como um todo" (Marx; Engels, 2008, p. 12).

Antonio Gramsci (2004), por sua vez, introduz o conceito de hegemonia cultural, explicando que o liberalismo não se impõe apenas pela força, mas também pelo controle das narrativas culturais e intelectuais, que naturalizam as desigualdades sociais. Segundo Gramsci, o Estado liberal mantém sua estabilidade por meio de uma dominação ideológica que faz com que os explorados aceitem as regras do jogo capitalista como se fossem universais e inquestionáveis. Nesse sentido, outra crítica relevante vem da Escola de Frankfurt, com Herbert Marcuse (1964), que argumenta, em *O Homem Unidimensional*, que o liberalismo e o capitalismo avançado criaram uma sociedade baseada na alienação e no consumo, onde a suposta liberdade individual é reduzida a escolhas dentro de um sistema pré-determinado. Marcuse sugere que o liberalismo moderno, longe de garantir emancipação, se tornou um instrumento de conformismo e passividade política.

> As liberdades que pertencem a um estado de mais baixa produtividade perdem seu conteúdo anterior desde que a libertação da necessidade, substância concreta de toda liberdade, se torne uma possibilidade real. Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão perdendo sua função crítica básica numa sociedade que parece cada vez mais capaz de atender às necessidades dos indivíduos através da forma pela qual é organizada. Tal sociedade pode, justificadamente, exigir a aceitação dos seus princípios e instituições e reduzir a oposição à discussão e promoção de diretrizes alternativas dentro do *status quo* (Marcuse, 1981, p. 23-24).

Se o liberalismo construiu os alicerces do que se entende por democracia moderna, o iliberalismo representa o agravamento da crise do capitalismo e o esvaziamento da noção de democracia *per se*. Vale explicar que o iliberalismo não se apresenta como uma negação total da democracia, mas como uma distorção de seus princípios fundamentais, algo como uma radicalização de sua hipocrisia estrutural. Se antes a democracia liberal mantinha uma

aparência de pluralismo e respeito às liberdades, mesmo enquanto favorecia interesses específicos e mantinha desigualdades sistêmicas, o iliberalismo apenas torna essa contradição mais explícita, assumindo abertamente seu caráter excludente e de manutenção dos favorecimentos de classe.

Sendo assim, líderes iliberais chegam ao poder por meio de eleições, mas, uma vez no governo, minam direitos individuais, enfraquecem a independência das instituições e promovem um discurso de antagonismo contra adversários políticos e minorias. Esse avanço do iliberalismo, no entanto, não ocorre isoladamente. Ele é impulsionado por estruturas de poder que vão além da política institucional, encontrando respaldo tanto no capital financeiro quanto nas grandes corporações tecnológicas. Como quer Muniz Sodré, em seu livro *Sociedade Incivil*:

> A sociedade civil, outrora cenário principal do jogo político entre instituições, organizações e Estado, é progressivamente redefinida por organizações privadas que encarnam o mercado como teodiceia e como processo de produção de subjetividades. Essa é a sociedade incivil: na esteira de suas estratégias constituem-se uma nova ecologia e um novo bios, impulsionados por dispositivos de mercado e de inteligência artificial, em que a realidade da vida "nua" é aumentada por algoritmos e temporalmente acelerada por máquinas. A democracia liberal e a informação pública são afetadas por notáveis mutações (Sodré, 2021, p. 89)

O iliberalismo, enquanto fenômeno político e ideológico, pode ser compreendido como uma rejeição dos princípios centrais da democracia liberal, como a separação de poderes, o respeito aos direitos fundamentais e a valorização da pluralidade política e cultural. Diferente do autoritarismo clássico, que busca eliminar as instituições democráticas, o iliberalismo opera dentro do sistema democrático, corroendo seus fundamentos a partir de dentro. Como argumenta Fareed Zakaria (1997), em sua formulação sobre "democracias iliberais", regimes dessa natureza mantêm eleições formais, mas desmantelam gradualmente o Estado de Direito e os mecanismos de controle e equilíbrio do poder.

> As democracias iliberais ganham legitimidade e, portanto, força, pelo fato de serem razoavelmente democráticas. Por outro lado, o maior perigo que a democracia iliberal representa—além dos riscos para seu próprio povo—é que ela descredibiliza a democracia liberal em si, lançando uma sombra sobre a governança democrática. Isso não seria algo sem precedentes. Cada onda de democratização foi seguida por retrocessos, nos quais o sistema passou a ser visto como inadequado e novas alternativas foram buscadas por líderes ambiciosos e massas inquietas. A democracia sem liberalismo constitucional não é apenas inadequada, mas perigosa, trazendo consigo a erosão das liberdades, o abuso de poder, divisões étnicas e até mesmo a guerra. Agora, ao nos aproximarmos do próximo século, nossa tarefa é tornar a democracia segura para o mundo (Zakaria, 1997, p. 42-43).

O conceito também tem sido explorado por autores como Yascha Mounk (2018), que

destaca a ascensão de líderes que, embora eleitos democraticamente, minam progressivamente as liberdades civis e os direitos de minorias em nome da soberania popular e de um suposto “bem comum”.

> O surgimento da democracia iliberal, ou da democracia sem direitos, é apenas um dos aspectos da política nas primeiras décadas do século XXI. Ainda que o cidadão comum esteja cada vez mais cético em relação às práticas e instituições liberais, as elites políticas buscam se isolar de sua insatisfação. "O mundo é complexo", insistem — e esforçam-se para encontrar as respostas corretas. Caso a inquietação popular cresça a ponto de desconsiderar os conselhos das elites, o povo deve ser educado, ignorado ou coagido a obedecer. (Mounk, 2018, p. 24)

No contexto brasileiro, essa guinada iliberal tem sido evidente na atuação da extrema-direita, que promove um discurso antipolítico e antissistema ao mesmo tempo em que instrumentaliza o aparato estatal para silenciar críticos e reconfigurar instituições conforme sua agenda. A guerra cultural proposta por Olavo de Carvalho e seus seguidores se encaixa nessa dinâmica, pois não se limita à crítica ao progressismo, mas visa substituir o modelo democrático-liberal por um regime onde a autoridade moral e política é centralizada em uma elite conservadora que reivindica o monopólio da verdade.

Dessa forma, o iliberalismo não é apenas um conjunto de ideias, mas um projeto de poder que, ao se apropriar das instituições democráticas para corroê-las por dentro, representa um dos principais desafios políticos contemporâneos. Seu avanço demonstra que a radicalização da guerra cultural e a ascensão da extrema-direita não são meros fenômenos discursivos, mas estratégias articuladas que visam redefinir os contornos da democracia no século XXI. Diante desse cenário, torna-se necessário compreender como esses valores foram incorporados e ressignificados em diferentes contextos nacionais. No Brasil, a ascensão do bolsonarismo representa um caso emblemático dessa dinâmica, combinando elementos típicos da extrema-direita global com especificidades da tradição política brasileira. A próxima seção busca explorar os valores que orbitam Jair Bolsonaro e seus seguidores, analisando como sua retórica e práticas políticas se articularam para consolidar um movimento que ultrapassa a figura do ex-presidente e se insere em um contexto mais amplo de transformação da direita brasileira.

1.5 BOLSONARISMO

A ascensão do bolsonarismo no Brasil foi marcada por um forte apelo a valores como moral cristã, patriotismo e ordem, frequentemente associados a discursos de enfrentamento

contra adversários políticos e ideológicos. Esse cenário gerou diversas interpretações sobre o papel desses valores na história do país. Um exemplo desse debate pode ser visto na reflexão do escritor e humorista Gregório Duvivier, que, em *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil*, organizado pela pesquisadora Esther Solano Gallego, faz uma provocação incisiva ao questionar os pilares simbólicos frequentemente invocados pelo bolsonarismo:

> Se tem uma coisa que o Brasil não precisa é de moral cristã e ordem militar. Tudo o que a gente teve até hoje é porrada e missa. E a gente é a prova viva do fracasso de ambos. Ninguém no Brasil nunca fez merda em nome do Capeta, da Maconha ou da Sacanagem. Toda vez que mataram, escravizaram e torturaram no Brasil foi em nome de Deus, da Pátria e da Família. 'Nossa bandeira jamais será vermelha', dizem os cidadãos de bem, vestindo verde e amarelo. Já é vermelha há muito tempo, graças a vocês. (Duvivier, 2018, p. 7)

Embora a citação tenha um tom provocativo, ela sintetiza uma crítica recorrente na análise política do Brasil contemporâneo: a instrumentalização de valores religiosos e nacionais como justificativa para ações autoritárias ao longo da história. No entanto, Jair Bolsonaro conseguiu, de maneira inconteste, reunir as frustrações e indignações de uma parcela significativa do povo brasileiro e canalizá-las e mobilização política. Essa estratégia foi amplificada pelo uso das redes sociais, permitindo a construção de uma identidade política fortemente emocional e mobilizadora. As frustrações que impulsionaram o bolsonarismo não surgiram repentinamente em 2018, mas ebuliram desde as Jornadas de Junho de 2013, passando pela Operação Lava Jato e desembocando na crise política que levou ao impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016.

Os protestos de 2013 começaram como um movimento contra o aumento da tarifa do transporte público, mas rapidamente se expandiram para incorporar um sentimento difuso de insatisfação com a classe política e com o próprio sistema democrático. Se no início as manifestações tinham um caráter progressista e horizontal, a crescente adesão de setores conservadores e a atuação da grande mídia ajudaram a reconfigurar a pauta, transformando as ruas em um palco de rejeição generalizada ao governo federal. Como apontam Marcos Nobre (2022) e Rosana Pinheiro-Machado (2021), as jornadas de junho foram um marco na ruptura entre a esquerda institucional e parte da sociedade, abrindo caminho para novas formas de mobilização política.

Esse ambiente de insatisfação foi posteriormente canalizado pela Operação Lava Jato, que, embora apresentada como uma cruzada contra a corrupção, acabou se tornando um dos principais catalisadores da polarização política. A Lava Jato não apenas reforçou a percepção de que o Brasil era governado por elites corruptas, mas também alimentou a ideia de que o

sistema político como um todo estava podre e precisava ser "destruído". A prisão de figuras centrais do Partido dos Trabalhadores (PT), especialmente Luiz Inácio Lula da Silva em 2018, consolidou a narrativa de que o país necessitava de uma ruptura radical.

A crise política atingiu seu ápice em 2016, com o impeachment de Dilma Rousseff, um processo marcado por disputas partidárias e pelo crescimento do antipetismo. Esse episódio reforçou a cisão na sociedade brasileira e aprofundou a rejeição aos partidos tradicionais, preparando o terreno para o discurso populista e antissistema que Bolsonaro adotaria em sua campanha. Sua candidatura soube explorar esse contexto, apresentando-se como uma alternativa disruptiva à "velha política" e como o único candidato capaz de restaurar a ordem e combater a corrupção.

> A ascensão de Jair Bolsonaro ao poder resultou de uma crise profunda do pemedebismo no período de 2015 a 2020, caracterizada por sucessivos embates políticos que romperam com a tradição pemedebista de evitar confrontos diretos e abertos. Nesse contexto, forças políticas que eram eleitoralmente minoritárias conseguiram tomar o controle do sistema político. Esse processo ocorreu em dois momentos distintos. O primeiro foi o impeachment de Dilma Rousseff, um movimento parlamentar que possibilitou a chegada direta do mercado financeiro ao poder. O segundo ocorreu na eleição presidencial de 2018, com a vitória de Bolsonaro, quando uma coalizão heterogênea de forças sociais até então marginalizadas da política institucional conquistou a presidência pelo voto, sob a liderança de um político que abertamente admirava a ditadura militar de 1964 (Nobre, 2022, p. 145).

O discurso bolsonarista absorveu essa indignação popular e a ressignificou dentro de um enquadramento ideológico mais amplo, no qual a corrupção passou a ser associada exclusivamente à esquerda, ao globalismo e ao que seus seguidores chamam de "politicamente correto". Esse enquadramento permitiu que o bolsonarismo canalizasse a frustração social não contra o sistema político como um todo, mas contra inimigos específicos, como o PT, a imprensa, o Supremo Tribunal Federal e outros setores identificados como parte de uma suposta conspiração para manter privilégios e inviabilizar um governo "do povo".

Essa capacidade de absorver e direcionar o ressentimento foi amplificada pelo uso massivo das mídias sociais e pela desinformação. Como aponta David Nemer (2022), plataformas como WhatsApp e Telegram foram essenciais para a construção de uma realidade paralela, na qual o Brasil era retratado como uma nação à beira do colapso, ameaçada por inimigos internos e externos. A mobilização digital bolsonarista consolidou uma narrativa de guerra cultural, na qual a luta contra a corrupção se misturava a uma suposta defesa da moralidade cristã e da soberania nacional.

> Um grupo de apoiadores altamente engajados estava sempre pronto para atacar qualquer pessoa que criticasse Bolsonaro no WhatsApp ou em outras redes sociais. Esses seguidores começaram a acompanhá-lo muito antes do início da campanha presidencial, pois faziam parte da equipe administrativa desses grupos e mantinham uma vigilância constante para banir rapidamente infiltrados ou qualquer pessoa que ousasse questionar o candidato. Dentro desses grupos, o debate ou a discussão sobre as políticas de Bolsonaro eram praticamente impossíveis. Presenciei usuários sendo expulsos simplesmente por fazerem perguntas sobre a recusa de Bolsonaro em participar de debates televisivos, sobre os ativos financeiros misteriosos de sua família ou até mesmo sobre seu histórico como deputado. Sempre que usuários comuns tentavam verificar informações ou questionar qualquer aspecto do candidato, eram rapidamente silenciados por uma enxurrada de mensagens inflamadas (Nemer, 2022, p. 153-154).

A estratégia midiática de Bolsonaro foi construída ao longo dos anos. A imprensa tradicional lhe deu a plataforma que precisava: noticiava todas as barbaridades proferidas em suas mídias sociais durante anos. Frequentava programas de auditório que lhe rendiam memes em sites "zoeiros" da internet. A rede, aliás, fez crescer perfis com seu nome como "Bolsonaro opressor", "Bolsonaro zoero", entre outros, com os quais o ex-militar não tinha ligação. É como Rosana Pinheiro-Machado descreve:

> Bolsonaro reinou sozinho porque soube usar os espaços da cultura popular: primeiro indo a programas de auditório, depois virando meme na internet. Vale notar que boa parte dos analistas de conjuntura e das lideranças partidárias não viu o fenômeno Bolsonaro crescer e, quando viu, desdenhou. Estava evidente desde 2014 que Bolsonaro tinha grandes chances porque era o famoso infame (Pinheiro-Machado, 2019, p. 140).

A consolidação do bolsonarismo, no entanto, não pode ser dissociada de sua relação com o passado autoritário do Brasil. Se por um lado sua ascensão foi impulsionada por crises políticas recentes, pela Lava Jato e pela rejeição ao petismo, por outro, sua base ideológica se alimentou de uma visão revisionista da história, na qual a ditadura civil-militar (1964-1985) é romantizada e apresentada como um período de ordem, progresso e segurança. Nesse sentido, Ana Regina Rêgo (2025) resgata a retropia, conceito criado por Bauman (2017) para identificar o desejo de passado da extrema-direita brasileira e mundial:

> A retropia se manifesta como um desejo de passado e, nesse sentido, os movimentos de extrema-direita em nível mundial acionam a luta entre segurança e liberdade, conclamando a pauta de valores morais coo protagonista de um lugar da prevenção para males que, em sua visão de mundo, advêm do excesso de liberdade. O Brasil de Jair Bolsonaro e seus adeptos foi construído em cima de uma narrativa do cidadão de bem, da família heteronormativa e da recorrente regulação dos corpos, sobretudo dos corpos femininos e divergentes (Rêgo, 2025, p. 153)

Desde o início de sua trajetória política, Jair Bolsonaro fez da exaltação ao regime militar um de seus principais pilares discursivos. Seu apoio explícito a figuras como Carlos

Alberto Brilhante Ustra, reconhecido como torturador pelo Estado brasileiro, e sua insistência em negar as violações de direitos humanos cometidas pelo regime evidenciam como o bolsonarismo se construiu em continuidade com o autoritarismo militar, promovendo uma reinterpretação da história que busca legitimar práticas antidemocráticas no presente.

Esse revisionismo histórico encontra forte ressonância na sociedade brasileira, especialmente entre setores da classe média e das Forças Armadas, onde o militarismo ainda ocupa um lugar central no imaginário social. Como a nova extrema-direita brasileira tem se apropriado desse passado para justificar sua agenda política? De que forma a memória da ditadura é instrumentalizada na legitimação de discursos autoritários e no enfraquecimento das instituições democráticas? A próxima seção explora essas questões, investigando como os ecos da ditadura militar continuam a moldar a política brasileira e a alimentar a ascensão do bolsonarismo como um projeto que resgata e reconfigura elementos do regime de 1964.

1.6 DITADURA MILITAR NO BRASIL: O PASSADO PRESENTE

Esta seção tem como objetivo investigar como os ecos da ditadura militar abriram caminho para o surgimento da nova extrema-direita. Embora o movimento não seja limitado ao Brasil, o bolsonarismo possui forma e cor específicas. Ele representa uma ideologia conservadora implacável que permeia todas as classes sociais no país, particularmente na classe média, onde as Forças Armadas estão muito presentes na organização e imaginário sociais. Frequentemente visto como símbolo supremo de integridade, conhecimento e patriotismo, o militarismo tem alimentado a ideia de um passado glorioso, ideologia que encontra ressonância na parcela conservadora da sociedade brasileira.

Em perspectiva histórica, o Brasil foi alvo de pelo menos três golpes militares desde o fim do Império (1822-1889). Em 1889, a Proclamação da República, que derrubou o governo constitucional do imperador Dom Pedro II, foi um golpe liderado pelas Forças Armadas (Delgado; Ferreira, 2003). Quase meio século depois, em 1937, também com o apoio dos militares, o presidente Getúlio Vargas estabeleceu uma ditadura, flertando com as ideias fascistas da época. “O centro de sustentação do Estado Novo estava corporificado funcional e pessoalmente na figura de Vargas, o único civil a comandar uma ditadura no Brasil, garantida pelas Forças Armadas, em especial pelo Exército, e apoiada numa política de massas” (Schwarcz; Starling, 2015, p. 651).

Dentre os presos mais ilustres da ditadura Vargas figura Graciliano Ramos. O escritor foi detido sem provas por um suposto envolvimento com a Intentona Comunista de 1935. Seu

triste relato da prisão "Memórias do Cárcere", publicado após sua morte, em 1953, é um retrato da memória da repressão do governo de Getúlio. "A subserviência das autoridades reles a um despotismo longínquo enchia-me de tristeza e vergonha. Almas de escravos, infames; adulação torpe à ditadura ignóbil" (Ramos, 2013, p. 491).

Décadas depois, em 1954, o agora democraticamente eleito presidente Getúlio Vargas, está no poder pela terceira vez. Sem o apoio do Exército, que foi crucial em 1930, e sem a mobilização dos trabalhadores a seu favor, como em 1945, a situação se tornou insustentável. Nos seus últimos dias, confinado no Palácio do Catete, a reunião com seu ministério foi decisiva: diante das sugestões de renúncia ou licença de seus ministros, Getúlio percebeu a inexistência de caminhos viáveis. Vargas viu-se sem saída.

> Getúlio passou seus últimos dias confinado no Catete. A opinião pública estava contra ele, aumentava o coro dos brasileiros que exigiam sua renúncia, e as lealdades se dispersavam. Na madrugada de 24 de agosto, o presidente reuniu seu ministério e, se tinha dúvidas sobre as possibilidades de resistir, elas desapareceram: todos os ministros propuseram a renúncia ou uma licença — à exceção de Tancredo Neves, único partidário da resistência aberta. As alternativas eram péssimas: Vargas não contava com o Exército para repetir 1930, nem tinha os trabalhadores mobilizados ao seu lado como em 1945. Se negociasse a renúncia, estava desmoralizado; se resistisse, seria deposto. No fim da madrugada, quando ele já estava recolhido, seu irmão Benjamin bateu na porta do quarto para informá-lo da intimação que recebera para comparecer ao Galeão. Só então Vargas teve certeza de que ele era o próximo. Fechou a porta, deitou-se na cama. Em algum momento entre 8h30 e 8h40 da manhã de 24 de agosto de 1954, Getúlio encostou o cano da pistola no lado esquerdo do peito e apertou o gatilho. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 612)

Por fim, em 31 de março de 1964, o Exército organizou um golpe de Estado contra o presidente democraticamente eleito João Goulart, adotando diretrizes conservadoras como o anticomunismo. Os resultados da "utopia autoritária" criada pelas Forças Armadas (Fico, 2004) foram responsáveis por mais de 400 mortes e mais de 200 pessoas desaparecidas. Além das graves violações de direitos humanos, o regime instaurado promoveu a censura sistemática à imprensa, perseguições políticas e a institucionalização da tortura como método de repressão.

A ascensão da extrema-direita no Brasil, na segunda década do século XXI, pode ser considerada como um soluço na democracia do país, que muitos creditam ao advento das plataformas digitais. No entanto, é temerário entender o surgimento *ex nihilo* de tais ideologias no Brasil, já nos tempos contemporâneos. Forças políticas opostas sempre disputaram ideologicamente a supremacia política de suas respectivas épocas e, nesse sentido, é importante lembrar que o pensamento conservador tem longa história no Brasil e ressurge em moldes parecidos, embora os contextos sejam ressignificados. Por exemplo, o flerte do

conservadorismo brasileiro com o fascismo remonta ao crescimento dessa ideologia na Europa. Na década de 1930, a Ação Integralista Brasileira (AIB) ganhou as ruas e massificou o movimento (Secco, 2022). Seu principal líder era o intelectual conservador Plínio Salgado, cuja agenda política queria:

> propor uma nova política, [e] buscava romper as tradições da velha política com um discurso autoritário, antiliberal, antidemocrático, anticomunista, baseado em uma estrutura nacionalista e na concepção cristã radical e conservadora. Esses elementos foram potencializados quando viu a prática desse modelo na Itália, identificando caminhos para um novo Brasil (Caldeira Neto; Gonçalves, 2020).

Se os ideais ainda soam familiares nos dias de hoje, talvez seja porque a AIB é considerada por estudiosos como o primeiro partido político de massa no Brasil (Trindade, 1979; Schwarcz & Starling, 2018), destacando-se por adotar uma postura corporativista, venerando lideranças políticas e buscando dominar o Estado. Além disso, sua retórica antissemita ultrapassava o tom comum na sociedade brasileira da época. O partido encontrava apoio entre diversos setores das classes médias urbanas, incluindo funcionários públicos, padres, profissionais liberais, poetas, comerciantes e industriais, bem como em áreas de colonização alemã e italiana. Nesse sentido, Trindade (1979) aponta os apoios vitais da Igreja Católica e das Forças Armadas para a manutenção da popularidade do grupo. Aliás, havia muitos integralistas dentro dos batalhões e o movimento rapidamente ganhou força política, contribuindo ativamente para o golpe que instituiu o Estado Novo, em 1937 (Trindade, 1979, p.80). Com grande apoio popular e mais de 500 mil aderentes, o movimento continuou influenciando os rumos do país:

> Os integralistas eram tolerados pelas autoridades mesmo quando se envolviam em ações ilegais e muitos foram oficiais superiores das Forças Armadas que participaram ativamente do golpe de 1964 que derrubou o Presidente de centro-esquerda João Goulart, embora ele fosse um moderado (Secco, 2022 p. 41).

Após o período de redemocratização, o cenário político brasileiro se viu envolto em um embate pela hegemonia, com destaque para duas forças principais: a direita conservadora na economia e liberal nos costumes, representada pelo PSDB (com exceção da eleição de Collor de Mello), e a esquerda moderada, liderada pelo PT. No entanto, esse panorama político sempre esteve sob a influência do Centrão, um grupo de parlamentares em geral conservadores, porém marcado por sua essencial natureza oportunista e pela falta de coerência ideológica ou programática sólida, fator que impedia qualquer das forças em disputa de conquistar uma maioria no Congresso Nacional.

Nas últimas eleições majoritárias, o protagonismo que antes era da direita moderada

foi tomado pela extrema-direita, que se mostrou tão conservadora quanto a anterior no que diz respeito ao receituário neoliberal. Contudo, a diferença crucial se deu na pauta dos costumes e da cultura, onde a extrema-direita adotou uma postura ultrarreacionária, inclusive abraçando o negacionismo científico. Essa mudança no campo da direita foi evidente nas eleições de 2018, que conduziram o ex-militar Jair Messias Bolsonaro ao poder, e, mais recentemente, no processo eleitoral concluído em 2022, que resultou no terceiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa troca de liderança no espectro político gerou uma divisão sem precedentes desde o fim da ditadura militar, tornando o diálogo entre as diferentes facções quase impossível. A polarização e as discordâncias acentuadas dificultam a busca por consensos e soluções para os desafios do país, criando um ambiente político desafiador e complexo.

Exploramos aqui a hipótese de que os fundamentos deste cenário, erigido com o auxílio das plataformas digitais, são oriundos um passado mal resolvido. O eco de um passado que ainda se faz muito presente. É necessário lembrar que o Brasil viveu duas décadas sob o regime autoritário das Forças Armadas, entre 1964 e 1985. Nesse período, além do recurso à força bruta, incluindo tortura e assassinato (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1985), para reprimir qualquer tipo de oposição à sua condução política, os militares e seus asseclas recorreram ao revisionismo histórico e ao doutrinamento ideológico (Figueiredo, 2011). Este é o caso, por exemplo, da publicação intitulada "Orvil: tentativas de tomada do poder" (2012), vista por Rocha (2021, p. 32) como "um projeto sigiloso do Exército brasileiro"; mas que hoje em dia está disponível na internet gratuitamente. Outro exemplo é o amplo espaço concedido por décadas ao autointitulado filósofo Olavo de Carvalho na grande imprensa corporativa.

1.7 O ORVIL

O livro ("Orvil" é "livro" ao contrário) é um documento produzido pelas Forças Armadas brasileiras com o objetivo de justificar o golpe militar de 1964. Em sua obra autobiográfica *A Verdade Sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-comandante do DOI-CODI, órgão responsável pela repressão durante o regime militar no Brasil, descreve o Orvil como "um trabalho minucioso, em que processos, inquéritos e documentos foram estudados e analisados" (Ustra, 2007, p. 10). O Orvil foi desenvolvido entre os anos de 1985 e 1988, mas foi proibido de circular (Pedreti, 2021). A coordenação do projeto foi do chefe do Centro de Informações do Exército (CIE) à época, o general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho. No

entanto, o livro tem como organizadores o tenente José Conegundes Nascimento e o tenente-coronel Licio Maciel (Figueiredo, 2011). Segundo o jornalista Lucas Figueiredo, as versões ali descritas podem ser consideradas revisionismo histórico e uma das principais teorias da conspiração propagada pelas Forças Armadas:

> Vista por uma potente lente de aumento, a realidade foi distorcida e se transformou num fantasma assustador, que vagava pela história a arrastar quatro correntes: 1) Quem havia sido contra o regime militar era de esquerda; 2) Quem é de esquerda é comunista; 3) Quem é comunista é perigoso; 4) Por intermédio do Movimento Comunista Internacional (mais conhecido como MCI), Moscou, Pequim e Cuba nunca desistiriam de colocar suas mãos peludas sobre o Brasil. Tendo o anticomunismo como pano de fundo, o Orvil enveredava por definições equivocadas. O golpe de 1964, por exemplo, não fora um golpe, mas sim uma "revolução democrática" (Figueiredo, 2009, p. 78).

Neste sentido, Rocha (2021) estabelece, também, uma conexão profunda entre a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) e o pensamento político do bolsonarismo, especificamente relacionando-o ao Orvil. A DSN pode ser entendida como um derivado da política estadunidense adotada durante a Guerra Fria e moldada para obedecer a interesses das Forças Armadas no Brasil em caráter estratégico, como quer Fico (2001):

> Produzida, basicamente, no âmbito da ESG[85], a "doutrina" supunha que o Brasil se integrava ao contexto internacional da Guerra Fria considerando (a) sua grande população e extensão territorial; (b) seu posicionamento geopolítico, que lhe conferia importância estratégica no âmbito das relações políticas internacionais e (c) sua vulnerabilidade ao comunismo, à luz de supostas fragilidades internas (população "despreparada" e políticos "corruptíveis"). Desse diagnóstico, decorria que (a) o Brasil tinha condições de se tornar uma das grandes potências mundiais e (b) era necessário precaver-se contra a "ameaça comunista" (Fico, 2001, p. 41).

O sentimento anticomunista, portanto, desempenhou um papel crucial ao fornecer uma justificativa ideológica para o golpe militar e para a manutenção do regime ditatorial no Brasil por mais de duas décadas. A exploração desse medo coletivo foi fundamental para a sustentação do autoritarismo e para legitimar a violação dos direitos humanos e das liberdades democráticas durante esse período sombrio da história brasileira, como explica Motta (2000):

> O anticomunismo forneceu argumento principal para duas das rupturas institucionais mais sérias do período republicano, origem dos regimes autoritários de maior duração já experimentados (ou sofridos) pelo país. No interior da coalizão governante, especialmente entre os militares, a preocupação com o tema permaneceu significativa. O argumento anticomunista ocupou posição destacada nas disputas de poder travadas no interior do Estado, por diversas vezes conduzindo à ação os setores da extrema-direita. Outrossim, o regime militar manteve constante vigilância sobre os comunistas e a esquerda, fazendo uso do formidável aparelho repressivo

[85] Escola Superior de Guerra.

> construído após 1964 sempre que considerava necessário (Motta, 2002, p. 344).

No entanto, hoje, 60 anos após 1964, o cenário político e ideológico global mudou significativamente. O fim da Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim e a dissolução de regimes comunistas em vários países enfraqueceram a ideologia comunista como uma força política global relevante, portanto, o temor de uma ameaça comunista já não faz sentido. No entanto, a narrativa anticomunista continua muito viva nas ideologias da extrema-direita como forma de mobilizar pelo medo e violência e conquistar apoio popular. Essa, por exemplo, era uma das principais bandeiras da campanha e do governo de Jair Bolsonaro.

> Jair Bolsonaro é, sem dúvida, o presidente de extrema-direita mais radical do mundo eleito democraticamente nas últimas décadas. Sob seu governo, o Brasil foi considerado o país que lidou pior com a pandemia de Covid-19, com mais de 500.000 mortes até junho de 2021, de acordo com estatísticas do governo. No mês anterior, o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, culpado pela falta de vacinas no Brasil, renunciou sob várias pressões políticas diferentes. Um diplomata de carreira que foi recomendado pelo filósofo Olavo de Carvalho - que se aproximou da família Bolsonaro há anos - Araújo considerava a Organização Mundial da Saúde "globalista" e argumentou que o vírus, ao qual ele chamou de "comunavírus", era um dispositivo ideológico de um "projeto globalista" que levaria ao comunismo (Rocha; Solano; Medeiros, 2021, p. 13, tradução nossa).

De mesma sorte, Rocha (2021) destaca outros remanescentes da ideologia que prevaleceu no regime militar, como a apologia à tortura, que ainda está muito viva no discurso do ex-presidente. Em uma declaração polêmica, em 1999, Bolsonaro afirmou a necessidade de realizar um "trabalho" que, segundo ele, não foi feito durante a ditadura: "matar uns 30 mil, começando pelo FHC"[86], referindo-se ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Essa análise revela como a perspectiva política do bolsonarismo pode estar associada a elementos da DSN e do Orvil, e como o discurso conservador autoritário sobreviveu até os tempos de hoje:

> As palavras precariamente alinhadas pelo capitão reformado, numa sintaxe balança, mas não cai, dá corpo a uma doutrina draconiana e a uma interpretação delirante da história brasileira: de um lado, a Doutrina de Segurança Nacional (DSN), de outro, o Orvil. Como se percebe, traços caracteristicamente brasileiros da guerra cultural bolsonarista. Conscientemente ou não, a ascensão de uma juventude de direita no Brasil abraçou tanto a DSN quanto a matriz conspiratória do Orvil (Rocha, 2021, p. 225).

Rocha (2021) acredita que a obra influencia a sociedade brasileira até hoje, talvez hoje mais do que nunca, acreditamos. Seus argumentos inverossímeis tentam justificar as práticas

[86] A entrevista, concedida por Bolsonaro em um canal de TV em maio de 1999, está disponível no link do Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=M-tkPPwT9Xw. Acesso em: 13 jul. 2023.

antidemocráticas que o país testemunhou nos últimos anos. É inegável, no entanto que, apesar das suas contradições fundamentais, a ideologia do Orvil esteve presente no Planalto, considerando a lógica de pensamento implementada pelo governo de Jair Bolsonaro. Segundo inúmeros autores (Rocha, 2021; Prado, 2021; Lacerda, 2019; Figueiredo, 2009), as ideias presentes no "Orvil" foram fonte de inspiração para ideólogos, como foi o caso de Olavo de Carvalho. Olavo de Carvalho se autointitulava filósofo e foi ideólogo do governo de Jair Bolsonaro. O trabalho de Carvalho é conhecido por ter um "alinhamento cego com a narrativa conspiratória de Orvil" (Rocha, 2021, p. 31). Ele é um filósofo autoproclamado influenciado pelas ideias de René Guenon, um dos fundadores do Tradicionalismo, movimento intelectual muito influente da extrema-direita contemporânea (Vasconcelos, 2022; Teitelbaum, 2020; Sedgwick, 2023). Carvalho possui mais de 30 livros publicados, abrangendo diversos temas como Esoterismo, Astrologia, Filosofia, Religião, Metafísica Oriental e Política, de acordo com seu entendimento desses temas.

Inúmeros pesquisadores se dedicaram à empreitada de compreender e explicar historicamente a ditadura militar e a consequente redemocratização do Brasil. Grandes nomes, como Paulo Evaristo Arns (*Brasil Nunca Mais*, 1985), René Dreifuss (*1964: A Conquista do Estado*, 1981), Daniel Araão Reis (*Ditadura e Democracia no Brasil*, 2014), Marcelo Godoy (*Casa da Vovó: uma biografia do DOI-CODI*, 2014), Elio Gaspari (*Ditadura Envergonhada*, 2002), Lilia Schwarcz (*Brasil: uma biografia*, 2015) destacaram as cicatrizes deixadas pelo regime autoritário na sociedade brasileira. Jorge Zaverucha avalia o negligenciamento da influência militar nos governos pós-reabertura no Brasil:

> Nos estudos sobre transições do autoritarismo para a democracia, a dimensão militar tem sido constantemente negligenciada. É como se, pelo simples fato de o regime militar ter se exaurido, dando espaço para o início do processo de transição, os militares tivessem automaticamente voltado a executar suas atividades profissionais nos quartéis, presumindo-se, assim, que o controle civil democrático sobre os militares estaria assegurado. [...] Há, nessa abordagem, uma certa dose de voluntarismo, isto é, um desejo de nos livrarmos de um passado incômodo. No entanto, a verdade é que, embora os militares possam ter retornado aos quartéis, no sentido de terem cessado de liderar os destinos do país, isso não implica necessariamente em seu afastamento das decisões governamentais, ou seja, do poder. (Zaverucha, 2000, p. 9)

Sobre o poder perene do militarismo na estrutura sociopolítica brasileira, Daniel Aarão Reis levanta questões não resolvidas até hoje:

> Como compreender que permaneçam com tanta força lideranças e mecanismos de poder preservados e/ou construídos no período da ditadura, pela e para a ditadura? Como se sabe, do latifúndio ao poder incontrastável dos bancos, da mídia monopolizada de Roberto Marinho aos serviços públicos deteriorados da saúde e da

> educação, da dívida interna à externa, de José Sarney a Antonio Carlos Magalhães, passando por Delfim Netto, são inúmeras as continuidades entre as trevas da ditadura e as luzes da democracia. E o que dizer da cultura política autoritária, cuja vitalidade ninguém pode contestar tantos anos depois de fechado o período da ditadura militar? (Reis, 2000, p. 10).

Neste sentido, embora o conservadorismo que deu origem ao bolsonarismo venha recebendo crescente atenção da academia e da sociedade civil, ainda existe um vasto campo para explorar sobre os impactos duradouros do regime no contexto sócio-histórico brasileiro até a vitória de Bolsonaro em 2018. Portanto, muitos pontos ainda precisam ser abordados para traçar a ideologia militar e como ela sobrevive em um cenário político em constante mudança. Por esse motivo, esse capítulo se propõe a conectar o passado da ditadura brasileira ao presente da florescente Nova Direita do país.

1.8 OLAVO DE CARVALHO

Olavo de Carvalho se tornou uma das figuras mais influentes no governo de Bolsonaro, frequentemente referido como o "guru ideológico" e o fundador intelectual da Nova Direita brasileira. Carvalho se dedicou a promover inúmeras teorias da conspiração sobre uma invasão comunista, a Terra plana, geocentrismo, criacionismo e pseudociência, entre muitas outras ideias famosas e menos famosas que vão contra o bom senso e o conhecimento acadêmico. Além disso, ele teve uma presença significativa nas mídias sociais e projetou e ministrou um curso de filosofia com mais de 2.000 alunos. Três de seus ex-alunos se tornaram ministros no governo Bolsonaro: Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Ricardo Vélez Rodríguez (Educação) e Abraham Weintraub (Educação). Embora vários pesquisadores recentes tenham se dedicado a explicar as ideias de Carvalho isoladamente ou vinculadas a Bolsonaro, esta pesquisa investigará como as fortes conexões entre Olavo de Carvalho, seus seguidores e o governo de Bolsonaro contribuíram para a difusão de ideias ultraconservadoras e teorias da conspiração no cenário político do Brasil.

"A opinião pública não existe" é o título de um texto fundamental para os estudos de Comunicação. A obra é um discurso realizado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu no qual ele discorre sobre a metodologia dos institutos de pesquisa e sua relação com as empresas de mídia hegemônica da época. Ele destaca a forma como os dados são recolhidos e tratados, gerando uma visão deturpada da opinião pública, muitas vezes retratada de maneira errônea e manipulada, a favor de interesses ou mesmo contraditória. No texto ele questiona a intenção por trás de certas pautas, os interesses envolvidos para realizar determinada pesquisa e até

mesmo os tipos de perguntas escolhidas para compor os questionários aplicados ao público. Para ele, "As problemáticas que são propostas pelas pesquisas de opinião se subordinam a interesses políticos, e isto dirige de maneira muito acentuada o significado das respostas e, ao mesmo tempo, o significado dado à publicação dos resultados" (Bourdieu, 1987, p. 142). Assim sendo, uma vez que o método utilizado pelos institutos de pesquisas é duvidoso e muitas vezes influenciado por pontos de vistas e interesses, aquilo que é posto como "opinião pública" nesses ambientes midiáticos não reflete a realidade. Portanto, para Bourdieu, a opinião pública não existe.

Após o advento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), a circulação de notícias deixou de ter como única fonte os instrumentos da mídia hegemônica, no entanto, percebê-las enquanto veículos fundamentais que ainda pautam boa parte das discussões que circulam na sociedade, e mesmo nas plataformas digitais, é importante para dar contexto e profundidade à análise. Descartar a televisão, por exemplo, como elemento de pesquisa, entendendo-a como um meio de comunicação ultrapassado, pode ser imprudente. Ela ainda pode ser relevante para entender e pesquisar como se constrói essa tal "opinião pública" em um mundo digitalizado e permeado por interações digitais. Como entendem Aires e Santos:

> Há mais de três décadas se diz que a TV aberta está morrendo, cedendo lugar a uma nova tecnologia. E, mesmo com a efervescência das redes sociais e dos serviços de comunicação pela Internet, a TV aberta demonstra sua importância no acesso à informação, na elaboração de sentidos e na própria cultura nacional. (Aires; Santos, 2017, p. 28-29)

É a partir desse contexto que parte o questionamento sobre como o Brasil – país que passou por uma ditadura militar e por uma redemocratização em 1988 – permitiu o retorno da extrema-direita ao poder com a eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018. Qual foi o papel das mídias nessa retomada ideológica? Qual o papel das mídias tradicionais e plataformas digitais na sedimentação desse panorama? Como uma avalanche desinformativa tomou conta das redes sociais e transformou uma parcela expressiva da "opinião pública" em defensores da antidemocracia?

É importante refletir que foi por meio da mídia hegemônica e dos jornais impressos que uma das personagens centrais para a pavimentação do discurso de ódio e desinformação ganhou autoridade e sedimentou suas ideias conservadoras. Olavo de Carvalho, autointitulado filósofo e guru ideológico do governo Bolsonaro, tem uma obra extensa de livros, aulas e postagens em redes sociais. Apesar da sua morte no início de 2022, é em torno das ideias

conservadoras de Olavo que os seguidores mais radicais da extrema-direita brasileira, ainda hoje, se unem para modular seus discursos. A maioria desse grupo se baseia em conteúdos gerados pelo "guru" para as redes sociais. Todavia, antes de ser um personagem conservador *digital*, Olavo se estabeleceu como um personagem conservador *midiático*, que por décadas esteve presente ativamente em inúmeros títulos do jornalismo impresso e em grandes editoras brasileiras.

Olavo tem mais de 30 livros publicados, sendo o título *O Mínimo Que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota* o mais conhecido deles, se tornando o *best-seller* do autor. Após alcançar a marca de 100 mil exemplares[87] vendidos, em 2015, e ter rendido mais de R$11 milhões para o Grupo Editoral Record[88], a empresa decidiu, em meados de 2021, não mais renovar contrato de seus livros. A decisão tomada seis meses após a morte do autor foi anunciada por Rodrigo Lacerda, editor-executivo da empresa. Ele disse ao jornal *O Globo* que a editora considerava o posicionamento de Olavo "antidemocrático"[89]. O livro, portanto, não é mais impresso, embora esteja disponível em inúmeras plataformas digitais pela internet. A obra tem mais de 600 páginas e consiste em uma coletânea de 193 artigos e ensaios publicados pelo autor entre 1997 e 2013 em inúmeros veículos de comunicação consagrados, como *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Zero Hora*, nas revistas *Época* e *Bravo!*, entre outros. Nela, é possível observar a gênese de seu pensamento conservador e de um posicionamento bélico contra pessoas de posicionamento político esquerdista, como se observa no artigo "Como debater com esquerdistas", publicado no *Diário do Comércio* em 20 de junho de 2007:

> O único debate eficiente com esquerdistas é aquele que não consente em ficar preso nas regras formais dum confronto de argumentos, e que se aprofunda num desmascaramento psicológico completo e impiedoso. Provar que um esquerdista está errado nada significa. Você tem é de mostrar como ele é mau, perverso, falso, deliberado e maquiavélico por trás de suas aparências de debatedor sincero, polido e civilizado. *Faça isso e você fará essa gente chorar de desespero, porque, no fundo, ela se conhece e sabe que não presta*. Não lhe dê o consolo de uma camuflagem civilizada tecida com a pele do adversário ingênuo (Carvalho, 2013, p. 226, grifo nosso).

---

[87] Como comemora a reportagem da revista Veja nesta matéria. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/8220-o-minimo-8221-bate-a-marca-de-100-mil-exemplares-vendidos-e-olavo-de-carvalho-e-exaltado-nas-ruas-de-todo-o-pais/ Acessado em: 13 de janeiro de 2023.

[88] Como visto na reportagem. Disponível em https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/07/28/olavo-de-carvalho-editora-record.htm Acessado em: 13 de janeiro de 2023.

[89] Como visto na reportagem de O Globo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/por-posicionamento-antidemocratico-olavo-de-carvalho-nao-tem-contrato-renovado-com-editora-record-25131628 Acessado em: 13 de dezembro de 2023.

Em outro artigo do mesmo livro, Olavo escancara seu ódio sobre os acadêmicos e intelectuais brasileiros. É o texto "A opção pela farsa", também publicado no Diário do Comércio, em 22 de agosto de 2008:

> A farsa acadêmica brasileira não expressa só a pobreza intelectual assustadora da elite ensinante, que, por si, basta para explicar o desastre da educação nacional. Ela põe à mostra também uma miséria humana sem fim, já que ninguém opta pelo fingimento pomposo senão para esconder o desprezo que, no fundo, sente por si mesmo — e no Brasil acadêmico essa opção é o único tipo de vida intelectual que resta. (Carvalho, 2013, p. 282).

Embora seja eloquente em críticas a inúmeros intelectuais, Olavo de Carvalho nunca pertenceu à área acadêmica. Na verdade, ele sequer cursou o ensino médio.[90] Autodidata convicto, ele foi um ferrenho crítico do pensamento desenvolvido nas universidades brasileiras, como conta em uma entrevista publicada no jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte, em 15 de agosto de 2001:

> Sobre as últimas pesquisas em torno de Aristóteles ou sobre religiões comparadas, quase não há com quem conversar no ambiente acadêmico paulista e carioca. Não posso ter diálogo com uns coitados que só leram Marx, Nietzsche e Derrida, e que acreditam, para valer, que Florestan Fernandes é um grande pensador. O ambiente acadêmico é provinciano, limitado, inculto, fanatizado, padronizado e, por autodefesa de fracote, arrogante. Não há conversa inteligente que possa subsistir aí (Carvalho, 2013)[91].

Aliás, os ataques a autoridades acadêmicas é uma das estratégias de sua obra, uma vez que destinou grande parte da sua vida a combater o que chamava de comunismo, o "marxismo cultural" e o politicamente correto. Segundo o historiador João Cezar de Castro Rocha, a publicação da já citada trilogia de Carvalho traz "de um lado, uma bem-vinda ampliação da bibliografia então dominante por meio da divulgação de autores conservadores e liberais; de outro, uma campanha virulenta direcionada estrategicamente contra os principais nomes da esquerda brasileira, que, em geral, ocupavam cátedras na universidade pública" (Rocha, 2021, p. 48). Os ataques de Carvalho à universidade pública sempre tiveram o objetivo de desmoralizar e reduzir politicamente a importância da academia. A estratégia desenvolvida ao longo de mais de três décadas, ajudou a criar uma persona intelectual que representava os

---

[90] Como o próprio afirmou inúmeras vezes em suas redes sociais. Vide esta postagem: "Informo aos interessados que jamais prestei um vestibular, não tentei e não poderia fazê-lo. Minha inscrição, se a fizesse, jamais seria aceita. Saí da escola no quarto ano do ginásio, PARA NUNCA MAIS VOLTAR, firmemente decidido a buscar instrução por vias alternativas. Pelos resultados obtidos, acho que fiz a coisa certa." Disponível em: https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10151960117307192. Acessado em: 10/01/2023

[91] Como consta do site do autor. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/2001/page/44/ Acessado em 13 de janeiro de 2023.

interesses da ala conservadora da sociedade brasileira, e, mais recentemente, ajudaram a pavimentar o caminho ideológico que levou à eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Menos em seus livros e mais em sua presença nas redes sociais, Olavo de Carvalho fomentou inúmeras ideias sobre teorias da conspiração estapafúrdias como o uso de fetos abortados no refrigerante Pepsi[92], terraplanismo[93], além do menosprezo e negacionismo em relação à pandemia de Covid-19[94], doença que o matou. Foram inúmeras teorias disseminadas desde os primórdios das redes sociais. Desde 2004, na plataforma Orkut, comunidades eram criadas para comentar as teorias olavistas e que fomentavam assuntos conspiratórios. A jornalista Michele Prado explora o crescimento da extrema-direita no Brasil no seu livro Tempestade Ideológica e expõe alguma das ideias disseminadas pelo ideólogo:

> Foi no Orkut que um nome começou a ganhar muito mais relevância do que seus artigos em jornais lhe proporcionavam: Olavo de Carvalho. Nas comunidades dedicadas ao filósofo, já se lia conceitos que futuramente iriam permear todo o debate da direita nas redes sociais. Em "Olavo nos Odeia", comunidade criada dia 09 de junho de 2004, os seguintes tópicos já estavam presentes na descrição da comunidade:
> VOCÊ SABIA:
> - A ONU apoia o terrorismo?
> - Há uma conspiração comunista global e o movimento gay é parte dela?
> - A Lei da Inércia é falsa e Isaac Newton era burro?
> - Há livros ensinando crianças a fazer sexo oral com elefantes?
> - O Brasil hoje é uma ditadura comunista?
> - A mídia apoia os gays para promover o controle populacional?
> - O marxismo nasceu do satanismo?
> - Darwin é o pai do nazismo?
> - A web foi criada para combater o ateísmo?
> - O ser humano não precisa de cérebro para viver?
> - O nazismo e FMI são de esquerda?
> - Bill Clinton era um agente de Pequim?
> - Os EUA entraram no Vietnã para perder?
> - Há 40 milhões de comunistas no Brasil?
> - Não há diferença genética entre humanos e chimpanzés na gestação?
> - O empresariado nunca se organizou politicamente?
> - A ditadura foi branda e tinha eleições democráticas?
> - Che Guevara invadiu Angola oito anos após a sua morte?
> - O PT é responsável pela morte de 50 mil pessoas por ano?
> - O general Geisel era comunista? [...] (Prado, 2021, p. 22).

Com o avanço das redes sociais, Olavo reuniu um número grande de discípulos e virou uma celebridade da "bolha de direita". Sua intenção de formar uma "elite cultural" criou um

---

[92] Postagem do Twitter: "Anos depois de a Pepsi, sob chuva de denúncias, romper o contrato com o laboratório que usava fetos na pesquisa de adoçantes, o mito "Olavo mentiu sobre a Pepsi"ainda se repete na porra da mídia como verdade inquestionável". Disponível em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1316758430934274048 Acesso: 21 fev. 2022

[93] Postagem do Twitter: "Não estudei o assunto da terra plana. Só assisti a uns vídeos de experimentos que mostram a planicidade das superfícies aquáticas, e não consegui encontrar, até agora, nada que os refute". Disponível em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1133838337570217984 . Acessado em 21/02/2022.

[94] Postagem do Twitter: "O medo de um suposto vírus mortífero não passa de historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel."Disponível em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1260332441539149824 .Acessado em: 21/02/2022

grupo de pessoas que defendiam a qualquer custo suas ideias, sem qualquer questionamento. Segundo Prado, vozes dissonantes eram, de imediato, massacradas publicamente.

> De repente, se posicionar como conservador e liberal era legal e desejado. E ser aluno de Olavo de Carvalho, sinônimo de status. Fora dessa categoria, todos eram considerados inimigos a serem combatidos. Muitos daqueles alunos que conseguiam angariar dezenas de milhares de seguidores e transformaram-se em formadores de opinião da Nova Direita brasileira já eram alunos de Olavo de Carvalho há longa data. O curso on-line já durava quatro anos, e a coesão do grupo era mais evidenciada quando ocorria mais um dos inúmeros episódios de escrachos públicos que Olavo executava contra aqueles que discordavam de uma opinião sua ou o contestavam. [...] O sectarismo seria uma marca registrada tanto dos olavetes quanto de muitos ex-olavetes, assim como a devoção quase religiosa ao professor (Prado, 2021, p. 39-40).

A maior teoria da conspiração defendida pelo ideólogo e, essa sim, entranhada por toda sua obra, é a da existência de uma elite mundial de esquerda – liderada por contraditoriamente bilionários – que teria controle da cultura em escala planetária com o objetivo de instaurar o comunismo em todos os países democráticos do mundo. A partir dessa influência, esse grupo teria o poder de extinguir todos os valores da chamada civilização judaico-cristã-ocidental, como a família e as religiões. Essa é, sem dúvida, umas das teorias mais consolidadas em grupos conservadores e em toda a extrema-direita brasileira. Essa é a base, por exemplo, para as políticas de cunho negacionista e *antiestablishment* do governo Jair Bolsonaro, das quais Olavo é cocriador.

Essa complexa rede de crenças e teorias não se limita ao bolsonarismo como um fenômeno isolado ou é fruto de um cruzamento meramente teórico. Pelo contrário, é um exemplo palpável de como ideologias excludentes e extremistas podem ser propagadas e adotadas. Não é muito difícil imaginar que esse tipo de fenômeno seja utilizado, por exemplo, por sistemas de poder para cooptar seguidores e familiarizá-los a ideias pouco republicanas. Hannah Arendt, novamente no texto Verdade e Política, demonstra como um sistema totalitário se utiliza de mentiras como arma ideológica:

> Mais ainda, visto que fatos e eventos – o resultado invariável de homens que vivem e agem conjuntamente – constituem a verdadeira textura do domínio político, é evidentemente com a verdade fatual que nos ocupamos sobretudo aqui. A dominação, quando ataca a verdade racional, como que exorbita seu domínio, ao passo que combate em seu próprio terreno ao falsificar ou negar fatos mentirosamente. As possibilidades de que a verdade fatual sobreviva ao assédio do poder são de fato por demais escassas; aquela está sempre sob o perigo de ser ardilosamente eliminada do mundo, não por um período apenas mas, potencialmente, para sempre. Fatos e eventos são entidades infinitamente mais frágeis que axiomas, descobertas e teorias – ainda que os mais desvairadamente especulativos – produzidos pelo cérebro humano; ocorrem no campo das ocupações dos homens, em sempiterna mudança, em cujo fluxo não há nada mais permanente do que a permanência, reconhecidamente relativa, da estrutura da mente humana.

> Uma vez perdidos, nenhum esforço racional os trará jamais de volta. (Arendt, 2016, p. 169).

Igualmente preocupado com a verdade e sua perpetuação histórica, o cientista político Franz Neumann se debruça sobre o sentimento de angústia e como ele pode ser utilizado por líderes cesarísticos[95] para criar uma falsa sensação de perigo, de perseguição. O medo incutido no imaginário coletivo é o ingrediente perfeito para a criação de teorias da conspiração e serem empregadas de maneira política. Este processo de personificação da história em "inimigos" concretos, segundo ele, só tem eficácia quando mescla verdades parciais com falsidades, criando uma narrativa convincente que tanto mais perigosa quanto mais distorcida.

> Como as massas esperam pela sua salvação da aflição através de uma absoluta unicidade com uma pessoa, elas atribuem a sua aflição a algumas pessoas, que por meio de uma conspiração trouxeram esta aflição ao mundo. O processo histórico é personificado desta maneira. Ódio, ressentimento e a angústia em relação a tudo que foi produzido por grandes levantes são concentrados em determinadas pessoas que são denunciadas como conspiradora demoníacas. [...] O perigo consiste no fato de que esta imagem da história nunca é completamente falsa, mas sempre contém uma semente de verdade e, de fato, é preciso que a contenha, se quiser um efeito convincente. Quanto mais verdadeira ela for, podemos dizer que menos regressivo é o movimento; quanto mais falsa, tanto mais regressivo. Minha tese é que onde quer que identificações afetivas (ou seja, cesarísticas) com o líder ocorram na política, massas e líder têm a seguinte imagem da história: que a aflição que se abateu sobre as massas foi trazida exclusivamente pela conspiração contra o povo de certas pessoas ou grupos (Neumann, 2017, p. 20-21).

No cenário contemporâneo, soma-se a isso o crescimento vertiginoso das plataformas digitais, junto à popularização de smartphones e serviços de mensageria. Este ambiente propício é habilmente explorado por movimentos de extrema-direita e neofascistas, conforme aponta Schneider (2022). Ele alerta sobre a crescente influência fascista, que se alimenta da repetição de mentiras e da manipulação da informação para forjar crenças e, por vezes, uma fé cega. Estas estratégias, que encontram terreno fértil na era digital, não apenas perpetuam ideologias extremistas, mas também exacerbam processos sociais e econômicos desestabilizadores, evidenciando um ciclo preocupante de manipulação e controle ideológico.

> O bacilo da peste fascista está crescendo, mesmo nos cantos mais inesperados da “civilização”, e por inúmeras vias, principalmente digitais, ao repetir mentiras, informações referenciais falsas que sustentam crenças forjadas, e às vezes fé cega, as quais legitimam ideologicamente enquanto ignoram os processos de reificação cada vez mais entrópicos em curso – da concentração de fortunas (a ponto de poucos indivíduos possuírem o mesmo que bilhões de outros) às novas estratégias de marketing espúrias para vencer as eleições ao redor do mundo (Schneider, 2022, p.

[95] Para Neumann, o termo "líderes cesarísticos" se refere a uma forma de liderança autoritária e personalista baseada no modelo do líder carismático, mas com traços de autoritarismo e centralização de poder. O termo "cesarístico" deriva do general e senador romano Júlio César, que ficou conhecido historicamente por seu poder centralizado e sua habilidade em manter o controle absoluto.

49).

Este contexto de manipulação – como a construção de um inimigo e a confirmação de um viés por meio de um sistema de desinformação – encontra paralelos notáveis nas reflexões de Olavo de Carvalho em "*O Mínimo Que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota* (2013). Em seu texto intitulado "Guerras culturais", o autor entende que essas supostas guerras possuem "movimentos, sutis e de longuíssimo prazo" que "escapam à percepção não só das massas como da quase totalidade das elites políticas, econômicas e militares".

Segundo o ideólogo, as "guerras culturais" são ações planejadas estrategicamente – pelos movimentos e militâncias de esquerda – para a condução e manipulação da cultura e da vida de toda a população. Ou seja, toda a sociedade brasileira, segundo seu entendimento, estaria sendo manipulada por uma elite oculta com objetivos claros de remodelação cultural e social. Esse processo, conforme descrito por Carvalho, implicaria em uma estratégia de longo alcance que tem como objetivo a redefinição dos valores culturais e morais – principalmente o Cristianismo Católico – para moldar a percepção e o comportamento das massas. Através da lente do autor, as ações dessa elite não apenas buscam influenciar decisões políticas e econômicas, mas visam a uma transformação profunda da sociedade, atingindo as raízes da identidade coletiva.

> As armas usadas na guerra cultural são, por definição, uma propriedade quase monopolística da classe dos intelectuais e estudiosos, escapando não só à compreensão como aos interesses do cidadão comum, mesmo de elite, não envolvido em complexos estudos de história literária e cultural, filosofia, linguística, semiologia, arte retórica, psicologia e até mesmo sociologia da arte. [...] para o estrategista da guerra cultural, o "senso comum" seja um produto social como qualquer outro, sujeito a ser moldado e alterado pela ação organizada de uma elite militante; que sentimentos e reações, que, para o cidadão comum, constituem a expressão personalíssima da sua liberdade interior, sejam para o planejador social apenas cópias mecânicas de moldes coletivos que ele mesmo fabricou; que a direção de conjunto das transformações culturais não seja a expressão dos desejos espontâneos da comunidade mas o efeito calculado de planos concebidos por uma elite intelectual desconhecida da maioria da população (Carvalho, 2013, p. 51).

Em "Conduzidos à força", outro texto do mesmo livro, Olavo afirma que:

> Abortismo, casamento gay, quotas raciais, desarmamento civil, regulamentos ecológicos draconianos, liberação das drogas, controle estatal da conduta religiosa, redução da idade de consentimento sexual para 12 anos ou menos: tais são, entre alguns outros, os ideais que fazem bater mais forte o coração de estudantes, professores, políticos, jornalistas, ongueiros, empresários "esclarecidos" e demais pessoas que monopolizam o debate público neste país. Nenhuma dessas propostas veio do povo brasileiro ou de qualquer outro povo. [...] De onde vêm essas ideias, a técnica com que se disseminam e o dinheiro que subsidia a sua implantação forçada? A fonte desses três elementos é única e sempre a mesma: a elite bilionária fabiana e globalista que domina a rede bancária mundial e tem nas suas mãos o controle das

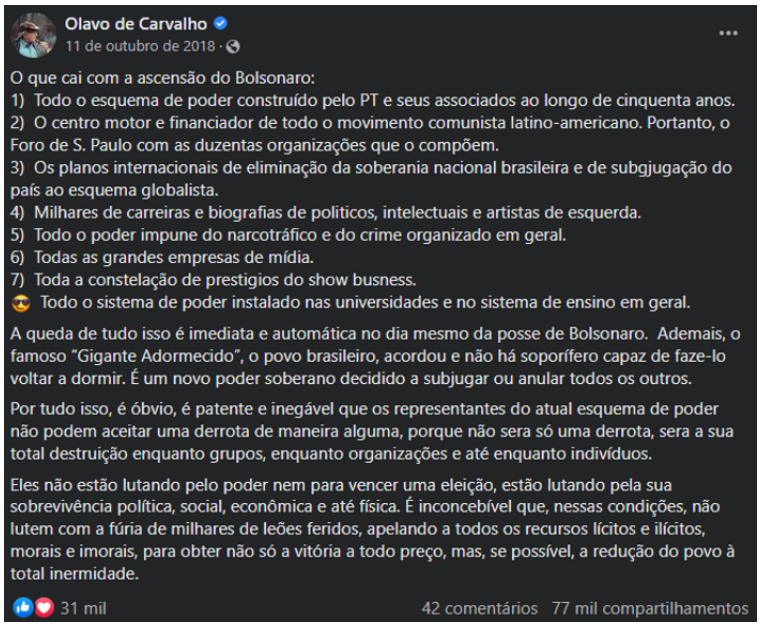
> economias de dezenas de países, assim como da totalidade dos organismos internacionais reguladores (Carvalho, 2013, p. 54).

Tal convicção em muito se assemelha com algumas das constituições ideológicas presentes no Orvil. É preciso assinalar que a pavimentação ideológica criada por Olavo de Carvalho no decorrer dos anos, através de todas as suas produções e posicionamentos em redes sociais digitais, corresponde ao seu principal objetivo, que é colocar toda a cultura brasileira contra a parede. Ele não concorda com os encaminhamentos pelos quais o mundo ruma e, por conseguinte, menospreza ações empreendidas pelos *militantes*, termo central no entendimento de Olavo. Para ele, a militância de esquerda representa uma porção populacional que não tem capacidade reflexiva

Como é ressaltado em Rocha (2021), "tal como ensinada na pregação de Olavo de Carvalho nas últimas duas décadas, a retórica do ódio é uma técnica discursiva que pretende reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado" (Rocha, 2021, p. 153). Essa construção narrativa conspiratória faz com que uma porção substancial da população brasileira se sinta à vontade para disseminar o ódio e impor sua visão de mundo. Aqui, é visto como a retórica do ódio é ferramenta capaz de desprestigiar a existência de outras opiniões. Trata-se de uma forma de deslegitimar pontos de vista contrários ao que é expresso dentro da lógica ultraconservadora.

Em publicação no Facebook, Olavo de Carvalho aponta para uma série de personagens da vida sociopolítica brasileira que tombam com a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder. Na figura a seguir, podemos constatar alguns dos procedimentos apontados por Rocha (2021) como aqueles presentes na retórica do ódio:

Figura 33 - Publicação de Olavo de Carvalho no Facebook



Fonte: Captura de tela a partir de publicação no Facebook, 2018[96].

Para combater o inimigo oculto e implacável do "comunismo" que tem poder para destruir toda a realidade conhecida pela sociedade atual, é possível justificar qualquer atitude para defender tais ideais. Inclusive invadir os palácios dos 3 poderes em Brasília, no último dia 08 de janeiro, com o objetivo de "libertar" o país. Tal argumentação e a presença massiva das ideias de Olavo podem ser observadas em inúmeras postagens em grupos bolsonaristas no Telegram, colhidas entre 05 e 13 de janeiro de 2023, como demonstram as figuras 1 e 2.

Figura 34 – Mensagens que exaltam Olavo de Carvalho

[96] CARVALHO, Olavo de. O que cai com a ascensão do Bolsonaro. [*S. l.*], 11 out. 2018. Facebook: olavo.decarvalho. Disponível em: https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=10156638835862192&id=698992191. Acesso em: 21 fev. 2023.



Fonte: Captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

Essa retórica ecoou e construiu um repertório de argumentações em torno do qual a extrema-direita do país se organizou e se fortaleceu como nunca, desde a retomada democrática de 1988. Tanto que o olavismo, como cita o historiador José César de Castro Rocha, virou a nova *koiné*, ou seja, o dialeto comum dos extremistas do Brasil. Com isso, o grupo ganhou unidade e identidade:

> O resultado desse, digamos, estilo, foi a emergência do efeito Olavo de Carvalho, isto é, a difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da retórica do ódio como forma de desqualificar adversários; o palavrão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo eterno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura. (...) Olavo de Carvalho desempenhou, com rara eficácia, o papel de artífice de um sistema de crenças, cujo caráter binário, maniqueísta mesmo, favoreceu a adesão apaixonada, irracional até, de um número sempre crescente de adeptos ao longo de décadas de pregação, cuja violência verbal somente atrai ainda mais seus acólitos (Rocha, 2021, p. 64).

Olavo teve um papel fundamental e eficaz na construção de um sistema de crenças maniqueísta que favoreceu a adesão fanática, irracional e apaixonada, de um número grande de pessoas, suficientes para conduzir Bolsonaro à presidência e aderir às causas do grupo no poder, dirigidos pela desinformação. Alguns fanáticos o suficiente para protestarem contra o resultado das eleições de 2022, até com atos terroristas na invasão do Congresso Nacional no início deste ano. Assim, Olavo de Carvalho foi entremeado na malha da mídia hegemônica, e, com o passar dos anos, validado pela polifonia proporcionada pelo advento das redes sociais. Favorecido por um sistema político construído ao redor de suas crenças conservadoras, apenas tornou sua presença cativante ainda mais relevante para seus seguidores nas redes sociais digitais, o que consolidou sua autoridade intelectual para a extrema-direita do país, tornando-o, assim, uma figura pública importante e central nas decisões estratégicas do governo de Jair Messias Bolsonaro.

1.9 USTRA, ORVIL E BOLSONARO

É importante, por conseguinte, traçar uma linha de continuidade histórica entre o conservadorismo autoritário que prevaleceu durante a ditadura empresarial-militar (1964-1989), também conhecida como Doutrina de Segurança Nacional (DSN), e a ideologia do bolsonarismo. Para tanto, analisaremos a obra autobiográfica *A Verdade Sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*, do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-comandante do DOI-CODI, órgão responsável pela repressão durante o regime militar no Brasil, para compreender como essas ideias e narrativas influenciaram a sociedade brasileira até os dias atuais. Será de particular interesse explorar as semelhanças discursivas entre o movimento político liderado por Jair Bolsonaro e os fundamentos ideológicos que permearam o período da ditadura, especialmente relacionados a Ustra, também registrados no documento

militar Orvil e difundidos pela organização "Terrorismo Nunca Mais", conhecida como Ternuma.[97]

Retoma-se aqui a preocupação com contribuição da mídia hegemônica na formação da memória (e do esquecimento) dos terrores da ditadura e como isso favorece, até hoje, o surgimento de revisionismos históricos e negacionismos. Para isso, leva-se em consideração pensamento de Cesar Bolaño e Valério Brittos, em uma observação, por exemplo, do papel da Rede Globo de Televisão, além de outras mídias favorecidas pelo regime militar (Bolaños, 2000). Deixando claro sempre que a finalidade não é vilanizar a imprensa, mas deixar claro seu papel na memória coletiva de uma sociedade (Fico, 2012; Nicolazzi; Bauer, 2016; Ricoeur, 2007; Foucault, 1999), articulando os conceitos de poder, hegemonia e dominação a partir de Gramsci (2004).

A ligação entre os dois personagens históricos – Bolsonaro e Ustra – não é despropositada. Bolsonaro homenageou o coronel em um momento crucial da política brasileira: a votação do impeachment da então presidente Dilma Rousseff:

> *Perderam em 64, perderam agora em 2016.* Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. [...] Por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim" (Bolsonaro, 2016, grifo nosso).[98]

É importante frisar que Ustra foi reconhecido pela justiça como torturador, em 2008[99], mas condenado pela morte de apenas uma de suas vítimas, em 2012[100], durante as investigações da Comissão Nacional da Verdade (CNV), uma iniciativa do governo brasileiro para investigar e esclarecer as violações de direitos humanos ocorridas durante o período da ditadura (Sarkis, 2019). Aliás, Sarkis (2019) responsabiliza as mídias pela negligência da cobertura da CNV:

> As diferentes dimensões de uma comissão da verdade não foram noticiadas à população de forma equânime, em que o direito à memória foi assegurado, mas as questões que se inferem na reformulação das estruturas estatais, herdadas do Estado ditatorial e compiladas nas "recomendações" no relatório final da CNV, obtiveram baixíssima cobertura (Sarkis, 2019, p. 113).

---

[97] Canal do Youtube da organização Ternuma. Disponível em: https://www.youtube.com/user/TERNUMA Acessado em 14 de julho de 2023.
[98] Texto extraído da reportagem do portal Poder 360. Disponível em: https://www.poder360.com.br/governo/ha-5-anos-camara-abria-impeachment-de-dilma-e-bolsonaro-louvava-ustra/ Acessado em 13 de julho de 2023.
[99] Como consta da sentença disponível no portal da Comissão Nacional da Verdade do Estado de São Paulo. Disponível em: http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/upload/sentenca-ustra-merlino.pdf Acessado em 13 de julho de 2023.
[100] Como visto na reportagem do El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461180363_636737.html Acessado em: 13 de julho de 2023.

Em sua biografia sobre o DOI-CODI, Godoy (2014) descreve o modus operandi de Ustra contra aqueles que se opunham ao regime militar:

> Para ele, não é possível "combater o terrorismo amparado nas leis normais, eficientes para o cidadão comum", até porque os "terroristas não eram cidadãos comuns". Não existiria, portanto, na chamada guerra revolucionária, forma de vencê-la compatível com o que os militares aprenderam na guerra clássica, isto é, observando a Convenção de Genebra e suas regras de inviolabilidade e de tratamento dos inimigos feitos prisioneiros. (Godoy, 2014, p. 101).

Apesar disso, em nenhum momento de sua obra *A Verdade Sufocada*, Ustra se refere às questões de tortura. Pelo contrário, o autor se esforça em apresentar uma versão distorcida dos fatos vividos durante o período da ditadura empresarial-militar. Para muitos estudiosos, a obra não passa de revisionismo histórico, sendo considerada uma das teorias de conspiração mais significativas propagadas pelos militares brasileiros (Rocha, 2021; Prado, 2021; Lacerda, 2019; Figueiredo, 2009). No prefácio, por exemplo, Ustra declara que:

> Neste livro conto como os Órgãos de Segurança derrotaram [as organizações terroristas]. Na luta armada, lamentavelmente, tivemos cerca de 500 vítimas, de ambos os lados, um número bastante reduzido se o compararmos com os demais países da América Latina que, também, enfrentaram o terrorismo. Além dos relatos, procuro desfazer mitos, farsas e mentiras divulgadas para manipular a opinião pública e para desacreditar e desmoralizar aqueles que as venceram. (Ustra, 2007, p. 6).

Essa ligação ideológica de um passado autoritário com um presente de ascensão do conservadorismo e da extrema-direita se tornam ainda mais claros se analisarmos a organização não governamental "Terrorismo Nunca Mais", a Ternuma:

> Nos anos 1990, Ustra uniu-se a outros militares e civis simpatizantes do regime instalado em 1964 na organização não governamental Terrorismo Nunca Mais ou Ternuma. Era uma resposta a uma das mais tradicionais organizações de direitos humanos do país, o Grupo Tortura Nunca Mais (Godoy, 2014, p. 102).

Com a criação de um site[101] o grupo passou "a divulgar artigos pró-ditadura e antiesquerda" (Figueiredo, 2009, p. 117) e, segundo Rocha (2019, p. 247), divulgaram pela primeira vez uma cópia digital da obra, publicada oficialmente em 2012, sob o título *Orvil: tentativas de tomada do poder*. Foi a primeira vez que o livro circulou para o público em geral. Olavo de Carvalho, figura central do bolsonarismo, comemorou o lançamento do portal:

[101] O site não está mais disponível na internet, mas o grupo criou um canal no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/user/TERNUMA Acessado em 14 de julho de 2023.

> O site de Ternuma é algo mais que a reconstituição de detalhes omitidos pela mídia. É uma contribuição preciosa à reconquista da verdadeira perspectiva histórica de conjunto, roubada da memória brasileira por manipuladores maquiavélicos, oportunistas levianos e tagarelas sem consciência. Perguntam-me se essa contribuição vem dos militares? Bem, de quem mais poderia vir? (Carvalho, 2000, on-line).

O trecho final de "A Verdade Sufocada" não deixa dúvidas entre a relação ideológica de Bolsonaro e Ustra:

> Infelizmente tem sido uma luta inglória, ignorada pela mídia e desconhecida pela sociedade. E no Congresso Nacional, quem se lembrou dos nossos mortos? Quem levantou a voz para defender uma equidade de tratamento entre mortos de ambos os lados? Ao que eu saiba, somente dois deputados tiveram a coragem de fazê-lo. O deputado Jair Bolsonaro e o Deputado Wilson Leite Passos. [...] Nós vamos continuar a reverenciá-los e a lutar para que seus nomes continuem sendo respeitados. (Ustra, 2007, p. 523)

Figura 35 - Imagem extraída do livro *A Verdade Sufocada*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra



Entre várias personalidades presentes, destacam-se, ao centro, os deputados federais **Jair Bolsonaro** (RJ) e **Alberto Fraga** (DF)

Fonte: Ustra, 2007, p. 523

A partir desse percurso, torna-se possível compreender como a ideologia do bolsonarismo está enraizada em elementos do conservadorismo autoritário da ditadura militar, em particular a Doutrina de Segurança Nacional e a figura de Ustra. As semelhanças discursivas, a exaltação do nacionalismo, a defesa de valores conservadores e a retórica de confronto contra a esquerda são características que refletem essa conexão histórica. A análise das narrativas de Ustra e a disseminação dessas ideias por meio da mídia hegemônica ou de canais ideológicos, como a Ternuma, evidenciam a influência duradoura no imaginário coletivo brasileiro. Dessa forma, percebe-se que o bolsonarismo resgata e adapta elementos centrais do conservadorismo autoritário, moldando-os para um novo cenário político e comunicacional. A apropriação dessas narrativas e sua disseminação em larga escala demonstram a persistência de discursos que buscam legitimar práticas autoritárias sob o pretexto da ordem e da estabilidade. No entanto, para compreender plenamente esse fenômeno, é fundamental analisar como essas ideias foram estruturadas e difundidas nos espaços digitais investigados.

O próximo capítulo apresentará os resultados da pesquisa, explorando os padrões de engajamento, a circulação de narrativas e a organização discursiva dentro dos grupos analisados. Para isso, será utilizada a Análise Exploratória de Dados (AED) combinada a técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), como já debatido no capítulo de Metodologia. Essa abordagem permitirá identificar as dinâmicas de disseminação e os eixos temáticos predominantes nesses espaços. Ao final do capítulo, a análise textual dos discursos de Ustra, Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro será retomada para estabelecer conexões entre as referências ideológicas da extrema direita e as manifestações observadas nos grupos bolsonaristas.

5

5 RESULTADOS

Este capítulo se dedica a analisar os cruzamentos de dados realizados a partir das informações coletadas dos 205 grupos do Telegram investigados. O objetivo é traçar um panorama dessas comunidades, explorando sua dinâmica de interação e padrões de circulação de conteúdo. Os grupos analisados nesta pesquisa não são espaços isolados, mas sim parte de um ecossistema digital interconectado, onde os discursos circulam e se reforçam mutuamente. Como esclarecido anteriormente, os grupos foram classificados em seis categorias principais: *Anti-Woke and Gender, Antivax, Bolsonarism, General Conspiracy, NWO and Globalism* e *Revisionism and Hate Speech.* Essas separações permitiram interpretar separadamente as temáticas predominantes e entender como a circulação de conteúdo que levou aos ataques de 8 de janeiro se deu. Vale lembrar que a categoria *Bolsonarism* é a central neste trabalho, mas a comparação com outras temáticas conspiratórias é fundamental para melhor entender o regime de desinformação nesses espaços.

É importante destacar que o banco de dados vasto gerado para essa pesquisa jamais poderia ser esgotado nesta tese. Inúmeros cruzamentos, análises, visualizações e gráficos foram deixados de fora desta análise para favorecer a concisão e a melhor compreensão do leitor. Outras tantas possibilidades e comparações de dados seriam possíveis, no entanto, a delimitação do escopo da pesquisa exigiu escolhas que priorizassem apenas os aspectos mais relevantes. Futuras investigações poderão aprofundar-se em outras dimensões desses dados que vão além do escopo aqui delimitado. Esta tese é apenas o início do mergulho nessas comunidades.

O presente capítulo se estrutura em etapas analíticas dos dados. O primeiro passo é uma análise quantitativa dos grupos mais relevantes, aqueles com maior volume de mensagens e engajamento. Esse mapeamento inicial permite identificar quais espaços são mais influentes e como se estruturam dentro do ecossistema digital. Em segundo lugar, segue um estudo das "vozes" dos grupos. Essa etapa busca compreender a desigualdade na distribuição das vozes dentro dos grupos, ou seja, como a participação se concentra em um número reduzido de usuários enquanto a maioria permanece relativamente silenciosa. Em seguida, a variação de atividade entre as categorias, observando como os usuários tendem a não se restringir a apenas um tipo de grupo. Muitos circulam por diferentes categorias, participando de múltiplos espaços e contribuindo para a difusão de conteúdos entre eles.

Depois, uma análise temporal, entendendo como acontecimentos políticos externos influenciam e inflamam a produção de conteúdo e interação nesses grupos. A partir desses

marcos temporais, vamos conduzir a análise mais longa presente aqui: entender como as narrativas de convencimento e motivação dos manifestantes se moldaram e se transformaram ao sabor dos acontecimentos. Para isso, analisaram-se as 5 mensagens mais compartilhadas em datas específicas (resultado das eleições 2022, diplomação de Lula, posse presidencial e semana dos ataques de 8 de janeiro). A partir desse recorte, tem-se uma visão panorâmica de como esses grupos se organizaram. Em seguida, para consolidar essa percepção, geramos análises de bigrams (o par de palavras mais citadas) por categoria para entender como diferentes temáticas se relacionaram com o fenômeno das manifestações na frente dos quarteis e atos golpistas na Praça dos Três Poderes.

Por fim, encerrando o capítulo, trazemos uma análise de três autores que ajudaram a formatar a ideologia da extrema-direita brasileira, a partir das fontes: o livro "A Verdade Sufocada", de Carlos Alberto Brilhante Ustra, o best-seller de Olavo de Carvalho, "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota" e uma compilação com todos os 620 discursos oficiais de Bolsonaro durante seu mandato, disponíveis online. Essa última etapa permite compreender como elementos do pensamento de extrema-direita foram absorvidos e ressignificados dentro dos grupos analisados. Para isso, os textos desses autores foram examinados com o auxílio da ferramenta Voyant Tools, que permite identificar padrões linguísticos, termos recorrentes e associações semânticas relevantes para a compreensão do discurso ideológico presente nas fontes.

Em seguida, aplicamos um procedimento semelhante a partir das mensagens coletadas nos grupos em todas as categorias. Esse cruzamento permite estabelecer conexões entre as ideias propagadas por Ustra, Olavo e Bolsonaro e os discursos que circularam nos grupos analisados dentro da janela de análise, demonstrando como essas narrativas foram apropriadas, adaptadas e amplificadas ao longo do tempo.

5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS GRUPOS

No total, os grupos reúnem 18.952 usuários únicos, responsáveis por mais de 512.104 postagens, que geraram 455.611 comentários ao longo do período analisado. Embora esses números já revelem a expressividade dessas redes, suas dinâmicas variam consideravelmente de acordo com a categoria. Algumas comunidades são mais numerosas e ativas, enquanto outras, ainda que menores, demonstram alto grau de engajamento e interação entre os membros. A tabela abaixo apresenta um resumo quantitativo dos grupos analisados, destacando o número de usuários, postagens e interações dentro de cada categoria:

Tabela 3 - Resumo dos grupos analisados

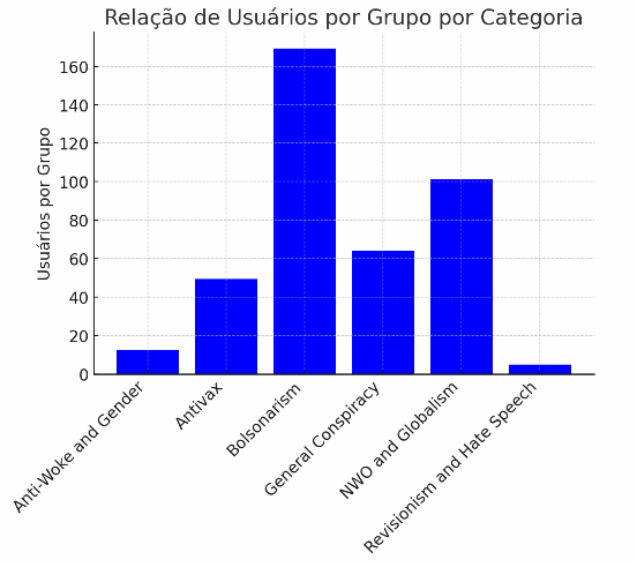
Category	Groups	Users	Contents	Comments	Contents per Group	Comments per Group	Deviation Contents (%)	Deviation Comments (%)
Anti-Woke and Gender	25	314	17.777	37.333	711	1.493	-79%	-51%
Antivax	12	594	10.643	29.710	887	2.476	-87%	-61%
Bolsonarism	71	12024	295.939	160.674	4.168	2.263	248%	111%
General Conspiracy	17	1093	30.421	20.054	1.789	1.180	-64%	-74%
NWO and Globalism	47	4765	149.790	202.556	3.187	4.308	76%	167%
Revisionism and Hate Speech	33	162	7.534	5.284	228	160	-91%	-93%
Total	**205**	**18.952**	**512.104**	**455.611**	—	—	—	—

Fonte: elaboração da autora

A categoria *Bolsonarism*, que é o foco principal desta pesquisa, é a mais ativa entre todas. Ela reúne 71 grupos, com mais de 12 mil usuários, e sozinha gerou quase 296 mil postagens e 160 mil comentários durante o período analisado. Esses números estão muito acima da média das outras categorias: a quantidade de postagens é quase três vezes maior que a média geral, e o número de comentários é mais que o dobro. Isso mostra que essa rede tem uma atividade discursiva muito intensa. Já a categoria *NWO and Globalism*, mesmo com menos grupos (47), também se destaca: ela tem mais de 149 mil postagens e lidera em número de comentários, com mais de 202 mil — quase três vezes a média das demais. Por outro lado, as categorias *Anti-Woke and Gender*, *Antivax* e *Revisionism and Hate Speech* têm menos grupos e menos mensagens, ficando bem abaixo da média geral. Ainda assim, elas têm um papel importante na circulação de conteúdo e muitas vezes se conectam a grupos maiores, como vamos ver mais adiante.

Os dados também revelam que *Bolsonarism* e *NWO and Globalism* concentram o maior número de usuários por grupo, indicando maior capacidade de mobilização e engajamento. Em contraste, categorias como *Anti-Woke and Gender* e *Revisionism and Hate Speech* possuem uma média menor, sugerindo que esses temas circulam em nichos mais restritos. Como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

Figura 36 - Média de usuário-grupo por categoria



Fonte: elaboração da autora

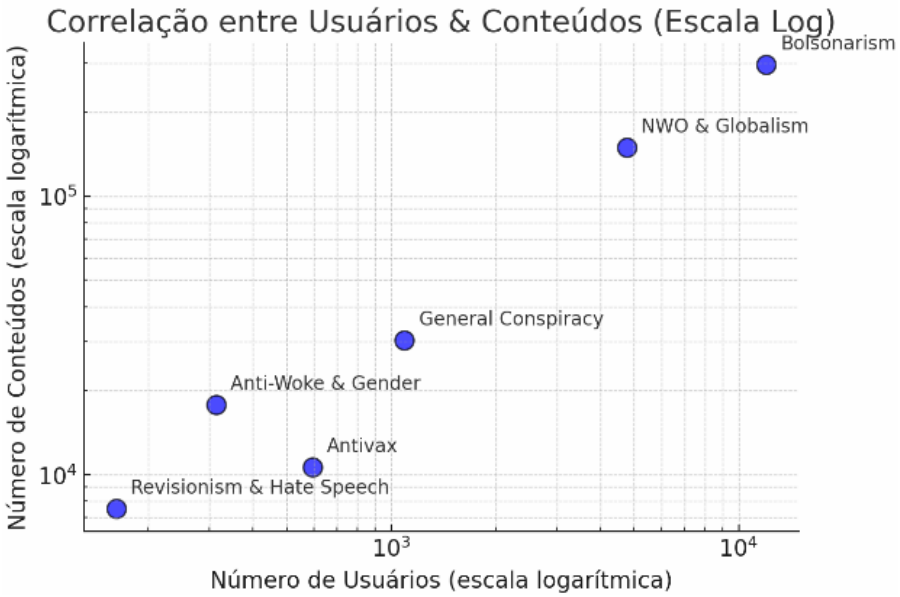
Porém, ter menos usuários por grupo não significa, necessariamente, que essas categorias sejam menos influentes. Algumas delas operam de maneira diferente, com comunidades mais segmentadas e voltadas para nichos específicos. Esse é o caso de *Antivax*, por exemplo, que, apesar de contar com grupos menos numerosos, se mostrou bastante representativo quando olhamos para as mensagens mais visualizadas dentro de um determinado período. O conteúdo antivacina, inclusive, é facilmente proliferado em outras categorias e várias vezes apareceu entre as mensagens mais compartilhadas nos períodos analisados, como veremos na seção de análises temporais.

Indo além, elaborou-se uma relação entre número de usuários *versus* quantidade de conteúdo publicados nos grupos. A visualização sugere que, no geral, quanto mais usuários uma categoria tem, mais postagens ela gera. Isso faz sentido: comunidades maiores tendem a produzir e compartilhar mais conteúdo. Mas essa relação não é igual para todas as categorias. Sem surpresa, *Bolsonarism* e *NWO and Globalism* são os grandes motores desse ecossistema, com um alto número de usuários e um volume massivo de postagens. Já categorias como, novamente, *Anti-Woke and Gender* e *Revisionism and Hate Speech* ficam atrás nesse quesito. O ponto referente à categoria *Antivax* está ligeiramente abaixo da tendência geral, indicando que, apesar do número de usuários, a produção de conteúdos nesses grupos é menor do que o esperado em comparação com outras categorias. Isso pode sugerir que a dinâmica discursiva dos grupos antivacina envolve menos publicações ou interações em volume, ou que um menor número de publicações tem mais sucesso e alcance do que em outras categorias.

É importante destacar que a escala logarítmica, utilizada no gráfico abaixo e em outros gráficos desse capítulo, é uma forma especialmente útil de representar os dados quando há

grandes variações entre os valores analisados. Em uma escala comum (ou linear), cada unidade no eixo representa um aumento constante (por exemplo, 1, 2, 3, 4...). Já na escala logarítmica, como a usada no gráfico abaixo, os valores aumentam exponencialmente (por exemplo: 10, 100, 1.000, 10.000). No presente caso, a representação mostra números de usuários e de conteúdos, permitindo visualizar melhor a relação entre essas variáveis mesmo quando há diferenças muito grandes entre elas.

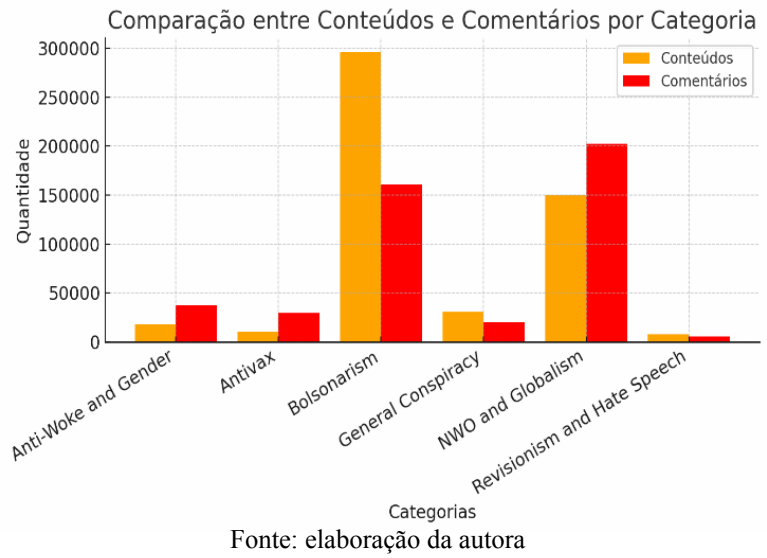
Figura 37 - Relação entre número de usuários e quantidade de conteúdos publicados



Fonte: elaboração da autora

Nesse sentido, a relação entre o número de postagens e o volume de comentários em cada categoria oferece um indicativo do nível de engajamento e interatividade dentro dos grupos. A comparação desses dados, conforme apresentado na figura abaixo, permite identificar quais espaços estimulam maior participação ativa e quais operam mais como canais de disseminação unilateral de informações.

Figura 38 - Relação entre conteúdos e comentários por categoria



Fonte: elaboração da autora

A categoria *NWO and Globalism* apresenta o maior volume de comentários, indicando que esses grupos não apenas produzem uma grande quantidade de conteúdo, mas também estimulam um alto nível de debate entre os participantes. *Bolsonarism*, por sua vez, registra o maior número de postagens, mas um volume menor de comentários em comparação com *NWO and Globalism*. Essa diferença pode estar relacionada a estratégias internas dos grupos bolsonaristas, que em determinados momentos restringiram a possibilidade de comentários, especialmente durante as manifestações nos quartéis, como forma de evitar críticas às Forças Armadas e desestimular a atuação de infiltrados contrários à ideologia dominante. Em outras palavras, os grupos funcionavam mais como "voz de comando"[102], para utilizar um termo do militarismo, do que um espaço de debates abertos.

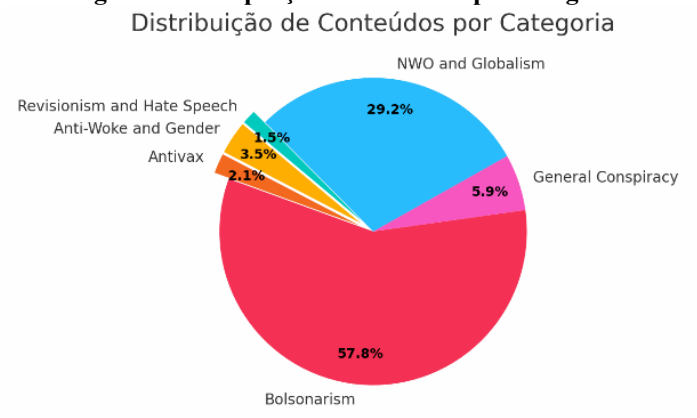
Já categorias como *General Conspiracy* e *Antivax* apresentam uma diferença menor entre o número de postagens e de comentários, sugerindo que o engajamento nesses espaços pode ocorrer de maneira distinta. No entanto é interessante observar como *Antivax* tem um grande engajamento de sua comunidade, uma vez que produz mais que o dobro de comentário do que o número de postagens. Esse fenômeno se repete também na categoria *Anti-Woke and Gender*. Ou seja, comunidades antivacina e redpill são mais propensas a debates e participação da comunidade. Nas outras categorias, o volume de interações nesses grupos pode estar mais voltado para a disseminação de conteúdos, com menos espaço para debates prolongados. Essa variação na dinâmica das interações reforça como diferentes categorias

[102] De acordo com Manual de Campanha ORDEM UNIDA do Exército Brasileiro, vozes de comando "são formas padronizadas, pelas quais o comandante de uma fração exprime verbalmente a sua vontade. A voz constitui o meio de comando mais empregado na Ordem Unida. Deverá ser usada, sempre que possível, pois permite execução simultânea e imediata" (MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, 2000, p. 20).

operam dentro do ecossistema analisado, combinando estratégias de controle discursivo e circulação de informações conforme seus objetivos e contextos específicos.

Também é importante observar a distribuição percentual das postagens por categoria, representado pelo gráfico de pizza abaixo. A visualização mostra a centralidade de algumas comunidades na circulação de conteúdo dentro do ecossistema analisado. Como já destacado anteriormente, *Bolsonarism* tem o protagonismo entre as categorias, concentrando 57,8% de todas as postagens coletadas, reafirmando sua posição dominante dentro do conjunto de grupos investigados. *NWO and Globalism* representa 29,2% do total, consolidando-se como a segunda categoria mais relevante em termos de produção de conteúdo.

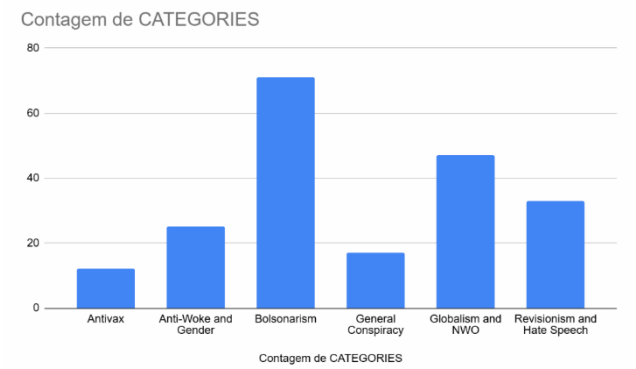
Figura 39 - Proporção de conteúdo por categoria



Fonte: elaboração da autora

No entanto, quando comparamos essas proporções com o número absoluto de categorias, representado pelo gráfico a seguir, entende-se que a quantidade de grupos em uma categoria não necessariamente determina sua produção de conteúdo, como podemos observar no gráfico abaixo:

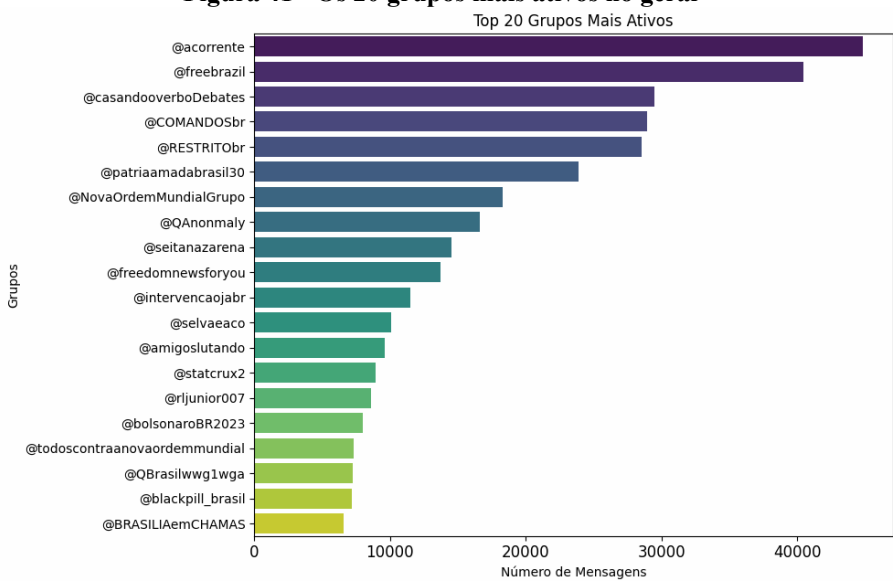
Figura 40 - Contagem de grupos por categoria



Fonte: elaboração da autora

Por exemplo, *Bolsonarism* é a categoria com maior número de grupos (mais de 70) e também a que concentra a maior parte dos conteúdos publicados (57,8%). Isso sugere que a estrutura dos grupos bolsonaristas favorece uma alta produção de postagens, consolidando essa categoria como o maior eixo de disseminação de conteúdos no ecossistema analisado. Por outro lado, *NWO and Globalism* tem um número considerável de grupos (cerca de 50), mas sua participação na produção de conteúdos (29,2%) é proporcionalmente maior do que seu número de grupos. Isso indica que, nesses espaços, a atividade de postagem é intensa, com menos grupos gerando um volume significativo de conteúdos. Já categorias como *General Conspiracy, Antivax* e *Anti-Woke and Gender* possuem menos grupos e, consequentemente, uma participação mais modesta na produção de postagens. Essa distinção entre grupos altamente produtivos e aqueles que atuam mais como replicadores de informação nos leva a um olhar mais aprofundado sobre quais espaços desempenham papéis centrais na circulação de mensagens. O primeiro gráfico abaixo mostra os 20 grupos mais ativos no geral, ou seja, independentemente da categoria à qual pertencem. No topo da lista está o @acorrente (*Bolsonarism*), com mais de 40 mil mensagens publicadas, seguido de perto por @freebrazil (*Bolsonarism*), que também apresenta um nível intenso de atividade. Outros grupos, como @casandooverboDebates (*NWO and Globalism*), @COMANDOSbr e @RESTRITObr, ambos da categoria *Bolsonarism*, também aparecem entre os mais movimentados, funcionando como importantes pontos de troca de informações dentro desse ecossistema.

Figura 41 - Os 20 grupos mais ativos no geral



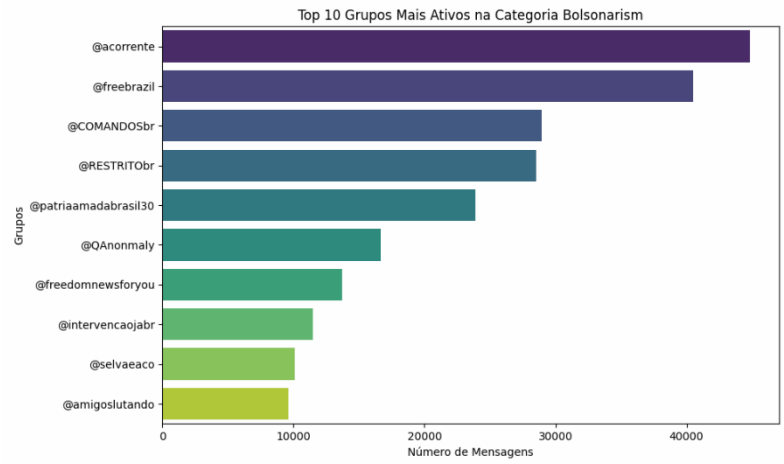
Fonte: elaboração da autora

Vale destacar que o grupo @RESTRITObr foi removido do ar após o período de raspagem, ou seja, o banco de dados guardou os registros (usuários, mensagens, comentários, datas, números de visualizações e compartilhamentos etc.) mas o grupo não está mais acessível. Não se sabe ao certo se sua exclusão foi uma decisão dos administradores, uma ação do próprio Telegram ou um bloqueio do STF. Com isso, as mensagens que foram coletadas e organizadas no banco de dados permanecem disponíveis para análise, mas apenas seus textos. Qualquer mídia originalmente anexada, como imagens, vídeos ou áudios, não pode mais ser recuperada, a partir dos links gerados pelo grupo.

Nesse sentido, é necessário esclarecer que algumas mensagens de @RESTRITObr figuraram entre as mais vistas ou compartilhadas nos recortes temporais analisados e, mesmo com esse obstáculo, continuam fazendo parte do estudo realizado neste capítulo. Para contornar a falta de acesso às mídias, sempre que uma mensagem do grupo citado aparece entre as mensagens mais vistas ou compartilhadas, buscou-se o mesmo conteúdo em outros grupos ativos. Como isso é possível? Mensagens amplamente disseminadas raramente ficam restritas a um único grupo. Elas circulam entre diferentes comunidades, com textos idênticos, permitindo que o conteúdo seja recuperado por meio da ferramenta de pesquisa do Telegram e a análise siga intacta.

Vamos analisar agora os mais ativos apenas da categoria *Bolsonarism*:

Figura 42 - 10 grupos mais ativos na categoria Bolsonarism



Fonte: elaboração da autora

É importante refletir sobre a dominância de grupos de *Bolsonarism*, que aparecem tanto no ranking geral dos 20 grupos mais ativos quanto no recorte específico da categoria. O gráfico acima mostra que os mesmos grupos continuam sendo os mais ativos, reforçando que essa categoria é altamente produtiva e estratégica na disseminação de conteúdo. Além disso, a

análise dos nomes dos grupos mais ativos na categoria *Bolsonarism* revela a forte presença de elementos nacionalistas, militaristas e conspiratórios, refletindo a interseção entre diferentes frentes discursivas dentro do ecossistema bolsonarista. Assim como observado com @QAnomaly, uma referência direta ao movimento conspiratório QAnon, outros grupos também trazem em seus nomes indicações claras de alinhamento ideológico e operacional.

O grupo @Selvaeaco combina dois elementos centrais no discurso militarista bolsonarista: "Selva", um grito de guerra tradicional do Exército Brasileiro, especialmente utilizado por militares das forças terrestres como símbolo de bravura e resistência, e "Aço", termo amplamente associado a armamentos e rigidez militar. A expressão "aço" também é comum em contextos militares como referência a armas de fogo, especialmente fuzis, e simboliza força, combate e prontidão para a luta. Assim, o nome sugere um posicionamento belicista e combativo, reforçando o apelo de enfrentamento nesses grupos.

Já @intervencaojabr explicita, sem rodeios, sua principal reivindicação: a defesa de uma intervenção militar no Brasil. O nome evidencia a centralidade desse discurso dentro da categoria, deixando claro que o grupo se posicionava ativamente na tentativa de mobilizar apoiadores para pressionar as Forças Armadas a tomarem o poder.

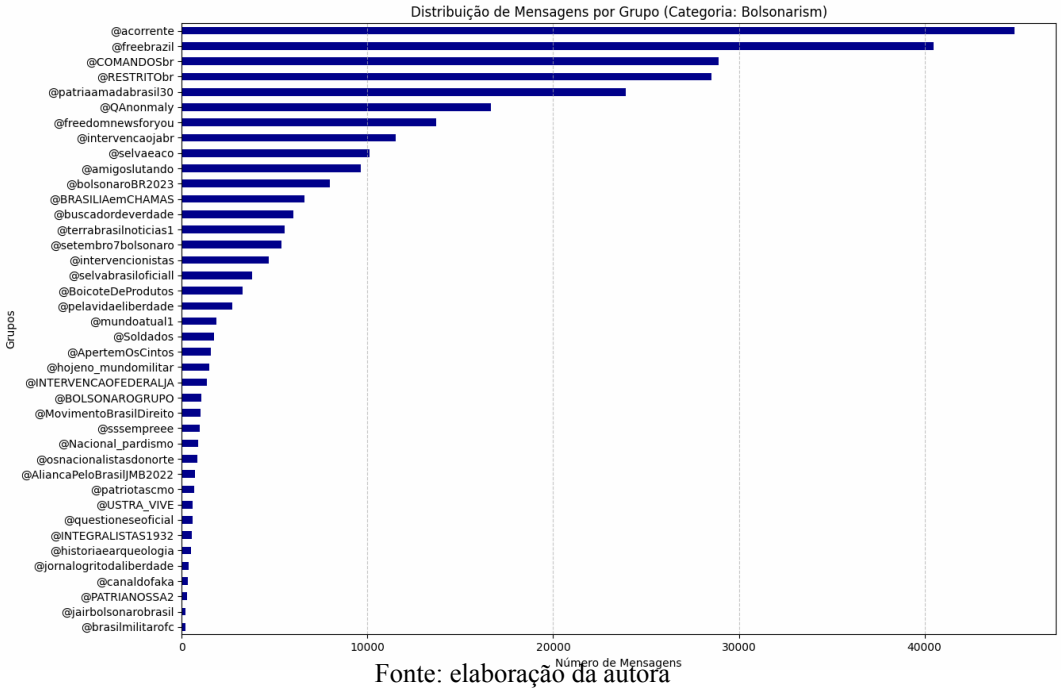
Grupos como @COMANDOSbr e @RESTRITOBr carregam uma forte carga simbólica ligada à ideia de operações táticas e exclusividade. O uso de termos como "comandos" e "restrito" evoca a ideia de grupos de elite, possivelmente indicando que esses espaços se viam como seleções mais organizadas e estruturadas dentro da militância bolsonarista. Essa nomenclatura pode sugerir uma tentativa de diferenciação em relação a outros espaços mais abertos, criando uma identidade de "missão" ou "ação coordenada".

Por outro lado, @freebrazil e @patriaamadabrasil30 trazem um apelo diretamente vinculado ao nacionalismo e à retórica bolsonarista. "Pátria Amada Brasil" era o slogan oficial do governo Bolsonaro, além de ser um trecho do Hino Nacional Brasileiro. O uso desse termo no nome do grupo reforça a identificação com o governo anterior e a defesa de sua continuidade. Já o termo "free" em @freebrazil remete à ideia de libertação, um conceito recorrente em discursos da extrema-direita, onde o país é retratado como supostamente oprimido por inimigos internos e externos. No geral, a nomenclatura desses grupos sugere um alinhamento ideológico e também uma tentativa de construção de identidade e engajamento. O uso de referências militares, conspiratórias e nacionalistas sugere que esses espaços funcionavam como células de mobilização estratégica, atuando na radicalização do discurso e na propagação da retórica golpista.

1.4 A “VOZ” DOS GRUPOS: COMANDOS EM AÇÃO

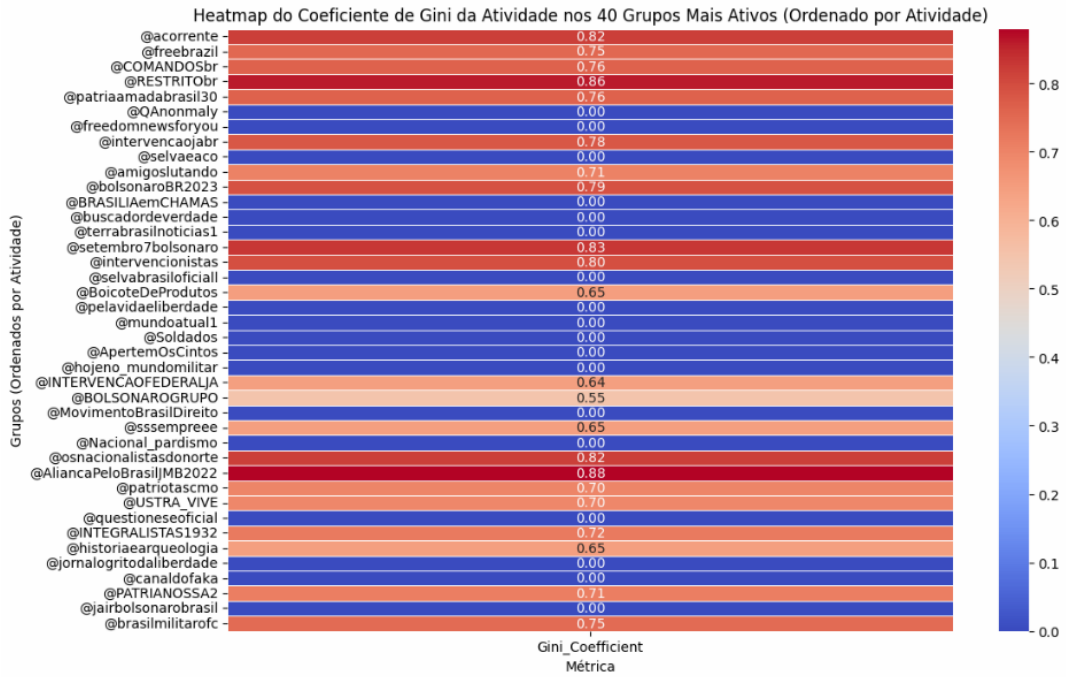
No entanto, o nome ou a quantidade de mensagens publicadas por grupo não contam toda a história sobre a dinâmica desses espaços. Para compreender melhor a dinâmica de atividade dentro de cada grupo, é essencial analisar tanto o volume de postagens quanto a distribuição da participação entre os membros. Em algumas comunidades, poucos usuários podem ser responsáveis pela maioria das postagens, enquanto em outras, a participação tende a ser mais equilibrada. A dupla de gráficos abaixo nos ajuda a compreender melhor como se dá essa dinâmica.

Figura 43 - Distribuição de mensagens por grupo na categoria Bolsonarism



Fonte: elaboração da autora

Figura 44 - Mapa de calor de atividade dos 40 grupos mais ativos na categoria Bolsonarism



Fonte: elaboração da autora

O primeiro gráfico acima apresenta a distribuição do número de mensagens por grupo, destacando quais grupos da categoria *Bolsonarism* possuem maior volume de interações. Grupos como @acorrente, @freebrazil, @COMANDOSbr e @RESTRITObr aparecem no topo da lista, indicando que são altamente ativos em termos de produção de conteúdo. Já o segundo gráfico exibe um mapa de calor que leva em consideração o Coeficiente de Gini da atividade dos usuários nos 40 grupos mais ativos. Ele permite entender como essa atividade está distribuída dentro de cada grupo. O Coeficiente de Gini varia de 0 a 1, onde valores mais baixos (em azul) indicam distribuição mais equilibrada da participação entre os membros, enquanto valores mais altos (em vermelho) sugerem que poucos indivíduos dominam as postagens no grupo.

Explicando melhor, o coeficiente de Gini é uma métrica amplamente utilizada para medir a desigualdade de distribuição, sendo aplicada com frequência em estudos econômicos para avaliar a concentração de renda (Santos; Dias, 2024; IPECE, 2015).

> Uma das principais vantagens do coeficiente de GINI é que ele é uma medida de desigualdade calculada por meio de uma análise de razão, ao invés de uma variável representativa da maioria da população, tais como renda per capita ou do produto interno bruto. [...] É um índice suficientemente simples e facilmente interpretado, especialmente quando comparações são feitas entre países. Por ser simples, ele permite também uma comparação da desigualdade entre economias através do tempo (IPECE, 2015, p. 7).

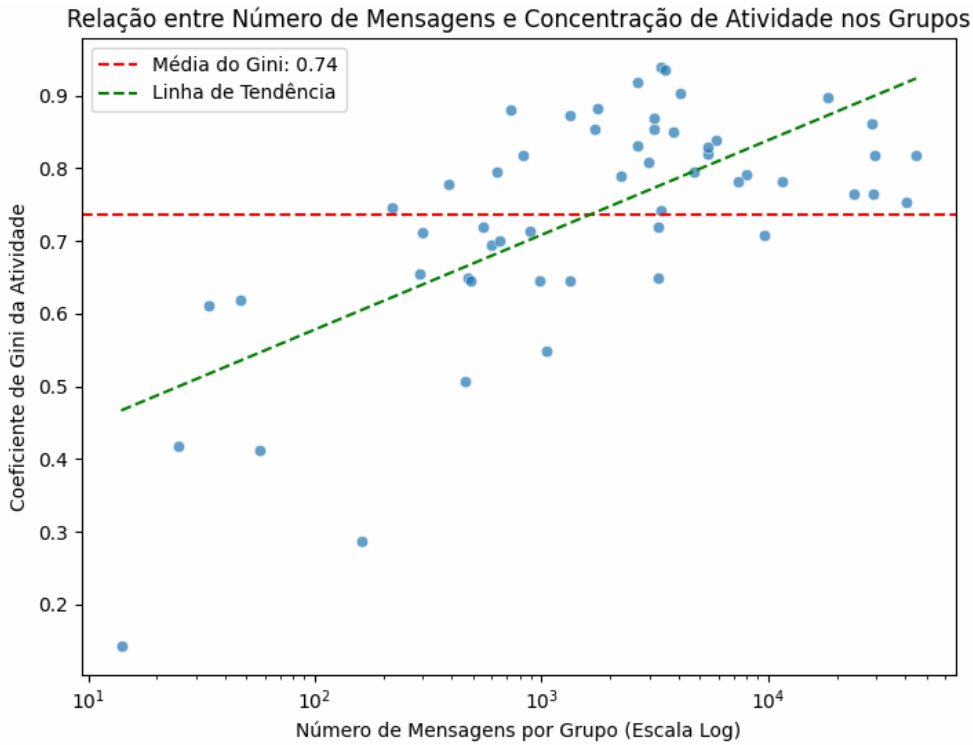
No entanto, esse conceito também pode ser útil para analisar a distribuição da atividade em grupos digitais, como no gráfico apresentado. Aqui, o Coeficiente de Gini indica

o grau de concentração da participação dos usuários nos 40 grupos mais ativos, permitindo identificar se a atividade é mais distribuída entre vários membros ou se está centralizada em poucos indivíduos. Entre os grupos com alta concentração de atividade (Gini acima de 0.75), destacam-se @RESTRITObr, @AliançaPeloBrasilMB2022, @corrente e @setembro7bolsonaro. Esses grupos apresentam um padrão no qual poucos usuários dominam as interações, o que pode indicar a presença de figuras influentes, administradores ativos ou até mesmo bots que centralizam a disseminação de conteúdo. Em contrapartida, grupos como @freedomnewsforyou, @terrasbrasilnoticias1, @soldados e @canaldofaka exibem valores de Gini próximos de 0, sugerindo que a atividade é distribuída de forma mais equitativa, sem uma concentração excessiva em determinados participantes. Já os grupos com valores intermediários, como @BOLSONAROGRUPO e @patriotascom, apresentam uma desigualdade moderada, na qual a concentração da atividade existe, mas ainda permite a participação mais ampla de diferentes usuários.

Portanto, pode-se inferir da combinação dos gráficos acima que a maioria dos grupos mais ativos analisados nessa pesquisa tem uma alta concentração de vozes. Ou seja, esses grupos são altamente centralizados, onde um pequeno grupo de usuários domina as interações e a produção de conteúdo. Isso significa que, em vez de serem espaços de troca mais aberta e descentralizada, esses grupos funcionam como verdadeiros polos de influência, onde algumas poucas vozes ditam o ritmo das discussões e a circulação de narrativas.

Para aprofundar ainda mais essa análise, elaborou-se um gráfico de dispersão que ilustra a relação entre o número de mensagens por grupo e o Coeficiente de Gini da atividade. A visualização abaixo considera todos os grupos de todas as categorias. A linha de tendência sugere que, à medida que o número de mensagens cresce, também aumenta o Coeficiente de Gini, indicando que os grupos mais ativos tendem a ser mais centralizados não apenas em *Bolsonarism*, mas em todos os grupos estudados.

Figura 45 - Gráfico de dispersão: número de mensagens x concentração de atividade



Fonte: elaboração da autora

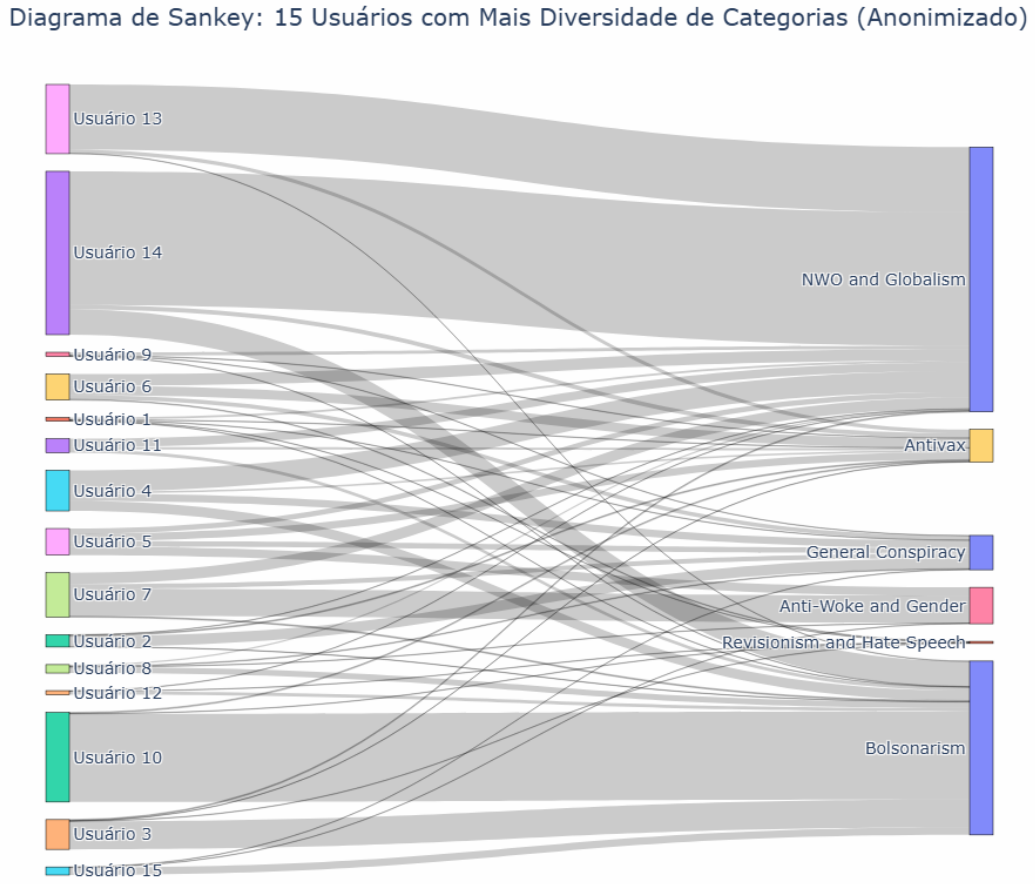
A média do Gini, representada pela linha vermelha em 0.74, reforça esse padrão de concentração, demonstrando que a maioria dos grupos analisados apresenta um nível significativo de desigualdade na participação. Isso significa que, na prática, enquanto alguns membros são altamente engajados na produção de conteúdo, a maioria dos participantes atua de forma mais passiva, consumindo as informações sem contribuir ativamente para as discussões. No entanto, é possível notar que a dispersão dos pontos no gráfico mostra que essa não é uma regra absoluta: alguns grupos com volume elevado de mensagens apresentam um Gini abaixo da média, sugerindo uma distribuição mais equilibrada da participação, enquanto outros, mesmo com menos postagens, exibem muita concentração da atividade. Mas fato é que a tendência geral indica que a atividade nos grupos analisados não é distribuída de forma homogênea entre os participantes.

1.5 VARIAÇÃO DE ATIVIDADE ENTRE CATEGORIAS

Além da centralização da atividade dentro dos grupos, outro aspecto relevante para compreender a dinâmica do ecossistema analisado é a circulação dos usuários entre diferentes categorias. Vale ressaltar que essas categorias são divisões analíticas criadas para organizar e interpretar os dados, mas elas não devem ser vistas como compartimentos rígidos e isolados. Na prática, os limites entre elas são fluidos. É muito comum que usuários transitem por

múltiplos espaços, interagindo com conteúdo de diferentes naturezas. Uma forma possível de mostrar essa sobreposição e interconexão entre categorias é analisar o comportamento dos usuários que participam ativamente de mais de um tipo de grupo. O gráfico abaixo, um diagrama de Sankey, ilustra essa dinâmica ao destacar os 15 usuários com maior diversidade de participação, permitindo visualizar como narrativas e conteúdos podem circular entre categorias distintas.

Figura 46 - Participação de usuários entre categorias



Fonte: elaboração da autora

O gráfico acima pode parecer visualmente confuso e caótico à primeira vista. E, de fato, é. Essa sensação de desorganização é intencional. Visualizar essa complexidade é importante para refletir sobre a fluidez com que os usuários transitam entre categorias, desfazendo qualquer impressão de segmentação rígida. Em vez de categorias fechadas e isoladas, observa-se um ecossistema altamente interconectado, onde certos indivíduos atuam como pontes entre diferentes espaços. Assim, em vez de interpretar as categorias como esferas distintas, o gráfico reforça a necessidade de enxergá-las como partes de um sistema dinâmico,

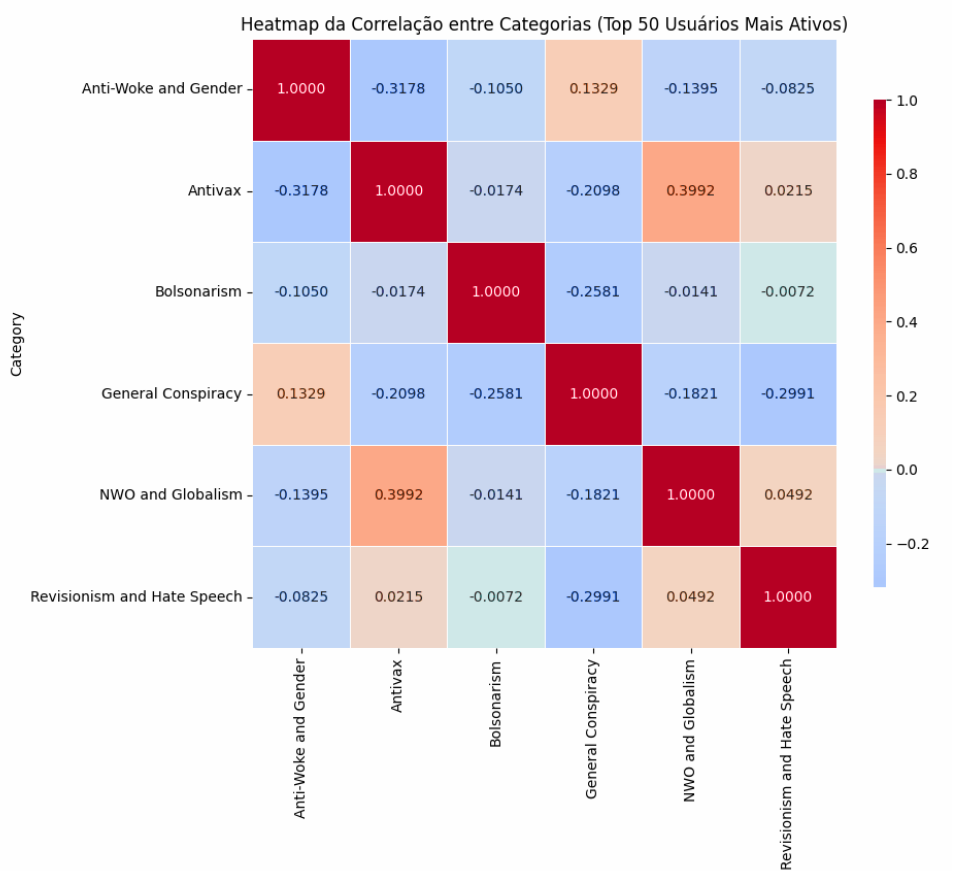
onde interações e influências se espalham por meio da participação cruzada de determinados atores.

A bifurcação que se forma a partir do nome de cada usuário indica que a maioria deles não está restrita a uma única categoria, mas sim distribuída entre múltiplas temáticas. Além disso, a variação na espessura das conexões reforça que alguns indivíduos possuem uma participação mais equilibrada entre várias categorias, enquanto outros têm um foco maior em determinadas temáticas, mas sem deixar de interagir com outros grupos. No entanto, mesmo dentro dessa dinâmica, é possível identificar uma concentração temática entre os usuários mais ativos. É possível notar que sempre há a predominância de um fluxo mais espesso. Isso sugere que, embora a movimentação entre categorias seja comum, há uma tendência de preferência temática e que se desdobra em outras três ou quatro categorias.

De qualquer forma, o gráfico revela a presença de alguns indivíduos que interagiram com todas as categorias, atuando como vetores de disseminação entre diferentes núcleos discursivos. Portanto, em vez de interpretar as categorias como esferas distintas, o gráfico reforça a necessidade de enxergá-las como partes de um sistema dinâmico, onde interações e influências se espalham por meio da participação cruzada de determinados atores.

Contudo, se por um lado o Diagrama de Sankey evidencia o fluxo dos usuários entre categorias, por outro, ele não diz muito sobre a intensidade dessas relações. Para compreender melhor como as categorias se conectam entre si, é necessário observar os padrões de correlação entre elas. O mapa de calor abaixo fornece essa visão ao medir o grau de associação entre as diferentes categorias com base na participação dos 50 usuários mais ativos.

Figura 47 - Mapa de calor da relação entre categorias



Fonte: elaboração da autora

A escolha de analisar os 50 usuários mais ativos foi estratégica para garantir uma avaliação mais precisa das interações entre grupos. Se a amostra fosse muito maior, incluiria usuários que participam menos, diluindo as conexões e tornando as relações entre categorias mais fracas e difusas. Por outro lado, um muito pequeno de usuários poderia limitar a identificação de padrões relevantes, gerando um viés que corromperia a amostra. Dessa forma, o recorte de 50 usuários se mostrou como o ponto ótimo para a observação de como os indivíduos mais influentes transitam entre diferentes narrativas, revelando padrões mais claros de interconectividade entre categorias.

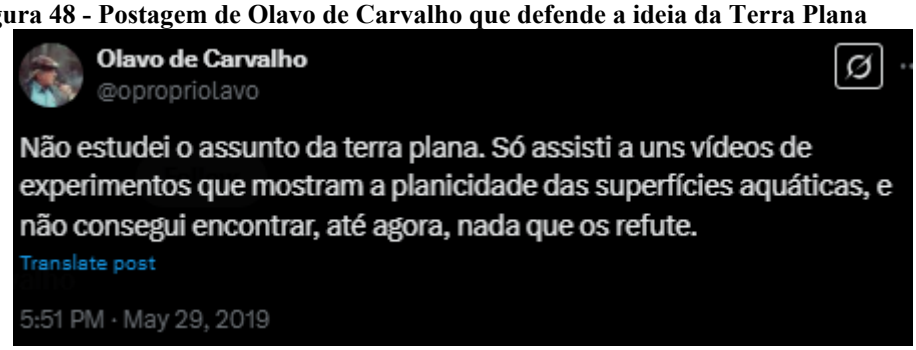
Neste sentido, o mapa de calor acima demonstrado evidencia a relação entre diferentes categorias de desinformação com base nos 50 usuários mais ativos que interagem em múltiplos temas. Os resultados indicam que há correspondências importantes entre algumas categorias, como *NWO and Globalism* e *Antivax* (0.3992), sugerindo que narrativas antivacina são frequentemente vinculadas a teorias de conspiração sobre controle global, o que corrobora com a experiência da pesquisadora enquanto observadora desses tipos de grupos. No ambiente conspiratório, a vacina não é apenas um tema isolado, mas sim uma peça fundamental dentro de um discurso mais amplo sobre controle populacional, manipulação governamental e perda

de soberania. Dentro dessas comunidades, a desconfiança em relação à vacinação frequentemente se entrelaça com teorias sobre a Nova Ordem Mundial, retratando medidas sanitárias como estratégias de dominação global.

Além disso, *General Conspiracy* apresenta relação positiva com *Anti-Woke and Gender* (0.1329), reforçando a conexão entre discursos conspiratórios e ataques a pautas identitárias. Por outro lado, algumas correlações negativas se destacam, como *Antivax* e *Anti-Woke and Gender* (-0.3178), indicando que a desinformação sobre vacinas pode estar sendo impulsionada por grupos distintos daqueles que promovem pautas *redpill*, por exemplo.

Da mesma forma, a correlação negativa entre *Bolsonarism* e *General Conspiracy* (-0.2581) sugere que o bolsonarismo pode estar mais segmentado e não necessariamente associado ao conspiracionismo mais amplo. Embora empiricamente se observe que algumas pautas bolsonaristas se cruzam com teorias conspiratórias – como no caso do terraplanismo, que teve alguma visibilidade dentro do espectro bolsonarista – essa vinculação pode ser mais circunstancial do que estrutural. Um exemplo disso é o posicionamento de Olavo de Carvalho, uma figura central para a ideologia bolsonarista, que publicamente endossou o terraplanismo em algumas ocasiões, dando margem para que essa teoria ganhasse algum espaço entre seus seguidores. Como quer a postagem abaixo:

Figura 48 - Postagem de Olavo de Carvalho que defende a ideia da Terra Plana



Fonte: captura de tela do perfil de Olavo de Carvalho na plataforma X (antigo Twitter)[103]

No entanto, a correlação negativa entre as categorias sugere que esse tipo de relação não se traduz necessariamente em uma sobreposição significativa entre os públicos mais ativos, reforçando a hipótese de que, dentro do ecossistema analisado, o bolsonarismo opera de maneira relativamente independente de um conspiracionismo mais abrangente.

Aliás, uma análise crítica do mapa de calor revela que *Bolsonarism* é a única categoria que não apresenta um vínculo estatisticamente evidente com nenhuma outra, sugerindo que,

[103] Disponível em https://x.com/opropriolavo/status/1133838337570217984 Acessado em: 03 mar. 2025.

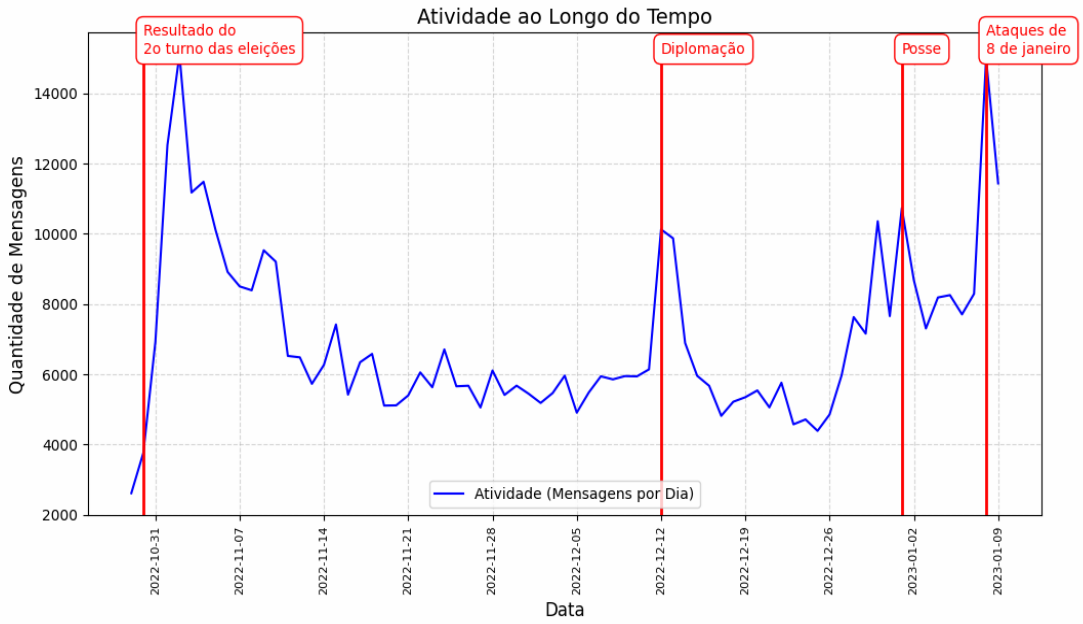
em termos de participação dos usuários mais ativos, essa categoria opera de maneira relativamente independente dentro do ecossistema analisado. No entanto, essa aparente segmentação não significa que o bolsonarismo não se aproprie de estratégias e conteúdo de outras temáticas conspiratórias. Pelo contrário, empiricamente é possível observar que narrativas típicas de grupos antivacina, revisionistas ou adeptos da Nova Ordem Mundial são frequentemente mobilizadas dentro do discurso bolsonarista. O que o mapa de calor indica, no entanto, é que essa apropriação pode ocorrer de forma assimétrica, ou seja, enquanto o bolsonarismo se beneficia dessas narrativas, seus usuários mais ativos não necessariamente transitam entre esses espaços, o que reforça a hipótese de que a circulação de conteúdo dentro dessa categoria se dá de maneira mais organizada e centralizada.

1.6 ANÁLISES TEMPORAIS

A análise quantitativa permite mapear diversas características estruturais dos grupos analisados, revelando padrões de interação, concentração de atividade e indica um possível padrão para a circulação de narrativas. No entanto, essa investigação não pode, em hipótese alguma, ser dissociada do contexto político que deu origem e sustentação a essas dinâmicas. O período analisado é diretamente marcado pelo resultado das eleições presidenciais de 2022 e pelo intenso ciclo de mobilização digital que culminou nos ataques de 8 de janeiro de 2023.

Nos capítulos anteriores, discutiu-se amplamente o papel das redes sociais e dos aplicativos de mensagens na disseminação da desinformação e na sua utilização como ferramenta de mobilização política e ideológica. Aqui, busca-se demonstrar como essa dinâmica se manifestou dentro da janela de análise da pesquisa, mostrando como a atividade nos grupos analisados acompanhou os desdobramentos políticos do período. O gráfico a seguir ilustra essa relação ao apresentar a evolução temporal da atividade nos grupos investigados. Nele, observa-se que momentos-chave, como o segundo turno das eleições, a diplomação do presidente eleito, a posse e os ataques de 8 de janeiro, correspondem a picos significativos no volume de mensagens:

Figura 49 - Variação de atividade ao longo do tempo



Fonte: elaboração da autora

O primeiro e mais expressivo pico ocorre logo após o resultado do segundo turno das eleições, em 30 de outubro de 2022, quando a quantidade de mensagens dispara, refletindo a reação inicial e a intensa mobilização digital em torno da contestação do pleito. Para ser mais precisa, o pico máximo ocorre no dia 2 de novembro de 2022, o início dos acampamentos bolsonaristas na porta dos quartéis[104]. Vale lembrar que, conforme apontado no relatório da Polícia Federal que indica Bolsonaro e outros 36 integrantes de seu governo por tentativa de golpe de Estado, o dia 1º de novembro foi marcado por uma intensa mobilização para tentar encontrar indícios de fraude nas urnas eletrônicas. Ao longo do período pós-eleitoral, aliados de Bolsonaro e integrantes das Forças Armadas vinculados ao governo realizaram diversas análises no código-fonte das urnas, mas, ao final, reconheceram que não encontraram qualquer irregularidade. No entanto, mesmo sem evidências concretas, foram responsáveis por alimentar narrativas desinformativas em mídias de extrema-direita e em grupos como os do Telegram, disseminando a falsa ideia de que haviam identificado falhas no sistema eleitoral, reforçando assim o discurso conspiratório que embasou as manifestações golpistas (BRASIL, 2024).

Após essa explosão inicial no início do mês novembro, há uma queda progressiva na atividade, seguida por um novo aumento significativo próximo à diplomação de Lula, em dezembro, indicando uma nova onda de contestação. Esse padrão se repete na posse

[104] Como visto na reportagem: “Prints, fotos e vídeos: veja a cronologia da tentativa de golpe de Estado”, do G1. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/23/prints-fotos-e-videos-veja-a-cronologia-da-tentativa-de-golpe-de-estado.ghtml. Acesso: 09 mar 2025.

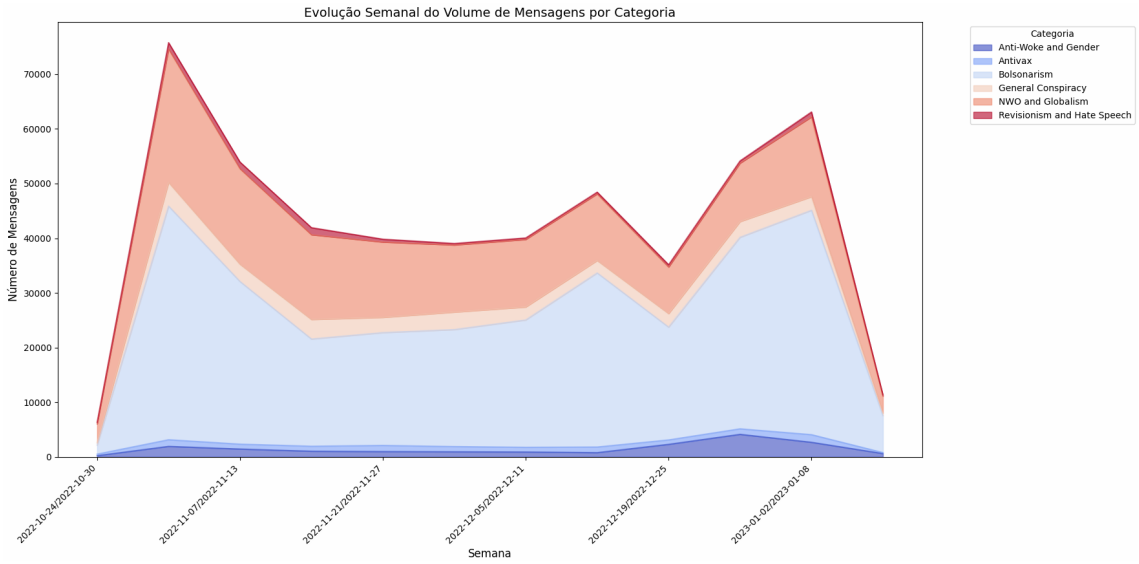
presidencial, em janeiro, quando a atividade volta a crescer, sugerindo que os grupos analisados acompanharam de perto a transição do governo. O último e mais alarmante pico ocorre nos dias que antecedem e sucedem os ataques de 8 de janeiro, consolidando a relação entre a escalada do engajamento nos grupos.

Portanto, a partir dos picos identificados no gráfico, optou-se por estabelecer recortes temporais estratégicos para aprofundar a análise das mensagens mais compartilhadas. A escolha desses períodos permite examinar de que forma os grupos analisados reagiram a eventos políticos cruciais e quais narrativas ganharam maior alcance em cada momento. Para isso, a investigação se desdobra em dois eixos: um focado exclusivamente na categoria *Bolsonarism*, dado seu papel central na mobilização digital registrada, e outro que considera todas as demais categorias em conjunto.

Essa decisão se deu porque, ao observar a evolução do volume de mensagens por categoria ao longo do tempo, percebe-se que *Bolsonarism* domina amplamente a atividade dos grupos analisados, concentrando a maior parte das interações em praticamente todos os períodos. O gráfico a seguir evidencia essa dinâmica, mostrando que os picos de mobilização digital são impulsionados, em grande medida, pelos grupos bolsonaristas, enquanto as demais categorias desempenham papéis complementares, mas em menor escala. Para interpretar corretamente esse gráfico de volume, é essencial observar a proporção que cada categoria ocupa em relação ao total de mensagens.

A área azul clara, predominante ao longo de todo o período analisado, representa o volume de mensagens da categoria *Bolsonarism*, deixando claro que essa categoria concentra a maior parte da atividade. Já as outras categorias aparecem como camadas mais finas sobrepostas ao fundo azul, indicando que, apesar de sua presença, elas representam uma fração relativamente pequena do total de mensagens trocadas.

Figura 50 - Evolução de mensagens por categoria



Fonte: elaboração da autora

A fina camada vermelha no topo da visualização, por exemplo, corresponde à categoria *Revisionism and Hate Speech* representa apenas uma pequena fração do total, proporcional ao volume restante do gráfico. Da mesma forma, as faixas em bege e rosa, que indicam categorias como *General Conspiracy* e *NWO and Globalism*, mostram que esses discursos coexistem no ecossistema analisado, mas sem atingir a mesma escala de mobilização dos grupos bolsonaristas.

Além disso, nota-se que os momentos de maior volume de mensagens coincidem com os eventos políticos já destacados, reforçando a hipótese de que a atividade nesses espaços é altamente reativa a acontecimentos externos. Esse padrão justifica a separação entre a análise exclusiva do *Bolsonarism*, que apresenta um comportamento predominante na estrutura de interação, e a análise conjunta das outras categorias, permitindo compreender como diferentes discursos conspiratórios e temáticos se articulam e se sobrepõem nesses períodos de mobilização intensa.

Diante disso, foram estabelecidos recortes temporais para investigar mais detalhadamente as mensagens mais compartilhadas nesses períodos críticos. Com isso, espera-se compreender quais narrativas foram amplificadas em cada fase e como os discursos conspiratórios e políticos se articularam ao longo do tempo. O primeiro recorte, de 30/10/2022 a 02/11/2022, abrange o impacto imediato do resultado do segundo turno das eleições, quando a atividade nos grupos atingiu seu maior pico, refletindo a explosão de conteúdos contestatórios e as primeiras reações à vitória de Lula.

O segundo recorte destaca o dia 12/12/2022: a diplomação de Lula, que marca um momento em que a atividade nos grupos voltou a crescer, possivelmente impulsionada pela

reafirmação de discursos de fraude e ilegitimidade do novo governo. O terceiro recorte, de 31/12/2022 e 01/01/2023, concentra-se na posse presidencial, um evento que gerou intensa movimentação nos grupos analisados, sugerindo reorganização discursiva e novas estratégias de mobilização. O quarto recorte, de 06/01/2023 a 08/01/2023, foca na repercussão dos ataques de 8 de janeiro, período em que a atividade digital atingiu outro pico expressivo, evidenciando a circulação de conteúdos legitimadores e reativos ao atentado contra as sedes dos Três Poderes.

1.9.4 Resultado do Segundo Turno das Eleições

O segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022 representou um dos momentos mais polarizados da história política recente do país. A disputa entre Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro foi marcada por um ambiente de intensa rivalidade, alimentado por um discurso altamente confrontacional. A campanha eleitoral de Bolsonaro foi permeada por desinformação, acusações de fraude e mobilizações digitais sem precedentes (Machado, 2024). Além disso, Bolsonaro e sua coligação foram multados pelo TSE por veicularem propaganda eleitoral irregular na internet durante as eleições de 2022 (TSE, 2023). A campanha do então presidente utilizou conteúdo antigo de fake news sobre o "kit gay", já classificado como desinformação em pleitos anteriores, para atacar o Partido dos Trabalhadores (PT)

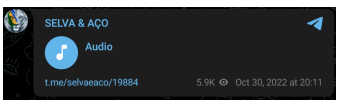
Desde o início da corrida eleitoral, Bolsonaro e seus aliados buscaram construir uma narrativa de desconfiança no sistema eleitoral brasileiro, questionando a lisura das urnas eletrônicas e insinuando, sem provas, que haveria risco de manipulação dos resultados. Esse discurso encontrou forte ressonância entre seus apoiadores, que, ao longo de toda a campanha, impulsionaram mensagens reforçando a tese de que uma possível derrota seria fruto de um complô das instituições democráticas contra Bolsonaro e seus eleitores (Cesarino, 2019; Kalil, 2022).

O segundo turno, realizado em 30 de outubro de 2022, consolidou essa polarização, com Lula vencendo a eleição com 50,9% dos votos válidos, contra 49,1% de Bolsonaro (BRASIL, 2022). O resultado apertado intensificou as tensões, levando à eclosão de protestos e mobilizações digitais entre os apoiadores do então presidente, que se recusaram a aceitar a derrota e passaram a articular uma campanha de contestação dos resultados.

5.4.1.1 30 de outubro de 2022

O impacto imediato do anúncio da vitória de Lula pode ser observado na circulação de mensagens nos grupos bolsonaristas, que passaram de uma fase de exaltação e esperança antes do pleito para um tom de contestação e resistência logo após a divulgação dos resultados. A tabela abaixo apresenta as mensagens mais compartilhadas na categoria Bolsonarism durante esse período, destacando como as narrativas se transformaram ao longo do dia 30 de outubro de 2022.

Tabela 4 - Mensagens mais compartilhadas em 30/10/2022 - Categoria Bolsonarism

30/10/2022 - CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Arquivo PDF com uma carta de intenções de Bolsonaro para o seu próximo mandato, que inclui redução da maioridade penal, excludente de ilicitude para policiais e economia baseada no livre mercado. (Antes do resultado do segundo turno)	3544	3,2 milhões	Clique aqui
2		Vídeo que anuncia a carta de intenções e exalta a eleição de um congresso mais conservador que preza por "Deus, Pátria, Família e Liberdade". (Antes do resultado do segundo turno)	2478	3,1 milhões	Clique aqui
3		Imagem com a legenda: "ATENÇÃO! Segundo o site Kaspersky, empresa especializada em cibersegurança, está ocorrendo um grande volume de tentativas e de ataques aos sistemas brasileiros vindas diretamente dos Estados Unidos. COMPARTILHE !!!" (Após o resultado do segundo turno)	847	49153	Clique aqui
4		Imagem de Bolsonaro e Trump com a legenda: "'Às vezes… perdendo uma batalha, você encontra uma maneira de vencer a guerra.' Donald Trump". Aconteça o que acontecer… Fiquem Firmes e Fortes… DEUS Escreve Certo por linhas tortas. (Após o resultado do segundo turno)	302	25880	Clique aqui
5		Áudio sem autoria definida que pede para as pessoas ficarem tranquilas e aguardarem porque a derrota nas urnas faz parte do plano e que haverá muitas prisões "dos ratos" nos dias seguintes e que tudo faz parte de um plano de Bolsonaro (Após o resultado do segundo turno)	209	18490	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

A análise da tabela evidencia uma mudança significativa na natureza dos conteúdos mais amplamente compartilhados antes e depois do resultado do segundo turno das eleições de 2022. Antes do anúncio oficial da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, os conteúdos mais

visualizados nos grupos bolsonaristas provinham diretamente do canal oficial de Bolsonaro, com mensagens que reforçavam a continuidade do governo e exaltavam um futuro segundo mandato. Os dois conteúdos de maior alcance – um PDF com uma carta de intenções de Bolsonaro (3,2 milhões de visualizações) e um vídeo exaltando a eleição de um Congresso conservador (3,1 milhões de visualizações) – demonstram a tentativa de conquistar apoio e mobilizar a base bolsonarista com promessas de campanha alinhadas à retórica tradicional do ex-presidente: endurecimento de políticas de segurança pública, flexibilização da economia e reforço de valores religiosos e nacionalistas.

No entanto, imediatamente após a divulgação dos resultados, observa-se uma mudança brusca na estratégia discursiva. A narrativa otimista e propositiva dá lugar a um tom de desconfiança e resistência, com mensagens que questionam a lisura das eleições e introduzem a ideia de um plano silencioso em andamento. O primeiro sinal dessa transição aparece na terceira mensagem mais compartilhada, uma imagem alegando que ataques cibernéticos contra o sistema eleitoral brasileiro estariam vindo dos Estados Unidos. Embora sem provas, a postagem sugere uma interferência externa no resultado das eleições, incentivando a disseminação da ideia de que o processo eleitoral teria sido manipulado.

Curiosamente, logo em seguida, surge uma aparente contradição narrativa. A quarta mensagem compartilhada traz uma imagem de Bolsonaro ao lado de Donald Trump, acompanhada da frase: "Às vezes… perdendo uma batalha, você encontra uma maneira de vencer a guerra". A postagem sugere um reconhecimento implícito da derrota, algo que contrasta com a ideia de fraude e contestação absoluta dos resultados. Além disso, essa publicação insere uma ambiguidade na própria construção dos inimigos e aliados dentro da retórica bolsonarista: enquanto a terceira mensagem insinua que os Estados Unidos seriam agentes de um ataque cibernético contra o Brasil, a quarta reafirma a proximidade e a identificação com a liderança republicana americana, sugerindo que a derrota eleitoral pode ser apenas um revés temporário dentro de um contexto de luta mais ampla. Esse movimento levanta a questão: os Estados Unidos seriam inimigos ou aliados? A contradição sugere uma narrativa reativa e pouco coesa na resposta imediata à derrota, oscilando entre a rejeição do resultado e a tentativa de ressignificação da perda dentro de uma lógica de resistência.

Essa oscilação se intensifica na última mensagem compartilhada, um áudio anônimo que pede calma aos apoiadores, alegando que a derrota nas urnas fazia parte de um plano silencioso de Bolsonaro, que supostamente levaria à prisão de opositores nos dias seguintes. Diferentemente das mensagens anteriores, que variavam entre a contestação da lisura do

pleito e a resignação perante a derrota, essa mensagem introduz explicitamente uma nova narrativa, germinada a partir do imaginário conspiratório: a ideia de que a derrota não era real, mas sim um passo calculado dentro de uma estratégia maior.

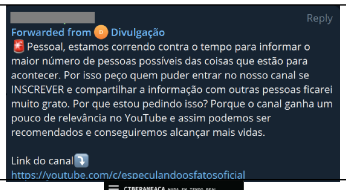
O conteúdo do áudio reforça a necessidade de esperar e confiar em uma reviravolta iminente, garantindo que tudo estaria "sob controle". Essa estrutura narrativa é característica de inúmeras teorias conspiratórias que procuram transformar derrotas políticas em etapas planejadas de um processo secreto, postergando indefinidamente a aceitação da realidade eleitoral e já havia sido observada em outras lideranças populistas de extrema direita, como Donald Trump, cujo movimento também propagou, sem evidências, a ideia de que sua derrota nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2020 foi resultado de manipulação (Reuters, 2021).

A referência a um plano secreto de Bolsonaro serviu como uma ferramenta discursiva para manter a base mobilizada e evitar um esvaziamento do movimento logo após a derrota. Além disso, essa narrativa desloca a responsabilidade da ação política para um nível oculto e inatingível, fazendo com que os apoiadores não precisassem tomar medidas imediatas, além de permanecerem vigilantes e confiantes. Assim, essa estratégia discursiva servia a dois propósitos principais: evitar o desânimo e a desmobilização do grupo, garantindo que seus membros continuassem engajados, e manter a incerteza viva, postergando qualquer reconhecimento da vitória de Lula e alimentando a crença de que a reviravolta ainda poderia ocorrer.

Portanto, a inclusão desse áudio entre os conteúdos mais compartilhados logo após o anúncio do resultado eleitoral demonstra que, para além da contestação da lisura das eleições, já havia um esforço de adaptação discursiva, que buscava manter a coesão do grupo, oferecendo aos apoiadores uma explicação que evitasse frustrações e reforçasse a necessidade de permanecerem engajados.

Tabela 5 - Mensagens mais compartilhadas em 30/10/2022 - Outras categorias

30/10/2022 - OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Arquivo PDF com uma carta de intenções de Bolsonaro para o seu próximo mandato, que inclui redução da maioridade penal, excludente de ilicitude para policiais e economia baseada no livre mercado. (Antes do resultado do segundo turno)	3540	3,2 milhões	Clique aqui
2		Vídeo em inglês que diz comprovar que um instituto de pesquisa estadunidense (HAARP) está saturando a atmosfera com partículas de metal	1987	85186	Clique aqui

		para aumentar a condutividade. A legenda diz: “HAARP being used to accelerate the climate change agenda.” (Antes do resultado do segundo turno)			
3		Vídeo em inglês retirado de um documentário da BBC que discute a hesitação vacinal. A legenda diz: “What Did We Get So Wrong? People Still Don't Want To Take The Gene Shot” (Antes do resultado do segundo turno)	1413	85436	Clique aqui
4		Mensagem que convida à inscrição no canal de Youtube Especulando Fatos Original (Antes do resultado do segundo turno)	1242	542632	Clique aqui
5		Imagem com a legenda: “ATENÇÃO! Segundo o site Kaspersky, empresa especializada em cibersegurança, está ocorrendo um grande volume de tentativas e de ataques aos sistemas brasileiros vindas diretamente dos Estados Unidos. COMPARTILHE !!!” (Após o resultado do segundo turno)	847	49153	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

A análise da tabela das outras categorias revela um padrão de certa forma diferente daquele observado nos grupos bolsonaristas, mas que, em determinado momento, converge para uma mesma narrativa. Antes do anúncio oficial do resultado do segundo turno, os conteúdos mais compartilhados nesses grupos não estavam centralizados no processo eleitoral, mas sim em temáticas conspiratórias já recorrentes nesses espaços, como teorias sobre manipulação climática, hesitação vacinal e desconfiança em instituições científicas e midiáticas.

Os dois conteúdos de maior alcance, no entanto, foram os mesmos, os mais compartilhados nos grupos bolsonaristas: o PDF com a carta de intenções de Bolsonaro e um vídeo sobre o HAARP, uma teoria da conspiração que alega que esse instituto de pesquisa climática norte-americano seria responsável pela manipulação do clima para promover uma agenda globalista. A presença desses temas indica que, antes mesmo da definição do pleito, as categorias de NWO and Globalism, Antivax e General Conspiracy mantinham seu foco nas narrativas que sempre circularam nesses espaços, sem que a disputa eleitoral fosse o único eixo de mobilização.

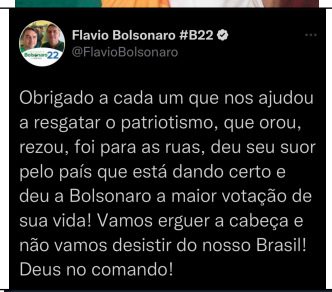
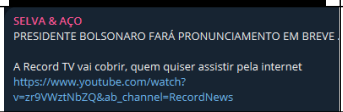
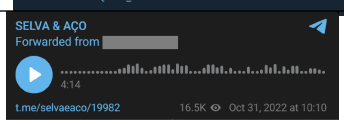
Contudo, logo após a divulgação dos resultados, ocorre um alinhamento discursivo com os grupos bolsonaristas. O quinto conteúdo mais compartilhado é exatamente o mesmo

que apareceu na tabela dos grupos bolsonaristas: a imagem alegando que o sistema eleitoral brasileiro estaria sofrendo tentativas de ataque cibernético vindas dos Estados Unidos. Essa repetição sugere que, mesmo dentro de comunidades cujas teorias conspiratórias orbitavam temas mais amplos, a narrativa de fraude eleitoral foi rapidamente absorvida e disseminada, conectando diferentes ecossistemas conspiratórios.

5.4.1.2 31 de outubro de 2022

A análise da tabela referente ao dia 31 de outubro de 2022, um dia após a derrota de Bolsonaro nas urnas, evidencia uma mudança na mobilização digital dentro dos grupos bolsonaristas. Se no dia 30 de outubro as postagens ainda alternavam entre a promoção do governo e as primeiras insinuações de fraude eleitoral, no dia seguinte a narrativa da resistência e da mobilização ganhou força, estruturando-se em torno de dois eixos principais: incentivo a protestos e reafirmação de um plano oculto.

Tabela 6 - Mensagens mais compartilhadas em 31/10/2022 - Categoria Bolsonarism

31/10/2022 - CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Vídeo de um homem falando que não aceita entregar Brasil para o comunismo e orientando as pessoas a entrarem em contato com caminhoneiros e amigos do agronegócio. Diz que seu recado deve reverberar pelo país inteiro. Legenda: "Este é o Dalçoquio que tem a maior frota de carretas do Brasil 🇧🇷 e mandou agora e pede pra compartilhar!!!!"	485	41212	Clique aqui
2		Foto do canal de Flávio Bolsonaro, com legenda: "Pai, estou contigo pro que der e vier!"	273	183093	Clique aqui
3		Captura de tela do Twitter de Flávio Bolsonaro.	264	174234	Clique aqui
4		Mensagem que avisa sobre o primeiro pronunciamento de Jair Bolsonaro após a derrota nas urnas.	257	20545	Clique aqui
5		Áudio sem autoria definida. Diz que a eleição foi uma batalha entre o bem e o mal. E pede para os 'soldados' não ficarem preocupados pois tudo (a derrota nas eleições) faz parte de um plano para deixar o "inimigo achar que	255	16540	Clique aqui

		venceu".				

Fonte: elaboração da autora

A análise da tabela referente ao dia 31 de outubro de 2022, um dia após a derrota de Bolsonaro nas urnas, mostra uma mudança na mobilização digital dentro dos grupos bolsonaristas. Se no dia 30 de outubro as postagens ainda alternavam entre a promoção do governo e as primeiras insinuações de fraude eleitoral, no dia seguinte a narrativa da resistência e da mobilização ganhou força, estruturando-se em torno de dois eixos principais: incentivo a protestos e reafirmação de um plano oculto.

O conteúdo mais compartilhado desse dia é um vídeo de um homem incentivando a reação contra o "comunismo" e chamando caminhoneiros e apoiadores do agronegócio para agir, indicando uma tentativa de transformar a indignação eleitoral em ação concreta nas ruas. Essa mensagem já antecipa o movimento de bloqueios de estradas que ocorreria nos dias seguintes, sugerindo que os grupos bolsonaristas estavam se articulando digitalmente para estimular formas de resistência contra o novo governo.

Além desse chamado à mobilização, a tabela mostra a forte presença de conteúdos ligados a Flávio Bolsonaro, que aparece em dois dos cinco conteúdos mais compartilhados, tanto por meio de uma foto com a legenda "Pai, estou contigo pro que der e vier!" quanto por uma captura de tela de seu perfil no Twitter. Essa visibilidade pode ser interpretada como uma tentativa de manter o engajamento da base bolsonarista na ausência imediata de um pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, que ainda não havia se manifestado publicamente sobre a derrota.

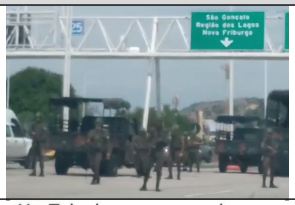
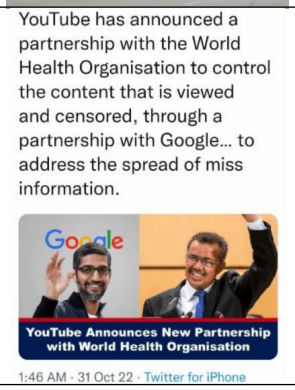
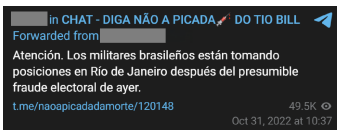
A quarta mensagem mais compartilhada reforça essa espera, ao anunciar o primeiro pronunciamento oficial de Bolsonaro, que só ocorreria no dia seguinte. Esse dado indica que, até então, a incerteza sobre como o ex-presidente lidaria com a derrota gerava expectativas dentro dos grupos bolsonaristas, o que explica a grande circulação de postagens relacionadas a Flávio Bolsonaro, filho do ex-presidente, que se tornou de certa forma um porta-voz do grupo.

Por fim, a última mensagem da tabela, um áudio anônimo, segue a mesma lógica de postergar a aceitação da derrota, ao afirmar que a eleição foi "uma batalha entre o bem e o mal" e que os apoiadores não deveriam se preocupar, pois a derrota fazia parte de um plano para deixar o inimigo achar que venceu. Essa narrativa reafirma o padrão já observado no dia anterior, no qual a rejeição do resultado eleitoral não se dá apenas por meio da contestação da

lisura do pleito, mas também pela introdução da ideia de uma estratégia secreta em andamento.

Já a análise das mensagens mais compartilhadas no dia 31 de outubro de 2022 nas outras categorias mostra que, embora esses grupos costumem orbitar diferentes temas conspiratórios, eles rapidamente assimilaram e amplificaram a contestação do resultado eleitoral, conectando a derrota de Bolsonaro a suas narrativas já estabelecidas.

Tabela 7 - Mensagens mais compartilhadas em 31/10/2022 - Outras categorias

31/10/2022 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Vídeo que mostra movimentação do Exército na ponte Rio-Niterói, no rio de Janeiro. Com a legenda em inglês: "Reports coming in that Brazilian Army are moving into the city areas near the Rio-Niteroi bridge, in Rio de Janeiro"	3104	186041	Clique aqui
2		Captura de tela de uma postagem no Twitter, que diz em inglês: "O YouTube anunciou uma parceria com a Organização Mundial de Saúde para controlar o conteúdo que é visto e censurado por meio de uma parceria com o Google... para combater o avanço da desinformação".	1330	93197	Clique aqui
3		Mensagem de texto que complementa o vídeo do Exército na ponte Rio-Niterói. A legenda em espanhol diz: "Atenção, os militares brasileiros estão tomando posição no Rio de Janeiro depois da provável fraude eleitoral de ontem".	653	49473	Clique aqui
4		Vídeo em que o presidente do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab fala sobre a importância de vacinar toda a população. A legenda diz, em inglês: "Se há uma lição que podemos tirar desta crise é que o Fórum Econômico Mundial deve ser fechado, todos os jovens líderes globais removidos do governo e Klaus Schwab trancado na prisão"	625	64492	Clique aqui
5		Vídeo de um homem falando que não aceita entregar Brasil para o comunismo e orientando as pessoas a entrarem em contato com caminhoneiros e amigos do agronegócio. Diz que seu recado deve reverberar pelo país inteiro. Legenda: "Este é o Dalçoquio que tem a maior frota de carretas do Brasil 🇧🇷 e mandou agora e pede pra compartilhar!!!!"	485	41209	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

O conteúdo mais compartilhado desse dia foi um vídeo que mostrava movimentação do Exército na Ponte Rio-Niterói, no Rio de Janeiro. A legenda, escrita em inglês, sugeria que as tropas estavam se deslocando para áreas urbanas. O terceiro conteúdo mais compartilhado, uma mensagem complementar ao vídeo, reforçava essa interpretação ao afirmar que os militares estavam "tomando posição no Rio de Janeiro depois da provável fraude eleitoral". Essas postagens indicam uma tentativa de interpretar a movimentação militar como um possível sinal de intervenção, encaixando a rejeição do resultado das eleições dentro da lógica conspiratória que já circulava nesses espaços.

No entanto, é fundamental explicar que o vídeo foi tirado de contexto. As imagens da blitz do Exército não são do dia 31 de outubro, mas do dia anterior, 30, data do segundo turno das eleições[105] (UOL, 2022). Nesse dia, diversas operações da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e do Exército foram realizadas, causando bloqueios e atrasos que afetaram a mobilidade em várias cidades do Brasil. Essas operações foram posteriormente denunciadas pela Procuradoria Geral da República como tentativas de suprimir votos favoráveis a Lula, levantando suspeitas sobre a imparcialidade das forças de segurança no processo eleitoral. (PETRÓ, 2025). Portanto, é possível afirmar que esse vídeo foi ressignificado para sugerir que as Forças Armadas estariam se mobilizando contra o resultado das eleições, alimentando teorias de intervenção militar e resistência ao governo eleito.

A segunda mensagem mais compartilhada não está necessariamente ligada à contestação eleitoral, mas sim a um tema recorrente nos grupos de teoria da conspiração: o controle da informação por grandes plataformas digitais. A postagem, que afirma que o YouTube teria feito uma parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS) para suprimir determinados conteúdos, reflete uma narrativa clássica desses espaços, nos quais desconfiança em relação à mídia tradicional, plataformas digitais e instituições globais são temas constantes. Esse dado é importante porque mostra que, apesar da mobilização pós-eleitoral e da absorção da contestação ao resultado das urnas, esses grupos não necessariamente abandonaram suas pautas conspiratórias tradicionais. Em meio às discussões sobre fraude eleitoral e intervenção militar, as postagens antivacinas, antiglobalistas e de desconfiança institucional seguiram circulando, demonstrando que a lógica conspiratória que estrutura esses

[105] Como é possível ver na reportagem "Exército faz operação na ponte Rio-Niterói; trajeto leva o dobro do tempo", do portal UOL. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/exercito-faz-operacao-na-ponte-rio-niteroi-trajeto-leva-o-dobro-do-tempo.htm Acesso em 04 mar 2025

espaços não se restringem a um único evento político, mas se adapta para integrar novos temas sem perder suas premissas centrais.

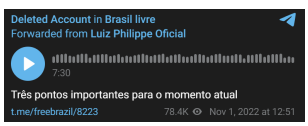
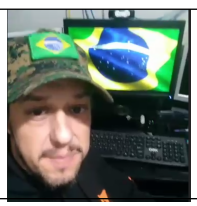
O quarto conteúdo mais compartilhado mantém essa lógica, trazendo um vídeo de Klaus Schwab, presidente do Fórum Econômico Mundial, falando sobre vacinação. A legenda que acompanha o vídeo propõe que a organização deve ser fechada e que líderes globais deveriam ser removidos dos governos por defenderem a vacinação em massa.

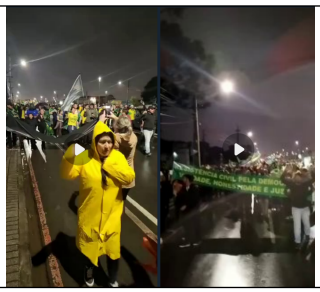
Por fim, a quinta mensagem mais compartilhada demonstra um ponto de convergência direta com os grupos bolsonaristas, pois trata-se do mesmo vídeo de um homem convocando caminhoneiros e ruralistas para se mobilizarem contra o comunismo. O fato de esse conteúdo aparecer entre os mais compartilhados tanto nos grupos bolsonaristas quanto nas outras categorias sugere que a mobilização contra o resultado das eleições não ficou restrita apenas a grupos políticos diretamente ligados ao bolsonarismo, mas foi absorvida por diferentes espaços conspiratórios, onde ganhou relevância e ajudou a ampliar o discurso de resistência.

5.4.1.3 01 de novembro de 2022

A análise da tabela referente ao dia 1º de novembro de 2022, data que marca o início das manifestações golpistas em frente aos quartéis militares, mostra que a narrativa dentro dos grupos bolsonaristas passou a estimular e legitimar esses protestos, além de reforçar a ideia de que uma intervenção militar seria possível ou desejável. Diferentemente dos dias anteriores, em que ainda havia uma mistura entre negação do resultado das eleições e expectativas de um plano oculto, o foco agora se desloca para a mobilização direta dos apoiadores.

Tabela 8- Mensagens mais compartilhadas em 01/11/2022 - Categoria Bolsonarism

01/11/2022 - CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Audio compartilhado do canal do deputado federal Luiz Philippe de Orleans e Bragança, em que ele destaca que o movimento de protesto na frente dos quarteis é um símbolo de resistência contra o que ele considera uma ditadura fascista que o PT quer impor. Legenda: "Três pontos importantes para o momento atual".	1387	78140	Clique aqui
2		Vídeo de tutorial a instalar um aplicativo de VPN caso a internet e as redes sociais parem de funcionar no Brasil. Termina o vídeo com o slogan de Bolsonaro "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos".	1113	44228	Clique aqui
3		Vídeo de Nikolas Ferreira dizendo que houve festa nos presídios, que traficantes comemoram porque agora	636	241676	Clique aqui

		somente eles podem ter armas e que o Hamas parabenizou o Lula por vencer a eleição. A legenda diz: “24 horas de Lula”.			
4		O áudio diz que as Forças Armadas são baseadas em hierarquia e que está preparada para a guerra. Também afirma que não há infiltrados comunistas no grupo. A legenda diz: “Este áudio atribuído ao General Braga Neto ainda em 2021, é para que entendam que quem tem a voz suprema é o POVO (a população ordeira), e que as Força Armadas rechaça a posição de Intervenção Militar! O POVO tem que estar ciente das coisa que pede e quer fazer!” (sic).	435	56675	Clique aqui
5		Videos das manifestações contra o resultado das eleições. Os participantes gritam “Lula, ladrão, seu lugar é na prisão” e “a nossa bandeira jamais será vermelha”. Outro grupo segura uma faixa que diz “Resistência civil”. A legenda diz: “Olha Como está AGORA na Frente do Quartel Aqui em Curitiba!”	372	29508	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

O conteúdo mais compartilhado é um áudio do deputado federal Luiz Philippe de Orleans e Bragança[106], no qual ele endossa os protestos em frente aos quartéis, afirmando que essas manifestações são um símbolo de resistência contra uma suposta ditadura fascista que o PT estaria prestes a impor. A escolha desse discurso evidencia que, naquele momento, a estratégia bolsonarista já não era apenas de contestação das eleições ou de uma suposta fraude, mas sim da construção de uma narrativa na qual a mobilização golpista era justificada como uma luta contra um regime opressor, o bem contra o mal.

O segundo conteúdo mais compartilhado mostra um tutorial ensinando os apoiadores a instalar uma VPN[107], caso a internet e as redes sociais fossem bloqueadas no Brasil. Essa postagem sugere que os manifestantes acreditavam que poderiam sofrer represálias ou censura, o que reforça a ideia de que eles se viam como parte de uma resistência contra um governo ilegítimo. Esse tipo de mensagem costuma ser utilizado para criar um sentimento de

[106] Luiz Philippe de Orleans e Bragança é deputado federal e descendente da família imperial brasileira, sendo trineto de Dom Pedro II. Ligado à extrema direita, ele defende pautas monarquistas, ultraliberais e conservadoras, além de ter se posicionado ativamente contra o resultado das eleições de 2022, promovendo narrativas de contestação e resistência ao governo eleito.

[107] VPN (Virtual Private Network) é uma rede virtual privada que permite criptografar a conexão à internet, garantindo maior privacidade e possibilitando a navegação como se o usuário estivesse em outro local geográfico.

urgência e paranoia, mantendo os seguidores em estado de alerta e incentivando-os a permanecer mobilizados.

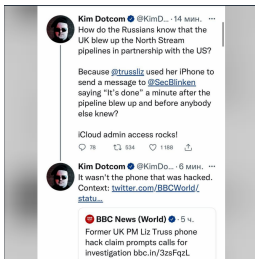
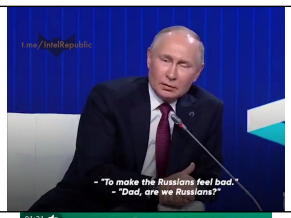
O terceiro conteúdo é um vídeo do deputado Nikolas Ferreira, que usa desinformação para reforçar o medo e a indignação entre os apoiadores de Bolsonaro. No vídeo, ele afirma que traficantes comemoraram a vitória de Lula, que presidiários fizeram festa e que até mesmo o Hamas teria parabenizado Lula pela eleição. Essas alegações não possuem embasamento factual, mas servem para consolidar a ideia de que a vitória de Lula significa o fortalecimento do crime e do terrorismo, ampliando o pânico moral entre os bolsonaristas. Essa estratégia é uma tática comum para justificar medidas extremas, como a adesão a protestos golpistas.

O quarto conteúdo compartilhado é um áudio atribuído ao General Braga Netto, ex-ministro da Defesa e candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro, embora não haja qualquer confirmação da autoria. A mensagem sugere que as Forças Armadas estão preparadas para agir e que a população deve saber o que quer ao pedir intervenção militar. Embora a legenda tente afirmar que o áudio rejeita uma intervenção, sua circulação nos grupos bolsonaristas sinaliza o contrário, pois reforça a crença de que as Forças Armadas poderiam desempenhar um papel central nos desdobramentos políticos.

Por fim, o quinto conteúdo traz vídeos das manifestações golpistas que já haviam começado em frente aos quartéis. Os vídeos mostram manifestantes gritando “Lula, ladrão, seu lugar é na prisão” e segurando faixas com frases como “Resistência civil”, reforçando o tom de rejeição absoluta ao novo governo e insistência na mobilização contra o resultado das urnas. A legenda, que afirma que as imagens foram feitas “AGORA”, sugere que esses grupos estavam monitorando e incentivando a adesão aos protestos em tempo real, transformando os grupos do Telegram em verdadeiros centros de coordenação e difusão da insurgência golpista.

Enquanto isso, a análise das mensagens mais compartilhadas no dia 1º de novembro de 2022 nas outras categorias mostra que, embora esses grupos continuem centrados em suas temáticas conspiratórias habituais, como desconfiança em grandes corporações, geopolítica global e fenômenos inexplicáveis, há um movimento gradual de assimilação de conteúdos alinhados ao bolsonarismo. No entanto, o que se observa não é a simples replicação das mensagens que circulam nos grupos bolsonaristas, mas sim a incorporação seletiva de conteúdos que mantêm uma harmonia ideológica com a visão desses grupos, ainda que com nuances próprias.

Tabela 9 - Mensagens mais compartilhadas em 01/11/2022 - Outras categorias

01/11/2022 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Captura de tela do Twitter de Kim Dotcom, com a legenda em inglês: "Kim Dotcom: Como os russos sabem que o Reino Unido detonou os gasodutos do North Stream em parceria com os EUA? Porque @trussliz usou seu iPhone para enviar uma mensagem para @SecBlinken dizendo "Está feito" um minuto depois que o gasoduto explodiu e antes que mais ninguém soubesse? O acesso de administrador do iCloud é demais!"	817	37054	Clique aqui
2		Vídeo de Putin em um programa de TV, com a legenda em inglês: "COMÉDIA SENTADA DE UM CARA DE STAND-UP: Putin reúne toda a miséria e incerteza da Europa em uma única e brilhante piada — espera, o que é isso?"	51107	610	Clique aqui
3		Vídeo da deputada Carla Zambelli pedindo tranquilidade e que os patriotas apoiem Bolsonaro quando ele se pronunciar oficialmente. Pede também que tenham lealdade e que aguardem. Com a legenda: "Peço que ouçam essa mensagem com atenção e saibam que a chama da esperança não deve apagar".	136769	570	Clique aqui
4		Vídeo curto de 3 segundos que mostra Bolsonaro se preparando para seu primeiro pronunciamento após a derrota nas eleições. A legenda diz, em inglês: "Bolsonaro promete 'seguir a Constituição', mas NÃO admite a derrota. Muitas pessoas em sua administração já deram sinais de que a transição começou, mas o presidente não o fez. Sabemos com CERTEZA, isto não é teoria, que os militares contam com empresas de auditoria verificando a votação. O burburinho na internet diz que isso surgirá em um ou dois dias. ISSO AINDA NÃO ACABOU."	82289	472	Clique aqui
5		Vídeo sem legenda que mostra uma mão com uma luva de borracha tocando em um líquido preto, que parece ter vida própria.	121003	462	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

Os dois conteúdos mais compartilhados ainda não estão diretamente relacionados à política brasileira, mas refletem narrativas clássicas da desinformação geopolítica. O primeiro, um tweet de Kim Dotcom, sugere que o Reino Unido e os EUA foram responsáveis pela

explosão do gasoduto Nord Stream, teoria popular entre setores alinhados ao governo russo. Já o segundo, um vídeo de Putin fazendo uma piada sobre a crise na Europa, segue essa mesma linha, reforçando a narrativa de que o Ocidente está em declínio e que há uma grande manipulação global em andamento. Esses conteúdos mostram que esses grupos continuam a consumir e disseminar desinformação internacional, sem abandonar suas pautas conspiratórias tradicionais.

O terceiro conteúdo mais compartilhado, um vídeo da deputada Carla Zambelli, não incentiva mobilizações diretas nem faz chamadas para protestos, como ocorre nos grupos abertamente golpistas. Em vez disso, sua mensagem é mais genérica, pedindo calma, lealdade e confiança em Bolsonaro. Essa abordagem se encaixa na lógica conspiratória desses grupos, pois reforça a ideia de um plano oculto e de que o desfecho ainda não está definido, sem necessariamente exigir ação imediata dos apoiadores.

Essa mesma dinâmica aparece no quarto conteúdo mais compartilhado, um vídeo de Bolsonaro se preparando para seu primeiro pronunciamento após a vitória de Lula. A legenda, escrita em inglês, enfatiza que o ex-presidente não admitiu a derrota e sugere que há movimentações nos bastidores, com os militares verificando as eleições. Esse tipo de narrativa conversa diretamente com a lógica conspiratória desses grupos, pois transforma um evento político comum — a demora no reconhecimento da derrota — em um sinal de que algo maior pode estar acontecendo nos bastidores, o que se alinha perfeitamente à expectativa e ao suspense típicos das teorias da conspiração.

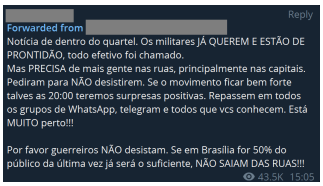
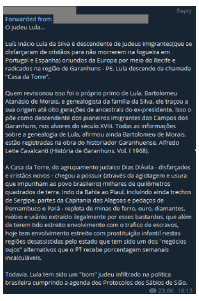
Por fim, o quinto conteúdo mais compartilhado, um vídeo misterioso de um líquido preto aparentemente vivo, demonstra que esses grupos continuam a intercalar postagens sobre política e desinformação com conteúdos de teor inexplicável, mantendo a estética do mistério e da paranoia que caracteriza esses espaços.

5.4.1.4 02 de novembro de 2022

A análise das mensagens mais compartilhadas no dia 2 de novembro de 2022 nos grupos bolsonaristas revela algumas mudanças significativas na estrutura do conteúdo circulado. Enquanto nos dias anteriores predominavam vídeos de figuras políticas e registros das manifestações, neste momento há um aumento do destaque de mensagens longas, sem mídia, com apelos emocionais e informações claramente falsas.

Tabela 10 - Mensagens mais compartilhadas em 02/11/2022 - Categoria Bolsonarism

02/11/2022 - CATEGORIA BOLSONARISM

	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Vídeo da deputada Carla Zambelli que avisa que suas redes vão sair do ar e pede para seguirem em seu novo perfil e diz que estão calando a mulher mais votada do Brasil. A legenda diz: "URGENTE!!! Boa noite, pessoal!!! Como vocês sabem, minhas redes foram derrubadas pelo TSE. Peço que compartilhem este vídeo em suas redes e espalhem os novos links das novas redes, por favor".	1065	183372	Clique aqui
2		Vídeo que mostra uma manifestação em frente ao Comando Militar do Leste, no Rio de Janeiro, com a legenda: Vem pra rua Brasil".	776	64587	Clique aqui
3		Dois vídeos que mostram a saída de Bolsonaro, Alexandre de Moraes e ministros do STF, com a legenda: "Pra quem não viu, aqui os dois vídeos da tão falada reunião entre Bolsonaro e o STF . Que tal as carinhas do Sinistros ?? O que foi falado nesta reunião ?"	727	44611	Clique aqui
4		Mensagem que diz: "Notícia de dentro do quartel. Os militares JÁ QUEREM E ESTÃO DE PRONTIDÃO, todo efetivo foi chamado. Mas PRECISA de mais gente nas ruas, principalmente nas capitais. Pediram para NÃO desistirem. Se o movimento ficar bem forte talves as 20:00 teremos surpresas positivas. Repassem em todos os grupos de WhatsApp, telegram e todos que vcs conhecem. Está MUITO perto!!! Por favor guerreiros NÃO desistam. Se em Brasília for 50% do público da última vez já será o suficiente, NÃO SAIAM DAS RUAS!!!"	556	43476	Clique aqui
5		Mensagem que diz, em resumo, que Lula é descendente de judeus imigrantes que, disfarçados de cristãos, se estabeleceram no Brasil. Segundo essa teoria, sua genealogia, revisada por seu primo, o vincula à "Casa da Torre", um grupo supostamente envolvido em agiotagem, exploração de terras e recursos, além de atividades ilícitas. Assim, Lula seria retratado como um agente infiltrado na política, cumprindo uma suposta agenda inspirada nos Protocolos dos Sábios de Sião.	516	23491	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

O conteúdo mais compartilhado do dia é um vídeo da deputada Carla Zambelli, que já havia aparecido no dia anterior entre os conteúdos mais compartilhados nas outras categorias, mas agora se torna o principal destaque nos grupos bolsonaristas. No vídeo, Zambelli alega

que suas redes sociais foram derrubadas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e pede para que seus seguidores espalhem seus novos perfis, afirmando estar sendo silenciada.

O segundo conteúdo mais compartilhado é um vídeo que mostra uma manifestação em frente ao Comando Militar do Leste, no Rio de Janeiro, com a legenda "Vem pra rua Brasil", reforçando o chamado à mobilização nas ruas. Esse conteúdo indica que a adesão ao movimento golpista já estava consolidada nos grupos bolsonaristas e que a estratégia era estimular a participação física dos apoiadores nos protestos em frente aos quartéis.

A terceira mensagem traz um compilado de vídeos da saída de Bolsonaro e ministros do STF de uma reunião, acompanhado da legenda "Que tal as carinhas dos Sinistros?? O que foi falado nesta reunião?", insinuando que algo suspeito teria sido discutido. Essa postagem se alinha com a estratégia conspiratória de manter a incerteza e alimentar a ideia de que existe um plano oculto em andamento, mantendo os apoiadores engajados e atentos a possíveis desdobramentos.

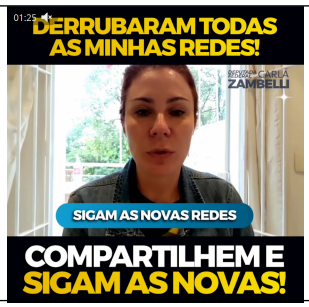
O quarto conteúdo representa um marco na escalada da mobilização golpista. Trata-se de uma mensagem longa e sem mídia, que alega que os militares estariam de prontidão e que só faltaria a adesão massiva da população para a "surpresa" acontecer às 20h. Esse tipo de mensagem tem um tom abertamente convocatório, reforçando a crença de que as Forças Armadas estariam dispostas a agir, desde que houvesse pressão popular suficiente. O apelo insistente para que as pessoas não saiam das ruas e levem a mensagem para outros grupos indica um esforço coordenado para manter a mobilização e impedir o enfraquecimento do movimento.

Por fim, o quinto conteúdo mais compartilhado expõe a presença de teorias da conspiração de viés antissemita dentro desses grupos. A postagem tenta associar Lula a uma suposta linhagem judaica secreta, ligada à agiotagem e conspirações globais, mencionando os Protocolos dos Sábios de Sião, um conhecido documento falsificado de origem antissemita que alimenta narrativas conspiratórias há mais de um século (Melo Júnior, 2017; Oliveira, 2022). A circulação desse conteúdo indica que, além da mobilização golpista, havia também uma intersecção com discursos tradicionais de extrema direita, que reinterpretam figuras políticas como parte de esquemas de dominação global.

A análise das mensagens mais compartilhadas no dia 2 de novembro de 2022 nas outras categorias revela uma dinâmica semelhante à observada nos grupos bolsonaristas, com um crescimento do engajamento em torno da contestação eleitoral e das manifestações

golpistas. No entanto, esses grupos continuam a compartilhar conteúdos de suas temáticas conspiratórias tradicionais, como negacionismo climático e curas pseudocientíficas.

Tabela 11- Mensagens mais compartilhadas em 02/11/2022 - Outras categorias

02/11/2022 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Vídeo em espanhol de uma palestra com conteúdo de negacionismo climático. A legenda diz: "Subo a esta plataforma la conferencia sobre terrorismo climático dada en el teatro Santa Ana, en la localidad de Oñati. Las pruebas sobre la mesa. Gracias a Landerfilms por la producción y por ceder el material completo. Compartid tropilla!	3783	103478	Clique aqui
2		Vídeo da deputada Carla Zambelli que avisa que suas redes vão sair do ar e pede para seguirem em seu novo perfil e diz que estão calando a mulher mais votada do Brasil. A legenda diz: "URGENTE!!! Boa noite, pessoal!!! Como vocês sabem, minhas redes foram derrubadas pelo TSE. Peço que compartilhem este vídeo em suas redes e espalhem os novos links das novas redes, por favor".	1065	183372	Clique aqui
3		Meme que diz algo como "auditorias militares estão na moda agora", com a legenda, também em inglês: "Há um despertar global acontecendo. As pessoas em todo o mundo estão mais conscientes de como nossas eleições são fortemente influenciadas por manipulações estrangeiras e domésticas. O Brasil pode abrir caminho para que mais forças armadas assumam as eleições em todo o mundo, já que outros países e entidades não-governamentais (Estado profundo) estão transformando as eleições em arma e ameaçando a segurança nacional e global. É hora de o mundo levar a segurança eleitoral mais a sério, porque se nossos votos não contam, não somos nada além de escravos."	806	117457	Clique aqui
4		Dois vídeos que mostram a saída de Bolsonaro, Alexandre de Moraes e ministros do STF, com a legenda: "Pra quem não viu, aqui os dois vídeos da tão falada reunião entre Bolsonaro e o STF . Que tal as carinhas do Sinistros ?? O que foi falado nesta reunião ?"	727	44611	Clique aqui
5		Vídeo de uma suposta cura de epilepsia com Dióxido de Cloro. Legenda em espanhol diz: "Testemunho de um menino argentino. Fabrizzio curado da epilepsia com CDS".	715	52713	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

O primeiro conteúdo mais compartilhado é um vídeo em espanhol sobre negacionismo climático, sugerindo que esses grupos seguem mobilizando suas pautas típicas, independentemente do contexto político brasileiro. Essa permanência de temas já recorrentes nesses espaços mostra que, mesmo em meio à crescente radicalização em torno das eleições, as teorias da conspiração globais continuam a ocupar um papel central nessas comunidades.

No entanto, a segunda mensagem mais compartilhada indica um ponto de convergência direta com os grupos bolsonaristas. Trata-se do mesmo vídeo de Carla Zambelli, no qual a deputada afirma que suas redes sociais foram derrubadas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e pede que seus seguidores divulguem seus novos perfis. Outra mensagem idêntica entre as duas categorias analisadas aparece na quarta posição, um vídeo que mostra a saída de Bolsonaro, Alexandre de Moraes e ministros do STF de uma reunião. A legenda questiona "o que foi falado nesta reunião", insinuando que algo suspeito ocorreu. Assim como no caso da mensagem de Zambelli, essa publicação reforça o papel dos grupos conspiratórios como vetores de amplificação das narrativas bolsonaristas, mesmo que não compartilhem da mesma origem política e ideológica.

O terceiro conteúdo mais compartilhado traz um meme e uma mensagem em inglês, sugerindo que o golpe no Brasil teria uma relevância internacional. A legenda afirma que “há um despertar global acontecendo”, alegando que eleições ao redor do mundo estão sendo manipuladas por forças ocultas e que o Brasil pode abrir caminho para que militares assumam o controle de eleições em outros países. O uso do inglês, nesse contexto, não parece ter como objetivo atingir audiências internacionais, mas sim reforçar para os próprios brasileiros a ideia de que o caso estaria repercutindo fora do país, contrastando com a suposta omissão da mídia nacional. Esse tipo de estratégia já foi utilizado em outras ocasiões dentro do ecossistema conspiratório, servindo para legitimar narrativas e criar a sensação de que há um movimento global de resistência, quando, na realidade, trata-se de um reforço interno para manter os seguidores mobilizados.

Por fim, o quinto conteúdo mais compartilhado retorna a um tema clássico desses grupos: curas pseudocientíficas, no caso, um vídeo alegando que um menino argentino teria sido curado de epilepsia com dióxido de cloro, uma substância amplamente promovida por movimentos negacionistas como uma suposta panaceia.

1.9.5 Diplomação de Lula

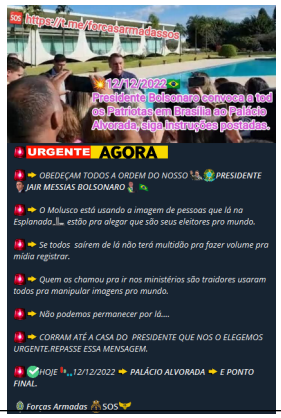
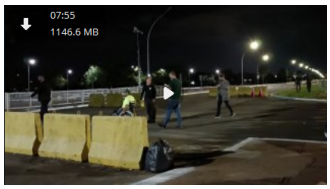
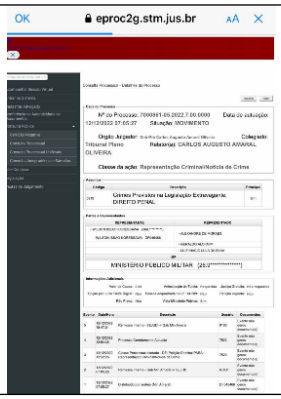
A diplomação do presidente eleito é um dos últimos passos do processo eleitoral brasileiro e simboliza o reconhecimento oficial da vitória nas urnas. Em 12 de dezembro de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva recebeu seu diploma do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em uma cerimônia conduzida pelo então presidente da Corte, Alexandre de Moraes (TSE, 2022). Esse evento consolidou o resultado das eleições e representou uma nova etapa na transição de governo, reforçando a legitimidade do pleito.

A cerimônia de diplomação gerou forte repercussão entre os apoiadores do ex-presidente, especialmente nos grupos analisados. A nomeação de Lula como presidente legítimo foi recebida com reações de revolta, ironia e descrença, impulsionando a circulação de conteúdos que reforçavam a tese de fraude eleitoral e deslegitimavam a posse do novo governo. Além disso, o protagonismo do ministro Alexandre de Moraes, que vinha sendo um dos principais alvos das críticas bolsonaristas, intensificou as reações negativas.

A análise das mensagens mais compartilhadas mostra dois movimentos centrais: primeiro, uma tentativa de redirecionamento dos manifestantes, buscando direcionar os apoiadores para um local que reafirmasse a lealdade a Bolsonaro e evitasse interpretações indesejadas pela mídia e, em segundo lugar, a manutenção do discurso de fraude e ilegitimidade da eleição, expressa tanto pela contestação do processo quanto pelo ataque direto a figuras institucionais, como o ministro Alexandre de Moraes.

Tabela 12- Mensagens mais compartilhadas em 12/12/2022 - Categoria Bolsonarism

12/12/2022 – CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Foto de Bolsonaro em frente ao Palácio da Alvorada. Legenda, em resumo, diz que os apoiadores de Bolsonaro devem obedecer à ordem do presidente e abandonar a área da Esplanada, onde, segundo o texto, estão sendo usados para manipular a imagem de apoio. Ela acusa os organizadores dos ministérios de traição e ordena que os seguidores se dirijam urgentemente à Casa do Presidente (Palácio da Alvorada) para	968	92953	Clique aqui

		se reunirem lá, enfatizando que essa é a posição correta.			
2		Vídeo da diplomação de Lula, quando Alexandre de Moraes, então presidente do TSE, pede para conduzir o presidente eleito à mesa e o Ministro Benedito Gonçalves proferiu a frase "Missão dada é missão cumprida", que vaza no microfone de Moraes. A legenda diz: "Surreal".	412	188187	Clique aqui
3		Vídeo que mostra o jornalista Oswaldo Eustáquio entrando no Palácio da Alvorada, com a legenda: "A pedido do Presidente Bolsonaro, o pessoal do Hipócritas e o Jornalista Oswaldo Eustáquio foram convidados a entrar no Palácio do Alvorada, depois que o Índio Cerere foi preso pelo PF a pedido do Alexandre de Morais".	383	25907	Clique aqui
4		Imagem com a captura de tela de um processo, com a legenda: "só os despreparados estão desesperados. aqui tá tudo suave na nave. A 'ilustre desconhecida' Justiça Militar da União segue a todo vapor. Representação do Wilson Koressawa contra Alexandre de Moraes, Alckmin e Lula. O processo já está mesa do ministro Carlos Augusto de Oliveira".	376	39622	Clique aqui
5		Vídeo de apoiadores de Lula na Esplanada no dia da diplomação, com a legenda: "Brasília lotada pra diplomação do cadáver ambulante cachaceiro comunista desgraçado dos quintos do inferno. Só que não! Bendita internet! A fraude e os golpistas não passarão".	334	41725	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

O conteúdo mais compartilhado do dia é uma foto de Bolsonaro em frente ao Palácio da Alvorada, acompanhada de uma mensagem que instruía os manifestantes a deixarem a Esplanada dos Ministérios e se dirigirem à residência presidencial. A justificativa dada na legenda é que a permanência na Esplanada poderia ser explorada pela mídia para dar uma falsa impressão de que os manifestantes estavam ali para apoiar a diplomação de Lula. Assim,

a ida para o Palácio da Alvorada, onde Bolsonaro ainda residia, se tornava uma alternativa mais simbólica e estratégica, reforçando a narrativa de que o verdadeiro presidente continuava sendo Bolsonaro e de que a resistência ao novo governo não deveria ser confundida com aceitação passiva da posse de Lula.

O segundo conteúdo mais compartilhado é um vídeo da cerimônia de diplomação de Lula, destacando um momento em que o então presidente do TSE, Alexandre de Moraes, convida Lula a se dirigir à mesa, enquanto o ministro Benedito Gonçalves pronuncia a frase "Missão dada é missão cumprida", que vaza no microfone. A legenda classifica o episódio como "surreal", sugerindo que a diplomação não era apenas um ato formal, mas uma imposição orquestrada por figuras do Judiciário. Esse conteúdo reforça a narrativa da ilegitimidade do processo eleitoral, apresentando a diplomação como uma manobra de bastidores para consolidar Lula no poder.

O terceiro conteúdo é um vídeo do jornalista Oswaldo Eustáquio[108] entrando no Palácio da Alvorada, com a legenda sugerindo que Bolsonaro o teria convidado pessoalmente, junto com integrantes do grupo "Hipócritas". A escolha desse conteúdo fortalece a ideia de que Bolsonaro ainda estaria articulando algo nos bastidores, alimentando a esperança de que ele não estaria completamente fora do jogo político e mantendo os apoiadores engajados.

A quarta mensagem mais compartilhada é uma captura de tela de um suposto processo, com a legenda sugerindo que a Justiça Militar estaria agindo contra Alexandre de Moraes, Alckmin e Lula. O processo é real, mas foi negado pela Justiça[109]. Essa mensagem segue a lógica de várias outras narrativas pós-eleitorais que mantêm viva a expectativa de uma intervenção jurídica ou militar que impediria a posse de Lula, mesmo sem qualquer evidência concreta.

Por fim, o quinto conteúdo mais compartilhado é um vídeo que mostra apoiadores de Lula reunidos na Esplanada durante a diplomação, mas com uma legenda agressiva que nega a legitimidade do evento. A publicação chama Lula de "cadáver ambulante cachaceiro comunista desgraçado dos quintos do inferno", reforçando o tom radicalizado desses grupos. Além disso, a frase "A fraude e os golpistas não passarão" reverte a acusação de golpe,

---

[108] Oswaldo Eustáquio é um jornalista e ativista de extrema direita brasileiro, conhecido por sua atuação na disseminação de desinformação e teorias conspiratórias. Em 2020, chegou a ser preso preventivamente no âmbito do inquérito do Supremo Tribunal Federal (STF) que investigava atos antidemocráticos, após incentivar manifestações que pediam o fechamento do Congresso Nacional e do próprio STF. Desde então, tornou-se uma figura emblemática entre os apoiadores bolsonaristas, sendo tratado por eles como um perseguido político.

[109] Como visto na reportagem: Ex-juiz bolsonarista pede prisão de Alexandre Moraes ao STM, de Willian Miron. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/ex-juiz-bolsonarista-pede-prisao-de-alexandre-moraes-ao-stm/ Acesso: 04 mar 2025.

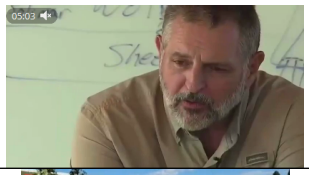
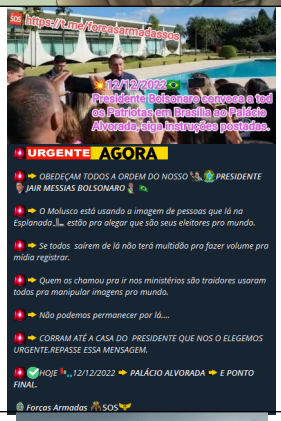
tentando enquadrar o governo eleito como o verdadeiro usurpador da democracia. Vale destacar que a frase "Não passarão" (*¡No pasarán!*, em espanhol) tem origem na Guerra Civil Espanhola, onde foi popularizada pela líder comunista Dolores Ibárruri, conhecida como "La Pasionaria", em um discurso proferido durante o cerco de Madri em 1936. A expressão tornou-se um dos lemas mais emblemáticos da resistência republicana contra o avanço das forças franquistas e, desde então, consolidou-se como símbolo internacional da luta antifascista (ARASA, 2008). No Brasil, a frase foi ressignificada em diferentes contextos, ganhando nova visibilidade durante os protestos contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, quando foi adotada por movimentos de esquerda como forma de afirmar resistência democrática e rejeição ao avanço de forças conservadoras.[110].

Por outro lado, a análise das mensagens mais compartilhadas no dia 12 de dezembro de 2022 nos grupos das outras categorias sugere um certo arrefecimento do engajamento com a temática bolsonarista, ainda que um conteúdo diretamente ligado à mobilização golpista continue presente. A predominância de postagens sobre temas conspiratórios clássicos nesses grupos indica que, ao menos temporariamente, o foco voltou à "programação normal" dessas comunidades, com desinformação sobre clima, controle populacional e tecnologia.

Tabela 13- Mensagens mais compartilhadas em 12/12/2022 - Outras categorias

12/12/2022 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Vídeo que diz que os rastros que os aviões deixam no céu não são condensação de água, mas sim produtos químicos. A legenda diz em espanhol que: "Analisa as fumigações massivas conhecidas como *chemtrails* quanto ao que elas contêm, quais métodos foram utilizados para detectá-las, quais efeitos negativos têm para a saúde humana, aconselhando como se proteger, e qual o objetivo de estar fazendo isso massivamente".	2738	63247	Clique aqui
2		A mensagem traz um link sobre o rastro que os aviões deixam no céu, com a legenda em espanhol: "A oficialidade dá uma reviravolta brusca e admite que as esteiras dos aviões modificam o clima, embora não intencionalmente, e pretende apropriar-se dessa teoria para promover a hipótese do aquecimento global de origem humana. Mais uma vez, o sistema reaproveita uma teoria da conspiração em seu próprio benefício."	1322	55364	Clique aqui

[110] Como pode ser visto na reportagem da Agência Brasil de 2016: Dilma pede tolerância e diz que Brasil não pode ser dividido em duas partes, de Ana Cristina Campos. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-03/dilma-pede-tolerancia-e-diz-que-brasil-nao-pode-ser-divido-em-duas-partes. Acesso: 04 mar 2025.

3		Vídeo em que um homem acusa o plano Obamacare de realizar tráfico de crianças, com a legenda, em inglês: "OBAMA CARE - TRÁFICO DE CRIANÇAS - REVELADO – O QUE ACHAM? COMPARTILHE!!!"	1200	69012	Clique aqui
4		Foto de Bolsonaro em frente ao Palácio da Alvorada. Legenda, em resumo, diz que os apoiadores de Bolsonaro devem obedecer à ordem do presidente e abandonar a área da Esplanada, onde, segundo o texto, estão sendo usados para manipular a imagem de apoio. Ela acusa os organizadores dos ministérios de traição e ordena que os seguidores se dirijam urgentemente à Casa do Presidente (Palácio da Alvorada) para se reunirem lá, enfatizando que essa é a posição correta.	968	92864	Clique aqui
5		Vídeo em inglês com dicas para se proteger contra frequências eletromagnéticas. Na lista estão sugestões como desligar a rede de Wifi durante a noite e evitar aparelhos de conexão wireless como fones de ouvido e carregadores de celular.	460	16601	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

1.9.6 Posse de Lula

A posse presidencial marca oficialmente o início de um novo governo e simboliza a transição do poder executivo no Brasil. Em 1º de janeiro de 2023, Luiz Inácio Lula da Silva assumiu novamente a presidência do país em uma cerimônia realizada em Brasília, seguindo o protocolo tradicional que inclui a entrega da faixa presidencial e discursos oficiais. No entanto, diferentemente de posses anteriores, essa transição ocorreu em um ambiente de alta tensão política, especialmente entre os apoiadores de Jair Bolsonaro, que ainda contestavam o resultado das eleições e alimentavam expectativas de uma reviravolta que impediria Lula de assumir o cargo.

Nos grupos bolsonaristas analisados, a posse não foi interpretada apenas como um evento protocolar, mas sim como um momento de resistência e reafirmação da crença em uma possível intervenção militar. Narrativas conspiratórias, como a ideia de que o país estava sob GLO (Garantia da Lei e da Ordem), o que é falso[111], e que Bolsonaro ainda teria um plano em

[111] Como visto em reportagens em toda a imprensa brasileira, com destaque para "Por que Lula não quis usar a GLO no dia das invasões golpistas", de Igor Gadelha em 11 de janeiro de 2023. Disponível em:

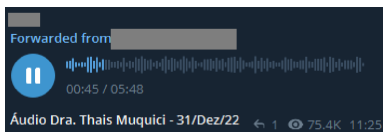
andamento, continuaram a circular, incentivando seus apoiadores a aguardarem desdobramentos que nunca se concretizaram.

Para compreender como as narrativas conspiratórias e a mobilização digital evoluíram até o momento da posse, a análise tem início no dia 31 de dezembro de 2022, quando os grupos bolsonaristas ainda tinham a esperança de que algo ainda poderia acontecer. Esse período foi marcado por conteúdos que exaltavam Bolsonaro como se ele ainda fosse presidente, reforçavam teorias sobre uma possível intervenção militar e incentivavam a espera por desdobramentos que revelariam Bolsonaro como o verdadeiro comandante da nação.

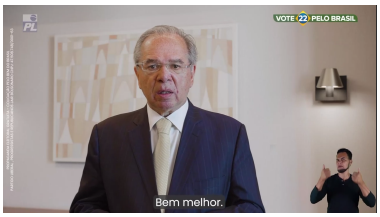
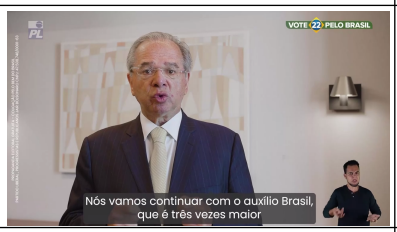
5.4.3.1 31 de dezembro de 2022

A análise das mensagens mais compartilhadas no dia 31 de dezembro de 2022 nos grupos bolsonaristas revela um fenômeno incomum: quatro das cinco mensagens de maior engajamento foram postadas diretamente no canal oficial de Jair Bolsonaro. Esse impulsionamento fora do padrão, especialmente às vésperas da posse de Lula, sugere uma tentativa coordenada de manter a base mobilizada e reforçar a sensação de continuidade do governo Bolsonaro, mesmo com a iminente transição de poder.

Tabela 14 - Mensagens mais compartilhadas em 31/12/2022 - Categoria Bolsonarism

31/12/2022 – CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Áudio com voz feminina que diz que o país está sob GLO e que o comandante do país é o General Heleno e que Bolsonaro não pode pedir prisão de ninguém no momento. Reforça que está tudo sob controle e que o plano de Bolsonaro vai dar certo. Pede paciência aos ouvintes e que aguardem novidades.	2436	75211	Clique aqui
2		Vídeo postado no canal oficial de Jair Bolsonaro em que Paulo Guedes desmente supostas desinformações espalhadas pelo PT, como a redução do salário mínimo. A legenda diz: "SALÁRIO MÍNIMO: REPASSE PARA SUA LISTA DE AMIGOS E RESTABELEÇA A VERDADE DIANTE DAS FAKENEWS PERMITIDAS DO PT"	2244	682953	Clique aqui
3		Vídeo postado no canal oficial de Jair Bolsonaro em que Paulo Guedes exalta conquistas na economia durante o governo. A legenda diz: "CRESCIMENTO BRASIL: REPASSE PARA SUA LISTA DE AMIGOS E RESTABELEÇA A VERDADE DIANTE DAS	1464	591690	Clique aqui

https://www.metropoles.com/colunas/igor-gadelha/por-que-lula-nao-quis-usar-a-glo-no-dia-das-invasoes-golpistas. Acesso: 04 mar 2025.

		FAKENEWS PERMITIDAS DO PT”			
4		Vídeo postado no canal oficial de Jair Bolsonaro em que Paulo Guedes afirma que “Nós vamos continuar com o Auxílio Brasil no ano que vem”. A legenda diz: “AUXÍLIO BRASIL: REPASSE PARA SUA LISTA DE AMIGOS E RESTABELEÇA A VERDADE DIANTE DAS FAKENEWS PERMITIDAS DO PT”	1446	617430	Clique aqui
5		Foto postada no canal oficial de Jair Bolsonaro, com a legenda: “A maior fábrica de Grafeno da América Latina! É o Brasil saindo na frente! Maior parque de produção em escala industrial de grafeno na América Latina, a UCSGRAPHENE é vinculada à Universidade de Caxias do Sul (UCS) e atua nos campos de pesquisa, desenvolvimento e inovação com a finalidade de utilizar o grafeno para atender a demandas da indústria nacional. [...]”. .	1203	1,05 milhões	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

O conteúdo mais compartilhado do dia é um áudio atribuído à Dra. Thais Murici[112], no qual uma voz feminina afirma que o Brasil estaria sob GLO (Garantia da Lei e da Ordem) e que o verdadeiro comandante do país naquele momento seria o General Heleno, e não Lula. O áudio também sugere que Bolsonaro ainda teria um plano em andamento, e que seus apoiadores precisavam apenas ter paciência e aguardar. Esse tipo de discurso alimenta diretamente a teoria conspiratória do “plano secreto”, que postergava indefinidamente a aceitação da derrota eleitoral e reforçava a ideia de que a posse de Lula poderia ser revertida por uma ação militar iminente. No entanto, em nenhum momento a GLO foi decretada oficialmente, nem pelo governo Bolsonaro nem pelo governo Lula, tornando essa afirmação completamente infundada.

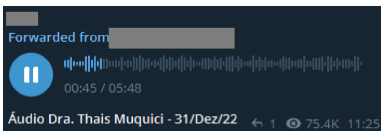
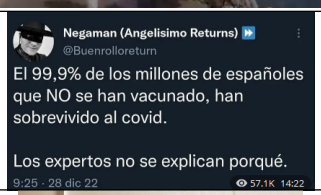
O segundo conteúdo mais compartilhado é um vídeo de Paulo Guedes desmentindo supostas *fake news* do PT sobre a redução do salário-mínimo, enquanto o terceiro e o quarto vídeos exaltam conquistas econômicas do governo e afirmam que o Auxílio Brasil continuará

[112] Dra. Thais Murici é uma figura pouco conhecida fora dos círculos bolsonaristas, mas amplamente citada nesses grupos como uma suposta especialista em política e estratégias militares. Seu nome apareceu com frequência em mensagens e áudios disseminados em grupos de apoiadores de Bolsonaro, especialmente no contexto pós-eleitoral de 2022. Ela se apresenta nas redes sociais como advogada militar e criminal. No entanto, sua influência parece restrita a esses ambientes digitais, onde suas declarações são frequentemente usadas para conferir um verniz de credibilidade a narrativas infundadas.

no ano seguinte. Por fim, o quinto conteúdo mais compartilhado é uma foto oficial do governo Bolsonaro anunciando a inauguração da maior fábrica de grafeno da América Latina. Publicações como essa reforçam a ideia de continuidade, promovendo a narrativa de que as conquistas do governo seguiriam impactando o país, independentemente da transição de poder.

A análise das mensagens mais compartilhadas no dia 31 de dezembro de 2022 nos grupos de outras categorias revela uma combinação de teorias conspiratórias clássicas e conteúdos diretamente ligados à narrativa golpista, com um detalhe interessante: algumas mensagens parecem funcionar como gatilhos emocionais para manter a base esperançosa e mobilizada para o dia seguinte.

Tabela 15 - Mensagens mais compartilhadas em 31/12/2022 - Outras categorias

31/12/2022 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Áudio com voz feminina atribuída à Dra. Thais Muquici que diz que o país está sob GLO e que o comandante do país é o General Heleno e que Bolsonaro não pode pedir prisão de ninguém no momento. Reforça que está tudo sob controle e que o plano de Bolsonaro vai dar certo. Pede paciência aos ouvintes e que aguardem novidades.	2436	75211	Clique aqui
2		Vídeo do Fórum Econômico Mundial que fala sobre o plano de Paris de reduzir a movimentação das pessoas e reduzir a emissão de carbono na cidade. Com a legenda em inglês: "Não se engane, o que eles querem dizer com 'hiper local' é 'hiper controlado', porque você não poderá se mover livremente para fora do seu raio de 15 minutos de distância! Isso é exatamente o que Oxford já está fazendo. Bem-vindo à sociedade dos Jogos Vorazes! Tudo em nome da falsa narrativa da mudança climática!"	1268	67564	Clique aqui
3		Captura de tela de um tweet em espanhol que diz: "Os 99.9% dos milhões de espanhóis que não se vacinaram sobreviveram à Covid. Os especialistas não sabem explicar o porquê".	903	57106	Clique aqui
4		Vídeo de um influencer que que diz ter transmitido a live de Bolsonaro. Ele não tece maiores comentários sobre o conteúdo, apenas faz um brinde "saúde". A legenda diz: "Ele que gravou a live do presidente hoje".	649	38711	Clique aqui
5		Captura de tela de um despacho do Vice-Presidente da República. A	557	59769	Clique aqui

		legenda diz: "ENCAMINHAMENTO AO STF PARA INSTRUIR AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE. GENERAL MOURÃO JÁ TÁ LARGANDO O AÇO. KD A DRA. THAÍS MUQUICI PARA FAZER A APRECIAÇÃO DESSA OBRA?"			

Fonte: elaboração da autora

O conteúdo mais compartilhado do dia é o mesmo áudio atribuído à Dra. Thais Murici, que também circulou amplamente nos grupos bolsonaristas. Além desse conteúdo, outras duas postagens chamam a atenção pela tentativa de projetar uma virada iminente na conjuntura política. O quarto conteúdo mais compartilhado, um vídeo de um influenciador brindando à live de Bolsonaro, tem um caráter simbólico importante. Sem fazer grandes comentários sobre o conteúdo da transmissão do ex-presidente, a cena do brinde funciona como um gesto enigmático, sugerindo que Bolsonaro teria dado um recado cifrado que apenas os iniciados entenderiam. Esse tipo de comportamento é comum em movimentos conspiratórios, onde pequenos gestos e falas ambíguas são interpretados como sinais de uma grande reviravolta prestes a acontecer.

O quinto conteúdo mais compartilhado reforça essa ideia ao trazer uma captura de tela de um despacho do então vice-presidente Hamilton Mourão, insinuando que ele estaria tomando medidas legais contra a posse de Lula. A legenda cita nominalmente Dra. Thais Murici, como se sua análise fosse fundamental para a compreensão do cenário, conferindo mais uma vez um verniz de credibilidade a essa rede de desinformação.

Apesar do forte apelo à narrativa bolsonarista, outros conteúdos mais alinhados a teorias conspiratórias clássicas seguem presentes nesses grupos, o que mostra que a contestação eleitoral não dominou totalmente essas comunidades. O segundo conteúdo mais compartilhado, por exemplo, é um vídeo sobre o Fórum Econômico Mundial, reforçando a tese conspiratória de que a política urbana de cidades como Paris e Oxford tem como objetivo final restringir a liberdade de circulação da população. A legenda, em inglês, associa o plano à distopia da saga Jogos Vorazes, conectando-o a um suposto esquema de controle global.

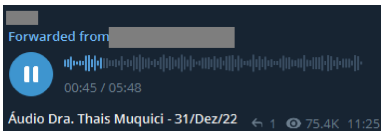
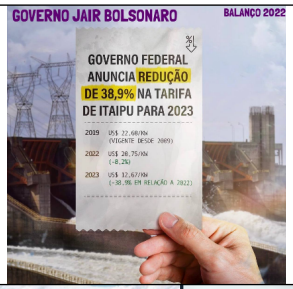
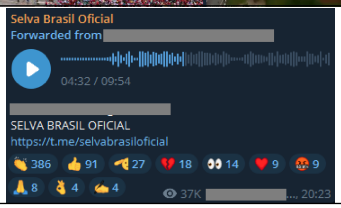
Da mesma forma, o terceiro conteúdo mais compartilhado é um tweet em espanhol sobre a Covid-19, sugerindo que 99,9% dos não vacinados sobreviveram à doença e que os especialistas não sabem explicar o porquê. Esse tipo de desinformação, recorrente em grupos

antivacina, busca descredibilizar as imunizações e reforçar a ideia de que as vacinas foram uma imposição ditatorial.

5.4.3.2 01 de janeiro de 2023

A análise das mensagens mais compartilhadas no dia 1º de janeiro de 2023, dia da posse de Luiz Inácio Lula da Silva, nos grupos bolsonaristas, revela uma tentativa de reconfiguração narrativa, em que a negação da realidade e a esperança de um golpe militar ainda persistem, mesmo diante da concretização da transição de poder.

Tabela 16 - Mensagens mais compartilhadas em 01/01/2023 - Categoria Bolsonarism

01/01/2023 – CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Áudio com voz feminina atribuída à Dra. Thais Muquici que diz que o país está sob GLO e que o comandante do país é o General Heleno e que Bolsonaro não pode pedir prisão de ninguém no momento. Reforça que está tudo sob controle e que o plano de Bolsonaro vai dar certo. Pede paciência aos ouvintes e que aguardem novidades.	2436	75211	Clique aqui
2		Foto postada no canal oficial de Jair Bolsonaro, com a legenda: "Em dezembro de 2022, O Ministério de Minas e Energia anunciou a tarifa de Itaipu para 2023: US$ 12,67/kW. [...] A nova tarifa reflete a redução do serviço da dívida da usina e do Custo Unitário dos Serviços de Eletricidade (Cuse). Em 2019, a dívida de Itaipu era de US$ 2,07 bilhões. Em 2023, cairá para US$ 277,3 milhões.	876	1255711	Clique aqui
3		Vídeo de momentos diferentes na Esplanada no dia da posse de Lula. A legenda diz: "A manipulação do jornazismo".	852	52771	Clique aqui
4		Áudio atribuído à criadora do grupo Selva Brasil Oficial. Ela diz, em resumo, que a posse de Lula foi um teatro e que a estratégia das Forças Armadas é deixar o "inimigo achar que está ganhando" e que os manifestantes peçam a intervenção militar para não entregar o país para o comunismo.	528	37019	Clique aqui
5		Captura de tela do instagram do comandante da Marinha do Brasil, que informa que passará a ter a patente de Almirante. A legenda diz: "ALMIRANTE - CARGO OCUPADO APENAS EM SITUAÇÕES DE GUERRA".	499	49871	Clique aqui



Fonte: elaboração da autora

O conteúdo mais compartilhado do dia continua sendo o áudio atribuído à Dra. Thais Murici, que já havia circulado intensamente no dia anterior. O segundo conteúdo mais compartilhado do dia, relacionado à redução da tarifa de Itaipu, desempenha um papel fundamental na manutenção da ideia de continuidade do governo Bolsonaro. A maneira como a legenda está formulada contribui para essa percepção, ao afirmar que "o Ministério de Minas e Energia anunciou a tarifa de Itaipu para 2023" e que "em 2023, a dívida cairá para US$ 277,3 milhões".

Embora Bolsonaro já não estivesse mais no cargo, a construção temporal da mensagem faz parecer que seu governo segue ativo e que suas decisões continuam impactando diretamente o futuro do país, ignorando a mudança de gestão. Esse tipo de postagem, vinda do canal oficial de Bolsonaro, fortalece a narrativa conspiratória de que ele ainda está no comando e que a posse de Lula seria apenas um detalhe momentâneo, não um fato consolidado. Além disso, o destaque para uma conquista econômica de sua gestão reforça a ideia de que as políticas bolsonaristas continuariam a ser aplicadas. Isso serve para alimentar as esperanças da base bolsonarista, que, ainda imersa na crença de um plano oculto, poderia interpretar a mensagem como mais um sinal de que o verdadeiro governo seguiria nas mãos de Bolsonaro, e não de Lula.

O terceiro conteúdo mais compartilhado já se alinha diretamente à contestação da posse de Lula, trazendo um vídeo que compara momentos diferentes da Esplanada dos Ministérios no dia da posse, com a legenda: “A manipulação do jornazismo”. Esse tipo de postagem busca desacreditar a cobertura midiática do evento, insinuando que a imprensa estaria manipulando imagens para esconder a suposta impopularidade de Lula ou alterar a percepção da adesão popular ao novo governo.

Outro áudio relevante aparece em quarto lugar, atribuído à criadora do grupo Selva Brasil Oficial. A mensagem insiste na tese conspiratória de que a posse de Lula teria sido um

“teatro” e que as Forças Armadas estariam apenas esperando o momento certo para agir. O discurso reforça a narrativa de que o objetivo dos militares seria “deixar o inimigo achar que está ganhando”, incentivando os manifestantes a continuarem pedindo intervenção militar para que, supostamente, isso justificasse a reação das Forças Armadas.

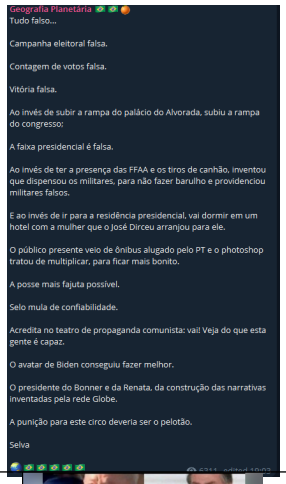
Por fim, o quinto conteúdo mais compartilhado reforça o uso de mensagens enigmáticas para sustentar expectativas de um golpe militar iminente. Trata-se de uma captura de tela do Instagram do comandante da Marinha do Brasil, informando que ele passaria a ocupar o cargo de Almirante. A legenda da postagem insinua que esse título só é concedido em “situações de guerra”, o que sugere que os militares estariam se preparando para um conflito – uma insinuação completamente infundada, mas que reforça a crença de que as Forças Armadas poderiam intervir a qualquer momento.

Curiosamente, a análise dos conteúdos mais compartilhados nos grupos das outras categorias no dia 1º de janeiro de 2023 confirma um padrão diferente daquele observado nos grupos bolsonaristas. A ausência de conteúdos sobre a posse entre as mensagens de maior alcance sugere que esses grupos, que nos dias anteriores vinham sendo atravessados por narrativas bolsonaristas, parecem ter sido destacados da mobilização direta e retornado à sua programação normal de conspirações tradicionais.

Os temas mais populares voltam a girar em torno de narrativas de manipulação global, fraudes científicas e controle da população, indicando um certo arrefecimento do engajamento com a crise política imediata. As mensagens de maior engajamento não tratam diretamente de Bolsonaro ou da posse presidencial, mas, quando o fazem, o foco é exclusivamente na negação da legitimidade do evento e na disseminação de teorias conspiratórias.

Tabela 17 - Mensagens mais compartilhadas em 01/01/2023 - Outras categorias

01/01/2023 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
17		Mensagem que diz, em resumo, que posse presidencial foi falsa, alegando fraude eleitoral, manipulação de imagens e encenação. Segundo o texto, a cerimônia teria ocorrido sem protocolos tradicionais, como a presença das Forças Armadas, e teria sido organizada pelo PT com público artificial. Também sugere teorias conspiratórias sobre a vida pessoal do presidente e critica a mídia, especialmente a Globo, por supostamente fabricar narrativas. A mensagem termina com insinuações violentas contra o novo governo.	146	6304	Clique aqui

					
18		Imagem sem legenda que insinua que a faixa presidencial utilizada por Lula durante a posse de 2023 seria falsa.	142	7667	Clique aqui
21		Imagem com manchete do perfil @InvestorBrazil que diz que Moraes mandaria prender Bolsonaro e membros do Exército. A legenda diz: "COMPARTILHEM!! Compartilhe nos grupos esta notícia. Só assim todas as pessoas vão ter acesso a tudo que está acontecendo no Brasil neste momento. A grande mídia não vai noticiar estes fatos".	118	15100	Clique aqui
24		Desenho de uma forca, com a seguinte legenda: "Patriotas. Vocês fazem ideia da gravidade e da quantidade de crimes cometidos pelos presentes na farsa da posse de Lulú? Tudo em rede nacional testemunhado por toda a população brasileira? Militares falsos e até uma faixa presidencial fajuta. Espalhem... Muitos ainda não perceberam... ainda estão de luto pelo país... sem razão. A culpa é, em parte, dos "influenciadores" que resolveram, por burrice ou corrupção, fazer tremendo alarde de uma traição das FFAA, que só eles viram. Vocês acham que estas pessoas derrotistas com capacidade de atingir as mentes da população, também merecem o patíbulo? Talvez uma boa surra".	101	6017	Clique aqui
25		Foto da posse de Lula com a legenda: "Marinha, Exército e Aeronáutica prestam suas homenagens à Luis Inácio Lula da Silva, criador do Foro de São Paulo, comunista condenado. Parabéns glorioso exército de Caxias. Uma vergonha para o mundo Perceberam que não existe a bandeira brasileira?"	100	11799	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

A 17ª mensagem mais compartilhada é um exemplo claro disso, ao reunir alegações de fraude, manipulação midiática e insinuações de que a cerimônia teria sido um teatro político organizado pelo PT. Da mesma forma, a 18ª mensagem reforça esse tom ao sugerir que a faixa presidencial utilizada por Lula seria falsa, uma alegação simbólica que visa reforçar a ideia de que o novo governo não tem legitimidade real.

A 21ª mensagem introduz um tom alarmista ao afirmar que Alexandre de Moraes estaria planejando prender Bolsonaro e membros do Exército, um conteúdo que se encaixa na estratégia de criar um sentimento de urgência e perseguição, estimulando os apoiadores a permanecerem em alerta. Já a 24ª mensagem eleva ainda mais a retórica conspiratória, ao trazer um desenho de uma forca e sugerir que os responsáveis pela "farsa da posse" e até mesmo influenciadores que aceitaram a transição deveriam ser punidos. O tom de radicalização e ameaça presente nesse conteúdo reforça que, embora esses grupos tenham voltado a pautas conspiratórias mais amplas, a insatisfação com a posse de Lula permaneceu latente e ainda mobilizava discursos violentos. Por fim, a 25ª mensagem critica diretamente as Forças Armadas por prestarem homenagem a um suposto líder comunista, resgatando a narrativa de que Lula estaria implementando um projeto ideológico alinhado ao Foro de São Paulo.

Embora não esteja entre as mensagens mais compartilhadas no dia 1º de janeiro, um vídeo específico chama atenção pelo seu conteúdo e timing: trata-se de imagens da invasão à residência presidencial no Sri Lanka, ocorrida em julho de 2022. O vídeo é acompanhado de uma legenda que exalta a tomada do poder pelos manifestantes e critica a passividade dos brasileiros que estavam há 60 dias em protestos sem ação concreta. A mensagem reforça uma retórica de insatisfação com a espera por intervenções institucionais e insinua que o único caminho possível seria a ação direta das massas.

Figura 51 - Postagem sobre a invasão do Palácio do Governo em 2022 no Sri Lanka



Fonte: captura de tela realizada pela autora na interface do Telegram

A circulação desse conteúdo nesse momento específico, poucos dias antes dos ataques de 8 de janeiro em Brasília, sugere que o evento no Sri Lanka foi instrumentalizado como um modelo a ser seguido. A exaltação da revolta popular bem-sucedida, a menção ao apoio das forças armadas naquele contexto e a condenação da "covardia" dos manifestantes brasileiros criam um ambiente discursivo propício para encorajar ações mais radicais. Dessa forma, ainda que essa postagem não tenha sido uma das mais virais, ela reflete um movimento de radicalização e de incentivo a uma escalada nos protestos, algo que viria a se concretizar com a invasão às sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro.

1.9.7 Ataques de 8 de janeiro

Os ataques de 8 de janeiro de 2023 representaram o ápice da mobilização bolsonarista contra o governo recém-empossado de Luiz Inácio Lula da Silva. Nesse dia, milhares de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes, em Brasília, em uma tentativa frustrada de golpe de Estado. O episódio, amplamente comparado à invasão do Capitólio nos Estados Unidos em 2021, consolidou a radicalização de parte da base bolsonarista e a influência de discursos conspiratórios que vinham sendo disseminados desde a campanha eleitoral.

A circulação de conteúdos nos dias 6 e 7 de janeiro já indicava uma tentativa de reorganização narrativa, combinando exaltação ao governo Bolsonaro com mensagens que alimentavam a crença de que uma virada política ainda era possível. A insistência em divulgar supostos feitos do governo Bolsonaro, como privatizações, investimentos em infraestrutura e arrecadação com leilões de bens apreendidos, pode ser interpretada como um esforço para

reforçar a ideia de que o governo derrotado deixou um "legado positivo" e que sua retirada do poder era ilegítima. Além disso, postagens que exaltavam o papel das Forças Armadas e reforçavam insistentemente a ideia de uma estratégia silenciosa em curso.

5.4.4.1 06 de janeiro de 2023

A poucos dias dos ataques de 8 de janeiro, os conteúdos mais difundidos seguem a estratégia já observada em momentos anteriores, com quatro das cinco postagens vindas diretamente do canal oficial de Bolsonaro. As mensagens listam supostas conquistas de seu governo, apresentadas como feitos incontestáveis e, mais do que isso, como elementos de uma continuidade política implícita. O uso de expressões como "restabelecimento da verdade" reforça essa construção, sugerindo que há uma disputa narrativa em curso e que o ex-presidente ainda seria a única fonte legítima de informação sobre os rumos do país.

Tabela 18 - Mensagens mais compartilhadas em 06/01/2023 - Categoria Bolsonarism

06/12/2022 – CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Foto compartilhada do perfil oficial de Jair Bolsonaro com a legenda: "mais feitos do governo Jair Bolsonaro 1- Extinção de 27 mil Cargos. 2- De 124ª para 65ª no Ranking Doing Business do Banco Mundial. 3- Privatização CODESA (Portos) (1• na história / Espírito Santo) 4- Projeto de Desestatização de Portos (menos estado e interferência política na logística do dinheiro do contribuinte) [...]"	1704	996132	Clique aqui
2		Foto compartilhada do perfil oficial de Jair Bolsonaro com a legenda: "Compartilhe todos os dias as ações de nosso governo para restabelecimento da verdade: 1- +1000 Obras de Infra Turísticas Concluídas. 2- Convite OCDE. 3- Nova Lei de Licitações. 4- Disque Direitos Humanos (Disque 100). 5- Central de Atendimento à Mulher (Disque 180) [...]"	1241	916570	Clique aqui
3		Foto compartilhada do perfil oficial de Jair Bolsonaro com a legenda: "O Ministério da Justiça e Segurança Pública do Governo Jair Bolsonaro totalizou R$ 127 milhões em arrecadação com 5.500 ativos leiloados, de 2019 até 2022, oriundos de apreensões do tráfico de drogas e revertidos às Forças de Segurança do país.[...]".	1129	1009122	Clique aqui
4		Foto compartilhada do perfil oficial de Jair Bolsonaro com a legenda: "Compartilhe diariamente as ações de nosso governo para restabelecimento da verdade :1- Marco das Ferrovias (retorno histórico dos trens no Brasil). 2- Marco do câmbio (aumento do limite de $10.000 em viagens / redução gradativa do IOF)[...]".	1059	878553	Clique aqui

5		Captura de tela de Thais Muquici. A legenda diz: ENTENDAM SENHORES, DE UMA VEZ POR TODAS QUE A ARTE DA GUERRA É BASEADA NA DISSIMULAÇÃO ESTRATÉGICA. A MAIORIA JÁ ENTENDEU. SÓ NÃO ENTENDE QUEM NÃO ESTUDA E QUEM É VERMELHO! DEUS. FORÇAS ARMADAS. POVO BRASILEIRO. A TRÍADE DA VITÓRIA! É AÇO!	483	51100	Clique aqui

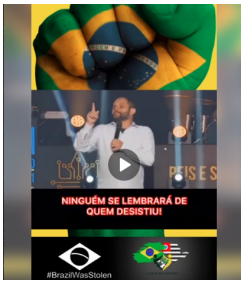
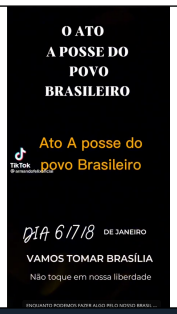
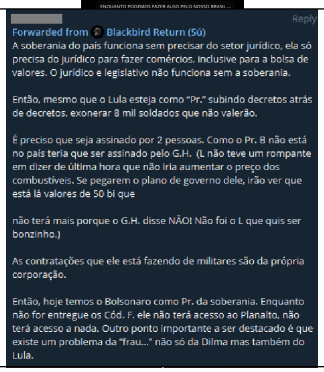
Fonte: elaboração da autora

O quinto conteúdo mais compartilhado, atribuído a Thais Muquici, destoa das mensagens anteriores, mas complementa essa estratégia ao adotar um tom mais combativo. A postagem faz referência à "arte da guerra" e à necessidade de compreensão estratégica da situação, ao mesmo tempo em que reforça um discurso de exclusão: "Só não entende quem não estuda e quem é vermelho!". A menção a "Deus, Forças Armadas e Povo Brasileiro" como uma tríade de resistência sintetiza os principais elementos da retórica bolsonarista, que sempre buscou associar sua base a valores nacionalistas e religiosos, ao mesmo tempo em que enaltecia a possibilidade de um respaldo militar.

Já a análise das mensagens mais compartilhadas nos grupos das outras categorias no dia 6 de janeiro revela um novo aquecimento da retórica bolsonarista nesses espaços. Embora esses grupos, em diversos momentos, tenham seguido suas próprias agendas conspiratórias alheias ao bolsonarismo, a proximidade dos ataques de 8 de janeiro coincide com um aumento da circulação de conteúdos alinhados à narrativa golpista. A julgar pelos conteúdos destacados, há uma convergência progressiva entre os discursos, sugerindo que a radicalização bolsonarista voltou a ganhar espaço e influência nesses ambientes.

Tabela 19 - Mensagens mais compartilhadas em 06/01/2023 - Outras categorias

06/12/2022 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Vídeo do vereador de Niterói (RJ), Douglas Gomes, que mostra uma entrevista de Flávio Dino com Lillian Witte Fibe. Há uma discussão sobre comunismo, justiça social, livre mercado. Lillian questiona sobre comunismo e ditadura.	510	45884	Clique aqui
2		Uma mulher debate o Projeto de Lei 1/2023, que institui a Política Nacional de Longo Prazo e diz, erroneamente, que é um plano para que o PT se mantenha no poder por 36 anos. A legenda diz: "Se vcs tem outros grupos	379	35736	Clique aqui

		espalhem esse vídeo o máximo possível!!!! Não vamos permitir isso”			
3		Um vídeo com um palestrante dizendo que Martin Luther King, Gandhi, Moisés não desistiram de suas lutas e por isso gravaram seu nome na História. Ele segue dizendo que ninguém se lembra de quem desistiu. A legenda diz: “Pra cima deles Brasil!!!! Essa comunistada de araque vai sentir o peso da mão dos conservadores. Não estamos salvando o Brasil, estamos salvando o mundo!!!! Levante-se! Marchem!”	243	45193	Clique aqui
4		O vídeo apenas com voz, sem autoria definida, diz que o povo pediu ajuda a todos que podiam, mas nada adiantou. O texto diz para o povo empunhar sua espada, pegar sua bandeira, pintar o rosto de verde e amarelo para tomar Brasília. A legenda diz: “ENQUANTO PODEMOS FAZER ALGO PELO NOSSO BRASIL …”	149	19985	Clique aqui
5		A diz que Bolsonaro ainda detém a "soberania" do Brasil e que Lula não teria poder legítimo. Diz que decretos assinados por Bolsonaro antes de deixar o cargo mantêm os militares em posições estratégicas, sugerindo uma suposta resistência contra o governo atual. Também menciona rumores sobre Paulo Guedes comprando grandes empresas e insinua que algo "bom" pode acontecer, pedindo paciência.	123	18021	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

O primeiro conteúdo não trata diretamente da contestação do resultado eleitoral, mas já aponta para uma tentativa de rearticular a retórica anticomunista, um elemento central da ideologia bolsonarista. Um trecho de uma entrevista com Flávio Dino, marcada por debates sobre justiça social e livre mercado, resgata um dos argumentos mais utilizados pela extrema direita: a ideia de que o novo governo representaria uma ameaça comunista, o que justificaria a mobilização contínua contra ele. Essa construção discursiva é reforçada na segunda mensagem mais compartilhada, que distorce um Projeto de Lei para afirmar, falsamente, que o PT estaria planejando se perpetuar no poder por 36 anos. Esse tipo de desinformação gera pânico e reforça a percepção de urgência, incentivando ações mais radicais.

Nos conteúdos seguintes, a retórica se torna ainda mais inflamada. A terceira postagem usa figuras históricas como Martin Luther King e Gandhi para justificar a resistência contra o governo Lula, enquadrando a mobilização bolsonarista dentro de uma lógica de luta heroica contra a opressão. O discurso se intensifica na quarta mensagem, que traz um áudio anônimo convocando os apoiadores a "empunhar sua espada" e "tomar Brasília", evidenciando um chamado explícito à ação. Esse tipo de conteúdo demonstra que, nos dias que antecederam os ataques de 8 de janeiro, os grupos bolsonaristas mantiveram sua mobilização e, mais que isso, conseguiram expandir sua retórica para outros espaços conspiracionistas, onde mensagens de incitação começaram a circular com maior frequência.

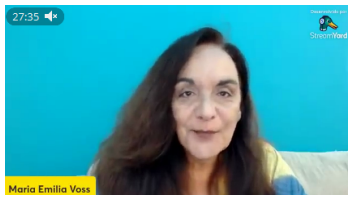
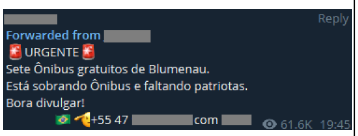
A última mensagem da tabela sintetiza a estratégia discursiva bolsonarista para manter sua base mobilizada. Ao afirmar que Bolsonaro ainda detém a "soberania" do Brasil, que Lula não teria poder legítimo e que os militares estariam estrategicamente posicionados para intervir. A menção a Paulo Guedes e a insinuação de que algo "bom" pode acontecer reforçam o tom de expectativa, pedindo paciência aos seguidores. Esse padrão narrativo já havia sido observado anteriormente e cumpre a função de manter a mobilização ativa, evitando o desânimo e criando uma sensação de que a reviravolta estaria próxima.

5.4.4.2 07 de janeiro de 2023

A análise dos conteúdos mais compartilhados nos grupos bolsonaristas no dia 7 de janeiro de 2023 — véspera dos ataques golpistas de 8 de janeiro — revela uma combinação de três estratégias principais: (1) a reafirmação da legitimidade do governo Bolsonaro por meio da divulgação de supostas conquistas econômicas, (2) o incentivo à radicalização por meio de referências à resistência popular em outros contextos históricos, e (3) a organização logística direta para levar manifestantes a Brasília.

Tabela 20 - Mensagens mais compartilhadas em 07/01/2023 - Categoria Bolsonarism

07/12/2022 – CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Foto compartilhada do perfil oficial de Jair Bolsonaro com a legenda: "MAIS FEITOS DO GOVERNO JAIR BOLSONARO 1- Extinção de 27 mil Cargos. 2- De 124ª para 65ª no Ranking Doing Business do Banco Mundial. 3- Privatização CODESA (Portos) (1• na história / Espírito Santo) 4- Projeto de Desestatização de Portos (menos estado e interferência política na logística do dinheiro do contribuinte) [...]"	1704	996132	Clique aqui
2		Foto compartilhada do perfil oficial de	1005	1,11 milhões	Clique aqui

		Jair Bolsonaro com a legenda: "Governo Bolsonaro deixa herança de R$ 82 bilhões em investimentos contratados para 2023. MAIS UMA HERANÇA HERANÇA BENDITA QUE VOCÊ NÃO VERÁ EM DETERMINADA EMISSORA DE TV:			
3		Documentário Winter on fire, com a legenda: "Aprendam o que é uma RESISTÊNCIA! Documentário Winter on Fire (Ucrânia em chamas) completo e dublado em português. Assista e COMPARTILHE ao MÁXIMO!!!"	949	62466	Clique aqui
4		Vídeo de Maria Emilia Voss, que se identifica como cientista política. Em uma fala de 27 minutos, ela estimula a todos irem para Brasília lutarem contra o comunismo. Com a legenda: "Ação tomar Brasília. Dra. Maria Emília Voss, especialista em política e geopolítica formada na Escola Superior de Guerra. Parem de ouvir charlatões e se alimentem de verdadeiro conhecimento. A esquerda divide pra conquistar. aqui eles não passarão. Nós somos a resistência".	687	46036	Clique aqui
5		Mensagem que oferece vagas gratuitas em ônibus para Brasília. A mensagem diz: "URGENTE. Sete ônibus gratuitos de Blumenau. Está sobrando ônibus e faltando patriotas. Bora divulgar". A mensagem encerra com o número de telefone da responsável pelos ônibus.	328	61625	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

Os dois conteúdos mais compartilhados seguem um padrão já observado nos dias anteriores: mensagens do canal oficial de Bolsonaro destacando supostos feitos do governo e reforçando a narrativa de que sua gestão deixou um legado positivo. A terceira mensagem marca um ponto de inflexão no tom das postagens. Trata-se da divulgação do documentário Winter on Fire (Ucrânia em Chamas), que retrata a Revolução Ucraniana de 2014 e as manifestações que culminaram na queda do então presidente Viktor Yanukovych. O uso desse material na véspera do ataque de 8 de janeiro não é casual: a referência à resistência popular contra um governo considerado ilegítimo serve como inspiração para os apoiadores de Bolsonaro, reforçando a ideia de que apenas a mobilização nas ruas poderia reverter o resultado das eleições.

O chamado à ação se intensifica na quarta postagem, um vídeo de 27 minutos da cientista política Maria Emília Voss[113], que foi candidata a deputada federal pelo estado do Rio de Janeiro pelo partido Republicanos, mas não foi eleita. Em sua fala, ela convoca

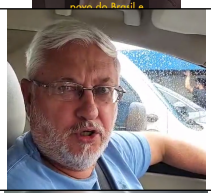
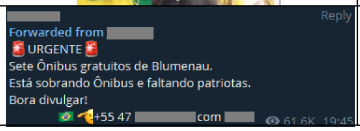
[113] Como disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/candidatos/2022/rj/deputado-federal/maria-emilia-voss-190001644797.shtml Acesso 05 mar 2025.

diretamente os apoiadores a se dirigirem a Brasília para lutar contra o comunismo. O fato de seu discurso ser longo e estruturado, ao contrário de mensagens curtas e inflamadas, indica um esforço para oferecer uma justificativa ideológica que legitimasse a ação dos manifestantes.

Por fim, a quinta postagem apresenta um elemento crucial: a logística da mobilização. A oferta de vagas gratuitas em ônibus para Brasília mostra que a articulação não se limitava ao discurso, mas envolvia a organização ativa para garantir a presença de manifestantes na capital. O fato de a mensagem mencionar que há "ônibus sobrando e faltando patriotas" indica um esforço para ampliar a adesão ao movimento, demonstrando que os organizadores estavam preparados para transportar um grande contingente de pessoas.

A análise dos conteúdos mais compartilhados nos grupos das outras categorias no dia 7 de janeiro de 2023 mostra um cenário misto, em que narrativas conspiratórias tradicionais — como antivacina e boicotes a empresas supostamente alinhadas ao "globalismo" — seguem dominantes, mas começam a ceder espaço para conteúdos alinhados ao bolsonarismo e à preparação para os ataques de 8 de janeiro.

Tabela 21 - Mensagens mais compartilhadas em 07/01/2023 - Outras categorias

07/12/2022 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Vídeo com conteúdo antivacina analisa quatro novas vacinas no calendário de imunização da Espanha	1824	48896	Clique aqui
2		Vídeo do médico americano Robert Malone, famoso pelo seu posicionamento antivacina. A legenda diz: "Dr. Robert Malone deixa um recado ao povo brasileiro".	828	58039	Clique aqui
3		Vídeo de um homem que se identifica como Coronel Bulat. Ele diz para os manifestantes continuarem acreditando nas Forças Armadas porque todos os desejos dos protestos serão atendidos. A legenda diz: "Uma palavra do Coronel Bulat".	621	46350	Clique aqui
4		Vídeo de uma mulher mostrando quais bebidas não alcoólicas são fabricadas pela AMBEV. Ela diz que essas marcas devem ser boicotadas, uma vez que a AMBEV apoia o comunismo. A legenda diz: "BOICOTE TOTAL AMBEV. ELES APOIAM O COMUNISMO".	483	51934	Clique aqui
5		Mensagem que oferece vagas gratuitas em ônibus para Brasília. A mensagem diz: "URGENTE. Sete ônibus gratuitos de Blumenau. Está sobrando ônibus e	328	61625	Clique aqui

		faltando patriotas. Bora divulgar". A mensagem encerra com o número de telefone da responsável pelos ônibus.			

Fonte: elaboração da autora

As duas mensagens mais compartilhadas reforçam a continuidade das temáticas conspiratórias típicas desses grupos. A primeira aborda a inclusão de novas vacinas no calendário de imunização da Espanha, sugerindo um tom de desconfiança sobre as diretrizes de saúde pública. A segunda é um vídeo do médico Robert Malone, figura conhecida no movimento antivacina, direcionado ao público brasileiro, reforçando a resistência a campanhas de vacinação. Esse padrão confirma que, mesmo em um momento de alta mobilização política, esses grupos mantêm seu fluxo de desinformação sobre saúde pública, demonstrando que as narrativas bolsonaristas não substituíram completamente as teorias da conspiração que já circulavam nesses espaços.

No entanto, a terceira mensagem sinaliza uma mudança de tom. Trata-se de um vídeo de um suposto Coronel Bulat, que encoraja os manifestantes a manterem a fé nas Forças Armadas, garantindo que os desejos dos protestos seriam atendidos. Esse tipo de conteúdo reforça a crença de que o golpe militar era iminente, alimentando a ilusão de que os militares estavam ao lado dos manifestantes e que haveria uma reviravolta contra o governo eleito.

A quarta mensagem retoma o padrão de desinformação econômica e boicotes motivados por viés ideológico, um fenômeno recorrente na extrema direita global. O alvo, dessa vez, é a Ambev[114], acusada de apoiar o comunismo. A chamada ao boicote ilustra como esses grupos mobilizam discursos econômicos como forma de engajamento político, criando a percepção de que o consumo pode ser usado como ferramenta de resistência contra o sistema.

Por fim, a quinta mensagem representa um marco na escalada para os ataques do dia 8 de janeiro: a organização logística para levar manifestantes a Brasília. O fato de a mesma mensagem de vagas gratuitas para ônibus ter circulado tanto nos grupos bolsonaristas quanto nos demais grupos indica que a mobilização se ampliava além da base mais fiel ao ex-presidente, alcançando outros setores já habituados a discursos conspiratórios.

5.4.4.3 08 de janeiro de 2023

A análise da tabela de 8 de janeiro de 2023 na categoria bolsonarista revela a intensa mobilização e o clima de insurreição que tomou conta desses grupos no dia dos ataques às

[114] A Ambev (Companhia de Bebidas das Américas) é uma das maiores empresas do setor de bebidas da América Latina e maior fabricante de cervejas do mundo. É responsável pela produção e distribuição de diversas marcas incluindo Brahma, Skol, Antarctica e Guaraná Antarctica.

sedes dos Três Poderes. O conteúdo compartilhado reflete não apenas a exaltação dos atos de vandalismo, mas também a tentativa de legitimar as invasões como uma reação patriótica contra um suposto regime ilegítimo. Além disso, as mensagens indicam um esforço para internacionalizar a narrativa e criar desinformação sobre os eventos.

Tabela 22 - Mensagens mais compartilhadas em 08/01/2023 - Categoria Bolsonarism

08/12/2022 – CATEGORIA BOLSONARISM					
	Conteúdo	Descrição	Compartilhamentos	Visualizações	Link
1		Vídeo que mostra os manifestantes no Congresso Nacional. A legenda diz, em inglês: "O povo do Brasil não permitirá uma eleição fraudulenta. O Brasil é um possível ponto de origem para a próxima pandemia. O Brasil deve ser defendido por todos os meios necessários".	1935	251709	Clique aqui
2		Vídeo de um homem armado dentro do que parece ser o prédio do STF. A legenda diz: "INFILTRADOS AO LADO DA POLÍCIA QUEBRANDO TUDO? COMO ASSIM?"	865	57015	Clique aqui
3		Vídeo do médico americano Robert Malone, famoso pelo seu posicionamento antivacina. A legenda diz: "Dr. Robert Malone deixa um recado ao povo brasileiro".	828	58054	Clique aqui
4		Vídeo que mostra um homem supostamente na Praça dos Três Poderes. Ele diz que levou 3 tiros de pistola na perna e que Bolsonaro é o presidente do Brasil, que as eleições foram roubadas e que o mundo inteiro sabe disso.	658	89798	Clique aqui
5		Imagem compartilhada do perfil oficial de Jair Bolsonaro com a legenda: "Real tem a melhor performance em 2022 entre 33 moedas globais. O real é a moeda que mais se valorizou em relação ao dólar em 2022, numa cesta com 33 das principais divisas globais. A moeda brasileira terminou o ano passado com elevação de 5,62%. O movimento ocorreu a despeito das turbulências globais. Mais uma prova do acerto da política econômica implementada no Brasil entre 2019 e 2022".	630	1,18 milhões	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

O vídeo mais compartilhado do dia (com mais de 250 mil visualizações) destaca manifestantes dentro do Congresso Nacional e traz uma legenda em inglês, sugerindo que o Brasil seria um foco de resistência contra uma "eleição fraudulenta" e, curiosamente, associando o país ao "possível ponto de origem para a próxima pandemia". O uso do inglês nesse contexto reforça a tentativa de projetar o evento para audiências internacionais, algo já observado em postagens anteriores, buscando apoio externo e a construção de uma narrativa global de resistência contra uma suposta "ameaça comunista". Esse tipo de enquadramento se alinha a discursos conspiratórios mais amplos que combinam elementos de fraude eleitoral, pandemia e interferência globalista.

O segundo conteúdo mais compartilhado sugere a presença de "infiltrados" dentro dos atos de depredação, reforçando uma narrativa recorrente entre bolsonaristas que tentaram dissociar os ataques de seus próprios apoiadores. O vídeo mostra um homem armado dentro do que parece ser o prédio do STF e questiona como "infiltrados" estariam ao lado da polícia promovendo a destruição. Essa estratégia discursiva foi amplamente utilizada para minimizar a responsabilidade dos manifestantes bolsonaristas na destruição dos edifícios públicos e alimentar suspeitas de que os atos teriam sido provocados por agentes externos para criminalizar o movimento.

Outro ponto relevante é a terceira mensagem mais compartilhada, que não está diretamente relacionada aos ataques, mas se alinha à retórica conspiratória presente nesses grupos. O vídeo do médico Robert Malone, conhecido por sua postura antivacina, reaparece nesse contexto, sugerindo que as teorias da conspiração sobre saúde pública continuam a ser mobilizadas dentro dos grupos bolsonaristas, mesmo durante uma crise política de grandes proporções. Isso indica que, para esses grupos, diferentes narrativas conspiratórias não competem entre si, mas se complementam e reforçam a visão de mundo de seus membros.

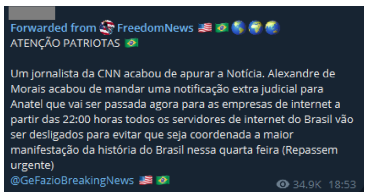
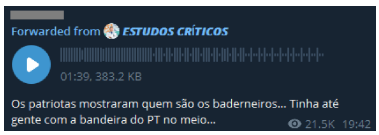
Já o quarto vídeo mostra um homem supostamente na Praça dos Três Poderes, alegando ter sido baleado e reafirmando que Bolsonaro é o presidente legítimo do Brasil, reforçando a crença na fraude eleitoral. A dramaticidade da gravação e a insistência na ilegitimidade do governo Lula buscam manter a mobilização emocional dos manifestantes, mesmo diante da repressão policial e do fracasso da tentativa golpista.

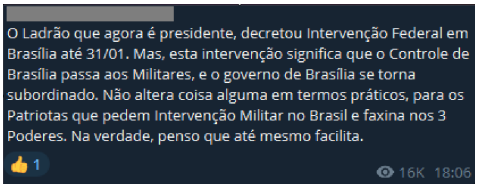
Por fim, a quinta postagem, uma imagem do perfil oficial de Jair Bolsonaro exaltando a valorização do real em 2022, chama a atenção por destoar dos demais conteúdos. O fato de um post econômico estar entre os mais compartilhados no dia do ataque sugere que os canais

oficiais de Bolsonaro continuavam exercendo forte influência na base e reforça uma estratégia discursiva observada anteriormente: apresentar Bolsonaro como um governante legítimo e bem-sucedido.

A análise das mensagens compartilhadas nas outras categorias no dia 8 de janeiro revela um padrão semelhante ao dos grupos bolsonaristas, mas com algumas particularidades. Em primeiro lugar, é importante destacar que muitas das mensagens coletadas foram posteriormente excluídas dos grupos, o que sugere uma tentativa de ocultar evidências do que estava sendo compartilhado no momento do ataque. Esse comportamento reforça a hipótese de que, apesar das tentativas posteriores de desassociar os atos violentos dos apoiadores bolsonaristas, os próprios grupos tiveram receio de manter um registro explícito das postagens realizadas durante a invasão.

Tabela 23 - Mensagens mais compartilhadas em 08/01/2023 - Outras categorias

08/12/2022 – OUTRAS CATEGORIAS					
	Conteúdo	Descrição	Shares	Views	Link
1		Vídeo que mostra os manifestantes no Congresso Nacional. A legenda diz, em inglês: "O povo do Brasil não permitirá uma eleição fraudulenta. O Brasil é um possível ponto de origem para a próxima pandemia. O Brasil deve ser defendido por todos os meios necessários".	1935	251709	Clique aqui
2		Vídeo que mostra um carro da polícia entrando no espelho d'água do Congresso, com a legenda: "Polícia militante. Observem a viatura indo para a água, sem que estivesse sendo empurrada por manifestantes. TUDO ARRUMADO para desqualificar a manifestação e imputar às pessoas o rótulo de terroristas".	453	30090	Clique aqui
3		Mensagem que diz: "Um jornalista da CNN acabou de apurar a Notícia. Alexandre de Morais acabou de mandar uma notificação extra judicial para Anatel que vai ser passada agora para as empresas de internet a partir das 22:00 horas todos os servidores de internet do Brasil vão ser desligados para evitar que seja coordenada a maior manifestação da história do Brasil nessa quarta feira (Repassem urgente)"	417	34931	Clique aqui
4		Áudio sem autoria definida que diz que a mídia está mentindo e que haviam muitos "antifas" infiltrados e que eles estavam quebrando tudo, e não os patriotas. Esses antifas estariam quebrando as câmeras de segurança. Diz também que já havia bombas caseiras dentro dos prédios invadidos e que estava tudo acertado para o quebra-quebra antes das manifestações. Tudo isso, segundo o áudio, para criar uma narrativa para o lado dos comunistas.	21382	222	Clique aqui

5		Mensagem que diz: "O Ladrão que agora é presidente, decretou Intervenção Federal em Brasília até 31/01. Mas, esta intervenção significa que o Controle de Brasília passa aos Militares, e o governo de Brasília se torna subordinado. Não altera coisa alguma em termos práticos, para os Patriotas que pedem Intervenção Militar no Brasil e faxina nos 3 Poderes. Na verdade, penso que até mesmo facilita."	16024	116	Clique aqui

Fonte: elaboração da autora

A primeira mensagem da tabela segue a lógica já observada nos grupos bolsonaristas, tentando internacionalizar a narrativa dos ataques. O vídeo, com legenda em inglês, não apenas exalta a invasão ao Congresso, mas também insere uma nova camada conspiratória ao afirmar que "o Brasil é um possível ponto de origem para a próxima pandemia". Essa conexão entre golpe, pandemia e uma suposta ameaça globalista ilustra como diferentes vertentes da desinformação se cruzam nesses grupos, reforçando um discurso paranoico de resistência contra uma conspiração mundial.

A segunda mensagem busca desqualificar os atos de vandalismo e reforçar a tese de que tudo teria sido uma armação. O vídeo mostra um carro da polícia entrando no espelho d'água do Congresso e sugere que isso teria sido "arrumado" para criminalizar os manifestantes. Essa tentativa de criar dúvidas sobre os eventos do dia reflete a estratégia discursiva já observada anteriormente, na qual a responsabilidade pelos atos violentos é transferida para agentes externos, como infiltrados ou mesmo o próprio Estado.

A terceira mensagem traz uma alegação completamente falsa, afirmando que a internet no Brasil seria desligada por ordem de Alexandre de Moraes para impedir a coordenação da "maior manifestação da história do Brasil". Esse tipo de desinformação cumpre um papel crucial na mobilização dos grupos, gerando um senso de urgência e fomentando a sensação de que a resistência está sendo suprimida por um regime autoritário. No entanto, não houve qualquer interrupção generalizada da internet no Brasil, tornando essa mensagem um exemplo clássico de pânico fabricado.

A quarta mensagem merece uma análise especial, pois sugere que os responsáveis pela depredação não seriam os próprios manifestantes, mas sim "antifas" infiltrados que teriam quebrado câmeras de segurança e planejado previamente os ataques. Além de se alinhar à narrativa de infiltração já observada nos grupos bolsonaristas, essa alegação levanta uma questão interessante: se os infiltrados são "antifas" (abreviação de antifascistas), isso não seria, de forma inconsciente, um reconhecimento do próprio viés fascista desses grupos? Essa

contradição ilustra como a busca por um bode expiatório, ainda que sem qualquer evidência concreta, leva a construções discursivas que podem se tornar paradoxais.

Por fim, a última mensagem analisa o decreto de Intervenção Federal assinado por Lula, tentando reinterpretá-lo como algo positivo para a causa bolsonarista. O texto sugere que a intervenção militar em Brasília "facilita" os pedidos de intervenção militar no Brasil como um todo, distorcendo completamente a realidade dos fatos. Essa estratégia reflete o esforço contínuo desses grupos em ressignificar eventos de acordo com suas narrativas conspiratórias, mantendo a base mobilizada mesmo diante da derrota política e do fracasso dos ataques.

No geral, essa tabela evidencia que, mesmo em grupos não explicitamente bolsonaristas, a retórica do golpe se espalhou e encontrou ressonância. Apesar de esses grupos frequentemente circularem conteúdos conspiratórios desvinculados da política nacional, no dia 8 de janeiro a agenda bolsonarista conseguiu capturar parte do engajamento. Isso demonstra como essas comunidades funcionam como um ecossistema fluido, onde temas como antivacina, globalismo e teorias sobre censura digital podem, em momentos-chave, se articular para fomentar narrativas golpistas.

No geral, essa tabela evidencia que, mesmo em grupos não explicitamente bolsonaristas, a retórica do golpe se espalhou e encontrou ressonância. Apesar de esses grupos frequentemente circularem conteúdos conspiratórios desvinculados da política nacional, no dia 8 de janeiro a agenda bolsonarista conseguiu capturar parte do engajamento. Isso demonstra como essas comunidades funcionam como um ecossistema fluido, onde temas como antivacina, globalismo e teorias sobre censura digital podem, em momentos-chave, se articular para fomentar narrativas golpistas.

1.7 ESCALADA DA PALAVRA "INTERVENÇÃO"

Como visto na longa análise anterior, o clamor bolsonarista por uma intervenção militar foi um dos principais mobilizadores dentro dos grupos analisados, tornando-se um marcador discursivo da contestação do resultado eleitoral e da preparação para os eventos de 8 de janeiro. Desde o início das manifestações em frente aos quartéis, esse tema esteve associado à expectativa de que as Forças Armadas assumiriam um papel ativo na reversão do processo democrático. Seu uso refletiu a esperança de uma reviravolta e também serviu como um instrumento de engajamento, fortalecendo a crença de que havia um desfecho iminente. Assim, mapear a frequência das menções à palavra “intervenção” nos diferentes grupos

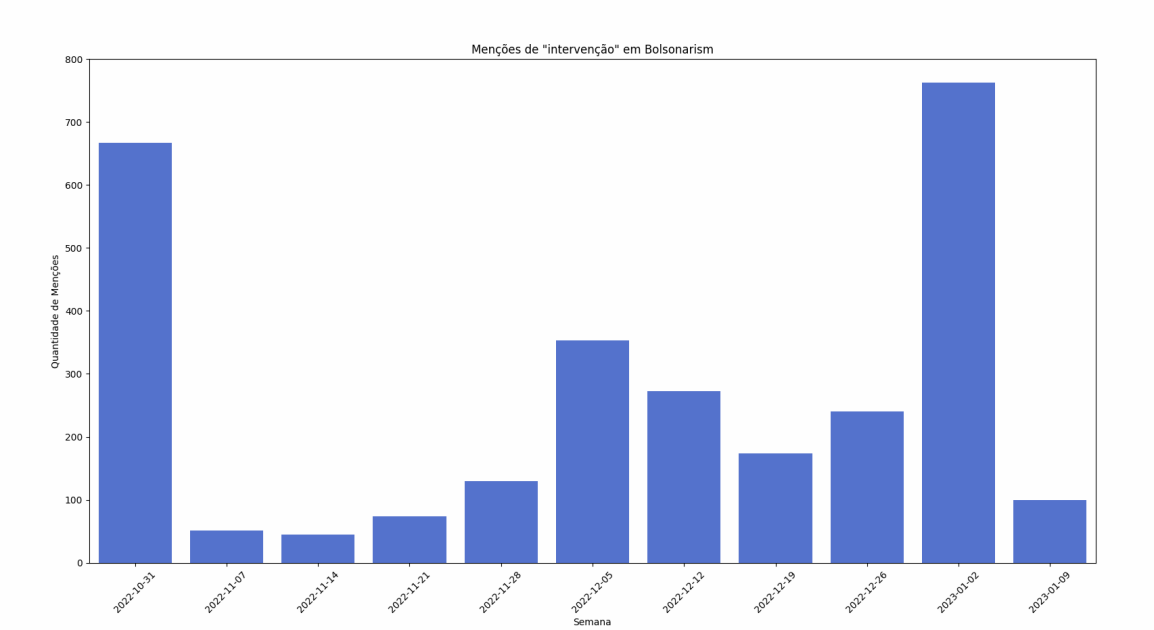
pareceu uma estratégia pertinente que permite entender como essa ideia foi sendo amplificada ao longo do tempo, culminando nos ataques golpistas.

Portanto, os gráficos apresentados nesta seção demonstram a evolução das menções ao termo “intervenção” em diferentes categorias ao longo do período analisado, com atenção especial ao crescimento exponencial desse tipo de discurso nos dias que antecederam os ataques de 8 de janeiro. Ao cruzarmos essas visualizações com as tabelas previamente analisadas, é possível identificar padrões discursivos e picos de engajamento diretamente ligados aos eventos políticos e às mobilizações conspiratórias que culminaram na invasão das sedes dos Três Poderes.

1.9.8 Bolsonarism

O gráfico referente à categoria Bolsonarism apresenta dois momentos críticos de alta nas menções ao termo “intervenção”: o primeiro logo após o segundo turno das eleições, em 30 de outubro de 2022, e o segundo na semana de 1º de janeiro de 2023, atingindo um ápice expressivo na semana dos ataques. Essa dinâmica reflete as fases de contestação do resultado eleitoral e a tentativa contínua de manter o engajamento da base bolsonarista na expectativa de uma reviravolta política.

Figura 52 - Contagem da palavra "intervenção" na categoria Bolsonarism



Fonte: elaboração da autora

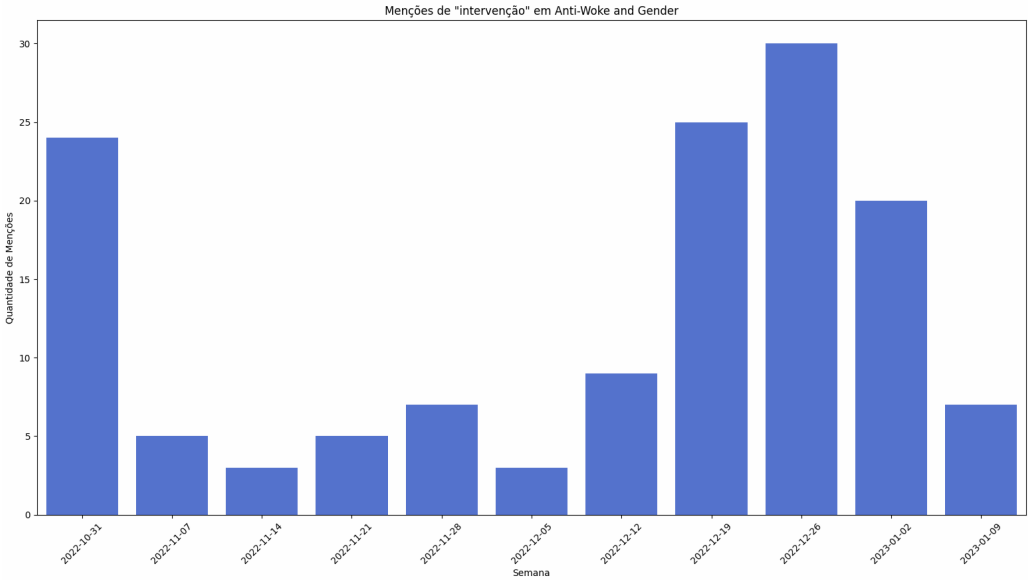
Conforme observado nas tabelas analisadas, o período inicial foi marcado por narrativas que tentavam minimizar a derrota eleitoral e reforçar a ideia de um “plano

silencioso" em andamento. Essa expectativa foi mantida por meio da disseminação de conteúdos oficiais do próprio Bolsonaro, sugerindo que seu governo ainda exercia influência ativa sobre os rumos do país, mesmo após a posse de Lula. O pico final, em janeiro de 2023, ocorre simultaneamente à intensificação dos chamados para manifestações e à propagação de desinformação sobre um suposto apoio das Forças Armadas ao levante golpista.

1.9.9 Outras categorias

Embora os grupos bolsonaristas tenham sido o principal motor das narrativas de intervenção, os gráficos revelam que o termo também começou a ganhar tração em outras categorias, ainda que de forma mais difusa. Na categoria *Anti-Woke and Gender*, por exemplo, observa-se um aumento considerável nas menções ao termo "intervenção" a partir de meados de dezembro de 2022, atingindo seu pico pouco antes e durante os ataques de 8 de janeiro. Esse crescimento pode estar relacionado à fusão entre o discurso conspiratório e a mobilização política, onde a ideia de uma tomada de poder se mesclou à retórica de supostas ameaças morais e culturais representadas pelo novo governo.

Figura 53 - Contagem da palavra "intervenção" na categoria Anti-Woke and Gender

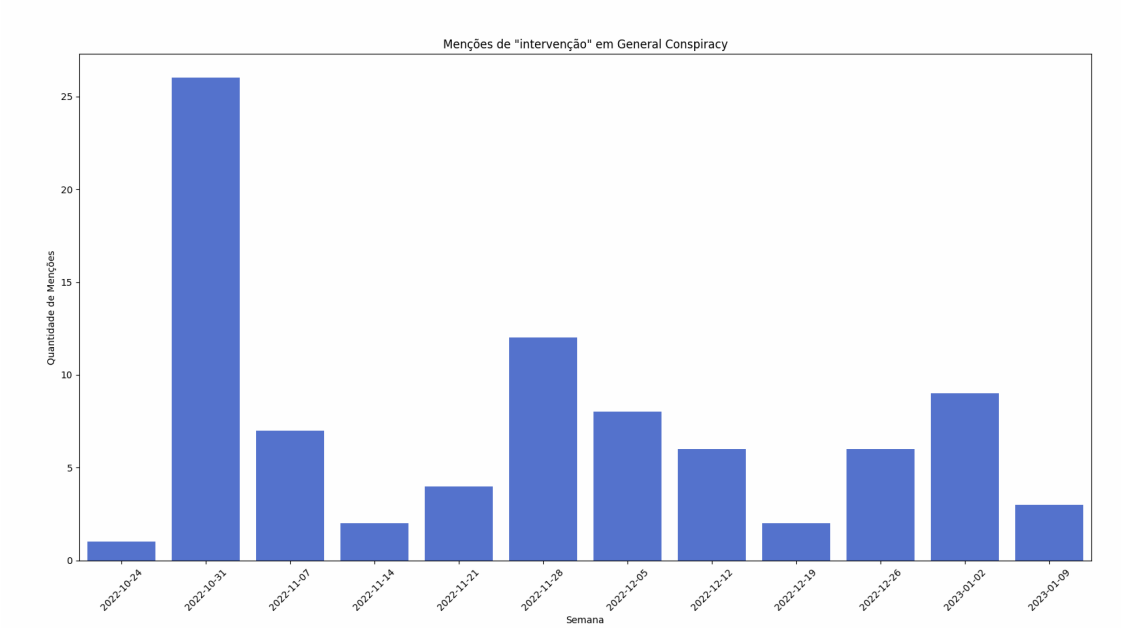


Fonte: elaboração da autora

No caso da categoria *General Conspiracy*, a evolução das menções segue um padrão semelhante, com picos em momentos de crise política, mas sem atingir os mesmos níveis de mobilização observados no bolsonarismo. Isso indica que, embora as narrativas conspiratórias tenham servido de pano de fundo para alimentar a contestação eleitoral, esse segmento

manteve parte de sua agenda própria, que muitas vezes se descolava dos eventos políticos imediatos.

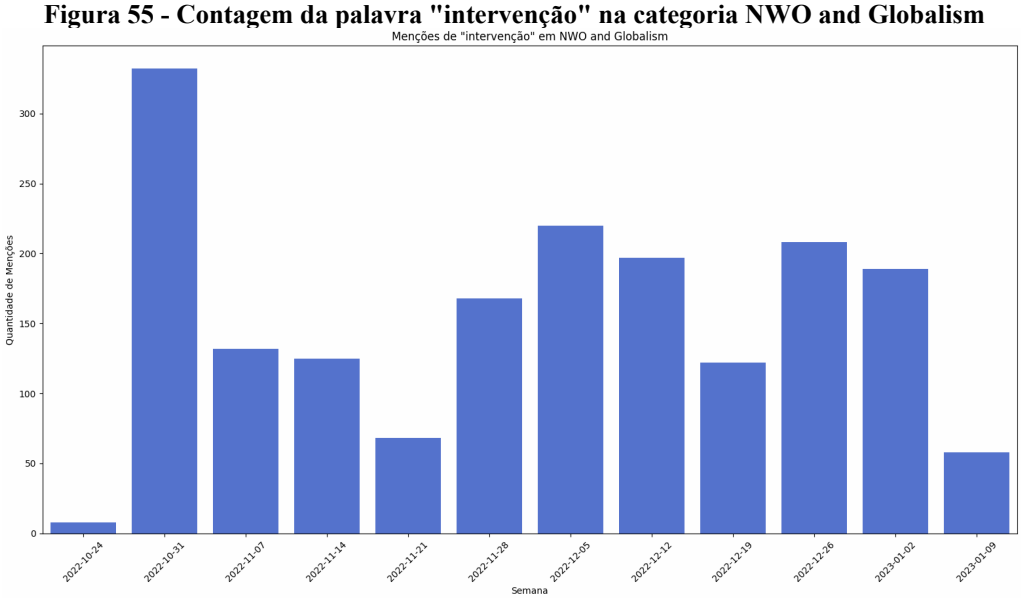
Figura 54 - Contagem da palavra "intervenção" na categoria General Conspiracy



Fonte: elaboração da autora

A categoria NWO and Globalism apresenta um padrão de menções mais distribuído ao longo do tempo, mas com um reforço nas semanas que antecedem os ataques. Esse comportamento sugere que a narrativa da "intervenção" foi incorporada dentro de um contexto mais amplo de suposta luta contra forças globais que estariam manipulando governos nacionais.

Figura 55 - Contagem da palavra "intervenção" na categoria NWO and Globalism

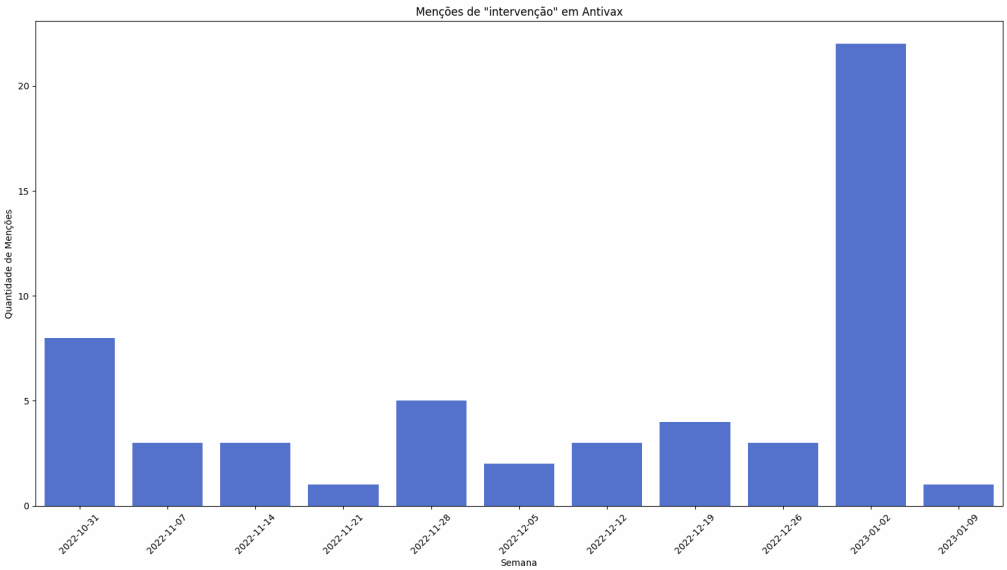


Fonte: elaboração da autora

Embora os grupos antivacina não tenham sido diretamente envolvidos na contestação eleitoral, o gráfico demonstra que as menções ao termo “intervenção” dentro dessa categoria experimentaram um crescimento significativo nos dias que antecederam os ataques de 8 de janeiro. Até então, o uso desse termo se mantinha esporádico e sem grandes variações.

Esse crescimento pode ser explicado por dois fatores principais. Primeiro, a sobreposição entre o movimento antivacina e outras correntes conspiratórias fez com que parte dessa comunidade absorvesse o discurso golpista e o adaptasse às suas próprias narrativas. Muitos grupos antivacina já viam as eleições como parte de um esquema global de controle, e a ideia de intervenção militar passou a ser vista como uma forma de resistência contra essa suposta agenda.

Figura 56 -Contagem da palavra “intervenção” na categoria Antivax

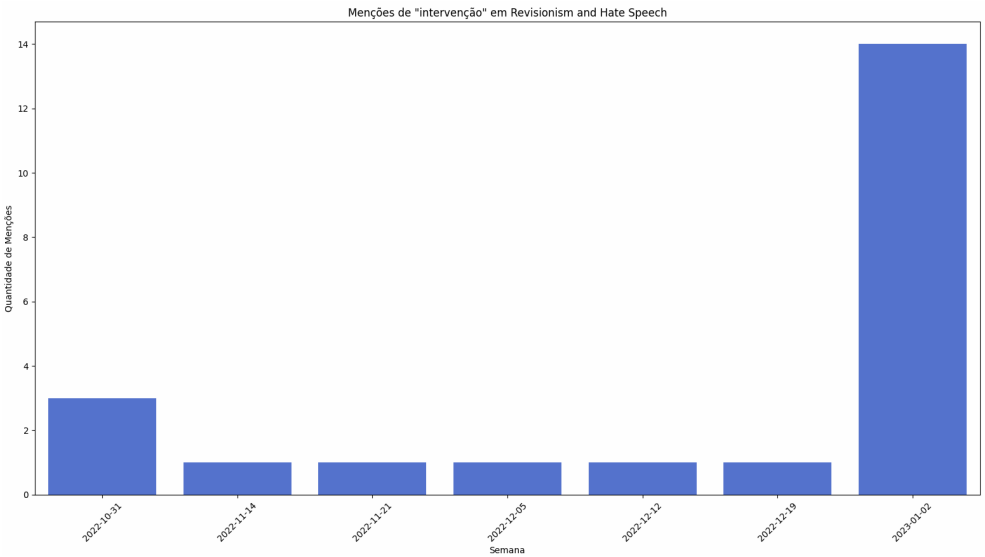


Fonte: elaboração da autora

1.9.10 O salto na categoria Revisionism and Hate Speech

Um dos pontos mais interessantes observados nos gráficos é o crescimento abrupto das menções ao termo “intervenção” na categoria *Revisionism and Hate Speech* na semana dos ataques de 8 de janeiro. Até então, essa categoria apresentava níveis baixos e estáveis de menções ao termo, mas na semana crítica, houve uma explosão repentina.

Figura 57 - Contagem da palavra “intervenção” na categoria *Revisionism and Hate Speech*



Fonte: elaboração da autora

Essa mudança pode ser explicada pelo fato de que os grupos associados a essa categoria, muitas vezes centrados em revisionismo histórico e discursos extremistas, passaram a atuar de maneira mais ativa na tentativa de dar um respaldo ideológico e simbólico aos atos golpistas. A retórica da "intervenção" foi, então, instrumentalizada para justificar os ataques como um suposto movimento legítimo contra um inimigo construído discursivamente ao longo dos meses anteriores.

A escalada do termo "intervenção" ao longo do período analisado mostra como a radicalização dos grupos se intensificou, convergindo para a expectativa de que *as Forças Armadas* assumiriam um papel decisivo na reversão do resultado eleitoral. Essa narrativa se espalhou entre diferentes categorias, ampliando a adesão à ideia de que uma ruptura institucional era iminente. Como será demonstrado a seguir, os gráficos de bigramas revelam que a presença dos militares não foi apenas um tema recorrente nos grupos bolsonaristas, mas também se tornou um eixo discursivo compartilhado por outras comunidades conspiratórias, consolidando a noção de que o Exército era o único agente capaz de impedir a transição democrática.

5.6 ANÁLISE DE BIGRAMAS: A CENTRALIDADE DE "FORÇAS ARMADAS"

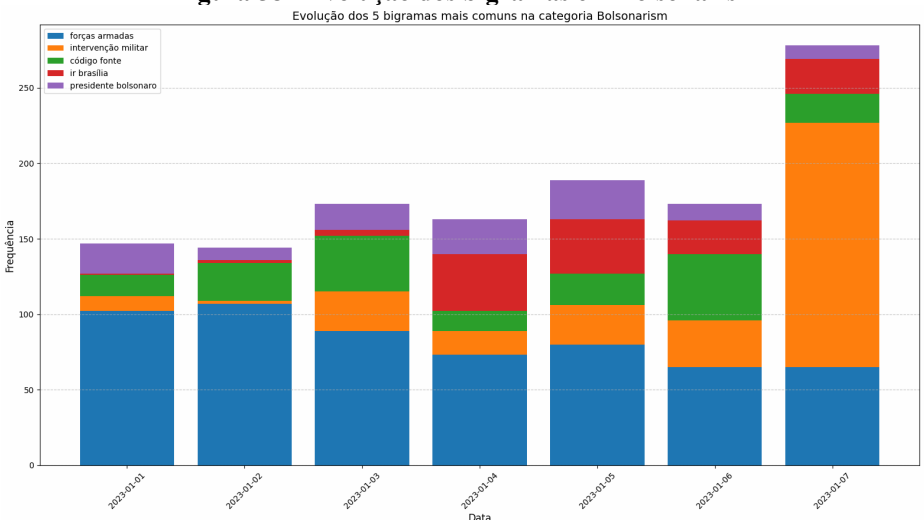
Os gráficos de bigramas oferecem uma síntese das tendências discursivas predominantes nos grupos analisados, indicando padrões recorrentes e variações no uso de determinados termos ao longo do tempo. Embora não capturem a totalidade das interações e nuances presentes nas mensagens, esses dados fornecem indícios significativos sobre os eixos

narrativos mais mobilizados, permitindo identificar como a contestação eleitoral e a expectativa de um golpe de Estado foram construídas.

Bigramas são combinações de duas palavras que aparecem juntas com frequência em um determinado conjunto de textos. No campo do Processamento de Linguagem Natural (PLN), "a análise de bigramas é uma técnica estratégica para identificar padrões semânticos e estruturais em grandes volumes de dados textuais" (Bird; Klein; Loper, 2009, p. 25). Ao mapear essas co-ocorrências, é possível compreender quais termos estão sendo associados de maneira sistemática, revelando articulações discursivas que, de outra forma, poderiam passar despercebidas. No contexto desta pesquisa, os bigramas ajudam a evidenciar como certas ideias, como a expectativa de uma intervenção militar, foram reforçadas ao longo do tempo, permitindo traçar a evolução da mobilização discursiva em torno da tentativa de golpe.

O gráfico referente à categoria Bolsonarism é o mais emblemático nesse sentido. Desde os primeiros dias de janeiro de 2023, a expressão "forças armadas" se mantém como um dos bigramas mais recorrentes, acompanhada de termos como "intervenção militar", "código fonte", "em Brasília" e "presidente Bolsonaro". Esse padrão confirma que, até o último momento antes dos ataques de 8 de janeiro, os grupos bolsonaristas ainda estavam profundamente envolvidos na crença de que haveria um desfecho favorável à sua causa, reforçando a ideia de que os militares teriam um papel decisivo na suposta reversão do resultado eleitoral.

Figura 58 - Evolução dos bigramas em Bolsonarism



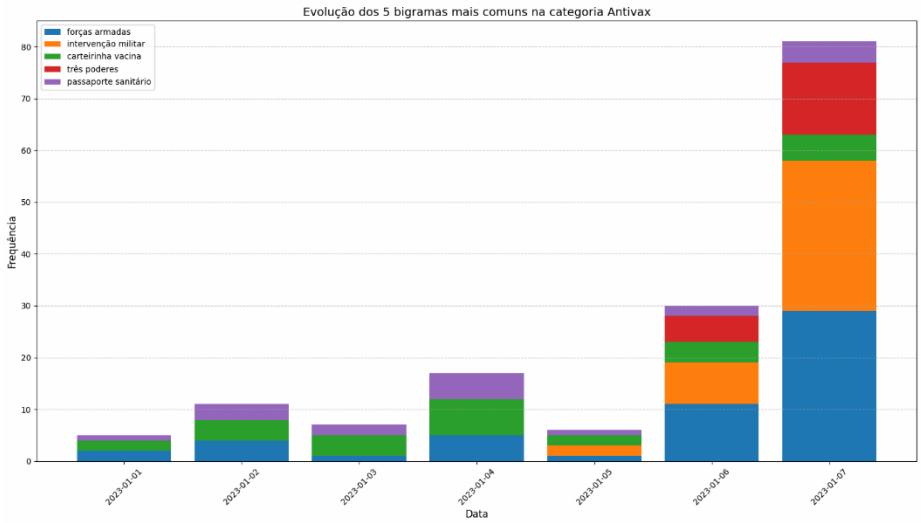
Fonte: elaboração da autora

Embora a presença das Forças Armadas na narrativa golpista do bolsonarismo já fosse amplamente esperada, o que os gráficos revelam de mais surpreendente é a forma como essa

retórica se espalhou para outras categorias. Mesmo em grupos que, inicialmente, não estavam centrados na contestação eleitoral, observa-se um aumento significativo das menções a militares, sugerindo que a ideia de uma intervenção foi absorvida e reinterpretada por diferentes comunidades conspiratórias.

Em *Antivax,* o discurso ocorre de maneira gradual, mas ganha maior visibilidade nos dias que antecedem os ataques de 8 de janeiro. Esse padrão revela que o esforço bolsonarista foi capaz de mobilizar e radicalizar comunidades que, até então, tinham pautas relativamente distintas. O alinhamento entre discursos antivacina e apelos por intervenção militar reforça como o ecossistema conspiratório funciona de maneira interconectada, adaptando-se às oportunidades políticas para manter seus seguidores engajados.

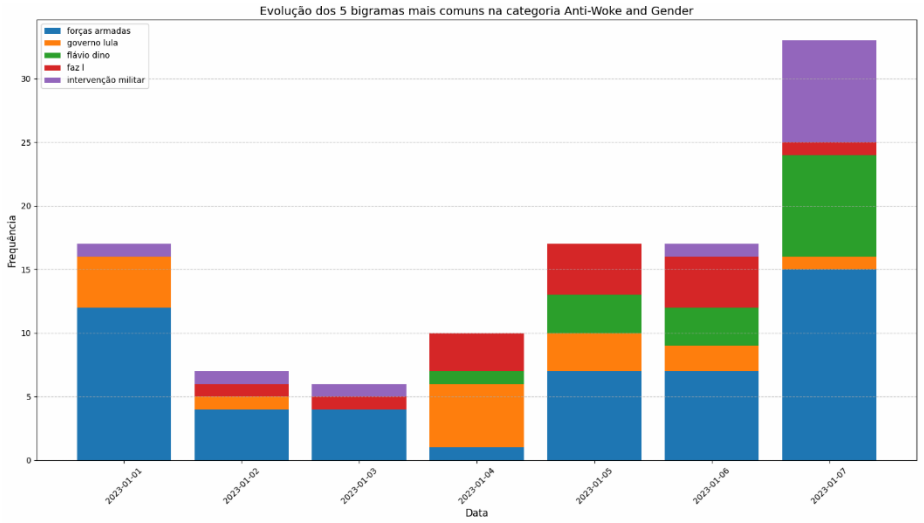
Figura 59 - Evolução dos bigramas em Antivax



Fonte: elaboração da autora

Na categoria Anti-Woke and Gender, a presença dos bigramas forças armadas e intervenção militar segue a tendência observada nas categorias anteriores, demonstrando como o discurso golpista encontrou ressonância em comunidades que, inicialmente, estavam mais focadas em pautas culturais e identitárias. No entanto, essa incorporação se dá de maneira particular, com a retórica da resistência ao governo Lula sendo adaptada para o contexto desses grupos.

Figura 60 - Evolução dos bigramas em Anti-Woke and Gender



Fonte: elaboração da autora

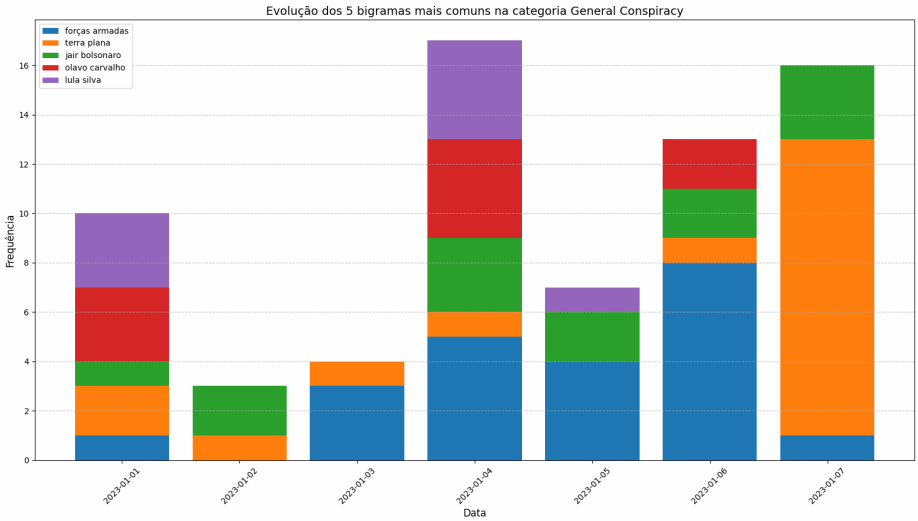
O gráfico revela que, ao longo do tempo, houve um aumento progressivo na frequência dos bigramas relacionados ao novo governo, como governo Lula e Flávio Dino. A presença de "faz o L" como um dos cinco bigramas mais recorrentes é especialmente significativa. Esse slogan, originalmente usado como slogan de campanha da chapa de Lula nas eleições de 2022, foi apropriado por seus opositores para ironizar medidas governamentais e criticar decisões políticas. Assim, sua ascensão dentro desse grupo sugere que o discurso contrário ao governo foi incorporado de forma intensa, funcionando como um marcador discursivo de oposição.

Além disso, o destaque dado a Flávio Dino no conjunto de bigramas reflete a hostilidade desses grupos em relação ao então ministro da Justiça e Segurança Pública. Desde antes do início oficial do terceiro governo Lula, Dino se posicionou firmemente contra os acampamentos bolsonaristas em frente aos quartéis e adotou um tom combativo diante das manifestações antidemocráticas. Isso fez dele um alvo central das críticas e ataques provenientes desses espaços digitais, consolidando sua figura como um inimigo dentro dessas comunidades. A associação de seu nome à crescente mobilização por uma intervenção militar evidencia a tentativa de transformar sua atuação institucional em um símbolo de repressão, justificando ainda mais o discurso golpista.

A intensificação do uso desses bigramas nos dias que antecederam o 8 de janeiro demonstra como a retórica anti-Lula se fortaleceu dentro dos *grupos Anti-Woke and Gender*, ampliando o espectro de comunidades engajadas na contestação eleitoral. O crescimento abrupto da presença de intervenção militar na última data analisada sugere que, à medida que as expectativas por uma reviravolta política aumentavam, esses grupos passaram a ecoar as narrativas conspiratórias já consolidadas em ambientes mais alinhados ao bolsonarismo.

Na categoria *General Conspiracy*, o gráfico revela um padrão já observado em outras comunidades conspiratórias, mas com elementos específicos que demonstram como esse grupo se articulou na escalada discursiva que culminou nos eventos de 8 de janeiro. O bigrama "forças armadas" segue aparecendo de forma consistente, indicando que, mesmo entre grupos voltados para conspirações mais amplas e abstratas, a retórica militarista encontrou espaço e ressonância.

Figura 61 - Evolução dos bigramas em General Conspiracy



Fonte: elaboração da autora

O destaque para terra plana como um dos bigramas mais frequentes é um indicativo de como esse grupo manteve uma agenda paralela de teorias conspiratórias desconectadas do cenário político imediato. No entanto, a presença simultânea de nomes centrais da política brasileira, como Jair Bolsonaro e Lula Silva, aponta que a crise institucional e a contestação eleitoral também se tornaram centrais dentro dessas comunidades. Isso sugere que esses espaços, embora tradicionalmente voltados para temas como negacionismo científico e teorias alternativas sobre o mundo, foram permeados pela disputa política nacional, absorvendo as narrativas do bolsonarismo.

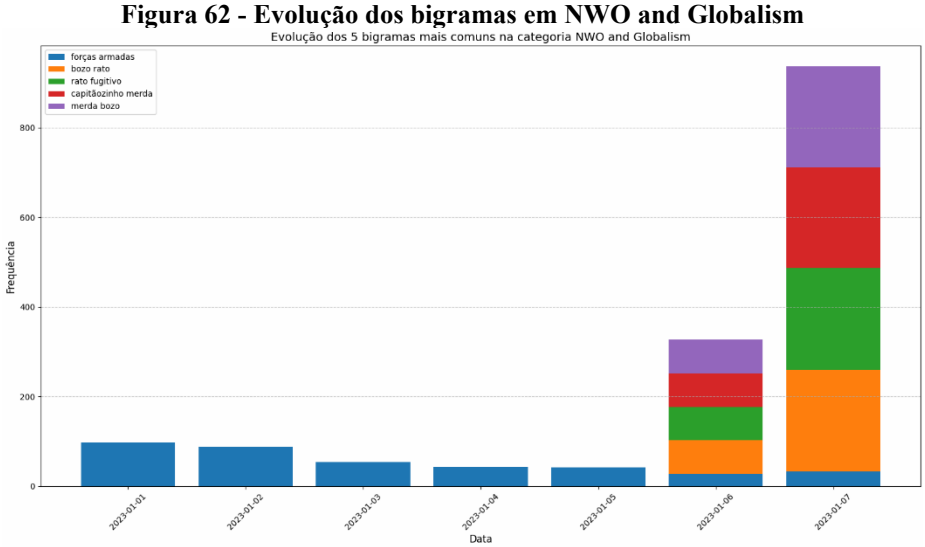
Um fator notável neste gráfico é a presença do bigrama "Olavo Carvalho". Como já discutido anteriormente, Olavo de Carvalho foi um dos principais ideólogos da extrema direita brasileira e uma figura de grande influência entre apoiadores de Jair Bolsonaro. Seu pensamento, baseado em construções conspiracionistas sobre o comunismo e as instituições tradicionais do conhecimento, serviu como base para muitos dos discursos conspiratórios que emergiram nos últimos anos no Brasil. A recorrência de seu nome no conjunto de bigramas sugere que sua influência seguiu ativa nesses espaços, funcionando como um referencial

ideológico para justificar a rejeição ao governo Lula e a crença de que uma intervenção militar seria necessária para restaurar a ordem.

O crescimento do bigrama “Lula Silva” nos dias próximos ao 8 de janeiro reforça essa hipótese. A menção ao nome do presidente eleito dentro desse contexto indica que a retórica golpista se consolidou mesmo em grupos cujo foco não era exclusivamente político. Isso demonstra que, em um momento de escalada da radicalização, até mesmo espaços que tradicionalmente orbitavam em torno de outras teorias da conspiração passaram a absorver a narrativa de contestação eleitoral e a expectativa de uma ruptura institucional

Já na categoria *NWO and Globalism*, o gráfico também segue a tendência observada nas demais categorias, com o bigrama “forças armadas” permanecendo como uma constante ao longo do período analisado. Isso reforça que, independentemente do foco principal desses grupos, a ideia de uma intervenção militar esteve presente de maneira recorrente, servindo como um eixo articulador das expectativas e narrativas conspiratórias. Contudo, o diferencial dessa categoria está nos demais bigramas que ganharam força nos dias que antecederam o 8 de janeiro, revelando uma mudança significativa na forma como Jair Bolsonaro passou a ser percebido dentro desses espaços.

Figura 62 - Evolução dos bigramas em NWO and Globalism



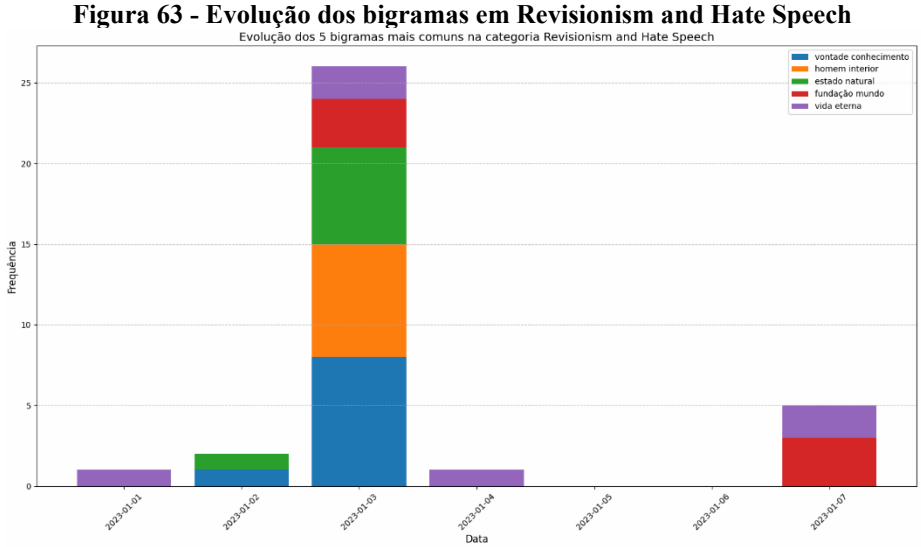
Fonte: elaboração da autora

O termo “Bozo” é amplamente utilizado por opositores de Jair Bolsonaro como um apelido pejorativo, associando-o ao palhaço homônimo famoso no Brasil. A referência sugere tanto uma suposta falta de seriedade quanto uma postura caricata do ex-presidente. No contexto dos bigramas observados, essa alcunha aparece junto a insultos como “rato” e “fugitivo”, reforçando a ideia de que Bolsonaro foi visto como alguém que abandonou seus

apoiadores no momento crucial da mobilização golpista. Essa mudança de tom pode ser explicada pelo fato de que Bolsonaro deixou o Brasil em 30 de dezembro de 2022, viajando para os Estados Unidos antes da posse de Lula[115]. Para alguns apoiadores, esse gesto foi interpretado como um ato de covardia e abandono da causa. A decepção rapidamente se converteu em ataques diretos ao ex-presidente, que passou a ser retratado talvez como um líder incapaz de levar adiante a resistência contra o novo governo e que fugiu do país com medo de ser preso.

No entanto, a categoria *Revisionism and Hate Speech* se diferencia das demais por não apresentar uma conexão direta com os eventos de contestação eleitoral e tentativa de golpe de Estado. Os bigramas mais frequentes – "vontade conhecimento", "homem interior", "estado natural", "fundação mundo" e "vida eterna" – sugerem que as interações nesses grupos permaneceram centradas em discursos de cunho filosófico, religioso e de autoaperfeiçoamento. Esse padrão indica que, apesar da mobilização golpista em outras comunidades conspiratórias, os núcleos neonazistas e supremacistas brancas mantiveram suas narrativas próprias, sem se abalar com as manifestações políticas que culminaram nos ataques de 8 de janeiro.

Figura 63 - Evolução dos bigramas em Revisionism and Hate Speech



Fonte: elaboração da autora

A análise dos bigramas confirma que a retórica da intervenção militar esteve presente de forma marcante na maioria dos grupos analisados, indicando que o discurso bolsonarista ultrapassou seus núcleos mais engajados e alcançou outras comunidades conspiratórias. Entre

[115] Como visto na reportagem: Na véspera do fim do mandato, Bolsonaro deixa o Brasil e viaja para a Flórida, de Kellen Barreto. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/12/30/aviao-presidencial-decola-presidencia-nao-informa-se-bolsonaro-embarcou.ghtml Acesso: 08 mar 2025.

as cinco categorias examinadas, quatro apresentaram algum grau de alinhamento com a narrativa de contestação eleitoral e com a expectativa de uma ruptura institucional. A recorrência do bigrama *forças armadas* em diferentes contextos mostra como a militarização do discurso se tornou um elemento comum na mobilização digital pró-bolsonarista. Em alguns casos, os apelos à intervenção militar eram explícitos; em outros, essas ideias foram integradas a pautas antivacina, anti-woke ou globalistas, apontando para a existência de uma base discursiva compartilhada que sustentava essas comunidades em um momento de radicalização crescente.

Esse processo de disseminação da retórica intervencionista não surgiu de maneira isolada ou improvisada. Ele foi sustentado por uma base ideológica construída ao longo das últimas décadas, por meio de autores e lideranças que ajudaram a moldar a visão de mundo da extrema-direita brasileira. O imaginário de um país sob constante ameaça, onde o Exército aparece como único guardião possível da ordem, foi sendo alimentado por discursos que combinam moralismo, nacionalismo e anticomunismo. Essa construção simbólica ajudou a preparar o terreno para a mobilização digital observada nas eleições de 2022 e nos eventos de 8 de janeiro de 2023.

Para compreender com maior profundidade as origens e a estrutura desse discurso, é necessário retornar a essas fontes fundadoras e examinar os textos e declarações de alguns de seus principais representantes. Carlos Alberto Brilhante Ustra, em *A Verdade Sufocada*, apresenta a ditadura militar como uma resposta legítima a uma ameaça comunista interna, legitimando a tortura e a repressão como instrumentos de defesa nacional. Olavo de Carvalho, em sua obra mais conhecida, constrói uma narrativa de guerra cultural em que a esquerda aparece como responsável pela decadência moral, intelectual e espiritual do Brasil. Jair Bolsonaro, por sua vez, retoma e amplifica esses discursos em sua trajetória política e em seus discursos presidenciais, adotando uma retórica que associa sistematicamente a esquerda a inimigos internos que precisam ser combatidos com firmeza.

Essa retórica se refletiu diretamente nos conteúdos analisados nos grupos do Telegram. Os termos mais frequentes, os temas mais discutidos e os apelos mais repetidos dialogam com os mesmos conceitos difundidos por Ustra, Olavo e Bolsonaro. Isso mostra que os grupos não apenas replicaram ideias já existentes, mas reconfiguraram esse repertório para as dinâmicas da comunicação digital, tornando-o mais acessível, viralizável e mobilizador.

A próxima seção se dedica a analisar esse conjunto de discursos. Por meio de uma comparação entre *A Verdade Sufocada*, *O Mínimo Que Você Precisa Saber para Não Ser um*

Idiota e os 620 discursos presidenciais de Jair Bolsonaro, buscamos entender como o discurso anticomunista e a construção de inimigos internos foram organizados nessas três fontes e como esses elementos dialogam com as estratégias discursivas identificadas nos grupos bolsonaristas do Telegram.

5.7 O COMUNISTA MALVADO

Nessa seção, realizamos um cruzamento de dados a partir do texto de três fontes: o livro *A Verdade Sufocada*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra, o best-seller de Olavo de Carvalho, *O Mínimo Que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota* e uma compilação com todos os 620 discursos oficiais de Bolsonaro durante seu mandato, disponíveis on-line no site da Biblioteca da Presidência da República[116]. A escolha dos discursos de Bolsonaro, um novo elemento agregado a partir de agora, é importante uma vez que representa um recurso textual que ajuda a elucidar a complexa interação entre as ideias propagadas por Orvil, Ustra e Olavo e como essa ideologia dá suporte para o desenvolvimento da agenda ultraconservadora nos moldes do bolsonarismo. O objetivo é mensurar como os discursos das três fontes convergem a partir de uma análise textual, a partir das relações semânticas de termos específicos como "comunista", "comunismo", "esquerdismo", "esquerda" e "terrorismo".

A seleção dos discursos do ex-presidente Bolsonaro constitui uma fonte primária robusta para analisar as ressonâncias da ditadura militar no conservadorismo contemporâneo e nas posturas adotadas por seu governo. Sabidamente Bolsonaro demonstra uma retórica mais agressiva e raivosa nas redes sociais. No entanto, a análise de seus discursos oficiais é uma maneira de entender como essa ideologia perpassa de maneira mais estruturada e formalizada através dos canais oficiais de comunicação do governo. Os discursos oficiais, ao contrário das postagens espontâneas nas redes sociais, refletem de maneira mais efetiva a agenda e os valores que o governo deseja comunica. Esta análise, portanto, permite uma compreensão mais precisa de como o bolsonarismo articula suas ideologias e objetivos políticos em um contexto formal, e como essas mensagens são recebidas e reforçadas dentro do espectro político brasileiro.

O discurso na seguir foi dito em resposta a uma pergunta de um jornalista. Ao examinar a fala apaixonada de Bolsonaro contra o comunismo e contra o presidente

[116] Site da Biblioteca da Presidência da República: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos?b_start:int=0. Acesso em 11 ago 2023.

venezuelano Hugo Chávez, revelamos um fio narrativo que se entrelaça em uma tapeçaria mais ampla de contestação ideológica.

> E qual é o destino de um país que entra no socialismo e no comunismo? Está ainda em cima, aqui, a Venezuela, lá não tem nem cachorro para comer mais. Estão fugindo, dá pena. Estive, durante a minha pré-campanha, duas vezes em Roraima. Meninas de 12 anos e senhoras de 50 se prostituindo lá em Roraima, uma miséria. O pessoal que vinha para cá, no desespero. Mulher como vocês, desculpa aqui, olhando o semblante de vocês, como vocês, se prostituindo. É isso que nós queremos para o Brasil? Isso é a igualdade no socialismo que o PT sempre pregou: todos iguais na miséria, por baixo, na prostituição, no desespero, comendo cachorro, comendo gato, pô, comendo resto de comida no lixo. É isso que nós queremos para o Brasil? A prova está em cima, ninguém está inventando nada. Isso é prática, é só ver o que está acontecendo. Queremos isso para nós? (Bolsonaro, 2019).[117]

5.7.1 Análise textual

Considerando a notável presença de vieses anticomunistas em todas as três fontes, como já discutido anteriormente, acredita-se que o cruzamento de dados aprimorará a compreensão de como esses sistemas de crença atrelam valor aos termos citados. Assim, o propósito desta análise é desvendar como o "comunismo" e termos correlatos são retratados consistentemente como adversários ou forças nefastas nas três fontes selecionadas, iluminando as nuances de como essas ideologias são comunicadas e perpetuadas.

Para compreender esse quadro, a pesquisa utilizou o método de análise de texto digital com a ferramenta *Voyant Tools* (voyant-tools.org). O Voyant Tools é uma plataforma baseada na web para análise de texto que permite aos usuários explorar e analisar dados textuais. Ele oferece várias ferramentas de visualização e que ajudam no processamento e análise de grandes volumes de texto. Uma das características notáveis do *Voyant Tools* é sua capacidade de criar visualizações gráficas a partir de textos: nuvens de palavras, gráficos de frequência de palavras e gráficos de conexões[118] etc. Isso auxilia os usuários a compreender melhor os dados textuais que estão analisando. A ferramenta é utilizada por pesquisadores, estudantes e profissionais nas áreas de linguística, literatura, humanidades digitais e ciências sociais para aprimorar o entendimento dos dados textuais e dos padrões contidos neles.

---

[117] Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro, após Solenidade de Celebração do Dia Internacional da Juventude - Palácio do Planalto. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/entrevistas/entrevista-coletiva-concedida-pelo-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-apos-solenidade-de-celebracao-do-dia-internacional-da-juventude-palacio-do-planalto. Acesso: 12 ago 2023.

[118] Os gráficos de conexões no Voyant Tools são visualizações que mostram as relações entre diferentes palavras ou termos encontrados em um conjunto de texto. No contexto da análise textual, esses gráficos podem revelar como palavras ou conceitos estão interligados dentro de um corpus, indicando quais termos aparecem frequentemente juntos e ajudando a identificar temas ou padrões subjacentes no discurso. Eles são úteis para explorar e interpretar a estrutura e a rede de ideias em textos analisados.

Para essa análise, determinamos que o foco seriam os termos “comunismo”, “comunista” e seus equivalentes semânticos, que dentro do contexto ideológico das fontes escolhidas seriam associados ao espectro político da esquerda, portanto, “esquerdismo”, “esquerda” também foram analisados. O termo “terrorismo” também se enquadra nesse escopo, uma vez que é comum que esses atores relacionem a tríade comunismo-esquerda-terrorismo. Ou seja, a premissa aqui é que essas palavras são sistematicamente integradas em narrativas que as retratam como elementos ameaçadores à sociedade brasileira.

O processo começou com a geração de nuvens de palavras extraídas dos textos dos três livros. Os textos integrais do livro ‘A Verdade Sufocada’, de Carlos Alberto Brilhante Ustra, ‘O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota’, de Olavo de Carvalho, e a compilação de todos os 620 discursos presidenciais de Jair Bolsonaro foram carregados no sistema. Cada texto foi analisado individualmente, com geração de gráficos dedicados para cada um deles. Nesse processo, as *stop words*[119] – “a”, “o”, “uma”, “de”, “para”, “que” etc – foram omitidas para não contaminar o resultado. A criação das nuvens de palavras facilitou uma visão geral abrangente do conteúdo textual apresentado por cada autor, uma vez que agrega visualmente os termos mais repetidos no texto. Após a criação das três nuvens, fizemos as comparações com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças nas ideias centrais apresentadas pelos autores. Os resultados serão mostrados na seção a seguir.

5.7.2 Nuvens de palavras de Ustra, Olavo e Bolsonaro

Uma nuvem de palavras, em inglês “word cloud”, é uma representação visual que destaca as palavras mais frequentes ou importantes em um texto. As palavras que aparecem com mais frequência no texto são exibidas em tamanho maior. Ou seja, quanto maior a palavra, mais vezes ela foi utilizada pelo autor; quanto menor, menos vezes. Assim, ficam mais visíveis as palavras mais repetidas em um texto. Esse método de visualização permite identificar rapidamente os temas principais ou as palavras-chave dentro de um grande volume de texto, oferecendo uma visão geral instantânea dos pontos de foco ou de interesse. Na plataforma, o pesquisador estabelece o número de palavras a serem exibidas nos gráficos. Para as nuvens de palavras apresentadas abaixo, configuramos o Voyant Tools para identificar as 300 palavras mais frequentes em cada texto. Em certos momentos, o excesso de palavras resultou em uma poluição visual dos gráficos, exigindo ajustes manuais para alcançar uma

[119] Stop Words são palavras que não necessitam ser indexadas, por possui pouco significado, tais como preposições, artigos, conjunções e outros.

apresentação visual equilibrada e representativa. Portanto, os gráficos abaixo demonstram entre 30 e 50 palavras. Todavia, a análise comparativa de termos vai considerar o conjunto completo das 300 palavras mais recorrentes de cada fonte. Segue abaixo a nuvem obtidas por meio do processamento do livro *A Verdade Sufocada,* de Carlos Alberto Brilhante Ustra:

Figura 64 - Nuvem de Palavras de "A Verdade Sufocada", de Ustra



Fonte: elaboração da autora por meio da ferramenta Voyant Tools

Na nuvem de *A Verdade Sufocada*, as 30 palavras mais citadas foram: "exército", "brasil", "governo", "militar", "aln", "terroristas", "doi", "revolução", "polícia", "nacional", "presidente", "luta", "ação", "estado", "organização", "armada", "país", "militantes", "partido", "comunista", "movimento", "general", "assalto", "guerrilha", "1964", "comandante", "segurança", "filho", "cuba", "comando". Abaixo segue nuvem obtida com o texto do livro "O mínimo que você precisa saber para não ser idiota", de Olavo de Carvalho:

Figura 65 - Nuvem de palavras de Olavo de Carvalho



Fonte: elaboração da autora por meio da ferramenta Voyant Tools

Na análise do livro de Olavo de Carvalho, as 30 palavras mais repetidas foram: "mundo", "brasil", "vida", "história", "sentido", "cultura", "sociedade", "tempo", "política", "moral", "mídia", "estado", "esquerda", "país", "comércio", "verdade", "diário", "político", "humana", "governo", "realidade", "simples", "social", "intelectual", "consciência", "direito", "revolução", "inteligência", "homem", "república".

A seguir, temos a nuvem de palavras obtida a partir da compilação dos 620 discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro:

Figura 66 - Nuvem de palavras dos discursos de Bolsonaro



Fonte: elaboração da autora por meio da ferramenta Voyant Tools

Seguem as 30 palavras mais repetidas a partir da nuvem de palavras de Bolsonaro: "brasil", "deus", "presidente", "governo", "povo", "gente", "mundo", "vida", "país", "melhor", "brasileiro", "federal", "liberdade", "frente", "tempo", "economia", "países", "exército", "passado", "militar", "região", "verdade", "casa", "missão", "mim", "amazônia", "especial", "câmara", "família", "intelectuais". A lista completa com as 300 palavras ranqueadas pelo Voyant Tools está disponível nos Anexos. Abaixo, segue tabela comparativa com a lista das 30 palavras mais repetidas por Ustra, Bolsonaro e Olavo, respectivamente:

Tabela 24 - Tabela de palavras mais repetidas por Ustra, Olavo e Bolsonaro

USTRA	OLAVO	BOLSONARO
exército	mundo	brasil
brasil	brasil	deus
governo	vida	presidente
militar	história	governo
aln	sentido	povo
terroristas	cultura	gente
doi	sociedade	mundo
revolução	tempo	vida
polícia	política	país
nacional	moral	melhor
presidente	mídia	brasileiro
luta	estado	federal
ação	esquerda	liberdade
estado	país	frente
organização	comércio	tempo
armada	verdade	economia
país	diário	países
militantes	político	exército

partido	humana	passado
comunista	governo	militar
movimento	realidade	região
general	simples	verdade
assalto	social	casa
guerrilha	intelectual	missão
1964	consciência	mim
comandante	direito	amazônia
segurança	revolução	especial
filho	inteligência	câmara
cuba	homem	família
comando	república	intelectuais

Fonte: elaboração da autora a partir dos dados obtidos na plataforma Voyant Tools

A análise das três nuvens de palavras revela uma sobreposição em certos termos, sublinhando uma base temática comum entre esses autores. Observa-se algumas palavras repetidas nos três gráficos acima, tais como “Brasil", “exército”, “governo”, “país”, “presidente”, “política”, “comunista”, “militar”, “esquerda”, “Deus”, “vida”, “pandemia”, entre outras. Ao cruzar os 300 termos mais repetidos nas obras observadas, Bolsonaro e Ustra possuíam 79 palavras idênticas, enquanto Bolsonaro e Olavo tiveram 74 correspondências. Adicionalmente, Ustra e Olavo apresentaram 72 termos idênticos em suas respectivas nuvens de palavras. Esses números destacam semelhanças nos seus discursos. A tabela abaixo, gerada pelo Voyant Tools, apresenta a contagem de palavras idênticas identificadas entre as nuvens de palavras:

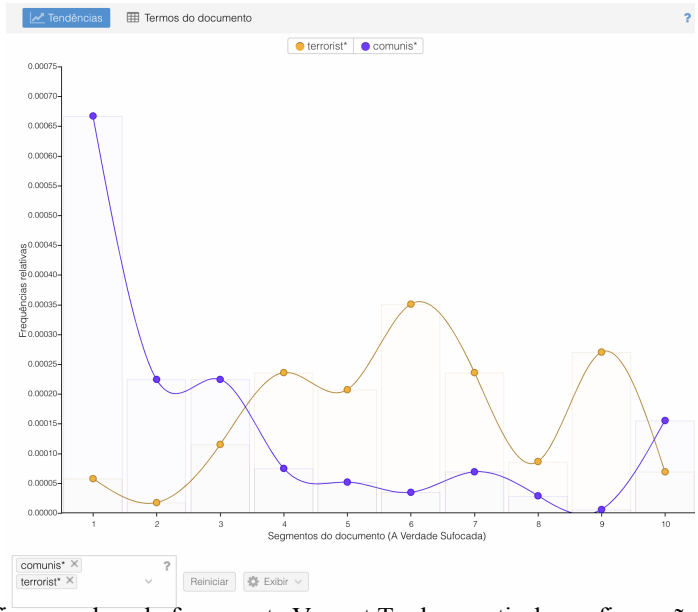
Tabela 25 - Tabela de palavras idênticas em Bolsonaro, Olavo e Ustra

PALAVRAS IDÊNTICAS – COMPARAÇÃO DAS NUVENS DE PALAVRAS		
BOLSONARO - USTRA	BOLSONARO - OLAVO	USTRA - OLAVO
79	74	72

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados obtidos na plataforma Voyant Tools

O próximo passo foi isolar termos relacionados a “comunismo” e “comunista”. Para realizar isso, o Voyant Tools utiliza uma sintaxe de busca, a partir do *radical das palavras*. No caso, escolhemos o termo “comunis*”, que incluiu na análise termos como “comunista”, “comunismo”, “comunistas” etc. Durante a leitura do livro de Ustra, ficou claro que as palavras “comunista” e “terrorista” eram usadas de forma equivalente, quase como sinônimos. Essa tendência se torna ainda mais evidente quando realizamos a análise textual. Ao comparar os dados, observamos que o termo “comunis*” é gradualmente substituído pelo termo “terror*” (“terrorista”, “terrorismo” etc) ao longo da obra. Essa mudança pode ser verificada no gráfico de tendências abaixo:

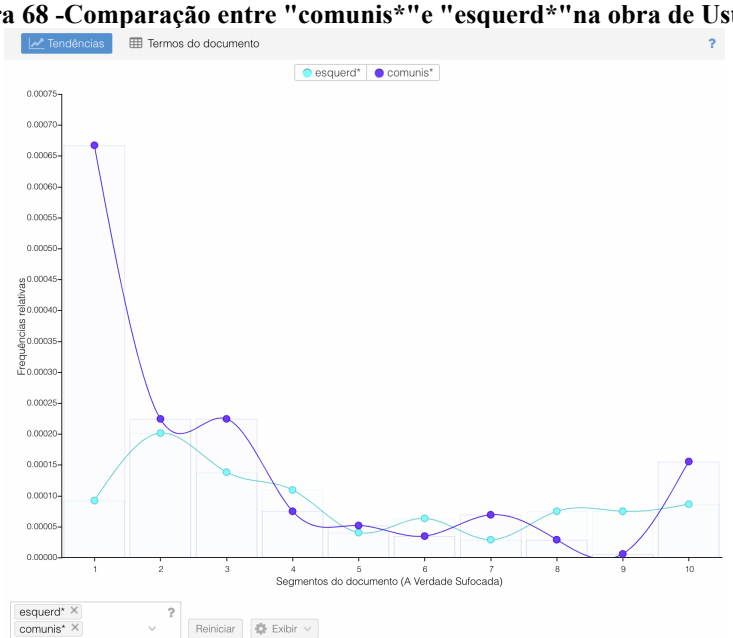
Figura 67 - Comparação entre "comunis*"e "terror*"na obra de Ustra



Fonte: gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

Por outro lado, o termo "esquerd*" (relacionado a esquerda, esquerdista, esquerdismo etc.), que poderia ter sido um sinônimo adequado para substituir "comunis*" no contexto fornecido por Ustra, não ganha tanto destaque. Como é possível constatar no gráfico abaixo:

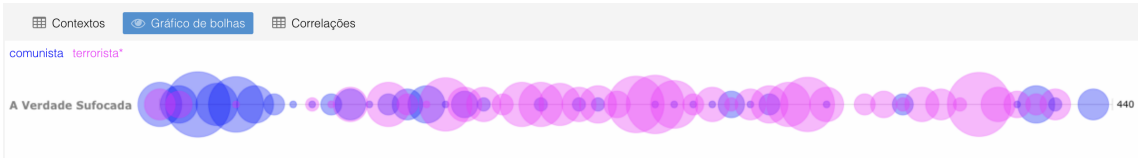
Figura 68 -Comparação entre "comunis*"e "esquerd*"na obra de Ustra



Fonte: Gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

Além disso, um gráfico de bolhas foi gerado a fim de identificar a evolução do uso de "comunis*", representado pelas bolhas azuis. "Terror*", representado pelas bolhas rosas, ganha espaço ao longo do livro, como pode ser visualizado abaixo:

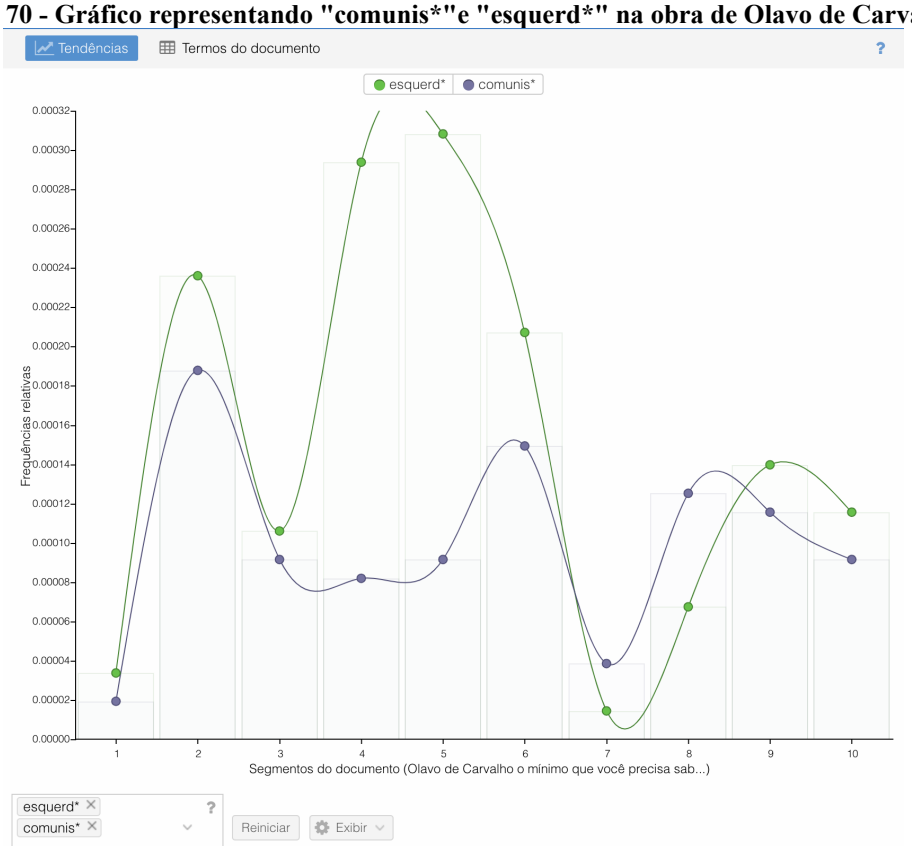
Figura 69 - Gráfico de bolhas representando "comunis*"e "terror*" na obra de Ustra



Fonte: Gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

Na obra de Olavo de Carvalho, palavras relacionadas à esquerda estão mais presentes, uma vez que ele sabidamente um crítico da militância e dos representantes desse espectro político. Portanto, observamos uma correlação clara entre os termos "esquerd*" e "comunis*", contudo, a ocorrência de "esquerd*" permeia todo o livro com maior destaque, como é possível observar no gráfico abaixo:

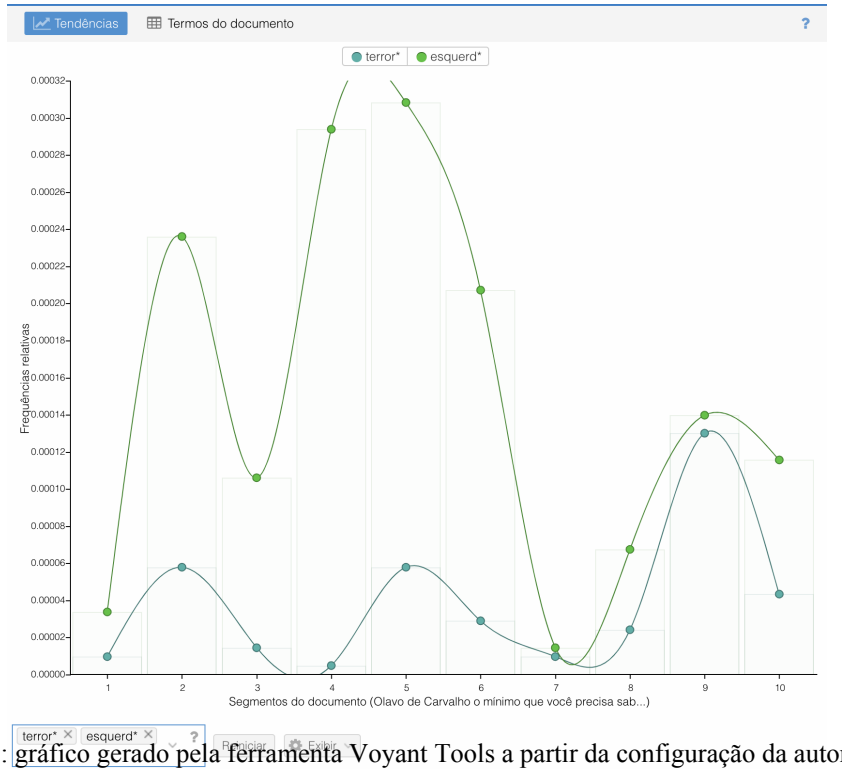
Figura 70 - Gráfico representando "comunis*"e "esquerd*" na obra de Olavo de Carvalho



Fonte: Gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

No entanto, a conexão entre o termo "terror*" e "comunis*" não é tão clara quanto na obra de Ustra. Embora o gráfico de linhas mostre um padrão similar no gráfico abaixo, a diferença nas tendências dos dois termos é significativa.

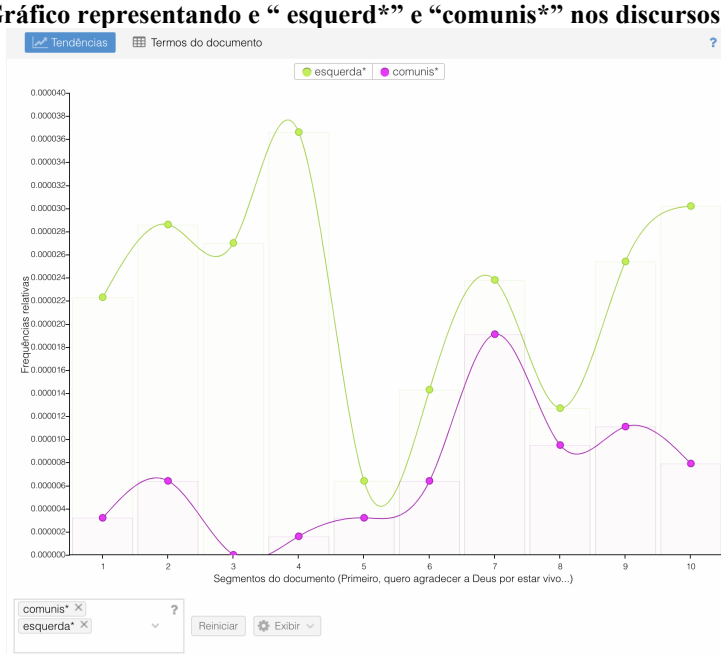
Figura 71 - Gráfico representando "terror*"e "esquerd*" na obra de Olavo de Carvalho



Fonte: gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

Nos discursos de Bolsonaro, vale ressaltar que não conseguimos reunir dados suficientes para uma comparação detalhada com o termo "terroris*". No entanto, o gráfico abaixo ilustra a correlação entre "esquerd*" e "comunis*". Uma vez que os discursos foram organizados em ordem cronológica, torna-se interessante compreender como “comunis*” ganhou importância durante o governo de Bolsonaro.

Figura 72 - Gráfico representando e “ esquerd*” e “comunis*” nos discursos de Bolsonaro



Fonte: Gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

Seguindo a lógica da análise textual, isolamos os termos centrais: “comunis*” no livro de Ustra; “esquerd*” na obra de Olavo; e tanto “esquerd*” quanto “comunis*” nos discursos de Bolsonaro. Assim, geramos um gráfico de conexões para melhor compreender o contexto no qual esses termos aparecem. Essa abordagem permite explorar as conexões entre termos-chave e como eles contribuem para a construção de narrativas nas obras estudadas. Segue abaixo o gráfico de palavras conectadas ao termo “comunis*” no livro de Ustra:

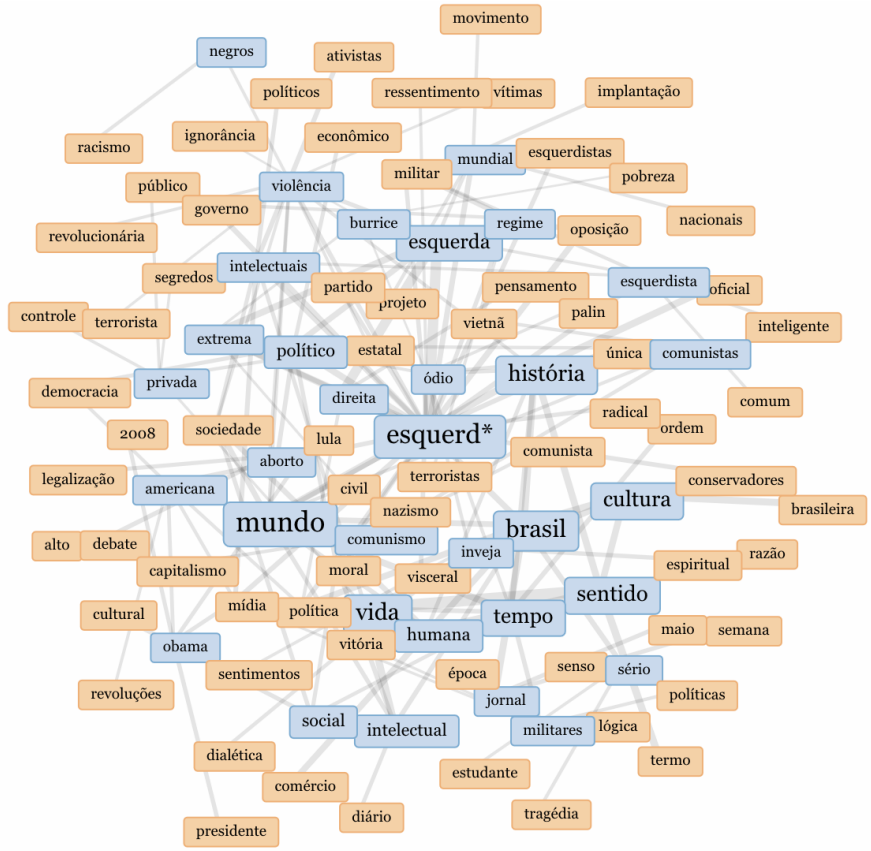
Figura 73 - Gráfico de conexões do termo "comunis*" na obra de Ustra



Fonte: gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

No gráfico de conexões de Ustra, notavelmente, "comunis*" está estreitamente ligado a palavras como "guerrilha", "Cuba", "Lula" (referindo-se a Luiz Inácio Lula da Silva, ex e atual Presidente brasileiro) e "golpe". Esta rede de conexões reflete a perspectiva de Ustra, indicando as passagens do livro em que ele evoca a ameaça de um golpe comunista pelas forças de esquerda e como os exército, na verdade, teria defendido o país desse perigo com a instauração do regime militar. Em sua visão, essas forças de esquerda eram supostamente doutrinadas e apoiadas por países como China, Rússia e Cuba. Esta intricada teia de conexões no gráfico de Ustra demonstra como ele interligou estrategicamente esses termos para moldar sua narrativa. Abaixo, temos o termo “esquerd*” a partir do livro de Olavo de Carvalho:

Figura 74 - Gráfico de conexões do termo "esquerd*" na obra de Olavo de Carvalho

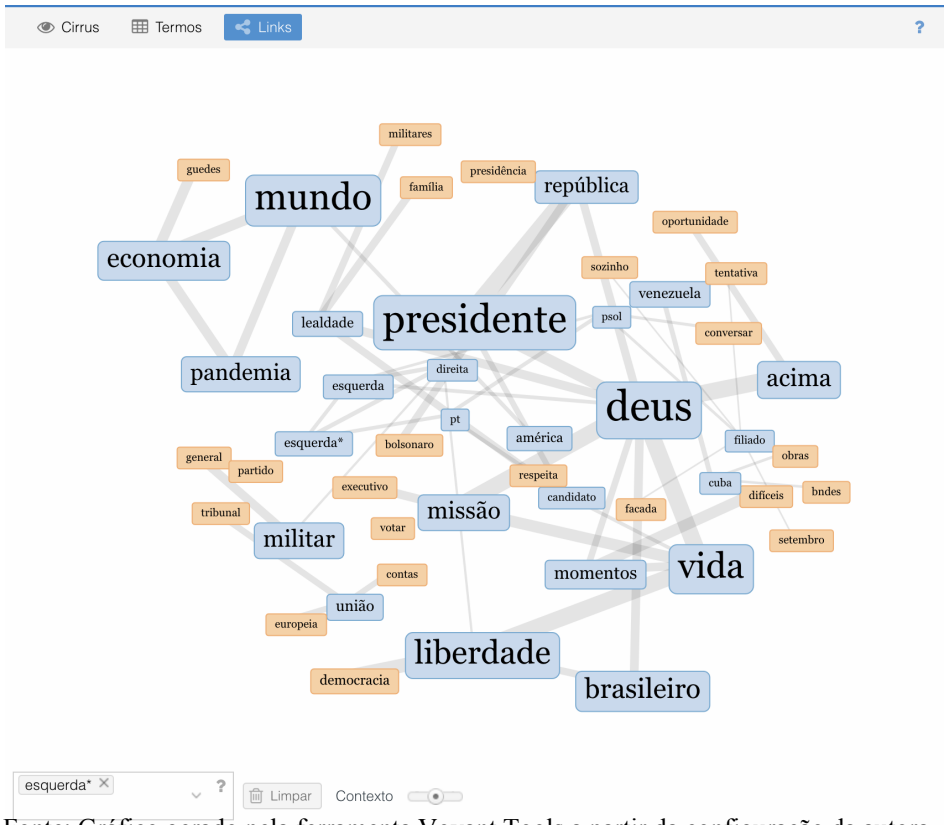


Fonte: Gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

O termo "esquerd*" desdobra-se em uma rede de palavras interconectadas que faz sentido dentro da retórica de Olavo de Carvalho. Encontramos palavras como “nazismo”, “terrorismo”, “ódio”, “burrice”, “violência”, “inveja” etc. Olavo de Carvalho é conhecido por sua postura combativa e contrária à esquerda, e o contexto apresentado nestes gráficos corrobora essa reputação. A inclusão de palavras como “nazismo”, “terrorismo” na rede sugere uma perspectiva ideológica na qual a esquerda é retratada como uma fonte de extremismo, ódio e violência.

Por fim, na análise dos discursos de Jair Bolsonaro, adotamos uma abordagem diferente: examinamos o termo "esquerd*" e "comunis*". Esse duplo cruzamento ajudou a compreender melhor como esses dois contextos distintos figuram em suas mensagens, conforme representado visualmente nos gráficos abaixo. Ao examinar as maneiras pelas quais Bolsonaro aborda e contextualiza esses termos, podemos observar semelhanças e diferenças com Ustra e Olavo. Primeiro, o gráfico com o termo “esquerd*”:

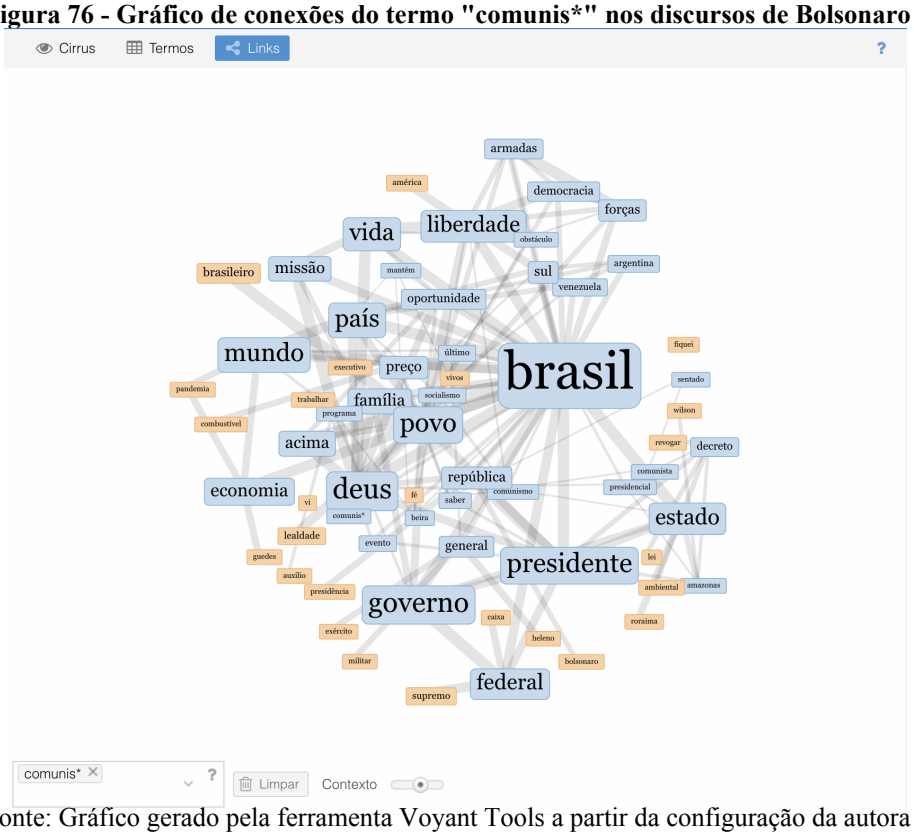
Figura 75 - Gráfico de conexões do termo "esquerd*" nos discursos de Bolsonaro



Fonte: Gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

A seguir o gráfico com o termo “comunis*”:

Figura 76 - Gráfico de conexões do termo "comunis*" nos discursos de Bolsonaro



Fonte: Gráfico gerado pela ferramenta Voyant Tools a partir da configuração da autora

A partir dos gráficos, nota-se agrupamento de palavras que remetem ao seu slogan de campanha, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Também é perceptível que o ex-presidente vincula assuntos políticos a um conjunto de valores conservadores fundamentais, incluindo “deus”, “família”, “liberdade”, entre outros. Esta conexão é central em seus discursos, destacando as fundações ideológicas de sua agenda política. Além disso, na retórica de Bolsonaro, frequentemente encontramos referências ao militarismo, representadas pela grande incidência de “exército” e “general”, assim como na obra de Ustra.

Essas referências remetem ao seu próprio histórico na corporação e talvez simbolizem também um compromisso com o combate “linha dura” dentro de seu governo. Vale também ressaltar que militares de alta patente, incluindo generais, desempenharam papéis importantes em seu governo (inclusive na tentativa de golpe de Estado) contribuindo para a significância desse termo. Os discursos de Bolsonaro também estabelecem paralelos entre políticas de esquerda e a crise na Venezuela, utilizando-a como exemplo para alertar contra o que ele percebe como os perigos do comunismo, conectando-o assim com os argumentos utilizados por Olavo de Carvalho.

A análise dos gráficos de conexão das obras de Ustra, Olavo e dos discursos de Bolsonaro oferece um vislumbre dos alinhamentos temáticos e influências potenciais entre esses autores. Como já visto, o sentimento anticomunista e antiesquerdista é uma ferramenta potente para mobilização e legitimação dentro das ideologias de extrema-direita. Essa narrativa de longa data, profundamente enraizada na história política do Brasil, serve como um lembrete do poder da retórica e da importância de compreender as raízes históricas dos movimentos políticos conservadores.

5.8 O PASSADO PRESENTE

A análise realizada ao longo deste capítulo aponta para uma forte correspondência entre os discursos produzidos por Ustra, Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro e os conteúdos compartilhados nos grupos bolsonaristas no Telegram. Os termos mais recorrentes nas obras e discursos desses autores, como “comunista”, “exército”, “esquerda”, “liberdade”, “patriota” entre outros, reaparecem com frequência significativa nos bigramas extraídos das mensagens postadas nos grupos. Essa repetição de vocabulário revela uma continuidade discursiva entre diferentes esferas, indicando que a linguagem utilizada por essas figuras públicas encontra eco nas comunidades digitais que apoiam o bolsonarismo.

Esses grupos no Telegram funcionam como espaços de apropriação e reinterpretação dessas ideias. Ali, conceitos mais abstratos, apresentados em tom doutrinário ou estratégico por seus autores de origem, passam por um processo de adaptação ao cotidiano dos seguidores. A linguagem se torna mais direta, emocional e provocadora. As ideias circulam em formatos simplificados, prontos para serem replicados em memes, áudios, prints e vídeos curtos. Esse processo não enfraquece o conteúdo, pelo contrário, o torna mais acionável, mais palatável. É capaz de mudar os consensos, como quer o estudioso da extrema-direita e do Tradicionalismo, Benjamin Teitelbaum:

> A estratégia envolve fazer campanha não por meio da política, mas por meio da cultura das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação. É nessas esferas que os nossos valores são formados, não na cabine de votação. Quem conseguir alterar a cultura de uma sociedade terá criado uma oportunidade política para si mesmo. Se não conseguir, não terá chance. A metapolítica exercia um apelo especial sobre os ativistas de extrema direita que lutavam pelo poder no Ocidente liberal pós-fascista depois da Segunda Guerra Mundial: aqueles que se viam lutando não contra um determinado partido político ou uma milícia, mas contra o consenso, [...] ou seja, o entendimento sustentado pela maioria de que a política de extrema direita não deve nem mesmo ser considerada no debate público. Para lidarem com tal impasse, as campanhas metapolíticas em geral assumem uma destas duas formas: ativistas buscam injetar suas mensagens em canais culturais já existentes ou procuram criar canais alternativos próprios para competir com os da ideologia dominante. (Teitelbaum, 2020, p. 76).

O que antes estava restrito aos livros, palestras ou pronunciamentos institucionais passa a integrar o dia a dia das interações em tempo real, sendo comentado, replicado e transformado em práticas discursivas de engajamento coletivo. Nesse contexto, a circulação digital atua como ponte entre o pensamento político e a mobilização simbólica. O Telegram deixa de ser apenas um meio de transmissão e se configura como um campo onde o discurso se atualiza, se dissemina e ganha velocidade. O conteúdo das mensagens vai além da opinião: transforma-se em orientação de conduta, reforça identidades e legitima posições. Esse alinhamento entre os discursos originários da extrema-direita e a produção discursiva cotidiana nos grupos ajuda a compreender como a radicalização política encontrou terreno fértil nas plataformas digitais.

Entre os termos que mais se repetem nas fontes textuais analisadas e nos grupos do Telegram, algumas palavras ganham destaque recorrente. Expressões como “forças armadas”, “comunismo”, “esquerda”, “liberdade” e “família” não aparecem de maneira isolada ou acidental. Elas formam o núcleo semântico de um vocabulário compartilhado que atravessa diferentes plataformas, autores e contextos. Essa repetição constante reforça uma lógica de

mobilização discursiva que articula sentidos, produz vínculos e organiza a percepção de mundo entre os participantes desses espaços digitais.

Nos textos de Ustra, Olavo e Bolsonaro, essas palavras são utilizadas para nomear valores, identificar inimigos e convocar à ação. Nos grupos, esses mesmos termos são empregados com intensidade semelhante, muitas vezes em frases curtas, slogans ou combinações previsíveis que facilitam sua rápida circulação. Isso cria um ambiente simbólico familiar, no qual os participantes sabem o que esperar, como interpretar e de que lado devem se posicionar. O vocabulário funciona como marcador de pertencimento, ao mesmo tempo em que estrutura os termos da disputa política. Por exemplo, em discurso, na cidade de Rio Verde, Goiás, no dia 20 de abril de 2022, Bolsonaro resumiu de maneira clara a tônica desse pensamento: "Nós sabemos quem é o inimigo da nação. O inimigo da nação não veste verde e amarelo, veste vermelho, e tem na sua bandeira uma foice e um martelo" (Bolsonaro, 2022, online).

Essa recorrência de vocabulário não é aleatória. Ela compõe um projeto discursivo que demonstra uma coesão entre grupos distintos que orbitam a extrema-direita. Mesmo quando as pautas são variadas (antivacina, antiglobalismo, revisionismo histórico, entre outros, como vimos extensamente ao longo desse estudo), as palavras-chave funcionam como pontos de interseção, permitindo que grupos diferentes compartilhem uma mesma gramática ideológica. O discurso não se fragmenta; ele se espalha, mantendo um eixo comum de significados que orienta a leitura da realidade. Assim, a ressonância semântica não apenas comunica ideias, mas organiza os afetos e os alinhamentos que sustentam a ação política conjunta.

A persistência de certas palavras e formas de organizar o discurso ao longo do tempo revela uma continuidade histórica entre diferentes fases da extrema-direita brasileira. O pensamento militarista e anticomunista exposto em *A Verdade Sufocada*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra, não foi superado com a redemocratização. Em vez disso, foi absorvido, adaptado e levado para novas arenas discursivas.

> O Partido dos Trabalhadores sempre teve como meta ocupar a Presidência da República. Mas o seu objetivo principal não é, apenas, assumir o governo e conquistar o poder. [...] Assim, no Brasil, ideologicamente, a estatização dos meios de produção foi substituída pela estatização de expressiva parcela da renda nacional, por meio de impostos, taxas, contribuições e outras formas de arrecadação. Além disso, aumentou-se, significativamente, a estrutura do Estado com a criação e preenchimento de cargos de direção e assessoramento superior, cujos titulares, voluntariamente e felizes, contribuem para os cofres do PT. Hoje, a transição para o socialismo é feita de modo que a atividade produtiva se desenvolva com liberdade, mas controlada pelo governo, que se apropria de uma expressiva parcela da renda nacional e que aprova dispositivos legais a lhe permitir interferir cada vez mais na economia. O Brasil, atualmente, é reconhecido como um país onde a taxação

> tributária está entre as maiores do mundo. De acordo com o filósofo Olavo de Carvalho, em entrevista ao Jornal de Brasília, de 28/05/2005, cada capitalista no Brasil, quanto mais ganha, mais dinheiro terá que dar ao governo e mais dinheiro para a máquina que amanhã vai estrangulá-lo (Ustra, 2007, p. 825).

Ao citar Olavo de Carvalho como autoridade intelectual, Ustra aponta para uma convergência ideológica que ultrapassa o meio militar. Olavo torna-se, nesse contexto, uma ponte entre o anticomunismo da ditadura e a retórica cultural da nova direita. Ele atualiza esse imaginário ao deslocá-lo para o campo cultural e educacional, articulando uma crítica agressiva à presença da esquerda nas universidades, na imprensa, nas artes e nas instituições do Estado, às quais atribui o declínio moral, intelectual e espiritual da sociedade brasileira. Sua retórica ajudou a construir um novo modelo de guerra, agora travada no plano simbólico e discursivo, mas sustentada pelos mesmos alvos históricos identificados por Ustra.

Essa linguagem de confronto é amplamente reproduzida nas fontes textuais e nos conteúdos compartilhados nos grupos de Telegram. Termos como “exército”, “militar” e “forças armadas” evocam a autoridade armada e o papel das instituições militares como guardiãs da ordem. Já palavras como “comunista”, “comunismo”, “esquerda” e “esquerdista” apontam para uma ameaça interna associada à corrupção institucional e à decadência dos valores nacionais. Em Ustra, os “comunistas” aparecem frequentemente fundidos aos “terroristas”; em Olavo, essa figura é reconfigurada como uma elite intelectual corrompida. No discurso de Bolsonaro, tais termos ganham uma dimensão popular e religiosa, fundindo nacionalismo, fé e ressentimento. Expressões como “família”, “liberdade”, “Deus” e “moral” representam os pilares do “Brasil verdadeiro”, enquanto “nação”, “pátria” e “Brasil acima de tudo” reforçam a ideia de soberania ameaçada. A presença constante de palavras como “inimigo”, “ameaça”, “luta” e “revolução” sustenta, por fim, a retórica de um conflito permanente contra o outro político, construído como inimigo da pátria.

No bolsonarismo, esse repertório ideológico se transforma em slogan, bordão e ataque direto. A linguagem se ajusta ao ritmo das redes sociais, às lives semanais e às interações nos grupos de Telegram. Expressões como “ameaça comunista”, “guerra cultural”, “ideologia de gênero” ou “Brasil acima de tudo” condensam décadas de construção discursiva em frases de fácil memorização e repetição. Essas palavras ativam emoções, organizam ressentimentos e dividem o mundo entre aliados e traidores. O que antes se dava por meio de teses, livros ou doutrinas passa a operar no campo da comunicação instantânea e do engajamento digital.

Além do vocabulário, há formas específicas de organizar o discurso que também atravessam esses diferentes momentos históricos. Uma delas é a ideia de que o inimigo está

sempre dentro do próprio país. Em Ustra, o inimigo eram os militantes armados. Em Olavo, os intelectuais, professores e jornalistas. Em Bolsonaro, os ministros do STF, os artistas, os reitores de universidades públicas. Essa lógica da ameaça interna é amplamente reproduzida e adaptada nos grupos de Telegram analisados. O inimigo aparece recodificado em diversas figuras: governadores e prefeitos que impuseram restrições durante a pandemia, jornalistas da grande imprensa, artistas que criticam o governo, ou mesmo cidadãos comuns rotulados como "esquerdistas" ou "infiltrados". As mensagens frequentemente apelam à urgência de uma reação patriótica, sugerindo que o país está "tomado por traidores" e que apenas medidas excepcionais, como intervenção militar, fechamento do STF ou "limpeza das instituições", poderiam restaurar a verdadeira ordem.

Outra estrutura narrativa recorrente é a construção de uma luta moral entre o bem e o mal. A retórica divide o mundo em dois lados opostos e irreconciliáveis: de um lado, os defensores da pátria, da fé, da moral e da liberdade; do outro, os comunistas, os corruptos e os aliados do caos. Essa narrativa simplificada permite identificar rapidamente quem são os aliados e quem deve ser combatido, alimentando um discurso de urgência e ação. A deslegitimação das instituições também aparece com frequência. O STF é descrito como cúmplice da corrupção, as universidades como fábricas de marxismo cultural, a imprensa como mentirosa e parcial, e o sistema eleitoral como manipulado. Ao mesmo tempo, a solução é apresentada por meio de um apelo à autoridade, especialmente às forças armadas ou a um líder forte. O Exército é constantemente invocado como símbolo de ordem e justiça, enquanto Bolsonaro se posiciona como único capaz de enfrentar o sistema e proteger os verdadeiros interesses da população. Soma-se a isso, a construção de um passado idealizado, geralmente relacionado à ditadura militar. Esse período é retratado como um tempo de honra, disciplina e estabilidade. Essa nostalgia seletiva reforça a crença de que o retorno à ordem depende da restauração de uma lógica autoritária, agora promovida por meios digitais e com apoio popular em tempo real.

Essa combinação de léxico fixo e estruturas narrativas recorrentes mostra que o discurso da extrema-direita brasileira não se reinventa por completo. Ele se reorganiza, se adapta às TICs e responde ao cenário político, mas mantém uma coerência interna que permite sua contínua reatualização. Nos grupos do Telegram, essas formas discursivas encontram um território fértil, onde são compartilhadas, remixadas e reproduzidas em ciclos de reafirmação coletiva. O resultado é um ambiente movido por palavras de ordem e

narrativas prontas, capaz de sustentar mobilizações em larga escala e de inspirar ações concretas contra a democracia.

Nesse contexto, os discursos de Ustra, Olavo e Bolsonaro aparecem referência intelectual, são as (pseudo) autoridades cognitivas que sustentam o objetivo e alimentam os intelectos. Eles fornecem as justificações simbólicas e os fundamentos morais que sustentam o apelo à ruptura. Ustra oferece o exemplo histórico, no qual a ditadura é narrada como um mal necessário diante de uma ameaça interna. Olavo constrói um diagnóstico de dominação ideológica e decadência cultural, que só poderia ser superado por uma reviravolta radical. Bolsonaro, por sua vez, traduz esses argumentos em apelos diretos, promovendo o medo da esquerda, questionando a lisura das eleições e chamando seus apoiadores à vigilância constante.

Os grupos do Telegram funcionam como o espaço onde essas ideias ganham corpo prático. Neles, o discurso se converte em ação simbólica cotidiana: a circulação de mensagens, vídeos e áudios repetidos milhares de vezes cria a impressão de uma comunidade coesa, preparada para reagir. A linguagem mobilizada nesses ambientes oscila entre o ressentimento e a convocação. Há um esforço contínuo para transformar indignação em atitude. Frases como "o Brasil foi roubado", "os militares precisam agir", "essa eleição é uma farsa" e "é agora ou nunca" formam um coro de afirmações que, ao longo dos dias, semanas e meses, contribuem para naturalizar a ideia de que o caminho institucional está esgotado.

Essa construção discursiva opera por meio da repetição, da saturação e da criação de um senso de urgência. Quanto mais as mensagens se acumulam, mais elas constroem uma realidade paralela onde o golpe se transforma em dever, a intervenção em ato legítimo, e a desobediência civil em prova de patriotismo. Nesse cenário, a linguagem cumpre um papel central. Não se trata apenas de descrever o mundo, mas de produzir os afetos e as narrativas que justificam a ação. É por meio dessa lógica discursiva que muitos dos participantes dos grupos analisados passaram a ver o ataque de 8 de janeiro como um ato defensivo, um gesto de resistência e uma resposta justa a um sistema percebido como ilegítimo.

Esses achados ajudam a entender por que as ações do dia 8 de janeiro não foram um evento isolado ou imprevisível. Elas resultam da sedimentação de um discurso que opera por camadas sucessivas de repetição, reforço e emocionalização. Ao longo do tempo, as palavras ganham força de ação e os enredos são assimilados como verdade. A linguagem deixa de ser apenas um recurso expressivo e passa a moldar práticas, justificar alianças e acionar afetos

capazes de sustentar rupturas. O Telegram, nesse processo, é mais do que um espaço de circulação: é o palco onde essas ideias ganham forma coletiva e sentido prático.

Esse ciclo discursivo depende de uma gramática afetiva específica, que combina indignação, frustração, ressentimento e desejo de revanche. Os conteúdos analisados mostram que essas emoções não surgem por acaso, mas são mobilizadas com regularidade estratégica. Há um esforço constante para acionar esse conjunto de afetos, o que torna os seguidores mais propensos à ação direta e à rejeição dos meios institucionais. A linguagem, nesses grupos, funciona como dispositivo de mobilização permanente. Ela convoca, acusa, consola e orienta. E, ao fazer isso, contribui para deslocar os limites do aceitável dentro do debate público.

A análise dos textos de Ustra, Olavo e Bolsonaro se conecta com a dinâmica dos grupos digitais porque se observa é uma arquitetura discursiva semelhante, com temas centrais bem definidos, vilões identificáveis, soluções apontadas e, sobretudo, uma narrativa moral que separa o bem do mal. A linguagem funciona como tecnologia de persuasão, mas também como instrumento de formação ideológica. E é justamente por meio dessa tecnologia que a violência simbólica se converte em ação concreta.

Ao longo deste capítulo, vimos que há um repertório retórico que atravessa gerações e se atualiza conforme o contexto. Esse repertório organiza tanto o conteúdo quanto a forma do discurso, permitindo que mensagens autoritárias, conspiratórias e antidemocráticas circulem de maneira eficaz entre diferentes públicos. Nos grupos de Telegram, essas mensagens encontram não apenas difusão, mas um ecossistema de validação. Ali, os argumentos são testados e, se bem-sucedidos, repetidos.

É com essa base que o bolsonarismo digital (que não pode ser desassociado do político e partidário) se sustenta. A convergência entre textos fundadores, falas presidenciais e práticas discursivas nos grupos revela um projeto metapolítico em operação. A estratégia é clara: não se trata apenas de conquistar cargos ou disputar eleições, mas de reorganizar o campo simbólico da política, de modo a tornar aceitável aquilo que antes parecia impensável. A defesa de um golpe, por exemplo, deixa de soar absurda e passa a ser apresentada como resposta legítima diante de uma suposta ameaça existencial. A análise realizada neste capítulo não se propôs a apontar culpados individuais, mas a mapear os mecanismos discursivos que sustentam a radicalização e a justificativa de atos antidemocráticos. O ataque às instituições, como o ocorrido em 8 de janeiro, não nasce do nada. Ele é preparado discursivamente, alimentado por uma cadeia de enunciados que naturaliza a exceção e legitima o conflito como

forma de ação política. O discurso é o terreno onde essa normalização acontece, e compreendê-lo é essencial para enfrentar os riscos que ela representa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu da hipótese de que os ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023 não foram resultado de uma ação improvisada ou de uma mobilização pontual. Foram, ao contrário, o desfecho de um processo discursivo longo, alimentado por uma rede de sentidos que circulou por canais digitais como o Telegram e que encontra suas raízes na produção intelectual e política da extrema-direita brasileira. Ao investigar os discursos que sustentam essa radicalização, foi possível compreender como os enunciados produzidos por figuras como Carlos Alberto Brilhante Ustra, Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro se conectam aos conteúdos compartilhados em grupos bolsonaristas e conspiratórios na plataforma.

A análise dos dados coletados nos 205 grupos de Telegram evidenciou a existência de um ecossistema altamente ativo e estruturado, no qual diferentes categorias de grupos –*Antivacina, Anti-Woke e Gênero, Bolsonarismo, Conspirações Gerais, Nova Ordem Mundial e Globalismo* e *Revisionismo e Discurso de Ódio* – compartilham um vocabulário comum, expressões recorrentes e estratégias retóricas que se entrelaçam. O levantamento estatístico mostrou padrões de circulação, engajamento e volume de mensagens, mas foram as análises discursivas, como os gráficos de bigramas, que permitiram mapear as convergências narrativas que estruturam esse universo comunicacional.

Termos como “forças armadas”, “comunismo”, “esquerda”, “liberdade”, “família”, entre tantos outros termos simbólicos, atravessaram tanto os textos fundadores da extrema-direita quanto os diálogos cotidianos dos grupos digitais. Essa ressonância semântica indica que há mais do que afinidade entre os discursos: há uma articulação sistemática, na qual os conceitos centrais da tradição autoritária brasileira foram atualizados, simplificados e disseminados por meio das tecnologias de comunicação contemporâneas. A linguagem se transformou em vetor de mobilização, reduzindo a complexidade política a dicotomias morais e acionando afetos como medo, indignação e ressentimento.

As palavras mais repetidas em cada espaço, nos livros, nos discursos, nas mensagens do Telegram, operam como marcadores de identidade e como ferramentas de enquadramento da realidade. Elas organizam a percepção dos eventos, indicam alvos, constroem heróis e vilões. A ação discursiva não está dissociada da ação política: ela forja os sentidos que justificam a ruptura institucional e dá coesão simbólica a grupos heterogêneos. A convocação para o 8 de janeiro, portanto, não começou com um chamado único, mas com milhares de mensagens anteriores, articuladas ao longo de meses ou anos, que foram sedimentando uma ideia de urgência, traição e salvação.

Esse estudo buscou compreender de que maneira o discurso da extrema-direita brasileira foi mobilizado em ambientes digitais para justificar e incentivar atos antidemocráticos. A conexão entre o pensamento autoritário do passado e as práticas discursivas do presente mostram que a radicalização contemporânea não é desconectada da história, pelo contrário, ela reaproveita linguagens, resgata argumentos e reconfigura velhas argumentações e artífices sob novas formas. A combinação entre herança ideológica e plataformas sociotécnicas resultou em um sistema altamente eficiente de propagação de sentidos, no qual o Telegram, assim como outros sistemas de mensagens instantâneas, funciona como território de circulação e validação dessas ideias.

Concluir essa análise é reconhecer que o combate à desinformação e à radicalização política exige mais do que o enfrentamento técnico. Requer também um olhar crítico sobre as estruturas simbólicas que organizam os discursos e sustentam as crenças. O que circula nas redes não é apenas opinião, mas um conjunto articulado de valores, afetos e narrativas que moldam a forma como a política é percebida, sentida e praticada. Compreender esse sistema de significados é um passo fundamental para construir estratégias mais eficazes de defesa democrática e de promoção de um debate público plural, informado e comprometido com os princípios constitucionais. Portanto, é necessário considerar que a desinformação não atua de forma aleatória ou ingênua. Ela é construída com intencionalidade estratégica. Mesmo os conteúdos que à primeira vista parecem inverossímeis, risíveis ou delirantes cumprem funções específicas dentro do ecossistema comunicacional da extrema-direita. Supostos absurdos, teorias mirabolantes ou personagens caricatos não operam apenas como forma de engajamento e provocação. Eles servem como vetores para deslocar o que antes era considerado inaceitável e inserir novas margens de aceitabilidade no debate público.

Ao banalizar o absurdo, essas narrativas testam os limites do que pode ser dito e expandem o território do pensável. O que antes circulava apenas em espaços subterrâneos ou marginais passa a compor o fluxo cotidiano de conteúdos, tornando-se, pouco a pouco, parte do repertório simbólico de grupos inteiros. Ideias como fraude eleitoral sistêmica, intervenção militar como solução legítima ou perseguição religiosa por parte do Estado democrático deixam de parecer impossíveis e passam a ser debatidas como hipóteses plausíveis. Esse processo não acontece da noite para o dia, mas por meio da exposição repetida e da mobilização afetiva, que vão corroendo os consensos civilizatórios que sustentam o regime democrático.

A desinformação, portanto, não se limita à distorção de fatos. Ela opera como tecnologia de reprogramação simbólica, moldando a percepção coletiva da realidade. A repetição de ideias tidas como radicais ou inconcebíveis produz um efeito de dessensibilização, no qual o choque inicial dá lugar à normalização. Esse é um dos mecanismos centrais da metapolítica autoritária: transformar o campo da cultura e do senso comum para que o autoritarismo deixe de parecer um desvio e passe a ser percebido como alternativa aceitável. Nesse sentido, compreender os usos estratégicos da desinformação é essencial para desmontar sua eficácia discursiva. O combate não pode se limitar à verificação de dados ou à remoção de conteúdos. É preciso compreender o projeto simbólico por trás dessas mensagens e os efeitos culturais que elas visam produzir. A disputa política que se trava nas redes é também uma disputa por significado, por linguagem e por imaginação social. E é nesse campo, em especial, que a defesa da democracia precisa se fortalecer.

Aliás, é urgente refletir que se um estudo conduzido por uma única pesquisadora, com recursos limitados e com apoio pontual de colaboradores, foi capaz de identificar os discursos, as articulações simbólicas e as dinâmicas de mobilização que antecederam os ataques de 8 de janeiro, é legítimo questionar o que instituições mais bem equipadas, como órgãos públicos, agências de inteligência e estruturas governamentais, poderiam ter realizado com os meios de que dispõem. A produção acadêmica, sobretudo nas universidades públicas, já vem cumprindo seu papel: há grupos de pesquisa consolidados, investigações em curso, publicações regulares e alertas sendo emitidos há anos sobre os riscos da radicalização política nas redes digitais.

Governos e autoridades precisam reconhecer que os ambientes digitais não são apenas espaços de opinião ou entretenimento, mas arenas centrais da disputa ideológica e simbólica. É ali que se travam batalhas pelo sentido das coisas, pelo que pode ou não ser dito, pelo que é aceitável ou condenável. É também ali que se constroem narrativas capazes de minar consensos democráticos e impulsionar ações extremadas. O caso do Telegram, como revelado ao longo desta análise, é central. As estratégias que culminaram nos ataques de 8 de janeiro não surgiram do acaso nem foram fruto de decisões isoladas. Houve organização, planejamento e articulação logística conduzida em pleno espaço digital. Os grupos públicos do Telegram funcionaram, no mínimo, como portas de entrada visíveis e acessíveis para essa mobilização. Ali, circularam instruções sobre os locais onde manifestantes deveriam se posicionar em frente aos quartéis, listas com orientações para arrecadação de comida e água, além de contatos para viabilizar o transporte de apoiadores até Brasília. A organização de

ônibus, a divisão de tarefas e a preparação para o deslocamento foram discutidas abertamente em mensagens que repetiam, insistentemente, os apelos por intervenção militar. Os alvos institucionais foram mencionados com clareza, em tom de urgência, mas também de método. Os conteúdos circulavam sem disfarces, demonstrando que os sinais estavam dados muito antes do dia da invasão e estavam ao alcance de quem quisesse ver.

Os ataques de 8 de janeiro, no Brasil, e a invasão do Capitólio, nos Estados Unidos, por exemplo, mostram como é urgente regulamentar as plataformas digitais. Esses dois eventos, embora ocorridos em países diferentes, nasceram de dinâmicas muito semelhantes: começaram como discurso nas mídias digitais e se transformaram em violência concreta. Em ambos os casos, houve uma preparação discursiva longa, feita por meio de mensagens, vídeos, teorias conspiratórias e campanhas de desinformação. As mídias digitais não foram apenas palco da mobilização, mas espaço onde a radicalização foi cultivada, reforçada e organizada.

Qualquer semelhança não é mera coincidência. Há uma mímica clara entre os discursos, símbolos e estratégias utilizadas. Grupos bolsonaristas no Brasil replicaram narrativas, palavras de ordem e estéticas digitais do trumpismo, adaptando essas fórmulas a partir de uma criatividade tipicamente tupiniquim. A ideia de fraude eleitoral, o chamado à "salvação da pátria", o apelo ao militarismo e a construção do inimigo interno circulam com as mesmas intenções, mas ganham contornos locais, com expressões, memes e figuras que dialogam com o imaginário brasileiro. A radicalização, nesse cenário, assume forma de linguagem global compartilhada, mas ganha força ao ser traduzida para contextos nacionais. Assim, o bolsonarismo reinterpreta tendências internacionais da extrema-direita com sotaque próprio, criando pontes entre movimentos que operam de maneira semelhante em diferentes países, ainda que com cores e símbolos locais.

Por isso, já não é possível separar o mundo digital do mundo real. O que se diz nas mídias digitais tem impacto direto na vida das pessoas e na estabilidade das instituições. A regulamentação das plataformas é um dos grandes desafios do nosso tempo, mas não pode ser adiada. Não se trata de censura, mas de garantir que a democracia possa existir também no espaço virtual. As big techs não são apenas ferramentas neutras, elas interferem diretamente no que é visível, no que se espalha, no que se cala. É preciso responsabilizá-las por isso. Esperar que novas tragédias aconteçam para só então agir é perigoso e ineficaz. O alerta foi dado. Agora, cabe às instituições, governos e sociedade encarar esse debate com a seriedade que ele exige.

Os achados desta pesquisa, portanto, revelam que a radicalização bolsonarista operou de maneira estruturada, com discurso, logística e ação prática organizados em ambientes digitais abertos. Diversos estudos recentes têm apontado a importância das mídias digitais na formação de bolhas ideológicas e na disseminação de desinformação no contexto do bolsonarismo. Várias teses de doutorado recentes têm apontado a importância das mídias digitais na formação de bolhas ideológicas e na disseminação de desinformação no contexto do bolsonarismo. Autores como Jacqueline Kneipp Dal Bosco (*Realidades em Jogo: uma análise de conteúdos e dinâmicas de grupos bolsonaristas no Telegram, durante o período eleitoral de 2022*), Guilherme Popolin (*A Conspiração como Estratégia Bolsonarista: a "ideologia de gênero" no Telegram*), Francisco Sérgio Lima de Sousa (*O Vírus Se Transmite por Mensagens Instantâneas: a pandemia da Covid-19 nas narrativas da família Bolsonaro pelo Telegram*), Carolina Costa Gonzaga (*Práticas Informacionais em Grupos Antivacina do Telegram: um estudo com sujeitos que não aderiram à vacinação contra COVID-19*) e Renê Eduardo Arruda (*Dinâmicas Comunicacionais em Redes Sociais Digitais: radicalização nos grupos de mobilização política*), dentre vários outros, destacam a centralidade das plataformas digitais na construção de uma realidade paralela que alimenta a percepção de urgência e ameaça constante.

Nesse ponto, os achados desta pesquisa se alinham ao diagnóstico de que o Telegram, em particular, tem se consolidado como uma arena privilegiada para a circulação de conteúdos extremistas, dado seu modelo de comunicação em massa sem mediação de checagem ou moderação efetiva. No entanto, esta pesquisa contribui com uma dimensão específica que nem sempre aparece com tanta nitidez em outras abordagens: a forma como o discurso se articula à logística prática da mobilização. Ao construir um banco de dados robusto, com mais de 500 mil mensagens coletadas em 205 grupos públicos do Telegram, e ao aplicar técnicas de Análise Exploratória de Dados e Processamento de Linguagem Natural (PLN), foi possível mapear padrões discursivos e operacionais que sustentaram a preparação dos atos golpistas. A análise de bigramas, a identificação de termos recorrentes e a observação de repetições semânticas ao longo do tempo revelaram não apenas o conteúdo ideológico, mas também a dinâmica de organização dos participantes. Dessa forma, este estudo reforça, complementa e também amplia as interpretações existentes, ao propor uma leitura integrada entre conteúdo discursivo, estrutura de mobilização digital e ação política planejada.

Nesse sentido, processo de construção desta tese foi, em muitos sentidos, um reflexo da complexidade do próprio objeto de estudo. Começou com um olhar para poucos grupos

antivacinas, na tentativa de compreender um fenômeno ainda incipiente. A intenção inicial de uma etnografia digital logo se viu diante de um desafio muito maior: o crescimento vertiginoso do ecossistema digital bolsonarista exigiu um aprofundamento metodológico inesperado. O aprendizado de técnicas avançadas de análise de dados e programação tornou-se essencial, assim como o desenvolvimento de uma abordagem interdisciplinar que combinasse comunicação, ciência política, história e tecnologia.

Foi uma jornada de descobertas e adaptações constantes, que só foi possível graças ao auxílio de tantas pessoas de diferentes áreas, cujas contribuições ajudaram a tornar esta pesquisa mais robusta e significativa. A experiência do doutorado sanduíche foi um marco importante nesse percurso, permitindo não apenas a internacionalização do estudo, mas também um entendimento mais amplo de sua relevância. O contato com pesquisadores de diferentes partes do mundo evidenciou que o fenômeno analisado aqui não é um caso isolado do Brasil, mas parte de uma engrenagem global que desafia democracias e remodela dinâmicas políticas contemporâneas.

Diante desse cenário, a pesquisa traçou como objetivo geral analisar a circulação de narrativas conspiratórias e ultraconservadoras no Telegram e suas conexões com a mobilização golpista de 8 de janeiro de 2023, buscando compreender os discursos e estratégias que incentivaram e justificaram os ataques às instituições democráticas. Para atingir essa meta, foram estabelecidos três objetivos específicos, que, ao longo da tese, foram respondidos por caminhos muitas vezes imprevistos, mas metodologicamente rigorosos.

O primeiro objetivo, de analisar a circulação e amplificação de conteúdos ultraconservadores e conspiratórios, foi alcançado por meio da coleta e análise de mais de 500 mil postagens em 205 grupos públicos do Telegram alinhados à extrema-direita. A investigação dos padrões de engajamento revelou que a mobilização digital bolsonarista se estruturava em torno de uma dinâmica altamente eficiente de disseminação de desinformação, baseada na recorrência de temas sensacionalistas e na mobilização do medo e da indignação como estratégias discursivas. A pesquisa também demonstrou como certos conteúdos foram artificialmente impulsionados, evidenciando um ecossistema no qual a viralização não é espontânea, mas cuidadosamente orquestrada.

O segundo objetivo, de investigar a relação entre o discurso da extrema-direita e a organização dos atos golpistas, foi respondido a partir do cruzamento das narrativas mobilizadas nos grupos analisados com os eventos que antecederam e sucederam o 8 de janeiro. A pesquisa demonstrou que a radicalização digital não apenas preparou o terreno

simbólico para a contestação das eleições, mas também atuou como catalisadora de ações concretas, criando uma bolha discursiva onde a insurreição era legitimada como um "dever patriótico". A disseminação de desinformação sobre supostas fraudes eleitorais e a constante evocação de uma ameaça comunista contribuíram para a escalada da violência política, reforçando a hipótese de que os atos golpistas não foram espontâneos, mas sim um desdobramento lógico da radicalização progressiva fomentada nesses espaços.

Já o terceiro objetivo, de examinar a estrutura discursiva dos conteúdos mais compartilhados, foi atingido por meio do uso de técnicas de Análise Exploratória de Dados (AED) e Processamento de Linguagem Natural (PLN). Esse aprofundamento metodológico permitiu mapear os principais temas e estratégias discursivas que sustentaram a radicalização digital, revelando conexões entre os discursos bolsonaristas e a literatura revisionista da ditadura militar. A análise comparativa entre os discursos de Jair Bolsonaro e as obras *O Mínimo Que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota* (Olavo de Carvalho), *Verdade Sufocada* (Carlos Alberto Brilhante Ustra) e *Orvil: Tentativas de Tomada do Poder* (Exército Brasileiro) mostrou como essas narrativas foram apropriadas e ressignificadas para justificar o questionamento das instituições democráticas e a normalização da violência política.

Se o ponto de partida desta tese foi uma cadeia de decepções, seu desfecho, ainda que exaustivo, carrega um certo alívio. O processo de investigação trouxe respostas para inquietações fundamentais e confirmou que a radicalização política e a desinformação não são meros efeitos colaterais do ambiente digital, mas sim estratégias deliberadas que buscam minar a democracia. Mais do que isso, esta pesquisa demonstrou que a resistência ao avanço do autoritarismo exige não apenas vigilância, mas um esforço contínuo para compreender e desarmar os mecanismos discursivos que sustentam esse processo.

O caminho até aqui não foi trilhado sozinho. A complexidade do fenômeno estudado exigiu um olhar interdisciplinar e um esforço coletivo que envolveu contribuições de diversas áreas do conhecimento. A experiência do doutorado sanduíche na Universidade de Glasgow, na Escócia, foi um divisor de águas nesse percurso, permitindo que esta pesquisa se conectasse a debates internacionais e ganhasse novas camadas de compreensão. O contato com diferentes abordagens e perspectivas não apenas fortaleceu as análises, mas também reforçou a certeza de que o que acontece no Brasil não é um caso isolado, mas parte de um fenômeno global de erosão democrática.

Encerrar esta tese é, ao mesmo tempo, um alívio e um convite a seguir investigando. O mundo que motivou esta pesquisa continua em movimento, e as engrenagens da

desinformação e da radicalização política seguem ativas. No entanto, há um aprendizado fundamental neste percurso: se a manipulação da informação pode ser usada para corroer a democracia, o conhecimento pode ser usado para fortalecê-la. Que este trabalho, nascido do desencanto, possa servir como uma ferramenta para aqueles que se preocupam com o futuro da democracia e da informação de qualidade. Que, em meio às incertezas, a ciência continue sendo um farol. E que, mesmo após essa longa caminhada, fique a certeza de que entender os desafios do presente é um passo essencial para construir um futuro mais justo, mais democrático e mais informado.

Que este esforço, coletivo em sua essência, possa servir não apenas como um registro de um tempo conturbado, mas como um instrumento de resistência. Que sirva como um lembrete da importância do pensamento crítico, da ciência e do acesso à informação de qualidade. A defesa da democracia e da justiça social é uma construção contínua, e este estudo é apenas um tijolo a mais nessa edificação. Se o começo desta tese foi decepção, que o seu final seja de esperança, não uma esperança ingênua, mas uma esperança ativa, uma esperança concreta, como quer Ernst Bloch, aquela que se constrói na luta por um mundo mais igual, mais justo e mais informado.

> Ver o desfecho das coisas de forma positiva nem sempre é ingenuidade. A vontade de alcançar um final bom pode se tornar uma força inteligente. O acreditar passivo pode se tornar conhecimento e ação. Aqueles que não acreditam em um final feliz dificultam a transformação do mundo tanto quanto os charlatões e oportunistas do otimismo fácil. [...] Essa esperança crítica orienta-se não pelo que já aconteceu, mas pelo que ainda pode acontecer. Ela alimenta a disposição constante para intervir, para agir sobre o que ainda não foi alcançado. Enquanto não surgir um fracasso absoluto, um triunfo irreversível do mal, o final feliz do caminho certo não é apenas um desejo, mas uma responsabilidade (Bloch, 1986, p. 447).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

AIRES, J.; SANTOS, S. **Sempre foi pela família**: mídias e políticas no Brasil 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

ALENCAR, A. P.; FERREIRA MARQUES, J.; SCHNEIDER, M.; CARVALHO ALVES, E. Competência crítica em informação e educomunicação: proposta interdominial no combate à desinformação. **Palabra Clave (La Plata)**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. e153, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.24215/18539912e153 Acesso: 23 fev. 2024.

ALONSO, A.; MISCHE, A. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. **Bulletin of Latin American Research**, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 239-255, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1111/blar.12470. Acesso em: 12 jun. 2023.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Tradução Joaquim José de Maura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980.

ALVES, T. S.; BEZERRA, A. C. Informação, política e poder: 20 anos do conceito de regime de informação em Maria Nélida González de Gómez. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/143778 . Acesso em 10 mar 2025.

ARASA, D. **Historias curiosas del franquismo**. Barcelona: Robinbook, 2008.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ARQUIDIOCESE de São Paulo. **Brasil**: Nunca Mais. Petrópolis, Vozes, 1985.

ARRUDA, R. E. **Dinâmicas comunicacionais em redes sociais digitais**: radicalização nos grupos de mobilização política. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

BAPTISTA, E.; ROSSINI, P.; VEIGA DE OLIVEIRA, V.; STROMER-GALLEY, J. A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 29–46, 2019. DOI: 10.34019/1981-4070.2019.v13.28667. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/28667. Acesso em: 09 jun. 2023.

BASTOS DOS SANTOS, J.G.; FREITAS, M.; ALDÉ, A.; SANTOS, K.; CARDOZO, V. C. C. WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018. **Comunicação & Sociedade (on-line)**, v. 41, p. 307, 2019.

BAUER, C. S.; NICOLAZZI, F. F. O historiador e o falsário: usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 32, n.

60, p. 807–835, set./dez. 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752016000300009. Acesso em: 18 abr. 2025.

BAUMAN, Z. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017

BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H**. Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization.** New York, NY: Oxford University Press, 2018.

BENOIST, A. de; CHAMPETIER, C. **Manifesto for a European Renaissance**. London: Arktos, 2012.

BEZERRA, A. C. **Miséria da Informação**: dilemas éticos da era digital. Rio de Janeiro: Garamond, 2024.

BEZERRA, A. C. Regime de informação e lutas de classes: reconstrução de um conceito à luz da crítica da economia política**. Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 10, n. 1/3, p. 1-14, 2023. doi: 10.28998/cirev.2023v10q. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/17074. Acesso: 19 mar. 2024

BEZERRA, A. C.; BORGES, J. Sleeping Giants: a ofensiva moral dos gigantes adormecidos contra o novo regime de desinformação. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 23, n. 1, p. 178–195, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/15348 . Acesso em: 10 mar. 2025.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; SALDANHA, G. **Ascensão e queda da utopia tecnoliberal**: a dialética da liberdade sociotécnica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2013. Florianópolis: ANCIB, 2013. p. 1-17. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/487/1/Arthur.pdf. Acesso: 13 jan. 2024.

BIRD, S.; KLEIN, E.; LOPER, E. **Natural Language Processing with Python**. 1. ed. Sebastopol: O'Reilly Media, 2009.

BLOCH, E. **The principle of hope**. Tradução de Neville Plaice, Stephen Plaice e Paul Knight. Cambridge, MA: MIT Press, 1986.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995

BOLAÑO, C.; MELO, P. V. Luz, câmera, concentração: 50 anos da Rede Globo e a hegemonia no mercado brasileiro de televisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-4005-1.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.

BOLSONARO, J. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cerimônia alusiva à Regularização Fundiária**. Rio Verde/GO, 20 abr. 2022. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-

presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-alusiva-a-regularizacao-fundiaria-1. Acesso em: 17 fev. 2025.

BORGES, A.; VIDIGAL, R. From lulismo to antipetismo? Polarization, partisanship, and electoral behaviour in Brazilian presidential elections. **Opinião Pública**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 1-24, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-0191201824153. Acesso em: 12 jun. 2023.

BOURDIEU, P. A opinião pública não existe. In Michel Thiollent, **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 4 ed. (pp. 137-151). São Paulo: Polis. 1987.

BRAMAN, S. The emergent global information policy regime. *In*: BRAMAN, Sandra (ed.) **The emergent global information policy regime**. London: Palgrave Macmillan, 2004. (International Political Economy Series). Disponível em: https://doi.org/10.1057/9780230377684_2. Acesso em: 17 abr 2025.

BRANDÃO, P. C.; LEITE, I. C. Nunca foram heróis! A disputa pela imposição de significados em torno do emprego da violência na ditadura brasileira, por meio de uma leitura do Projeto ORVIL. **Anos 90**, v. 19, n. 35, p. 299-327, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1983-201X.28623. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRANDOM, R. **How gun buffs took over Wikipedia's AR-15 page**. Disponível em: https://www.theverge.com/2018/3/6/17086794/ar-15-wikipedia-gun-control-parkland-mass-shooting . Acessado em: 22 de maio de 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News. **Relatório Final**. Brasília: Congresso Nacional, 2022. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/609753. Acesso em: 11 mar. 2025.

BRASIL. Congresso Nacional. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Atos de 8 de Janeiro de 2023. **Relatório final**. Brasília, DF: Senado Federal, 17 out. 2023. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2023/10/17/relatorio-cpmi-versao-consolidada_231017_100010.pdf. Acesso em: 17 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Polícia Federal. Diretoria de Inteligência Policial. Coordenação-Geral de Contrainteligência. **Relatório n° 4546344/2024**. Processo Judicial nº: Pet. 12.100/DF - INQ nº 4.874-DF. Brasília, 2024. Disponível em: https://noticias-stf-wp-prd.s3.sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/wpallimport/uploads/2024/11/26160436/Relatorio-Final-PF-Site-2024-1.pdf Acesso em: 09 mar 2025.

BRASIL. Ministério do Exército. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha: Ordem Unida.** 3. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2000. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/105/1/C-22-5.pdf. Acesso em: 09 mar 2025.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil. **Tribunal Superior Eleitoral**, 30 out. 2022. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil. Acesso em: 3 mar. 2025.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de "*fake news*": distinções, diagnóstico e reação. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2018, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/view/1219. Acesso em: 10 out. 2023.

BRUCE, A.; BRUCE, P. **Estatística prática para cientistas de dados**: 50 conceitos essenciais. 1. ed. São Paulo: Alta Books, 2019.

BRUNS, A. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 119–140, 2011. DOI: 10.25200/BJR.v7n2.2011.342. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342. Acesso em: 18 jun. 2023.

BRUNS, A.; HARRINGTON, S.; HURCOMBE, E. 'Corona? 5G? Or both?': The dynamics of COVID-19/5G conspiracy theories on Facebook. **Media International Australia**, 177(1), 12–29, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1329878X20946113 . Acesso em:12 fev. 2024.

BURGOS, P. What 100,000 WhatsApp messages reveal about misinformation in Brazil. **First Draft**, 27 de junho de 2019. Disponível em: https://firstdraftnews.org/what-100000-whatsapp-messages-reveal-about-misinformation-in-brazil/. Acessado em 02 de junho de 2023.

CALDEIRA NETO, O.; GONÇALVES, L. P. **O fascismo em camisas verdes**: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

CAMPANELLA, B. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. **MATRIZes**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 167-173, 2015 Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/111722. Acesso em: 10 jun. 2023.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, pp. 148-207, 2007.

CARVALHO, O. de. Militares e a memória nacional. **Ternuma**, 31 dez. 2000. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/tag/ternuma/. Acesso em: 18 abr. 2025.

CARVALHO, O. de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Org. Felipe Moura Brasil. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013

CASSIN, B. **Google Me: One Click Democracy**. Tradução de Michael Syrotinski. Nova York: Fordham University Press, 2018.

CASTELLS, M. **A era da informação**: Economia, sociedade e cultura. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019. v. 1 (A sociedade em rede)

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2013. Rio de Janeiro: Zahar.

CASTELLS, M. **Ruptura:** A crise da democracia. São Paulo: Zahar, 2018. 152 p. Tradução:

Joana Angélica d'Avila Melo.

CASTRO, C. **O espírito militar**. São Paulo: Jorge Zahar, 2021.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo: Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530–557, 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.165232. Acesso em: 04 mar 2025.

CESARINO, L. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHALOUB, J. G. The Geopolitical Imaginary of the Brazilian Ultra-Right. **Bull Lat Am Res**. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1111/blar.13470. Acesso em: 10 de junho de 2023

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CICERO. **On the Orator**. Tradução: E.W. Sutton e H. Rackham. Londres: Harvard University Press, 1948.

CLARKE, H. D.; GOODWIN, M.; WHITELEY, P. **Brexit**: Why Britain Voted to Leave the European Union. Cambridge University Press, 2017.

CONSENSO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. **Wikimedia**, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Consenso. Acesso em: 17 abr. 2025

COSTA, P. R. A comunidade wikipedista em língua portuguesa: Um retrato social. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. e42071, 2022. DOI: 10.15448/1980-3729.2022.1.42071. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/42071. Acesso em: 22 maio. 2023

COSTA, P. R. O ethos wikipedista como modo de combate à desinformação**. Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5630, 2021. DOI: 10.18617/liinc.v17i1.5630. Disponível em: https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5630 . Acesso em: 30 maio. 2023.

COWAN, B. A. A Hemispheric Moral Majority: Brazil and the Transnational Construction of the New Right. **Revista brasileira de política internacional**, v. 61, n. 2, p. 1–25, 2018.

DA EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019. 152 p.

DAL BOSCO, J. K. **Realidades em jogo: uma análise de conteúdos e dinâmicas de grupos bolsonaristas no Telegram, durante o período eleitoral de 2022**. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2024. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/275976. Acesso em: 04 mar 2025.

DANTAS, M. Dialética da informação: fundamentos de uma teoria em diálogo com Anthony Wilden e Vieira Pinto. *In*: SALDANHA, G.; CASTRO, P. C.; PIMENTA, R. M. (Orgs.).

Ciência da Informação: sociedade, crítica e inovação. Rio de Janeiro: IBICT, 2021. p. 255–305.

DAVIES, T. M. **The Book of R**: A First Course in Programming and Statistics. San Francisco: No Starch Press, 2016.

DELGADO, L. de A. N.; FERREIRA, J. (org.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponível: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRN_9b0e07365d8f405c472625c6863d4b53 Acesso em: 04 mar 2025.

DOYLE, A. C. **Sherlock Holmes**: edição completa. Tradução de Louisa Ibañez et al. Rio de Janeiro: Agir, 2007. ISBN 978-85-220-1177-6.

DOYLE, A. C. **Sherlock Holmes**: obra completa. Tradução de Louisa Ibánez, Branca de Villa-Flor, Edna Jansen de Mello, Áurea Brito Wissenberg, Arnaldo Viriato Medeiros, Flávio Mello e Silva, Luiz Orlando C. Lemos, Adailton J. Chiaradia, Myriam Ribeiro Güth. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

DUNT, I. **Brexit**: What the Hell Happens Now? Canbury Press. 2016.

DUVIVIER, G. Prólogo. *In*: SOLANO GALLEGO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 7.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Editora Boitempo, 1997.

EMPOLI, G. da. **Engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar o ódio, a polarização e a desordem. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ESCOBAR, B.; HEEMANN, A. Expressando um cosmograma de conflitos pelo design: um estudo de caso da Wikipédia. **Pensamentos em Design**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 74–91, 2023. Disponível em: https://revista.uemg.br/index.php/pensemdes/article/view/6795. Acesso em: 11 fev. 2024.

FARIA, F. G. **Os Militares e a Crise de 1964 -** Crise Orgânica e Golpe de Classes. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P. **Manual de análise de dados.** 1. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2024.

FERRAZ, C. P. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *In*: **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, 2019
FICO, C. **Como eles agiam**: Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FICO, C. O golpe de 1964 e o papel do governo dos EUA. *In*: FICO, C. *et al*. (org.). **Ditadura e democracia na América Latina**: balanço histórico e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 57–75.

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, vol. 24, no. 47, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/NCQ3t3hRjQdmgtJvSjLYMLN Acesso: 10 ago. 2023.

FIGUEIREDO, L. **Olho por olho**: Os livros secretos da ditadura. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

FINCHELSTEIN, F. **Do fascismo ao populismo na história**. Lisboa: Edições 70, 2019

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

FREITAS, V. T. de. **"Meu partido é o Brasil"**: a ascensão do movimento pela intervenção militar nos protestos brasileiros (2011-2019). 2023. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-11082023-120355/ . Acesso em: 05 fev. 2025.

FROEHLICH, T. J. The role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of fake news. **Open Information Science**, v. 3, n. 1, p. 115–136, 2019. DOI: 10.1515/opis-2019-0009. Disponível em: https://doi.org/10.1515/opis-2019-0009. Acesso em: 17 abr. 2025.

FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. ANNUAL CONFERENCE: CANADIAN ASSOCIATION FORMIN FORMATION, 23., 1995. **Anais**. Edmonton, Alberta: CAIS/ACSI, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/14044809/Taking_information_policy_beyond_information_science_applying_the_actor_network_theory Acesso em: 8 mar. 2024.

GALLO, A. M. **Crítica de la Razón Paranoide I - Teorías de la conspiración**: de la locura al genocídio. Madrid: Reino de Cordelia. 2021.

GARCÍA NAVARRO, A. L.; KONEVA, N.; SÁNCHEZ-MACIÁN, A.; HERNÁNDEZ, J. A. **A Comprehensive Guide to Combining R and Python code for Data Science, Machine Learning and Reinforcement Learning.** 2024. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2407.14695. Acesso em: 2 fev. 2025.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed., reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GODOY, M. **A Casa da Vovó**: uma biografia do DOI-Codi (1969-1991), o centro de sequestro, tortura e morte da ditadura militar. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2014.

GOMES, J. C.; PIMENTA, R. M.; SCHNEIDER, M. A. F. **Mineração de dados na pesquisa em ciência da informação: desafios e oportunidades.** *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20. Florianópolis, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/161989 . Acesso em: 03 fevereiro de 2025.

GONZAGA, C. C. **Práticas informacionais em grupos antivacina do Telegram**: um estudo com sujeitos que não aderiram à vacinação contra COVID-19. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2023.

GONZÁLES DE GOMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação,** [S. l.], v. 31, n. 1, 2002. DOI: 10.18225/ci.inf.v31i1.975. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/975. Acesso em: 18 mar. 2024.

GONZÁLES DE GOMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23349 Acesso em: 8 maio. 2023.

GONZÁLES DE GOMEZ, M. N. Reflexões sobre Ética da Informação: panorama contemporâneo. In: **Ética da Informação: perspectivas e desafios**. Niterói: Garamond Universitária, 2017. Disponível em: https://ppgci.uff.br/wp-content/uploads/sites/86/2020/04/Livro_Etica_da_informacao.pdf Acesso: 02 fev. 2024.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 1. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRINBERG, L. **Partido político ou bode expiatório**: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2009.

GROLEMUND, G.; WICKHAM, H. **R para Data Science: importe, arrume, transforme, visualize e modele dados.** Trad. Samantha Batista. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

GRUMKE, T. "Globalized Anti-Globalists: The Ideological Basis of the Internationalization of Right-Wing Extremism". *In*: MERING, Sabrina; MCCARTY, Thomas W. (eds.). **Right-Wing Radicalism Today**: Perspectives from Europe and the US. Abingdon: Routledge, 2013. p. 13–22

GRUS, J. **Data Science do Zero**: Noções Fundamentais com Python. Tradução de Welington Nascimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

HA, L.; GRAHAM, T.; GRAY, J.; **Where conspiracy theories flourish**: A study of YouTube comments and Bill Gates conspiracy theories. Harvard Kennedy School (HKS) Misinformation Review. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.37016/mr-2020-107. Acesso: 12 fev. 2024.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HAYEK, F. **O Caminho da Servidão**. Editado por Instituto Ludwig von Mises Brasil. São Paulo. 2010.

HERMOSO, B. Pierre Lévy: "Muitos não acreditam, mas já éramos muito maus antes da internet". Madri: **El País**. 01 jul. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/eps/2021-07-

01/pierre-levy-muitos-nao-acreditam-mas-ja-eramos-muito-maus-antes-da-internet.html. Acesso: 05 jan. 2024.

HINE, C. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday. Oxford: Bloomsbury Academic, 2015.

HIRSCHMAN, A. O. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HOBBES, T. **Leviatã**. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOFSTADTER, R. **The Paranoid Style in American Politics**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1964.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). **Entendendo o Índice de Gini**. Fortaleza: IPECE, 2015. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2015/02/Entendendo_Indice_GINI.pdf. Acesso em: 3 mar. 2025.

JÚNIOR, M; MELO, P; SILVA, A.; BENEVENUTO, F.; ALMEIDA, J. Towards Understanding the Use of Telegram by Political Groups in Brazil. *In*: **Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web (Webmedia)**, 1., 2021. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 237-244. Disponível em: https://homepages.dcc.ufmg.br/~fabricio/download/manoel-webmedia2021.pdf Acesso: 18 mai. 2023.

JURAFSKY, D.; MARTIN, J. H. **Speech and Language Processing**: An Introduction to Natural Language Processing, Computational Linguistics, and Speech Recognition with Language Models. 3. ed. Draft. Stanford: Stanford University; Boulder: University of Colorado, 2024. Disponível em: https://web.stanford.edu/~jurafsky/slp3/ed3book.pdf Acesso em: 12 fev. 2025

KAISER, B. **Manipulados**: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque. São Paulo: HarperCollins, 2019.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. São Paulo: Intrínseca, 2018.

KALIL, I. Do "cidadão de bem" ao "patriota": eleições, desinformação e extremismo. MAGNA, I; OLIVEIRA, V. E. de. (orgs.) *In*: **Democracia e eleições no Brasil**: para onde vamos?, 2022. Disponível em: https://lojahucitec.com.br/wp-content/uploads/2022/10/Democracia-e-Eleicoes-no-Brasil.pdf#page=239 Acesso: 04 mar 2025.

LACERDA, M. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

LEMOS, R. **Ditadura, anistia e transição política no Brasil (1964-1979)**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva**: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. Entrevista com Pierre Lévy, criador de uma linguagem artificial para melhorar a comunicação entre homem e máquina. [Entrevista cedida a] Juremir Machado da Silva. **Matinal**. On-line. 04 ago. 2023. Disponível em: https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/colunistas-matinal/juremir-machado/entrevista-com-pierre-levy/. Acesso: Acesso: 18 jan. 2024

LÉVY, P. Intelligence Artificielle et Intelligence Collective. On-line. 28 out. 2023. Disponível em: https://pierrelevyblog.com/2023/10/28/intelligence-artificielle-et-intelligence-collective/. Acesso: 19 jan. 2024.

LOPEZ, I. H. **Dog Whistle Politics**: How Coded Racial Appeals Have Reinvented Racism and Wrecked the Middle Class. Oxford University Press, 2014.

MACEDO, J. M. de. **A Luneta Mágica**. 6ª ed., São Paulo: Ática, 1990

MACHADO, L. R. Desinformação nas Eleições de 2022 no Brasil: as mentiras disseminadas por apoiantes de Bolsonaro nas redes sociais. **Comunicação Pública**, [S. l.], v. 19, n. 37, 2024. DOI: 10.34629/cpublica.832.Disponível em: https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/832 Acesso em: 4 mar. 2025.

MACHUY, C. **Wikipédia midiática**: cotidianidades, compilação de saberes e lutas de poder nos bastidores da Enciclopédia Livre. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/3829. Acesso em: 17 abr. 2025.

MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. Tradução de Giasone Rebuá. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MARINHO, R. Julgamento da Revolução. **O Globo**. Rio de Janeiro. 07 de outubro de 1984. Editorial. Disponível em: https://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226. Acesso: 07 ago. 2023.

MARTELETO, R. M. Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 12, n. 1esp, p. 46–62, 2007. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1785 . Acesso em: 19 maio. 2023

MARTINO, L. Lendo "The People's Choice"no seu 70º aniversário: do "líder de opinião"aos "influenciadores digitais". **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 41, n. 3, p. 21–32, set. 2018. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/interc/a/DZWnQy6DLVdBVsCd5RTk7Mc/# Acesso: 10 fev. 2024.

MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad. de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: UTL, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MATTELART, A. Sociedade do Conhecimento e Controle da Informação e da Comunicação. Conferência proferida na sessão de abertura. **V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura**, realizado em Salvador, Bahia, Brasil, de 9 a 11 de novembro de 2005.

MAUSS, M. **Manual of Ethnography**. Tradução de Dominique Lussier. Nova York: Durkeim Press, 2007.

MCKINNEY, W. **Python para Análise de Dados**: Tratamento de Dados com Pandas, NumPy e IPython. 3. ed. São Paulo: Novatec Editora, 2022

MELLO, P. C. **A Máquina do Ódio**: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MELLO, R. S.; HEUSER, C. A.; DORNELES, C. F.; KADE, A.; BRAGANHOLO, V. P. **Dados Semi-Estruturados**. XV Simpósio Brasileiro de Banco de Dados. João Pessoa, PB, 2000. p. 475-513. Disponível em: https://www.ime.usp.br/~jef/semi-estruturado.pdf . Acesso em 11 fev. 2025.

MELO JÚNIOR, A. F. de. **A assinatura "Gustavo Barroso"**: Análise do discurso narrativo de *Ideias e Palavras*, *A Ronda dos Séculos* e *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (1917-1936). 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MENEZES, N. N. C. **Introdução à programação com Python**: algoritmos e lógica de programação para iniciantes. 4. ed. São Paulo: Novatec, 2024.

MITCHELL, R. **Web Scraping with Python.** 1. ed. Sebastopol: O'Reilly Media, 2015.

MOLES, A. **Teoria da informação e percepção estética**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MORAES, D. de; RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MORETTIN, P. A.; SINGER, J. da M. **Estatística e ciência de dados**. Rio de Janeiro: LTC, 2023.

MORETZSOHN, S. D. "Uma legião de imbecis": hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, nov. 2017. p. 294-306.

Disponível em: http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4088/3404 . Acesso em: abr. 2023

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o 'perigo vermelho'**: o anticomunismo no Brasil (1917–1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDDE, C. **The far right today**. Cambridge: Polity Press. 2019.

MUDDE, C. **The ideology of the extreme right**. Manchester: Manchester University Press, 2000.
NASCIMENTO, J. C. do; MACIEL, L. **Orvil**: tentativas de tomada do poder. Salto: Schoba, 2012.

NEMER, D. **Technology of the oppressed: inequity and the digital mundane in favelas of Brazil.** Cambridge: The MIT Press, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.7551/mitpress/14122.001.0001. Acesso em: 11 ago 2024.

NEUMANN, F. Angústia e política. **Dissonância: Teoria Crítica e Psicanálise**, Campinas, n. 1, p. 104–154, 1º sem. 2017. Disponível em: https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/teoriacritica/article/view/2813/2523. Acesso em: 18 abr. 2025.

NGUYEN, C. T. Echo chambers and epistemic bubbles. **Episteme**, v. 17, n. 2, p. 141–161, 2020. DOI: 10.1017/epi.2018.32. Disponível em: https://philarchive.org/rec/NGUECA. Acesso em: 17 abr. 2024.

NIELD, T. **Introdução à Linguagem SQL**: Abordagem Prática para Iniciantes. Tradução de Aldir José Coelho Corrêa da Silva. 1. ed. São Paulo: Novatec Editora, 2016.

NORA, P. O Retorno do Fato. *In*: LE GOFF, J.; NORA, P. **História**: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 179-193.

OLIVEIRA, P. C. Dos Protocolos dos Sábios de Sião ao Q-Anon: a renovação do discurso conspiracionista na extrema-direita contemporânea. **Intellèctus**, v. 21, n. 1, p. 133-155, 2022.

ORLANDI, E. Papel da Memória. *In*: ACHARD, P. **Papel da Memória**. São Paulo: Pontes, p. 49-57, 1999.

OTLET, P. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018.

PADRÓS, E. S. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. *In*: FICO, C. *et al*. (org.). **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 147–174.

PERALTA, J. H. **Microservice APIs**: Using Python, Flask, FastAPI, OpenAPI and more.

Shelter Island: Manning Publications, 2023

PETRÓ, G. PRF e Ministério da Justiça agiram para impedir votos de Lula nas eleições de 2022, aponta denúncia da PGR. **G1**, 19 fev. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/02/19/prf-e-ministerio-da-justica-agiram-para-impedir-votos-de-lula-nas-eleicoes-de-2022-aponta-denuncia-da-pgr.ghtml. Acesso em: 4 mar. 2025.

PINHEIRO-MACHADO, R. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta, 2019.

PLATÃO. **Mênon**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Loyola, 2001.

POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, n.2, p.19-33, primavera 1998. Disponível em: http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/opombo-classificacao.pdf . Acesso em: 01 de fevereiro de 2025

POPOLIN, G. **A conspiração como estratégia bolsonarista: a "ideologia de gênero" no Telegram.** 2024. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2024.

PÓS-VERDADE. Word of the Year 2016. *In*: **Oxford Languages**. Oxford English Dictionary. Disponível em: https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/. Acessado em: 12 de junho de 2023.

PRADO, M. **Tempestade Ideológica. Bolsonarismo**: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Editora Lux, 2021.

PROVOST, F.; FAWCETT, T. **Data Science for Business: What You Need to Know About Data Mining and Data-Analytic Thinking**. O'Reilly Media, 2013.
PSOL NA CÂMARA. Resumo final da CPMI dos atos de 8 de janeiro. 2023. Disponível em: https://psolnacamara.org.br/wp-content/uploads/2023/10/CPMI-RESUMO-FINAL-pdf.pdf. Acesso em: 05 fev. 2025.

RAMONET, I. **La era del conspiracionismo**. Siglo Veinteuno editores. Buenos Aires: 2022.

RAMOS, G. **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RAYWARD, W. B. Organização do conhecimento e um novo sistema político mundial: ascensão e queda e ascensão das ideias de Paul Otlet. p. 11-28. *In*: OTLET, P. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018.

RECUERO, R. **A rede da desinformação**: sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2024. 216 p. ISBN 978-65-5759-174-1. DOI: 10.29327/5444931.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R.; SOARES, F.; VINHAS, O. Discursive strategies for disinformation on WhatsApp and Twitter during the 2018 Brazilian presidential election. **First Monday**, [S. l.], v. 26, n. 1, 2020. DOI: 10.5210/fm.v26i1.10551. Disponível em: https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/10551. Acesso em: 21 jan. 2025.

RÊGO, A. R., BARBOSA, M. **A construção intencional da ignorância**: o mercado das informações falsas. Rio de Janeiro: Mauad X. 2020.

REGO, A. R. **A Seta do Tempo**: Plataformas, Inteligência Artificial e Desinformação. Rio de Janeiro: Mauad X. 2025

REIS, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

REUTERS. 53% of Republicans view Trump as true U.S. president - Reuters/Ipsos. **Reuters**, 24 maio 2021. Disponível em: https://www.reuters.com/world/us/53-republicans-view-trump-true-us-president-reutersipsos-2021-05-24/. Acesso em: 4 mar. 2025.

RICŒUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, C.; SOLANO, E.; MEDEIROS, J. **The Bolsonaro Paradox**: The Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil. Cham: Springer, 2021.

ROCHA, J. C. C. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. 1ª Edição. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROSSINI, P. Farewell to Big Data? Studying Misinformation in Mobile Messaging Applications. **Political Communication**, v. 40, n. 3, p. 361-366, 2023. Disponível em: DOI: 10.1080/10584609.2023.2193563. Acessado em 03 de junho de 2023.

RULE, A.; BIRMINGHAM, A.; ZUNIGA, C.; ALTINTAS, I.; HUANG, S.; KNIGHT, R.; MOSHIRI, N.; NGUYEN, M. H.; ROSENTHAL, S. B.; PÉREZ, F.; ROSE, P. W. Ten Simple Rules for Reproducible Research in Jupyter Notebooks**. arXiv**, 2018. Disponível em: https://arxiv.org/abs/1810.08055. Acesso em: 26 de fevereiro de 2025

RUSSELL, B. How gun buffs took over Wikipedia's AR-15 page. **The Verge**. 6 mar. 2018. Disponível em: https://www.theverge.com/2018/3/6/17086794/ar-15-wikipedia-gun-control-parkland-mass-shooting. Acessado em 20 de maio de 2023.

SAEZ-TRUMPER, D. Online Disinformation and the Role of Wikipedia. **arXiv preprint arXiv:1910.12596**, 2019. Disponível em: https://arxiv.org/abs/1910.12596 Acessado em 23 de maio de 2023.

SALLES, D.; MEDEIROS, P.; SANTINI, R.; BARROS, C. The Far-Right Smokescreen: Environmental Conspiracy and Culture Wars on Brazilian YouTube. **Social Media + Society**, 9(3). 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1177/20563051231196876 Acesso: 18 jan. 2024.

SAMUELS, D.; ZUCCO, C. Partisanship and Antipartisanship in Brazil. In: _____.

Partisans, Antipartisans, and Nonpartisans: Voting Behavior in Brazil. Cambridge: Cambridge University Press, 2018

SANT'ANA, R. C. G. Ciclo de vida dos dados: uma perspectiva a partir da Ciência da Informação. **Informação & Informação**, *[S. l.]*, v. 21, n. 2, p. 116–142, 2016. DOI: 10.5433/1981-8920.2016v21n2p116. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/27940 . Acesso em: 12 fev. 2025.

SANTOS, C. M. L. da S. A. dos; DIAS, C. P. S. An assessment of the true Gini coefficient regarding the fulfilment of the basic criteria for inequality measures. **Acta Scientiarum**, v. 46, 2024. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs. DOI: https://doi.org/10.4025/actascitechnol.v46i1.64563. Acesso em: 3 mar. 2025.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 1, n. 1, 1996. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2017/07/pdf_7810a51cca_0000015436.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2023.

SARKIS, F. **"As marcas da tortura sou eu"**– Análise das fontes de informação na cobertura jornalística da Comissão Nacional da Verdade pela Folha de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2019.

SAYURI, J. Brasil Paralelo faz 'guerra de edições' e disputa narrativas na Wikipédia. **UOL**. 09 set. 2020. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm. Acesso: 21 jan. 2024.

SCAVETTA, R. J.; ANGELOV, B. **Python e R para cientista de dados moderno**: o melhor de dois mundos. São Paulo, SP: Novatec, 2022.

SCHNEIDER, M. **A era da desinformação**: pós-verdade, fake News e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SCHNEIDER, M. Ética, Política e Epistemologia: Interfaces da Informação. *In*: ALBAGLI, S. (Org.) **Fronteiras da Ciência da Informação**. p. 59-79. Brasília: IBICT, 2013.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

SECCO, L. O bolsonarismo no Brasil. **Relações Internacionais**, n. 73, p. 41-52, 2022.

SEDGWICK, M. J. **Traditionalism**: the radical project for restoring sacred order. New York, NY, United States of America: Oxford University Press, 2023.

SERRANO, P. **Desinformación**: cómo los medios ocultan el mundo. Prólogo de Ignacio Ramonet. Barcelona: Ediciones Península, 2009. Disponível em: https://www.marcialpons.es/media/pdf/42755_Desinformacion.pdf. Acesso em: 17 abr. 2025.

SFEZ, L. **A Comunicação**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

SHANNON, C.; WEAVER, W. **A teoria matemática da comunicação**. São Paulo: DIFEL, 1975.

SILVA, E. C. de M. **Antivax and off-label medication communities on Brazilian Telegram**: between esotericism as a gateway and the monetization of false miraculous cures. 2024. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2408.15308. Acesso em 10 fev. 2025.

SILVA, E. C. de M. Nota Técnica #16 – Desinformação sobre urnas eletrônicas persiste fora dos períodos eleitorais. **Monitor do Debate Político no Meio Digital**, 22 mar. 2023b. Disponível em: https://www.monitordigital.org/2023/05/18/nota-tecnica-16-desinformacao-sobre-urnas-eletronicas-persiste-fora-dos-periodos-eleitorais/. Acesso em: 05 fev. 2025.

SILVA, E. C. de M. **TelegramScrap**: A comprehensive tool for scraping Telegram data. (feb) 2023a. Available at: https://github.com/ergoncugler/web-scraping-telegram/ Acesso em: 04 de fevereiro de 2025.

SILVA, E. C. de M. **TelegramScrap**: a comprehensive tool for scraping Telegram data. 2024. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2412.16786. Acesso em: 05 fev. 2025.

SODRÉ, M; PAIVA, R. Informação e boato na rede. *In*: SILVA, G. *et al*. (org). **Jornalismo contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. Salvador/Brasília: Edufba/Compós, 2011. p. 21-32. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/1586. Acesso: 02 fev. 2024.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In: ABRANCHES, Sérgio *et al*. **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUSA, F. S. L. de. **O vírus se transmite por mensagens instantâneas**: a pandemia da Covid-19 nas narrativas da família Bolsonaro pelo Telegram. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Fortaleza, 2024.
STEWART, B. The Rise of Far-Right Civilizationism. **Critical Sociology**, v. 46, n. 7–8, p. 1207–1220, 2020.

STOBIERSKI, T. **What is the data life cycle?** Harvard Business School, 2021. Disponível em: https://online.hbs.edu/blog/post/data-life-cycle. Acesso em: 12 fev. 2025.

TEITELBAUM, B. R. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista.** Tradução de Cynthia Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

TEIXEIRA, M. P.; SANTOS, G. C. Gestão de dados científicos para pesquisadores. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 17, p. e019035, 2019. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8657527 . Acesso em: 12 fev. 2025.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Volume 1. 1. ed.

– Florianópolis, SC: Insular Livros, 2020

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE). TSE entrega diplomas de presidente e vice-presidente da República a Lula e Alckmin. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, 12 dez. 2022. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Dezembro/tse-entrega-diplomas-de-presidente-e-vice-presidente-da-republica-a-lula-e-alckmin. Acesso em: 4 mar. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE). TSE multa Bolsonaro por veiculação de desinformação nas Eleições de 2022. **Tribunal Superior Eleitoral**, 8 ago. 2023. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Agosto/tse-multa-bolsonaro-por-veiculacao-de-desinformacao-nas-eleicoes-de-2022. Acesso em: 4 mar. 2025.

TRINDADE, H. **Integralismo**: O fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel - Difusão Editorial, 1979.

TUKEY, J. W. **Exploratory Data Analysis**. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company, 1977. Disponível em: https://doi.org/10.1002/bimj.4710230408. Acesso em 11 fev. 2025.

UOL. Exército faz operação na ponte Rio-Niterói; trajeto leva o dobro do tempo. **UOL Notícias**, São Paulo, 30 out. 2022. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/exercito-faz-operacao-na-ponte-rio-niteroi-trajeto-leva-o-dobro-do-tempo.htm. Acesso em: 4 mar. 2025.

USCINSKI, J. E. **Conspiracy Theories and the People Who Believe Them**. Nova York: Oxford University Press, 2019

USTRA, C. A. B. **A verdade sufocada**: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça. 3ed. Brasília: Editora Ser, 2007.

VAISSE, J. **Neoconservatism**: The Biography of a Movement. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010.

VARGAS, A. G.; RABELO, A. H. A.; COSTA, D. V.; MACIEL, F. de M; GONÇALINHO, G.; CARVALHO, L. B. de; FAVERO, S. F. M. **Guia orientativo**: tratamento de dados pessoais para fins acadêmicos e para a realização de estudos e pesquisas. Brasília, DF: Autor, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/anpd/pt-br/centrais-de-conteudo/materiais-educativos-e-publicacoes/web-guia-anpd-tratamento-de-dados-para-fins-academicos.pdf. Acesso em: 17 abr. 2025.

VASCONCELOS, C. B. **Repressão a militares na ditadura pós-1964**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018.

VASCONCELOS, F. T. R. As origens intelectuais do fascismo e suas reinvenções: entre a "revolução conservadora" e o tradicionalismo. **Plural**, v. 29, n. 01, p. 208-231, 2022.

VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia**. v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia**. v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.

WICKHAM, H.; GROLEMUND, G. **R for Data Science**. São Paulo: Alta Books Editora, 2019.

WILDEN, A. Comunicação. *In:* **Cognição-Comunicação, Enciclopédia Einaudi**, v. 34, pp. 108-204, Lisboa, PORT: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001.

WITTE, B. **Walter Benjamin**: Uma biografia. Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.

WODAK, R**. The Politics of Fear**: what right-wing populist discourses mean. New York: Sage Publications, 2015.

WYLIE, C. **Mindf*ck:** Cambridge Analytica and the Plot to Break America. Random House, 2019.

ZAKARIA, F. The rise of illiberal democracy. **Foreign Affairs**, v. 76, n. 6, p. 22-43, 1997. Disponível em: https://msuweb.montclair.edu/~lebelp/fzakariailliberaldemocracy1997.pdf Acesso 19 mar 2025.

ZAVERUCHA, J. **Frágil democracia**: Collor, Itamar, FHC e os militares (1990-1998). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ŽIŽEK, S. **Um Mapa da Ideologia**. São Paulo: Contraponto, 1996.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

APÊNDICE A – Lista de correspondência de palavras Ustra-Bolsonaro-Olavo

Abaixo segue a lista completa de correspondências entre as palavras mais citadas nas obras de Ustra, Olavo de Carvalho e discursos do Bolsonaro. As células em vermelho representam que há alguma repetição de palavras em comparação com a coluna ao lado. Ao final, temos o resultado.

USTRA	BOLSONARO		BOLSONARO	OLAVO		USTRA	OLAVO	
exército	brasil	1	brasil	mundo	1	exército	mundo	1
brasil	deus	0	deus	brasil	1	brasil	brasil	1
governo	presidente	1	presidente	vida	1	governo	vida	1
militar	governo	1	governo	história	1	militar	história	0
aln	povo	1	povo	sentido	1	aln	sentido	0
terroristas	gente	0	gente	cultura	0	terroristas	cultura	1
doi	mundo	0	mundo	sociedade	1	doi	sociedade	1
revolução	vida	1	vida	tempo	1	revolução	tempo	1
polícia	país	1	país	política	1	polícia	política	0
nacional	melhor	0	melhor	moral	0	nacional	moral	0
ex	brasileiro	1	brasileiro	mídia	1	ex	mídia	1
presidente	federal	1	federal	estado	0	presidente	estado	1
luta	liberdade	1	liberdade	esquerda	1	luta	esquerda	1
ação	frente	1	frente	país	1	ação	país	0
estado	tempo	1	tempo	comércio	1	estado	comércio	1
organização	economia	0	economia	verdade	1	organização	verdade	0
armada	países	0	países	diário	0	armada	diário	1
país	exército	1	exército	político	1	país	político	0
militantes	passado	0	passado	humana	0	militantes	humana	1
eram	militar	1	militar	governo	1	eram	governo	0
partido	região	1	região	realidade	1	partido	realidade	0
comunista	verdade	1	verdade	simples	0	comunista	simples	0
movimento	casa	1	casa	social	0	movimento	social	0
general	missão	1	missão	intelectual	0	general	intelectual	0
assalto	mim	0	mim	consciência	0	assalto	consciência	1
guerrilha	amazônia	0	amazônia	direito	0	guerrilha	direito	1
1964	especial	0	especial	revolução	0	1964	revolução	0
vpr	câmara	1	câmara	inteligência	0	vpr	inteligência	0
comandante	família	1	família	homem	1	comandante	homem	0
ii	política	1	política	público	0	ii	público	1
segurança	parlamento	0	parlamento	lula	0	segurança	lula	1
presos	general	1	general	partido	1	presos	partido	1
filho	problemas	0	problemas	nacional	1	filho	nacional	0
cuba	futuro	0	futuro	cultural	0	cuba	cultural	0
comando	república	1	república	intelectuais	0	comando	intelectuais	0
militares	importante	0	importante	democracia	1	militares	democracia	0
morte	destino	0	destino	classe	0	morte	classe	0
carro	homem	0	homem	dinheiro	1	carro	dinheiro	1
armas	sul	1	sul	revolucionário	0	armas	revolucionário	0
esquerda	falei	0	falei	século	0	esquerda	século	1
só	pátria	0	pátria	movimento	0	só	movimento	1
organizações	fora	1	fora	livro	0	organizações	livro	0
carvalho	forças	1	forças	ideia	0	carvalho	ideia	1
casa	juntos	0	juntos	comunista	0	casa	comunista	0
costa	guedes	0	guedes	conhecimento	1	costa	conhecimento	0
brasileiro	problema	0	problema	palavras	0	brasileiro	palavras	1
revolucionário	será	0	será	ordem	0	revolucionário	ordem	0
pois	milhões	0	milhões	linguagem	0	pois	linguagem	0
tempo	muitas	0	muitas	elite	0	tempo	elite	1
rua	dele	0	dele	liberdade	1	rua	liberdade	1
coronel	imprensa	1	imprensa	presidente	1	coronel	presidente	0
tinha	campanha	0	campanha	autoridade	0	tinha	autoridade	2
março	projeto	0	projeto	3	0	março	3	1
1970	disso	0	disso	povo	1	1970	povo	0
pereira	agradeço	0	agradeço	dele	1	pereira	dele	1
pcdob	dias	0	dias	revolucionária	0	pcdob	revolucionária	0

mendes	econômica	0	econômica	milhões	1	mendes	milhões	0
havia	brasileiros	0	brasileiros	eua	0	havia	eua	0
livro	maneira	0	maneira	crime	0	livro	crime	0
sido	armadas	1	armadas	www.olavodecarvalho.org	0	sido	www.olavodecarvalho.org	0
mortos	mudar	0	mudar	educação	1	mortos	educação	1
vida	acho	0	acho	brasileira	1	vida	brasileira	0
política	fazendo	0	fazendo	alma	0	política	alma	0
lei	coração	0	coração	torna	0	lei	torna	0
ferreira	respeito	1	respeito	humano	0	ferreira	humano	0
ações	defesa	1	defesa	experiência	0	ações	experiência	0
pcb	nação	1	nação	claro	1	pcb	claro	1
8	parlamentares	0	parlamentares	ação	0	8	ação	0
1969	terra	0	terra	melhor	1	1969	melhor	0
preso	existe	0	existe	direita	0	preso	direita	0
estavam	falou	0	falou	diferença	0	estavam	diferença	0
lhe	confiança	0	confiança	ante	0	lhe	ante	0
jornal	recursos	0	recursos	the	0	jornal	the	0
quartel	pessoal	1	pessoal	população	1	quartel	população	0
15	oportunidade	0	oportunidade	ideias	0	15	ideias	0
prisão	buscar	0	buscar	discurso	0	prisão	discurso	0
políticos	sabemos	0	sabemos	capitalismo	0	políticos	capitalismo	0
combate	fácil	0	fácil	razão	0	combate	razão	0
capitão	equipe	0	equipe	medida	1	capitão	medida	0
morto	acredito	0	acredito	lhes	0	morto	lhes	0
história	ambiente	0	ambiente	fosse	1	história	fosse	1
10	situação	1	situação	brasileiro	1	10	brasileiro	0
luiz	história	1	história	tornou	0	luiz	tornou	0
lima	tínhamos	0	tínhamos	foro	0	lima	foro	0
família	militares	1	militares	quais	0	família	quais	0
1971	governadores	0	governadores	obama	0	1971	obama	0
jovens	janeiro	0	janeiro	mundial	0	jovens	mundial	1
sequestro	coisas	0	coisas	caso	1	sequestro	caso	1
operação	tendo	0	tendo	fatos	0	operação	fatos	0
marighella	preço	0	preço	esquerdista	0	marighella	esquerdista	0
aparelho	polícia	1	polícia	deles	0	aparelho	deles	1
guerra	democracia	0	democracia	políticos	1	guerra	políticos	0
comunistas	olha	0	olha	lógica	0	comunistas	lógica	0
12	feliz	0	feliz	longo	1	12	longo	0
terrorismo	deputados	0	deputados	teoria	0	terrorismo	teoria	0
ditadura	alguém	0	alguém	prova	1	ditadura	prova	0
chefe	momentos	0	momentos	disso	1	chefe	disso	0
tenente	decreto	0	decreto	contrário	0	tenente	contrário	0
alberto	comigo	0	comigo	socialismo	0	alberto	socialismo	1
11	difícil	0	difícil	guerra	0	11	guerra	1
sargento	trabalhar	0	trabalhar	pois	0	sargento	pois	0
povo	reais	0	reais	economia	1	povo	economia	1
banco	presidência	0	presidência	fora	1	banco	fora	0
lamarca	lo	1	lo	valores	0	lamarca	valores	1
abril	israel	0	israel	pessoal	1	abril	pessoal	0
sul	fala	0	fala	mediante	0	sul	mediante	1
época	desenvolvimento	0	desenvolvimento	homens	1	época	homens	0
31	chegar	0	chegar	força	1	31	força	0
comissão	pandemia	0	pandemia	ciência	0	comissão	ciência	0
caso	longo	0	longo	artigo	0	caso	artigo	0
1	objetivo	0	objetivo	tenha	1	1	tenha	0
verdade	daí	0	daí	ódio	0	verdade	ódio	0
popular	contas	0	contas	opinião	0	popular	opinião	0
frente	população	0	população	semana	0	frente	semana	1
passou	campo	0	campo	pública	0	passou	pública	0
lula	norte	0	norte	portanto	0	lula	portanto	0
operações	força	0	força	espírito	0	operações	espírito	1
ministro	caso	1	caso	eram	0	ministro	eram	0
fora	juntamente	0	juntamente	brasileiros	1	fora	brasileiros	0
3	fosse	0	fosse	tornar	0	3	tornar	0
soldado	segurança	1	segurança	palavra	1	soldado	palavra	1
seguinte	honra	0	honra	luta	0	seguinte	luta	0
seção	feito	1	feito	livros	0	seção	livros	0
pt	mãos	0	mãos	décadas	0	pt	décadas	0
república	energia	0	energia	comum	0	república	comum	0

fernando	caixa	0	caixa	visão	0	fernando	visão	0
embaixador	unidos	0	unidos	pensamento	0	embaixador	pensamento	0
civil	lei	1	lei	precisamente	0	civil	precisamente	1
pessoas	saúde	0	saúde	comunistas	0	pessoas	comunistas	0
palmares	responsabilidade	0	responsabilidade	autor	0	palmares	autor	0
1968	nacional	1	nacional	único	0	1968	único	0
terrorista	joão	0	joão	senso	0	terrorista	senso	1
respeito	deu	0	deu	poderia	1	respeito	poderia	0
militante	colega	0	colega	massa	0	militante	massa	0
justiçamento	tá	0	tá	existência	0	justiçamento	existência	0
junho	prefeito	0	prefeito	existe	1	junho	existe	1
informações	irmãos	0	irmãos	militar	1	informações	militar	0
então	enorme	0	enorme	fundo	1	então	fundo	1
alegre	eleições	0	eleições	época	1	alegre	época	0
agosto	diferente	0	diferente	conduta	0	agosto	conduta	0
lo	presente	0	presente	2012	0	lo	2012	1
federal	união	1	união	somente	0	federal	somente	0
brasília	tarcísio	0	tarcísio	link	0	brasília	link	0
roberto	compromisso	0	compromisso	debate	0	roberto	debate	0
oficiais	capitão	1	capitão	americana	0	oficiais	americana	0
imprensa	caminho	0	caminho	sujeito	0	imprensa	sujeito	1
henrique	20	1	20	processo	0	henrique	processo	0
gomes	vale	0	vale	gente	1	gomes	gente	0
estudantes	mesma	1	mesma	farc	0	estudantes	farc	0
1973	executivo	0	executivo	expressão	0	1973	expressão	0
início	brasileira	1	brasileira	dela	0	início	dela	0
armadas	maravilhoso	0	maravilhoso	sociais	0	armadas	sociais	0
var	nenhum	0	nenhum	será	1	var	será	0
regime	tocante	0	tocante	imagem	0	regime	imagem	0
pedro	quiser	0	quiser	direitos	0	pedro	direitos	0
órgãos	chefe	1	chefe	daí	1	órgãos	daí	2
hospital	querido	0	querido	4	0	hospital	4	1
filhos	argentina	0	argentina	tinha	0	filhos	tinha	0
companheiros	presentes	0	presentes	sendo	0	companheiros	sendo	1
2	medidas	0	medidas	jornal	0	2	jornal	0
1º	junto	1	junto	condição	0	1º	condição	0
período	deixar	0	deixar	casos	0	período	casos	0
mário	brasília	1	brasília	tipo	0	mário	tipo	0
forças	vontade	0	vontade	prática	0	forças	prática	0
enquanto	época	1	época	ideologia	0	enquanto	ideologia	0
corpo	durante	0	durante	pobres	0	corpo	pobres	1
centro	passa	0	passa	violência	0	centro	violência	0
9	comércio	0	comércio	única	0	9	única	1
soldados	acordo	0	acordo	situação	1	soldados	situação	0
porto	filhos	1	filhos	sentimento	0	porto	sentimento	1
congresso	queria	0	queria	respeito	1	congresso	respeito	0
codi	orgulho	0	orgulho	of	0	codi	of	0
bomba	bilhões	0	bilhões	literatura	0	bomba	literatura	1
2ª	amigo	0	amigo	5	0	2ª	5	0
serviço	linha	0	linha	total	0	serviço	total	0
pcbr	pai	0	pai	superior	0	pcbr	superior	1
cidade	lealdade	0	lealdade	sido	0	cidade	sido	0
alves	afinal	0	afinal	saber	0	alves	saber	0
4	aconteceu	0	aconteceu	propaganda	0	4	propaganda	0
rodrigues	começou	0	começou	crimes	0	rodrigues	crimes	0
ri	ambiental	0	ambiental	acima	0	ri	acima	1
oficial	academia	0	academia	vítimas	0	oficial	vítimas	0
justiça	vírus	0	vírus	tempos	0	justiça	tempos	0
câmara	poderia	1	poderia	revolucionários	0	câmara	revolucionários	0
araújo	los	1	los	falar	0	araújo	falar	0
13	senado	0	senado	controle	0	13	controle	0
tribunal	idade	0	idade	classes	0	tribunal	classes	0
pessoal	educação	0	educação	capítulo	0	pessoal	capítulo	1
outubro	daqui	0	daqui	busca	0	outubro	busca	0
anistia	continuar	0	continuar	problema	1	anistia	problema	0
2	paz	0	paz	mera	0	2	mera	1
ustra	américa	1	américa	grupos	0	ustra	grupos	0
qualquer	tomar	0	tomar	futuro	1	qualquer	futuro	0
pm	questões	0	questões	espécie	0	pm	espécie	0

direção	deputado	0	deputado	escala	0	direção	escala	0
almeida	ficar	0	ficar	domínio	0	almeida	domínio	0
setembro	conta	0	conta	conta	1	setembro	conta	0
libertação	precisamos	0	precisamos	termo	0	libertação	termo	0
20	ir	0	ir	religião	0	20	religião	1
14	dinheiro	0	dinheiro	regime	0	14	regime	0
novembro	comandante	1	comandante	jornais	0	novembro	jornais	0
mr	pedro	1	pedro	interesses	0	mr	interesses	0
membros	mídia	0	mídia	causa	0	membros	causa	0
globo	fica	0	fica	base	0	globo	base	0
5	vê	0	vê	aborto	0	5	aborto	0
30	reforma	0	reforma	universal	0	30	universal	0
4	marcos	0	marcos	socialista	0	4	socialista	0
região	inclusive	1	inclusive	resultado	0	região	resultado	0
pinto	venezuela	0	venezuela	objetivo	1	pinto	objetivo	0
direito	tecnologia	0	tecnologia	janeiro	1	direito	janeiro	0
curso	mão	0	mão	estratégia	0	curso	estratégia	0
assaltos	excelência	0	excelência	sucesso	0	assaltos	sucesso	0
apesar	conhecimento	0	conhecimento	políticas	0	apesar	políticas	0
xxx	30	1	30	países	1	xxx	países	0
uruguai	graças	0	graças	morais	0	uruguai	morais	0
ordem	time	0	time	humanidade	0	ordem	humanidade	0
luís	político	1	político	disponível	0	luís	disponível	0
defesa	passar	0	passar	uso	0	defesa	uso	0
autoridades	fé	0	fé	mente	0	autoridades	mente	0
ato	fernando	1	fernando	mental	0	ato	mental	1
situação	entender	0	entender	globo	0	situação	globo	0
prestes	autoridades	1	autoridades	gay	0	prestes	gay	0
missão	filho	1	filho	etc	0	missão	etc	0
major	escola	1	escola	estatal	0	major	estatal	1
estados	claro	0	claro	armas	0	estados	armas	0
dr	áreas	0	áreas	alto	0	dr	alto	0
brasileira	1	1	1	unidade	0	brasileira	unidade	0
américa	jovens	1	jovens	olhos	0	américa	olhos	0
25	corrupção	0	corrupção	miséria	0	25	miséria	0
vítimas	modo	0	modo	escolas	0	vítimas	escolas	0
violência	digo	0	digo	corrupção	1	violência	corrupção	0
tinham	partido	1	partido	amor	0	tinham	amor	0
seguir	merece	0	merece	torno	0	seguir	torno	0
revolucionária	mercosul	0	mercosul	natureza	0	revolucionária	natureza	0
la	melhores	0	melhores	igreja	0	la	igreja	1
guarda	dando	0	dando	havia	0	guarda	havia	0
goulart	atender	0	atender	efeito	0	goulart	efeito	0
3	alguma	0	alguma	deus	1	3	deus	0
1972	10	1	10	culpa	0	1972	culpa	0
6	últimos	0	últimos	sexual	0	6	sexual	0
tiros	realidade	0	realidade	real	0	tiros	real	0
22	possa	0	possa	presente	1	22	presente	0
teria	obras	0	obras	mãos	1	teria	mãos	0
sociedade	interesse	0	interesse	marx	0	sociedade	marx	0
pais	destaque	0	destaque	delas	0	pais	delas	0
i	cara	0	cara	crianças	0	i	crianças	0
chegou	bolsonaro	0	bolsonaro	comunismo	0	chegou	comunismo	0
bete	tenha	0	tenha	americano	0	bete	americano	1
2º	possamos	0	possamos	teria	0	2º	teria	1
27	passou	1	passou	seguinte	0	27	seguinte	0
sp	nordeste	0	nordeste	possibilidade	0	sp	possibilidade	0
somente	decisão	0	decisão	karl	0	somente	karl	0
político	valor	0	valor	basta	0	político	basta	0
nação	prova	0	prova	vista	0	nação	vista	1
mulher	ia	0	ia	popular	0	mulher	popular	0
junto	constituição	0	constituição	plano	0	junto	plano	0
inclusive	botar	0	botar	opiniões	0	inclusive	opiniões	0
grupos	água	0	água	mínimo	0	grupos	mínimo	1
gonçalves	último	0	último	lei	1	gonçalves	lei	1
ficou	sociedade	1	sociedade	forças	1	ficou	forças	0
busca	passagem	0	passagem	fenômeno	0	busca	fenômeno	1
28	moro	0	moro	ditadura	0	28	ditadura	0
policiais	lembro	0	lembro	completo	0	policiais	completo	0
poderia	indo	0	indo	capacidade	0	poderia	capacidade	0

morreu	chegou	1	chegou	atos	0	morreu	atos	0
jamais	ações	1	ações	alta	0	jamais	alta	0
estudantil	vi	0	vi	pior	0	estudantil	pior	0
augusto	sentido	0	sentido	normal	0	augusto	normal	0
ribeiro	mostrar	0	mostrar	mercado	0	ribeiro	mercado	0
pública	levar	0	levar	justamente	0	pública	justamente	0
manoel	homens	1	homens	instrumento	0	manoel	instrumento	0
liberdade	apesar	1	apesar	global	0	liberdade	global	0
fuga	agradecer	0	agradecer	cuja	0	fuga	cuja	0
escola	velho	0	velho	último	1	escola	último	0
dezembro	praticamente	0	praticamente	séculos	0	dezembro	séculos	0
cabo	políticos	1	políticos	porém	0	cabo	porém	0
brilhante	ocasião	1	ocasião	mentira	0	brilhante	mentira	0
24	la	1	la	impossível	0	24	impossível	0
17	fiquei	0	fiquei	humanos	0	17	humanos	0
união	falando	0	falando	espiritual	0	união	espiritual	0
processo	coragem	0	coragem	econômico	0	processo	econômico	0
mesma	confesso	0	confesso	destruição	0	mesma	destruição	1
los	fiz	0	fiz	ato	0	los	ato	0
latina	esquerda	1	esquerda	7	0	latina	7	1
fatos	emprego	0	emprego	setembro	0	fatos	setembro	0
brizola	supremo	0	supremo	sentimentos	0	brizola	sentimentos	0
treinamento	meios	0	meios	praticamente	1	treinamento	praticamente	0
tiroteio	medida	0	medida	perceber	0	tiroteio	perceber	0
tiro	cristina	0	cristina	ocidental	0	tiro	ocidental	0
soares	cidade	1	cidade	movimentos	0	soares	movimentos	0
seriam	algum	0	algum	moralidade	0	seriam	moralidade	0
rural	servir	0	servir	leitor	0	rural	leitor	0
participou	mulher	1	mulher	fala	1	participou	fala	0
ocasião	fundo	0	fundo	esforço	0	ocasião	esforço	0
miranda	sozinho	0	sozinho	disse	0	miranda	disse	0
julho	prazer	0	prazer	cidadão	0	julho	cidadão	0
homens	peço	0	peço	universo	0	homens	universo	0
flávio	palavra	0	palavra	mostra	0	flávio	mostra	0
feito	médico	0	médico	histórico	0	feito	histórico	0
depoimento	conosco	0	conosco	fazendo	1	depoimento	fazendo	0
		79			74			72

PALAVRAS IDÊNTICAS – COMPARAÇÃO DAS NUVENS DE PALAVRAS		
BOLSONARO - USTRA	BOLSONARO - OLAVO	USTRA - OLAVO
79	74	72